Sinopse

Trinta anos após ter cometido um dos crimes passionais de maior repercussão no país, Doca Street conta sua versão da tragédia. Depois de uma violenta discussão com Ângela Diniz, Doca assassina a "pantera de Minas" à queima-roupa, na véspera do Reveillon de 1976. Defendido por Evandro Lins e Silva, um dos destacados juristas brasileiros, foi inocentado no primeiro julgamento. Mas não teve a mesma sorte no segundo: foi condenado a 15 anos de prisão. Após cumprir a pena, foi colocado em liberdade pela Justiça, mas não pela sua consciência. As anotações, feitas durante o tempo de prisão e reunidas em Mea Culpa, passam a limpo os dez anos mais tumultuados da vida de Doca Street – do primeiro trimestre de 1976, quando tem início seu caso com Ângela, a outubro de 1987. Segundo o autor, "para não enlouquecer, cheio de culpas e remorsos, comecei a escrever. Era fácil, punha no papel tudo o que passava na minha cabeça. Toda a dor, toda a angústia, todo o desespero que senti. Depois de algum tempo, cansado de escrever só sobre minha dor e de sentir pena de mim, comecei a escrever sobre o dia-a-dia do presídio". Na cadeia ou "universidade do mal", como ele define, conviveu de perto com os fundadores da facção criminosa Falange Vermelha. Com Mea culpa, o leitor está "diante de uma história com todos os ingredientes de uma verdadeira novela policial: dinheiro, infidelidade, drogas, amor, ciúme e, ao final, o cadáver de uma mulher", observa o jornalista e escritor Fernando Morais nas orelhas do livro. "Embora o final já seja conhecido de todos, o leitor consome este livro como se devorasse um romance. Um romance que milhões de brasileiros acompanharam pela TV e pelas páginas policiais, e que agora é reconstruído por seu principal personagem."

Mea Culpa

O depoimento que rompe 30 anos de silêncio

Planeta
Copyright © 2006, Doca Street
Coordenação editorial: Pascoal Soto
Assistência editorial: Carlos A. Inada
Pesquisa: Miguel Said Vieira e Luiz Alberti Júnior
Preparação de textos - Iºparte: Carlos A. Inada
Preparação de textos - 2º e demais partes: Tereza Romeiro
Revisão de textos: Túlio Kawata
Diagramação e projeto de miolo: Equipe Planeta
Capa: Vanderlei Lopes
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)
Street, Doca
Mea culpa Doca Street - São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2006.
ISBN 85-89885-53-4
1. Crimes e criminosos - Biografia 2. Diniz, Ângela 3. Street, Doca I. Título.
05-4324 CDD-923.41
índices para catálogo sistemático:
1. Criminosos famosos Biografia 923.41
Esta obra é uma autobiografia, sendo de inteira responsabilidade do autor as informações nela

contidas. Alguns nomes foram trocados para preservar a identidade das personagens.
2006
Todos os direitos desta edição reservados à Editora Planeta do Brasil Ltda.
Avenida Francisco Matarazzo, 1500 - 3ª andar - conj. 32B
Edifício New York
05001-100-São Paulo-SP
vendas@editoraplaneta.com.br

AGRADECIMENTOS

A Marilena,
meus pais,
Cláudia Leal Fontana (que corrigiu os primeiros originais),
Maria Zélia Street Aguiar, May e Luiz Carlos Street.

1

NÃO SEI EXATAMENTE EM QUE MOMENTO RESOLVI CONTAR ESTA História, nem por quê.
Quando comecei, estava atravessando o inferno, com todos os demônios à minha volta. Sofri muito naquela época, no meio da loucura que era o presídio Ary Franco, conhecido como Água Santa, no bairro de Engenho de Dentro, no Rio de Janeiro.
Os "demônios à minha volta" não eram os presos, e sim os habitantes do inferno. Os de Dante, com os cascos divididos, que enchiam minha alma e minha cabeça, sem me dar trégua.
Sentia-me mal, muito mal. Cheio de culpas e remorsos. Para não enlouquecer, comecei a escrever. Era fácil, punha no papel tudo o que passava pela minha cabeça. Toda a dor, toda a angústia, todo o desespero que senti, escrevi.
Depois de algum tempo, cansado de escrever só sobre minha dor e de sentir pena de mim, comecei a escrever sobre o dia-a-dia no presídio. Quando me perguntavam o que tanto eu escrevia, dizia... um livro.
Nunca meus companheiros de cela duvidaram disso. Brincavam comigo: "Olha... não vai esquecer de mim".
Depois daquela época jamais deixei de pôr no papel todas as minhas emoções, tudo o que se passou à minha volta e pelo mundo. Lia, ouvia e via tudo o que saía na imprensa.
Tudo o que chamava a minha atenção, dos assuntos mais variados, foi sendo armazenado: revistas, recortes de jornais e anotações sobre o noticiário da TV. Também acumulei centenas de cartas que recebi de todo o país e do exterior.
Como não conhecia computador, isso tudo ocupava um espaço enorme. Um dia, há uns dez anos, olhando aquilo e achando que não me serviria para nada, joguei tudo fora. Só fiquei com o que tinha escrito.
Incentivado por meus filhos e por amigos, resolvi colocar aquelas anotações em ordem. Devagar, fui passando a limpo os dez anos mais tumultuados de minha vida, do primeiro trimestre de 1976 a outubro de 1987.
Por que Mea culpai Porque se trata de uma seqüência de acontecimentos que, além de mim, envolveram outras pessoas. Não é apenas culpa de um crime, é culpa de um todo e de suas conseqüências.

12

OLHEI AQUELA CENA HORRÍVEL MAIS ASSUSTADO DO QUE COM medo. Joguei a arma no chão, andei até o carro, entrei, manobrei e saí rumo a Cabo Frio.

Apesar da confusão em que estava a minha cabeça, uma coisa me incomodava. Como é que havia bala na agulha? Enfim, esse detalhe não tinha mais importância, a vida não me interessava mais. Iria até a delegacia me entregar.

Estava anoitecendo, a estrada era de terra e, depois de dirigir uns dez minutos, comecei a raciocinar novamente. Parei, abri a mala que estava no banco de trás, vesti calça e camisa, pus a mala no porta-malas e continuei.

Entrei na cidade e parei num posto de gasolina. Abasteci, comprei cigarros e peguei a estrada para São Paulo. Precisava falar com alguém, ver minha família.

Você não comete uma loucura, um crime, um ato tresloucado e fica desesperado. Não, parece que você saiu do seu corpo e que está se olhando, assistindo a tudo. Eu dirigia em altíssima velocidade, controlava tudo à minha volta, a estrada, os carros que vinham e apareciam no retrovisor, nada me escapava. Percebi que não estava mais chorando.

Pouco depois de Niterói havia uma barreira policial, pensei que fosse o fim. Mostrei meus documentos e me desejaram boa viagem e Feliz Ano-Novo.

Quando entrei na via Dutra, a noite parecia mais escura. Me atrapalhei e segui por uma bifurcação paralela, que passava por dentro das cidades da Baixada. Em São João do Meriti, parei em um bar e fiz um lanche. Depois voltei à estrada certa e segui viagem. Dirigia como um louco e recomecei a chorar. Entrava nas curvas da serra a toda, parecia que queria despencar em um daqueles precipícios.

13

As últimas cenas na casa da praia dos Ossos estavam muito claras na minha mente. Vinham em flashes, e para suportar a dor eu urrava: — Deus onde está Você, para eu chorar no seu ombro? — Sentia que poderia enlouquecer a qualquer momento e continuava a urrar.

A estrada estava vazia, provavelmente já era o dia 31 de dezembro de 1976. Continuava dirigindo a toda, não importavam mais as lágrimas, os pensamentos ou os urros. Não errava uma curva, não cometia sequer um deslize, embora naquela hora nada importasse mais, eu podia acabar com tudo.

Às quatro da manhã, depois de dar várias voltas por São Paulo, de passar em frente à casa da minha mãe, no Morumbi, estacionei à porta da casa de um amigo que não negaria ajuda. Não estava mais chorando, tinha conseguido me controlar. Esperei que o segurança saísse da guarita e, como percebi que ele não viria até o carro, abri a porta e desci. Ele me reconheceu e se aproximou. Depois de um breve cumprimento, explicou que Laudse e Vera estavam na Bahia. Como ele estava ouvindo o rádio, perguntei se havia alguma novidade.

— Não, senhor, só música sertaneja — respondeu.

Tirei um cigarro e fiquei fumando no carro com a porta aberta, pensando no que fazer. Comentei com o segurança que tinha dirigido várias horas e que estava descansando um pouco.

Lembrei que um amigo, o Paulo, grande advogado criminalista, morava ali perto. Eu mesmo tinha vendido a casa para ele. Despedi-me do segurança e cinco minutos depois tocava a campainha da casa do Paulo. Demorou um pouco, mas ele atendeu. Apareceu numa das janelas do primeiro andar.

— Porra, é você, Doquinha! Que barulhão é esse?

Expliquei que precisava conversar com ele com urgência. Em poucos minutos eu estava no meio de uma sala enorme, que dava para um jardim. Eu estava agitado, andando de um lado para o outro, e Paulo mandou eu me acalmar. Não conseguia começar a falar, mas quando consegui e narrei o que tinha acontecido, ele disse apenas:

— Senta aí ou então deita — e apontou o sofá. — Preciso pensar, vou deixar a garrafa de uísque. Quando amanhecer, a empregada vai servir café, provavelmente Dirce e eu faremos companhia a você.

É claro que bebi, e não foi pouco, e fumei e chorei. Nunca tinha me sentido tão só, era a pior pessoa do mundo, mas, apesar do choque e da agitação, logo desmaiei. Acordei com o barulho da louça
14
e fui até a sala de onde vinham o ruído e o cheiro de café. O casal estava lá.
— Oi! Que encrenca... Essa é das grandes, o rádio não fala de outra coisa! Toma um café reforçado que você vai fazer uma pequena viagem. Iremos nos encontrar com você mais tarde. Fique tranqüilo, não está tudo perdido.
O café-da-manhã foi descontraído, éramos amigos havia muitos anos e eu sabia que estava seguro. Paulo era e é um grande advogado. Seria o meu advogado, se eu não tivesse ficado tão mal e perdido o controle da minha vida depois que minha família me encontrou. Só voltei a tomar decisões por conta própria em Cabo Frio, quando já estava preso na delegacia.
Naquela manhã, depois do café, fui para a fazenda do Paulo para me recuperar um pouco, enquanto ele acertava tudo para que eu me entregasse. Antes de eu sair, perguntou se queria que minha família fosse avisada. Eu achava que ninguém iria querer me ver, então ficou combinado que, naquele momento, eu me esconderia até dos mais próximos. Parti com o motorista dele. Paulo recomendou que eu me sentasse no banco de trás, bem perto da janela, com o jornal aberto na frente do rosto. Em mais ou menos duas horas, estávamos em Leme.
Na fazenda os empregados me conheciam. Já estavam avisados da minha chegada e não houve problemas. Fui instalado em um quarto grande, com duas camas. Abri as janelas e fiquei olhando o gramado maravilhoso e uma piscina não menos magnífica. Ouvi então um barulho pelas costas. Virei e dei com os empregados tirando a televisão. Era ordem do dr. Paulo, que não queria que eu me chateasse com nada, principalmente com os noticiários, pois até então não havia ninguém falando a meu favor.
Fiquei sabendo, tempos depois, que nas primeiras horas o delegado e a promotoria ficaram muito à vontade para acusar, fazer declarações e encaminhar o inquérito a seu bel-prazer, exatamente por não terem ninguém para contestá-los.
NÃO FIQUEI SÓ OLHANDO A PISCINA, LOGO ARRANJEI UM CALÇÃO E fui mergulhar. Como precisava daquilo... nadar foi como levantar depois de um pesadelo e espreguiçar. Não que eu tenha saído da água novo em
15
folha, mas, depois de atravessar a piscina várias vezes, me senti melhor. Depois almocei e cochilei.
Quando acordei, Dirce, Paulo e a filha já estavam lá, junto com um casal que quase não vi. Estavam animados e falavam sobre a festa de ano-novo a que iriam logo mais, no clube da cidade. Ao ouvir aquela conversa, comecei a sentir uma angústia tão forte, tão violenta, que queriam chamar um médico. Fiquei preocupado, porque seria mais um a saber da minha presença ali, mas fiquei na minha. Paulo sabia o que fazia.
Enquanto o médico não chegava, ele começou a falar sobre sua estratégia para a minha defesa. Já havia mandado um representante para observar o que estava acontecendo em Cabo Frio. Estava dando um tempo para ver que caminho a promotoria iria seguir. Era a primeira vez que eu encarava o problema. Não conseguia pensar num caminho de volta. Mas ele continuou:
— Vou esconder você por alguns dias. As notícias são péssimas, eles estão pintando você como um criminoso perigosíssimo. O principal problema é a imprensa, qualquer boato é aumentado mil vezes. Estão procurando por você na fazenda de um tal de Henrique Cunha Bueno. — Este senhor, que teve sua fazenda invadida e revirada, é primo da minha mãe. Nunca me viu na vida, e eu nem sabia que tinha fazenda em Búzios.
— Sua apresentação vai ser traumática, mas você vai estar preparado.
Finalmente o médico chegou e, depois de conversar comigo, me examinou e aplicou uma injeção. Comentou que eu estava bem e me deixou um remédio para tomar antes de dormir. Eu estava

preocupado com as horas seguintes, todos sairiam para a festa e eu ficaria sozinho. Tinha medo disso, achava que poderia enlouquecer. Pedi que pusessem a TV de volta e, depois de muita discussão, consegui.
Até eles saírem, fiquei conversando com quem aparecesse, da família aos empregados. Se pudesse, contrataria alguém para ficar comigo até conseguir dormir. Todos foram para a festa e fiquei sozinho naquele casarão. A primeira coisa que fiz foi pegar uma garrafa de uísque... que se danasse a recomendação do médico. Fui para o quarto, liguei a TV e comecei a beber. Não muito tempo depois, começou o noticiário: "Play-boy continua desaparecido" etc. Mostravam fotografias da "Pantera de Minas" e contavam sua história.
16
Mas, como era dia de ano-novo, logo estavam mostrando as festas no Rio e em outras cidades. Eu entendia o que tinha acontecido, e a dor e a angústia eram terríveis. Tive que beber muito para ficar completamente amortecido, embora isso só tenha acontecido mesmo quando tomei o remédio que o médico deixara. Ainda bem que ele deixou um só. Acordei quando o motorista chegou com pães e jornais. Fiquei chocado com aquilo em que havia me tornado. Segundo os jornais, eu não era só uma pessoa passional, era um playboy, um bagunceiro, um gigolô — homem perigosíssimo, procurado em todos os estados.
Depois do café, fui nadar e voltei para o quarto. O pessoal da casa demorou para se levantar. O almoço saiu lá pelas quatro da tarde. Tínhamos acabado de nos sentar quando ouvimos um ronco de motor. Não estranhei, pois havia lugares a mais na mesa. Paulo disse para não me assustar, pois eram amigos que vinham ajudar. Quando vi um grande amigo meu e de Paulo, o Vicente Gusardi, saindo do carro, sabia que, pela amizade que nos unia, logo a minha família chegaria. Só ele poderia imaginar que eu estivesse com o Paulo. Vieram minha mãe, meu irmão e, por último, meu pai. Não os esperava; por isso, o susto foi grande, mas a alegria foi maior. Achava que não queriam mais saber de mim. Se eu mesmo estava horrorizado comigo, imaginei que eles também estivessem. Se estavam, não demonstraram isso. Todos me abraçaram com carinho e me apoiaram. Era óbvio que isso fazia eu me sentir bem melhor.
O almoço foi quase alegre. A presença da minha família fez com que eu encontrasse um pouco de paz. Na mesa, a conversa girava em torno de vários assuntos, mas fui ficando alheio a tudo. No fundo, aquele primeiro momento com minha família ficaria para trás e eu teria de encarar o futuro. Mas que futuro? O que tinha acontecido não me levaria ao suicídio, isso nunca passou pela minha cabeça, mas para mim a vida havia perdido o sentido. Tenho certeza de que o que segura mesmo uma pessoa são os filhos. Quando percebi quanto eles seriam atingidos, resolvi que tinha de me entregar às autoridades para... para quê, meu Deus? O que poderia fazer para não traumatizar meus filhos? Era tarde demais, deveria ter pensado neles antes. E a família de Ângela? Não dava para encarar a situação sem enlouquecer. Meus pensamentos foram interrompidos pelo fim do almoço.
Enquanto tomávamos café, Paulo e a minha família discutiam meus próximos passos. Chegaram à conclusão de que eu deveria voltar
17
para São Paulo, com os meus familiares. Não fui para a casa de nenhum deles, fui direto para um sítio em São Miguel Paulista que, provavelmente, pertencia ao Paulo, e no qual teria meu pai como companheiro.
ERA UM LUGAR ESTRANHO, NO MEIO DE UM LOTEAMENTO, COM UMA casa muito bem construída e com tudo para ser habitada, embora provavelmente eu tenha sido o primeiro a usá-la.
Graças a Deus, fiquei lá só três dias. Era um lugar triste, embora tudo estivesse organizado. Pela manhã apareciam leite, pão e jornais, sem que eu visse quem fazia a entrega. No terceiro dia, chegou meu irmão de criação, Chiquito. Trazia uma garrafa de uísque e maconha, a tiracolo. Que bom que

ele apareceu, porque batemos papo por muito tempo, apesar de papai estar de olho na gente. Assim que ele saiu, mamãe chegou esbaforida, xingando Chiquito por ter ido até lá, pondo em risco meu esconderijo. Entramos no carro dela e fomos para São Paulo. Largamos papai no centro da cidade e seguimos para a casa da melhor amiga dela.
A casa ficava perto da Chácara Flora. Parecia uma verdadeira fortaleza, com um muro de três metros de altura que cercava um terreno de 15 mil metros quadrados, e uma casa linda, espetacular, no meio de um magnífico jardim, fora a piscina encravada no gramado. O problema era um só: eu não podia sair de dentro da casa. Só sairia se chegasse a polícia. Aí teria de ir até a piscina, abrir um alçapão que estava disfarçado pela grama e esconder-me na casa das máquinas, até que alguém avisasse que podia sair.
Assim que cheguei a esse oásis, a dona da casa me mostrou o quarto em que eu ficaria, que era do seu marido. Apresentou-me as pessoas que trabalhavam lá e foi embora com a minha mãe. Apesar de eu estar num lugar lindo, meu coração estava em frangalhos. Quando me vi só, pensei que a casa cairia em cima de mim. Entrei no quarto, fui até o banheiro e dei com uma banheira que mais parecia uma piscina. É claro que a enchi, entrei e lá fiquei, nem sei quanto tempo. Trouxeram uma bandeja com gelo e uísque. Eu só me servia e renovava a água quente quando começava a esfriar.
Já era bem tarde quando me chamaram. Algumas pessoas queriam falar comigo. A arrumadeira disse que tinham sido mandados pela minha

mãe e estavam esperando na sala em frente ao quarto. Saí da banheira, me vesti e fui encontrá-los. Eram cinco homens: dois advogados, dois psiquiatras e mais um, provavelmente analista. Apresentaram-se: dr. Paulo José da Costa e dr. Mulayert, se não me engano. Este último era um homem agradável, transmitia confiança. Se fiquei à vontade naquela noite, foi por causa dele. Conversamos por várias horas. Contei em detalhes minha história, dezenas de vezes; já era madrugada quando se foram. O dr. Paulo disse que eu ficaria ali por alguns dias. Perguntei pelo meu amigo e advogado Paulo, e fui informado que ele tinha saído do caso.
Algumas noites depois, mamãe apareceu novamente com o dr. Paulo, o dr. Mulayert e mais dois homens que eu nunca vira. O primeiro era um gordinho bem moreno, 1m 65, de terno e gravata, com o cabelo prestes a pratear; o outro tinha a mesma altura, parecia um índio, bem magrinho, um barbante. Parecia perigoso. Mas devo muito aos dois, que foram meus anjos da guarda por um bom tempo. O dr. Paulo e o dr. Mulayert explicaram que ainda não era oportuno eu me apresentar à Justiça, pois estavam estudando vários aspectos das acusações e achavam que eu deveria sair do estado. Aqueles dois senhores eram mineiros de Poços de Caldas e de total confiança. Se eu concordasse, iríamos imediatamente para lá, já que o cerco estava se fechando e não deveríamos pôr a dona da casa em maus lençóis. O plano era ficar escondido por alguns dias na casa do gordinho, que apelidei de "chefe". Despedi-me do pessoal e dos advogados, entrei em um carro que estava de prontidão e partimos.
Antes de pegar a estrada, passamos na casa da Vera e do Laudse, que eu tinha procurado quando cheguei de Búzios, naquele dia fatídico. Minha mãe deixara lá uma mala com roupas para mim. Batemos um papo brevíssimo, pois meus companheiros estavam preocupados. Vera me entregou a mala e, quando já estávamos nos despedindo, me deu uma peruca loira e um par de óculos escuros. Fazia tempo que eu não ria e aquilo me divertiu. Fui imediatamente experimentar. Os cabelos da peruca eram compridos, coloquei os óculos escuros e, de repente, num passe de mágica, parecia um roqueiro.
Fomos para a casa do "chefe", em Poços de Caldas. A viagem transcorreu sem sustos, e acabei com o uísque que tinha trazido de casa. Ao chegarmos, fui para um dos quartos, me deitei e dormi algumas horas, antes que meu amigo me apresentasse a família.

Achavam que, de peruca e óculos escuros, e com um violão que apareceu sei lá de onde, eu poderia dar uma volta pela cidade. Topei na hora. O que poderia acontecer? Poderia ser preso? Isso aconteceria a qualquer momento. Saí com o filho do "chefe", um rapaz de vinte e poucos anos. Pedi para ir a uma loja de sapatos, queria comprar uma bota. Comprei e saí com ela nos pés. Estava uma figura: de peruca, óculos, jeans, botas e violão. Passeei sossegado pela cidade, entrei em lojas, tomei café num bar, só não parei em bancas de jornal. Comprei um livro numa livraria e voltamos para casa.

No segundo dia eu parecia um louco: as horas não passavam, eu me sentia com remorsos, angustiado, e, quando cochilava, tinha pesadelos. O dono da casa, percebendo meu estado, chamou outro anjo da guarda e, junto com o filho, fomos até o sítio de um amigo. Deu a seguinte ordem:

— Façam ele andar, daqui a umas três horas eu volto para buscá-los.

Andei muito, subi morros, desci, pulei por cima de córregos, contei casos. O sítio mais parecia um pasto: não vi nenhum animal ou plantação, só pouquíssimos passarinhos. Nasci numa fazenda, estudei em escola agrícola, meus olhos não tinham esquecido como eram os pastos. A certa altura pensei que aqueles caras tinham sido pagos para me matar, que tinham me levado para o mato para acabar comigo. Quando isso passou pela minha cabeça, não fiquei preocupado. Sentei num cupinzeiro e comecei a rir. Eles não entenderam nada. Quando o chefe deles começou a buzinar de algum lugar lá perto, fomos andando até o carro e voltamos para casa. A terapia tinha dado certo: eu estava cansado, sentia-me melhor e com fome.

DA ROÇA PARA CASA, NOVOS PLANOS: IRIA PARA OUTRA CIDADE.

Nem me dei ao trabalho de perguntar para onde ou por quê. Depois do jantar, agradeci à dona da casa, ao filho do gordinho, e entrei no carro com o chefe e seu ajudante.

Era noite, talvez dez horas. Rodamos mais ou menos duas horas. Paramos em uma cidade pequena, num hotel razoável. Registrei-me com um nome que inventamos, e como profissão coloquei: "músico". Estava o tempo todo de peruca, óculos escuros e violão.

20

Não lembro por que ligamos para o Laudse — acho que tinha combinado antes. No dia seguinte, saiu num jornal que eu havia me comunicado com um amigo num inglês horrível. O chefe era muito esperto, estávamos os três no apartamento quando percebi que ele parecia um animal enjaulado. Estava desconfiado que o telefone do Laudse estava grampeado, e por isso passamos a mão nas malas, pagamos as contas e logo estávamos na estrada.

Resolvemos voltar para Poços de Caldas, mas a polícia local e a polícia rodoviária foram muito rápidas. Andamos alguns quilômetros e depois de uma curva apareceu uma barreira com um batalhão de policiais. Era impossível manobrar ou sair em disparada. O "chefe" pediu para ficarmos calmos, e avançamos até a barreira. Eu pensava: "Chegou a hora"... Um policial fez sinal para pararmos. Olharam dentro do carro e mandaram todos descerem. Fui o único a obedecer. O chefe tirou do bolso uma carteira e disse:

— Pô, eu sou colega, tenho de levar esse artista para fazer um show, e estamos atrasados. Ei, você, volte para o carro!

O policial ao meu lado ficou parado, e o responsável levantou os braços e disse:

— Deixa eles passarem, é colega.

Subi no carro e, mais ou menos meia hora depois pedi para parar num bar na beira da estrada. O chefe parou, olhou para trás e falou:

— Que susto, hein!?

Disse que era melhor eu ficar no carro e ele me traria o que eu quisesse. Pedi uma garrafa de pinga, minha cabeça estava um caos.

Paramos em Poços para descansar, e ele me disse que estávamos indo para um lugar chamado Águas Quentes ou Caldas Quentes, agora não lembro. Somente nós dois: ele achava que procurariam o

carro em que estávamos, com três passageiros, e por isso trocaríamos de carro também. Concordei com tudo, mas antes de partirmos exigi ler os jornais do dia e dos dias anteriores.
Tinha ficado preocupado com o que Laudse dissera da imagem que a imprensa estava fazendo de mim. Quando conversamos pelo telefone, mostrou-se indignado, pois, segundo ele, os jornais estavam me transformando no mais repugnante dos mortais. Já tinha lido e assistido a alguma coisa pela TV, mas me sentia tão horrível com o crime que tinha cometido que não tinha ligado para as notícias.
21
Na verdade, queria me entregar. Só estava fugindo porque precisava descansar, precisava de amigos para me ajudar a pôr a cabeça no lugar e, principalmente, precisava de um advogado para me apresentar da maneira certa. A princípio, nem pensava na minha defesa: que a Justiça decidisse por quanto tempo e como deveria pagar pelo crime que tinha cometido. Só resolvi me defender porque a imprensa e a promotoria haviam criado um Doca que absolutamente não existia. Já estava com a vida arruinada, mas não podia deixar meus filhos e minha família passarem mais vergonha ainda por minha causa.
Depois de ler os jornais, decidi que tinha de me defender, e o quanto antes. Estava pronto para a próxima etapa.
Partimos rumo a Águas ou Caldas Quentes apenas três horas depois: pois, enquanto eu lia os jornais, enxuguei a garrafa de cachaça. Ficamos dois dias na cidade, que na época não era um lugar sofisticado, como é hoje em dia. Chegamos no começo da madrugada e alugamos um quarto com umas cinco camas, uma pia e banheiro ao lado, como numa pensão de antigamente.
Não sei quanto tempo descansamos, mas lá pelas nove horas estávamos tomando café-da-manhã. O refeitório era enorme, lembrava um pouco os refeitórios dos colégios onde eu tinha estudado. O café era maravilhoso, tinha uma variedade enorme de frutas, pães de todos os tipos, sucos etc. O hotel não estava cheio, o que nos deixou mais tranqüilos. Depois do café, fomos fazer uma exploração, e fiquei abismado com o tamanho do lugar e com as fontes: fonte que borbulhava, fonte com água quente, outro lugar com lama para passar no corpo, piscina, lago e campo de futebol. Depois nos sentamos ao lado de uma espécie de coreto, perto da sede. Sugeri que pedíssemos uma bebida, uma caipirinha. O "chefe" ficou desconfortável. Sugeriu que deixasse para mais tarde, achava que eu deveria experimentar todas as fontes, a lama e a piscina, ele ficaria de olho em tudo. Enquanto estávamos nesse papo o lugar foi enchendo. Era começo de janeiro, férias, os turistas estavam chegando.
Segui exatamente o conselho do "chefe" e passei por todos os banhos. Quando fui para a piscina, lá estava ele conversando com algumas pessoas. Discretamente fez sinal para eu não me aproximar. Nadei um pouco, tomei um refrigerante e fui para o quarto. Tinha abandonado o meu disfarce, achávamos que talvez a polícia já estivesse desconfiada daquele roqueiro. Mas não tirava por nada os óculos escuros.
22
Logo que entrei no quarto, meu anjo da guarda também chegou. Disse que tinha lido alguns jornais e que as notícias continuavam ruins, mas, de resto, no hotel não corríamos perigo, pelo menos por enquanto. Depois do almoço, caminhamos um pouco e paramos no campo de futebol para assistir a um jogo que ia começar. Como eu estava de shorts, uma pessoa que estava organizando os times fez sinal para eu ir jogar. Olhei para o "chefe" e ele disse:
— Vou acabar de ler os jornais, se você quiser, vá jogar.
Parei depois de quinze minutos. Estava exausto, fui tomar banho e deitar um pouco. Horas depois, saímos para jantar. O salão dessa vez estava quase lotado, mas havia uma mesa de canto e ficamos com ela. O "chefe" me aconselhou a não olhar para ninguém. Jantamos tranqüilos, tomamos café e saímos para fumar no coreto. Estávamos ali fumando quando um casal se aproximou. Meu

companheiro foi logo me avisando:
— Não fale nada.
O casal sentou-se e puxou conversa. Conversa vai, conversa vem, de repente...
— O que vocês fazem?
— Nós somos da polícia, só vamos passar aqui esta noite, e vocês? A resposta foi um espanto:
— Trabalho no jornal O Estado de S. Paulo, minha mulher e eu estamos aqui de férias, chegamos hoje. — E continuou: — Ela acha que o senhor é a cara do Doca Street.
Nem eu nem o "chefe" mostramos espanto. Dei risada e disse:
— É mesmo?
A mulher se manifestou pela primeira vez:
— Por que óculos escuros à noite?
Respondi rindo:
— Enxergo mal.
O marido interferiu, dizendo:
— Imagine se ele estaria aqui, esse já deve estar no exterior. Aparentemente todos concordamos, mas a mulher continuava me olhando esquisito. Acho que isso incomodou o marido. Ele se levantou, disse que estava com sono e pegou a mulher pela mão. Deu boa-noite e se retirou para seus aposentos.
23
Às SEIS E MEIA DA MANHÃ ENTRAMOS NO REFEITÓRIO E ESCOLHEmos uma mesa qualquer. Não havia vivalma no salão, e o garçom trouxe aquele café maravilhoso. Mal tínhamos começado a comer quando entraram dois senhores. Deram bom-dia e sentaram-se à mesa ao lado. De novo, conversa vai, conversa vem, começaram a contar que eram policiais, que haviam parado só para tomar café, pois estavam com fome. Como não tínhamos perguntado nada, só balançamos a cabeça como quem diz: "Interessante". Nem olhei para eles. Meu companheiro ainda continuou a conversar alguns minutos com os dois, mas com a graça de Deus eles terminaram o café rapidamente, se despediram e foram embora. O "chefe" avisou:
— Vamos ver se eles vão embora mesmo, aí pagamos a conta e também vamos.
Foi o que fizemos. Eu não precisava me preocupar com dinheiro, já que, antes de sair de São Paulo, ficou combinado que o "chefe" pagaria tudo e, quando terminasse aquela correria, ele apresentaria a conta para a minha família.
Cerca de oito meses depois, quando eu tinha conseguido um habeas corpus e estava trabalhando numa loja de automóveis, um daqueles policiais me visitou. Contou que não dera voz de prisão naquela manhã no refeitório porque não tinha acreditado que fosse eu, mas quase voltou para me prender e, se tivesse feito isso, teria tido uma promoção.
Saímos da estância e seguimos para Mococa. No caminho, o "chefe" explicou que sentia que a situação estava ficando perigosa, já deveriam até ter uma descrição dele como meu guarda-costas. Seu plano era me largar num hotel em Mococa, para onde chamaria seu ajudante e depois iria até Poços de Caldas, para ver a família e telefonar para o dr. Paulo e o dr. Mulayert, a fim de saber o que fazer. Eu não deveria sair do quarto do hotel em hipótese alguma. Não precisava me preocupar, porque o dono do hotel era de confiança e eu só estaria sozinho no quarto. O ajudante estaria hospedado no mesmo hotel e a cada duas horas deveria vir para cuidar do que fosse necessário: comida, bebida etc.
O hotel ficava no centro, e quando chegamos ele desceu para acertar as coisas. Cerca de vinte minutos depois veio me buscar. Trazia na
24
mão um chapéu, que coloquei imediatamente. Saí do carro, entrei na recepção, no elevador e depois no quarto, sem encontrar nenhum empregado ou hóspede.

Era um bom quarto com banheiro. O "chefe" saiu e voltou minutos depois, com revistas, jornais, água e uma garrafa de pinga.
— Não faça barulho, fique calmo, daqui a duas horas meu ajudante estará aqui, para ver como você está. Até logo.
Fechou a porta e eu fiquei ali, a sós com aquelas quatro paredes, sem nada para fazer e sem ninguém com quem conversar. Solidão? Era muito mais que isso.
Comecei a ler as revistas. Em uma eu estava na capa, as outras duas tinham chamadas das quais não quero nem me lembrar. Não quis olhar os jornais. O que senti ao ler as reportagens a meu respeito e ver fotos de Ângela em várias idades, e sem vida, no chão...? Não adianta querer explicar. Solidão? Angústia? Tristeza? Não, só dor, muita dor. É horrível ver-se como criminoso e olhar seu retrato estampado na capa de uma revista.
Naquelas duas horas, o mundo desabou na minha cabeça. Só Judas deve ter sentido o que senti. Aliás, eu me sentia o próprio. Ainda bem que eu tinha a pinga, era só entornar. Não fiquei bêbado de cair, acho que isso não acontece com quem está em choque. Passei dois dias no quarto, bebi e chorei muito, olhava as revistas que traziam as fotos de Ângela e sentia saudades.
AS FESTAS NA CASA DO FRANCISCO, NA RUA CAMPO VERDE, ERAM MUITO divertidas. A casa não era só bonita e grande, era também alegre, com ambientes amplos e acolhedores. Embaixo, onde ele recebia os amigos e aconteciam as festas, ficava a sala principal, voltada para a piscina, que além de vestiários tinha um bar muito simpático, ao lado de um imenso gramado, com árvores e plantas muito bem cuidadas. Em noites de festa essa parte da casa ficava toda iluminada, o que completava a alegria do ambiente. Chico, como era conhecido, recebia no mínimo duas vezes por mês.
O grupo principal era sempre o mesmo, o que deixava o ambiente descontraído, pois a maioria já se conhecia. O restante eram artistas, pessoas de outras cidades, gente que Chico, por alguma razão, queria homenagear.

Os comes e bebes eram ótimos e não paravam de chegar pelas mãos dos antigos empregados da casa, que conheciam a maior parte dos convidados.
A música estava sempre na altura certa e não parava nunca, ainda que na época não existissem DJs. Todo mundo brincava, dançava, bebia muito. Logo na entrada da casa, do lado esquerdo, havia uma sala onde, às vezes, rolava um jogo de pôquer.
Foi numa noite dessas que minha mulher Adelita me chamou.
- Quero que você conheça minha amiga Ângela Diniz.
Já a conhecia de vista e das colunas sociais. Era a famosa "Pantera de Minas". Mas mesmo assim fiquei fascinado com sua beleza. Logo após as apresentações ficamos a sós, fomos dançar e depois continuamos a conversar. Quando o jantar foi servido e os convidados se dirigiram à mesa, continuamos conversando e bebendo. A maior parte das pessoas estava comendo, e por isso ninguém dançava. O nosso papo rolava fácil, parecia que éramos íntimos. Percebi uma hora que ela dava um risinho malandro e perguntei do que se tratava.
- Estou louca para puxar um baseado, vamos até o banheiro? Respondi que podíamos ir para o jardim, mas ela insistiu:
- Prefiro o banheiro.
Ficamos lá queimando fumo, rindo e conversando por tanto tempo que de vez em quando alguém abria a porta e perguntava se íamos passar a noite lá.
A festa era para um pessoal do Rio, que viera assistir a um torneio de pólo. No fim da noite, na despedida, Adelita e eu convidamos os cariocas para almoçarem em nossa casa no dia seguinte. Minha mulher gostava muito de Ângela e queria recepcioná-la.
Durante o almoço ela sentou-se ao meu lado, como manda a etiqueta. Estavam todos descontraídos,

e todos comeram e beberam muito. Num momento qualquer, durante o almoço ou mais tarde, passeando pelo jardim, trocamos telefones e combinamos que eu iria ao Rio para almoçarmos juntos. Esse encontro seria no apartamento dela, pois, apesar de ela viver com Ibrahim Sued, cada um tinha o seu canto.

Só fui reencontrá-la dois meses depois. Nesse intervalo falamos por telefone várias vezes por semana, de quando em quando, até algumas vezes por dia. Ela ligava para meu escritório ou eu para o apartamento dela.

Não sei por que atrasei tanto nosso encontro. Eu tinha uma empresa que construía silos, pilastras para pontes, caixas-d água etc, a Brasilos. Era

fácil arranjar uma viagem, com o pretexto de participar de uma concorrência ou visitar uma obra. Tinha também uma imobiliária, que funcionava na mesma casa que a Brasilos, e eu poderia estar tratando de negócios com algum carioca de mudança para cá. A casa era grande, cabiam perfeitamente as duas empresas. Ficava em Cidade Jardim, na rua Mario Ferraz.

Apesar dessas facilidades o encontro demorou para acontecer. Acho que tinha medo da grande atração que sentia por ela. Sua beleza, o sorriso maroto, o passado de escândalos, as complicações com a Justiça por uso de drogas. Tinha lido que ela havia sido presa por posse de drogas, mas não lembro se era maconha ou cocaína, ou as duas. Em outra ocasião, li sobre um crime mal explicado em sua casa em Belo Horizonte, quando um empregado havia sido baleado e morto. Também não me lembro bem do fato, mas dias depois do crime seu amante, um empreiteiro de Minas, revelou a verdade e assumiu ter atirado na vítima.

Ângela era bem-nascida, freqüentava a alta roda de Belo Horizonte, Rio de Janeiro e São Paulo. Já fazia alguns anos que estava separada de um empreiteiro muito rico, com quem teve dois filhos e uma filha. Sua separação tinha sido traumática, e algum tempo depois o ex-marido a processou por raptar a filha e fugir para o Rio.

Por incrível que pareça, a vida maluca de Ângela era adrenalina para mim.

Na verdade, amava minha mulher e não tinha motivo para me arriscar numa aventura.

Num fim de tarde, depois de conversar muito tempo com Ângela, marcamos um encontro para o dia seguinte. Com o endereço no bolso, peguei um avião da ponte aérea e lá pelo meio da manhã estava tocando a campainha do apartamento dela, na rua Anita Garibaldi, em Copacabana.

A empregada que atendeu a porta perguntou:

— O senhor é seu Doca? Senta um pouquinho, vou acordar a madame, ela chegou de madrugada.

Sentei-me num sofá e fiquei ali, olhando as minhas mãos. Comecei a pensar em ir embora, já que aparentemente ela não iria aparecer tão cedo. Quando estava disposto a partir e me levantei, dei com ela parada no corredor, sorrindo com aquela cara malandra que mexia tanto comigo. Veio sentar-se ao meu lado e explicou que chegava sempre de madrugada porque não gostava de acordar na casa do Ibrahim. Pegou a minha mão e foi me puxando até o quarto. Usava só a parte de cima de um baby-doll

minúsculo e completamente transparente. Entramos num quarto grande com uma cama enorme. No meio da cama tinha duas bandejas com um baita café-da-manhã, parecia serviço de quarto de hotel cinco estrelas. Acompanhando isso tudo, duas meias garrafas de Veuve Clicquot, enterradas num balde de gelo.

- Senta aí e me faz companhia.

Tirei os sapatos e sentei-me à frente dela, do outro lado das bandejas. Apesar de praticamente nua, estava completamente à vontade. Não sei quanto tempo levou para acabarmos com tudo o que havia nas bandejas. De vez em quando parávamos para carícias e beijos. Aquilo continuou num crescendo e fomos ficando tão loucos que mal tivemos tempo de devolver as bandejas para o carrinho que

estava ao lado da cama. Dali em diante, começamos a tomar champanhe com laranjada e nos amamos tanto, e com tanta intensidade, que perdi completamente a noção de tudo. Nunca tinha me sentido tão à vontade com uma mulher. Só dei por mim um pouco antes das oito da noite, quando resolvi que tinha de voltar para casa. Antes de sair, combinamos que o próximo encontro seria em São Paulo.

Cheguei em casa às dez da noite, mais ou menos. Foi tudo normal, minha mulher não era de controlar ninguém, mas eu estava assustado. Gostava da minha mulher, gostava muito.

Sei lá o que tinha acontecido, eu tinha perdido o controle, não foi só uma transa, como eu havia planejado. Tinha me envolvido emocionalmente. Com 42 anos, algumas paixões, três casamentos, dois filhos... não era para estar de quatro daquele jeito.

Só voltei a me encontrar com Ângela duas semanas depois. Nesse tempo, apesar de falar com ela todos os dias, consegui relaxar. A minha vida familiar estava tranqüila, a dela também, seria como eu tinha previsto - apenas aquilo que na época chamavam de "amizade colorida". Muitas vezes, durante esse tempo sem vê-la, pensei que era uma sorte ela não ter vindo imediatamente se encontrar comigo... babaca como eu era com mulher, ia estragar meu casamento. Na verdade, eu tinha razão para ficar receoso. Todas as vezes que me envolvia seriamente com uma mulher, era pura paixão. Quando acabava eu sofria e jurava nunca mais me apaixonar. O pior de tudo é que eu era daqueles que achava que a vida sem uma grande paixão não valia a pena, e continuava garimpando até encontrar outra. Paixão? Perigo? Tem coisa melhor?

28

Lembro de comentar com Caio Figueiredo, meu sócio na imobiliária que ocupava a mesma casa que a empreiteira:

— Deus queira que ela não me dê bola, assim eu não quebro a cara. Numa manhã, minha secretária me avisou:

- Dona Ângela ligou e deixou o telefone. Está num hotel na Brigadeiro Luiz Antônio.

Liguei imediatamente. Ela estava estressada e disse que, para relaxar, tinha vindo passar o dia comigo.

EU PRECISAVA SAIR DAQUELE QUARTO, E ESTAVA DECIDIDO A ISSO quando meus anjos da guarda entraram para avisar que em dois dias eu daria uma entrevista para a revista Manchete. O jornalista seria o Salomão Schwartzman. Ele viria de avião, e eu iria encontrá-lo próximo a um campo de pouso abandonado, ali perto. Disseram isso e me entregaram uma carta do dr. Paulo, recomendando que eu não deixasse de ir à entrevista, e que estivesse sóbrio e contasse a verdade. Estar sóbrio e contar a verdade era fácil, impossível era ficar esperando naquele quarto mais dois dias.

Não pedi para me tirarem dali, exigi. Do contrário, sairia de qualquer jeito e que se danassem, podiam até me entregar para a polícia. O delegado de Cabo Frio dissera aos jornais e às revistas que eu tinha fama de bravo, mas que na delegacia teria de me comportar. Numa reportagem, um dos presos dizia que, lá, playboy machão se dava mal. Havia também declarações do coronel Erasmo Dias, naquele tempo secretário de Segurança do estado de São Paulo. Os jornais contavam que a polícia estivera em Cravinhos, na fazenda de lide e Jean Louis Lacerda Soares, dois amigos meus, e tinham revistado a fazenda inteira, até embaixo das camas.

Diante disso tudo, para mim dava no mesmo apresentar-me ao Salomão para narrar minha versão dos fatos ou entregar-me à delegacia de Mococa. Por isso, se não me tirassem do hotel, eu sairia de qualquer maneira.

Meus anjos da guarda estavam fartos de saber que meu estado era cada vez pior, até porque em dois dias assistiram à progressão do meu desespero e, preocupados, já tinham arrumado um pesqueiro ali perto

29

para me instalar. Estava tudo pronto, era só partir. O lugar seria só nosso, não haveria outros pescadores.
Chegamos ao pesqueiro tarde da noite, porque tive de esperar o momento certo para sair do hotel. Fazia vários dias que a minha cara estava estampada nos jornais e nas revistas, e eu seria facilmente reconhecido. Nos dias que passei ali, ninguém tinha me visto, fora os dois que cuidavam de mim.
O pesqueiro não tinha nenhum luxo, era uma área fechada com cerca de arame que não devia ter mais de quinhentos metros quadrados. No meio havia uma construção com sala, banheiro e dois quartos com beliches, tudo muito simples. Talvez tivesse uma cozinha, mas não me lembro.
Evidentemente havia o rio. À espera da entrevista, passei o dia pescando e bebendo. Lembro perfeitamente que estava ansioso, porque o Salomão provavelmente mexeria em feridas recém-abertas. À noite, fui olhar o que eu tinha na mala, dei com a peruca e os óculos escuros. Fiz a barba e separei uma camisa limpa. Foi impossível dormir nesse dia, e foi mais duro ainda porque eu tinha parado de beber à tarde.
Quando amanheceu, saímos para o encontro, seguindo as instruções que havíamos recebido. Depois de viajar por uns quarenta minutos, chegamos a um campo de pouso abandonado.
Dia de sol, eu podia olhar tudo em volta, não havia ninguém. O lugar onde eu estava era de alvenaria, com meio metro de altura, três de comprimento e um de largura. O telhado ficava apoiado em dois postes de madeira, a uma distância de dois metros e meio um do outro, mais ou menos.
Não esperamos muito, cerca de quinze minutos, um pouco mais talvez. Sei que estava calmo. Em breve contaria a um jornalista importante a minha versão dos fatos de Búzios. Ouvimos o ronco do motor de um carro.
Meus dois companheiros se afastaram e Salomão se aproximou e me cumprimentou. A entrevista aconteceu ali mesmo, e não na fazenda de um amigo, como alguns órgãos da imprensa insinuaram na época. O fotógrafo japonês se manteve à distância e, como era um dia ensolarado, não havia flashes para chamar a minha atenção — por isso quase não me lembro dele.
30
Comecei pedindo que a entrevista fosse curta e me defendendo da acusação de vagabundo e gigolô. Eu era empresário e tinha trabalhado a vida toda. Devo ter falado um pouco sobre os lugares em que trabalhei, e em seguida contei sobre o que ocorreu no dia 30 de dezembro de 1976. Pouco conversamos sobre outros assuntos, e eu estava o tempo todo tranqüilo.
Só havia concordado com aquele encontro para poder esclarecer e desmentir o que os jornais e as revistas publicavam, que eu era "gigolô". Não estava nem aí para o resto. Seguramente publicavam o que lhes vinha à cabeça, sem pesquisar o meu passado. Escreviam que eu nunca tinha trabalhado e que sempre explorara mulheres. Se realmente quisessem saber a verdade, seria fácil. Na época eu era empresário e, antes disso, tinha passado oito anos trabalhando no Banco Mercantil de São Paulo.
Tinha conseguido meu primeiro emprego em 1950, quando ainda era menino e queria parar de estudar. Foi na Metalúrgica Matarazzo, que era presidida pelo saudoso amigo Ciccilo Matarazzo, que me empregou atendendo a um pedido de sua mulher Yolanda. Hoje, ainda gozando de ótima saúde, Gianandrea Matarazzo não me deixa mentir, pois na época era diretor de lá.
Salomão foi muito profissional, não ultrapassou os limites em nenhum momento. Quando se deu por satisfeito, nos despedimos, ele partiu e eu também. Me sentia mais leve. Um repórter finalmente iria divulgar o que tinha acontecido.
Depois de preso, dei várias entrevistas para Veja, Cruzeiro e para a própria Manchete, para estações de rádio e TV, e para jornais de todo o país e de fora também. Às vezes me perguntava por que insistiam tanto em me entrevistar, já que, quando a entrevista saía, o texto não tinha nada a ver com o que eu havia dito, noventa por cento era inventado. Não era mais fácil inventar tudo de uma vez?
De volta ao pesqueiro, passei o resto do dia descansando. Me incomodava não saber os próximos passos.

ESTAVA DEITADO NO BELICHE DO PESQUEIRO, CONVERSANDO COM umas moças que o ajudante do "chefe" havia trazido, justamente explicando
31
para uma delas por que não queria nada a não ser papo. Foi quando ouvimos uma buzina insistente. O "chefe" ficou alerta, apagou as luzes, mandou todos ficarem em silêncio e saiu para ver o que se passava. Demorou um pouco e, quando voltou, chegou dizendo:
— Seu irmão está aí. Vai falar com ele, enquanto arrumamos suas coisas. Você vai para São Paulo.
Luiz Carlos me contou os novos planos... eu iria para uma clínica por uns dias e depois me apresentaria às autoridades, de acordo com o combinado com o secretário de Segurança. Estava me despedindo dos anjos da guarda e das moças, quando meu irmão me surpreendeu:
— Dois repórteres me abordaram na estrada e não consegui me desvencilhar deles. Acho que você deve atendê-los, um deles se chama Odilon.
Dei a entrevista, mais ou menos igual à que dera à Manchete.
Na época, pessoas que se diziam jornalistas tinham telefonado para minha cunhada, querendo saber aonde meu irmão tinha ido. Se ela não colaborasse, os filhos, que estavam na escola, poderiam se machucar. Após esse telefonema, ela foi imediatamente buscar os filhos no Colégio Dante Alighieri e ficou trancada com eles em casa até meu irmão voltar.
Quando chegamos à clínica, o diretor nos esperava. Olhei para aquele senhor e me assustei... achei que ele não era confiável e disse isso para o meu irmão. Ele respondeu que era impressão minha.
Depois de uma breve conversa, Luiz Carlos partiu e me levaram para um quarto, onde me aplicaram uma injeção que me fez dormir por algum tempo.
Como eu tinha chegado à clínica muito mal, achei que a medicação era para melhorar meu ânimo. Quando acordei, alguns minutos, ou horas, depois, me lembrei imediatamente de tudo, e por isso não fiquei assustado nem me senti desconfortável. Estava de barriga para cima e, quando tentei me virar, não consegui. Sentia-me completamente imobilizado, preso dentro de mim. Não sei explicar o que senti. Fiquei apavorado, entendi o que estava acontecendo e não podia mudar de posição. Bem que eu não tinha gostado da cara daquele diretor.
Estava pensando nisso quando três ou quatro pessoas entraram no quarto.
32
- Somos da polícia, o senhor está preso. Levante-se que vamos levá-lo ao aeroporto, o senhor vai para o Rio.
Eu, é claro, não me mexi. O policial não teve tempo de dizer ou fazer mais nada. Logo chegou o diretor da clínica, que se apressou em explicar que eu estava sedado e sem movimentos por pelo menos mais duas horas. Os policiais ficaram horrorizados com aquilo. O diretor tomou a maior bronca.
Esses policiais foram educados, cuidadosos, ficaram comigo até eu me recuperar. Enquanto isso, um deles me dizia que eu não seria maltratado, que no aeroporto me entregariam para a Polícia Federal e então me transportariam em segurança. Demorou para eu recuperar os movimentos, mas de pé não conseguia ficar. Quando tiveram certeza de que eu não tinha nenhum problema e podia ser removido, os policiais me ajudaram com minhas roupas, me algemaram e me carregaram para o carro.
Chegando ao aeroporto, fui carregado outra vez, e um pelotão de policiais fez uma verdadeira muralha para evitar o olhar dos curiosos. Puseram-me no chão, em algum lugar perto da porta de saída para a pista. Como eu estava completamente sonolento, deitei no chão e não me importei com nada. O policial que conversou comigo na clínica me orientou a, além de ficar deitado, fechar os olhos, já que era impossível evitar o pessoal da imprensa. Não só obedeci como tirei um cochilo. Em seguida, percebi que me carregavam novamente. Fui levado até um jatinho, onde fui entregue a outros policiais. Minutos depois, decolamos em direção ao Rio de Janeiro.

Antes de entrar no avião, pedi que ligassem para meus familiares e lhes contassem os últimos acontecimentos. Sei que fizeram isso porque, quando cheguei ao Departamento de Polícia do Interior (DPI) de Niterói, o delegado avisou que meu advogado chegaria a qualquer momento.
Não sei se os policiais paulistas contaram aos colegas cariocas que eu vinha de uma clínica e estava dopado. Mas me lembro que me deixaram em paz. Eles eram mais descontraídos que os paulistas, ficaram toda a curta viagem brincando entre si. A certa altura, sobrou para mim:
— Ouvimos dizer que você transa com todas as mulheres, como é que é isso? Conta pra gente, naquela noite vocês cheiraram muito?
Percebi naquele momento que estavam fazendo o trabalho deles, queriam que eu abrisse a guarda. Respondi que não, apenas tinha acontecido
33
uma briga violenta.
A chegada ao Rio foi uma repetição de São Paulo: fiquei cercado por policiais, que procuravam impedir que a imprensa se aproximasse. Novamente me sentei num canto enquanto esperava o camburão. Como estavam algemados desde que eu tinha saído da clínica, meus braços e punhos doíam. Os policiais não fizeram isso por maldade, e sim porque não queriam que a imprensa noticiasse que o "playboy Doca Street tinha privilégios". Tivemos dificuldade para chegar ao camburão, tamanha era a multidão. Depois que conseguiram me colocar no carro, saímos em disparada para Niterói, para o DPI. Chegando lá, fui levado até a sala do diretor.
Não me lembro dele, só que era moço. Mandou que tirassem as algemas e fez sinal para que eu me sentasse em frente à sua escrivaninha. Autorizou-me a fumar, mandou trazerem água e começamos a conversar. Falou que o dr. Paulo José da Costa Jr., meu advogado, tinha ligado do aeroporto e logo chegaria. Chamou os policiais que me trouxeram, e todos começaram a conversar sobre o crime que eu havia cometido dezessete dias antes. De vez em quando saía:
— Fala a verdade, quando você atirou, vocês estavam loucões, tinha muita coca, né?
COMO O DR. PAULO NÃO CHEGAVA, O DIRETOR E OS AGENTES DO DPI continuaram conversando comigo. De vez em quando, "brincando", me faziam algumas perguntas. Se eu não estivesse atento, poderia contar alguma coisa que mais tarde poderiam usar em seus relatórios.
Ainda estava sonolento por causa da injeção que tinham me aplicado na clínica. Ouvia aquela conversa toda sem me importar se eles estavam interessados em descobrir alguma coisa que me incriminasse. Apenas balançava a cabeça de vez em quando, concordando ou não.
Acho que o diretor estranhou minha atitude, porque de repente ele parou e mandou chamar um médico. Imagino que seu consultório era perto, pois não demorou para chegar. Examinou-me, minha pressão estava a 22 por sei lá o quê. Medicou-me e aconselhou que me deixassem descansar.
34
O dr. Paulo chegou algum tempo depois. Cederam-nos uma sala para que tivéssemos mais privacidade. Ele me avisou que, no dia seguinte, na primeira hora, iriam me transportar para Cabo Frio. Se ele não chegasse a tempo, não deveria me preocupar, era só dizer à promotora e ao delegado que só faria declarações ao juiz. Garantiu que eu tinha o direito de agir assim.
Voltamos para a sala do diretor, e a conversa em tom de brincadeira continuou:
— Dr. Paulo, seu cliente não se abre com ninguém.
Dr. Paulo respondeu, também em tom de brincadeira, se despediu e voltou para São Paulo. Antes que saísse, pedi que avisasse ao diretor que eu usava um remédio chamado Privina e que sem ele não conseguia respirar. Ficou acertado que de quatro em quatro horas o carcereiro me traria o remédio. Essa providência provocou nova onda de risadas e provocações da parte dos policiais:
— E você ainda fala que não usa pó.
Depois de mais um pouco de conversa fiada, me anunciaram que sairíamos cedo para Cabo Frio. Eu deveria estar pronto, porque tínhamos que sair assim que a escolta estivesse pronta. Fiquei assustado:

— Escolta! Pra quê? Eles riram e disseram:
— Amanhã você vai ver.
Chamaram o carcereiro, que me acompanhou até a cela. Que lugar sinistro... o pé-direito era muito alto, e a sala devia ter mais ou menos três metros quadrados, com uma minúscula janela com grades a dois palmos do teto. Era impossível subir e tentar olhar o lado de fora. Num canto havia um "boi", buraco no chão para fazer as necessidades, e, em cima do boi, a mais ou menos um metro e oitenta do chão, um cano e uma torneira para o banho.
O carcereiro avisou que a luz ficaria acesa o tempo todo. Revistou-me, ficou com o remédio e o cinto. Deixou só o dinheiro que tinha no bolso.-Em seguida saiu e trancou a porta de ferro, mas antes disse que em poucos minutos traria o jantar. Voltou depois de algum tempo, com o jantar e a Privina.
— Fica com esse remédio, eu não quero ter que acordar de madrugada. Se precisar de alguma coisa, chute a porta.
Nunca esquecerei aquela refeição. Não comia nada desde que entrara naquela maldita clínica. Comi tudo e tomei quase toda a água que
35
ele havia deixado. Só não tomei tudo porque lembrei que o carcereiro não estava a fim de voltar durante a madrugada.
Fiquei ali sentado no chão daquela cela, pensando no que teria acontecido com a promessa que o secretário de Segurança de São Paulo tinha feito ao meu irmão. O combinado era que eu ficaria na clínica por quatro dias, e só depois é que a polícia deveria aparecer. No fundo, achava que havia sido melhor assim, pois continuar a fugir e a esconder-me era pior. Tinha feito uma cagada, não dava para voltar atrás. Arrasado como eu estava, o melhor era enfrentar a situação.
A minha cabeça estava a mil. Misturava o secretário de Segurança, a escolta, as declarações do delegado de Cabo Frio, mamãe, Ângela, sua família... e eu ali sentado naquele poço. No fundo dele. Nunca pensei que ficaria tão ansioso para chegar logo a hora de partir para Cabo Frio.
FIQUEI ANDANDO NA CELA POR ALGUM TEMPO. NÃO TINHA VONTADE de sentar no chão e muito menos de deitar. Andei, andei e andei até não agüentar mais, então me sentei de costas para a parede, bem debaixo da janela, de frente para a porta. Foi quando ouvi o barulho do ferrolho, e a porta abriu. Fiquei preocupado que fosse algum recém-enquadrado que passaria a noite ali também. Mas era o carcereiro, que trazia um colchonete e uma coberta. Antes de sair contou que a rua estava cheia de gente, na maior parte jornalistas.
— Tente dormir que o dia de amanhã vai ser puxado.
Apesar de exausto, só consegui ficar deitado. Dormir era impossível, não parava de pensar, aquilo tudo me excitava. Tinha acontecido muita coisa. Menos de 24 horas antes estava em um pesqueiro em Mococa, onde tinha acabado de dar uma entrevista, em seguida na clínica e agora ali, tentando descansar. Quando amanheceu, um dos policiais que me trouxeram de São Paulo entrou na cela. Queria saber se eu daria entrevista pouco antes de sairmos para Cabo Frio. Disse que não, porque achava que podia me prejudicar ainda mais. Ele então me entregou um papel com algumas perguntas de um dos jornalistas e saiu.
Não li o papel, amassei e joguei no boi. Conforme as instruções do carcereiro, tinha que chutar a porta para chamá-lo. Fiz isso, e funcionou: assim que chutei alguém apareceu, só que era outro carcereiro. Perguntei
36
se ele poderia comprar escova de dentes, pasta, leite, pão e manteiga. Pouco depois estava tudo lá. Enquanto eu tomava café, ele ficou conversando comigo:
— Nunca vi tamanha multidão de jornalistas e de gente da TV para ver uma pessoa. Que confusão você arrumou!

Depois do café, tomei banho e fiz a barba. Não fazia isso desde que saíra de Mococa. A certa altura vieram me buscar. Fui algemado, e o diretor do DPI me acompanhou até o carro em que eu seria transportado. Era uma perua Chevrolet, dessas grandes. Sentei atrás, entre o diretor e um policial. Na frente iam mais dois, e atrás da viatura uma escolta de mais três carros lotados de policiais. Quando saímos, vi que realmente havia uma multidão de jornalistas. Apesar da claridade do dia, lembro-me de uma centena de flashes. Passamos direto e pouco tempo depois estávamos na estrada. Éramos nós, os carros da escolta e não sei quantos carros da imprensa.
Estava arrasado, muitas vezes tinha feito aquele caminho com Ângela, momentos que tínhamos curtido tanto...
Os policiais iam conversando animadamente, comentando a repercussão que o caso estava tendo. Senti vontade de urinar e pedi que parassem o carro. Quando desci, os jornalistas atacaram com fotos e perguntas. Fiquei imóvel, olhando para baixo, sem falar nada. Os policiais deram uma bronca:
— Pô, será que o homem não pode nem mijar sossegado?
O pessoal se afastou, e eu saí um pouco da estrada. Era difícil ter alguma privacidade. Naquela altura pouco me importava, que olhassem à vontade. Voltei para o carro e a viagem continuou sem mais interrupções.
A chegada em Cabo Frio foi um alvoroço. Aquele cortejo ia aumentando e chamava muita atenção. Quando chegamos à delegacia, a multidão era tão grande que parecia um comício. Imediatamente achei que seria linchado. Pior ainda, o pessoal que estava comigo também se assustou.
A viatura estacionou na frente da delegacia. A PM abriu espaço para os quatro carros. Era um prédio antigo, com uma escadaria na entrada. Na porta estava o delegado, um homem de cara zangada que veio até a viatura e me convidou a acompanhá-lo.
Quando desci, houve uma movimentação na multidão e muitas vozes berraram:

— Solta ele.
E então em coro:
— Solta, solta.
Confesso que fiquei aliviado, já que nos jornais o clima para mim estava péssimo. O delegado e eu subimos as escadas, entramos no prédio e chegamos em seu escritório, acompanhados pelo pessoal do DPI, pelos investigadores locais e por um mundo de jornalistas com câmeras de TV, microfones, fios e toda a parafernália que na época eles carregavam. Na sala havia gente em cima do arquivo, nos sofás, em pé nos parapeitos da janela. Só não tinha gente no lustre. Eu não conhecia ninguém, e meu advogado não estava lá. A confusão era tanta... que eu me acalmei. O delegado e eu fomos fotografados durante pelo menos dez minutos, mas ele não deixou ninguém me entrevistar. Com muito jeito, interrompeu a bagunça e prometeu que, se eu concordasse, mais tarde daria entrevistas. Todos saíram, até os policiais que haviam me trazido, e ele mandou tirarem as minhas algemas. Pediu água e café, e apontou uma cadeira para eu descansar um pouco. Disse:
— Me enganaram, disseram que você era bagunceiro e atrevido, mas na verdade é muito educado. Vamos esperar a promotora, ela deve estar chegando. Então começamos a tomar o seu depoimento.
Lembrei-me do conselho do dr. Paulo, mas apenas balancei a cabeça, concordando.
O delegado chamava-se dr. Newton, e começou a conversar comigo enquanto esperávamos a promotora. De repente disse algo que me surpreendeu:
— É difícil acreditar que você tenha cometido esse crime, você está acobertando alguém?
— Quem me dera — eu disse.
Eu estava muito aflito, a promotora estava chegando e nada do dr. Paulo. E agora o delegado vinha com essa conversa esquisita. Estava pensando sobre isso quando a promotora chegou e cumprimentou o delegado, sem nem olhar para mim. Conversaram por algum tempo e resolveram que era hora de começar o depoimento. Chamaram o escrivão. Sentei-me na frente deles e

mandaram que eu contasse a minha versão dos fatos.
Disse ao delegado e à promotora que faria uso do meu direito de só dar declarações diante do juiz. Houve certo mal-estar, então argumentei que eram instruções do meu advogado, que, infelizmente, não
38
estava presente. Tive de reunir todas as minhas forças e toda a coragem para tomar aquela atitude.
A promotora foi embora e o delegado me mandou para o cartório da delegacia para me identificarem. Tiraram fotografia e passaram tinta nos meus dedos para colher as digitais. Revistaram-me, tiraram o meu cinto e guardaram meus documentos. Só fiquei com o dinheiro que trazia comigo e com um barbante desses que arrebentam à toa, que servia para segurar minha calça. Foi então que me avisaram que meu pai estava conversando com o delegado.
De volta à sala do dr. Newton, para a minha alegria, encontrei meu pai e o Cláudio, filho da minha prima Maria Zélia, que era médico e estava de olho no papai, que andava muito tenso.
Descobri então que épocas de grande tristeza trazem alguns momentos de alegria. Ver papai e Cláudio foi um deles. Meu pai estava preocupado porque tinha lido nos jornais as declarações de um preso, que dizia que, na delegacia, machão se dava mal. O delegado o acalmou, aquilo era coisa da imprensa. Se eu não provocasse ninguém, eles também não se meteriam comigo.
Eram mais ou menos seis horas da tarde quando me disseram que tinha de me despedir de meu pai e do Cláudio, pois seria levado de volta para a cela. Nesse momento entrou na sala o dr. Paulo José da Costa. Simpático, cumprimentou todos e deu um abraço no dr. Newton. Expliquei que tinha dito exatamente o que ele sugerira, que meu depoimento seria perante o juiz. Ele, por sua vez, se justificou, e disse que estava chegando só naquela hora porque teve de dar uma aula no Rio e estava de viagem marcada para Roma para dar algumas aulas. Que eu não me preocupasse, estava tudo sob controle.
Aí chegou a hora de o dr. Newton me acompanhar até a cela. Dessa vez eu não estaria sozinho: teria, segundo o delegado, seis companheiros. É difícil explicar o medo que senti, mas não havia alternativa. O delegado e quatro detetives me levaram até a cela. Papai quis acompanhar, mas o delegado argumentou com toda a delicadeza:
— Senhor Luiz, vá para o seu hotel, descanse e volte mais tarde para conversar comigo, estudaremos horários para o senhor visitar seu filho todos os dias.
Deu para perceber a preocupação dele com o estado em que papai se encontrava.
39
Entramos na parte de trás da delegacia, onde fica a carceragem. Havia duas celas ocupadas e uma vazia, de mais ou menos quatro metros quadrados cada uma. Estávamos caminhando quando comecei a ouvir o trabalho das chaves que o carcereiro usava e o barulho do ferrolho quando ele abriu a porta da grade, que ia até o teto. O delegado parou na entrada e disse que era lá que eu ficaria, e que esperava que me comportasse bem, para que não tivesse de ir para a "Malibu", um lugar reservado aos desordeiros. Apontou para uma cela vazia e deu um risinho. O pessoal que estava lá dentro também achou graça. Ele entrou na frente e me puxou pelo braço. Os presos, que até então estavam sentados ou deitados, se levantaram. O delegado cumprimentou todos, parou no meio da cela e começou:
— Azulão, Cabelo, Antônio Moçambava, Paulista e Waldemar.
O Moçambava era o que tinha dito aos jornalistas que playboy lá ia ficar mansinho. Evidentemente eu não sabia que era ele. Soube que era o preso mais antigo de lá, e por isso era o xerife. Feitas as apresentações, o delegado foi embora e fiquei ali, parado, sem saber o que fazer. Paulista — um homem branco, de altura mediana, com bigodão parecido com o do Stalin — aproximou-se e mostrou, num canto perto das grades, uma cama de campanha com um colchonete em cima.
— Seu pai e o carcereiro trouxeram.

Quem estava sentado nela era Moçambava, um índio de estatura mediana e cabelo oxigenado. Caminhei em direção à cama preocupado com Moçambava mas, quando me aproximei, ele se levantou e disse:
— Você deve ser importante mesmo, nunca vi delegado fazer essas coisas.
Azulão, negro, baixo e muito forte, se aproximou com um sorriso enorme:
— Quer um café? Se quiser eu faço.
Com o passar dos dias, ele se nomeou meu secretário. Agradeci o café, mas não aceitei.
Havia mais dois: o Waldemar — um caboclo baixo, de bigodinho, camarada perigoso que não gostava de muito papo — e o Cabelo — um mulato de mais ou menos 1m 70, dissimulado, que sempre estava atento a tudo. Faltava um, tinham me dito que eram seis. Mais tarde me explicaram que Luiz, o sexto preso, era de confiança, trabalhava na delegacia e só vinha para dormir.

SENTEI NA CAMA COM VONTADE DE CHORAR, MAS NÃO QUERIA Mostrar fraqueza na frente dos meus novos companheiros. Estava desconsolado, olhando para as minhas botas, quando percebi que debaixo da cama havia um pacote. Perguntei a um dos meus companheiros se aquilo era meu, e me responderam que tinha vindo junto com a cama. Abri e eram roupas de cama, toalhas, sabonetes, escova, pasta de dente e um travesseiro. Quando levantei a cabeça, papai estava chegando com o delegado, que disse, rindo:
— Não dá para negar nada para o seu pai. Ficou pedindo para ver você até eu trazê-lo aqui.
Aproveitei e pedi que ele comprasse sanduíches, refrigerante e pó de café. Estava morrendo de fome. Enquanto a comida não chegava, quis tomar banho, mas me disseram que, água para banho, só no dia seguinte. Azulão arranjou com o carcereiro uma garrafa de água para eu lavar o rosto. Fiz isso em cima do boi, que por sinal estava limpíssimo. Como no DPI, em cima dele havia um cano. Para que eu tivesse privacidade, os presos improvisaram uma cortina com cabo de vassoura e sacos de farinha.
Minha cama ficava de costas para a parede que dava para o corredor e era onde começavam as grades. Bem em frente, atravessando toda a cela, a dois metros de altura, havia uma janela para a rua. Sempre alguém estava pendurado nela, vendo o movimento. Estava reparando nessas coisas quando o carcereiro chegou com as minhas encomendas. Achei que o pacote era muito grande. Abri e vi um grande frango com farofa, seis sanduíches, refrigerantes e um quilo de café. Comi um dos sanduíches com uns goles de refrigerante e o restante deixei com os outros. Apesar de papai, de tudo o que ele tinha trazido e de todos naquela cela se mostrarem amistosos... eu estava arrasado.
Não me importei mais com os outros e comecei a chorar. Chorei deitado, sem arrumar a cama, de roupa e tudo. A certa altura adormeci, mas não por muito tempo. Por duas horas, talvez. Quando abri os olhos, estava tudo escuro. Aparentemente, todos dormiam. Acendi um cigarro e olhei aquele pessoal dormindo no chão. Havia uma cama, também de

costas para o corredor, a dois metros da minha, perto da porta. Era uma cama mesmo, não era cama de campanha como a minha. Nervoso como estava, não tinha reparado nela quando chegara. Lá estavam dormindo o Waldemar e mais um, o Luiz, que eu ainda não havia conhecido.
Não consegui dormir novamente. Quando o dia amanheceu, serviram café e pão em todas as celas. Na nossa, o pessoal só aceitou o pão, o Azulão fez café do nosso estoque. Logo depois, a água chegou e os meus companheiros deixaram que eu fosse o primeiro a tomar banho. O Azulão fez um tapete com folhas de jornal, para que eu não pisasse descalço no chão. Tirei a roupa e fui até o boi, fechei a cortina de sacos de farinha e tomei um banho bem razoável. A única coisa desagradável era que eu não tinha roupas limpas, e tive de vestir as do dia anterior. Quando saí do banho, não consegui coordenar os passos para ir até a cama e caí. Me ajudaram a levantar, caí de novo. Então me levaram para a cama. O Azulão me trouxe mais café, fumei um cigarro. Tentei me levantar e tive de segurar nas grades para manter o equilíbrio. Estava assim, segurando nas grades, esperando o

carcereiro para dizer que não estava bem. Quando ele apareceu, estava com um jovem de paletó e gravata. Apresentou-me:
— Esse é o dr. Paulo Badhu, ele é criminalista e veio visitar você. Foi a primeira vez que vi o Paulinho, advogado de Cabo Frio, que se tornou meu amigo e foi um dos meus defensores.
Ele me contou que acompanhou meu caso desde o início, pois estava na delegacia quando vieram avisar ao delegado que havia ocorrido um crime na Armação dos Búzios. De repente, parou:
— Nossa, você está péssimo, o que está acontecendo?
Contei que não havia dormido quase nada, porque não tinha conseguido parar de chorar e, depois do banho, não consegui me manter em pé. Comecei a chorar novamente. Paulo perguntou se tinha acontecido alguma coisa, se alguém me maltratara. Expliquei que não, muito pelo contrário. Ele continuou preocupado e disse que falaria com o delegado, para ele autorizar que um médico me examinasse.
— Olha — disse ele —, aqui em Cabo Frio você é muito popular. Não é nada difícil encontrar jovens usando camisetas com seu rosto estampado. Um restaurante tem até um "filé Doca Street" no cardápio, por isso fique calmo.
Despediu-se, dizendo que iria procurar o delegado. O pessoal da cela fez um sorteio para organizar a limpeza, cada um teria o seu dia de

faxineiro. Não me lembro com qual dia fiquei, mas não tive tempo de pensar no assunto, porque o Azulão se nomeou meu secretário e disse que faria a faxina no meu lugar.
Estava me sentindo muito mal e voltei para a cama. Meus companheiros entenderam a situação e me deixaram quieto. Passado algum tempo, o dr. Paulo apareceu junto com o carcereiro. Tinham vindo me buscar porque o delegado queria me ver. Paulo encostou-se nas grades enquanto o carcereiro destrancava a porta. Falou ao meu ouvido:
— Não economize lágrimas quando estiver falando com o delegado. Tenho um plano, depois nos falamos.
Isso me assustou, pois eu nunca tinha visto aquele camarada, e além do mais não conseguia parar de chorar mesmo. Acompanhei os dois até a sala do delegado. O dr. Newton mandou todos saírem da sala. Ele estava bravo porque na cela ao lado da minha dois presos se desentenderam, e um deles se machucou e estava fazendo um berreiro havia horas. Eu estava a par da briga e, é claro, da gritaria. O Paulista, usando um espelho, tinha acompanhado e relatado tudo. Mas, naquela altura, eu estava tão mal que não queria saber de nada.
O delegado conversou comigo para saber o que eu estava sentindo. Expliquei que não conseguia parar de chorar e, depois do banho, não tinha conseguido caminhar até a cama. Enquanto eu falava, as lágrimas caíam, ainda que me controlasse ao máximo para não soluçar. O delegado mandou chamar o Paulo Badhu, para saber se ele sugeria alguém para me ver. Pela primeira vez o delegado se dirigiu a mim com impaciência:
— E vê se pára de chorar, que isso não é coisa de homem. Isso aqui é uma delegacia, e não um ambulatório.
O dr. Paulo entrou na sala e os dois conversaram. Paulo foi buscar um psiquiatra.
O delegado quis saber se algum dos meus companheiros de cela havia me incomodado. Expliquei que não, que até tinham me ajudado quando passei mal. Ele então foi irônico:
— Também, com a mordomia que seu pai deu a eles... frango, sanduíche etc.
Em seguida, levantou e foi comigo até a cela. Comecei a andar sem direção e ele teve de me ajudar. Pegou a chave com o carcereiro e entrou comigo. Sentou na cama do Waldemar e pediu para o Azulão servir um cafezinho para ele.

— Quer dizer que você é secretário do Doca.

Percebi que aquele homem sabia de tudo o que se passava na carceragem. Tomou o café e comentou:
— Porra, muito melhor que o meu, vou ficar freguês.
Eu tinha pedido ao carcereiro que comprasse jornal. Ele tinha posto em cima da cama, junto com algumas cartas que haviam deixado para mim. O delegado viu aquilo e comentou:
— Isto aqui está virando um inferno. O que já veio de mulher querendo visitar você... A minha ordem é: visitas só aos domingos, e somente as autorizadas por você e com o meu o.k.
Com todo aquele movimento, me distraí um pouco, mas não quis saber do jornal nem das cartas. Dei tudo para o Azulão e disse que podiam ler à vontade. A única coisa que me interessou e que me intrigava era: por que um psiquiatra?
O dr. Newton pacientemente explicou que, no estado em que eu estava, era a melhor opção.
UMA HORA DEPOIS FUI ENCONTRÁ-LA; PERCEBI QUE ESTAVA NERVOSA E assustada. O ex-marido a estava processando pelo rapto de um dos filhos, e, para arrematar, ela havia se desentendido com o advogado que a representava nesse processo e em um outro, por posse de droga. Estava com medo. Quando foi pega com droga, houve flagrante e ela ficou presa uns dias, e se não tomasse cuidado poderia ser condenada. Achei que o momento não era oportuno para perguntar onde tinha sido presa, no Rio ou em Belo Horizonte. Ela falava enrolando um fumo, às vezes ficava séria, às vezes ria debochada. Estava linda daquele jeito: atravessada numa poltrona, só de calcinha e camisa. Ia enrolando o baseado e contando os poucos dias que passara presa. Tinha ensinado as presas a se maquiarem na última moda.
— Uma me beijou e me passou a mão, mas ficou nisso.
Seus olhos faiscavam enquanto ela contava essa história. Logo em seguida, disse que morria de medo de ser condenada.
Depois... pedimos uma garrafa de uísque e outra de vodca, que era sua bebida favorita. Sentamos na cama, ficamos doidões, bebendo e conversando.
44
Dois pacotes bem embalados com papel prateado chamaram a minha atenção. Perguntei o que era aquilo, embora já soubesse do que se tratava...
- É fumo, acabaram de entregar.
— Ah, bom... pensei que você tinha entrado no avião com isso.
A tarde passou rápido, ficamos bebendo e nos acariciando, estávamos altíssimos. Quando demos por nós eram sete da noite. Saímos correndo para o aeroporto, ela ia jantar com Ibrahim na casa de amigos. E tinha um detalhe: ninguém sabia que ela estava em São Paulo. Não a acompanhei à sala de embarque, nos despedimos no carro. Deu um beijo demorado e carinhoso e pediu para eu deixar aqueles dois pacotinhos prateados na casa de uma amiga.
O jantar na minha casa não saía antes das nove; cheguei completamente doidão. Tinha passado uma tarde do jeito que o diabo gostava e estava em casa do jeito que eu queria: com minha família. Aquele era um momento que apreciava... tomar banho acompanhado de um drinque. Gostava muito da casa, do sossego do bairro, o Jardim Guedalla, no Morumbi.
E. Mas Ângela não saía da minha cabeça... seu cheiro de fêmea, o jeito de andar, de sorrir com os olhos faiscando... eu estava preocupado e ao mesmo tempo queria mais. Tentava me convencer de que estava tudo bem: afinal, tinham sido apenas duas tardes divertidas.
Minha mulher chegou em seguida, cansada. Trabalhava muito em sua oficina de estofados, que fazia sofás e poltronas. Era filha de um industrial, Nicolau Scarpa, e de Alicia, uma senhora nascida na Argentina. Tinha quatro irmãos: Nico, Analicia, Eduardo e Rodolfo. Pais e filhos eram unidos, e eu gostava de conviver com eles.
Normalmente, quando chegávamos, nosso filho, Luis Felipe, já estava dormindo; a hora de brincar com ele era pela manhã e às vezes na hora do almoço.

Logo depois do jantar, ainda estávamos à mesa quando o telefone tocou. Era o Ibrahim, contando que viria a São Paulo para entrevistar o Emerson Leão, o Leão, goleiro do Palmeiras, que segundo a imprensa esportiva tinha as pernas mais bonitas do esporte brasileiro. Ia fotografá-lo e queria permissão para usar a piscina da nossa casa. Não a ocuparia por mais de uma hora. Como as fotos seriam feitas no sábado, ficou combinado que ele viria com Ângela e que o casal se hospedaria conosco no fim de semana. Apesar de ter gostado da idéia, fiquei apreensivo, tinha medo de perder a linha e fazer alguma bobagem. Sabia que, se aparecesse alguma oportunidade, Ângela

e eu não a desperdiçaríamos. Só tinha passado algumas horas com ela, mas já sabia que qualquer faísca provocaria uma explosão.

Naquela noite não pensei mais no assunto. Fui para o quarto com minha mulher e namoramos, como sempre.

Ibrahim e Ângela vieram e tudo correu bem. No sábado convidamos alguns amigos para jantar, assim ajudariam a fazer sala para as visitas. Depois fomos a uma casa noturna, o Hipopotamus, queríamos melhorar o humor do Ibrahim que tinha levado um cano do Leão. Ângela e eu ficamos sentados lado a lado, o tempo todo de mãos dadas, e aproveitamos um momento em que todos estavam dançando para marcar um encontro na sala de visitas lá de casa, assim que tivéssemos certeza de que nossos cônjuges estivessem dormindo. Na verdade, tramamos aquilo rindo, achando divertida e excitante a situação. Afinal, havia bastante gente na casa: nós, meu filho e os empregados. Também combinamos que, se um dos dois não pudesse aparecer, tudo bem, página virada.

Voltamos para casa cedo, acho que era inverno, porque me lembro do Ibrahim apanhando para acender a lareira, enquanto eu preparava mais um drinque. Tomamos mais alguns e fomos dormir. Quando cheguei ao quarto, minha mulher já estava dormindo. Lavei o rosto, escovei os dentes e subi para a sala novamente. As salas de visitas e de jantar ficavam no nível da rua; o terreno da casa era irregular, por isso os quartos ficavam abaixo das salas.

Quando cheguei, Ângela estava deitada no sofá, de pijama, lendo uma revista. Sorriu para mim e disse, com aquela cara que só ela sabia fazer:

- Não se preocupe, ele dorme como uma criança.

Se eu estava preocupado, daquele momento em diante esqueci tudo. Ela estava linda e sensual, senti que estava ligada naquele nosso momento. Servi uma bebida e fui me juntar a ela no sofá, perto da lareira. Era um sofá enorme de camurça. Acendemos um baseado e ficamos deitados conversando baixinho. Voamos alto, num espaço só nosso. Não sei onde estivemos, mas fomos além, muito além.

Quando o dia nasceu, no lusco-fusco dos primeiros raios de luz, percebi o movimento da nossa Bell (uma dobermann de cor albina) no terraço, e a realidade me atingiu. Cheiro de amor, roupas espalhadas pelo chão, as almofadas do sofá na mais completa bagunça. Em silêncio, começamos a arrumar tudo rapidamente. Sentia um choque e um aperto no coração. Que piorou muito quando me dei conta de toda aquela loucura. Mas não era hora para arrependimento, tinha que agir rápido e sair dali. Tudo arrumado, demos

uma olhada de longe e achamos que estava tudo bem. Nos separamos sem nos despedir, não tínhamos tempo para isso. Entrei no banheiro, tomei uma chuveirada bem quente, deitei e dormi até uma e meia da tarde.

Acordei me sentindo esquisito, com uma grande ressaca moral. Minha mulher estava tranqüila, lendo. Quando subimos para o café, a empregada avisou que o almoço estava quase pronto e que os convidados tinham partido por volta do meio-dia, deixando agradecimentos e abraços. Fiquei aliviado, mas o aperto no coração continuava. Precisava fazer alguma coisa... encher minha mulher de beijos, mimá-la, fazê-la sentir-se amada, ter certeza de que ela estava feliz. Jurei para mim mesmo que nunca mais sairia com outra e que me dedicaria só à minha família.

Afinal, amava muito minha mulher... admirava sua inteligência e coragem. Tínhamos lutado muito para ter um filho, ela passou oito meses deitada para não perder a criança. O médico a tinha proibido de andar. Eu não podia pôr tudo a perder. Almoçamos e passamos uma tarde tranqüila. Lá pelas dez da noite, Ibrahim telefonou, agradecendo o fim de semana.
O dia seguinte foi normal até o fim da tarde. Reuniões com os corretores da imobiliária pela manhã e com o pessoal da Brasilos à tarde. No começo da noite, antes de ir para casa, telefonei para Ângela. Queria saber dela e perguntar por que tinham partido:
— O Ibrahim tinha se aborrecido com alguma coisa?
— Nada disso, ele detesta São Paulo.
Depois, disse que queria retribuir o convite. Ia telefonar para minha casa logo mais e nos convidar para passar um fim de semana no apartamento do Ibrahim. Se topássemos, seria dentro de quinze dias. Aí me surpreendeu:
— Amanhã ou depois estarei aí, vou passar uns dias com Francisco, que está querendo casar de novo. Telefonou, dizendo que está precisando de mim. Não se preocupe, ele já está sabendo de tudo.
Na verdade, fiquei preocupado, ninguém sabia de nada, só minha secretária Guida e Chiquito é que sabiam desse novo relacionamento. Francisco era muito meu amigo, estávamos sempre juntos, mas eu não tinha comentado sobre Ângela com ninguém e achava que deveria continuar assim, não queria que virasse um "caso".
No dia previsto ela não pôde vir, nem nos seguintes. O Ibrahim precisava dela, ia dar um jantar para um pessoal importante. Só chegou uns dez dias depois, mas antes eu já tinha ido para o Rio, passar um dia com ela. Tinha sido confuso, porque o Ibrahim ficou telefonando o tempo

todo, cobrando sua presença e ajuda. Conheci melhor Ibrahim por causa da Ângela. Era um jornalista muito bem informado, sabia tudo o que se passava no governo, apesar de estarmos em plena ditadura militar. Além disso, era muito bem relacionado com empresários e gente da "alta sociedade". Conhecia a vida de todo mundo, a coluna dele era a mais lida do país. Muitos intelectuais e gente da imprensa faziam pouco dele, diziam que era ignorante. Pura dor-de-cotovelo, ele punha todos no bolso.
Naquela tarde, antes que eu saísse do apartamento de Ângela, ele telefonou de novo. Reclamou com ela, dizendo que tinha de fazer tudo sozinho e que ninguém o ajudava, e comentou que havia combinado com minha mulher nossa vinda, dentro de uma semana ou duas.
Mais uma noite cheguei em casa doidão. Acho que naquela altura já sabíamos que nosso relacionamento não seria passageiro. Eu, pelo menos, adorava a companhia dela e estava apaixonado, não tinha mais dúvida.
O que havia acontecido? Paixão à primeira vista? Estivemos juntos pouquíssimas vezes, não era para eu estar assim, de ponta-cabeça. Era verdade, estava adorando amá-la, mas estava sofrendo muito com aquela loucura toda. Um alarme tocava dentro da minha cabeça, mas meu coração o desligava.
Quando ela chegou, uns dias depois, me telefonou dizendo que já estava instalada na casa do Francisco. Fui encontrá-la no fim da tarde. Estava na beira da piscina com o dono da casa e sua noiva. Num primeiro momento fiquei constrangido, pois antes, sempre que estivemos em público, foi como amigos. O casal que nos recepcionava sabia que estávamos tendo um caso, e eu freqüentava aquela casa com minha mulher. Não sabia exatamente como devia agir.
Ângela ficou em São Paulo três ou quatro dias e passamos juntos boa parte do tempo.
O encontro seguinte foi no Rio na casa do Ibrahim. E foi bastante tumultuado.
SEMPRE TINHA LIDO QUE SAIR DE UM MANICÔMIO JUDICIÁRIO É Muito complicado, depende da avaliação de várias comissões. Por isso, me incomodava estar à espera de um psiquiatra. E se toda a ajuda do dr. Paulo Badhu fosse uma armadilha?

Estava todo enrolado nesses pensamentos quando o carcereiro avisou que o médico havia chegado. Dr. Newton mandou o carcereiro levar o psiquiatra para o cartório e, depois de alguns minutos, me acompanhou até lá.
Paulo e o psiquiatra conversavam quando entramos. O médico era cabeludo, usava uma barbinha rala, vestia camiseta e calça branca. Paulo nos apresentou.
— Conheça o doutor Ivo.
Percebi que ele era amigo do delegado, pelo modo efusivo como se abraçaram. Depois que Paulo e o delegado saíram da sala, começamos a conversar.
— Você está causando o maior rebuliço na cidade. Se se candidatar a um cargo público, ganhará na certa. Você não deve estar sabendo, mas muitos amigos seus estão passando temporada em Búzios e tentaram vir ontem te abraçar. Por causa de toda aquela gente aqui em frente, não conseguiram.
Eu disse alguma coisa e fiquei observando enquanto ele tirava a minha pressão. Estava alta, não sei quanto. Em seguida, pediu que eu explicasse o que estava sentindo. Contei o que tinha acontecido pela manhã, depois do banho, e que passara parte das últimas horas chorando. Ele quis saber como haviam sido os dias em que estive escondido. Fiz um resumo, contei sobre a injeção que me aplicaram na clínica e confessei que estava com medo de estar ali. Ele me tranqüilizou quanto ao meu estado de saúde. Disse que era óbvio, eu estava exausto e emocionalmente muito abalado, e precisava de pelo menos dez dias em uma clínica. Receitou um calmante e voltamos para a sala do delegado. No caminho disse que o Paulinho (era assim que chamava o Paulo Badhu) ia conversar comigo mais tarde. Fiquei pouco tempo na sala com o dr. Newton. Não me sentia bem e pedi para voltar para a cela e me deitar. O ambiente estava quente, superabafado. Na carceragem, o pessoal da cela estava preocupado, porque haviam transferido alguns presos para o presídio de Água Santa, no Rio de Janeiro. Não dei a mínima para nada, deitei e fiquei quieto. Estava ansioso, esperando que papai aparecesse. Quem apareceu foi Paulinho.
— Olha, se você seguir o meu conselho, o Ivo e eu levamos você para uma clínica. Continue chorando e volte para a cama. Vou falar para o delegado que você precisa ir para um hospital, que o Ivo constatou que

você está muito mal e que, se acontecer alguma coisa, a responsabilidade será dele. Se você voltar para a cama, interpretarei que está me autorizando a agir e tomarei as providências. Mas, se eu começar e você der para trás, quem vai ficar mal serei eu.
Achei que a história não vingaria nunca, que aquele cara era louco e o tal do dr. Ivo, mais louco ainda. Olhei bem nos olhos do Paulinho. Não sei por quê, disse que concordava com tudo e que ele não tinha que se preocupar: faria a minha parte. Voltei para a cama e fiquei quietinho, encolhido. O calor era brutal, e ninguém tinha nada para fazer, a não ser conversar e jogar dominó. Quiseram conversar comigo, mas fiz sinal de que não estava bem.
O carcereiro apareceu e contou que muitos repórteres estavam à minha procura, que o dr. Newton estava furioso, tinha mandado a PM pôr todos para fora e proibira a entrada deles na delegacia. Que naquele momento estava trancado com o dr. Ivo e o Paulinho no escritório. Ouvi tudo isso sem me mover, não olhei nem mostrei interesse.
Percebi que havia uma movimentação estranha na cela. Todos levantaram de repente, e ouvi o barulho das chaves e da porta de ferro rangendo. Mas não abri os olhos. Alguém mexeu nos meus ombros duas ou três vezes. Era o delegado, avisando que uma ambulância estava a caminho para me buscar e que eu seria transferido para um hospital. Que seria guardado dia e noite pela PM.
— Não tente fugir, serei eu o responsável. Você vai sair daqui na maca. Não se assuste com a multidão nem com os flashes. Centenas de jornalistas estão lá fora, a PM fará um cordão de isolamento. Ninguém chegará perto de você.
O dr. Ivo chegou com alguns homens, e saí da cela de maca. Quando passei pela porta que dava para

a rua, o dr. Ivo mandou eu não abrir os olhos. Mas abri um pouquinho e vi o delegado de um lado e o Paulinho e o dr. Ivo do outro. Devia ter muita gente ali, pelo zunzum e pelo barulho das máquinas fotográficas. Fora perguntas incríveis feitas aos berros, não sei se de repórteres ou apenas curiosos. De uma, lembro bem:

— Doca, você ainda ama Ângela?

De repente percebi que estava na porta da ambulância. Notei que papai estava do meu lado e tive a impressão de que ele não estava entendendo nada. Fui posto na ambulância e o dr. Ivo entrou comigo, rumo ao Hospital Santa Izabel.

50

NA AMBULÂNCIA, ALÉM DE MIM E DO IVO, ENTROU UM POLICIAL que eu já conhecia da delegacia. Não houve incidentes durante o trajeto, exceto os carros dos repórteres. Não sei o que esperavam conseguir, talvez algumas fotos de minha entrada, de maca, no hospital.

A chegada foi caótica, demorei uns quinze minutos para sair da ambulância. Fazia muito calor e as portas tinham que ficar abertas para que não sufocássemos. Depois de muita conversa e empurrões, a polícia fez um cordão de isolamento e finalmente conseguimos passar e entrar no hospital.

Acho que fui para o terceiro andar, fiquei no último quarto, à direita do elevador. Dois policiais já estavam na porta quando cheguei. O investigador que me acompanhava foi embora, mas avisou que passaria por lá três ou quatro vezes por dia, para ver se estava tudo bem. O dr. Ivo e uma enfermeira me ajudaram a colocar um camisolão e me aplicaram uma injeção, e ele recomendou que eu não me levantasse, a não ser para ir ao banheiro.

Quando a enfermeira saiu, o dr. Ivo e eu ficamos sozinhos. Perguntei pelo Paulo Badhu. O dr. Ivo explicou que estava com papai, na secretaria, cuidando da parte burocrática, mas que logo eles estariam com a gente. Ele começou a rir e disse:

— Você é corajoso, por isso deu tudo certo. Não se preocupe, assinei um termo de responsabilidade na delegacia. O Paulinho convenceu o delegado de que, se você tivesse alguma coisa séria lá, a responsabilidade seria toda dele. Você terá que se recuperar e se preparar para agüentar tudo o que vem por aí. Estou aqui para ajudá-lo, se você quiser.

Concordei imediatamente. Na verdade, desde que fugira, vinte dias antes, não havia tido um minuto de tranqüilidade, que me desse tempo para pensar. Ou estava fugindo, ou preocupado com a situação que tinha pela frente. Essa era a oportunidade de parar tudo e pôr a cabeça no lugar. O tempo era curto, uma semana, dez dias, se a sorte continuasse me ajudando. Tinha certeza de que a promotora e o juiz não estavam gostando nada da minha saída da delegacia e da minha estada naquele hospital.

51

Resolvi confiar no dr. Ivo e em Paulinho. Afinal, foram eles que me socorreram na hora do aperto e, além do mais, do meu ponto de vista, o que tinham conseguido era um verdadeiro milagre.

Paulinho e papai chegaram. O velho foi logo dizendo:

— Afinal de contas, o que aconteceu? Não estou entendendo nada.

Os dois explicaram tudo, com todos os detalhes. Perguntei ao Paulinho se ele queria uma procuração para continuar no caso junto com o dr. Paulo José da Costa. Disse também que ele iria até o fim, se aceitasse, é claro. Também ficou acertado com o dr. Ivo que ele estaria comigo nos momentos complicados. Que seriam inúmeros. Esse homem, de uma bondade extraordinária, me ajudou muito. A paciência que teve comigo, só meu pai teve igual. Dinheiro não paga o que ele fez por mim. Aliás, ele nunca cobrou.

Bom... finalmente estava instalado num hospital, preparando-me física e mentalmente para enfrentar a vida que me esperava, que em princípio seria cadeia, julgamento e pena a cumprir.

Acredito que fiquei lá mais de quinze dias. Conversei muitas horas com Ivo, contei minha vida e meu romance com Ângela, a fuga para São Paulo e tudo o que aconteceu até a volta para Cabo Frio. Repassamos tudo várias vezes, e em muitas ocasiões me desesperei e chorei muito.

Além de Ivo, uma enfermeira foi dedicadíssima, e papai, fiel guardião, não arredava pé da minha cabeceira. Alguns amigos que estavam de férias em Búzios tentaram me visitar, mas, como não conseguiam, mandavam recados. Por dia, recebia em média de cinco a dez cartas de todos os cantos do Brasil. Noventa por cento eram de mulheres, quase todas de apoio, e pedindo uma resposta. Evidentemente isso me incomodava, essas cartas eram no mínimo estranhas.

Talvez a imprensa estivesse falando tanto de mim que estava me tornando um herói. Uma vez, quando esperava o julgamento em liberdade, um camarada me parou na rua e pediu um autógrafo — neguei, é claro, disse que não entendia a atitude dele.

— Me desculpe — ele disse —, é que meu filho admira muito o senhor.

Depois de uns três dias no hospital, papai me avisou que eu receberia a visita de um advogado famoso, porque o dr. Paulo José da Costa estava lecionando em Roma e ainda iria demorar uns quinze dias para voltar. Em vista disso, ele tinha convidado esse advogado para assessorá-lo. O nome desse novo advogado, papai achava que era Evandro.

52

NO FIM DA TARDE, RECEBI A VISITA DO DR. EVANDRO LINS E SILVA, que veio acompanhado de sua equipe: seu sobrinho Técio Lins e Silva, o dr. Arthur Lavigne e o dr. Ilídio Moura. Conversamos longamente, e pela primeira vez fiquei sabendo tudo sobre o processo. Informaram que assim que possível entrariam com recurso, para que eu pudesse aguardar o julgamento em liberdade. Era réu primário, tinha bons antecedentes e residência fixa. Apesar da gravidade do assunto, a conversa não foi pesada. Aquela reunião me fez bem. O ex-ministro Evandro Lins era uma pessoa agradável e expunha seus pontos de vista de maneira muito clara. No fim da visita, sabendo o rumo que a defesa tomaria, me senti aliviado, já que Evandro era um grande criminalista, vivia no Rio e seria fácil falar com ele ou qualquer membro de sua equipe.

Permaneci mais tempo que esperava no hospital. Paulinho e Ivo mexeram os pauzinhos e com isso fiquei mais de quinze dias lá. No fim desse tempo estava mais calmo e forte, mas ficava apavorado ao pensar que de uma hora para outra estaria voltando para a delegacia. Um ou dois dias antes de ser escoltado de volta para a cadeia, recebi novamente a visita do dr. Evandro e de seu pessoal.

Como da primeira vez, ele falou sobre o andamento do processo e sobre a reação do juiz a minha permanência no hospital. Traçamos um plano de ação para que me sentisse mais confiante. Assim, voltaria para a delegacia certo de que estavam trabalhando para que eu tivesse um julgamento justo.

Havia um fato novo: uma equipe da promotoria tinha vindo me visitar para constatar se eu realmente precisava continuar internado. Os advogados e o dr. Ivo me avisaram que não conseguiriam me manter por mais tempo no hospital. E tampouco poderia esperar o julgamento em liberdade. O dr. Evandro tinha feito um requerimento, mas havia um problema: a comarca de Cabo Frio estava, na época, com um juiz substituto, o que na visão do dr. Evandro não era bom.

Depois de conversarmos, dr. Evandro me entregou uma carta de mamãe. Ela estava preocupada com o fato de eu estar sendo defendido por dois advogados — dr. Paulo José da Costa e dr. Evandro —, a coisa

53

toda ia ficar muito cara. Sugeriu que eu ficasse com um só, de preferência o dr. Evandro, que era do Rio de Janeiro. Só de passagem, argumentava ela, os advogados de São Paulo já haviam gastado um dinheirão.

Dr. Evandro deixou que eu lesse a carta e disse que não daria palpite, que eu deveria pensar bem e depois telefonar para ele. Confesso que não pensei nem um minuto, decidi na hora, pois também achava que ter duas equipes de advogados era demais. Optei por ficar só com ele.

Na mesma hora telefonei para mamãe para que ela falasse com dr. Paulo e explicasse os motivos da minha decisão. Ela não conseguiu falar com ele imediatamente, porque ele continuava a dar aulas em Roma. No dia seguinte, recebi e assinei as procurações para que a equipe do dr. Evandro desse

andamento à minha defesa.
Dois dias depois da visita dos advogados, policiais entraram no meu quarto no hospital e me levaram de volta para a delegacia. Estava mais calmo e com a saúde em ordem. Devia aquela recuperação ao dr. Ivo, mas o pessoal do hospital tinha feito a parte deles. Foram muito delicados, e me despedi com lágrimas nos olhos.
Os policiais me algemaram, me enfiaram dentro do camburão e, cinco minutos depois, eu estava na cela com os meus companheiros. Tudo foi registrado por uma multidão de jornalistas, que tinha dobrado de tamanho. Para que eu entrasse no camburão, tiveram de chamar a PM, que fez novamente um corredor humano.
ALÉM DE TUMULTUADO, O FIM DE SEMANA NA CASA DO IBRAHIM FOI LOUCO E divertido. Apesar de terem sido apenas dois dias, muita coisa aconteceu. Três grupos se encontraram na casa dele naquele fim de semana.
Seus amigos — jornalistas, intelectuais, cupinchas etc. —, um casal amigo de Ângela e conhecido nosso, também paulistas, Paschoal e Elisa — que apareceram pouco, porque logo que chegaram foram para o quarto, começaram a cheirar cocaína e por lá ficaram —, minha mulher e eu. Fomos os primeiros a chegar, no começo da tarde. Nem os donos da casa estavam lá. Fomos recebidos por uma arrumadeira de uniforme que nos acompanhou até a suíte que ocuparíamos.
- Já vou telefonar para dona Ângela avisando que chegaram.
54
Aproveitamos que não havia ninguém e fomos conhecer o apartamento. Um imóvel grande na rua Rainha Elisabeth, no primeiro andar. O último prédio da rua, bem atrás do Arpoador. Como era o último, via-se o mar. Era um apartamento grande e bem decorado, com boas peças. A localização era interessante: a rua começava em Copacabana e terminava no prédio, em Ipanema.
Como ninguém chegava, resolvemos tomar banho e dar uma descansada. Voltamos para a sala duas horas mais tarde e encontramos os anfitriões e o casal paulista. Quando vi o casal me animei. Olhei para Ângela: seus olhos brilhavam, denunciando que já tinha cheirado pó. O Paschoal, eu conhecia bem e me dava com ele, Elisa era introvertida demais e de pouca conversa. Ficamos batendo papo, tomando drinques até tarde. Quando resolvemos sair para jantar, o casal foi até o quarto para trocar de roupa. Como depois de um tempo não voltou, fui até lá. Sabia muito bem o que estavam fazendo. Depois de alguns minutos, Ângela também chegou...
- Vim ver o que está acontecendo.
Falou isso rindo, ela sabia muito bem o que estávamos fazendo. Ficamos uns cinco minutos no quarto, cheirando a cocaína que nos ofereciam, e depois voltamos sozinhos para a sala. Os outros dois resolveram não jantar. Fomos ao restaurante de um amigo do Ibrahim, lugar da moda. Não lembro o nome do lugar, só que ficava no Posto 6, numa rua transversal à avenida Atlântica. Foi tudo muito bem-comportado e, depois do jantar, voltamos para casa, porque no dia seguinte haveria um almoço para uns amigos do Ibrahim e, além do mais, ele estava cansado. Só nós três ficamos conversando, o Ibrahim se retirou assim que voltamos. Ângela dizia brincando que ele era velho e precisava dormir bastante. E era mesmo, me lembro de uma vez quando era adolescente e estava almoçando com minha mãe no restaurante do Copacabana Palace, o Bife de Ouro. Ele veio sentar-se um minuto a nossa mesa, minha mãe disse:
— Conheça o colunista social Ibrahim Sued.
Ângela, Adelita e eu ficamos batendo papo até o dia raiar. De vez em quando, íamos ao quarto de Elisa e Paschoal, pois os dois estavam embalados e nós queríamos um pouco. Minha mulher sabia muito bem o que se passava lá, mas não era a dela, por isso não participava.
Engraçado... apesar de estarmos comportados, e de até então só termos tocado nossas mãos, e às vezes trocado olhares ou um leve toque de lábios num encontro rápido no corredor, eu estava feliz. Podia vê-la, admirar

55
seu movimento felino e conversar com ela. Por que tinha tanta necessidade de estar junto dela? Até aquele momento, apesar de querermos estar juntos, nunca falamos sobre planos para o futuro ou qualquer coisa do gênero. Em nossos encontros só nos amamos. Eu conhecia seu corpo, o jeito delicioso como ela se movia, sua perspicácia e inteligência, e não podia ficar sem sua companhia. Mas não sabia nada sobre seus planos e ideais.
Ali na sala, não era nisso que estava pensando. Não pensava, sentia sua presença envolvente. Quando voltava do quarto do casal, excitada pela droga, acho que então até minha mulher se deixaria envolver por ela.
O dia estava raiando, ficamos apreciando o mar e o começo do movimento dos pedestres e do trânsito. Minha mulher e eu ficamos decepcionados porque chovia, e tínhamos planejado ir à praia. Fomos para o quarto descansar e tentar dormir. Não demorei para pegar no sono, já que não tinha abusado das visitas ao quarto de Elisa e Paschoal. Nosso quarto ficava bem em frente, e quando passamos por lá, o casal falava sem parar. Acho que não dormiram nada naquele fim de semana.
Acordamos tarde e quando aparecemos as salas estavam arrumadas com algumas mesas a mais, para receber o pessoal que ia chegar para o almoço. Uma das mesas estava com o café-da-manhã. Apesar de ser mais de uma e meia, ela estava completa, sinal de que éramos os primeiros. Só uma hora depois apareceram os anfitriões e o outro casal, uma dupla muito bonita, e apesar da noite badalada os dois estavam com ótima aparência. O Ibrahim vestia uma camisa florida, dessas que americano compra no Havaí, que nele, por sua altura e ótima forma física, ficava muito bem. Ângela estava deslumbrante, com uma calça de linho azul-claro e um lenço de seda branco amarrado no pescoço e na cintura, fazendo frente única e deixando as costas de fora. Ciente de sua figura, andava de um lado para o outro, excitada. Minha mulher estava ótima, animada com o pessoal que ia chegar.
O almoço foi muito movimentado, eram muitos convidados, que riam, gritavam, berravam e faziam homenagens. Um deles eu admirava muito, lia quase tudo o que escrevia, o escritor mineiro Fernando Sabino. Saíram de lá tarde. Ibrahim, animado com o sucesso do almoço, propôs que descansássemos um pouco e, lá pela meia-noite, fôssemos a uma boate dançar. Se tivéssemos fome de madrugada, o picadinho de lá era ótimo.
O Ibrahim era agitado, em vez de descansar como tinha sugerido, pegou o telefone e ligou para Brasília. Queria saber das novidades do governo e, enquanto falava, escrevia. Ângela e eu fomos para o quarto
56
de Elisa e Paschoal. Minha mulher foi ler e descansar, e fez caras quando entramos lá. Sabia que íamos nos drogar. Resolvi me juntar a eles porque tinha comido e bebido bastante e não conseguiria tomar banho ou deitar logo em seguida. Como ninguém é de ferro, demos bastante bandeira, nos agarramos, nos acariciamos, ficamos deitados numa das duas camas, pois no quarto não havia cama de casal. Não ficamos muito tempo e, por prudência, pouco depois saímos e fomos cada um para seu quarto.
Quando entrei, minha mulher comentou, rindo:
— Não agüentou? É muita loucura, não é mesmo?
Não dormimos, ficamos conversando e namorando. Gostava da companhia dela. Naquela época, nosso bom relacionamento me deixava completamente desorientado. Estava confuso, apaixonado e não sabia o que fazer para corrigir o rumo.
Mais tarde tomei um banho demorado e, como fiquei pronto antes, fui sozinho para a sala. Não havia ninguém, o ambiente estava quase frio, com o ar-condicionado a toda e a sala a meia-luz. Fui até a janela e sentei-me num sofá. Ao fazer isso senti a agradável sensação do contato com uma manta de vison. Imediatamente procurei por mais luz, queria ver aquilo. Era uma manta linda, de pele da melhor qualidade, que preenchia todo o sofá branco. É verdade que estávamos no Rio, mas

assim mesmo, na temperatura daquela sala, era muito gostoso ficar sentado ali. Pouco depois chegou minha mulher, que achou graça ao ver aquela manta e começou a calcular quanto teria custado.
Ângela e Ibrahim chegaram e nos encontraram exatamente discutindo o custo da manta. Ele achou aquilo divertido e foi até o quarto. Quando voltou, estava vestindo um manto de vison que ia até o tornozelo e trazia na mão uma foto dele em Paris com aquele casacão.
Já devia ser mais de meia-noite quando chegamos a uma casa noturna, que lembro que ficava numa praça, em Ipanema.
Foi uma noite alegre, bebemos, dançamos, rimos, subimos na mesa, comemos picadinho. Ibrahim tirou muitas fotos, nossas e de outras mesas. Dancei várias vezes com Ângela e, numa delas, combinamos de nos encontrar mais tarde, no mesmo sofá. Na volta, Ibrahim contou que as fotos sairiam em sua coluna de domingo e que tiraria outras no dia seguinte, na piscina do anexo do Hotel Copacabana, onde tinha reservado uma mesa para o almoço.
Chegamos de volta mais ou menos às quatro da manhã. Ao nos despedirmos na porta do quarto, vi que a luz dos outros convidados estava
57
acesa. Bati e entrei, sem esperar resposta. Estavam sentados entre as duas camas, conversando, mas minha mulher me puxou e fomos para o quarto. Conversamos um pouco e adormeci. Não sei quanto tempo depois senti meu braço ser puxado. Abri os olhos, o dia estava clareando. Ângela estava agachada do meu lado, com o dedo indicador nos lábios, fazendo sinal de silêncio. Levantei sem fazer barulho e saímos do quarto. No corredor fez sinal para eu ir até a sala. Ela voltou para o quarto, pois tinha esquecido o fumo. Ainda tentei detê-la, mas não deu tempo.
Era uma loucura, meu coração disparava. Mas eu não estava assustado, ao contrário, aquilo tudo me excitava. O dia estava cada vez mais claro e ela não voltava. O que teria acontecido? Fui até o corredor tentar ouvir alguma coisa e a vi fechando com cuidado a porta do quarto. Daquele momento em diante não ligamos para mais nada. Ficamos em total liberdade, pusemos uma música, bebemos champanhe e dançamos, nos beijamos, rimos.
Chegamos à janela dançando. Nem olhamos o mar e escorregamos no sofá macio, rindo e brincando como crianças felizes, prontos para o prazer, para fazer amor, completamente apaixonados.
O dia já estava claro quando resolvemos voltar cada um para o seu quarto. Ao passarmos pelo quarto de Elisa e Paschoal, ela quis entrar para curtir um pouco, mas a empurrei para o quarto dela.
Faz muito tempo que isso tudo aconteceu... Nunca pensei que conseguiria mexer com essa parte do meu passado. Era adrenalina pura, mas eu não era feliz, sentia que estava hipnotizado. O que me fez prosseguir? Paixão? Drogas? Os dois? Provavelmente, apesar dos 42 anos, era imaturo demais. Até hoje, quase trinta anos depois, não me conformo que tanta estupidez tenha causado tanto sofrimento.
Lá pelo meio-dia, minha mulher me acordou, teríamos que tomar café e nos arrumar para ir almoçar no Anexo do Copacabana Palace. O almoço foi ótimo e divertido, aquele lugar era um charme. A certa altura, do outro lado, depois da piscina, começaram a montar uma mesa. Alguns minutos depois chegaram os ocupantes: eram meu irmão Luiz Carlos e sua mulher May, com alguns amigos. Nos cumprimentamos efusivamente, mas cada um ficou na sua. A única coisa simpática foi o Ibrahim que fez: tirou várias fotografias deles. Foi uma tarde engraçada de fim de semana. Voltamos para São Paulo ao anoitecer.
58
NA CELA, TIVE A IMPRESSÃO DE QUE MINHA RECUPERAÇÃO HAVIA IDO para o espaço. Papai tinha providenciado uma cama de verdade, café e água mineral, e meus companheiros de cela tentaram me animar, mas eu sabia que estava no inferno. Deitei na cama do jeito que cheguei, de camiseta, jeans e botas. Minha aparência era horrível, pois desde que saíra da clínica em São Paulo andava o tempo todo sem cinto, e na prisão não podia ter uma lâmina de barbear. Revoltado, não

usava o barbeiro que ia todo dia à delegacia para fazer a barba de quem estivesse disposto a gastar cinqüenta centavos. Além do mais, era dia de visita, e o tempo todo havia gente perto das grades. O carcereiro veio várias vezes avisar que minhas amigas queriam me ver. Eu perguntava os nomes delas e, como não sabia quem eram, não as recebia. Nos dias de visitas, aquilo se tornou uma rotina. Meus companheiros de cela faturaram doces, bolos e até algum dinheiro para receber a visita de familiares que eu nunca tinha visto.

Depois que cheguei do hospital, começou a rotina na delegacia. Banho lá pelas sete da manhã (só havia água das sete às nove da manhã, da uma às duas da tarde e às vezes durante uma hora, à noite). Fora isso a gente tinha que se virar com algumas latas de água que enchíamos nos horários de banho.

Todos os dias, durante o tempo em que estive na delegacia, recebia visitas de papai, do Ivo e do Paulinho Badhu. Muitas vezes o delegado mandava me chamar para tomar um café na sala dele. Com o pretexto de que tinha se tornado meu amigo, tentava descobrir quem eu estava acobertando, pois não acreditava que eu havia cometido aquele crime. Para ele, Ângela estava encrencada com traficantes, eles a tinham matado, e eu, ameaçado, encobria tudo. Uma noite, o chefe dos investigadores de plantão mandou me chamar até a sala dele. Em cima da mesa havia uma garrafa de uísque.

— Senta aí, você deve estar cansado de ficar na cela, toma uma comigo e relaxa um pouco.

Servi uma dose e comecei a tomar devagarinho, já que estava tomando uma medicação que Ivo receitara e não deveria ingerir álcool.

— Conta aí, como é vida de rico, vocês zoavam muito?

Contei algumas passagens da minha vida que não tinham nada com nada e, depois de terminar a dose de uísque, disse que não podia

beber mais por causa dos medicamentos e pedi para voltar para a cela, porque estava com sono. Ele deu uma risadinha, disse que eu era muito desconfiado e mandou o carcereiro me levar de volta para a cela.

Passava grande parte do dia lendo os livros, os jornais e as revistas que papai me levava, e dezenas de cartas que recebia de todos os lugares do Brasil, de homens, mulheres e adolescentes. Uma moça de Belo Horizonte me escreveu durante todo o tempo em que estive na delegacia, no presídio de Água Santa, no Rio, e até no presídio Edgard Costa, em Niterói. Tudo isso sem nunca ter recebido uma linha da minha parte.

Papai também me trazia as refeições, café e água, e sempre vinha alguma coisa a mais, que todos os outros também comiam. Aquele café com bolo era famoso na delegacia. Muitas vezes o delegado ia até a cela e sentava com a gente para tomar café, fumar um cigarro e jogar conversa fora. Meus companheiros ficavam impressionadíssimos e ao mesmo tempo receosos, pois bandido que é bandido não se dá com polícia. Mas entendiam que eu não sabia disso e nunca reclamaram.

No dia em que seria julgado o recurso para revogar minha prisão preventiva, logo pela manhã o delegado me disse que eu não deveria ter esperança. O mais provável era que o juiz o negasse, porque a imprensa não parava de escrever a respeito do meu caso, que tinha tomado proporções gigantescas.

Dr. Newton era uma fera, segundo a bandidagem, mas comigo sempre foi justo. É verdade que ele sentia muita pena do papai, que se mudara para um hotel ali perto só para ficar próximo de mim.

Nessa manhã tive a visita da mamãe, do meu irmão Luiz Carlos, da minha prima Maria Zélia e da Vera Miller, uma amiga minha. Ficaram umas duas horas comigo, e me contaram todas as novidades de São Paulo e do Rio. A certa altura, Vera pediu ao delegado para conhecer a carceragem. Ele chamou o carcereiro e me disse:

— Vá com sua amiga até a cela e sirva a ela um café.

Fomos até lá. O carcereiro abriu a cela, Vera entrou e eu a apresentei a Azulão, Moçambava, Paulista,

Waldemar e Cabelo. Vera sentou na cama do Waldemar, e Azulão lhe serviu um café fresquinho. Vera conversou com todos e se encantou com a simpatia do Azulão, abraçou-o e tudo. Voltamos para a sala do delegado dez minutos depois. Como o que é bom dura pouco, meus parentes e amigos foram embora e eu voltei para a cela.

60

Minha cama estava sempre arrumada. Se me levantasse para pegar um café, Azulão já arrumava qualquer desordem que eu tivesse feito. Fazia isso também com minha roupa, que estava sempre pendurada, e com minha bota, sempre engraxada. Esse cara me ajudou muito. Aliás, nos presídios e penitenciárias em que estive, sempre aparecia alguém assim. Mas o Azulão foi diferente, ele fazia de tudo para me agradar. Dormia aos pés da minha cama num colchonete que mandei comprar para ele e qualquer movimento estranho me acordava. O pessoal não gostava do Azulão, dizia que ele tinha uma barraca de vender sorvete perto da praia, onde também morava, e que havia atraído uma menor e a estuprado. Ele confessava que realmente tinha transado com ela, mas ela se oferecia por dinheiro a quem quisesse. Só que ele não pagou e ela, por vingança, o acusou. Aprendi uma coisa nos cinco anos e pouco em que estive preso: ninguém é culpado, todo mundo está na cadeia injustamente. O único culpado panaca era eu.

No fim da tarde, Paulinho Badhu avisou que o recurso fora negado. Fiquei arrasado, ainda que já soubesse que seria assim. Paulinho disse também que em poucos dias eu seria interrogado pelo juiz. Ainda não havia uma data, mas não passaria de uma semana. Eu iria prestar declarações pela primeira vez.

As duas notícias mexeram muito comigo. Deveria ficar contente, era sinal de que tudo estava andando. Mas não era assim que me sentia. No fundo, estava acomodado e qualquer movimento estranho me apavorava. Sabia que, depois do depoimento, provavelmente o juiz me transferiria para o Água Santa. Esse nome era quase proibido dentro da delegacia, todos tinham verdadeiro pavor de serem transferidos para lá. Falavam coisas horríveis a respeito dos guardas e de toda a administração. Além do mais, era um presídio para mil e quinhentos presos, os piores do estado.

Estava pensando a respeito de tudo isso quando o carcereiro apareceu. Disse que havia vários dias uma moça insistia em me visitar, e que naquele dia ela tinha trazido um bolo que parecia delicioso. O pessoal ouviu e começou a me pedir para receber a moça, ao menos pelo bolo. Estavam acostumados — porque eu fazia questão disto — a comer sem cerimônia os doces que eu ganhava. Não tive como recusar a visita. Alguns minutos depois ela entrou na carceragem, e o carcereiro pôs um banquinho perto das grades para ela sentar. Era uma caiçara vistosa,

61

uma morena realmente bonita, embora vestida com roupas simples. Chegou sorrindo para todos. O pessoal ficou doidão, até aplaudiu. O bolo não passava pela grade, e o carcereiro teve de abrir a porta da cela. De um jeitinho todo meigo, ela pediu que eu ficasse do lado de fora por um instante, conversando com ela. O carcereiro deixou que eu saísse e nos conduziu até a "Malibu". Ficamos ali, no corredor, de mãos dadas, encostados nas grades daquela cela que todos temiam. Conversamos apenas cinco minutos. O nome dela era Ester, ficou minha amigona. Só parou de me visitar no Água Santa, porque depois da terceira ou quarta visita começou a namorar um dos funcionários. Muitas vezes, ainda em Cabo Frio, depois daquele primeiro encontro e nos dias em que o tal carcereiro trabalhava, ela ia me visitar. Acertou com o carcereiro que as visitas fossem no cartório. Nunca aconteceu nada de muito sério, eu não tinha cabeça para isso. Além do mais, o carcereiro poderia entrar de uma hora para outra.

UM DIA ANTES DE EU DAR MEU PRIMEIRO DEPOIMENTO PERANTE o juiz, o dr. Evandro e sua equipe vieram me visitar e deram algumas instruções. Precisava contar a verdade e ao mesmo tempo devia estar atento, pois, se o juiz não entendesse o que eu dissesse e mandasse o escrivão registrar algo diferente, isso poderia causar sérios problemas. Por esse motivo, um dos

advogados estaria ao meu lado acompanhando o interrogatório.
Os advogados também me explicaram como era a denúncia da promotoria. Vou transcrever um pequeno trecho do livro que o dr. Evandro escreveria mais tarde. O livro se chama A defesa tem a palavra, e na p. 87 diz: "No caso Doca Street, quando do oferecimento da denúncia, a promotoria era exercida por uma mulher, a dra. Maria do Carmo Alves Garcia, que a redigiu em linguagem veemente, dura, panfletária. Depois de qualificar o réu, a promotora assim descreveu o fato e classificou o crime: Já havia algum tempo o acusado vivia em companhia e às expensas de Ângela Maria Fernandes Diniz. Embora sustentado pela companheira, que patrocinava as despesas, vestindo-o, alimentando-o e dando-lhe teto, o acusado, não satisfeito, exigia dela dinheiro em espécie".
62
É claro que não consegui dormir naquela noite. Meus pensamentos estavam acelerados. Por mais que o dr. Evandro tivesse explicado, achava que ia dar tudo errado. A acusação da promotora não parava de martelar na minha cabeça.
No dia do depoimento, me tiraram da cela às oito e meia da manhã e me levaram até a sala do cartório, onde vesti terno e gravata e fiquei à espera do camburão com escolta que me levaria ao fórum. Fiquei esperando por pelo menos uma hora. Meus companheiros tiraram uma da minha cara, porque, segundo eles, quando iam ao fórum nem banho tomavam.
No corredor da carceragem, vi um garoto que falava com o pessoal das três celas. Achei estranho. Tinha uns catorze anos, era super-alegre e simpático. E era um bandido respeitado pelos demais. Tinha duas acusações pelo artigo 157, parágrafo 3º, do Código Penal, assalto acompanhado de morte. Como era menor, não podia ficar dentro das celas, então ficava no corredor. Nunca vou me esquecer desse garoto: se o levassem a uma festa do Country Club, ninguém teria dúvida de que poderia pertencer a uma boa família burguesa.
Tinha começado a conversar com ele quando a escolta chegou, me algemou e me levou até o fórum. Quando estava saindo, junto com os policiais, ele riu e falou em voz alta:
— Não se preocupa, são tudo otário.
Os policiais nem olharam para trás, e comentaram:
— Esse aí ainda está vivo?
Na porta da delegacia havia um mar de repórteres. Alguns se aproximaram dos guardas e pediram para falar comigo. Os policiais disseram que, se eu concordasse, para eles estava bem. Avisaram que eu teria pouco tempo, pois estava quase na hora da audiência. Fiquei meio assustado, era muita gente.
Olhei para a porta da delegacia, de onde o delegado fez um sinal positivo com a cabeça. Então, concordei em falar com a imprensa pela primeira vez. O papo foi muito rápido, porque não podia responder à maior parte das perguntas, que eu responderia diretamente ao juiz. Foi mais uma conversa sem importância. Papai havia pedido que eu, quando cercado pelos jornalistas, parasse, nem que fosse por alguns segundos, e desse atenção a eles. Afinal, eles estavam trabalhando. E assim foi: pediram que eu levantasse um pouco os pulsos e me fotografaram com algemas. Quando chegamos ao camburão, os guardas me enfiaram lá
63
dentro, abaixaram a porta e continuei a falar com os repórteres através das pequenas janelas do carro. Ao chegar ao fórum, a mesma multidão me aguardava, mas os policiais fizeram um corredor de proteção e fui conduzido à sala de audiência. O juiz ainda não tinha chegado, e fiquei no corredor com a escolta e o delegado. Ele me orientou a manter uma postura de respeito, a não me intimidar, a falar normalmente, sem me exaltar nem fazer cara de triste.
Finalmente o juiz entrou na sala e a audiência começou. Estavam presentes a promotora, dois advogados que a família de Ângela contratara para ajudar a promotoria, o dr. Evaristo de Moraes

Filho e o dr. George Tavares.
É difícil para eu lembrar do interrogatório e escrever a respeito de minhas declarações. Só consegui escrever sobre minha vida com Ângela há pouco tempo, em 2003. Resumindo, falei a respeito dos acontecimentos do dia da tragédia na praia dos Ossos, em Armação de Búzios, e de tudo que havia se passado na casa entre as seis da tarde e as oito da noite. Disse que tinha conhecido Ângela e seu marido seis anos antes, na casa de um amigo, em São Paulo, em uma festa para comemorar meu aniversário. No entanto, só a encontrara novamente alguns anos depois, em outra festa na casa de Francisco, também em São Paulo. Contei quanto ela havia me impressionado com sua beleza e inteligência. Falei que, depois daquele encontro, não paramos mais de nos ver. Falei também da minha mulher na época e de como tinha deixado meu filho recém-nascido e ela para viver com Ângela. Contei sobre nossos planos e como vivíamos. Contei como era a nossa vida financeira, das retiradas que eu tinha feito em minha conta bancária, tudo documentado por cheques e comprovantes de remessa.
Depois narrei os fatos do dia do crime.
Discutimos porque naquela manhã, depois de várias doses de vodca, ela convidara uma moça que vendia bolsas na praia para ir até nossa casa, para fazermos uma festinha. Em casa, durante a discussão, Ângela resolveu acabar com o nosso relacionamento e eu peguei minhas coisas, entrei no carro e parti. Mas na primeira esquina resolvi voltar, pois queria continuar vivendo com a mulher da minha vida.
Ao entrar novamente na casa, encontrei-a no corredor, sentada em um banco de alvenaria. Ajoelhei e pedi para continuarmos juntos. Eu a amava muito e não conseguiria viver sem ela. Não adiantaram os

meus argumentos, ela dizia que eu era muito ciumento. Mas em certo momento, irritada, respondeu:
- Se quiser ficar comigo, vai ter que fazer suruba com homens e mulheres...
Em seguida, pegou minha pasta de documentos, que estava ao seu lado, e a atirou em meu rosto. Depois de me atingir, a pasta caiu no chão e se abriu. Minha arma escorregou lá de dentro e eu, em vez de colocá-la de volta na pasta, comecei a atirar. Em seguida, horrorizado ao ver Ângela caída, saí com o carro em disparada e só parei em São Paulo.
Encerrado o interrogatório, voltei para a delegacia. Senti um enorme alívio por estar lá, era muito melhor que falar sobre um assunto que me machucava tanto.
Fiquei um tempo na sala do delegado, esperando que arrumassem um lugar para mim. Tinham transferido alguns detentos para o temido Água Santa e novos presos haviam chegado pela manhã. Nada grave, eram arruaceiros que brigaram num baile pré-carnavalesco. Começaram a reclamar, dizendo que não queriam ficar junto com ladrões e assassinos, então foram para a Malibu. Lá não havia água para banho, lugar para sentar, nada, só as grades e o boi.
O delegado estava bem-humorado. Dizia que, depois da minha chegada, não houve nenhuma tentativa de fuga, apesar de ali estarem detidos homens perigosos, como o Paulista e o Waldemar. Pediu que eu contasse para ele se ouvisse alguma trama. Quando voltei para a cela, a primeira coisa que fiz foi relatar para o Paulista e o Waldemar a minha conversa com o delegado. Muitas vezes, quando papai ia me visitar, o delegado, por gentileza, mandava me buscar para que ele não ficasse de pé no corredor. Nessas ocasiões, o Paulista sempre me advertia para não cair nas esparrelas dos policiais.
O Paulista era assaltante de banco, o Waldemar tinha matado um cara num assalto a uma residência, o Azulão era estuprador e os outros dois eu não sabia. Cabelo havia sido transferido para outra cela, trocado por um traficante. Eu até gostei, pois uma noite despertei e Cabelo estava mexendo no bolso da minha calça. Eu me virei e ele correu para o canto dele. Fingi que não percebi e ficou por isso mesmo. O traficante eu conhecia. Ele tocava violão, e eu vivia mandando recado para ele tocar

alguma coisa, ele era bom de sambão. Seu nome era Sidnei, estava sempre alegre, não recebia visitas nem de advogados. Dizia que não era
65
da região e, quando foi preso, perdeu toda a mercadoria e o dinheiro que tinha. Não queria avisar a família porque pensavam que era representante comercial.
Como faltavam poucos dias para o Carnaval, a gente ouvia os ensaios das escolas de samba. Havia um refrão que eu adorava: "Oi, solta ele, oi, solta ele, solta o Doca. Solta, solta". A disputa pela única janela era um problema sério, muitas vezes tive que interferir para que meus colegas de colégio interno não se agredissem.
VIAJAMOS DE MÃOS DADAS, MINHA MULHER RECOSTADA, DE OLHOS FECHADOS.
Percebi que ela não dormia, reclamava o tempo todo que o avião sacudia. Eu estava preocupado, estava correndo muito risco. Colocava meu casamento em jogo porque queria viver duas vidas. Se tivessem pego a gente no sofá, o barulho teria sido enorme. E de que adiantava eu ficar angustiado, se já tínhamos combinado que nos próximos dias ela viria se hospedar na casa do Francisco, para podermos ficar juntos? Dessa vez ninguém poderia saber, e a desculpa dela era que estaria em Belo Horizonte, visitando a família. A cada dia nosso envolvimento era maior, só pensávamos em armar situações para ficar juntos. As pessoas iam acabar reparando, a amizade entre os dois casais tinha sido bastante repentina.
O avião começou a pousar. O sinal para apertar os cintos apareceu, era melhor tirar aquilo tudo da cabeça e ir levando. Chegar em casa era sempre bom, a realidade aparecia: os filhos, os negócios... a vida como ela era. Nesse ponto a coisa não andava bem, eu parecia um satélite fora de órbita. Qual era minha realidade? Dessa vez, chegar em casa me fez mal, deu uma angústia terrível, estava andando na corda bamba e tinha medo que ela afrouxasse.
Só trabalhei um dia. No dia seguinte, Ângela chegou e eu praticamente me hospedei na casa do Francisco. Esses dois dias dela em São Paulo foram loucos, fizemos de tudo: muito amor, muita bebida. Se a vida fosse só isso... estaríamos no paraíso. Tínhamos um bom anfitrião e ninguém para nos importunar. Nem precisei de despertador para me alertar que estava na hora de voltar para casa. A noiva dele trabalhava e, quando ela chegava, era hora de eu partir. Não sei como tudo aquilo passou despercebido.
66
Ela não fora para Belo Horizonte e eu só cheguei ao escritório depois das sete da noite.
Na manhã de sexta ela voltou para o Rio, e nessa mesma noite minha mulher e eu fomos para lá e nos hospedamos na casa do Ibrahim. No dia seguinte haveria uma grande festa na casa de amigos.
Depois daquele, foram vários os fins de semana juntos. Ou nós íamos, ou eles vinham. Fora isso, Ângela e eu passamos a nos visitar durante a semana. Pegava a ponte aérea bem cedo e às dez, mais ou menos, já estava lá. Voltava à noite. A desculpa era sempre a mesma, ia visitar empreiteiras que participavam da construção da Ferrovia do Aço.
Ela fazia a mesma coisa, vinha e voltava no mesmo dia. Passamos a nos encontrar na casa de uns amigos dela e do Ibrahim que moravam em São Paulo, Joana e Pedro. Ela era uma gracinha e se dava muito bem com Ângela, e ele tinha um negócio de importação, ou qualquer coisa parecida. Algumas pessoas diziam que era sócio do Ibrahim. Apesar de morarem em São Paulo e conhecerem alguns amigos meus, eu não os conhecia.
Aí tudo descontrolou de vez. Estava cada vez mais envolvido com Ângela. Não sei como conseguíamos não ser descobertos... se bem que no meu escritório todos já soubessem que eu estava tendo um caso. Meu comportamento e meus horários me denunciavam. Dois dos corretores, o Dílson Tavares, muito meu amigo e que todos só conheciam pelo apelido de Grande, e o Chiquito, meu irmão de criação, conheciam Ângela. Isso os incomodava, pois também eram amigos da minha mulher.

Naquela época, além dos amigos que conhecia a vida toda, pessoal da minha idade, eu freqüentava também um grupo dos amigos da minha mulher, dez anos mais jovens. Inclusive Ângela. Os dois grupos recebiam e eram muito convidados. Almoços, jantares, festas, sei lá, um número imenso de compromissos sociais. Isso ajudou a esconder por algum tempo a minha situação. Deviam fazer alguns comentários, mas não chegavam aos meus ouvidos. A não ser o Grande, que um dia no meu escritório me passou um pito:

— Sua mulher é muito bacana e gosta de você, ela não merece isso. Converse com ela, conte tudo e façam uma viagem.

Esse era amigo de verdade... mas precisava de mais dez assim. No entanto, não adiantou nada. Sabia que ele tinha razão de sobra. Acontece que eu estava apaixonado, naquele momento conselhos eram inúteis. Não que tenha entrado por um ouvido e saído por outro, não. Pensei muito no que ele tinha dito. Estar apaixonado é uma delícia, mas é uma doença. Ele tinha me

mostrado o caminho, mas deixei pra lá. Escrever sobre isso me faz mal. Paixão é como cachaça, só não tem A. A...

A vida com a minha mulher era gostosa, nunca passávamos o fim de semana em São Paulo. íamos muito para a fazenda do meu sogro, ou para o Guarujá, onde ele também tinha apartamento. Freqüentávamos muito a fazenda de uns amigos em Araras, Ana e Benedito Sampaio Barros, o Bené. A fazenda Cascata era um verdadeiro paraíso, divertidíssima, com muitos quartos, casa sempre cheia, bagunça total. Ninguém sabia receber como eles. Para onde íamos, levávamos nosso filho recém-nascido. Nos fins de semana, na fazenda do meu sogro, sempre tínhamos convidados. Nessas ocasiões eu levava meu filho mais velho, o Raul, que adorava aquele lugar. Na nossa casa também sempre tinha muita gente entrando e saindo, os amigos da minha mulher, os meus, os nossos amigos. E mais ainda, tínhamos o nosso amor, nosso companheirismo. O Grande tinha razão, Adelita não merecia.

Essas coisas são assim mesmo, a gente pensa que é só uma farra sem conseqüência e é fisgado. Aquela altura eu já sabia que isso tinha acontecido, no meu íntimo o alarme já tinha soado várias vezes. Estava dividido e não sabia o que fazer.

Tudo continuava, não havia outro jeito, aparentemente estava tudo normal, mas a minha impressão era que vivia em outra dimensão. Passar juntos três ou quatro horas, duas ou mais vezes por semana, já não era o bastante.

Que coisa, como é o destino... nunca vi colaboração igual. A Brasilos foi contratada pela Andrade Gutierrez para levantar pilastras de pontes da Ferrovia do Aço, no trecho próximo a Itabirito, Minas Gerais. Bom... o contrato serviu como uma luva. Passei a ir duas vezes por mês visitar a obra, pois o meu sócio, um engenheiro argentino, era o encarregado e sempre estava precisando de alguma coisa. Nessas viagens, ficava dois dias em Belo Horizonte. Ângela passou a visitar seus filhos na mesma época. Adorávamos essas estadas em Belo, era como se vivêssemos juntos. Ficávamos no mesmo hotel, jantávamos e almoçávamos juntos. Às vezes, saíamos de noite para andar a pé e acabávamos entrando num cinema. Curtíamos à beça fazer aquilo. O único momento em que voltávamos à realidade era quando ela ligava para o Rio e eu para São Paulo.

Só uma vez encontramos uma pessoa que a conhecia, um ex-namorado. Estávamos jantando de madrugada em um restaurante a poucas quadras do hotel, quando ele apareceu. Aproximou-se, cumprimentou-nos e foi se juntar aos amigos dele, que não a conheciam. Fiquei morrendo de

ciúmes porque ela fez um charminho, desses que toda mulher faz. Fazia isso naturalmente, era sua personalidade. Acho até que não era por maldade, era só para provocar.

Para piorar, no dia seguinte, nós o encontramos novamente numa loja onde estávamos comprando uma Polaroid, pois queríamos nos fotografar nus. Foi um encontro rápido e sem importância, apesar

de na despedida ela ter dito qualquer coisa como: "Quando passar pelo Rio me procura". É evidente que fiquei me mordendo, mas me controlei.
Naquela noite bebemos muito e ficamos doidões. Fotografei-a nua em dezenas de posições, ela também tirou algumas fotos minhas. Foi uma noite de fotos, vodca e drogas. Uma hora, estávamos muito loucos e quebramos o maior pau, porque ela resolveu contar as coisas que fazia com o ex-namorado, aquele que havíamos encontrado. No final acabou tudo bem, nos engalfinhamos não por briga, mas por amor.
Quando a abraçava naquele estado, era só loucura e amor, me perdia completamente em caminhos que nem sei... uma sensação de prazer que fazia meu coração querer sair pela boca.
No dia seguinte fomos para o aeroporto. Enquanto cada um esperava o seu vôo, ficamos grudados e conversando a respeito daqueles dois dias, e eu dizia quanto ela era linda andando despreocupada, sem maquiagem, só com blusa e jéans. Então ela riu e se desvencilhou de mim:
- Se você quiser podemos viver juntos.
E voltou a me abraçar. Nessa hora chamaram meu vôo, e ela conseguiu entrar na pista e caminhar comigo até a escada do avião, me abraçando e beijando até o último instante.
Na viagem vim pensando em como tinham sido bons aqueles dois dias. Será que um dia viveríamos juntos? Tinha olhado dentro dos seus olhos, investigando o que ela queria dizer realmente, e ela falara sério. Agora eu estava com medo de pensar naquilo... era muita loucura. Também me amedrontava continuar com as viagens. Se calhasse de a minha mulher ligar para ela e saber que ela estava visitando os filhos, desconfiaria na certa.
Cheguei em São Paulo e passei pelo escritório, pois o engenheiro argentino tinha pedido que providenciasse na Argentina mais macacos hidráulicos, que eram o nosso principal equipamento. Ele havia almoçado comigo no restaurante do hotel no primeiro dia, um pouco antes de Ângela chegar.
Encontrei minha casa como sempre, com tudo no lugar: mulher, filho... enfim, o calor do lar. Fiquei, como muitas vezes naqueles últimos tempos,

completamente arrasado. Me senti péssimo e, para piorar ainda mais, achei que minha mulher estava desconfiada. Eram muitas viagens e ausências.
A noite, quando Ângela telefonou para bater papo e Adelita atendeu, fiz sinal de que não queria falar, deixando o papo só para as duas, e essa minha impressão aumentou. Com a consciência pesada e com remorso, achei que minha atitude tinha chamado mais atenção ainda. Mas era tudo imaginação, percebi isso mais tarde, quando não tinha mais criança, empregado, telefonema, nenhuma providência a tomar, e ficamos sozinhos no nosso quarto. Fiquei tão aliviado que quis pôr fim a toda aquela loucura.
No dia seguinte, cheguei tarde ao escritório, estava de novo com ressaca moral. A primeira coisa que fiz foi dar ordens à Cida para não passar as ligações da Ângela. Fui levando com esforço aquela resolução. Cida me avisava toda vez que ela telefonava. Continuei firme, apesar das saudades e dos pensamentos que me pegavam desprevenido. Do que valia a vida sem Ângela? Valeria a pena pôr em risco minha relação com meus filhos? E minha mulher?
Alguns dias depois, Cida foi até minha sala. Tinha um recado da Ângela, mas não queria que ninguém ouvisse.
— Nossa, seu Doca, ela está uma fera... disse que, já que o senhor não queria atender, que fosse à puta que o pariu.
Na verdade, aquele papo no aeroporto da Pampulha me assustara. Não por causa de Ângela, por minha causa. Sentia que estava muito envolvido e tudo estava caminhando naquela direção. Tinha que meter o pé no freio. Depois do recado malcriado, ela passou uns dias sem ligar. Quando ligou novamente, a Cida subiu e me avisou:
— Ela mandou dizer que, se o senhor não atender, ela nunca mais falará com o senhor.

A danada tinha conquistado minha secretária. Toda vez que ligava, conversava um pouco com ela. Concordei em atender o telefone, afinal ela não havia feito nada que merecesse aquele tratamento e, além do mais, eu estava com saudades.
Não tive tempo de dizer alô.
— Não estou entendendo nada. Quando nos despedimos estava tudo bem, por que você está me tratando assim?
Continuou desabafando por mais algum tempo. Quando consegui falar, fui sincero, contei todos os sentimentos que tomaram conta de mim
70
quando cheguei em casa e que estava assustado com a possibilidade de abandonar tudo por causa dela. A resposta foi mais ou menos assim:
- Não leve aquela conversa a sério. Se bem que a gente fica o tempo todo pensando o que fazer para ficar perto um do outro. Quantas festas e fins de semana a gente vai ter que inventar ainda? Ontem quebrei o pau com o Ibrahim e vim passar o dia aqui. Estou na casa da Joana, vem até aqui e almoça com a gente.
Concordei em ir, mas avisei que não poderia demorar, era sexta-feira e eu iria para a fazenda.
Fui para o almoço preocupado, não porque tinha cedido e ia ver Ângela, isso eu queria e muito. Mas estava em dúvida se era amor ou apenas uma relação doentia. O que estávamos tendo afinal? Tirando alguns momentos em Belo Horizonte, tinha sido só embalo e cama.
Ao encontrar Ângela, como sempre, todas as dúvidas desapareceram. Eu ficava tranqüilo e não pensava em mais nada.
O almoço foi ótimo, Joana sabia tudo de culinária. Era uma graça, e muito alegre, birinha, saltitante. Serviu uma macarronada com todos os ingredientes, mais vinho e licor. Depois ouvimos música, dançamos e, é claro, nos embalamos com pó e fumo. Quando saí as duas estavam animadíssimas. Foi difícil, elas se dependuravam em mim rindo e dançando, mas não tinha outro jeito, tinha que partir.
NÃO CONSEGUI DORMIR NAS NOITES SEGUINTES. EU ME SENTIA como numa missa de sétimo dia: quando quem ficou começa a se conformar, aí vêm a missa, os amigos, a tristeza, e volta a emoção.
Eu me distraía com o violão e a voz do Sidnei e com o garoto, que se tornou meu amigão. Ele passava o dia no corredor contando vantagem e relatando os assaltos que havia praticado. Como ele estava sempre no corredor, o delegado obrigou-o a prestar serviços. Tudo tinha de estar sempre limpo, e na hora das refeições era ele que entregava a comida nas celas. Por conta disso, o Luiz ficava mais com a gente. Só saía quando tinha de fazer algum serviço na rua. Era um cara tranqüilo, mas nenhum dos presos na delegacia sabia qual crime havia cometido. Não devia ser nada grave, senão ele não andaria pela cidade
71
prestando serviço para o delegado e para os funcionários. Ele gostava quando o chamavam, porque ganhava gorjetas. Às vezes, quando papai não estava (e isso era raro), o carcereiro deixava que buscasse sanduíches, café ou revistas para mim. Dormia na cama com o Waldemar, que o cobria todas as madrugadas, quando a carceragem ficava mais tranqüila. Muitas vezes assisti aos dois em ação. Entre os companheiros ninguém comentava nada, talvez pela fama de sujeito perigoso que o Waldemar tinha.
Quando faltavam dois ou três dias para o Carnaval, a delegacia ficou movimentada. Toda madrugada entrava um bando de bagunceiros completamente bêbados, e iam direto para a Malibu. Se ficassem numa boa, depois de doze horas e de uma bronca do delegado eram soltos. Os metidos, que perguntavam: "Sabe com quem está falando?", estes ficavam mais 24 horas, sem direito a telefonema, a banho, a nada.
Os demais — ladrões, batedores de carteira e traficantes — eram fichados e iam para as celas

normais. Os baderneiros iam para a Malibu por consideração do delegado, que sabia que, se fossem para as celas normais, seriam assediados pelos outros presos e teriam de tomar muito cuidado para não se machucarem seriamente. Dar uma de bravo na cadeia é arrumar problema na certa. O mais esperto que eu vi, quando levou o primeiro tapa, começou a urrar, pediu por socorro, gritou e chorou. Berrou tão alto que resolveram tirá-lo de lá. Então ele pediu que o deixassem ir embora, porque estava com tanto medo que tinha se mijado todo. Como não cabia mais ninguém na "Malibu" naquela noite, o algemaram nas grades, do lado de fora.

Depois das três da manhã, todas as celas estavam cheias. Na minha entraram mais quatro. Tiveram que pagar pedágio. Mandaram que limpassem a cela e pagassem café e sanduíches, tudo sob o comando do Azulão. Quando os quatro chegaram, avisei que, se apanhassem ou sofressem qualquer tipo de assédio, eu pediria para mudar de cela. Era tudo o que meus companheiros mais temiam, já que, comigo ali, tinham a maior mordomia.

Os quatro dias de Carnaval foram igualmente tumultuados. Um entra-e-sai o dia todo. Houve muitos assaltos a residências, o delegado estava ocupadíssimo. Um dia ele chegou à carceragem, mandou o carcereiro abrir a cela onde eu ficava, entrou e sentou na minha cama:

— Estou exausto, preciso de um bom cafezinho.

71

Azulão o serviu imediatamente. Depois do café, o delegado ficou batendo papo, falando sobre coisas as mais variadas. Então se levantou e disse que eu deveria ir com ele até o pátio. O pátio era grande, todo cercado por um muro alto. Não me lembro se eram tambores ou uma bancada que havia lá. Disse que ia fazer tiro ao alvo e que era para eu ajeitar algumas garrafas que estavam no chão. Fiz isso e assisti aos primeiros seis tiros que ele deu, com um revólver calibre 38.

Do pátio, fomos para o escritório dele, que tinha janelas enormes que davam para a rua. Como estavam escancaradas, aproveitei aquele momento para ver a rua e o movimento. Só quem já esteve preso pode saber o valor de, pelo menos, olhar a liberdade.

No escritório estava um camarada de estatura mediana, que, apesar de não ser tão velho, tinha o rosto todo enrugado. Aquele personagem chamou minha atenção pela atitude. Estava esperando no sofá e, quando entramos, continuou naquela posição. Deu uma risadinha quando nos viu. Estranhei, pois dr. Newton era temido, seus auxiliares o tratavam com o maior respeito. Ninguém agia daquela forma na frente dele.

— Quero que conheça meu auxiliar e amigo. Apresentou-me a figura, que se levantou e estendeu a mão. Dr. Newton riu:

— Quando saio em missão perigosa, ele sempre está do meu lado. É rápido, eficiente, não erra um tiro. Ele acha que você não matou a vítima. Se abre com a gente. Foi algum traficante? Ou vai puxar uma cadeia para proteger um criminoso?

Dei risada, e mais uma vez expliquei que não estava encobrindo ninguém. O amigo do delegado entrou na conversa.

— Você era casado com mulher rica, não era? Respondi que sim. Ele continuou: — E cometeu um crime desses...

Balancei a cabeça afirmativamente, e ele riu com desdém:

— Então você é muito burro.

Dei um salto e levantei, mas o delegado mandou que me sentasse.

— É verdade, Doca. O que você fez foi pura burrice. E agora, conhecendo você e seu pai, dois cavalheiros, não acredito que seja capaz de cometer um crime desses.

73

Com a graça de Deus, papai chegou cinco minutos depois, e o dr. Newton liberou a sala dele para que ficássemos à vontade. Chamou seu amigo e os dois saíram.

ACHO QUE FOI NA ÚLTIMA NOITE DE CARNAVAL. DE MADRUGADA, entrou na minha

cela um rapaz, aparentemente menor de idade, que tinha sido detido por carregar uma grande quantidade de maconha. Baixo, olhos azuis, cabelos loiros encaracolados até os ombros. Parecia uma moça. Quando ele entrou, o Paulista estava queimando um baseado no boi. Para disfarçar o cheiro, tinha pendurado uma trança feita com tiras de saco de estopa no cano de água que ficava em cima do boi e acendera a trança, supostamente para tirar o cheiro de fezes, urina e, por que não dizer, de gente.

O Paulista apagou o baseado e começou a estender uma toalha no chão, ao lado de seu colchonete. Em seguida, fez sinal para que o menino se aproximasse e se ajeitasse no colchonete dele. Ele ficaria na toalha. O garoto se assustou com tanta consideração, encostou a bunda nas grades e deu uma cutucada no meu braço. Não sei se foi de propósito ou por desespero. Quando olhei para ele, sua cara era de pavor. Eu estava deitado e tinha assistido à cena desde o começo. Falei para ele sentar no chão, ao lado da minha cama, de costas para as grades. Pedi, pela nossa amizade, que o Paulista o deixasse em paz. O Paulista me olhou com cara de poucos amigos. Moçambava levantou-se e ficou me encarando de maneira estranha. Resmungou que o xerife naquela cela era ele. Continuei sentado, e sem me exaltar argumentei:

— Pedi pela nossa amizade, não vejo nada de mais nisso.

O menino sentou-se com as pernas dobradas, pôs a cabeça entre os joelhos e ficou umas duas horas olhando para o chão. Lá pelas cinco da manhã, o delegado substituto apareceu junto com um militar e os dois o levaram. Tenho certeza de que o Paulista e o Moçambava teriam se dado mal se tivessem abusado daquele menino, pois o militar voltou sozinho até a cela e, com cara muito séria, me chamou. Deu o seu nome, o batalhão onde servia, o telefone de lá. Disse, olhando para todos na cela, que, se eu precisasse de alguma coisa, era só procurá-lo.

Mas não adiantou muito ter ajudado esse garoto. Em 1984, fui transferido da penitenciária Lemos de Brito, no centro do Rio, para a penitenciária Vieira Ferreira Neto, em Niterói. Como tinha um bom comportamento, trabalhava na secretaria, era arquivista. Um dia ele apareceu, vindo do presídio da Ilha Grande. Era homem feito, 1m 80, corpo de atleta, mas completamente perdido. Tinha em sua ficha: assalto à mão armada e tráfico de cocaína. Era bissexual declarado. Não o reconheci. Percebi no dia em que chegou que sorria para mim e, dias depois, quando foi liberado para o convívio, ele me procurou e se identificou. No domingo seguinte, durante a visita, apresentou-me sua namorada, moça muito linda. Ou melhor... ele nos apresentou, pois eu estava com Marilena, minha atual esposa.

O último arruaceiro que entrou na "Malibu" no Carnaval de 1977 foi um argentino. Foi, no mínimo, inesquecível.

Ele chegou à carceragem nas primeiras horas da quarta-feira de Cinzas, lá pelas quatro da manhã, completamente bêbado, acompanhado de policiais militares e de investigadores. Não sei o que tinha feito, mas dava para ouvir o berreiro e o barulho a um quarteirão. Quando abriram a porta que dava para o corredor da carceragem, vimos uma nuvem de policiais militares e civis, dando pontapés e socos. De vez em quando, um dos policiais saía voando e se esborrachava contra a parede ou caía no corredor. Passaram em frente às celas, em direção à Malibu, e dois ou três minutos depois jogaram o indivíduo lá dentro. Durante todo o trajeto, o argentino berrava:

— Mucho peor que la policia de Perón. Voy a quejarme con el cônsul...

Só pude vê-lo 24 horas depois, quando ele foi libertado e passou por nós, cercado por uns dez policiais, pedindo desculpas e querendo saber o que tinha acontecido. Parecia uma parede, tinha uns dois metros de altura e estava em ótimo estado. Pude vê-lo bem de perto, porque pararam um segundo em frente a minha cela. Ele tinha dois palmos a mais que os policiais e sua mão parecia uma raquete de tênis.

O Carnaval acabou e tudo voltou à rotina na delegacia. Novos presos entravam, outros eram transferidos, cartas e mais cartas chegavam todos os dias.

Já estava na delegacia de Cabo Frio havia quase três meses; nesse tempo todo fui assistido por papai, Paulinho Badhu, Ivo e Ester. Mamãe,
75
meu irmão Luiz Carlos e meu padrasto Luiz da Cunha Bueno vieram algumas vezes de São Paulo.
Das cartas que recebia, só respondia às de pessoas que conhecia. A maior parte das cartas era de mulheres, mas havia também muitas de pastores de seitas de que eu nunca tinha ouvido falar. Às vezes eu recebia recados de mamãe, dizendo que um advogado tinha ligado, propondo me tirar da cadeia imediatamente, e é claro que pedia certa quantia de dinheiro. Por conselho do dr. Evandro, sempre concordamos em ter esses serviços, mas só pagaríamos quando eu estivesse com o alvará de soltura.
UM DIA ANTES DE SER INTERROGADO PELO JUIZ DA COMARCA DE Cabo Frio, recebi novamente a visita do jornalista Salomão Schwartzman.
Estava sentado na minha cama, lendo jornais para ver se esquecia o calor que fazia naquele dia, que estava deixando todo mundo desesperado. Às vezes, ensopava o lenço em água mineral e passava no rosto. Estava fazendo isso quando o carcereiro apareceu e me levou à sala do delegado.
Quando entrei, dei de cara com o Salomão. Gostei de vê-lo, afinal ele tinha publicado o que eu dissera em minha primeira entrevista, sem inventar histórias.
Ele queria outra. Não lembro se veio de surpresa ou se eu já o esperava. Logo estávamos conversando, o dr. Newton, ele e eu, enquanto o fotógrafo fazia o seu trabalho. Na entrevista, o delegado disse que, ao me conhecer, mudou de opinião sobre o meu caráter. Contou que eu me relacionava bem com todos, tanto com policiais como com meus companheiros de cela. Falamos também sobre Ângela, mas, por sorte, quando ele começou a entrar mais fundo nesse assunto, papai entrou na sala. Com a presença do velho, a entrevista ficou mais formal. Logo depois, o delegado achou que eu deveria levar o Salomão e o fotógrafo até a carceragem, para conhecer a minha cela e meus companheiros. Só pediu para não mostrar a "Malibu".
Fomos até a cela, apresentei meus companheiros e conversamos por uns quinze minutos. O fotógrafo ficou muito à vontade, tirou uma dezena de fotos e, em seguida, nos despedimos.
Algum tempo depois, fiquei sabendo que o juiz, ao tomar conhecimento dessa entrevista, me transferiu para o Água Santa. Mas o que
76
mais estranhei foi o que aconteceu com outros crimes que ocorreram na época. Um pintor conhecido cometeu um assassinato quando eu já estava preso. Matou um homem a tiros, só porque deram um encontrão na calçada em que caminhavam. Posso até entender que uma pessoa transtornada possa cometer um crime sem sentido. Não consigo compreender, no entanto, como esse pintor foi absolvido sumariamente, pouco tempo depois.
Durante o período em que estava fugindo, me escondendo por aí, preocupado com o que a imprensa dizia a meu respeito, houve em São Paulo outro assassinato que deveria despertar o interesse da imprensa. Pois o crime havia sido cometido pela filha de um figurão. Ela estava tendo um caso com o guarda-noturno de sua casa. Para livrar-se do marido, ela e o amante planejaram pôr fogo na casa enquanto ele dormia. Mas o crime quase não teve divulgação. Nos jornais, saíram apenas algumas linhas a respeito. Não porque eram pessoas desconhecidas, por quem os leitores não teriam interesse. Não, nada disso. O pai da moça, que eu conhecia desde criança e que sempre mereceu meu respeito e admiração, era uma das pessoas mais importantes do país, e sua empresa era e é a maior do seu ramo. A imprensa pura e simplesmente não divulgou o caso.
O tratamento que o meu caso recebeu foi completamente diferente. Durante vários anos fui capa das revistas de maior circulação. Só na Veja fui "contemplado" com pelo menos duas capas; no Globo Repórter, apareci sei lá quantas vezes; na Manchete[7]. Salomão que o diga. Aliás, não posso me queixar de Salomão. Nas duas ocasiões em que me entrevistou, publicou na íntegra o que lhe relatei.

Isso tudo me deixa triste e descrente do ser humano. Não sou santo: cometi um crime e paguei por ele. E não queria que o pintor fosse preso. Só cito o fato para mostrar que coisas estranhas aconteciam. Por quê? Talvez porque vivêssemos, na época, um período difícil, por conta da ditadura dos generais, no qual empresários e amigos talvez tivessem regalias.
CHEGAMOS À FAZENDA EM RIO CLARO, A 120 QUILÔMETROS DE SÃO Paulo, por volta da meia-noite. Dona Alicia e Nicolau, pais de minha mulher, e meus cunhados já estavam lá. Era um grupo alegre. Um de meus
77
cunhados, o mais velho, Nico, era casado com Marina Campelo, minha amiga de muitos anos. Minha cunhada, Analicia, era noiva de um advogado tributarista que mais tarde se tornaria um empresário muito importante e senador da República por alguns anos. Nos dávamos muito bem. Os dois irmãos mais moços, Eduardo e Rodolfo, eram ótimos companheiros. Gostava daquela família. Meus sogros tinham quatro casais de amigos que eram convidados constantes. Dois dos maridos eram professores doutores em medicina, Edmundo Vasconcelos e dr. Bernardes de Oliveira; os outros eram o presidente do Metrô na época, dr. Dario de Abreu Pereira, que por sinal era um homem muito engraçado, e um intelectual e jornalista, de um carisma fora do comum, dr. João de Scatimburgo. Era um prazer ouvir e participar das conversas de um grupo assim.
Como fomos os últimos a chegar, quando aparecemos já havia uma mesa de tranca formada, gente na sala batendo papo e o pessoal mais moço na sala de cinema, onde também tinha uma mesa de sinuca e outra de pingue-pongue. Fui sentar junto à turma da tranca, numa sala que era a menor da casa, mas a mais movimentada. Tinha a mesa de jogo, um sofá, uma poltrona de couro, estante com livros, jornais e revistas, e o bar. A sala dava para um grande terraço. Como todos ali prestavam atenção no jogo, dei uma sapeada e me servi de um uísque. Resolvi telefonar para a casa da Joana. No embalo em que as tinha deixado, com certeza estavam acordadas, apesar do horário... dormindo não poderiam estar. Quem atendeu foi Pedro. Pelo volume da música e das vozes, percebi que havia uma festa. Depois dos "olás", pedi para falar com Ângela.
- Vou chamá-la, ela está dançando.
Conversamos um pouco, ela disse que ia para o Rio no dia seguinte bem cedo, porque o Ibrahim já tinha telefonado várias vezes. Perguntei quem estava lá.
— Uns amigos da Joana e um amigo meu de Belo.
Lembro bem o que senti quando ela disse aquilo. Pensei imediatamente no ex que tínhamos encontrado algumas semanas antes. Continuamos o papo por algum tempo e quando desliguei meu humor era outro. Fiz muita força para não dar bandeira. Tomei alguns caubóis e agüentei firme, não fiquei embriagado.
Substituí um dos parceiros quando ele foi dormir. Jogando e bebendo, tirei aquilo da cabeça. Afinal, o fim de semana estava apenas começando e eu ia aproveitá-lo. Foi o que aconteceu, não pensei mais nela nem em com quem
78
dançava. No domingo à noite, quando tínhamos acabado de voltar, o telef$_{on}$e tocou. Era ela. Falou por um bom tempo com minha mulher, e ouvi $_{ao\ m}$enos o acerto que fizeram. Ou eles vinham ou nós íamos.
E as coisas estavam acontecendo numa velocidade fora do normal. Será que nossos cônjuges encaravam tudo aquilo como uma amizade tão agradável que queríamos estar sempre juntos?
O que sei é que duas semanas depois estaríamos no Rio, passando o fim de semana. Ficaríamos hospedados no Copacabana Palace, pois eu tinha que ligar para um empreiteiro de Campos que encontraria na segunda e achei que o hotel era mais apropriado.
Nesses quinze dias estive com Ângela várias vezes, ou na casa da Joana ou indo para o Rio e voltando no mesmo dia. No nosso último encontro combinamos uma passada rápida por Petrópolis,

para termos pelo menos 24 horas só para nós.
Teria mesmo que me encontrar com o empreiteiro, tinha esse compromisso. Só precisava arranjar um jeito de ficar lá mais dois dias para ir a Petrópolis.
O fim de semana no Rio foi normal, com os programas de sempre. Fiz um único telefonema para o empreiteiro, que confirmou nosso encontro na segunda. No domingo, nós quatro almoçamos no Anexo do Copacabana, na piscina. Lá era e é sempre agradável. Mais tarde levei minha mulher para o aeroporto. Adelita tinha compromissos em São Paulo, móveis para entregar, coisas do gênero. Não sei se eu estava ansioso ou se havia feito algo estranho, mas achei-a pouco à vontade na hora de embarcar.
No hotel, pedi na portaria que me alugassem um Galaxie e fui para o apartamento de Ângela, que já estava me esperando com uma pequena mala de mão. Por precaução, ficamos lá um pouco para ver se Ibrahim telefonava. Fiz dois telefonemas, o primeiro para Chiquito, que sempre estava a par de tudo o que se passava na minha vida. Dei para ele o telefone do hotel em que íamos ficar. O segundo, duas horas depois, foi para casa. Queria saber se a viagem de Adelita tinha corrido bem.
Esperar por Ibrahim era bobagem. Eu sabia que ele tinha uma namorada casada e que ia jantar com ela. Eu a conhecia, era uma loira linda. Às vezes, quando estávamos sozinhos, ele falava dela.
Saímos quando Ângela teve certeza de que podíamos ir sossegados.
A viagem foi ótima. Dirigi bem devagar, curtimos cada momento, namoramos, ouvimos música e mandamos uns baseados. Quando chegamos,

estávamos famintos e resolvemos comer num restaurante francês que elo conhecia. Assim que descemos do carro, ela abriu uma sacola que havia trazido, tirou um manto de vison e o vestiu. A noite era fria mas agradável. Estacionamos perto de uma grande praça e resolvemos caminhar um pouco. Ângela estava linda, elegantíssima. Ria com os olhinhos brilhando felizes. Brincava completamente à vontade.
Demoramos um pouco para chegar ao restaurante, de tanto que paramos para beijar, rir e brincar. Nunca esquecerei aquela caminhada curta. Se a felicidade é feita de momentos, aquele seguramente foi um.
Tive a impressão de estarmos perto do centro pelo trânsito. Apesar de a família Street ser de lá, eu não conhecia a cidade. Tinha estado em Teresópolis, ali perto, onde minha primeira mulher, Glorinha Mariano, tinha uma ótima casa.
Só de madrugada fomos para o hotel, o Hotel das Flores, que ficava no pico de uma montanha. Nossa estada foi breve. No dia seguinte, acordamos e tomamos café-da-manhã no terraço, para aproveitar a vista. Estávamos ali conversando... quando o telefone tocou. Era o Chiquito:
— Deu bode, sujou a barra. Sua mulher telefonou... o Ibrahim não acha a Ângela e ela quer saber onde você está. Eu disse que ia telefonar para a empreiteira, interromper a reunião e pedir para você telefonar assim que possível.
Quando voltei para o terraço e contei o que estava acontecendo, Ângela riu e só fez um comentário:
— O que é bom dura pouco.
Bom, que remédio. Voltamos para o Rio. A viagem foi tranqüila, o dia estava lindo, paramos umas duas vezes para apreciar a vista. Nada falamos que pudesse estragar aquele passeio. Chegando ao Rio, deixei Ângela em seu apartamento e fui para o aeroporto. Devolvi o carro e entrei no primeiro avião da ponte aérea rumo a São Paulo. Teria de tomar cuidado e fazer de tudo para não piorar a situação.
Fui direto para o escritório. Liguei para Campos e falei com o meu sócio, queria saber tudo sobre a reunião. Em pouco tempo fiquei a par de todos os detalhes. Depois conversei pessoalmente com Chiquito. Ele estava preocupado.
As oito da noite, como sempre, cheguei em casa. Embora tivesse estado calmo o dia todo, quando entrei em casa me sentia péssimo, com um aperto enorme no peito. Fui para a sala de sinuca e fiquei

lá por uns
80
minutos, jogando sozinho. Precisava me acalmar. Finalmente desci para o meu quarto. Minha mulher estava no telefone, desconfiei que falava com Ângela. Quando desligou, sorriu para mim. Ela era muito inteligente, tentar enrolá-la seria besteira. Fiquei esperando, andando de lá para cá, liguei aTv. Como ela não tomou iniciativa, comecei a contar que Chiquito havia telefonado e me encontrado na empreiteira, e que assim que pude tinha voltado, deixando que o argentino continuasse as reuniões. Ela me olhou e chorou. Imediatamente fui abraçá-la. Continuou chorando e disse que eu já não gostava dela. Não sei descrever o desespero que senti nessa hora.
Tinha medo de perdê-la. Lembro do que pensava naquele instante. Eu a amava, não queria fazê-la sofrer... Estava sendo muito egoísta. Sofria tanto quanto ela. Pedi que olhasse para mim e jurei que estava enganada. Eu a amava muito. Estava tão confuso que resolvi ficar quieto. E esperar que as coisas tomassem o rumo que tivessem de tomar. Afinal, de que adiantava tudo aquilo? Eu sabia que ela estava desconfiada. Estaria sempre alerta, e sofrendo por causa disso. As coisas tinham saído de controle, eu estava dividido, precisava de Adelita, mas não podia ficar sem Ângela.
O olho do furacão passou. Ficamos abraçados por um tempo, ela enxugou as lágrimas e fomos para a cama. Fizemos amor durante horas. Adorava fazer amor com ela.
Ao contrário das outras vezes, não fiz para mim mesmo nenhum juramento ou promessa que não cumpriria. Meu radar estava ligado, eu tinha que tomar mais cuidado. Talvez eu não estivesse enxergando bem o que se passava. Ângela e eu estávamos grande parte do tempo drogados e fazíamos quase tudo por impulso. Que vida era aquela? O que queríamos?
A amizade entre os dois casais continuou, assim como minhas idas e vindas para o Rio e, evidentemente, até a casa da Joana.
Minha mulher resolveu dar uma grande festa para nossos amigos de São Paulo e do Rio. Ângela e Ibrahim seriam nossos hóspedes. Ibrahim era o cronista social mais importante da época. Na coluna dele não havia só fofocas sobre a alta sociedade. Ele comentava os bastidores do poder. Tinha atravessado vários governos, falava de negócios, bolsas de valores e do Htiti internacional.
Durante a festa ele faria uma entrevista com a dona da casa para o Fantástico. A festa tinha que ser bem planejada, a lista de convidados seria enorme. Minha mulher era empresária, e reunir amigos, mulheres e homens de negócios das duas maiores cidades do país poderia ser importante,
81
além de divertido. Se tudo desse certo, isso divulgaria sua imagem como empresária e pessoa do jef sef. O pai de Adelita era um homem importante no cenário nacional, e ela era ambiciosa, queria ter seu próprio espaço.
Não me preocupei muito com a festa, que era muito grande e demoraria para acontecer. Fora isso, tinha esperança de que nunca se realizasse. E tinha um grande complicador: meu caso com Ângela estava longe de acabar. Muitas vezes, no embalo, planejávamos nossa união definitiva.
Que tempos loucos aqueles. Ângela estava sempre por aqui, hospedada com Joana. Nessas ocasiões eu chegava ao meu escritório às quatro ou cinco da tarde. Passava o dia com ela na casa da amiga. Chegava lá para o café-da-manhã às nove, almoçava e só então ia tratar de negócios. Novas viagens para Belo voltaram a acontecer.
Minha vida era tão louca que eu tinha a impressão de que minha família era que estava na paralela, e não a loucura com Ângela.
Além de Joana, estávamos sempre com o Francisco. Quando começamos a pensar que mais cedo ou mais tarde moraríamos juntos, foi ele o primeiro amigo que discutiu o assunto conosco. Foi na casa dele que falei pela primeira vez que gostaria de morar em Búzios. Mas achávamos que eram planos, apenas planos. Nada indicava que seriam para logo. É verdade que não perdíamos nenhuma oportunidade de estar juntos. Sempre que telefonava para Ângela e perguntava: "Amor, como vai?",

eu ouvia a risada: "Planejando nosso próximo encontro". Realmente tínhamos que planejar, pois ela morava no Rio e eu em São Paulo. Então, em princípio, não levava a sério a idéia de morarmos juntos.
Muitas vezes, depois de passar boa parte do dia com Ângela, eu ia para o escritório e, mais tarde, chegava em casa, tomava um banho e ia jantar na casa do Francisco. Então me encontrava com ela novamente. E não era só isso. As vezes, Ângela não ficava na casa da Joana e se hospedava na nossa. Lembro de ficarmos os dois assistindo à TV na cama com Adelita. Nessas ocasiões ela brincava: "Seríamos felizes os três". Uma vez, depois que minha mulher foi dormir, fui para a cama de Ângela e fiquei lá até amanhecer. Acho que curtíamos mais esses momentos de perigo, a adrenalina ficava a toda.
Não me lembro quando, mas fomos passar um fim de semana na fazenda e, como Ângela estava aqui, ela foi com a gente. Uma amiga de quem ela gostava muito telefonou, pouco antes de sairmos. Como só íamos nós, convidamos a amiga também. Já a conhecíamos de um dos almoços do Ibrahím, chamava-se Maria Antonia, era do Norte. Foram dois dias de
82
imprudência: p$_{asse}$ios a pé, a cavalo, piscina, além de, é claro, bebida, fumo. Minha mulher sabia das drogas, nunca usei nada escondido, mas ela não participava, não era a dela. Depois do jantar, jogamos baralho e, no co$_{me}$ço da madrugada, minha mulher e eu fomos dormir. As duas continuaram conversando, estavam ligadíssimas. E eu também, mas fui para o quarto.
Sempre gostei de ler, principalmente antes de dormir e ao acordar. Mas naquela noite eu estava ligadão, não me concentrava na leitura e o sono, é óbvio, não veio. Uma hora levantei, lavei o rosto e fui andar pela casa, tinha esperança de encontrar as convidadas acordadas. Já no corredor vi que havia luz no quarto delas, bati de leve, foi a amiga que abriu a porta. Era uma pessoa muito agradável, apesar de estranha. Tinha cabelos curtos, corpo proporcional, olhos claros. Não era linda. Estava de pijama de flanela, era uma madrugada fria. Entrei e comentei que sabia que elas estavam ligadas. Sentei na cama de Ângela, e a amiga também. Queríamos mandar mais uma. Depois resolvemos que um uísque ia dar estabilidade, e fui até o bar buscar uma garrafa. Quando voltei e entrei no quarto, elas estavam se beijando. Não se incomodaram com minha chegada. Quando vi a cena, não sabia o que fazer, então me juntei a elas. Nada de sério aconteceu, ficamos molhando a boca com uísque e nos beijando.
O dia clareou, e ouvi o barulho dos trabalhadores e de cascos de cavalo. Logo teria gente andando pela casa. Apesar de ligadíssimo, fui caminhando até a porta, elas vieram junto, me beijando e rindo, me puxando, brincando de fazer barreira para eu não sair. Voltei para perto da cama, peguei a garrafa e o balde de gelo e levei de volta para o bar. Não queria saber de fofocas entre os empregados da casa.
Entrei no meu quarto e, como estava tudo em silêncio, enchi a banheira com água bem quente. Fiquei lá por muito tempo. Depois fui para a cama e pensei em Maria Antonia até dormir. Seus olhos transmitiam um tipo estranho de inquietação misturada com angústia. Conheci algumas amigas de Ângela que eram assim. Eram inquietas, e se aproximavam dela para extrair alguma coisa, atenção, carinho. Ela atraía esse tipo de pessoa. Acho que Ângela ficava com pena delas e chamava para si a responsabilidade de ser amiga, de ouvir suas tristezas, uma espécie de pára-raios. Só acordei quando a empregada trouxe o café-da-manhã.
Voltamos para São Paulo depois do jantar. A fazenda era perto e chegamos logo. Instalamos a moça num dos quartos e fui olhar meu filho. A babá e ele dormiam. Então fui andar pela casa. Fazia isso constantemente, já
83
havia surpreendido o guarda dormindo várias vezes. Olhava principalmente as janelas, que eram enormes e de correr. Tinham trancas especiais e, se estivessem trancadas, era impossível abri-las por

fora. Só ia dormir depois de ter certeza de que estava tudo bem fechado. Eu tinha medo, já haviam assaltado duas casas na vizinhança. Fui para o meu quarto.
No dia seguinte, logo cedo, o motorista levaria as duas para o aeroporto, e a vida na minha casa voltaria ao normal. Só a vida da casa, é claro. A minha estava irremediavelmente de ponta-cabeça.
DIAS DEPOIS DO CARNAVAL, OUVI BOATOS DE QUE SERIA TRANSFERI-do para o presídio de Água Santa. Na primeira oportunidade, perguntei ao delegado se era verdade e se ele poderia conseguir que eu permanecesse em Cabo Frio. Ele respondeu:
— Quem manda é o juiz, ouvi dizer que a promotora pediu sua transferência. Se ele acatar, não posso fazer nada. Aliás, posso fazer sim. Vou levá-lo pessoalmente e recomendá-lo ao diretor.
Aquilo não me deixou nada tranqüilo. Tinha visto vários presos sendo transferidos, e todos saíam apavorados. Dois dias depois, lá pelas nove da manhã, avisaram que o delegado e uma pequena escolta já estavam à minha espera. Tinha de pegar as minhas coisas e sair imediatamente. O carcereiro trouxe minha mala, que estava no cartório. Ele e um policial militar ficaram dentro da cela esperando que eu me aprontasse. Quis sortear a cama e o colchão entre meus companheiros de cela, mas fui impedido pelo carcereiro. A cama, se eu concordasse, ficaria no quarto dos carcereiros. Despedi-me dos colegas e fui escoltado até a sala do delegado. Ele mesmo colocou as algemas, e justificou-se dizendo que era obrigado a seguir regras. Depois cumpriu a promessa que fizera e me acompanhou, junto com três policiais de sua confiança. Não quis que eu fosse de camburão. Usamos uma perua Chevrolet. Quando estávamos saindo, Ester chegou e aproveitei para pedir que avisasse papai e o Paulinho Badhu da minha transferência.
Tudo correu bem durante a viagem. Todos conversavam animados, até eu, que disfarçava o meu terror. Paramos duas vezes a meu pedido, uma para tomar um café e outra para almoçar.
A chegada ao Água Santa foi calma. Depois que o pessoal do presídio assinou os documentos da minha transferência, não vi mais o delegado

nem a escolta. Dois guardas me levaram para uma sala enorme e $_{m}$e largaram sozinho por algum tempo, até aparecer um camarada, q$_{ue}$ perguntou se eu queria cortar o cabelo e fazer a barba. Não fazia barba ou cabelo desde que saíra de São Paulo, parecia o conde de Monte Cristo. Pedi que deixasse o bigode, à moda antiga, com a ponta torcida. Esse cara, que estava preso ali havia muitos anos, me ajudou muito nos primeiros dias.
Em poucas palavras, explicou como funcionava o presídio, como era a disposição das galerias, como deveria tratar os guardas e os companheiros. Alertou-me quanto ao diretor: era um homem justo mas muito exigente, principalmente com a limpeza do presídio. Se um interno jogasse papel ou cigarro no chão, isso era considerado falta grave; se fosse pego com drogas, teria que responder a mais um processo; parar na galeria e conversar com um interno de outro cubículo, só com autorização ou acompanhamento de um agente penitenciário. Enumerou uma série de coisas que eu não devia fazer, e outras que podia ou devia, se quisesse viver razoavelmente bem ali. Explicou também que aquela era uma prisão de espera. Em princípio, ninguém ali estava cumprindo pena. Ou o camarada estava esperando o resultado do seu processo, ou estava de castigo. No meu tempo, pelo menos, não havia banho de sol, era só concreto armado e grades.
No Água Santa, todos os cubículos — no Rio de Janeiro não se diz "cela", e sim "cubículo" — eram trancados. Só o meu, o C-1, ficava aberto durante o dia, pois os internos trabalhavam na administração. Às cinco da tarde todos deveriam estar de volta, então o cubículo era trancado e reaberto às sete da manhã. Acho que foi o dr. Newton que deu um jeito de eu ir para lá.
O guarda que me acompanhou andava depressa. Subi várias escadas, passei por corredores e galerias até chegar ao C-1. Assim que entramos, ele mostrou o beliche que eu ocuparia, deu instruções sobre os horários em que a água era liberada para o banho, virou as costas e foi embora.
Era pouco antes das cinco e o lugar estava vazio. Tinha mais ou menos quatro metros por quatro.

Havia cinco beliches, e para passar entre eles era preciso encolher os ombros. Em frente aos beliches, logo depois das grades da entrada, ficava outro beliche, ao lado de uma mureta de um metro de altura que separava a cela do vaso sanitário. Quase no fundo, vi dois canos de saída de água, que eram usados para os banhos.
85
Não havia parede: o cubículo continuava por uma espécie de terraço com mais ou menos dois metros de largura por quatro de comprimento. A galeria C onde me encontrava era no último andar e desse terraço se via o céu além das grades que serviam de teto. Ali sempre havia policiais militares cumprindo sua ronda, tomando conta da população carcerária. Cada galeria tinha cem cubículos, cinqüenta de cada lado. No outro lado do prédio ficava o presídio para mulheres.
Sozinho, fiquei observando tudo. Constatei, é claro, que ali não existia privacidade. Ela só seria possível na parte de baixo dos beliches, com toalhas de banho dos dois lados. Mas isso era proibido, era tido como um "come quieto", um ninho de pederastas, o que, no Água Santa, era considerado falta gravíssima.
Fiquei no último andar do beliche perto da entrada, do lado esquerdo, junto às grades e ao corredor. Não tive escolha, só havia dois lugares, esse e outro bem em frente, praticamente em cima do vaso sanitário.
Meus companheiros começaram a chegar, eram doze ao todo. Apesar de o Água Santa ser um presídio de espera, quase todos estavam ali cumprindo pena. Conforme chegavam, iam me cumprimentando e se dirigiam para seus lugares. Alguns começaram a tirar a roupa e a pegar suas toalhas. Já passava das cinco, ou seja, havia água para quem quisesse tomar banho. Os banhos eram mais ou menos assim: cada preso entrava debaixo d'água, se molhava e saía para se ensaboar, enquanto outro entrava e fazia a mesma coisa. Então era a vez de o primeiro tirar o sabão. Fiquei sem roupa e entrei na fila. Fazia muito calor, e estivera viajando desde cedo, quando saímos de Cabo Frio. Como eu não tinha sabonete, um de meus companheiros me ofereceu o dele. Todos tagarelavam muito a respeito do dia, e um deles disse que tinha sido ele que me atendera no almoxarifado e me entregara uma camiseta branca e calça azul. Aliás, na camiseta vinha estampado o nome verdadeiro do Água Santa: Instituto Ary Franco.
Fiquei ali mais de dois meses, e durante esse tempo, no meu cubículo, apenas um interno recebeu alvará de soltura. O relacionamento entre nós era razoável, até porque, como trabalhávamos na administração, não tínhamos muito tempo para criar antipatia. Trabalhar era um prêmio, e ninguém queria perdê-lo. Só houve um incidente no cubículo durante o período em que estive lá, e justamente comigo.
Quando não estávamos trabalhando, jogávamos dominó ou escrevíamos cartas para a família. Os que não tinham dinheiro para mandar
86
lavar a roupa aproveitavam e faziam isso com a água que tinham dado e punham a roupa para secar no terraço. Quem lavava a min$_{ha\ er}$a uma bicha caída, que o barbeiro me indicou.
Aqui mudarei o nome dos meus companheiros de cela. Não quero causar constrangimento a eles, que devem estar vivos e recuperados. Rando era o xerife, porque era o que estava lá havia mais tempo; Zeca e Orlando ocupavam o beliche perto do terraço. Os outros eram: Dorminhoco, Paulo, Alonso, Nilson (que eu chamava de Baitola), Ferrugem (o Cenoura), Velho, Professor, Chico, Cabeça e Resende.
No cubículo do outro lado do corredor ficava o pessoal que trabalhava na cozinha. Mas esse cubículo era trancado, seus ocupantes só saíam de lá acompanhados por funcionários. Nós do C-1 podíamos andar à vontade pela nossa galeria e pelo presídio, só não podíamos ir até as outras galerias, sem autorização.
No dia seguinte, às seis e meia da manhã, depois do café — servido pelos próprios internos —,

todos saíram para a faxina, que é como chamam, no Rio de Janeiro, qualquer trabalho feito no sistema prisional. Voltei para o beliche para dormir um pouco. As luzes nunca eram apagadas e eu não tinha pregado o olho naquela primeira noite. Além das luzes, tinha ouvido gritos horríveis, que vinham das galerias de baixo. Passei o primeiro dia quase sem sair do cubículo. Andei um pouco pela galeria para me exercitar um pouco, mas logo voltei, porque o pessoal dos outros cubículos me chamava, queria me conhecer ou bater papo. Eu apenas respondia do meio da galeria com acenos de mão. O barbeiro tinha me avisado para não me aproximar das grades de outro cubículo para conversar.

Quando estava passando por um cubículo próximo do meu, um interno me chamou. Insistia para eu me aproximar, tinha um livro na mão e queria me entregar. Felizmente um guarda aproximou-se sorrindo e apresentou-se:

— Oi! Sou o Bandeira, tudo bem?

Estendeu a mão e me encaminhou até o cubículo onde estava a pessoa com o livro.

— Conhece o banqueiro Carlinhos, presidente de uma escola de samba?

Estendi a mão para ele, cumprimentei-o e recebi o livro. Carlinhos, antes de entregá-lo, escreveu uma dedicatória. Quase não conversamos.

O guarda avisou que papai tinha falado com o diretor e estava à minha espera lá embaixo. Uma moça também tinha ido me visitar e não queriam permitir sua entrada. Mas, como papai a conhecia, o diretor autorizou

Que alegria foi ver meu pai e dar com Ester sorrindo para mim. Os dois haviam trazido doces e frutas, fizeram festa para mim. Ester era incrível. Conseguiu conquistar papai, que normalmente ficava carrancudo com qualquer pessoa que se aproximasse de mim e que ele não conhecesse bem. Mas ela era especial, tenho certeza que deve estar fazendo a felicidade do sortudo que se casou com ela. A visita foi ótima, embora curta. Não era dia de visitas, e aquilo era uma exceção concedida pelo diretor. Papai tinha ficado impressionado com ele, com sua educação e com a maneira como tratava as pessoas. Bandeira apareceu para me levar de volta para o cubículo. Estava na hora do almoço. Ester me beijou com carinho e pediu que eu incluísse o nome dela na lista das pessoas que poderiam me visitar. Os dois partiram e Bandeira me acompanhou de volta à galeria.

Tanto o almoço como o jantar eram servidos nos cubículos. Tachos enormes eram carregados por internos, que iam passando pelas galerias e, aproximando-se das grades, derramavam no prato de cada um a comida. O sistema era meio complicado, mas o Água Santa era "tranca dura", todo mundo ficava trancado o dia inteiro. Na época eram oitocentos internos. Nunca provei a comida de lá. No almoço comia na cantina e, no jantar, o cantineiro vinha para a tranca e trazia o que eu tinha encomendado, geralmente sanduíches, coca-cola e chocolates. Sempre tinha um estoque de frutas, bolos e doces, que papai dava um jeito de fazer chegar a mim.

Houve um acontecimento no mínimo estranho naquela tarde, depois das cinco, quando já estávamos todos no cubículo. Um guarda se aproximou das grades e me avisou que um senhor havia sido autorizado pela administração a vir até as grades e conversar comigo. Era um alto graduado da Marinha. O guarda queria saber se eu concordava em recebê-lo. Concordei, e logo vi um senhor que trazia pela mão um menino de uns nove ou dez anos.

— Oi, Doca! Tive que trazer meu neto para ver você, ele queria conhecê-lo de qualquer jeito.

Conversei com eles por alguns minutos e em seguida eles partiram. O Professor, que ficava no beliche ao lado do meu, disse:

- A imprensa está fazendo de você um herói.

A noite desse primeiro dia transcorreu sem novidades. Participei de um torneio de dominó que o

Ferrugem organizou e, quando tocou a cirene todos baixaram a voz e o torneio terminou. Depois da sirene, podia-se conversar em voz baixa, mas era proibida qualquer atividade, jogar dominó, lavar roupa etc.
Foi mais uma noite sem pregar os olhos. De madrugada fui até o terraço me refrescar e fiquei lá um bom tempo. O policial que estava de plantão fez sinal pedindo um cigarro, e eu joguei um para ele. Fumou ali mesmo, como se estivéssemos conversando. Não trocamos uma palavra. Quando acabou, fez continência em agradecimento e continuou a ronda. Não sei se cochilei depois que voltei para o beliche, sei que, quando a sirene tocou, fui o primeiro a entrar no banho.
Passei a manhã de novo sozinho e resolvi tentar dormir um pouco. Estava começando a me ajeitar quando apareceu um guarda alto, muito sério, que logo falou:
— Sou o sargento chefe de segurança. Vou acompanhar você até a sala do diretor. Ande logo, não tenho tempo a perder.
Desci da cama, vesti o tênis e o acompanhei. Quando chegamos à recepção, o chefe de segurança mandou-me esperar e entrou. Poucas vezes vi um olhar com tanto ódio como o daquele camarada. Ele reapareceu e me mandou entrar, e felizmente se retirou. O diretor se apresentou, de pé:
— Sou o capitão diretor desta instituição.
Eu ME SENTI À VONTADE E DESCONTRAÍDO. O CAPITÃO ERA UMA PESsoa agradável, apesar de deixar evidente sua autoridade. Passava esta imagem: ali quem mandava era ele, em tudo e em todos. A primeira pergunta que fez foi:
— Já explicaram o que quer dizer pisar na bola?
Respondi que sim, e ele pediu que eu repetisse o que tinha entendido.
— Não devo atrapalhar a administração, e tenho que conservar o prédio limpo, não me meter com drogas, não freqüentar outras galerias e cubículos sem autorização e fugir de encrenca com os companheiros.

Ele sorriu.
— Quem vive dentro desse esquema se dá bem em qualquer sistema prisional do Rio de Janeiro.
Disse que era muito difícil administrar uma prisão daquele tamanho, cuja construção ainda não estava terminada e com verbas curtíssimas. Principalmente com um efetivo de oitocentos internos quando na verdade fora idealizado para seiscentos. Para piorar, tinha ali internos de todos os tipos, réus primários e reincidentes, sem que pudesse selecioná-los de acordo com a gravidade dos crimes que tinham cometido.
— É por essa razão que não posso admitir que pisem na bola. Não conseguia decifrar se aquilo era um sermão ou se ele estava se abrindo comigo. Preferi pensar na segunda hipótese. E acho que tinha razão, pois, ao me pôr a par de suas preocupações, ele me deixou tão à vontade que, quando parou de falar, fui eu que comecei. Falei do medo que tinha daquele lugar, contei algumas passagens da minha vida, até da minha convivência com Ângela.
Ele disse que, infelizmente, o caso adquirira dimensões extraordinárias por causa da imprensa. Agora só havia uma maneira de tocar a vida em frente: tendo fé. Abriu a gaveta e me deu um livro de auto-ajuda. Era Alegria e triunfo, que eu conhecia muito bem, porque meu avô me dera um igual quando eu tinha uns dez anos e morava na fazenda dele. Acho que esse livro foi o primeiro livro de auto-ajuda, pois o ganhei de meu avô em meados de 1944.
Aproveitei a oportunidade para agradecer por ele ter recebido papai. Ele disse que tinha reconhecido o "velho" na recepção e o convidara para um café. Na hora percebi que, no pouco tempo em que os dois estiveram juntos, papai havia conquistado sua amizade.
A conversa continuou. Ele falou sobre a biblioteca, um projeto novo para o qual tinha recebido muitas doações de livros. Estava precisando de alguém para organizá-la e para distribuir os livros pelas galerias. Fiquei apreensivo. Sabia que nas galerias de baixo o clima era outro, principalmente na

"A", que era onde ficavam muitos internos de castigo, vindos do presídio de Ilha Grande. Mas não tinha alternativa... Aceitei trabalhar lá. Ele agradeceu:
— Então você começa amanhã. Um interno que conhece o presídio vai ajudá-lo. E autorizei seu pai a vir aqui visitá-lo sempre que quiser.
90
Antes que eu saísse, perguntou se eu daria uma entrevista à jornalista Marisa Raja Gabaglia. Concordei, ela era grande amiga da Ângela e tinha tido bastante contato com ela.
Do lado de fora, dei de cara com o sargento, de pé, louco da vida, porque a entrevista com o diretor tinha demorado. Olhou com ódio em minha direção e disse:
- Por mim você estaria na galeria A, não sei por que essas regalias. Vou acompanhá-lo até a secretaria para você pegar o seu crachá de faxina, depois você se vira sozinho e vai para a sua galeria ou para a biblioteca.
Peguei meu crachá e pedi que me ensinassem como chegar à enfermaria, pois queria agradecer ao médico e ao interno que o ajudava pela atenção que estavam dando a mim. O dr. Ivo havia me receitado um remédio a cada oito horas, e isso vinha sendo seguido dia e noite, sempre no horário. O remédio não podia ficar comigo, então eu dependia deles.
Demorei uma semana para me orientar no Água Santa. Era tudo muito parecido. De repente dava numa grade trancada e tinha que fazer todo o caminho de volta, começar tudo de novo, prestando muita atenção para não errar e voltar à mesma grade. Havia escadas em todas as direções — norte, sul, leste e oeste. Se errasse a escadaria, dava em alguma passagem não permitida, como a porta que daria acesso à prisão feminina.
Renato, meu ajudante na biblioteca, estava lá havia dois anos e conhecia tudo. Naquela tarde, andamos pelas galerias e por todos os setores da administração. Estivemos também na portaria, pois tinha de passar por ela para chegar às salas reservadas aos advogados.
Nas galerias andamos pelos corredores, mantendo distância dos cubículos. A galeria B não era tão clara como a nossa, os cubículos tinham apenas luz elétrica. Outra coisa que chamou a minha atenção é que havia mais internos nos cubículos.
A "A" me assustou. Era úmida e escura, ficava no subsolo, e os cubículos eram lotados. O som alto das vozes soava estranho, não paravam de falar. Não respeitavam muito esse negócio de "pisar na bola". Nem os guardas se sentiam seguros, muito menos eles. Acho que o único cara que impunha respeito lá era o sargento. E não estavam muito preocupados com coisa alguma, como ir parar em uma delegacia e responder a outro processo por drogas ou qualquer crime que cometessem lá dentro. Aliás, depois de passar cinco anos em penitenciárias do Rio de Janeiro e de Niterói, sei que, dependendo da situação, um interno comete
91
um crime sério só para ir para uma delegacia e responder a outro processo. Por exemplo, se ele acha que sua vida corre risco.
Meu ajudante era jovem, tinha vinte e poucos anos. Não chamava atenção: era baixo, cafuzo, como boa parte da população carcerária. Mas era muito simpático e esperto. Estava preso por assalto à mão armada.
Para tudo o que eu precisava, pedia a ajuda dele ou a do barbeiro seu Antônio. Este fazia a minha barba todas as manhãs, a minha e a de quem quisesse. Conversávamos muito, e ele contou várias histórias que ouvia, no exercício de sua profissão.
Já fazia dois ou três dias que eu estava trabalhando. Estava bastante ocupado, pois havia livros doados espalhados por toda a biblioteca, em algumas estantes feitas lá mesmo, muito bem-feitas, por sinal.
Estava distraído com aquela montanha de livros quando o Bandeira entrou para avisar que uma jornalista do Última Hora estava me esperando para uma entrevista.

Tinha tentado me preparar para essa entrevista. Afinal, Marisa havia sido amiga de Ângela, saímos algumas vezes juntos. Mas ficou só na tentativa. Quando o Bandeira me avisou, fiquei pregado no chão. Tinha vontade de pedir para ele dizer que eu estava na enfermaria, impossibilitado de dar uma entrevista. Também isso ficou só na vontade. Acompanhei o funcionário até onde ela me esperava.
Não vou dizer que caímos nos braços um do outro, mas ao ficarmos cara a cara a emoção foi forte. Não esperava por aquilo, afinal, tinha lido várias vezes nos jornais declarações de amigas da Ângela me esculhambando. Nunca me defendi ou devolvi os xingamentos nas entrevistas que dei, porque acho que, se estivesse no lugar delas e matassem um amigo meu, faria a mesma coisa.
Marisa, passado o primeiro momento, me tratou profissionalmente. Gravou toda a conversa, com minha anuência, é claro. E, antes de eu sair, pediu que dissesse o que esperava do futuro. A resposta foi lacônica:
— Nada.
Dias depois ela me mandou o jornal com a entrevista. Como não guardei, transcrevo do livro de Evandro Lins e Silva, A defesa tem a palavra (p. 233), as palavras de Marisa no Ultima Hora: "Ângela Diniz morreu. Mulher bonita que vivia perigosamente. E pagou com a vida o preço que jogara tão alto. O pressentimento que ela teria uma morte trágica nunca me abandonou. Eu analisei isso, ela respondia sempre

com a mesma frase desafiadora de sempre: Sou bonita, rica e sei brigar. Não soube brigar nem um pouco e com o sentimento humano não se brinca; sobretudo com o sentimento de um homem que anda permanentemente armado, ou seja, alguém que tem medo, que se defende. A arma é uma fraqueza, o medo de uma permanente agressão. Ângela provocou! Gostava de provocar. Mas há um limite para tudo. Inclusive para a provocação! Não vou poder nunca perdoar o gesto do Doca. Mas eu o compreendo. Hoje é um farrapo, um homem que se arrasta lambendo os restos da vida, aos frangalhos. Humilhado às últimas conseqüências, mas um candidato a morrer; viverá sempre povoado de fantasmas".
APESAR DE INSUPORTÁVEL, A VIDA NO ÁGUA SANTA NÃO ERA Monótona. Dia após dia, noite após noite, sirenes tocavam por causa de alguma tentativa de fuga, de uma rebelião na "A", ou porque internos estavam sendo encaminhados para a solitária por serem flagrados fazendo sexo. Fora as vezes em que a sirene tocava e todos eram trancados para contagem e a PM revistava todos os cubículos.
No período em que estive lá, nenhuma fuga vingou, o Ary Franco era presídio de segurança máxima, muito bem vigiado. Mas houve uma escapada que eu, pelo menos, achei engraçada. Um interno que trabalhava na portaria desapareceu, e só descobriram isso às seis da tarde. Naquela tarde, após a contagem, foi constatado o seu sumiço, para a alegria geral dos internos, que, quando souberam, bateram palmas e deram urros de satisfação. Percebi que a guarda não ficou muito preocupada, e no dia seguinte descobri por quê. A administração mandara um funcionário até a casa da irmã do detento e ele estava lá dormindo. Evidentemente foi da cama na casa da irmã para a tranca, onde ficou dez dias.
Era março de 1977. Pedi que comprassem um bloco e um caderno para que eu me distraísse, anotando os acontecimentos do meu dia-a-dia. Comecei também a escrever sobre minha vida. Depois daquele bloco e do primeiro caderno, comprei muitos outros, e daí em diante, mesmo quando passava muito tempo sem escrever, sempre fazia alguma anotação.
Organizar a biblioteca foi fácil, porque meu antecessor já tinha bolado um sistema e eu apenas continuei o que ele havia começado. Os internos que trabalhavam podiam ir até a biblioteca, escolher um livro

e retirá-lo, assinando um protocolo. Tinham de devolvê-lo em quinze dias ou renovar o documento.

Para atender os que estavam trancados entregávamos em todos os cubículos uma lista semanal com as obras que tínhamos. O camarada escolhia uma, e eu ou meu ajudante providenciávamos a entrega. Na "A", era raro o livro voltar aproveitável. Lá não havia beliches nem colchonetes, e além do mais era um amontoado de gente. Acabavam sentando nos livros ou usando-os como travesseiros. Por causa disso, num canto da biblioteca, fundei uma espécie de "hospital do livro", onde tentávamos recuperá-los.

Nos primeiros dez ou quinze dias de Água Santa, papai me visitou quase todos os dias, e assim continuou até eu sair dali. Minha mãe veio de São Paulo com minhas tias; parentes e amigos apareciam nos dias de visita. Da equipe do dr. Evandro, quem me trazia notícias era o dr. Arthur Lavigne. Ester veio no começo, mas de repente sumiu. Fiquei sabendo, depois de algum tempo, que ela estava namorando um funcionário da casa.

Nessa época, já conhecia melhor meus companheiros de cubículo e já sabia alguma coisa da personalidade de cada um. À noite, além dos torneios de dominó e de damas, a conversa girava em torno de leis, advogados, anistias, alvarás de solturas e dos crimes de cada um. Três deles, antes de irem para a cadeia, estavam cursando faculdade. Havia na galeria dois estudantes de direito que, apesar de trancados, trabalhavam no departamento jurídico. Alguns internos caídos preferiam os serviços deles, e não os dos advogados do Estado. Eu freqüentava o departamento jurídico porque me dava bem com os dois. Gostava de conversar com eles. Era comum o pessoal da faxina visitar outros departamentos, os funcionários não se importavam com isso. O único que quando aparecia mandava a gente de volta para nossa seção era o sargento. Mas isso era raro; como chefe da segurança, ele passava o dia andando pelas galerias.

O Professor não tinha cursado faculdade, mas na época em que entrou em cana era jornalista. Era o mais inteligente dos meus companheiros do C-1, um tremendo 171, um estelionatário. Sempre tinha alguma coisa para vender. Era uma espécie de corretor, todos os que queriam vender um relógio ou algum outro pertence procuravam o Professor. Ele era branco, 1m 70, cabelo e olhos pretos. Quando queria dinheiro emprestado era difícil escapar da conversa dele. Ter de volta o dinheiro era impossível. Na sociedade carcerária, além do traficante e do

Jogo do bicho, havia os agiotas. Não é nada recomendável ter de esconder-se deles por falta de grana para pagar uma dívida. Esse era um dos argumentos do Professor.

- O agiota está atrás de mim.

Chiquinho, Paulo e Cabeça tinham freqüentado faculdade... segundo alardeavam. Tinham até carteirinha de estudante, mas artigo 171 é o que mais há nas cadeias. O artigo do Chiquinho era o 121 — homicídio —, o mesmo que o meu. Paulo e Cabeça também eram 171.

Os três sempre recebiam visitas de familiares e não tinham problemas sérios. Cabeça tinha um cacoete: ficava o tempo todo passando a mão no queixo. Era branco, tinha 1m 90 de altura, cento e poucos quilos e, como todo 171, aparência superconfiável. Um minuto depois de conversar com ele, a pessoa tinha certeza de que só ele poderia tomar conta do cofre. Era metido a intelectual.

Paulo era branco, típico malandro brasileiro de antigamente, andar cheio de ginga, 1m 68 de altura, bigodinho. Sempre escrevia cartas à procura de uma companheira, que mandava anunciar em jornais e revistas. As descrições que fazia dele mesmo eram incríveis. Constantemente estava se virando com o pessoal do presídio para receber a visita de alguma moça que tinha respondido a esses anúncios.

Chiquinho era especial, não havia dia triste para ele, estava sempre numa boa, parecia que estava de férias. Caboclo, jeito de índio, esquelético, baixo, andava sempre com um livro debaixo do braço e sabia de tudo o que se passava nas galerias. Às vezes aparecia na biblioteca com uma cara de mistério, com um papelote de coca e falando baixo:

— Cheira, cheira logo, que estou morrendo de medo — e então sumia.

O Ferrugem, que eu chamava de Cenoura, era muito cuidadoso com tudo o que fazia, porque tinha

pouco tempo para cumprir. Não falava do crime que tinha cometido, mas diziam que exterminara uma família. Do Velho, ninguém gostava, por várias razões. A principal era que ele não tomava banho. Às vezes o pessoal ficava irritado e punha o coitado na marra debaixo do cano de água. Ele havia matado sua velha esposa para ficar com a grana e viver com uma jovem. Os comentários eram de que a jovem também estava em cana. Eu também não ia com a cara dele, mas muitas vezes pedi para o pessoal deixá-lo em paz. O Nilson era do Espírito Santo, estava preso havia pouco tempo e dizia que estava lá por
95
engano, que não tinha feito nada. Cada dia um de nós lavava o cubículo e era ele que fazia essa tarefa para mim. Ele era muito humilde, e eu o pagava para ele fazer isso e arrumar a minha cama todo dia, lavar meu prato, copo e talheres, que eram todos de plástico. Um dia, brincando, eu o chamei de Baitola, e ele levantou a cabeça. Baitola, no Norte, quer dizer pederasta. Foi uma tremenda gozação e o apelido pegou.

Rando, o xerife, não precisava fazer nada, a não ser que precisássemos de alguma coisa com a administração, aí era ele que tinha de negociar. Zeca, Orlando, Dorminhoco e Alonso faziam parte do grupo, mas não me lembro muito deles.

Na verdade, eu não tinha a menor condição de prestar muita atenção naquele pessoal. Água Santa é um lugar sinistro, você tem de estar atento o tempo todo para não fazer ou falar alguma coisa errada, qualquer pisada na bola pode virar um problema sério, principalmente se conquistar a antipatia de algum interno. Além do mais, eu passava por um momento que só conseguia superar com os remédios receitados pelo dr. Ivo. Se não tivesse esse apoio, e o do meu pai, seguramente teria enlouquecido.

Durante boa parte dos dias, havia música nas galerias, e às seis da tarde era a "Hora da Ave-Maria", uma coisa triste e angustiante. Não me lembro que rádio produzia aquele programa, no final da reza ainda tinha um sermão, que, segundo o padre ou radialista, era dedicado aos detentos e hospitalizados. Eram palavras de esperança, segundo o locutor.

O que escrevi na época era também muito triste. Muitas coisas me preocupavam, como meus advogados que sumiam, a presença constante de Ângela na minha cabeça, minha família, meus filhos etc. Muitas vezes escrevi revoltado que deveria ter pensado nos filhos e na família antes de fazer as cagadas.

Como não tinha coragem de escrever sobre minha vida com Ângela, só escrevia sobre a fazenda do meu avô, onde vivi até os doze anos de idade, e de onde saí porque venderam a propriedade. Escrevia também sobre as viagens pelo mundo, as caçadas na África, e coisas do gênero.

UNS DIAS ANTES, ÂNGELA LIGOU AVISANDO QUE IA A BELO RESOLVER ALGUNS negócios com seus advogados. Como eu não podia ir, combinamos que, quando ela voltasse para o Rio, passaríamos dois dias na sua casa. Isso seria
96
Durante a semana, e eu arranjaria reuniões com empreiteiros. Ainda que essa desculpa já fosse muito batida, era a única com lógica. O meu sócio já estava no Rio passando uma temporada, procurando empreiteiras que também tivessem vencido concorrências em outros trechos da Ferrovia do Aço.

Telefonei para o Ibrahim a fim de bater papo e contei que dentro de poucos dias estaria lá, para uma reunião de negócios. Convidou-me para ficar em sua casa. Expliquei que ficaria num hotel, no centro, porque era lá que seria a reunião.

- De todo jeito, venha jantar comigo - disse.

Minha mulher não engoliu a viagem, mas sua reação não foi instantânea. Só percebi quanto aquilo tinha mexido com ela quando voltei para casa à noite e não a encontrei. Achei estranho, porque cheguei tarde e geralmente ela já estava lá. Depois de meia hora comecei a procurá-la. Na casa do meu sogro, nas das minhas cunhadas e nas de amigos. Ninguém sabia dela. Estava pensando em para

quem mais ligar quando o telefone tocou. Era minha mãe:
- Sua mulher passou o dia aqui. O que você anda fazendo para ela ficar tão infeliz?
Aquilo caiu muito mal na minha cabeça. Demorei a reagir. O pior é que sofria por causar tudo aquilo, pressentia que estava jogando o jogo errado e que minha vida estava indo para o lixo. Estava magoando quem eu amava. Nunca conseguirei entender essa época.
Só fui buscá-la depois de alguns caubóis e, em vez de tratá-la com carinho, fui rude com ela e com mamãe. Dei uma bronca tão grande nas duas que ambas se assustaram com a minha reação. Mandei minha mulher ir para casa imediatamente e proibi minha mãe de abrir a boca. As duas me obedeceram e entrei no carro. Fui atrás do carro de minha mulher até em casa. No caminho, sozinho, pensava naquela loucura.
Em casa conversamos e, de certa maneira, a crise foi superada, pelo menos até eu voltar da viagem ao Rio. Só fui para lá alguns dias depois, já que Ângela teve que ficar um pouco mais em Belo, por causa de problemas familiares e com os advogados.
Como das outras vezes, as reuniões de negócios de fato existiam, só que fui para o apartamento da Ângela. Quem participou das reuniões e foi para um hotel no centro foi o meu sócio Carlos, o meu "coringa".
No apartamento, Ângela e eu não saímos da cama nem para almoçar. Foi só sexo e drogas. Não estávamos nem um pouco preocupados.
97
Em nenhum momento passou pela nossa cabeça que estávamos exagerando. No fim da tarde, ela ligou para o Ibrahim dando uma desculpa a fim de não ir ao jantar.
Lá pelas oito da noite, cheguei para jantar com ele. Tomamos um aperitivo e liguei para minha casa. Estava tudo bem. Depois, Ibrahim conversou com minha mulher durante algum tempo. O jantar foi tranqüilo, e depois chegaram alguns amigos do Ibrahim. Como eu tinha reunião no dia seguinte, saí logo que as visitas chegaram.
Resolvi fazer o caminho de volta à pé. Era bom andar um pouco. Também me sentia mal por tratar Ibrahim com tanto cinismo. Se bem que durante o jantar ele só falou da amante. Disse também:
— Sabe como é, homem é assim mesmo, mas a mulher que eu amo é a Ângela, apesar do trabalhão que ela me dá.
Falou também das frustrações com o casamento e das farras que tinha feito pelo mundo.
Ia andando pela rua, pensando nele, na minha família, nos planos de viver com Ângela. Quando me dei conta já tinha passado, e muito, da casa dela. Ao entrar, encontrei uma amiga sua com o namorado. Ele era tão mais jovem que pensei que fosse filho dela. Fiquei meio sem jeito, já que quando abri a porta dei de cara com eles ajoelhados diante de uma mesa, experimentando a cocaína que tinham trazido. Mas ela não ficou constrangida e logo me apresentou:
— Este é meu namorado, já falei dele para vocês.
Alguns minutos depois, chegou outro visitante que também tinha entrado no racha da compra da droga.
Daíem diante, o ambiente ficou excitadíssimo. Experimentamos, falamos e bebemos muito até altas horas. Depois que todos foram embora, Ângela e eu continuamos até bem mais tarde. Tive a impressão de que a empregada já estava acostumada. Não serviu o café-da-manhã nem o almoço, mas não deixou faltar gelo em nenhum momento. No meio da tarde, depois de um banho e uma refeição leve, Ângela foi para a casa de Ibrahim e eu voltei para São Paulo. Um pouco antes de eu sair, meu sócio telefonou para avisar que já estava no aeroporto e que a obra em Itabirito tinha sido confirmada, já estavam preparando os contratos. Essa obra da Ferrovia do Aço está parada até hoje.
Já em São Paulo, no escritório, tive uma pequena reunião com Carlos. Tínhamos problemas de custos. Nossos concorrentes, com equipamentos mais
98

Antigos haviam apresentado um orçamento melhor, e queria ter certeza de que ele não tinha mexido no nosso preço.
Fui para minha casa, entrei direto no banheiro e comecei a encher a banheira em vez de ir para o closet. Tirei a roupa e estranhei que a porta do quarto estivesse fechada. Abri e dei de cara com Adelita sentada na ponta da cama. Chorava copiosamente. Ela me viu e veio me abraçar. Muita coisa passou na minha cabeça naquele instante. Ficamos abraçados por um longo tempo. Se falamos alguma coisa, não me lembro, sei que no dia seguinte dei ordens para que a Cida não passasse os telefonemas do Rio. Por via das dúvidas, transferiria qualquer interurbano para o Chiquito.
Não sei quanto tempo durou essa tentativa de acabar com aquela história e pôr tudo nos eixos.
Uma tarde, durante esse pequeno recesso, minha mãe ligou. Estava com saudades, queria que eu a visitasse no fim da tarde. Quando ela fazia isso, era porque tinha coisas sérias para falar. Atendi seu pedido e fui visitá-la. Conversamos umas duas horas. Queria saber se eram verdade os boatos que ouvira, da minha separação. Contei que tudo havia começado por pura farra, mas com o tempo as coisas complicaram. Para ela essas coisas não eram novidade, minha mãe era uma mulher vivida, inteligente, e já tinha visto muita coisa. Aconselhou-me a cuidar melhor do meu casamento. Era difícil encontrar alguém com as qualidades da minha mulher.
- Ainda bem que avisei Adelita que você era um boêmio e mulherengo incorrigível. Lembra-se disso? Você ficou tão bravo comigo.
No dia seguinte, foi a vez de o Francisco me convidar para um aperitivo, no fim da tarde. Fui preocupado, pois achava que Ângela estaria lá. Fazia uns dez dias que não atendia seus telefonemas. Ela era insistente. A noite, quando chegava em casa, encontrava minha mulher falando com ela. Ouvia as duas combinando de se verem num fim de semana, mas não me aproximava. O assunto era discutido a três, elas e o Ibrahim.
No começo da noite cheguei à casa do Francisco. Pensava que encontraria Ângela, mas fiquei só no pensamento. Entrei e fomos direto para a sala tomar uísque. Estava curioso, queria saber se íamos falar de Ângela. Mas o assunto abortou quando sua irmã entrou na sala. Também era minha amiga de longa data, minha mãe gostava muito dela, eram grandes amigas. Por conta da intimidade, o papo se estendeu por bastante tempo. Minha mulher telefonou várias vezes reclamando da minha demora. Francisco e eu tínhamos bebido bastante, o papo estava ótimo, então resolvi convidá-los

para jantar em casa e continuar a conversa. Assim que chegamos, comecei a servir as bebidas e mandei avisar minha mulher que tínhamos chegado e que os dois esperavam por ela.
O papo continuou alegre, mas Adelita, estranhamente, não aparecia. Passou tanto tempo que a situação ficou constrangedora. Sem entender o que estava acontecendo, fui procurá-la. Para encurtar a história, ela se negou a recebê-los.
Eu não tinha noção do motivo daquela atitude. Voltei para a sala e continuei servindo os aperitivos. Resolvi não dar explicação, achei que era a melhor coisa a fazer. Depois de algum tempo, eles resolveram ir embora. E eu, envergonhado, pedi desculpas por minha mulher. Assim que saíram, minha mulher apareceu. Estava tão bravo que resolvi fingir que nada tinha acontecido. De uma coisa eu tinha certeza: a amizade de Francisco e Adelita havia chegado ao fim.
Não lembro como Ângela e eu voltamos a nos ver. Logo começou tudo de novo. Da minha cama para a dela ou então para a cama da casa da Joana. Voltamos com tudo. Quando não estávamos juntos, nos falávamos por telefone pela manhã, à tarde e à noite. Muitas vezes saía do meu quarto à noite e ia para a sala ligar para ela. Eu havia pirado de vez, não tinha a menor importância se estavam desconfiando ou não.
Em uma das vezes que Ângela veio se hospedar em casa, resolvemos levá-la, junto com um grupo de amigos, para um fim de semana na fazenda. Convidamos o Grande, Chiquito, Joana e Pedro.

Ninguém tomou conta de ninguém e foi um fim de semana legal. Ângela e eu estivemos com o grupo o tempo todo, como bons amigos.
Na segunda, Ângela me ligou do Rio, reclamando que eu não tinha dado atenção a ela. Depois de uns quinze dias de idas e vindas, Adelita e eu passamos um fim de semana na casa de Ibrahim. Um nosso amigo de longa data, grande jogador de pólo, estava dando uma festa, e tínhamos sido convidados. Chegamos na sexta-feira pela manhã. Assim que entramos no apartamento, Ângela veio nos receber. Estava linda em um terninho amarelo bem claro. Trazia na mão dois copos de vodca tônica com gelo e limão.
- Para vocês tomarem enquanto esperamos o motorista que vem nos buscar.
Dias depois, uma amiga do Ibrahim, que era presidente do Museu de Arte Moderna, nos convidou para almoçar lá. Após o almoço, visitaríamos as
100
instalações do museu. Fazia pouco tempo que havia sido reformado, parece que tinha sofrido um incêndio um ano antes. Enquanto esperávamos, a minha mulher foi dar uma arrumada no cabelo e passar batom, para sair em ordem. Aproveitei a oportunidade para dizer a Ângela que também queria pois tinha percebido, pelos seus olhos, que ela estava alta. Adorava quando ela ficava assim, ligada. Seus olhos brilhavam, o sorriso debochado a deixava com uma postura desafiadora. Ela pegou a bolsa, tirou uma caixinha de prata e abriu. Rapidamente serviu cocaína a mim e a ela. Depois cada um foi para seu quarto e acabamos de nos arrumar. Meia hora depois, o motorista chegou e fomos para o museu. Fomos recepcionados pela amiga do Ibrahim, que nos levou direto para o restaurante lotado.
Ficamos numa mesa grande com outros convidados. A conversa estava animada, o ambiente era muito bonito. De repente reparei que Ângela estava olhando para um homem, que, por sua vez, estava tão encantado que dava a maior bandeira. Levantava o copo para ela, e mandou o garçom entregar-lhe um cartão. Assim que ela o recebeu, o camarada foi direto para o banheiro. Ângela adorava provocar. Levantou-se e foi na mesma direção. Meu pavio encurtou: segui-a até o toalete das mulheres, empurrei-a para dentro e depois para um dos reservados. Não disse nada, só a sacudi pelos ombros, tanto e com tanta força que a cabeça dela ia para a frente e para trás. Depois de alguns segundos, não agüentou mais e seu corpo amoleceu. Empurrei Ângela para o vaso e saí. Tudo foi tão rápido que, quando voltei para a mesa, ninguém estranhou. Estava completamente corroído de ciúmes, mas consegui manter uma aparência calma.
Ângela demorou para voltar. Quando apareceu, estava muito pálida, disse que não estava se sentindo bem, que iria para casa e que à noite nos veríamos na casa do Ibrahim.
O almoço continuou animado. Depois, todos os convidados percorreram o museu para apreciar as obras, sua arquitetura moderna e a vista para o mar. Quando a visita acabou, estávamos cansados. Tínhamos levantado cedo, o almoço havia sido longo e a noite prometia ser agitada. Demos um jeito de nos separar do grupo e fomos para a porta. Adelita e eu entramos num táxi e voltamos para o apartamento do Ibrahim em Ipanema. A tarde estava bonita e fomos curtindo aquele passeio: Hotel Glória, Hiate Clube, morro da Viúva, Botafogo etc.
Quando chegamos ao apartamento, ele estava vazio. Quem abriu a porta foi a empregada, que logo disse:
101
— O senhor Ibrahim ainda está na redação, mas não vai demorar. Fomos para o quarto descansar. Já deitados, minha mulher comentou qualquer coisa como:
— Ângela não tem jeito, foi atrás do bonitão do museu.
Excitado com a droga e com o que tinha acontecido no almoço, não conseguia descansar. Levantei-me e fui para a sala. Ângela estava lá. Ao me ver, levantou-se. Segurei-a pelo braço e puxei-a na minha direção. Tivemos uma conversa áspera. Argumentei que a amava, que não agüentava ver que

ela queria tudo e todos. Ela dizia que era livre e dona da própria vida. Reclamei, disse que ela, por saber que eu a amava, fazia coisas para me enciumar. Meu argumento era tão preciso que ela sorriu e me abraçou.
— Também te amo, mas quando olha para outras mulheres não te sacudo, como você fez.
Na verdade eu estava assustado com aquilo tudo, tentando me reconciliar com ela, e com tesão.
— Como podemos pensar em viver juntos depois do que aconteceu esta tarde?
Falávamos depressa, alguém poderia chegar a qualquer hora. De repente, ouvimos vozes e risadas no corredor, e minha mulher e o Ibrahim apareceram. Adelita foi logo dizendo que eu tinha que me vestir.
— Em cima do travesseiro tem um presente para você.
Sorri para ela e fui para o quarto. Abri a porta, olhando para a cama à procura do presente. Era uma pulseira de ouro, com elos grandes e uma placa com minhas iniciais. Senti um aperto no peito. Sabia muito bem o que aquela pulseira representava. Não era apenas um presente caro, era muito, muito mais que isso. Aquilo era um "eu te amo". Voltei para a sala, interrompi a conversa e levei Adelita para um canto. Abracei-a. Um abraço apertado e cheio de carinho, querendo dizer muita coisa. Tanta coisa que achei melhor interromper e voltar para o banheiro. Abri o chuveiro e não entrei. Sentei num banco com os cotovelos nos joelhos e as mãos na cabeça e chorei. Chorei por minha mulher, pela vida louca que estava vivendo, por ter sacudido Ângela e por não ter coragem de pôr fim a tudo aquilo, naquela hora. Me sentia como se fosse dois. Um queria parar, e o outro... Voltei para o quarto e me servi de mais uma.
Quando voltei para a sala, minha mulher e Ibrahim sorriram para mim e ele quis ver minha pulseira. Balancei o pulso para mostrar e fui pegar algo para beber. Ângela se aproximou e disse baixinho, sarcástica:

— Fizeram amor à tarde? Nova lua-de-mel?
Em seguida, ela se afastou, e fomos todos para a festa. Era em Copacabana, num apartamento lindo. O casal que recepcionava era festeiro. Suas festas eram famosas. Minha mulher e eu não éramos os únicos paulistas. Poderíamos perfeitamente nos enturmar, mas ficamos num canto de mãos dadas.
Uma das convidadas estava num porre horroroso, sentada sozinha, num sofá enorme. Estava tão bêbada que ninguém se aproximava. Às vezes, dava a impressão de que ia vomitar ou cair do sofá. Era uma jornalista famosa, uma mulher linda, e eu a admirava muito. Vê-la naquele estado me incomodou muito. Aquela cena continuava e ninguém ia socorrê-la. Um casal se juntou a nós, e fui até o sofá para ver se dava uma força e conseguia tirar aquela mulher daquela situação. Tinha acabado de me sentar e sorria para ela quando ela me surpreendeu. Olhou direto nos meus olhos e disse:
- Você é casado com aquela lá? Qual dos dois é rico?
Ela não estava só de porre. Estava ferina também. Voltei rindo para o meu lugar. Os três quiseram saber o que tinha acontecido, pois eu ria muito. Tinha achado a pergunta engraçada, quase jornalística. Respondi qualquer coisa e mudei de assunto.
A festa estava morna, custando para embalar. Algum tempo depois, mais convidados chegaram. Um amigo meu, que era conhecido de todos e andava sempre alto, resolveu animar a festa. Pediu para as pessoas se aproximarem. Espalhou cocaína sobre a mesa de centro, ajoelhou-se e começou a cheirar.
Levantou-se rindo, queria passar o canudinho para as outras pessoas. Todos ali gostavam muito dele, mas ninguém se aproximou. Ibrahim nos chamou para ir a uma boate, achou que o ambiente estava muito pesado. Saímos e fomos todos. Lá Ibrahim mandava e, apesar de lotada, em cinco minutos estávamos numa mesa de pista. Dois casais amigos deles se juntaram a nós. Minha mulher, Ângela e eu nos sentamos juntos. Estávamos todos muito alegres. Como o lugar estava na moda, Ibrahim se divertia tirando fotos. Todos sabiam que iriam para a coluna dele.

Já era tarde, duas da manhã, e Ângela me tirou para dançar. Estávamos quase na pista, quando um homem a pegou pelo braço e disse qualquer coisa no ouvido dela. Ela puxou o braço, disse um monte de desaforos e ameaçou ir para cima dele. Entrei no meio, derrubando cadeiras e ele também. A confusão foi grande, e fomos parar no meio da rua. A boate
103
ficava em Ipanema, em frente a uma praça. Muita gente saiu de dentro pa$_{ra}$ ver ou apartar, mas ninguém conseguiu nos segurar. Finalmente, os amigos do sujeito o colocaram num táxi e Ângela e minha mulher me acalmaram. Ibrahim que só naquele momento apareceu, disse qualquer coisa da qual não gostei algo como: "Você não precisava fazer tudo isso". Aquilo me estressou de vez. Puxei minha mulher para dentro de um táxi, fomos para a casa do Ibrahim arrumar nossas malas e baixamos no Anexo do Copacabana. Durante toda aquela confusão, minha mulher permaneceu como sempre: calma e tranqüila. Quando chegamos ao hotel, ela comentou que Ibrahim ia ficar chateado por termos saído da casa dele assim, de madrugada. Rimos daquilo tudo e fomos dormir.
No dia seguinte, tomamos café no apartamento do hotel, que dava para a piscina. Não há ressaca que resista a um café-da-manhã no terraço do Anexo. Aquilo é um colírio, um elixir. Da piscina se ouvia o burburinho alegre dos hóspedes. Estávamos tão bem ali que nem saímos do apartamento. Ficamos ali, curtindo a preguiça. Minha mulher deu alguns telefonemas, inclusive para Ângela e Ibrahim. Mais tarde almoçamos de novo no terraço e, depois de uma soneca, voltamos para São Paulo. Quando chegamos a Congonhas, o avião não descia, ficava dando voltas e mais voltas. Nada de descer. Depois de vinte minutos, ouvimos o comandante:
— Vamos para o aeroporto de Campinas. O pedal do freio está com defeito. Só poderei dar uma pedalada. Não se preocupem, a pista lá é muito longa.
Dei as mãos para Adelita e tentamos ficar calmos. Depois de algum tempo esvaziando os tanques de combustível, o avião começou a descer. Quando já estávamos bem baixo, olhei a pista. Havia muitas ambulâncias e carros dos bombeiros, e jogavam espuma na cabeceira. Minha mulher olhava, parecia calma. A maior parte dos passageiros estava bem. Alguns rezavam e uma senhora chorava discretamente. O comandante falou novamente, explicando que havia uma boa chance de a única freada dar resultado, já que a pista era enorme. Pediu para pormos a cabeça entre os joelhos e começou a descer. Depois de taxiar por um tempo que pareceu uma eternidade, usou o freio e o avião parou. Levantei a cabeça e vi que estávamos a poucos metros dos bombeiros e da espuma. Todos batemos palmas. Rapidamente os bombeiros entraram e nos ajudaram a descer por um escorregador inflável.
104
A ÁGUA SANTA ASSUSTAVA. QUANDO A SIRENE TOCAVA DURANTE O DIA todos ficavam apreensivos, porque nunca, por mais que conhecêssemos nossos companheiros de cubículo, sabíamos se ele estava metido em alguma encrenca. Por exemplo, se traficava drogas dentro do presídio, já que este era um dos negócios mais rentáveis. Quem tinha coragem de fazer isso seguramente sustentava com folga sua família.
Era difícil imaginar como a droga entrava, principalmente lá, onde o pessoal ficava na tranca o tempo todo e não tinha nem banho de sol. As visitas eram revistadas minuciosamente. Muitas vezes ouvi reclamações revoltadas de internos que contavam a vergonha que a esposa, irmã ou mãe tinham passado ao serem revistadas. Tinham que tirar a calcinha e ficar de cócoras em cima de um espelho, para que a segurança do presídio tivesse certeza de que não carregavam nada na vagina. São incríveis as histórias que ouvíamos, até estiletes eram encontrados. Quando a administração pegava alguém puxando fumo ou cheirando coca, o alarme tocava e todos iam para seus cubículos, que eram literalmente revirados. Só não desmontavam os beliches.
Nosso cubículo era sempre o último a ser revistado. Os funcionários desconfiavam da gente porque, como andávamos por todo o prédio, em princípio éramos os transportadores ideais. O cubículo C-2

era mais visado ainda, porque lá estava o pessoal da cozinha e do almoxarifado, recebiam mercadorias em sacos ou em pacotes. De vez em quando alguém rodava por se meter nesse negócio de tráfico. A única seção que não tinha um chefe era a biblioteca. Quando eu ia entregar os livros nas galerias, o funcionário de plantão folheava um por um.

No nosso cubículo, tinha um pessoal que estava sempre junto: Professor, Paulo, Chiquinho, Cabeça e eu. Saíamos pela manhã e, a não ser em caso de extrema necessidade, só voltávamos às cinco da tarde. Na hora do almoço o encontro era na cantina, e durante o dia dávamos um jeito e cada um ia à seção do outro. Procurávamos saber tudo o que se passava, para ficar bem longe das encrencas.

No C-2, que ficava bem em frente ao nosso cubículo, o pessoal dormia no chão, em colchonetes. Tinha mais ou menos vinte pessoas lá. Um deles era um negro bonito, de 1m 80 de altura, uns 25 anos de idade.

Vou chamá-lo de Apoio. Nas refeições, carregava sozinho uma panela de arroz pelas galerias. Outras panelas do mesmo tamanho eram carregadas por pelo menos duas pessoas. Depois de servir o jantar, já trancado ele treinava capoeira. De vez em quando, dava uns dois passos para trás tomava impulso e dava saltos altíssimos, batendo com força os pés na parede. Era um camarada gentil. Quando queríamos repetir o prato, era o único que voltava e nos atendia. Eu só encontrava com ele no café-da-manhã e à tarde, quando o jantar era servido. Era introvertido, não era de ficar de papo com ninguém. Chiquinho me contou que o artigo dele era o 157, parágrafo 3º, assalto à mão armada seguido de morte. Treinando ou não, estava sempre com um rapazinho branco, com corpo de menino, 1m 65 de altura, mais ou menos. Reparei que Apoio e o menino dormiam em colchonetes vizinhos. E mais, o menino cuidava de tudo para ele. Tenho certeza de que, por mais vontade que alguém tivesse de abordar o garoto — na prisão, garoto é o rapaz que vira "moça" lá dentro —, não teria peito de enfrentar seu "protetor".

Depois de algum tempo observando o comportamento dos dois, conversando com Chiquinho, disse para ele que tinha pena do garoto, por ter que ser mulher do Apoio. Chiquinho debochou e riu:

— Você não percebeu ainda que a esposa é o Apoio?

Um dia, eu estava muito chateado, transtornado mesmo, porque soube que teria de vir a São Paulo, para ser ouvido em um processo sobre um acidente que tive, no final dos anos 60. Depois, iria a Santos, para ser ouvido em processos por rixa que vinham desde os anos 50, no Guarujá. Os dois processos já haviam sido liqüidados. O do Guarujá, na época eu era menor de idade, e o processo já tinha caducado. No caso de São Paulo, eu já tinha, na época, ganhado a causa. O que a promotoria queria era me impedir de fazer uso da Lei Fleury, que me permitiria esperar o julgamento em liberdade. Alegava que eu não era réu primário.

Pedi a meu pai que grudasse no dr. Evandro e não o deixasse em paz enquanto não desse um jeito naquela loucura. Apavorado, larguei a biblioteca aos cuidados do meu ajudante e fui à portaria, só para andar um pouco e ver se tirava a história da minha cabeça.

Vi o tenente — o segundo na hierarquia do presídio, depois do capitão — conversando com uma funcionária que eu nunca tinha visto. Era uma mulata gorda e risonha, de uma simpatia irresistível. Estavam

perto um do outro quando cheguei. O tenente me viu e fez sinal para que me aproximasse.

- Você conhece a Madrinha? É a encarregada da ala feminina.

Ela apertou minha mão com um sorriso enorme. Com tanta impatia fiquei à vontade e comecei a conversar com eles. Tinha muita curiosidade sobre a ala feminina e fiz várias perguntas. Ela pacientemente respondia a todas. Explicou que as mulheres davam muito mais trabalho que os homens, porque tinham muitos problemas.

Acho que a Madrinha também foi com a minha cara, pois em seguida me levou à ala das mulheres. O

tenente estava ocupado e sugeriu que fôssemos sozinhos. Ela me conduziu por um corredor que eu ainda não conhecia e, antes de entrarmos, pediu que não me dirigisse às internas. Andamos pela galeria inteira, ela ia falando com as moças, contando quem eu era, que trabalhava na biblioteca e que mandaria uma lista com os livros e revistas. Parava, aproximava-se de uma ou outra grade para fiscalizar alguma coisa, sempre sorrindo, chamando cada moça de "minha filha". Não achei que o lugar estava à altura das exigências do diretor. Era estranho, parecia encardido. Agradeci a Madrinha, que me levou de volta ao corredor e trancou a grade de ferro. Nos despedimos e fui para o setor de disciplina, que controlava a localização de todos os presos. Conhecia os internos que trabalhavam lá e queria pedir ao funcionário que me dispensasse, pois não estava me sentindo bem. Em frente à mesa dele, vi uma planta do presídio. Em um canto da página havia informações sobre o número de funcionários e de presos. Olhei várias vezes, não acreditava no que estava vendo. Onde estava registrada a quantidade de presos, lia-se: 1800. Perguntei se havia algum engano, mas o funcionário confirmou. Pelo barulho que se ouvia nas galerias, eu já desconfiava que tinha ouvido mal quando o diretor me informara que cuidava de oitocentos presos.

Dali voltei para o cubículo, esperando que meu pai aparecesse e trouxesse notícias. Como não tinha nada para fazer, comecei a ler o que havia escrito no dia anterior. Lembro bem daquele instante, achei tudo muito piegas. Falava de Adelita e de Luis Felipe, meu filho: "Que tristeza, nossa mãe. Como pude abandonar Lipe e Adelita. Deus queira que eles consigam me desculpar. Chove forte, os rapazes que ocupam o beliche perto do terraço vão se molhar. Não existe nada mais triste que este lugar infecto. Com a chuva a tristeza aumenta. E Ângela, onde estará? Rezo

dia e noite para que esteja num lugar lindo. Meu Deus, o que aconteceu com nosso amor? Vou parar de escrever senão enlouqueço". Depois de ler aquilo, risquei tudo e escrevi: "É, hoje é dia de tristeza mesmo. Está tocando Olhos nos olhos com Maria Bethania, era a nossa música preferida. Tudo agora são lembranças".

Estava angustiado com a viagem que faria, de camburão, até São Paulo e Santos. Escrevi o que me veio à cabeça naquele momento: "Que saudades dos nossos passeios de madrugada na praia dos Gravatás, de mãos dadas, rindo, brincando e nos beijando, beijos intermináveis. Onde está meu amor, meu sol, meu mar, meus sonhos? Sonhos, antes fossem sonhos, pelo menos eu despertava desse pesadelo. Tudo se deteriorou. Muito pó? Muita loucura? Muita... muita... muita...".

Felizmente, no fim da tarde, dr. Lavigne e papai apareceram com duas boas notícias: a primeira era que tinham frustrado a armação para eu ir para São Paulo e Santos; além disso, dr. Evandro tinha encaminhado novo habeas corpus, pleiteando a revogação da minha preventiva. Que alívio! Estava livre do camburão e de interrogatórios sem pé nem cabeça.

O dr. Lavigne foi embora e papai e eu ficamos conversando até tocar a sirene, sinal de que era hora do jantar e da tranca. Tive de largar papai sozinho e sair correndo, porque quinze minutos após a sirene havia um "confere" e o interno tinha de responder alto e mostrar-se para o guarda.

No dia seguinte, amigos e parentes me visitaram: papai; Luiz Carlos, meu irmão, e sua esposa May; e meus amigos Carlos Rangel e Ronaldo Cunha Bueno.

Numa madrugada, quase no fim de abril, a sirene tocou por cerca de quinze minutos. No terraço estavam dois policiais militares com metralhadora no ombro, completamente despreocupados. Voltei para o meu lugar e fiquei esperando. Nem um funcionário apareceu. Ouvi o barulho dos guardas e um berreiro, urros que imagino terem sido de dor, mas não vi nada. A administração, no dia seguinte, estava tranqüila, ninguém fez nenhum comentário. Houve uma ordem escrita, que todos os que tinham faxina assinaram: "É expressamente proibido ir à galeria A".

O Chiquinho, que descobria tudo, me contou o que tinha acontecido. Três internos da "A" serraram as grades do cubículo e conseguiram chegar até a escada, onde foram flagrados tentando serrar as grades da porta de ferro. Os três foram para a solitária.

108
A VOLTA DO AEROPORTO DE CAMPINAS PARA SÃO PAULO, DE TÁXI, FOI um passeio. Adelita e eu viemos de mãos dadas, curtindo aquele momento. Afinal o fim de semana tinha sido atribulado. Para variar, eu me sentia aflito. Estava mais que provado que meu relacionamento com Ângela era explosivo. Mas eu também gostava muito da minha mulher. O que eu sentia por Ângela era uma coisa pesada, como um vício. Mas, longe dela, sentia falta do seu corpo, do seu cheiro, do seu jeito de ser e de pensar.
Sua vontade de desafiar era insaciável. Perto dela me sentia envolvido por seu carisma, seus beijos, sua luxúria. Pensava nisso quando chegamos em casa. Paguei ao motorista, chamei o guarda para ajudar com a bagagem e fui para a sala preparar um uísque. Enquanto minha mulher foi ver nosso filho, fiquei ali sentado me perguntando o que queria da vida. O que eu estava procurando? Essas questões me afligiam. O que eu queria, arrebentar tudo? Quando comecei com Ângela, achei que éramos almas gêmeas e queríamos as mesmas coisas, tirar "sarro de tudo e levar a vida... Levar a vida, meu Deus do céu! Eu era um homem casado, tinha dois filhos. Nesses momentos a realidade me atingia em cheio, e eu sentia o abismo, ali, bem perto.
A vida continuava, louca do mesmo jeito. Uma tarde, na casa da Joana, me abri com Ângela, dividi com ela meus conflitos e angústias. Ela ouviu tudo e reclamou por eu nunca ter me aberto daquele jeito antes. Depois, começou a falar de sua vida com Ibrahim, com seus filhos, e dos problemas que tinha com a Justiça. Contou que Ibrahim era uma pessoa maravilhosa e a ajudara muito, mas estava longe de ser um relacionamento definitivo. Ela não o amava e não esperava nada dele. Ao mesmo tempo, eu tinha aparecido e a transformara em uma viajante. Ela vivia na ponte aérea. Não estava reclamando, ela gostava de mim, era o preço. Mas pela primeira vez em muitos anos estava apaixonada e queria viver com alguém. Diziam que eu era uma pessoa difícil. Não se preocupava com isso, pois imaginava as coisas que falavam dela.
Aquela noite cheguei em casa muito confuso. Tinha a certeza de que, em algum momento, teria de tomar uma decisão.
A vida é engraçada, há um momento no qual tudo se acomoda. Comecei a encarar aquela vida de maneira normal, e as coisas caminhavam
109
para isso. Se não fossem as drogas, talvez nunca tivesse saído de casa "Talvez"... é estranha essa palavra, pode dizer tanta coisa.
A vida caminhava de maneira também estranha. Às vezes parecia o globo da morte, onde os motociclistas ficam rodando, rodando e rodando.
Minha mulher resolveu, de uma hora para outra, convidar um grupo de cariocas e paulistanos para um fim de semana na fazenda. Ângela e Ibrahim trariam um casal de amigos. Depois, Joana e Pedro, Chiquito e o Grande. No começo da noite, todos se reuniriam em casa e de lá partiríamos.
Chegamos à fazenda tarde e cansados, acomodamos os convidados e fomos todos dormir. Aquele fim de semana, aparentemente, seria chato. Só aparentemente, pois Chiquito estava encantado com Joana, e Grande, de olho na mulher do amigo do Ibrahim, a Gracinha, um amor de pessoa, que era pelo menos vinte anos mais nova que o marido.
O pessoal ficava apreensivo quando Ângela e eu sumíamos. Nunca estávamos no grupo e conseguíamos escapulir sem deixar rastro. Achavam que estávamos folgando demais e poderíamos ser flagrados. Na verdade, ninguém estava preocupado em flagrar ninguém. Era apenas mais um sábado e domingo entre amigos que não tinham nada melhor para fazer e se reuniram na fazenda de um deles. O Ibrahim e seu amigo eram os mais velhos, tinham pelo menos quinze anos a mais que os outros. Formavam uma dupla à parte. Chiquito estava com o caminho livre, pois Joana achou graça na situação e Pedro era uma pessoa estranha, meio alheia a tudo. Tinha problemas por causa de seu passado, parece que esteve preso na Itália, e por isso vivia aqui. Quase não saiu do quarto. O Grande

ficou fazendo graça para a mulher do amigo do Ibrahim, e minha mulher tinha ido pôr ordem na casa, porque resolvera convidá-los de última hora e fomos para a fazenda sem avisar.
Olhando para trás, tento entender o porquê das coisas, e fico confuso. O que estávamos fazendo? A situação já andava complicada. Na última vez que estivemos no Rio, os acontecimentos foram estranhos. Era mesmo o globo da morte, girando, girando, e sempre no mesmo lugar?
O fim de semana continuou. Ângela e eu estávamos ligadíssimos, só pensávamos em estar juntos. Saímos várias vezes para caminhar sozinhos. Não sei como não houve nenhuma cena de ciúmes. Fomos tão irresponsáveis que o Grande, na segunda-feira, falou:
- Cara, vocês quase me enlouqueceram. O tempo todo foi por um triz. Uma hora, de madrugada, Ibrahim quase pegou vocês na cozinha.
110
É verdade, tínhamos corrido muito risco, mas não aconteceu nada. O fim-de-semana acabou e tudo voltou aos seus lugares. Na verdade, a única conseqüência daquele fim de semana foi que, alguns anos depois, o Grande se casou com a Gracinha..
Na volta, os cariocas dormiram na nossa casa e, no dia seguinte, Ibrahim e o casal voltaram para o Rio. Ângela foi para a casa da Joana. Aquilo já era normal, ninguém estranhou.
Já tinha virado rotina eu passar parte do dia na casa da Joana. As idas para o Rio é que tinham diminuído. Eu estava muito atarefado com as duas concorrências que a Brasilos havia ganhado.
Era comum que eu tivesse a sensação de querer, e também de não querer. Quando estava com Ângela, achava que, custasse o que custasse, queria viver com ela. Quando ela ia embora e eu passava mais tempo com a minha família, tinha certeza de que a minha casa era o meu lugar. Sentia isso mais forte quando desconfiava que Ângela aprontava quando não estávamos juntos
Numa noite, jantando na casa de amigos, resolvi telefonar para Ângela, que tinha chegado no fim da tarde à casa da Joana. Ouvi uma música alta, sinal de que Joana tinha convidados. Apesar das palavras carinhosas, fiquei perturbado. Perturbação que aumentou quando, na volta do jantar, de madrugada, passei em frente ao apartamento de Joana e vi que as luzes estavam acesas. Tive vontade de parar o carro, ir até lá e acabar com a festa. Nessas ocasiões, corroído pelo ciúme, planejava ir levando a vida daquele jeito mesmo, pelo menos até dezembro.
Todo ano, um pouco antes do Natal, íamos para Punta del Leste e só voltávamos trinta ou quarenta dias depois. Tinha esperança de que, longe de Ângela e perto de minha mulher, tudo se resolveria e a vida entraria nos eixos novamente.
Louco da vida e cheio de ciúme, no dia seguinte não fui visitá-la. Passei a manhã no escritório, voltei para casa depois do almoço e não saí mais. No começo da noite apareceu Chiquito. Para ficarmos sossegados fomos para a sala de sinuca. Assim que começamos a jogar ele disse:
— Ângela ligou várias vezes, e agora há pouco telefonou do aeroporto, louca da vida, dizendo que estava cheia de esperar.
Aliviado com a atitude dela, resolvi dar uns dias para que ambos tivéssemos tempo para pensar. Chiquito deu risada da minha decisão.
Voltamos a nos falar 24 horas depois. Liguei à noite, antes de sair do escritório. Tinha passado o dia tentando trabalhar e não pensar na vida.
111
Assim que atendeu, ela disse que aquela vida estava nos deixando loucos. Precisávamos decidir o que queríamos.
- Ninguém agüenta viver assim.
Resultado: no dia seguinte fui buscá-la no aeroporto e de lá fomos para a casa da Joana. Os argumentos dela eram justos. Estava cansada de estar sempre na ponte aérea ou escondida na casa da Joana. Poderíamos viver em Búzios ou em Belo, numa casa dela que ela havia acabado de reformar.
Eu queria muito resolver tudo, também estava cansado. Mas tinha um filho de três anos, não podia

sair correndo assim, sem olhar para trás. Eu a amava muito... Por isso quis aquela conversa.
Apesar disso, me sentia em queda livre, completamente desorientado. Resolvi que precisava de mais tempo para pôr meus negócios em ordem. A partir daquele mês, minha renda aumentaria. Durante dois anos iria receber, todo mês, uma comissão pela intermediação financeira que tinha acabado de realizar entre dois bancos. Isso me dava tranqüilidade, teria tempo de começar algum outro negócio onde quer que fosse viver. O complicado mesmo era a Brasilos. Um dos meus cunhados era meu sócio, e eu precisava transferir as ações da firma para ele. Apesar de minha cabeça estar um caos, sabia que com esses problemas logo chegaria dezembro e eu iria para Punta. Lá, teria a tranqüilidade para decidir o que realmente queria fazer. Tinha medo do sofrimento que ia causar ao abandonar mulher e filhos, que isso arruinasse minha vida e fosse impossível voltar atrás.
Voltei para casa, depois de ter passado a tarde pensando em sair de lá. Ficava sem cabeça, principalmente porque quando entrava lá reencontrava minha vida. Aquilo tornava tudo muito louco. Eram dois mundos. Estava com um pé em cada um. Para mim, era difícil ser carinhoso com minha mulher, brincar com meu filho. Sentia culpa.
Na época, muita coisa já estava diferente em nossas vidas, inclusive a social. Não saíamos mais com os amigos de antes. Estávamos sempre em programas com Ângela, Ibrahim e o casal de italianos.
Uma tarde, uma amiga de muitos anos foi ao meu escritório. Não quis entrar, preferiu tomar um café no boteco da esquina. Depois de falar de banalidades e de me olhar por alguns segundos, disse:
— Nossa, que saudades, você sumiu. Andam falando que você vai se mandar com a Ângela.

Não tive outra coisa a fazer senão sorrir. Minha amiga tinha bastante liberdade comigo, para perguntar o que quisesse. Parece que a vejo sentada, no banquinho do balcão, esperando minha resposta. Como não veio, ela disse:
— Vê lá o que você vai fazer.
Depois tomamos o café, conversamos mais um pouco e ela partiu.
Logo ganhou corpo a idéia de uma nova festa em nossa casa. A lista de convidados era enorme. Cardápio, bebidas, garçons, música, já estava tudo arrumado, a data tinha sido marcada e se aproximava. Aquilo trouxe uma movimentação incomum à vida da minha mulher. Adelita tinha tanta coisa para resolver e precisava tanto de ajuda que aquele se tornou um momento de proximidade. Vivia recorrendo a mim para saber o que fazer ou quem convidar, principalmente quando se tratava de amigos do Ibrahim. Era um pessoal mais velho, que mal conhecíamos. Optamos por não convidá-los.
Na mesma época, Ângela passava uma temporada maior aqui, estava praticamente morando na casa da Joana. Talvez tenha ficado preocupada porque eu estava muito junto da minha mulher. Nessa nova temporada, não sei por quê, nos drogamos muito mais. Passamos dias inteiros juntos. Ninguém nos via, nem a dona da casa, pois não saíamos do quarto. Ângela passava por uma fase de grande beleza e sensualidade. Sua pele, seus trejeitos e seu desejo a deixavam no auge. Não conseguíamos nos separar. Quando não estávamos juntos, estávamos ao telefone.
Foi tudo tão louco que comecei a me preocupar com o fim de ano em Punta. Ao contrário do que tinha planejado, comecei a pensar em como faríamos para ela ir também.
Ângela não dava importância aos problemas que tinha com a Justiça. Não tomava conhecimento. Só a vi preocupada uma vez, quando já estávamos vivendo juntos. O advogado havia conseguido adiar uma audiência e ela comentou, rindo:
— Era só o que faltava: eu presa e você solto por aí. Vou ficar doidinha.
Quando falávamos sobre essas coisas, ela ria muito e sempre contava a história dos dias em que esteve presa e fazia permanente no cabelo das companheiras de cela.
Uma tarde, pouco antes da festa, ela falou em tom de brincadeira, mas não muito:
— Você podia ir até sua casa, pegar algumas roupas, e podíamos nos esconder por uns tempos na

casa de uma amiga em Manaus. Garanto
113
que ninguém vai nos encontrar. Ela manda na cidade, é dona de um jornal importante de lá. Assim, acabamos de uma vez com esse negócio de ter que nos esconder.
Para mim, que não sabia o que faria se resolvesse viver com ela, fugir era uma saída. Mas naquele momento ri e levei na brincadeira. Mudei de assunto, comecei a falar da festa, dos convidados e da animação da minha mulher e do Ibrahim com a entrevista.
De repente, ela se levantou.
- Já que não vamos para Manaus, me leva para o aeroporto, preciso experimentar o vestido que mandei fazer para a festa. Vou arrumar minhas coisas.
Em seguida foi para o quarto. Eu, que estava numa ótima até aquele momento, fui atrás dela e sugeri que partisse no dia seguinte. Ela não aceitou, disse qualquer coisa como:
- Se eu não for, o vestido não ficará pronto.
Fiquei aborrecido com a atitude dela. Saí e fui para o escritório, sem esperá-la. Não sei exatamente o que se passou na minha cabeça, talvez ciúme. Ou talvez, por ambos estarmos muito loucos, estivéssemos mais sensíveis. Meia hora depois, quando a minha cabeça já tinha esfriado e eu procurava me concentrar nos assuntos do escritório, Cida, minha secretária, avisou que Ângela estava me esperando em um táxi.
Fui ao seu encontro. A porta de trás do táxi estava aberta e ela sorriu ao me ver.
- Só vim dar um beijo.
Ela estava linda de jeans, blusa e botinha, sem maquiagem. Chamei a Cida e pedi que acompanhasse o motorista até a copa e servisse um café. Enquanto isso, Ângela e eu ficamos nos beijando, justificando um para o outro nossas atitudes. Parecíamos dois namorados adolescentes. Quando finalmente ela partiu, voltei para a minha sala. Tranquei a porta e fiquei pensando. Nada estava caminhando como eu planejara. Um tempo em Punta para pensar... Estava mais envolvido que nunca, já sabia que tinha de me preparar para largar tudo e ir embora.
Aquela constatação me fez voltar à realidade. Estava louco. Abandonar tudo? Telefonei para Adelita e convidei-a para ir ao cinema. Sempre fomos grandes companheiros, íamos muito ao cinema, sempre passávamos o fim de semana na fazenda sozinhos, curtíamos estar só nós dois. Em época de copa do mundo, assistíamos a todos os jogos do Brasil na cama. Passamos
114
temporadas na Argentina, em Punta, em Paris e em vários lugares. Ficamos Paris trinta dias sozinhos, nos bastávamos, não precisávamos de ninguém. Passava esse filme na minha cabeça quando cheguei ao escritório dela e a I $_{es}$perando na porta. Fomos ao cinema e depois jantamos.
Quando chegamos em casa e estávamos entrando no quarto, o telefone tocou. Quem atendeu foi minha mulher. Era Ângela. Ouvi a conversa pela extensão ao lado da cama. Ângela contava que teria de ir a Belo Horizonte resolver alguns negócios. Um deles dizia respeito ao processo de um caseiro que tinha sido morto no jardim de sua casa, por seu namorado na época.
Acho que ela ficou em Belo quase duas semanas. Durante esse tempo, só estive lá uma vez, logo nos primeiros dias. Não fui outras vezes porque ela realmente tinha muita coisa para resolver, e eu só poderia estar com ela à noite. A ponte em Itabirito estava contratada, mas, como a obra ainda não tinha começado, teria de passar muito tempo sozinho. Mas falávamos por telefone várias vezes por dia. Batíamos longos papos, a ponto de meu sócio na imobiliária, o pão-duro do Caio, exigir que as ligações fossem pagas por mim.
Nesse intervalo, minha vida familiar voltou um pouco à normalidade. Adelita e eu passamos um fim de semana na fazenda, com toda a família dela, fomos a festas, jantares. É verdade que nunca bebi tanto na vida, era caubói o tempo todo. Só não bebia no escritório.
Uma tarde, Ângela telefonou. Estava terminando o que tinha para fazer e sentia saudades. Sugeriu

que fosse buscá-la. Passaríamos uma noite e parte do dia no hotel, pois ainda tinha umas coisas para resolver e isso poderia ser feito por telefone.
Cheguei cedo em Belo e, conforme o combinado, ela estava no aeroporto me esperando. Fomos direto para o hotel. O trânsito estava horrível, e ela aproveitou para me contar detalhes de sua separação do ex-marido, que assinara havia algum tempo, mas que ainda tinha pendências. Finalmente chegamos ao hotel, entramos no apartamento e só saímos de lá para voltar a São Paulo. Nem passou pela nossa cabeça que nos aeroportos e no avião poderíamos encontrar conhecidos. A vinda de Ângela para São Paulo também não fazia sentido, pois o destino dela era o Rio, mas na hora de marcar as passagens resolvemos que ela viria comigo e só voltaria para casa na tarde seguinte. Deixei-a na casa da Joana, mas no dia seguinte, pouco antes do almoço, fui encontrá-la novamente. Ângela só voltou ao Rio porque Ibrahim a esperava desde o dia anterior. No meio da tarde levei-a ao aeroporto.
115
Conversamos sobre os últimos dias, que tinham sido ótimos. Nem parecia que estivemos separados por quase duas semanas. O dia estava feio e tínhamos a informação de que os vôos estavam saindo com grande atraso. Ficamos curtindo a espera no bar. Ela estava linda, parecia feliz, cheia de luz. Sua presença chamava a atenção. Mas aquele instante era só nosso.
Os alto-falantes anunciaram seu vôo. Na despedida, pediu que eu passasse o dia seguinte com ela. Ela se levantou e caminhou sem olhar para trás, e eu fui para o escritório. Resolvi ser prudente, e decidi encontrá-la um dia depois do combinado. Ela ficou furiosa, disse que não precisava mais ir, nem procurá-la mais. Quando tentei explicar, bateu o telefone. Fiz várias ligações depois disso, e a empregada dizia sempre a mesma coisa:
- Ela está na casa do senhor Ibrahim.
No fim do dia, angustiado, liguei para a casa de Ibrahim e me informaram que Ângela deveria chegar só na hora do jantar. Fui chateado para casa, enchi a banheira e fiquei pensando na vida. Na verdade, poderia ter aproveitado a oportunidade e salvado meu casamento. Fiquei pensando sobre essas coisas, e com dois uísques na cabeça cochilei. Não sei quanto tempo depois, acordei com a criada batendo à porta.
- Sua esposa avisou que vai se atrasar, e dona Ângela ligou para o senhor.
Esvaziei um pouco a banheira e repus a água quente. Queria me desligar dos meus pensamentos. Não queria pensar na minha vida dupla. Decidi não retornar a ligação e ver o que aconteceria.
Só voltei a falar com Ângela no dia seguinte, depois do almoço. Fizemos as pazes e nos falamos várias vezes depois disso. No dia seguinte, bem cedo, fui para o aeroporto. Não avisei a ninguém que estava indo para o Rio. A intenção era voltar no fim da tarde. Mas a pista estava fechada, não se enxergava nada. Os aviões só começariam a decolar lá pelas dez. Quando chamaram para o embarque, escutei:
- Oi, Doca, ô bonitão... sou eu, lembra de mim?
Olhei para os lados, para ver quem era. Vi uma mulher sacudindo uma passagem e tentando desesperadamente se aproximar. Demorei a reconhecê-la. Era aquela jornalista que estava de porre, na festa em Copacabana. Estava elegantíssima. Ela se aproximou e me beijou.
- Você está indo para o Rio no próximo avião? Confirmei com a cabeça.
116
- Preciso de um favor. Vamos trocar as passagens? Vou no seu lugar, tenho uma reunião muito importante. O meu vôo é o terceiro, já estou com a ficha de embarque.
Será que ela se lembrava da festa?
- Desculpe, eu também tenho um compromisso que não posso adiar. Ela deu um adeusinho sem graça e se afastou.
Ângela e eu passamos o dia no quarto, como sempre, e às sete da noite eu já estava em casa.

PRIMEIRO DE MAIO DE 1977. ALÉM DE FERIADO ERA DOMINGO, DIA esperado pelos internos com ansiedade, pois é dia de visitas. As salas de visitas ficavam todas tomadas, até as reservadas para os advogados eram cedidas às famílias dos internos.

Para mim foi um dia especial. Além de papai, apareceram de surpresa mamãe e o Raul — o Rá, como carinhosamente chamo meu filho, que na época tinha doze anos. Estávamos todos comentando o habeas corpus pela revogação de minha prisão preventiva, que seria julgado em poucos dias. No fundo, eu achava que ainda não seria dessa vez, alguma coisa me avisava para não ter esperança.

Na verdade, naquele dia tudo ficou em segundo plano. Eu estava contente, meu filho estava me visitando. Era horrível a culpa que sentia por ter saído de São Paulo com Ângela, sem ao menos dar uma explicação ou um telefonema de adeus. Ao vê-lo na sala de visitas, fiquei aliviado. Nem perguntei se estava indo bem nos estudos. Como deveria estar a cabeça de um adolescente cujo pai havia sido preso por descarregar a arma na amante? Apesar de tudo, ele estava ótimo e demonstrava serenidade.

Normalmente, quando acaba a visita, os internos ficam arrasados. Os familiares vão embora, e fica a realidade. A prisão, os guardas, enfim, ª rotina. A maior tristeza e decepção era a dos internos esquecidos pelas famílias. Abandonados, sem receber ajuda externa, eram obrigados a Prestar serviços para os companheiros para arrumar algum dinheiro. Lavavam roupa, limpavam o cubículo no lugar do outro, faziam trabalhos manuais que vendiam nas galerias e para as visitas. Se tinham coragem, Podiam tentar atividades mais rentáveis, como o tráfico ou o jogo do bicho. Conheci internos que, fazendo isso, triplicaram suas penas. Sempre

acabavam voltando, porque, fora da cadeia, continuavam na profissão, que, sem dúvida, é bem remunerada... Na verdade, o caído não tem saída, muitos deles viram indigentes dentro do sistema prisional.

Por essas e outras o final do domingo era angustiante. Eu era um privilegiado, tinha visitas, faxina e algum dinheiro. Ao voltar para o cubículo, tomava cuidado para não magoar os companheiros. Geralmente enfiava a cara num livro ou aproveitava para escrever.

Naquela tarde, quando cheguei ao cubículo, chorei, chorei muito. A imagem do meu filho me abraçando na hora da partida, um abraço apertado de quem não queria sair... era duro, muito duro. Tinha sido egoísta e irresponsável. Tudo por um amor que sempre soube que não poderia dar certo. Não por culpa da Ângela, por culpa nossa, que queríamos tudo da vida. Queríamos os amores, os prazeres, as bagunças e, tenho certeza, queríamos também uma família.

Hoje, lendo o que escrevi no Água Santa, sei que, quando saí de casa e deixei Adelita, eu estava infeliz. Logo que cheguei àquele presídio, em março de 1977, escrevi: "Será possível amar duas mulheres ao mesmo tempo? Os cinco anos que passei com Adelita foram felizes, felizes mesmo. No começo foi um pouco difícil, mas depois tudo se acertou, acho que ela também me amava".

Ângela era muito inteligente e, apesar dos poucos meses de convivência, ela me conhecia bem, o bastante para saber que ao partir com ela, abandonando tudo, eu estava deixando para trás uma mulher que amava. Quantas vezes, no meio das nossas brigas, ela dizia aos berros:

— Quer voltar pra ela, está com saudades?

Saudades era o que não me faltava, sentado naquele beliche. Eram muitas e de várias épocas da minha vida. Da Cachoeira, por exemplo. Era esse o nome da fazenda dos meus avós maternos, perto da via Anhangüera, antiga Estrada Velha de Campinas. Por mais que meus pais quisessem que eu ficasse em São Paulo, para ir ao jardim-de-infância, ao primário, não conseguiam. Eu sofria de asma, e só passava bem na fazenda.

Duzentos alqueires de paraíso: rios, córregos, roças de café, gado, plantações de algodão e uma fantástica tropa de burros e cavalos. Era lindo, no fim da tarde, ver os carroções chegando com os colonos, com a colheita de café ou algodão. Depois de descarregarem, soltavam os animais para

descansar e, assim que eles se livravam dos arreios, deitavam-se para espreguiçar. Era um espetáculo, porque eram muitas carroças, puxadas
118
por parelhas de quatro ou seis animais. Os cavalos só serviam para montaria e passavam o dia com os fiscais que percorriam as plantações. Quatro desses fiscais praticamente tomavam conta da fazenda, cada um na sua especialidade. Três eram italianos e o administrador era alemão.
A maior parte dos trabalhadores era italiana. Além de cuidar do algodão e do café, eram meeiros em pequenas roças de milho, feijão e, onde havia brejo, arroz. Seus filhos foram meus primeiros amigos. Zé Migott só saiu da minha casa para casar. Zé e eu passávamos o dia pescando, andando a cavalo ou passeando pelos pomares. No fim da tarde, reuníamos a molecada que voltava da roça para jogar futebol. Apesar de o campo ser ótimo, às vezes jogávamos em um dos terreiros de café, que ficava ao lado da casa-grande, que era como chamavam nossa casa. Isso porque meu avô gostava de assistir às peladas.
Lembrar dessas coisas me deixava com o coração apertado, mas me ajudava a viver naquele mundo da prisão, estranho e perigoso.
Depois daquele domingo, os dias foram de grande expectativa. Só pensava no julgamento do habeas corpus. Tocava o meu dia-a-dia do jeito que dava. Ia às galerias levar as listas de livros para serem escolhidos, mais tarde voltava para entregá-los ou retirá-los. Depois, me distraía consertando as capas e folhas dos livros hospitalizados. No cubículo, tentava escrever alguma coisa.
Tinha organizado meus escritos por data, assunto e importância. Assim seria fácil um dia aproveitar aquilo. Mas sempre misturei todos os assuntos. Adorava recordar e escrever sobre o tempo que passei em Goiás. Quando parava de escrever por algum motivo e recomeçava, já abordava outro assunto, como as caçadas que tinha feito na África Equatorial Francesa e na divisa com o Congo Belga, o tempo em que morei na América do Norte etc. E assim eu ia misturando tudo. Viajava pelo passado e conseguia me afastar daquele inferno e da minha consciência.
Uma manhã, quando estava na "A" entregando alguns livros, ouvi chamarem meu nome. Imediatamente percebi que a voz era conhecida. Cheguei um pouco mais perto das grades para localizar de qual dos cubículos vinha aquela voz.
— Doca, sou eu.
Aproximei-me assim que vi que era o Paulista, meu companheiro de cela em Cabo Frio. Apesar do medo que tinha de chegar perto das grades da "A", fui estender-lhe a mão. Ele estava com um aspecto péssimo.
119
— Aqui é pior que o inferno. Por favor, pede para me transferirem para a "B". SÓ ontem cinco foram transferidos para a Ilha Grande.
Claro que eu não podia fazer nada. Assim mesmo, respondi que ia tentar. Falei e cumpri, pedi ao tenente. Ele riu, e disse que iria olhar a ficha dele. Tempos depois, quando fui transferido para Niterói, o Paulista ainda estava na "A". Transferências eram constantes no Ary Franco. Quem estava na "A" queria ir para a "B", quem estava lá queria ir para a "c", e na "c" todos só pensavam em ser transferidos para o presídio Ed-gard Costa, em Niterói. Falavam maravilhas de lá. Até futebol de salão tinha, e os internos não ficavam trancados.
O dia do julgamento do habeas corpus chegou. Não dormi quase nada, de tanta ansiedade. E tudo por nada, pois à tarde, quando papai e o dr. Arthur me visitaram, informaram que o julgamento tinha sido transferido para o dia seguinte, já que um dos juizes não pôde comparecer.
Dr. Arthur estava visivelmente preocupado com a minha ansiedade. Explicou que tinha poucas chances, porque a imprensa ainda fazia muito estardalhaço. A mesma conversa que tivemos quando ainda estava em Cabo Frio, quando o primeiro habeas corpus foi julgado. Fiquei puto da vida, achei inacreditável a facilidade com que a Justiça podia atrasar as coisas. Enfim, não adiantava nada eu

espernear. No dia seguinte, fiquei desolado quando recebi um recado do papai, por intermédio de um funcionário:
— Seu pai telefonou e pediu para avisar que vocês perderam por um voto.
Naquela noite, quando o toque de silêncio já havia tocado e eu estava escrevendo, o Baitola, andando de lá para cá, resolveu se servir de uma caneca de café. Aproximou-se de mim e perguntou se eu queria. Fiz que não com a cabeça. Ele deu um passo para trás e atirou seu café em cima de mim. Acertou o meu peito, sujando a camisa, o lençol e o bloco em que eu escrevia. Assustado, sem descer do beliche, olhei para ele e perguntei:
— Que é isso, ficou louco?
A resposta foi lacônica, seu rosto debochando de mim:
— Escorreguei.
Sem sair de seu lugar, Rando, o xerife, perguntou:
— O Doca ofendeu você?
O que fiz em seguida foi puro reflexo, não tive tempo de raciocinar. Rindo, desci da minha cama e disse algo como:
120
- Puxa, sempre tratei você tão bem.
Como se fosse abraçá-lo, segurei o Baitola pelos ombros e dei uma becada forte em seu nariz. Teve início um alvoroço. Os companheiros entraram no meio para separar, e o Baitola, que não se defendeu, começou a gemer alto. A confusão chamou a atenção dos cubículos mais próximos. A sorte foi que, àquela hora, os cubículos estavam trancados e o corredor, vazio. O pessoal do C-2 fez sinais, indicando que não havia funcionários por perto. Quando os ânimos se acalmaram, fui fumar um cigarro no terraço. Havia um guarda andando nas grades acima da minha cabeça. Ele estava tranqüilo, não tinha percebido nada. Rando veio falar comigo, estava preocupado. Achava que a administração ficaria sabendo em pouquíssimo tempo. Cagüetes não faltavam. Aconselhou-me a não dormir. O Baitola não era tão bobo quanto parecia e poderia se vingar, pois estava com o nariz arrebentado e sangrando. Eu não entendia a atitude dele, tratava todos com o maior respeito.
Não sei o que passou na minha cabeça, mas não dei atenção à preocupação do Rando. Deitei, virei de lado e dormi.
Acordei pela manhã com a sirene. Tomamos banho e depois todos tomamos café. Quando Apoio passou com o bule, me avisou que os funcionários já sabiam de tudo.
Logo depois do café, o sargento e mais três guardas entraram na cela.
— Se apresentem os dois que brigaram ontem à noite. Permanecemos imóveis. Ele continuou:
— Vão ficar trancados até os dois se apresentarem.
Ia virando as costas quando me apresentei. O Baitola fez o mesmo. O resto do pessoal foi liberado e o sargento avisou que iria nos levar para a delegacia. O agredido para fazer exame de corpo de delito e o agressor para prestar declarações. O Baitola foi logo dizendo que na verdade não tinha acontecido nada, que éramos bons companheiros.
— Expliquem isso para o delegado.
Fiz exatamente o que não se faz com um sujeito como aquele. Disse que só iria depois de falar com o capitão. O sargento se afastou um pouco, confabulou com os outros guardas e saiu. Os guardas ficaram andando pela galeria sem nos dar atenção. O Baitola veio me pedir desculpas, alegando que tinha tido um momento de loucura. Eu nem respondi, fiquei sentado olhando um livro que estava no meu colo. Não conseguia ler, estava nervoso e com medo do que estava por vir.
121
Cerca de duas horas depois, o sargento veio me buscar e me levou ao escritório do diretor. O trajeto inteiro fiquei atento. Tinha medo de ser agarrado pelos funcionários, empurrado para um camburão e parar numa delegacia.

O capitão estava de pé, me esperando em frente à sua mesa.
— Que pisada o senhor deu, não esperava isso. Espero que o senhor tenha uma boa explicação.
Contei exatamente o que tinha acontecido. Após ouvir atentamente, ficou parado na minha frente algum tempo.
— Na prisão, as coisas não se resolvem assim, é muito perigoso. Tenho certeza de que o senhor Nilson o Baitola recebeu um bom dinheiro para provocá-lo e fazer o senhor ir parar numa delegacia. Tenha cuidado, não caia noutra. Foi um repórter que fez isso, ele precisava de notícias novas a seu respeito.
Nem sei o que passou pela minha cabeça depois de ouvir aquilo. Abaixei a cabeça envergonhado e pedi desculpas. O capitão continuou:
— Você vai perder a faxina e ficar uma semana sem visitas. Durante essa semana não poderá sair do seu cubículo.
Então relaxou a postura.
— Não posso deixar de castigá-lo. O pessoal faria comentários e isso despertaria antipatias. O castigo para o Nilson será igual.
Educadamente, o capitão me dispensou. Acompanhou-me até a porta. Aproveitei e pedi para ser transferido para Niterói, para o presídio Edgard Costa.
— Vou pensar — disse. — Lá realmente é melhor, mais aberto, e todos os internos andam mais à vontade. Mas, em matéria de segurança, para você aqui é melhor, pois todos estão trancados, o que evita muita encrenca. Com todos no pátio é mais complicado.
Saí DA SALA DO CAPITÃO ALIVIADO. FICAR UMA SEMANA SEM VISITAS E perder a faxina era muito melhor que responder a mais um processo e ser escrachado nos jornais como rebelde e bagunceiro até atrás das grades. O Baitola já estava no cubículo quando cheguei. Ofereceu-me uma caneca de café e afastou-se sem dizer nada. Fui para meu beliche, peguei um bloco para tentar escrever. Não queria encrenca e, além do

mais, nós dois teríamos que passar sete dias juntos sem arredar o pé dali. por isso resolvi não tirar a limpo a história de algum negócio entre ele e alguém da imprensa. Se bem que gostaria de saber quem foi o jornalista que me armou aquela armadilha.
Estava tão cansado que nem pedi que algum companheiro fosse à cantina e pegasse um sanduíche para mim. Ajeitei-me no beliche e dormi pesado. Só acordei com o Rando me sacudindo porque já era hora da chamada e todos tinham de estar de pé e responder. Quando o pessoal da cozinha chegou com o jantar, só me servi de pão, que comi com café.
As coisas se acalmaram e, graças a Deus, as conseqüências haviam sido mínimas. Tinha pela frente sete dias sem sair daquele espaço, e iria aproveitar para ler e escrever. Recebia jornais quase diariamente. Papai trazia e continuou a trazer, mesmo sem poder me ver. Além disso, recebia cartas do Brasil inteiro, que eram lidas pela administração antes que chegassem às minhas mãos, assim como dezenas de livros e bíblias. Tudo, inclusive jornais, era doado à biblioteca.
Sem poder sair do cubículo, tive muitas horas para escrever e pensar, e também para me revoltar. Por sinal, é o que mais a gente faz no cárcere, principalmente quando os pareceres dos magistrados não são o que a gente espera. Não me conformava por não ter derrubado a prisão preventiva. Tinha direito à Lei Fleury, era réu primário, com bons antecedentes, emprego e residência fixa. Achava que estava sendo perseguido. Era incrível ter uma lei que me beneficiava e não conseguir fazer valer o direito a ela.
Descarregava no papel todo o meu rancor: "Confesso que a decepção foi grande, mas caí de pé e minha moral está alta. Sinto que Deus me dá força. Não me derrotarão jamais, não me destruirão. Mesmo sabendo que sou discriminado pelo Judiciário, sou forte e continuarei lutando". Era puro desabafo, foram páginas e mais páginas assim. Não era só contra o Judiciário a minha revolta, era

contra o mundo, e principalmente contra mim mesmo. Ainda bem que tinha bastante papel, foram dias de autocrítica. Acho que queria acabar comigo: "Não sei do Que estou reclamando. Com 42 anos de idade... fui me apaixonar. Pior ainda, larguei minha família falando sozinha. Cavei meu próprio poço e "cavoucando, cavoucando, até chegar ao fundo". Quando cansava de escrever, escolhia um dos livros que trazia sempre comigo. Um deles era de Castro Alves. Folheando-o, achei uma poesia que vinha a calhar:

123

É meia-noite... e rugindo Passa triste a ventania, Como um verbo de desgraça, Como um grito de agonia Eu digo ao vento, que passa Por meus cabelos fugaz: "Vento frio do deserto, Onde ela está? Longe ou perto?" Mas, como um hálito incerto, Responde-me o eco ao longe: "Oh! Minha amante, onde estás?"

E continuava a escrever, sempre com o mesmo humor... "O que aconteceu? Fui egoísta? Muita loucura? Tudo começou por tesão e virou um amor alucinante e trágico. Até nos maus momentos eu a amava. De repente, quando dei por mim, estava tudo irremediavelmente terminado."

Em meio a esse mar de pensamentos que escrevia do jeito que vinham, lembrei da minha primeira paixão, que me fez parar na África, por saber que não tinha condições financeiras para me casar. Daí passei para o tempo em que vivi em Washington, trabalhando na embaixada da Arábia Saudita. E assim foi aquela semana.

No terceiro ou quarto dia de castigo, recebi do diretor um envelope com um texto sobre "A organização das visitas íntimas nas prisões de alguns estados da América do Norte, Venezuela e México". Ele queria que eu traduzisse o texto, que estava escrito em inglês. Deu-me também um dicionário inglês-português. Comecei a trabalhar imediatamente, e com isso saí um pouco da fossa em que me encontrava.

Alguns dias depois, quando já havia sido liberado, fui procurar o tenente, porque o sargento tinha ameaçado me transferir para a "A". O tenente riu, me tranqüilizou e disse que a tradução era um serviço que eu estava prestando, e que isso já era uma faxina. Por isso, o sargento não podia fazer nada sem a autorização dele ou do diretor. O sargento não me suportava. Babava de ódio quando passava por mim nos corredores. Mas nunca tive certeza se esse ódio era verdadeiro, já que ele se dava bem com papai. Quando eu contava para o velho que tinha problemas com o sargento, ele dizia que era impressão minha.

124

— Filhão, ele é gentilíssimo!

Uma tarde, logo depois da "Hora da Ave-Maria", um funcionário entrou no cubículo com o alvará de soltura do Baitola.

— Senhor Nilson, arrume suas coisas e me acompanhe, que você será libertado imediatamente.

Ele arrumou suas coisas e se despediu de todos, inclusive de mim. Mas voltou e ficou confabulando com o xerife. O funcionário já estava impaciente. Conversa vai, conversa vem, Rando levantou e veio falar comigo:

— Dá pra arrumar vinte conto pro Baitola pagar a condução? Dei o dinheiro com mais algum para o lanche. Baitola me abraçou com lágrimas nos olhos.

Nos dias seguintes, quando passava pela "A" rumo à cantina, um gaiato gritava:

— Doca! Vem me dar uma cabeçada para meu alvará de soltura chegar logo!

Poucos dias depois fui chamado à sala do diretor. Ele me comunicou que eu seria transferido para Niterói, para o Instituto Edgard Costa. Já estava tudo arrumado para a transferência, que ocorreria dentro de quatro ou cinco dias.

Recebi a notícia com alegria. Não era o que eu mais esperava, o habeas corpus, é claro, mas... era sair do Água Santa. E, afinal, todos os comentários sobre o Edgard Costa eram favoráveis.

Já estava levantando para agradecer e me despedir do capitão quando ele me interrompeu:

— Espere, ainda preciso falar com você. Num presídio como o de Niterói, os apenados andam por quase toda parte. Os que não estão na faxina e não têm problemas com a administração podem estar jogando vôlei, futebol, lendo ou fazendo qualquer outra coisa. É um lugar muito mais perigoso do que aqui. Você tem que ficar sempre alerta, não se resolve nada a socos. Por mais que os funcionários revistem os internos e todos os cantos do presídio, não tenha dúvida, há facas fabricadas pelos internos escondidas, que eles chamam de "estoque". Então, cuidado, principalmente porque tem sempre alguém querendo fazer bonito para aparecer. Cuidado com as drogas, isso dá processo e mais cadeia.
Depois disso, me levou até a porta e desejou boa sorte:
125
— Uma ou duas vezes por mês, vou lá à noite jogar futebol com o diretor, o capitão Nabuco. Se você estiver em forma, será convidado a jogar com a gente.
DOIS DIAS DEPOIS FUI TRANSFERIDO PARA NITERÓI. TINHA ESPERANça de ver a rua, a paisagem da ponte Rio-Niterói... Mas fiquei na esperança. No camburão só tinha um respiradouro, e era do tipo veneziana. Para ver alguma coisa era tão desconfortável que desisti.
Logo ao chegar fiquei mais animado. O ambiente era outro. Olhando de fora, o prédio antigo parecia um quartel. O cheiro da maresia era forte, sinal de que o mar estava por perto. Não pude olhar a rua e o prédio por muito tempo. Foi só um minuto, e logo fui encaminhado para a seção que recebe os internos. Depois da troca de documentos de praxe, assinaram o recibo que comprovava a minha entrada e fui levado à sala do diretor. Nabuco era um capitão da PM, homem alto, mulato, de maneiras nobres e sorriso largo. Fiquei impressionado com sua educação. De cara, foi logo dizendo que estava a par dos conselhos que o capitão Astério tinha me dado.
— Se segui-los, estará bem aqui. Neste presídio não há celas, são vários dormitórios, seis, e o seu fica no térreo, depois da quadra de futebol de salão. Há um muro que separa esse dormitório do resto do presídio. Só poderá sair de lá daqui a sete dias, a não ser que seja chamado pela administração, e nesse caso deverá ser escoltado por um funcionário. Depois do sétimo dia, se tudo estiver bem, você será liberado para o convívio. No seu dormitório ficam os faxinas e os elementos que consideramos de responsabilidade. Muitos dos internos têm TVS. Querendo, peça para trazerem uma para você.
Um funcionário me levou ao dormitório. No trajeto, passei pelo pátio que servia como quadra de futebol. Todos ali estavam de calção e, pelo menos naquele momento, não faziam nada. Vi o muro que o capitão tinha mencionado, e depois outro pátio, bem menor, que acabava em um monte de pedras. Ali estavam estendidos alguns internos, tomando banho de sol. O funcionário que me acompanhava olhou para eles:
— E aí, pessoal, a praia está boa?
126
Todos riram, e nós continuamos andando até a entrada do dormitório. Um interno encerava o chão, que estava impecável, parecia um espelho. Tudo ali era perfeito e cheirava bem. O local era enorme, não contei quantos beliches havia, mas tinha no mínimo trinta. Fui apresentado ao interno que encerava aquilo tudo.
— Conheça o xerife, o Português. Se quiser se dar bem com ele, não suje o dormitório. Ele lhe mostrará tudo, inclusive seu beliche.
Assim foi. O Português mostrou um quarto com dois beliches, que ele ocupava com seus dois ajudantes. Depois caminhamos até o fim do dormitório, onde havia uma arcada que levava a uma sala retangular pequena, com cinco beliches e um janelão que dava para o pátio. Seus dois ajudantes estavam limpando o lugar. Depois das apresentações, fomos até o beliche que eu ocuparia. Era perto da janela, e eu ficaria na parte de cima. O Português comentou:
— Foi o capitão que escolheu esse lugar para você. Nunca vi ele fazer isso.
Depois verificamos se o lugar estava limpo e arrumado.

— Vou deixar você com meus ajudantes. Se quiser, poderão arrumar sua cama todos os dias. Também podem lavar e passar sua roupa. Eles bem que precisam de uma ajuda.
Antes de se afastar, mandou que me acompanhassem até os chuveiros. Fez mais uma observação:
— Os três chuveiros podem ser usados das oito da manhã às cinco da tarde. O uso dos vasos sanitários e das pias é livre.
Os dois ajudantes não perderam tempo. Enquanto eu tomava um bom banho num dos chuveiros, arrumaram a minha cama. De um deles me lembro bem: era baixo, magro, tinha cabelos pretos e bigodinho. Chamava-se Mário. Era um cara triste, falava pouco, mas fazia o seu serviço muito bem. Minhas poucas roupas estavam sempre limpas e bem passadas.
Nas horas seguintes, conheci quase todos do dormitório, principalmente os que prestavam algum serviço. Um eletricista me vendeu um pequeno abajur feito por ele. Era de arame grosso, muito engenhoso. Instalou de um jeito que iluminava exatamente o meu colo, o que era Perfeito para ler um livro ou um jornal. Me diverti enquanto o cara trabalhava, parecia um alfaiate tirando medidas.
— Deita aí. Onde você põe o livro? Um pouquinho mais pra cá está bom?
127
Na primeira noite, logo que as luzes se apagaram, dei uma volta por todo o local, passei pelo banheiro e voltei para o meu lugar. R$_{epa}$rei nas TVS de alguns internos, instaladas de maneira a não serem atingidas pelos pés ou pela cabeça do vizinho. Reparei também que não era proibido colocar toalhas ou cortinas nos beliches, para ter algum$_{a}$ privacidade. Outra coisa que chamou a minha atenção foi o barulho de chutes e de palmas, que vinha da quadra de futebol. Então subi ao meu beliche. Embriagado pelo barulho do jogo, adormeci. Nem usei meu novo abajur.
Os primeiros sete dias foram difíceis. Não podia sair do dormitório nem receber visitas. Mas podia mandar recados, e pedi que avisassem meu pai para trazer uma TV.
Só tinha permissão para sair do dormitório para as refeições, que eram servidas no fundo do pátio, numa área entre o dormitório e o muro, onde terminava aquela parte do presídio. O Edgard Costa foi o único lugar em que me servi da comida da casa. Era boa, não tinha do que reclamar. Pensando bem, nove anos depois também achei uma comida bem razoável em um outro presídio-albergue de Niterói. Nessa época, saía pela manhã para trabalhar e retornava à noite. Hoje em dia, é uma prisão para mulheres.
Na minha primeira semana, saí do dormitório duas vezes, as duas para ir até o serviço social. Na primeira, falei sobre o tempo que tinha passado no Água Santa. Na segunda, fiz alguns testes. Fiquei bastante tempo conversando, e acho que surpreendi a psicóloga. Ela pediu que eu desenhasse uma bola. Fiquei fazendo hora com o lápis e o papel na minha frente, sem rabiscar nada. Eram duas moças que aplicavam os testes. Como o desenho não saía, uma delas resolveu me incentivar:
— Desenhe a casa onde você foi mais feliz.
Fechei os olhos, comecei a lembrar da casa da fazenda Cachoeira e desenhei a fachada da casa. Eram quarenta metros de frente, com colunas, uma escadaria que subia mais ou menos três metros. Ao chegar ao terraço, que percorria toda a frente da casa, viam-se oito janelões, quatro de cada lado da porta de entrada. Meu avô chamava o terraço de Pretório.
Entreguei a uma das moças o desenho, que por incrível que pareça reproduzia bem a fachada da casa. O interno que trabalhava com elas comentou:
— É melhor ele não ver o desenho da minha casa.
128
O resto da semana, eu li e escrevi. Comecei com Água Santa: "Finalmente consegui sair do Ary Franco. Quantas grades... que falta de calor humano, não consigo descrever aquele horror. Enfim estou fora de lá; ainda não estou no convívio, mas já sinto a diferença... não! Não quero $_{m}$ais escrever sobre aquele inferno. O diretor do Água Santa insistia que lá eu estava mais seguro. Pode ser, mas prefiro correr algum risco por aqui. E a galeria A... aquele cheiro... nunca quis escrever sobre ela... $_{n}$ão

vai ser agora. Tudo porque, para ser feliz, joguei todas as fichas, mas o destino tinha um straight flush".
Pela primeira vez escrevi sobre o começo do meu romance com Ângela. Escrevi também sobre a época que cheguei dos Estados Unidos, em 1961 e fui morar com a Glorinha Mariano, que conhecia de toda a vida. Tempo bom. Trabalhava numa agência da Volkswagen, a Marcas Famosas, recém-inaugurada. E assim continuei a escrever, sem me fixar em nenhum assunto. Precisava preencher meu tempo.
As MOÇAS DO SERVIÇO SOCIAL PEDIRAM AO CAPITÃO NABUCO QUE me liberasse para o convívio. Mas tive de passar os sete dias de praxe no dormitório, sem receber visitas. Sem nada para fazer, comecei a pensar nos assuntos sobre os quais pretendia escrever. Li o que escrevi no Água Santa, estava tudo sem pé nem cabeça. Começava a enumerar os assuntos, mas, assim que começava a escrever sobre o primeiro — que não podia deixar de ser a Cachoeira —, perdia o fio da meada e divagava. Refletia a respeito da minha vida e escrevia: "Levanto às seis da manhã, almoço às onze e janto às quatro. Leio e tento escrever. Tento, tento e não sai nada. Atualmente, nem pieguices".
Estava apreensivo porque tinham me avisado que em alguns dias iria a Cabo Frio para um sumário. Na época não sabia direito do que se tratava, mas o nome certo é "sumário de culpa". Estava tão distante de tudo que, no dia em que o dr. Arthur me explicou o que era, apenas fiquei chateado por ter de voltar ao fórum de Cabo Frio. Quando ele Partiu, continuei na mesma, sem entender nada.
Alguns dias mais tarde, já no convívio, recebi a visita de papai, que me explicou o que era o tal sumário: era uma audiência para ouvir as testemunhas de acusação. Aquilo me deixava nervoso. Ter de

voltar lá, de camburão e algemado, era muito para mim. Não queria falar no assunto.
Como era dia de semana, papai não pôde ver o pátio, perceber como era diferente o ambiente dos dois presídios. Sentia que ele estava diferente mas, por mais que eu perguntasse, não se abria comigo. Aproveitei para pedir novamente uma TV, três bolas de futebol de salão, um tênis forte e um chuveiro. O Português tinha me dito que o diretor autorizaria, já que seria para o benefício de todos. Papai anotou tudo e continuou com aquela cara de mistério, de quem estava querendo contar algo. Só entendi o porquê quando ele foi embora e passei pela secretaria. Um funcionário me chamou:
— Seu pai deixou essa caixa para você, preciso abrir para revistar. Chamou um funcionário e abriu o pacote. Era uma TV em cores de 21 polegadas. O agente, que era um cara legal, me alertou:
— Quando tocar a sirene de recolher, deixa que eu levo a TV para você. Não recomendo que você passeie com esse aparelho pelo pátio, no meio dos internos. Tem muito olho grande.
O estranho mesmo foi quando entrei no dormitório e fui abordado pelo interno que me vendeu o abajur. Assim que me viu, falou:
— Se você quiser instalo a TV perto da janela.
Na verdade, nem liguei muito, já estava me acostumando com aquele tipo de comunicação instantânea entre os internos.
A TV foi instalada em frente à janela, de um jeito que podia ser vista dos cinco beliches do "Recanto do Luxo", que era como chamavam aquele espaço no fim do dormitório. Não mexi uma palha. Assim que o aparelho chegou, ele foi cuidadosamente desempacotado, e cavaletes e andaimes usados na reforma do prédio apareceram num passe de mágica, servindo de pedestal para que o aparelho ficasse na altura certa.
O "Recanto do Luxo" passou a ser o lugar mais freqüentado pelos internos. À noite o pessoal se espalhava pelo chão. O Português e seus ajudantes tinham cadeiras, eu escolhia os programas, mas, quando não estava interessado, podiam usar do jeito que quisessem. Mesmo durante o dia, o aparelho estava sempre ligado.

Quando fui liberado para o convívio, o capitão Nabuco mandou me chamar. Queria que eu aceitasse uma faxina. Contei que alguns internos queriam organizar um torneio de futebol, e eu tinha encontrado no grêmio seis uniformes e redes bem conservadas. Contei que adorava jogar e, se ele deixasse, eu cuidaria do torneio.
130
— Até encomendei três bolas — eu disse entusiasmado.
O capitão gostou da idéia e chamou as moças do serviço social para comunicar a decisão. Pediu para elas darem a notícia no jornal do presídio.
Logo que cheguei ao Água Santa, o diretor falava de uma "sociedade carcerária", mas não podia compreender exatamente o que queria dizer. No Edgard Costa, comecei a entender do que se tratava. Lá havia um grêmio que promovia atividades esportivas, jogos de xadrez, damas e dominó. Havia também um jornal e uma barbearia, tudo administrado pelos internos. O serviço social só dava apoio.
Aos poucos fui conhecendo alguns internos. Andava por todos os cantos do presídio que os internos podiam freqüentar. O que mais fiz foi tomar banho de sol na "praia". Estendia a toalha e ficava lá, pensando em Ângela, na liberdade perdida. Às vezes, o sol batia no meu rosto e eu, de olhos fechados, via toda a minha vida passar como um filme.
Era muito deprimente abrir os olhos e constatar a dura realidade da prisão. Talvez fosse por essa razão que tão poucos internos curtiam a praia. A maior parte ficava andando do beliche para a cantina e vice-versa. Alguns faziam ginástica, outros ficavam em grupinhos tagarelando, e logo aparecia um funcionário para dispersá-los. O capitão não gostava de grupinhos.
Acostumei-me a sempre carregar comigo papel e lápis. Muitas vezes, desesperado, começava a escrever tudo o que passava pela minha cabeça: "Continuo sem disposição para escrever, não sei o que está passando comigo. Dentro de alguns dias irei a Cabo Frio... Aqui vou indo bem, nada de novo para escrever. A vida de sempre, vida de preso, onde com a graça de Deus não tenho problemas".
Embora o Edgard Costa fosse pequeno, o efetivo de funcionários e policiais militares era grande. O capitão Nabuco aparecia nos pátios e dormitórios de surpresa: se alguém pisasse na bola, era transferência na certa. Tudo fazia de lá um lugar tranqüilo. Ele dizia: "Este lugar, perto do resto, é um paraíso".
Eram poucos os internos com quem eu me relacionava. Todos eram da faxina ou diretores do grêmio, ou faziam alguma atividade esportiva. Como no Água Santa, evitava ter muitos contatos. Fiquei sabendo de internos que não saíam de seus dormitórios. Nilo, um senhor negro que era o mais velho do presídio, me contou que esses internos tinham medo de ser mortos, ou porque tinham muitos inimigos ou porque eram cagüetes.
131
Eu me dava bem com o Nilo. Conversávamos muito, ele tinha muitas histórias. Todos o temiam, mas eu gostava dele. Era um preto enorme, de andar lento, de malandro de antigamente. Não sei por que me chamava de "Estilete". Ele não podia ir para outros presídios, pois o pegariam na certa. Nunca perguntei, mas parece que tinha dado cabo de muita gente.
Conheci também o Nilson — que tinha muito cartaz com o diretor, já que o conhecia desde a época em que estiveram na Marinha -— o Americano e o Irmão, que não largava a Bíblia. Ele havia matado a mulher, a destrinchado e enterrado, tudo debaixo de uma mangueira. A polícia descobriu o crime porque encontrou o pé direito dela, que ele, distraído, não enterrara. Andava também com o Professor, que estivera no Água Santa comigo, o Neuze, de quem o pessoal não gostava, porque era homem de confiança do capitão, o Mário e o Zuir, ajudantes do Português, e Nilo e Domingos, o marceneiro e o eletricista. Tinha também o sr. João, que não era interno, mas arrendava a cantina do presídio.

As COISAS QUE TINHA PEDIDO PARA PAPAI CHEGARAM. O CHUVEIRO elétrico não fez tanto sucesso quanto as bolas, já que estas eram para todos, e o chuveiro só para o nosso dormitório. Foi instalado tão rápido que em menos de uma hora fui convidado a experimentá-lo. Estava com tantas saudades de tomar um banho quente que imediatamente abri a torneira. Fiquei maravilhado. Comecei a lavar a cabeça e sentir a água morna caindo pelo meu corpo. Abri os olhos e vi o Domingos, que falava para os companheiros:
— Fui eu que instalei, depois dele sou eu!
Quando estava acabando de tomar banho, ouvi uma voz que conhecia bem...
— Então, tomando um banho, príncipe?
Dei de cara com o Professor, que tinha acabado de chegar, contando as novidades:
— Consegui sair do Ary Franco porque devo ser posto em liberdade em poucos meses. O grande escândalo da galeria não é mais a sua cabeçada no Baitola. A história de agora é a surra que o garoto do Apoio deu nele. Agora estão em cubículos diferentes. Ninguém ousa olhar para o moleque, com medo do Apoio.
132
Nos dias seguintes, ajudei o pessoal do grêmio na organização do campeonato. Eram seis times, todos jogariam entre si, e no final o campeão levaria a taça, ofertada pelo capitão. Depois a taça ficaria exposta na sala do diretor. Era de metal, não poderia ficar no grêmio.
Houve muita confusão para formar os times, já que os que jogavam bem eram conhecidos. Para não haver briga, os nomes dos participantes foram postos em um pequeno saco e cada capitão sorteou os jogadores, na frente de quase todos os internos. Tive sorte: os três jogadores mais cobiçados ficaram comigo. Um deles, o Tião, havia sido profissional de um time de Campos. Era um mulato de 1m 90, a cara do Paulinho da Viola. Putz, como esse cara jogava! Os outros disseram que tinha marmelada, mas logo pararam de reclamar. Ficou decidido que o campeonato começaria em quinze dias, assim teríamos tempo de treinar.
Nesse meio tempo, recebi uma notícia que me deixou arrasado. A alemã Gabrielle Dayer tinha desaparecido depois de despencar de umas pedras na praia da Ferradurinha. Seu corpo ainda não tinha sido encontrado, e as buscas continuavam. A notícia se espalhou rapidamente entre os internos. A história me incomodava, pois os jornais e todo mundo achava que a alemã era o pivô do crime. Não era verdade, ela era apenas um personagem que havia gerado a discussão que terminou em tragédia. Lembro perfeitamente daquela manhã na praia dos Ossos. A moça era bonitinha, mas nada de extraordinário. Ângela estava alcoolizada e não foi discreta na abordagem, me deixando constrangido no meio dos nossos amigos. Para que não fizessem perguntas que eu não queria responder, passei dois dias no dormitório, assistindo à TV, lendo e escrevendo.
"É verdade, sofro em saber que em oito meses arruinei toda a minha vida, e não foi só isso... meu Deus, como pude... e os filhos da Ângela, que será deles? É só sofrimento. Consegui, me dou parabéns, de uma só vez desgracei duas famílias, a minha e a da Ângela. Aliás, três, imagino como está a família da Adelita. Ângela, meu amor, me perdoe, que saudades... Como poderei esquecer nossos momentos tão mágicos, nosso passeio a pé, de madrugada, em Petrópolis. Linda, sorrindo para mim, só com o vison em cima do corpo. Onde você está? Eu sei, presa na minha mente. Não agüento esta angústia e esta dor. Deus... Deus... Preciso parar. Pensar nisso não leva a nada."
133
Rasguei muitas páginas assim. Na época, só não acabei com minha vida por causa dos meus filhos, para não causar mais sofrimento.
Uma noite, Nilson apareceu nas grades da janela. Ele ficava à disposição do diretor até este sair, por isso era sempre o último a entrar no dormitório. Assim, não estranhei e me aproximei para saber do que se tratava. Era um recado do diretor:
— Pega suas coisas e vem jogar futebol.

O grupo reunia funcionários e internos, e jogava bem. Eu estava completamente fora de forma. Apesar disso, corri, dei alguns chutes e, por que não dizer, me distraí bastante. Depois dessa primeira vez, pelo menos uma vez por semana jogava junto com eles. Naquela primeira noite esportiva, o diretor teve uma longa conversa comigo. Queria que eu voltasse ao convívio.

— Não adianta você ficar deitado no beliche, querendo se esconder da vida. Levanta a cabeça, você vai ter que enfrentar muita coisa. Seja forte, um dia tudo isso vai ficar para trás.

Alguns dias depois, avisaram-me que em breve iria a Cabo Frio para o sumário de culpa. Além disso, recebi um recado de meu pai dizendo que o habeas corpus tinha sido encaminhado e poderia ser julgado a qualquer momento, dessa vez, no Rio de Janeiro. Soube disso no intervalo de um treino de futebol. Estava tão cansado, e prestando atenção nas instruções do Tião, nosso jogador principal e treinador, que nem dei importância ao que Nilson me dizia. Só caiu a ficha quando ele riu e comentou:

— Aí, menino, não ligue para nada, o destino que resolva os problemas...

Disse isso com tanta alegria e sinceridade que até perdi a concentração e dei uma paradinha na quadra. Juntei todas as minhas forças e voltei para o treino. Às vezes, no desespero, sempre pedia a Deus que me ajudasse. E acredito que fui atendido, podendo jogar futebol nessa época. Sempre que entrava no campo, virava criança.

A tarde, papai foi me visitar, junto com o dr. Evandro. Queria que eu ficasse tranqüilo na audiência em Cabo Frio.

— Ouça as testemunhas de acusação com atenção e calma, não se preocupe se estão falando a verdade ou se é alguma mentira. Estaremos lá, e muito atentos.

Quando acabou de dar as instruções, o dr. Evandro se despediu, e falei para papai:

— O Evandro está meio misterioso, o que será que está acontecendo?

O velho me tranqüilizou, dizendo que estava tudo bem e que Evandro estava com muita esperança no habeas corpus.

Voltei tenso para o pátio. Tinha de esperar o dia seguinte e voltar a Cabo Frio, olhar para a cara daquele juiz, que fazia questão de deixar claro que não ia com a minha cara. Isso me estressava. Passei o dia amedrontado, andando de um lado para o outro, tomando vários cafés. Dormi mal, e às seis e meia da manhã estava pronto, barba feita, banho tomado, calça e camisa em ordem. Só saí às dez horas, de camburão e com escolta da PM. Antes fui revistado e algemado, mas não me puseram trancado atrás, no sufoco. Fui no banco de trás, no meio de dois dos quatro policiais que me acompanhavam. Ao nos afastarmos do presídio, tiraram as algemas.

— Quando chegarmos ao fórum, temos de colocá-las novamente. Como a audiência seria só à uma da tarde, paramos no meio do caminho para um lanche. Os quatro estavam tranqüilos. Sabiam que eu não daria trabalho e me deixaram à vontade. Cheguei ao fórum algemado, e logo a audiência começou. O juiz não tomou conhecimento da minha presença. Eu não estava nem aí, mas, quando as testemunhas de acusação começaram a mentir fiquei preocupado, quem teria orquestrado aquelas calúnias? Eu era réu confesso, não precisavam de artifícios para me condenar.

Mas nem tudo foram rosas para a acusação. Uma empregada trazida por uma amiga de Ângela para depor contra mim acabou se enrolando toda e contou que tinha depositado, a meu pedido, 79 mil cruzeiros na conta de Ângela. Depois da audiência, ela continuou me ajudando, pois comentou em voz alta:

— Que pena, estraguei tudo.

Para variar, tanto na chegada como na saída da audiência havia uma multidão de jornalistas. Já estava me acostumando com o assédio da imprensa. Como já conhecia alguns jornalistas, parei e declarei que estava proibido pelo juiz de dar entrevistas. Naquela altura, quem estava mentindo era eu.

A volta foi tranqüila. Quando tivemos certeza de que nenhum jornalista nos seguia, paramos para

almoçar. Aquela etapa estava vencida. Agora era torcer para o habeas corpus.
135
Logo depois do almoço, entramos no camburão e partimos rumo ao presídio. Um pouco antes de chegarmos, fui algemado e alertado de que, entrando no Edgard Costa, aquela camaradagem ficaria para trás. Nem mesmo nos despediríamos, eles me devolveriam e pegariam o recibo acusando o meu retorno.
— Vamos nos despedir agora... boa sorte.
Desde que havia saído de Búzios, no fim de 1976, até chegar ao Edgard Costa, em abril de 1977, nunca analisara com tranqüilidade tudo o que tinha acontecido. Minha vida, meu casamento, meus dois filhos, Ângela e toda aquela tragédia. Foi no Edgard Costa que comecei a pôr a cabeça um pouco mais no lugar, a analisar os últimos anos da minha vida.
Pelo pouco que tinha escrito, ficava claro que era feliz e amava minha mulher e meu filho. Tinha paixão por Ângela, por sua beleza, seu corpo, sua inteligência e sua loucura. Quando resolvemos morar juntos, foi uma decisão conjunta, ela nunca exigiu nada. Adelita, percebendo que algo estava errado, propôs que fizéssemos uma viagem. Convenci minha mulher de que estava tudo bem. Achei que não era necessário, porque em breve iríamos para Punta del Este e passaríamos quarenta dias, como fazíamos todos os anos. Por que Ângela e eu resolvemos antecipar tudo? Estávamos tão loucos que achamos que aquela era a hora? Ou cheiramos tanto que tudo escapou do controle?
Queria virar essas páginas mas não conseguia. Quando recomeçava a escrever, o que saía mostrava que estava com pena de mim mesmo. Tinha vergonha disso.
Os jornais continuavam comentando o desaparecimento de Gabrielle. Evitava falar sobre o assunto com os internos. Eu entrava na quadra para jogar futebol, ou ia para a "praia" e ficava de olho fechado.
Aquela foi uma época difícil, muita coisa acontecendo ao mesmo tempo. Era época do regime militar, do presidente Geisel. O Judiciário entrou em recesso por discordar das atitudes do novo governo. Assim, meu habeas corpus, que seria julgado naqueles dias, teve de esperar o fim da queda-de-braço. Notícias assim me deprimiam. Outra coisa que me abalou foi um recado que recebi do dr. Evandro, de que minha ex-esposa deporia contra mim. Tinha de concordar que Adelita tinha suas razões,
136
Mas achava que, por termos um filho, ela não faria aquilo, porque só complicaria a cabeça do menino.
O que ajudava a me distrair era o campeonato de futebol. Tinha perdido a estréia do meu time quando estava a caminho de Cabo Frio. Estreou bonito, ganhou não lembro de quanto, mas foi de goleada. Na segunda partida joguei uns quinze minutos. Entrei quando o jogo já estava ganho, me passaram uma bola de frente para o gol, enchi o pé e... um moreninho que batia no meu queixo calçou a bola. Chutei tudo, o pé e todo o resto. A dor foi horrível. Aí o clima esquentou e saí atrás dele.
— Não corre não, seu filho-da-puta, vou pegar você.
O subtenente, que era o juiz da partida, apitou acusando a falta, mas continuei correndo atrás do agressor. Achei que ia alcançá-lo, mas ouvi a voz de um funcionário, braço direito do capitão Nabuco:
— Cuidado, Doca, pára com isso.
Soou um alarme dentro de mim e parei imediatamente. Fiquei sentado no chão, com muita dor, massageando meu tornozelo.
Quanto à história do "moreninho que batia no meu ombro", era incrível, mas isso era verdade para metade da cadeia. Certa vez estava com alguns internos batendo papo e tomando refrigerante na cantina. Distraídos, assistíamos à pelada. Um dos guardas estava do nosso lado quando, de repente, dois dos jogadores começaram a se desentender. O guarda imediatamente entrou em ação. Soou o

apito e foi para o meio do campo. Todos os jogadores se dispersaram e, como ele não estava prestando atenção, não conseguiu identificar os dois briguentos. Só tinha um jeito: castigar os dez. Sozinho no meio do campo, o funcionário olhou para nós, riu e deixou por isso mesmo.
Com o futebol, acabei entrando em forma. Além de treinar e jogar durante o dia, se tivesse jogo à noite eu estava lá. A noite, os funcionários jogavam com alguns internos. Na hora em que escolhiam os jogadores de cada time, eu era sempre um dos primeiros. Só nos campeonatos é que era reserva.
Assim eu ia levando aquela espera interminável. Era julho de 1977. Num domingo de madrugada, fui acordado pelo Nilson, que estava do lado de fora e me chamava em voz baixa. Demorei para entender o que acontecia, mas acabei descendo do beliche e caminhei até a janela. Com ele estavam dois internos e três meninas de programa, todos bêbados.
— Elas querem conhecer você.
137
Uma delas se aproximou da janela:
— Me dá um beijo. Quer que eu tire a blusa?
E ria. Nilson pôs o dedo indicador na frente da boca. Estávamos fazendo muito barulho. Imediatamente fiquei preocupado com o Português. Se ele acordasse, iria cagüetar na certa. Sorri para as meninas, fiz sinal para irem embora e voltei para meu lugar. Os participantes da farra eram os meus vizinhos no "Recanto do Luxo". No dia seguinte, fiquei sabendo que o Professor também tinha estado na gandaia. Ele só não apareceu na janela porque tinha ficado no serviço social com uma moça.
Pela manhã, fomos todos surpreendidos: o dormitório foi invadido por funcionários e policiais militares. Mandaram os internos ficarem de pé em frente aos beliches e revistaram tudo. Levaram escoltados o Nilson, o Professor e os meus outros dois vizinhos. Graças ao Nilson, ninguém foi transferido. Mas eles foram mandados para outros dormitórios e ficaram recolhidos por trinta dias, além de perderem a faxina.
O diretor me chamou para perguntar se era verdade que Nilson havia entrado no presídio com mulheres. Respondi que dormira a noite toda, e ele deu uma risadinha e me dispensou.
Nesses dias, conversava muito com o Americano. Tinha esse apelido porque sua especialidade era dar golpes em turistas. Era um cara de 1m 80 de altura, com uma cara superconfiável. Gostava de escolher suas vítimas no aeroporto, de preferência casais mais velhos. Ele sabia que eu me achava perseguido pelo juiz da comarca de Cabo Frio. Estávamos falando sobre os presos que haviam sido indultados no Natal do ano anterior. Ele era um deles e, como os outros, fora prejudicado pela burocracia. Lembrou-se de uma notícia que ouvira de madrugada:
— Você viu o que aconteceu com o juiz de Cabo Frio?
Ele me contou o que tinha escutado pelo rádio: o juiz tinha atropelado e matado uma pessoa perto de Arraial do Cabo. Imediatamente pedi licença e fui até a cantina. Falei para o sr. João, arrendatário da cantina, me trazer o jornal O Fluminense nos dias seguintes. Queria saber se tinham aberto um inquérito.
O sr. João era um homem bom, embora convivesse com criminosos havia muito tempo. Era policial aposentado, e acho que era informante do diretor. Quando contei por que queria o jornal, ele, que não era de falar muito, chamou minha atenção:
138
— Não seja burro de querer enfrentar esse juiz, que você se fode de vez.
Entendia a preocupação dele. Eu não queria enfrentar o juiz, a intenção era saber mais do acidente e contar para o dr. Evandro. Folheando os jornais, encontrei uma reportagem que me interessava. Era a respeito do diário encontrado no quarto de Gabrielle. O conteúdo da última página confirmava as declarações que fiz quando interrogado no fórum de Cabo Frio.
Um ou dois dias depois, papai me deixou um bilhete do dr. Evandro, informando que Adelita

escrevera uma carta se solidarizando comigo. Se precisassem, estaria à disposição para ser testemunha de defesa. Quando li o bilhete, dei um pulo. Levantei os braços como se tivesse marcado um gol e soltei um urro. Alguns internos se aproximaram, perguntando se era notícia de algum alvará de soltura.

Aquela seria uma semana muito importante para o campeonato de futebol, dois times tinham sido eliminados, e no fim de semana seria conhecido o campeão. Um dos times que disputariam a final era o meu. A sexta-feira chegou, e joguei boa parte da partida. Foi um jogo duro, e deu empate, com decisão por pênaltis. Meu time foi o campeão, e logo após o jogo o capitão Nabuco entregou a taça. Tião era o capitão dentro do campo, mas no registro do grêmio o capitão era eu. Tive que receber o prêmio, junto com algumas vaias dos inconformados, que achavam que eu tinha trapaceado no sorteio da formação dos times. Depois da entrega da taça, para surpresa de todos, apareceu um funcionário, que cochichou alguma coisa no ouvido do diretor. Antes de sair da quadra, ele pegou o microfone.

— Os internos que foram indultados no Natal podem arrumar suas coisas e ir para a secretaria. Os alvarás de soltura estão em cima da minha mesa.

Era 7 de julho de 1977, o indulto fora concedido no Natal do ano anterior... Só me despedi do Americano. Pedi licença a um funcionário e o acompanhei até a porta.

No fim de semana recebi a visita de vários amigos. No sábado vieram lide Lacerda Soares, Ricardo Amaral e Guto Vidigal. A impressão que dava é que tinham marcado um encontro. No domingo vieram Raul, Ana Maria Souza Dantas, mamãe e, como não podia deixar de ser, Papai. Mamãe comentou que dr. Evandro tinha contratado um advogado

de Cabo Frio que, embora não fosse criminalista, era um dos nomes mais proeminentes da cidade. O nome dele era Waldemar, dr. Waldemar. Todos o consideravam um homem honrado e íntegro, seu apoio era importantíssimo. Ela estava animada.

Continuamos jogando conversa fora por umas duas horas. Então chegou o final da visita, todos foram embora e eu caí na real. As visitas de familiares e amigos fazem um bem enorme, mas a despedida e a volta à realidade, esquecida durante aquelas horas, me deixavam muito mal... tão mal que eu entrava em depressão profunda. Só horas depois conseguia me recuperar.

Os dias passavam, e eu estava cada vez mais tenso, esperando o resultado do habeas corpus. Uma tarde, pouco antes do jantar, recebi a visita do dr. Evandro. Ele vinha de Cabo Frio e estava sozinho. Veio me contar que eu ainda não tinha sido beneficiado pelo habeas corpus, por conta de um processo de uma rixa em Santos, nos anos 50. Realmente tinha brigado num bar no fim da Enseada, no Guarujá. A briga havia sido feia. Um rapaz da nossa mesa tinha levado um tiro na cabeça e morrera. Abriram um processo, mas, além de não ter participado da confusão, eu era menor e nem havia sido intimado para testemunhar. Os documentos que provavam isso já faziam parte do processo, e o dr. Evandro tinha ido a Cabo Frio justamente para juntar as provas. Ele estava muito animado. Como ainda não tinha data marcada para os desembargadores do Supremo do Rio de Janeiro se reunirem, resolvi continuar pensando em vôlei e futebol. Não queria, como nas vezes anteriores, ter esperança e depois ficar dias deitado no beliche, sem nenhum ânimo.

Para me distrair, continuava a escrever, tentando organizar as idéias, mas não conseguia. Começava com a África, e logo desviava a atenção para a TV. Quando voltava, já era sobre minha infância. Dava uma parada para pensar e, quando recomeçava, punha no papel a primeira puxada de fumo. Passei uns dez dias assim. Uma tarde, estava começando um jogo de vôlei quando reparei num interno que trabalhava na enfermaria e fazia sinais para mim. Queria que eu parasse o jogo para falar com ele, e eu só o conhecia de vista. "O que será que esse chato quer?", pensei. Paramos o jogo e fui ver o que ele queria.

— Doca, ouvi no rádio que em algumas horas você será solto. Seu alvará já está com o oficial de

Justiça.
140
Esperava aquela notícia de uma hora para outra. Já tinha perdido dois recursos e achava que poderia perder aquele também. Na verdade, lá no fundo, eu tinha esperança. Ao receber a notícia, me senti mal e caí no chão. Fui parar na enfermaria. Como me recuperei rápido, fui para meu beliche e fiquei esperando me chamarem. Reuni alguns internos, inclusive o Português, e doei a televisão para o dormitório. As roupas de cama, os travesseiros e as toalhas, dei para o Mário, que era quem cuidava de tudo isso.
Lá pelas nove horas, o diretor veio me avisar que tinha chegado a hora.
QUANDO O DIRETOR CHEGOU, EU ESTAVA SENTADO NO BELICHE, fingindo que assistia à TV. Não queria demonstrar nervosismo, mas, ao sentir que a hora havia chegado, senti medo. Não sei explicar... acho que tinha medo, ou então vergonha. Talvez meus amigos me rejeitassem. Onde eu iria trabalhar? Tudo isso passava pela minha cabeça enquanto o capitão sorria e fazia um sinal para que eu o acompanhasse.
— Deixa suas coisas aí. Ainda temos algum tempo, vamos até o pátio caminhar um pouco.
Passamos entre os beliches, em direção à saída, e ele ia cumprimentando e brincando com alguns internos. Ao ver o Português, o capitão disse:
— Não vou com a cara daquele cagüeta.
Não andamos pelo pátio como ele tinha sugerido. Sentamos numa pequena arquibancada que dava para a quadra de esportes. Ele olhou bem nos meus olhos:
— Provavelmente dentro de uns dois anos será seu julgamento. Acho que você será condenado, porque há muita pressão por parte da imprensa. Se isso acontecer, você irá para uma prisão que não terá nada a ver com isso aqui. São lugares perigosos, cheios de armadilhas. Esses lugares têm muitos presos e poucos agentes penitenciários para vigiá-los. Numa penitenciária, um sorriso mal interpretado pode ter conseqüências muito sérias. Todo cuidado é pouco. Há um batalhão de jornalistas lá fora. Providenciei alguns policiais militares para escoltá-lo até o carro de seus advogados.
141
Ficamos ali sentados sem dizer nada, olhando para nossos pés. Alguns internos foram autorizados a me acompanhar até a secretaria. Nilson tinha dado um jeito e era um deles. Estavam à minha espera no portão que dividia os dois pátios. O diretor, vendo-os, sorriu. Estendeu a mão e desejou boa sorte. Nilson carregou a pouca bagagem que eu tinha e, junto com os outros, caminhou comigo aqueles poucos metros que faltavam para a minha liberdade. Pouco antes da secretaria, nos despedimos. O diretor estava me esperando com o oficial de Justiça. Não sei exatamente o que aconteceu, se assinei alguma coisa ou se apenas peguei aquele tão esperado habeas corpus e saí.
Lembro da cara emocionada do meu pai e do dr. Arthur Lavigne, mas não tenho certeza se o dr. Ilídio e o dr. Técio também estavam lá. Quando finalmente cheguei à rua, fui atingido por centenas de flashes e perguntas que vinham de todos os lados. Não dava para identificar ninguém. Os flashes me cegavam, só ouvia o pipocar das lâmpadas. Seguindo os conselhos de papai, caminhei com minha escolta sorrindo para todos que estavam ali, entrei rapidamente num táxi que nos esperava e parti imediatamente rumo à casa dos meus tios, em Santa Tereza, no Rio de Janeiro. No caminho, conversamos pouco. Olhava tudo o que estava à minha volta, mas não sei se via alguma coisa ou se apenas curtia a liberdade.
QUINZE DIAS DEPOIS, ÂNGELA E IBRAHIM CHEGARAM E SE HOSPEDARAM conosco. Vinte e quatro horas depois seria a festa. A semana tinha sido agitadíssima. Como sempre, alguma coisa atrasa e deixa a dona da festa a mil. Mas quando os dois chegaram estava tudo pronto, e passamos o dia seguinte numa boa.
Quer dizer, acho. Sempre gostei de receber os amigos ou de ser recebido por eles, só que desta vez

vinha muita gente em casa. Quando isso acontecia, só tinha um jeito de a festa ser boa e pegar fogo. Era todo mundo ficar de pileque, para descontrair o ambiente. Por isso falei para os garçons não pararem de passar as bandejas com bebidas.
Nas semanas que antecederam a festa, Ângela e eu nos encontramos poucas vezes. Ela esteve ocupada com problemas familiares e por alguma razão não pude ir ao seu encontro. Falamos muito por telefone, e nem mesmo

distância imposta por nossas obrigações nos fez parar de falar, planejar vivermos juntos. Conversamos muito sobre a dificuldade que teríamos com Ibrahim e com minha mulher. As razões eram claras: ambos gostávamos de nossos parceiros e um era amigo do parceiro do outro.
Uma semana antes da festa, Ângela esteve alguns dias em São Paulo, hospedada com Joana. Avançamos muito nos planos de viver juntos definitivamente. Não tinha jeito, no momento certo escaparíamos sem aviso, na moita, da maneira mais feia. Era mais fácil para nós agir covardemente, sem olhar para trás. Nunca nos drogamos tanto como naqueles dias. Acho que era onde íamos buscar coragem.
A organização da festa havia sido perfeita. Pouco antes de os convidados chegarem, andando pela casa, constatei quanto a casa era boa para uma festa daquelas. A iluminação, tanto dentro como fora, estava exata. As flores, o bar, a mesa, os garçons...
Fui para o jardim e caminhei até onde acabava o gramado e começava uma rampa que descia para a garagem. Olhando de lá o meu coração apertou. A casa estava linda e, muito mais que isso, eu gostava dela... muito, muito mesmo. Estava olhando aquilo tudo quando Ângela apareceu no terraço. Linda, a meia-luz, ela vinha caminhando em minha direção, mostrando toda sua sensualidade. Seu andar era felino. Aquela aparição, no exato momento em que constatava que amava a casa e tudo o que ela representava — que ela era o meu canto, com minha mulher e meu filho —, misturou toda a minha cabeça. Arrastei Ângela para trás de uma árvore e comecei a beijá-la delicadamente. Com o vestido que ela usava, seria fácil fazer amor com ela ali mesmo. A excitação que sentia era muito forte, seu cheiro de fêmea sempre causava aquela sensação. Puxei-a pela mão e caminhamos até o terraço. Ninguém estava por ali. Enfiei a mão no bolso e, falando que precisávamos nos acalmar, abri um farnel que tinha recebido naquela tarde. Molhei o dedo na língua e enfiei no papel, encostei em sua narina, esperei ela aspirar e passar meu dedo em sua gengiva, segurando seu punho. Repeti o movimento e fiz o mesmo. Ela ria.
— É assim que vamos nos acalmar?
Olhei de relance para a sala, e o garçom apareceu avisando que os Primeiros convidados estavam entrando. Cheguei ao hall puxando Ângela Pela mão. Minha mulher estava lá, sorrindo para um fotógrafo amigo, o riroseli, que trabalhava junto com a colunista Alik Kostakis, minha amiga do coração. Ele sempre era o primeiro a chegar, fotografava as pessoas

que interessavam e ia para outra festa. Acho que aproveitou e fotografou Ângela e minha mulher, que estava muito elegante. O Ibrahim chegou. Não sei se veio direto do aeroporto naquela tarde, ou se já estava lá. Lembro da reportagem e da parafernália toda, holofotes, câmeras etc.
Duas horas depois, a casa estava cheia. Tinha gente saindo pelo ladrão, cariocas e paulistas se misturavam. Gente da velha guarda, um pessoal mais jovem e a nossa turma. Só parou de chegar gente à uma hora da manhã. Daí em diante, o pessoal mais velho, que havia chegado mais cedo e já tinha jantado, foi saindo.
Ângela e eu tínhamos combinado de ficarmos comportados, e só trocávamos olhares. Controlava o assédio da rapaziada... caíram matando. A bem da verdade, eles tinham toda a razão, ela estava um arraso.
Ibrahim, muito experiente, escolheu começar a entrevista no momento em que a festa estava no

auge, com convidados nas salas, no jardim e em pequenos grupos, conversando em volta da piscina. Tudo isso, e mais a música a toda, fazia daquele o momento certo. Acho que a entrevista apareceu duas semanas depois no Fantástico. Minha mulher, muito inteligente, soube responder sem peruagem e sem cair nas armadilhas que os cronistas armam, mesmo quando são grandes amigos dos entrevistados.

Depois da entrevista, a festa continuou alegre. Não precisava ficar preocupado com a vizinhança. Estávamos em 1976, e naquela região do Morumbi havia pouquíssimas casas. O dia já estava raiando quando os últimos convidados se despediram.

A festa tinha chegado ao fim e nós quatro também. Depois daquilo tudo estávamos acabados. Não me lembro de termos ficado bebendo depois, para comentar a festa e a entrevista. No começo da noite, quando estávamos no jardim, Ângela e eu tínhamos combinado de dar um jeito de nos encontrar depois da festa. Mas nada aconteceu. Só a vi novamente no dia seguinte, lá pelas duas da tarde. Ela e Ibrahim fizeram uma pequena refeição e voltaram para o Rio.

Depois daquele fim de semana, nossos encontros continuaram aqui e lá, como antes. Só que avançamos no nosso plano de viver juntos. Foi um momento muito difícil, vivíamos brigando. Apesar de eu estar feliz com os períodos que ela conseguia passar aqui, sentia muito ciúme. Joana recebia muito, e as noites lá eram agitadas. Uma vez a discussão esquentou, e Ângel[a] voltou para o Rio. Mas no fim da tarde seguinte estava de volta, e eu fui esperá-la no aeroporto.

Não era só por causa do meu ciúme que brigávamos. Quando ela cismava que eu tinha feito amor com minha mulher, era um inferno. Um dia, levando-a de volta para a casa da Joana, ela disse mais uma vez que tinha de decidir. Que a vida que levávamos era muito sacrificada, que tínhamos de parar com a ponte aérea.

- O que estamos esperando? Vamos passar a vida planejando?

Ela passou três dias aqui, e eu mal fui para o escritório. Estivemos juntos o tempo todo. Voltamos a falar sobre o assunto numa tarde que passamos na casa do Francisco. Chegamos a combinar que eu sairia de casa dali a poucos dias, apenas com algumas malas, numa hora que não chamasse atenção. Só de escrever sobre isso minha boca seca. Na verdade, eu também achava que a vida que levávamos era impossível. Mas não tinha coragem de executar nossos planos. Naquela tarde, na casa do Francisco, não tinha certeza de poder fazer o que estávamos combinando.

Depois de alguns dias, telefonei para o Rio e avisei que não poderia tomar nenhuma atitude. Meus sogros estavam passando uma temporada na Europa, e eu tinha receio de que minha mulher se sentisse muito só. Ângela ficou furiosa, me xingou, disse que eu era covarde e que não a procurasse nunca mais. Não atendeu ao único telefonema que dei para explicar e fazê-la compreender minha situação.

Daí em diante, procurei não pensar mais no assunto. Enfiei a cara no trabalho. Tinha muita coisa a fazer, pois vivia deixando tudo para depois.

Ficamos rompidos uns quinze dias, e durante esse tempo encerrava o expediente na quinta e ia para a fazenda com minha mulher. Se antes eu já bebia, naquela época exagerei. Tomava caubóis o dia todo, tanto durante a semana como na fazenda. O importante era pensar unicamente nos negócios e na família. É impressionante o efeito da bebida num momento de dor. Eu bebia muito e não ficava de porre. Levava a vida normalmente [e]- quando estava na fazenda, jogava cartas, nadava e andava a cavalo. Foram dias difíceis, em que procurava mostrar normalidade, mas sentia muita saudade de Ângela.

Com a família ou trabalhando, eu estava bem, mas nos momentos [em] que ficava sozinho sofria muito. Perguntei-me muitas vezes como tinha entrado numa fria daquelas. Não era um adolescente inexperiente. Cansei de Pensar: "Sou um babaca. Esse pensamento me dava força para não P[r]ocurá-la mais. Se conseguisse esquecê-la, tudo ia ficar bem. Mas muitas [Ve]zes tive vontade de ligar para ela só

para ouvir sua voz e desligar em
145
seguida. Outras vezes, me imaginava chegando em seu apartamento de repente, só com a roupa do corpo, e não sair mais de lá. Uma tarde, minha secretária Cida me avisou:
- Ligação do Rio para o senhor. Dona Ângela.
Atendi imediatamente, nem tive tempo de pensar nos planos de esquecê-la. O começo da conversa foi difícil, apesar de me esforçar para não parecer ansioso. Fui carinhoso, como se nada tivesse acontecido.
- Puxa, pensei que eu fosse mais que um caso para você. Acreditei quando falou que me amava e não podia viver sem mim.
Ri, e disse que ela sabia muito bem a verdade, só que eu achava que o momento não era oportuno. Sua voz parecia normal, apesar de ter ficado muda por um instante, quando eu disse que "o momento não era oportuno". Mas logo se recuperou, se desculpou por ter desligado o telefone na minha cara e perguntou se eu iria vê-la ou se preferia que ela viesse para a casa da Joana.
Duas horas depois eu estava no aeroporto esperando por ela. Antes, fui até o Bexiga comprar pó, pois o meu pequeno estoque estava no fim. Se fosse só para mim, daria para mais um ou dois dias. Mas, quando Ângela e eu passávamos o dia juntos, curtindo no quarto, exagerávamos.
Cada ponte aérea que chegava, esperava ela aparecer, via-a descendo a escada do avião. Devo ter dado alguma bobeada, porque de repente ela estava ao meu lado, sorrindo e me entregando sua pequena bagagem. Ficamos uns cinco minutos no carro, nos olhando, nos abraçando e nos beijando. Passamos a tarde juntos, sem tocar em assunto algum que pudesse comprometer aquela lua-de-mel.
Nos dois dias seguintes, antes de ela voltar para o Rio, passamos duas ou três horas na casa do Francisco, nos fins de tarde. Só então tocamos novamente no assunto, pois contávamos com o apoio e a ajuda dele. Ficou combinado que ela iria para o Rio e, quando voltasse a São Paulo, num momento que fosse oportuno, ela e Francisco iriam comigo até a porta de casa, para me ajudar com as malas. Faríamos isso com meu carro, e em seguida partiríamos para o Rio. Dali para a frente é que pensaríamos no futuro. Eu sabia que desta vez ia embora e pressentia que a vida nova tinha pouca chance de dar certo. Tinha certeza de que era um caminho sem volta. Dando certo ou não, a vida nunca mais seria a mesma. Voltar para a minha mulher e meu filho, depois daquilo tudo, seria impossível. Como sempre acontecia na minha vida, depois de bater o martelo numa decisão, por mais difícil que fosse, ficava tranqüilo.
146
NA CHEGADA A SANTA TEREZA, DEI COM OUTRO ENXAME DE JORNAlistas. Pedi que papai me esperasse com meus tios e me deixasse sozinho com os repórteres. Fiquei um bom tempo com eles. Respondi a todas as perguntas de bate-pronto. Não importava se devia ou não respondê-las, se iam ou não me prejudicar no julgamento. Que se danasse, queria era ficar livre daquilo. Depois de algum tempo, pedi que me desculpassem e me despedi, prometendo que no dia seguinte atenderia a todos novamente. Perguntava a mim mesmo o que estava acontecendo. A imprensa havia enlouquecido? Ou, amordaçada pela censura, seu melhor assunto era eu? Não olhei para trás e subi as escadas da casa. Os meus tios me acolheram como sempre, com muito carinho, ainda que já tivesse dado muito trabalho a eles, quando era jovem e ia passar temporadas lá. Enquanto papai telefonava para São Paulo e tomava algumas providências, sentei junto a eles e, entre alguns uísques, conversamos um pouco. Eram duas pessoas que eu amava e respeitava. Tia Vera perguntou:
— E agora, o que vai ser, sua vida vai continuar sendo uma aventura?
A pergunta não era agressiva, tia Vera era muito amiga. Minha resposta foi idiota, e ela chamou minha atenção imediatamente. Eu disse:
— Sempre pedi a Deus que me protegesse... Ela me interrompeu:
— Deus não tem nada a ver com isso. Não misture as coisas, assuma responsabilidade pelo que você

faz.
Olhei para aquela mulher amada por todos que a conheciam. Fiquei ao seu lado, abraçando-a com todo o carinho. E comecei a responder sua pergunta novamente:
— Não sei, tia querida, não tenho a menor idéia. Ainda vou ter que pensar sobre isso.
A campainha tocou e a empregada veio perguntar se eu ainda iria precisar do táxi. Com a confusão da chegada, ninguém tinha pago ao motorista, que era dali mesmo, de Santa Tereza. Já estava chamando papai para pagar e dispensar o táxi quando tive um estalo. Estava preocupado com o dia seguinte. Teria de ir para o aeroporto e embarcar para São Paulo. A imprensa, na certa, estaria me cercando desde cedo. Disse

para papai não se preocupar, eu falaria com o motorista. Dei uma olhada para conferir se não havia ninguém da imprensa e saí.
Combinei com o motorista uma viagem para São Paulo, às quatro da manhã. Assim ele descansaria um pouco. Dei-lhe dinheiro para que enchesse o tanque, pois não queria parar para abastecer. Quando entrei e contei a novidade, todos ficaram meio surpresos, mas logo me entenderam. Naquela madrugada, voltei para São Paulo, sem problemas nem perseguições da imprensa. Antes, comi e descansei um pouco, junto com tia Vera e tio Tito, que ficaram comigo até enquanto eu cochilava. Minha tia faleceu pouco tempo depois, parece que adivinhara que não nos veríamos de novo.
A viagem foi tranqüila, e às dez da manhã eu já estava na casa da minha mãe, no Morumbi. Entrei rapidamente, antes que alguém percebesse minha chegada. Meu pai continuou no táxi. Minha mãe, que me esperava na sala de visitas, me abraçou e me beijou muito. Seu carinho me fez chorar. Com isso relaxei e fui descansar.
Acordei só no dia seguinte, numa boa, sem sustos. A casa era grande e eu tinha total privacidade. Fiquei rolando na cama, pensando na vida um bom tempo. A primeira coisa que faria seria ver os meus filhos. O Raul, o mais velho, provavelmente já estaria em casa, esperando eu acordar. Com o Luis Felipe era mais complicado. Eu já tinha problemas com o meu sogro, que não queria deixar minha mãe ver o neto.
E tinha de trabalhar o mais rápido possível. Estava quase sem dinheiro. Minha empresa estava nas mãos de outros, e havia perdido a renda que vinha de meus negócios de compra e venda de dinheiro, que também não teve continuidade. Estava no mato sem cachorro.
Levantei, fiz a barba, tomei banho e pedi para servirem o café-da-manhã no quarto da minha mãe. O café veio junto com a informação de que a casa estava cercada pela imprensa. Não me preocupei, falei para minha mãe que iria atendê-los para que fossem embora, pois só estavam fazendo o trabalho deles. Ela achou que a idéia era razoável. Acabei meu café e fui ao encontro da imprensa, que me esperava na frente da casa.
Fui imediatamente cercado pelos repórteres e comecei a responder a suas perguntas. Todas muito difíceis naquele momento da minha vida. Mas estava dando conta do recado. A uma certa altura, alguém perguntou por que eu havia trocado de advogado. Aí me ferrei... Dei uma resposta cretina, mas fiz sem querer:
— Porque galo em galinheiro alheio é galinha.

Queria apenas dizer que o primeiro advogado, o ilustre professor doutor Paulo José da Costa Jr., que também era meu amigo, não era do Rio. A entrevista continuou, sem que eu percebesse a gafe.
Depois de algum tempo, consegui me desvencilhar das perguntas dos jornalistas e voltei para casa. Passei o dia quieto, sem sair. Recebi visitas de amigos e parentes, e o convite para trabalhar numa corretora de valores. À noite, mais alguns amigos apareceram. Só meu amigo e irmão, Chiquito, filho do meu padrasto, não apareceu. Ele não se dava bem com seu pai, mas nos falamos várias vezes por telefone. Quando fui dormir, estava tudo calmo, e meu padrasto e amigo Luiz Cunha Bueno, mamãe

e eu nos recolhemos em paz. No dia seguinte, dona Leonor — Dono —, que tomava conta da casa e tinha criado minha mãe, meu irmão e, por último, eu, entrou no meu quarto às dez da manhã, sentou na minha cama e disse:
— Dormiu bem? Depois vá até o quarto da sua mãe, que deu um fuzuê danado você chamar um tal de doutor Paulo de galinha.
— Dono, eu só quis dizer que ele não era do Rio.
— É, mas ele falou para sua mãe que quer uma retratação pública. Nem tomei café direito, e fui logo falar com minha mãe. Ela estava calma, dizia que somente um jornal tinha publicado aquela frase infeliz. E continuou:
— Também não era para o Paulo ficar tão ofendido. Telefonei para o José Carlos Dias e ele acompanhará você ao fórum para fazer a bendita retratação.
Alguns dias depois, no fórum da praça João Mendes, me desculpei publicamente, perante testemunhas e toda a imprensa. Dr. Paulo e eu saímos do fórum abraçados, e tenho certeza de que nenhum de nós ficou ressentido. Nos dias seguintes, os jornais ainda comentaram, mas logo esqueceram o assunto.
Esperei uns dias para começar a sair de casa, queria que a poeira abaixasse um pouco. Como não abaixou, resolvi tocar a vida pra frente assim mesmo. Fui aos bancos ver como andavam as minhas contas, visitei a Brasilos, que estava com nova diretoria. Precisava transferir minhas ações para o novo proprietário, um empreiteiro argentino que já conhecia de vista. Um camarada legal, que viria a ser meu cliente pouco tempo depois, quando comecei a vender carros na Marcas Famosas, concessionária da Volkswagen.

Resolvi que tinha de levar o dia-a-dia como se nada houvesse acontecido. Se me olhassem, que olhassem. Precisava recomeçar a vida rapidamente, porque não sabia quanto tempo teria de liberdade.
Ao contrário do que esperava, era bem recebido nos lugares aonde ia. Os amigos que tinha feito nos últimos anos, quer dizer, depois de ter chegado dos Estados Unidos, me acolhiam muito bem. Os amigos da infância mantiveram distância. É claro que Chiquito era um caso à parte, a gente sempre foi muito unido. Deixei passar uns dias e telefonei para Adelíta, mas me avisaram que ela e nosso filho estavam na Flórida, em Fort Lauderdale. Deram seu endereço e telefone. Não estranhei a notícia, porque lembrei que tinha dado autorização para meu filho sair do país.
Depois disso fiquei uns tempos meio perdido. Saía com Chiquito, ia à casa de umas primas de quem eu gostava muito. Num feriado prolongado fui para a fazenda delas em Goiás. Foram uns quinze ou vinte dias difíceis. Parecia que eu estava derrapando. Queria trabalhar, mas tinha o feriadão. Telefonei para alguns amigos empresários que estavam para chegar de viagem. Aquilo me incomodava, eu precisava de dinheiro. A bolsa da minha mãe estava e sempre esteve aberta para mim, mas não era dinheiro que eu queria... O que eu queria? Precisava desmanchar a imagem de playboy e gigolô? Talvez fosse isso. Pelo menos uma coisa boa aconteceria nos dias seguintes: meu filho mais velho, o Raul, chegaria da viagem que tinha feito com um grupo de meninos do colégio.
Sozinho, me sentia sozinho, apesar de nunca ter sido tão assediado por meninas, mulheres e senhoras. O que a imprensa é capaz de fazer... Minha mãe dizia que eu vivia em motéis. Aquilo não me satisfazia. Ao contrário, me deprimia. Chegava em casa e escrevia que não prestava, que deveria ter vergonha de estar saindo e me divertindo. Quando escrevia coisas mórbidas, amassava tudo, punha num cinzeiro enorme que tinha no meu quarto e botava fogo.
Finalmente as férias acabaram. Reencontrei Raulzinho e fui conversar com meu amigo Guto Vidigal. Ele me convidou para trabalhar em sua corretora de valores e eu aceitei, até porque já dominava o negócio. Ali eu estava em casa. Guto me conhecia bem, já tinha trabalhado para ele. Negócios de compra e venda de dinheiro são muito rápidos e, bem trabalhados, ganha-se bem. Mas eu não tinha

coragem de ligar para os homens de negócios e para grandes empresas, me sentia constrangido... Os jornais continuavam falando de mim.
150
Além do mais, mamãe havia combinado com o Salomão Schwartzman uma entrevista, que foi feita no jardim da nossa casa e tinha acabado de sair nas bancas. Achei a entrevista fora de hora e, sei lá, que merda, ela atrapalhou minha cabeça de vez. Não tinha peito para fazer meu trabalho. Depois de alguns dias telefonei para um amigo e investidor, que, além de jogar na bolsa, era um dos maiores empresários no ramo de automóveis. Eu já tinha trabalhado com ele no começo da década de 1960. Era o Valdomiro Gouveia Ferrão, conhecido como Miro. Conversamos sobre os velhos tempos e, depois de alguns minutos, passamos a falar sobre investimentos. Eu ia falando com ele e pensava: "Não tenho coragem de falar com os empresários... fico constrangido. Mas trabalhar numa loja de automóveis é outro caso. Só vou ter que atender os clientes". Interrompi nossa conversa sobre investimentos e contei a ele minhas dificuldades. Pedi que me aceitasse como vendedor em sua loja, nas bocas da alameda Barão de Limeira. A resposta dele foi a que eu queria:
— Pode começar agora mesmo.
TERMINEI A CONVERSA COM MIRO E FUI CONTAR A MINHA DECISÃO para o Guto. Não precisava fazer cerimônia com ele. Éramos amigos e, no fundo, ele não precisava dos meus serviços.
Fazia pouco tempo que estava fora da prisão. Meu balanço nesse curto período: tinha quebrado a cara em entrevistas idiotas, havia pedido desculpas publicamente ao dr. Paulo, tentara arrumar trabalho numa corretora de valores e, agora, ia vender carros na boca. Fora a minha vida sexual, que, em vez de me dar prazer, confundia ainda mais minha cabeça.
No dia 15 de agosto de 1977, escrevi: "A decepção de ver que no mundo aqui fora, apesar da liberdade de que gozam, os cidadãos vivem em uma selva tão grande ou maior que nas prisões".
Na verdade, estava decepcionado. Tinha ansiado tanto pela minha liberdade "e, agora que estou livre, me encontro perdido e desorientado".
No meio de tudo isso, recebi um telefonema da Celita, prima e ªmiga de muitos anos. Ela sugeriu que fosse tomar um café em sua casa e conhecesse um amigo, o padre Dario. Achei uma ótima idéia, assim Poderia vê-la. O encontro foi marcado para dois dias depois.
Conversei um bom tempo com o padre Dario. Ele ouviu pacientemente todas as loucuras que estavam embaralhadas na minha mente.
151
Quando conseguiu falar, transmitiu uma mensagem de paz, amor e compreensão. Lembro bem de suas palavras: "O mais bonito da vida é o ser humano. Devemos dar e receber amor para sermos felizes". Até hoje reflito sobre essas palavras.
Comecei a trabalhar na Miro Automóveis. No primeiro dia, um funcionário — que tinha trabalhado comigo anos antes —, o Nando jogou no bicho o número da chapa do meu carro: 0610. Deu na cabeça. Daquele dia em diante, todos os dias, joguei naquele número.
Ia tocando a minha vida, da loja para casa, de casa para a loja.
Nos fins de semana ia para a chácara da minha cunhada em Jaboticabal. Bebi muito naquela época. Era angustiante esperar que a Justiça marcasse a data do julgamento. Como não procurava os amigos para não constrangê-los, meu melhor companheiro era o uísque. Sabia que beber não resolveria os problemas. Em novembro, escrevi: "Logo após a saída da prisão, que suportei pelos remédios que tomava, tive momentos de alegria. Fui rodeado por novos amigos, que até hoje não sei se eram amigos ou faziam média. Sei que eles sumiram. Substituí remédios e amigos por álcool e, por algum tempo, deu certo".
"Mas agora resolvi parar com as falsas soluções e senti o grande peso da saudade, da solidão e do arrependimento. Tenho esperança de que com o passar do tempo consiga viver em paz novamente e

que possa fazer alguma coisa útil pelos outros. Espero que não tenha vindo ao mundo só por vir e para terminar com a vida da Ângela, que tanto amei e ainda amo. Creio que só agora, sem álcool e sem remédios, estou conseguindo me encontrar. É muito duro, espero que Deus me ajude."
Andava irritado por ser alvo de curiosidade e por não ter notícias dos advogados. Enfim, achava tudo um saco. O que fazia? Explodia em cima de alguém. Eduardo Armando era sócio do Miro, me disse algo de que não gostei... saí pelas tampas com ele. Era meu amigo de muitos anos, sorriu e deixou por isso mesmo. Depois, pedi desculpas umas vinte vezes durante o dia. Quando me comportava assim, ficava arrasado.
Um ano depois, eu escreveria: "Por que essa vontade de cagar na cabeça de todo mundo? Qual é a grande revolta? A injustiça de ter nascido para viver um drama tão pesado? Não compreender que o homem possa viver para destruir e ser destruído? Merda... como se corrige a morte, o assassínio, a pobreza e a podridão? Sou fraco ou forte? Nasci à imagem de Deus? A natureza, a mulher, os prazeres, a mesa farta e, apesar de tudo, a vida".
152
Para melhorar minha cabeça, entrei numa espécie de curso de auto-ajuda, muito em moda na época. Eram ensinamentos de controle de mente, ou Mind Control, como eram chamados. Foi um ótimo curso, e me ajudou muito. Fazíamos testes para treinar o que aprendíamos, nesses testes minha parceira era uma moça que eu não conhecia, embora conhecesse seus amigos. Era uma mulher bonita, loira de olhos azuis, uns dez anos mais moça que eu. Ficamos muito amigos e, quando o curso acabou, começamos a sair com freqüência. Fizemos uma viagem bonita pelas praias, que começou no Guarujá e acabou em Itacuruçá, na restinga da Marambaia. Foram dias lindos, que me fizeram bem. Só que me sentia culpado por me distrair, passear, dar risada... isso tudo me incomodava. Logo depois da viagem cada um seguiu o seu destino.
Dezembro chegou, e com ele as festas. Todos sentiam aquele ambiente, o corre-corre das compras de Natal, a cidade enfeitada... e meu coração apertado. Passei as festas em família, quieto no meu canto. Um pouco antes do dia 24, minha mãe foi para a praia. Fui para Jaboticabal com minha cunhada, meu irmão e seu casal de filhos. Foram comigo Raulzinho e uma amiga, Marilena, com seus três filhos.
Quando 1978 começou, meti a cara no trabalho. Sossego, eu não tinha. Sempre havia jornalistas rondando. A loja do Miro era grande, compravam e vendiam vários carros, todos os dias. Era uma loja aberta, entrava e saía quem quisesse. Então era fácil me fotografarem trabalhando. Eu não dava entrevistas, e isso devia irritar o pessoal, porque as manchetes eram sempre pejorativas.
Eu ia levando, conseguia vender e punha algum dinheiro no bolso. Apesar disso, não estava contente. Trabalhar por trabalhar era pouco. Uma noite, o Jean Louis de Lacerda Soares, que era um empresário amigo meu, e testemunha de defesa no meu processo, foi me fazer uma visita. Nossas mães eram amigas íntimas. Ele era dono da Marcas Famosas, onde eu já tinha trabalhado. Quando estávamos nos despedindo, disse ª Jean Louis que gostaria de sair da boca e voltar a trabalhar com ele. A resposta foi a mesma que a do Miro, quase um ano antes:
— Pode começar amanhã.
Duas coisas aconteceram antes de eu sair do Miro. As duas me ajudaram. A primeira foi no dia seguinte, quando cheguei à loja e encontrei o Salomão. Ele queria outra entrevista. Estava preparado, tinha um gravador e, como sempre, estava acompanhado pelo fotógrafo japonês.
153
Dei a entrevista na hora. Ele era sério, a entrevista só poderia ajudar. A segunda e mais incrível foi a que mais me ajudou. Eu continuava a jogar no número da chapa do meu carro, mas, como pretendia mudar de emprego dias depois, quando o apontador do jogo do bicho veio me entregar o papelzinho que comprovava a aposta, paguei uma semana de jogo que estava atrasada e avisei para ele não jogar mais. Fui ao escritório do Miro, no segundo andar, contar a ele a minha decisão de sair da firma e

agradecer por ele ter me dado, num momento tão importante, aquela oportunidade. Combinamos que trabalharia mais alguns dias, para esperar um vendedor que estava de férias. No dia seguinte, no começo da tarde, estava sentado no pára-lama de um dos carros quando vi o Miro quase despencando da escada do escritório. Ele ria e gritava:

— Você ganhou, Doca, você ganhou. Deu o número inteirinho, pode comprar o carro que queria tanto!

Eu gelei. Contei que havia suspendido a ordem do jogo diário. Miro pôs a mão na cabeça e disse:

— Jogo é assim mesmo. No dia que você não joga, dá na cabeça.

E ficou me consolando. Eu estava no café, no fundo da loja, quando apareceu o Careca, o apontador. Vinha rindo, a distância entre nós era de cerca de cinqüenta metros. Quando me viu, balançou a cabeça. Avisei ao Miro:

— Mesmo ele sendo mais velho, se vier me gozar, vai levar uns tapas... Careca era pequeno, e chegou com o andar rápido e as mãos para trás.

— Bem, sabe o que aconteceu? Eu joguei para você. Você ganhou 25 milhões de cruzeiros.

POUCOS DIAS DEPOIS DE RECEBER O DINHEIRO, QUE DAVA PARA COMprar um fusca zero, com aquela sensação de sortudo com que a gente fica quando acerta no jogo, me despedi do Miro, do seu sócio e dos meus colegas. No dia seguinte, comecei a trabalhar na Marcas Famosas. Minha função era procurar empresas que tivessem uma frota de mais de cem veículos.

Nos três primeiros meses, trabalhei como um louco. O meu lemª era produção: me obrigava a fazer de três a cinco visitas por dia, o que nunca dava menos de dezoito visitas por semana. A primeira visita

que fiz foi à Rhodia, cujo presidente era amigo de mamãe. Daquele dia em diante, passei a faturar no mínimo vinte carros por mês só lá, todos no sistema de leasing. A segunda foi à Brasilos, minha ex-firma. O novo proprietário comprou cinco kombis. Ao fim de noventa dias tinha vendido ainda para a Tenenge, a CBPO, a Fontoura White, a Cobrasma e a Bombril. Negócios pequenos, e com amigos, fiz muitos. Depois dessa arrancada, comecei a administrar os clientes que tinha conquistado. Em vez de visitar dezoito firmas por semana, passava o dia no telefone. Nem sei quantos telefonemas dava por dia. Vender frotas não é só vender. Tem a entrega, o licenciamento, o seguro e as merdas que acontecem no meio do caminho. Assim, passei fácil pelo ano de 1978. Trabalhei muito, e os resultados apareceram. Em dezembro, na época do Natal, a empresa deu uma festa em que distribuiu presentes para os empregados. No final do evento, recebi o troféu de melhor funcionário do ano.

Quanto à vida pessoal... andava como sempre. Tentei um relacionamento mais sério com Marilena, minha atual esposa, mas ela não agüentou toda a galinhagem que me cercava e que eu, por alguma razão, não conseguia rejeitar.

Até hoje não consigo entender o que se passava na cabeça das pessoas naquela época. A imprensa metia o pau em mim e eu era tratado como uma pessoa muito especial. Ficava assustado quando me pediam autógrafos. Isso aconteceu várias vezes. Numa delas, no viaduto do Chá, fiquei tão revoltado que disse a uma senhora que pedia um autógrafo para a filha:

— Os jornais dizem que sou um gigolô e traficante, é esse o ídolo da sua filha?

A senhora se afastou, reclamando que eu era orgulhoso.

Já nem ligava mais para os jornalistas, levava a minha vida. Eles queriam me fotografar... que fotografassem à vontade. Entrevistas eu não dava. Graças a Deus, a diretoria da Marcas Famosas e a maior parte dos meus colegas se davam bem comigo e me ajudavam a levar aquela situação.

E eu continuava tendo todo o apoio da família. Minha ex-mulher e meu filho tinham voltado. Ele me visitava uma vez por semana, e meu relacionamento com a sua mãe era o de bons amigos.

No réveillon, apesar de ter alguns convites para a passagem do ano, havia resolvido ficar sozinho. Eram quase dez da noite, estava no meu quarto vendo TV quando o telefone tocou. Era Marilena,

me convidando para passar com ela a virada do ano. Fui, e daquela data em diante ela
155
nunca mais saiu da minha vida. Nós já éramos amigos de longa data. Eu a tinha conhecido no começo da década de 1950, quando fui passar uns dias no apartamento do Guarujá. Ela era amiga da minha irmã de criação — Zildinha, filha do meu padrasto. Como freqüentávamos o mesmo grupo e o mesmo clube, vivíamos nos esbarrando. Além do mais, meu filho mais velho era amigo dos filhos dela.

Depois disso, meu cotidiano mudou bastante. Trabalhava o dia todo correndo atrás dos compradores das empresas e em seguida ia para a casa dela. Foi um bom tempo aquele. Marilena tinha duas filhas e um filho: Adriana, então com dezesseis anos; Claudia, com catorze, e Zé, com doze. O apartamento dela parecia um clube. A porta nunca estava trancada, os jovens entravam e saíam à vontade. Inclusive meu filho, que havia muito se considerava de casa. A convivência com eles me ajudou bastante, eu não pensava só em coisas tristes. Tinha encontrado um caminho para levantar o meu moral e ter esperança novamente. De vez em quando tinha uma recaída, porque o assédio continuava e nessas ocasiões Marilena dava um tempo em nosso relacionamento. Mas logo voltávamos às boas.

Meu trabalho também ia bem, aumentara em muito a minha clientela. Apesar de tudo, eu tinha momentos de depressão, principalmente quando sentia que a data do julgamento estava se aproximando. Isso fazia tudo voltar novamente. A imprensa aos poucos ia aumentando a pressão. Eles não sabiam a data, e tampouco eu, mas pressentíamos que a hora estava chegando.

Naquela época, raramente escrevia. Mas em 15 de agosto de 1979 registrei a minha tensão: "A espera continua, é duro demais. Toda vez que me sinto próximo do julgamento tenho medo. Aliás, nem sei se é medo, talvez seja angústia. Nestes últimos dias não tenho conseguido me controlar. As recordações estão de volta, o remorso e a solidão também. Mais uma vez pergunto: onde está o ombro de Deus para eu chorar, pedir desculpas e me afogar na imensidão de seu amor? O que faz do ser humano o que ele é? Bom, mau, rico, pobre, trabalhador... todos temos nossos caminhos, e não está em nosso poder delineá-los. Não quero arranjar desculpas, nem pôr a culpa no destino, mas tenho pensado muito... o que será que vim fazer aqui?".

Uma semana depois, eu prosseguia: "Nada é normal na minha cabeça, não consigo me concentrar em nada, tudo me enche o saco. Levei um ano para fechar um negócio de 72 consorciados com os funcionários
156
da Arno, e agora estou me lixando. Ruim, muito ruim e nada faço a respeito. Tenho certeza de que vou melhorar, mas está demorando. Hoje levantei duas vezes para ir trabalhar, ir ao banco e fazer outras coisas. Acabei voltando para a cama e agora definitivamente não vou a parte alguma. Meus bons momentos são com meus filhos, Marilena e seus filhos. A ela devo tudo o que me restou, ela representa quase tudo — mãe, mulher, amiga e esperança. Provavelmente não mereço o esforço que ela tem feito para me ajudar. A cada momento sinto que nada mais me interessa. Tenho pavor disso, tenho que reagir".

"Leio o que acabo de escrever e acho tudo ridículo, me sinto covarde. Covarde por não ter atirado em mim quando atirei na Ângela, covarde por não estar sendo forte para enfrentar a vida, covarde por estar choramingando, enfim, um nojo. Não quero que me vejam assim, por isso meu melhor refúgio é meu quarto, onde passei boa parte do tempo depois que saí da cadeia. Quando apareço, faço questão de estar impecável. Vou ganhar esta batalha, custe o que custar... Quanta confusão, quero ganhar a batalha, quero fugir da verdade, quero ter uma nova vida... não quero nada. Puta que pariu... que tudo vá para o inferno... quero ter paz!"

IAVIA CHEGADO A HORA, EU TINHA QUE ME DECIDIR. SOZINHO NO MEU escritório, desliguei o telefone. Ângela e Francisco estavam vindo me buscar, para pegar minhas coisas. Ao pensar nisso,

não me sentia pronto, nem tinha nada pronto. Quando caiu a ficha, fui atingido em cheio pela realidade, pelo abismo para onde estava caminhando. Comecei a chorar, engoli o choro e peguei o telefone. Liguei para minha mulher. Precisava que ela não fosse Para casa enquanto eu estivesse lá. Mas, antes de completar a ligação, desliguei e abri a gaveta da minha escrivaninha. Peguei o pó e me servi várias vezes. Depois fui até o arquivo buscar a garrafa de uísque e tomei um um grande gole direto do gargalo. Tudo à minha volta se mexia, me sentia mal. Caminhei até a janela para ver se estavam chegando e tinha a impressão de estar subindo uma ladeira. Angustiado e desesperado, voltei ao telefone. Tinha que me concentrar e continuar com aquilo, embora no fundo do meu Peito eu soubesse que era abominável. Novamente fui até o telefone e então ᶜompletei- a ligação. Consegui manter uma conversação normal e convidei Adelita para ir ao cinema. Marcamos de nos encontrar num cinema:

157

— Dentro de meia hora na porta do Majestic, na rua Augusta. Francisco e Ângela demoraram um pouco, o que para mim foi uma eternidade.

Finalmente chegamos em casa e, enquanto eles esperavam na rua bem em frente ao portão principal, eu arrumava minhas coisas. Nenhum do$_s$ empregados se preocupou em me ver mais cedo, pois costumava fazer isso.

Acho que demorei mais do que esperava. De repente, minha mulher se materializou na minha frente. Assim que me viu, e viu as malas, e como já tinha se encontrado com Francisco e Ângela no meu carro, na porta de casa, percebeu tudo. Foi uma cena horrível. Não tenho coragem de contar como foi. O sofrimento e o desespero foram imensos... Espero que Deus me perdoe. Sempre que me lembro daqueles momentos sofro muito, nem dá para explicar o que sinto.

Finalmente, enrolei minhas coisas em alguns lençóis, já que Adelita não me deixou sair com as malas. Fui em direção ao carro e parti, sem olhar para trás. Nem olhei para minha mãe, que encontrei na saída, pois minha mulher a tinha chamado durante a discussão para que impedisse aquela loucura. Joguei todas as fichas naquela história e, para ter a certeza de que não sentiria remorso, me droguei antes de entrar em casa e logo depois que saí.

Durante o trajeto até a casa da Joana, falamos de coisas corriqueiras. Não comentávamos o que estava acontecendo. Ao entrarmos no apartamento, Joana estava no telefone com Ibrahim. Não lembro como ela descartou o Ibrahim, só sei que comentou que ele estava furioso e recomendou que tivéssemos cuidado. Não tomamos conhecimento do conselho. Naquele momento só estávamos preocupados com a montanha de roupa que saía dos lençóis. Enchemos três malas grandes que Francisco emprestou e mais duas malas de mão de Joana. Quando Pedro chegou em casa e viu toda aquela bagunça, junto com os telefonemas do Ibrahim que não paravam, ele disse:

— Vocês estão apaixonados mesmo, mas fizeram uma grande loucura, que vai dar em cagada. Gostamos muito de vocês... Vou abrir uma Moet & Chandon.

A essa altura, Francisco já havia partido. O champanhe e as drogas ajudaram a relaxar e a esconder a angústia que insistia em me atacar. A madrugada começou e, cansados, fomos dormir. Por incrível que pareça, conseguimos. Era a primeira noite de nossa união definitiva. Dormimos abraçados e mantivemos esse costume até o fim. Mesmo quando quebrávamos o pau. No dia seguinte acordamos com preguiça e ficamos por ali mesmo. Tomamos café-da-manhã e voltamos para a cama, e só saímos quando Joana avisou que o almoço estava servido. Depois do almoço, liguei para o

158

escritório e falei com meu sócio, o Caio, e com Chiquito, que estavam muito irritados, pois tinham acabado de saber da minha separação. Expliquei-me com os dois e pedi que continuassem os negócios. Dentro de alguns dias, com a ¸abeça mais tranqüila, definiríamos como as coisas ficariam. Enquanto Ângela falava com a empregada no Rio de Janeiro e pedia para ela arru$_m$ar tudo, que chegaríamos em um ou dois dias. A empregada avisou que Ibrahim tinha deixado um recado: para

ela não procurá-lo nunca mais.
Ângela ficou preocupada. Ele podia tentar fazer alguma campanha contra nós. Ligou então para a mãe. Ela já sabia, pois o Ibrahim tinha ligado. Ângela então pediu à mãe que contasse aos filhos, para que não ficassem sabendo pelos jornais. Ficamos de visitá-los em mais ou menos trinta dias.
Resolvemos passar o dia com Joana e só sair de lá ao anoitecer. Em algum momento, no fim da tarde, Francisco apareceu. Trazia notícias de muita fofoca a nosso respeito. Como isso já era esperado, não tomamos conhecimento. Antes que ele saísse, ficou combinado que iria ao Rio almoçar conosco, em mais ou menos uma semana.
Só às onze da noite começamos a beber e a usar droga. Estávamos tranqüilos e resolvemos ir para um hotel e continuar festejando sozinhos. Nos despedimos dos amigos, enfiamos nossa bagagem no carro e fomos para o Hotel Jaraguá.
Finalmente estávamos sozinhos: rindo, brincando, bebendo... embriagados pela bebida, pela droga e pelo nosso amor. Ângela, muito alta, adormeceu por algumas horas. Eu estava ligado e continuei bebendo. Então a realidade explodiu na minha cabeça. Pensei na minha ex-mulher e no meu filho. Vi os acontecimentos da tarde anterior como se fossem um filme... e chorei. Não queria me emocionar e, para me defender, droguei-me e tomei alguns caubóis. Como não adiantou nada, fui para o banheiro e fiquei lá, quieto, sentado no vaso sanitário, segurando o queixo com as mãos e olhando para os pés. Se a bebida e a droga não tinham surtido efeito no quarto, fizeram pouco depois, no banheiro. Muito louco, fui deitar e abraçar o meu amor.
No dia seguinte, depois do almoço, pegamos a via Dutra, rumo ao Rio de Janeiro. Fizemos a viagem como se estivéssemos passeando, sem Pressa. Como o dia estava lindo, sugeri pararmos no Clube dos 500. Estava ᵉchado, e continuamos o passeio até o restaurante Paturi.

2

NO COMEÇO DE SETEMBRO FUI CHAMADO DE VOLTA PARA CABO Frio, para ouvir e contrariar o libelo acusatório. Poucos dias antes, a pedido da promotoria, já tinha sido intimado a comparecer ao Manicômio Judiciário do Rio de Janeiro, para exames. Fui pela manhã, passei umas horas lá fazendo exames psicotécnicos e sendo entrevistado por psicólogos. Sei lá o que queriam provar... Só voltei no fim da tarde.
Para o libelo acusatório foi diferente. Cheguei três dias antes da data porque tinha de ser instruído pelos advogados. Se bem que era uma coisa relativamente simples: tinha de ouvir as acusações para posteriormente contrariá-las. Depois de dois dias de instruções, fui até o fórum de Cabo Frio para cumprir mais aquela etapa. Havia repórteres de poucos jornais, apenas de O Globo, do Jornal do Brasil e de O Dia. Perguntas? As de sempre.
A promotoria e a defesa estavam se confraternizando. A novidade era que havia um novo juiz, o anterior era substituto, e até a promotoria tinha sido substituída. Os comentários eram de que o novo promotor era fogo. Segundo o dr. Evandro, isso era muito bom. Assim, o ajudante da promotoria contratado pela família da Ângela — o dr. Evaristo de Moraes Filho — teria menos tempo para falar. Esse sim era fogo.
Poucos dias depois voltei a São Paulo e recomecei minha rotina de trabalho e tudo o mais. Até que um dos advogados ligou, informando que o julgamento tinha sido marcado para o dia 17 de outubro. Aquilo me deixou tão abalado que não conseguia trabalhar nem prestar atenção em nada. Além do mais, os advogados haviam pedido um reajuste de verba que, puta merda, era uma verdadeira paulada. Era tão grande que minha mãe, que estava arcando com as despesas, mudou seu comportamento comigo. Mas foi por pouco tempo, pois não era minha culpa. Ela tinha trocado meus defensores quando eu estava foragido e ainda havia me deixado mal com o primeiro dr. Paulo,

de quem gostava muito e era meu amigo.
163
Existia, segundo o dr. Evandro, uma batalha nos bastidores, com tramas diabólicas. Como um candidato a prefeito que queria depor contra mim. Ninguém entendia por quê, ele não tinha nada a ver com o processo. Provavelmente era para aparecer na TV. Outro camarada estava visitando os jurados a fim de ganhar simpatia para a acusação. Em compensação, alguns grupos pediam a minha absolvição. Com essa bal-búrdia toda, o dr. Evandro ia alugar uma casa em Cabo Frio, pois queria estar perto do processo e do fórum.
Dr. Evandro me contava tudo isso por telefone e me aconselhava a ir o quanto antes para lá. Havia muita coisa a ser feita e, além do mais, eu acabaria com os boatos de que iria fugir.
Aliás, não faltaram oportunidades. Só não fugi porque não quis. Um amigo pôs à minha disposição 10 mil dólares e o avião dele, com rota segura até o México. Nem pensei no assunto, já tinha feito cagadas demais.
A minha produção nas Marcas Famosas tinha caído um pouco, mais por falta de carros do que por desatenção minha. Falei com a diretoria que ia me afastar por mais ou menos um mês, pelo motivo que todos já sabiam, e comecei a planejar minha estada em Cabo Frio.
Liguei para meus amigos de lá e pedi que arranjassem uma pensão ou um hotel barato onde papai e eu pudéssemos ficar. O dinheiro que minha família estava gastando com os advogados era coisa de gente grande, e eu precisava economizar.
Estava ocupado com esses problemas quando minha cunhada May contou que um primo dela, industrial de Friburgo, tinha uma casa em Cabo Frio, na praia do Peró, e poderia me emprestar. Era só aceitar, arrumar as malas e ir. E foi o que fiz, depois de me despedir da minha família e de Marilena, dos seus filhos e do Rá, meu filho. A despedida foi dolorida. Não tenho certeza, mas acho que, para evitar traumas, a mãe levou meu filho mais moço para fora do país. Quando fui procurá-lo, ele já tinha partido.
Papai e eu chegamos à praia do Peró dois dias depois. Fomos de carro, para não chamar muita atenção. May chegaria dois dias mais tarde, com os donos da casa, o Ludovico e a Mary. Afinal, eu precisava conhecê-los. Não é inacreditável que eu tivesse amigos antes de conhecê-los?
Havia a casa principal e a de hóspedes, com quatro quartos, onde ficamos. A casa era enorme, e o jardim, muito bem-cuidado. No meio da grama, uma bela piscina. Para assegurar a privacidade, havia um muro
164
de três metros de altura. A casa ficava a uma quadra da praia, bem em frente ao Hotel do Peró. O hotel serviu como nossa base durante toda temporada. Jantávamos lá e usávamos o telefone. Na casa tínhamos café-da-manhã e almoço.
No primeiro dia, depois de uma boa noite de descanso, fui a Macaé, uma cidade próxima, para me encontrar com o dr. Evandro, que tinha uma propriedade lá. Ele repetiu todas as tramas que estavam armando em Cabo Frio. Contou também que, dentro de alguns dias, estaria se hospedando na casa de um amigo, coincidentemente vizinha da casa onde eu estava, só um pouco mais longe da praia. Dias depois, os jornais disseram que tínhamos alugado casa de frente para o mar.
Quando voltei, May e os donos da casa já estavam lá. Tinham aberto a casa toda, e haviam chamado a empregada para arrumar os quartos. Enfim, estavam preparando a casa para que eu recebesse meus convidados. Parecia até que estavam adivinhando os planos do dr. Evandro. Me puseram tão à vontade que parecia que já os conhecia havia anos. No dia seguinte, após um churrasco na casa, oferecido por eles, voltaram para Friburgo, e May, para São Paulo.
A espera começava. Dr. Evandro chegou para se instalar na casa que tinha arranjado e no mesmo dia tivemos nossa primeira reunião. Preocupado com os planos da promotoria que descobrira — ele tinha uma verdadeira rede de informantes —, expôs alguns de seus planos. O principal era um

memorial descritivo que papai deveria entregar a cada jurado. Um memorial é um resumo dos fatos que serão debatidos no julgamento. Precisávamos de mais alguém que ajudasse papai, pois, sozinho, ele não daria conta. Pensei na minha prima Maria Zélia. Telefonei na hora para ela, e ela concordou em ajudar, mas só poderia vir em dois ou três dias.
Nessa reunião estavam o meu amigo Paulinho Badhu, que me ajudara tanto e fazia parte da defesa, e o dr. Ivo Saldanha, amigo e psiquiatra, que havia muito vinha me apoiando. O memorial causou polêmica. A promotoria, segundo o dr. Evandro e Paulinho, quis que fosse proibido pelo juiz.
Quando o documento ficou pronto, fiquei chocado com o conteúdo. Ele expunha a vida privada da Ângela. Percebendo meu mal-estar, o dr. Evandro pediu que eu aguardasse o fim da reunião.
— Precisamos lutar, nossa verdadeira guerra será o seu julgamento. Precisamos lutar com as mesmas armas que eles.

Pronto... a guerra iria começar. Promotoria e defesa se enfrentariam, seus planos estavam em andamento. Como eu me sentia? Como em um tabuleiro de xadrez, onde dois grandes adversários se enfrentariam. Os jornais já estavam começando a comentar o grande combate que seria travado no tribunal do júri entre o mestre Evandro Lins e seu discípulo Evaristo de Moraes Filho.
Dois dias depois, Maria Zélia chegou e fizemos outra reunião com dr. Evandro. Ela e papai deveriam começar imediatamente a visitar os 21 jurados e entregar a eles o memorial. Deveriam também pedir que entrassem em plenário sem um pré-julgamento.
Estabeleci uma rotina que teria de ser seguida à risca, para que tudo desse certo. Começaríamos cedo, logo após o café. Maria Zélia e papai fariam as visitas, quatro por dia, enquanto Ivo e eu faríamos terapia na praia, andando de buggy nas dunas. Dirigir um buggy nas dunas é muito duro e difícil. Requer muita atenção, caso contrário a pessoa pode se machucar. Fazia isso durante horas e esquecia de tudo, do julgamento, das saudades, de dinheiro etc. Sem dúvida uma grande terapia.
Depois de alguns dias, em uma reunião com dr. Evandro, chegamos à conclusão de que as visitas não eram malvistas pelos jurados. Eles haviam recebido os dois enviados da defesa quase bem. Só uma senhora, a segunda a ser visitada, tinha se recusado a recebê-los. Pelo menos as coisas não iam mal, ainda que papai fizesse aquilo com grande sacrifício, por causa de sua idade avançada. Mas ele era um pai, que saudades dele.
Os dias iam passando e, além da terapia, que durava no mínimo três horas, eu bebia muito. Ninguém, nem mesmo Ivo, tinha coragem de pedir para eu parar. A cada dia a tensão aumentava mais. Como a própria imprensa dizia, o circo estava armado.
Os jornais divulgavam histórias incríveis a meu respeito. Que eu tinha cometido outro crime anteriormente, aliás, outros crimes. Diziam que tinha matado pessoas na África Equatorial Francesa durante as caçadas nos anos 50, que eu fazia parte de uma quadrilha internacional de tráfico de drogas e tinha executado Ângela obedecendo ordens. E assim ia, era uma invencionice sem fim.
No dia 7 de outubro, o repórter Carlos A. Luppi escreveu no jornal Folha de S.Paulo: "Crime passional motivado por ciúme? Ou crime ocasionado por acesso de raiva e perda da razão do companheiro de Ângela, o paulista Raul Fernando do Amaral Doca Street, que vivia às custas da

vítima? Ou foi um crime cujo autor ainda não apareceu e anda escondido, tendo em Doca um perfeito bancador de seu ato? Um crime por amor, como alega Doca Street, ou um crime provocado por excesso de drogas? Ou ainda foi um crime premeditado nos bastidores do tráfico de entorpecentes e tendo Doca Street como executor da sentença. "Muitas vezes li que tinha matado "por amor". Duvido que haja uma gravação autêntica com essa declaração — que estava em todos os jornais e que nunca fiz.
Na VERDADE, EU ESTAVA CERCADO... ERAM JORNALISTAS POR TODOS OS lados. Nos primeiros dias, podia ir a Cabo Frio fazer compras, ou levar papai e Maria Zélia até o ponto de

táxi, para distribuírem os memorandos. Numa das últimas vezes em que estive no centro, a população já havia sido alertada pela imprensa sobre a minha presença. Além de me tornar foco das atenções, quando deixei papai lá, ele foi entrevistado. Os repórteres já sabiam seu nome, a marca do carro e das visitas que os dois tinham feito. Só não conseguiram arrancar deles onde eu estava hospedado.
Mas descobriram isso no mesmo dia, quando seguiram o Ivo até lá. Só não foram atrás de mim porque chegar à praia do Peró era complicado, e eu os despistei. Mas, cinco minutos depois de Ivo pôr sua geringonça — o buggy que ele mesmo havia construído — dentro de casa, já tinha fotógrafo e jornalista trepado no muro.
Fingimos que não havia ninguém... sentamos no terraço, e minutos depois entrei na piscina. Em seguida, fomos para as dunas, onde, evidentemente, os jornalistas não tinham meios de chegar. Mas conseguiram fotografar todo nosso trajeto até a praia.
Daquele dia em diante, todos fingiriam que não havia ninguém nos observando. Eu levava aquilo à risca. Tomava minhas vodcas, deitava na espreguiçadeira, nadava, entrava e saía da casa e usava o buggy. Era como se os repórteres não existissem.
Era tão assediado que, quando os advogados me avisaram que em [a]lguns dias seria entrevistado por uma Rede de Televisão, nem fiquei impressionado.
Aliás, gostaria de rever as fitas dessa entrevista, porque a que foi Para o ar era uma piada. Estava toda cortada, e o que eu havia dito foi completamente

modificado e emendado. Tinha uma gravação com a mãe da Ângela chorando, e o que ela dizia coincidia com a edição que tinham feito. Que decepção. Pura montagem. Entendo que uma mãe faça qualquer coisa para condenar o assassino da filha, eu faria até pior. Mas por que fizeram uma montagem? A impressão que dava é que queriam uma guerra entre as duas famílias. E por quê? Para ter mais audiência?
Na época, escrevi: "Realmente... nem a família da Ângela nem a imprensa se deram conta do mal que poderão causar aos nossos filhos. Peço a Deus que conscientize esse pessoal para que isso não continue. Afinal, trata-se de um crime passional. Isso acontece todo dia, não é para envolver uma nação inteira. Além do mais, com uma história completamente distorcida".
Preocupado com o rumo que aquela guerra, como dizia o dr. Evandro, ia tomando, escrevi: "Que Deus me perdoe e me ajude a enfrentar estes momentos até o fim, com hombridade e humildade. E que abusem o mínimo possível do nome da Ângela, que ainda está tão viva dentro de mim".
Toda manhã o dr. Evandro mandava me chamar para conversarmos um pouco. Era quando eu ficava sabendo de tudo o que se passava nos bastidores. Ele sabia de tudo. Conversei muito com ele a respeito de poupar a Ângela. O argumento dele era sempre o mesmo:
— A promotoria o acusa de gigolô e traficante, o que é uma mentira deslavada. Terei que mostrar a verdade. Não mostrarei nada que os jornais já não tenham mostrado nos últimos anos.
Os dias iam passando, os memoriais foram entregues. Minha mãe, minha tia Rosaura e minha cunhada chegaram. Dali para a frente a casa estaria sempre cheia. Alguns amigos vieram de São Paulo dar uma força e se hospedaram no hotel do outro lado da rua.
O momento estava chegando... Eu não tinha mais chão, de novo sentia estar fora do meu corpo, olhando tudo sem ter o comando de nada. As coisas iam acontecendo, as reuniões com os advogados eram completamente inúteis para mim, só meu corpo estava presente. Devia conseguir manter uma boa postura, porque nunca reclamavam da minha desatenção.
Dois dias antes do julgamento, assisti à entrevista que dei para a televisão e fiquei completamente enojado com o programa. Decidi não ver mais TV nem ler os jornais. Também parei de beber. Só tomei dois

goles de uísque puro quando saí de casa para o tribunal, acompanhado pela minha família e por cinco advogados. Precisava daquilo. Tinha passado a manhã me preparando cuidadosamente. Antes de tomar banho e me vestir, fiquei duas horas meditando, fazendo Mind Control. Queria me apresentar impecável. Não iriam me ver derrotado e apavorado como alguns anos antes, quando cheguei algemado à delegacia. Se fosse condenado, manteria a postura. Afinal, tinha de agüentar as conseqüências dos meus atos.

Todos estavam nervosos durante os últimos dias, mas mantiveram as aparências. Ninguém se mostrou angustiado ou nervoso. Além da bebida e dos passeios nas dunas com Ivo, continuei tomando banho de sol e nadando.

Quando a hora chegou... tomei dois goles de uísque e entrei no carro com papai, para encontrarmos o dr. Evandro a pouco mais de um quarteirão dali e de lá irmos juntos para o tribunal. Reproduzo um trecho do Jornal do Brasil do dia seguinte, 18 de outubro: "Apesar de a praia do Peró ser considerado lugar tranqüilo, com poucos moradores, houve tumulto na saída de Doca Street. Cerca de cinqüenta pessoas e de vinte jornalistas se aglomeraram em frente à casa. O carro de Doca Street foi seguido pelos dos jornais até a casa do advogado Evandro Lins e Silva, onde se encontravam seus cinco defensores. As fisionomias dos advogados de defesa e de Doca Street deixaram transparecer que não esperavam tanta gente aguardando na frente do foro: cerca de quinhentas pessoas. As pessoas cercaram o carro e começaram a bater nos vidros. O motorista deu uma volta no quarteirão. Cerca de setenta pessoas correram atrás."

Só conseguimos entrar no fórum depois que a polícia fez um cordão de isolamento. Antes de entrar, enquanto esperava papai, olhei para a rua e vi uma placa que dizia: "DOCA, CABO FRIO ESTÁ COM VOCÊ".

Depois que conseguimos entrar no fórum, os advogados e eu fomos para o recinto reservado para o juiz, os jurados, a promotoria, a defesa e o réu. Examinei rapidamente o lugar. Vi onde estariam os jurados, bem na minha frente, do outro lado. À esquerda ficava o juiz, em uma enorme banca, mais ou menos meio metro acima do chão. Do lado dele, na mesma altura, o promotor e os auxiliares de promotoria contratados pela família da Ângela. Fiquei sentado na frente dos meus defensores, de costas para eles. Podia ver todo o salão, e se quisesse poderia olhar

cada rosto, examinar cada olhar. Aproveitei que o juiz ainda não tinha entrado e comecei a observar os 21 candidatos a jurados. Não percebi nenhum me olhando com ódio, mas não perdi muito tempo com eles. Comecei a procurar meus familiares. Como não achei, reparei nas pessoas que se encontravam mais perto de mim. À minha direita, havia um grupo que me pareceu ser da família da Ângela, e bem na frente deles estava um senhor muito bem-posto, cabelo prateado, com óculos de lentes grossas. De vez em quando ele me olhava com ódio. Isso não me incomodava, mas, curioso, virei para trás e perguntei ao dr. Evandro se ele sabia quem era.

— É um grande advogado, professor e doutor, está aqui para comentar o julgamento. Foi contratado pelo Jornal do Brasil.

Logo depois disso, o juiz entrou e todos se levantaram. Ele fez algumas recomendações a todos ali presentes, sentou-se e fez sinal para que me aproximasse. Perguntou se eu estava bem. Respondi que estava, e ele, me olhando nos olhos, mandou que eu contasse em voz baixa o que tinha ocorrido no dia 30 de dezembro de 1976.

Em cinco minutos expus o que havia acontecido. Terminei a narração assim:

— Entrei no carro e andei no máximo dez metros de marcha-a-ré. Resolvi voltar e pedir para ficar, porque a amava muito, mas a discussão continuou, aí eu ajoelhei e segurei suas mãos. Ela as retirou rápido e disse: "Se quiser ficar comigo, vai ter que fazer suruba com homens e mulheres", e me jogou no rosto uma pequena pasta, onde se encontravam documentos e minha arma. A pasta escapou da sua mão e caiu. Ao cair abriu-se e minha arma escorregou. Eu peguei e levantei atirando.

Após a exposição, o juiz mandou que eu voltasse ao meu lugar e me advertiu das conseqüências se minha história não fosse verdadeira. Em seguida, começou o sorteio dos jurados — o conselho de sentença, o júri. Os dois lados, acusação e defesa, estavam muito atentos. Das 21 pessoas da lista, só sete comporiam o corpo de jurados. As duas partes tinham estudado e investigado cansativamente aqueles nomes, e cada uma poderia recusar três jurados. Não sei quanto tempo levou esse ritual, mas no final o júri foi composto por duas mulheres e cinco homens.

Eu estava longe, completamente alheio a tudo aquilo. Estava desiludido... Não iriam julgar uma rixa, uma briga feia que acabara em tragédia. E não tinha nada a ver se eu matara por amor ou se Gabrielle

170

tivera participação. A promotoria baseava sua acusação em fatos inexistentes e, por conseguinte, não tinha como provar nada. Por que não eram objetivos? Uma pessoa matou outra por tal motivo. Era isso que tinha de ser julgado e que deveria ser investigado para que se apurasse verdade. O que estava acontecendo? O que queriam todos? Um espetáculo? Vender jornais? Crescer em suas carreiras? O réu era confesso e estava ali... tinha coisa mais simples?

Antes de sair da casa do dr. Evandro naquela manhã, tinha quebrado o jejum de jornais e revistas e lido na revista Veja, com a mesma data do dia do julgamento, uma declaração do dr. Evaristo de Moraes que me dava esperança de ser julgado pelo crime que cometera e não por histórias inventadas. Eis o que declarava a reportagem, cujo título era: "A batalha de Búzios": "Um homem matou uma mulher depois de uma vida em comum de dois ou três meses, num momento de paixão, porque ela não quis mais manter o vínculo".

Depois da escolha dos jurados, a promotoria pediu a leitura dos autos, que demorou horas. Dr. Evandro às vezes reclamava, dizia em voz alta que a promotoria queria cansá-lo. Foram onze horas para a leitura daquelas mais de mil páginas. Não sei se o dr. Evandro estava cansado... eu estava. Além do mais a voz do leitor me deixava sonolento, e eu tinha de me esforçar para não dar uns cochilos.

Os debates iam começar com a acusação. O promotor, Sebastião Fador Sampaio, ocupou a tribuna. Não sei quanto tempo ele falou, mas reproduzo o comentário da revista Veja do dia 24 de outubro de 1979: "O promotor chamou Doca de gigolô que vivia de explorar mulheres (não apresentou nenhuma mulher explorada por Street) e integrante de uma quadrilha internacional de tráfico de entorpecentes que o protege há muito tempo (não apresentou um só fato capaz de comprovar essa afirmação)".

A acusação teve duas horas para falar depois do promotor. Na sua vez, o advogado de Cabo Frio, o dr. Éden T. Mello, só disse coisas que não tinham nada a ver com o processo. O República, um jornal que [e]u não conhecia, comentou no dia 19: "Parece coisa de radionovela; Evaristo e George Tavares, os dois assistentes de acusação, fazem seguidos sinais mostrando a Éden que já está bom assim, mas ele está mais Preocupado com a platéia: essa classe que veio aqui desmoralizar o júri [d]e Cabo Frio".

171

O dr. Evaristo só pôde falar na réplica, depois da defesa do dr. Evandro. Foi objetivo, mas não teve tempo.

Reproduzo alguns trechos da defesa do dr. Evandro, que copiei do seu livro, A defesa tem a palavra: "Tivemos até agora versões de tal modo deturpadas que se tinha a impressão de que não estávamos dentro do processo. "Se apresentou o acusado como um explorador de mulheres, um maquereau. Jurados, onde estamos nós? Isso não é acusação, é maledicência. Onde é que isso se encontra nos autos? Eu desafio que se mostre nesse processo uma linha sequer que indique seja o acusado um traficante de tóxicos, mas mero usuário. Desafio que se mostre qualquer prova dessa acusação" (p. 112).

Em seguida, denunciou o estranho desaparecimento, na delegacia, do diário de Gabrielle Dayer e

mostrou cartas de banqueiros e empresários de São Paulo que testemunhavam a meu favor. Ainda em seu livro, na p. 229, demonstra que no período em que vivi com Ângela recebi 260 mil cruzeiros em três cheques documentados nos autos.
Os debates duraram muitas e muitas horas e enveredaram pelo caminho que eu temia, a vida particular de Ângela, que, a bem da verdade, tinha pouco a ver com o crime. Está certo que ela usou seu passado muitas vezes para me humilhar, e o dr. Evandro usava isso, acho eu, para dar um troco às mentiras da acusação. Para terminar, o dr. Evandro argumentou para os jurados que cadeia, no meu caso, não seria solução para nada.
Terminada a acusação, a defesa, a réplica e a tréplica, os jurados se reuniram para a decisão final, depois de mais ou menos 25 horas no tribunal. A decisão dos jurados: aplicar ao acusado a sanção por excesso culposo de legítima defesa. O juiz fixou a pena em dois anos de detenção e concedeu sursis.
Eu estava envergonhado. Sentia que tinha sido covarde, que devia ter impedido que me defendessem remexendo o passado de Ângela. Afinal, eu a amara muito.
Dias depois, já em São Paulo, lia envergonhado e com tristeza uma declaração do Carlos Drummond de Andrade, da qual nunca mais me esqueceria: "Aquela moça continua sendo assassinada todos os dias e de diferentes maneiras".
172
O JULGAMENTO TINHA ACABADO. Eu ESTAVA LIVRE. ESTAVA TAMBÉM exausto, confuso e sem saber ou entender o que acontecera. Havia sido praticamente absolvido. Fiquei apreensivo. Estava me aproximando da porta de saída, cercado por três policiais. Por que eles me acompanhavam? Será que corria algum risco? A população estava indignada? Caminhava em direção à saída porque estavam me levando. Estava atordoado, não tinha a menor idéia do que fazer. Havia tanta gente que me distanciei dos policiais. May, Maria Zélia e papai estavam de mãos dadas para permanecerem juntos. Eles se aproximaram e eu agarrei a mão de um deles. Quando conseguimos passar pela porta da sala do tribunal, atravessamos um corredor e atingimos a rua. A luz do dia bateu nos meus olhos e fiquei tonto. Não enxergava direito, só ouvia o barulho das câmaras. Alguns microfones estavam muito próximos do meu rosto. Parei para me dar algum tempo e olhar em volta. Algumas pessoas acenavam para mim, uma moça quase arrancou a manga do meu paletó. Queria me abraçar, mas logo foi afastada. Um pequeno grupo de moças batia palmas. Jornalistas pediram que falasse alguma coisa sobre meu futuro. Respondia a todos a mesma coisa:
— Vou trabalhar e tocar a vida pra frente.
Aproveitei um momento de hesitação dos jornalistas, corri e entrei no carro onde minha família me esperava. Que alívio... precisava sair dali, estava muito cansado e angustiado. Queria ficar só, beber alguma coisa forte e não pensar em mais nada. Deu um desespero tão grande que no dia seguinte bem cedo pedi à Maria Zélia que fosse embora comigo para o Rio. Queria ficar descansando um dia na casa dela e depois seguiria para São Paulo.
Só comecei a me dar conta de mim mesmo dias depois, refugiado na casa da Marilena, gozando do seu carinho e amor, e da amizade dos seus filhos e do Raul. Precisava retomar meu dia-a-dia e não olhar mais para trás. Muito menos pensar no julgamento, embora isso fosse Praticamente impossível, porque os jornais continuaram com o assunto por mais algumas semanas. Tinham material de sobra. Entrevistaram os jurados, comentavam a atitude da população de Cabo Frio e o inconformismo da promotoria, que, um dia depois do julgamento, entrou com recurso para anulá-lo. A maioria dos jornais criticava a estratégia da "legítima defesa da honra", mas elogiava a perícia do dr. Evandro.
173
Não queria saber de nada daquilo. Quarenta e oito horas depois de chegar a São Paulo, comecei a trabalhar. No primeiro dia, saindo de casa, parei no sinal ao lado de um ônibus. Ouvi que me chamavam, olhei e vi dois rapazes fazendo sinal e berrando:

— É isso aí... fez muito bem.
Aquilo mexeu tanto comigo que resolvi voltar para casa. Fui sentar no terraço para dar tempo de pôr as idéias em ordem. Será que estava louco? A casa ficava na parte mais alta do Jardim Everest, em frente ao Jockey. Como ainda era cedo, me distraí vendo os cavalos treinar enquanto passavam pela curva da Vila Hípica. Fiquei ali quase uma hora, pensando na vida e tentando compreender o que estava acontecendo. Logo desisti, não ia entender mesmo... Fui para a Marcas Famosas e retomei os contatos com meus clientes. A sala de vendas não era muito grande. Tinha uma mesa redonda e vários telefones. Era bagunçada mesmo, e aquilo até me animou. Não perdi tempo e comecei a telefonar para minha clientela. Já estava pegando ritmo quando vieram me avisar que do outro lado da avenida haviam montado tripés com câmaras fotográficas.
Esse assédio não durou muito tempo. Um mês depois eu estava levando a vida normalmente. Chamava atenção por onde passava, mas não tinha jeito, eu tinha de sair. Tinha que fazer visitas, dar telefonemas, almoçar com os compradores das grandes empresas. Fora isso, ia ao cinema, ao teatro etc. Uma vez convidei o gerente de compras da Rhodia, Valdemar Ramos, para almoçar no Hotel Mofarrej. Em frente à nossa mesa, estava aquele senhor elegante que me olhara feio durante o julgamento. Ainda me olhava esquisito, e eu não sabia por quê. Também não imaginava que atuaria como auxiliar de promotoria um ano e pouco depois, em um novo julgamento. Não dei bola. Queria olhar? Tudo bem... eu tinha mais o que fazer. Alguns dias depois, ele deu uma entrevista em que disse que eu estava me divertindo com amigos em um restaurante caríssimo, que isso era um absurdo. Será que ele esqueceu que eu estava livre? E não pensou que eu poderia estar falando de negócios?
Já estava acostumado a ataques desse gênero. Mas depois do julgamento começou um movimento encabeçado pelas feministas. Isso eu entendia, e achava que elas tinham todo o direito de ficar indignadas. Eu estava triste e envergonhado, porque admirava muitas delas — profissionais liberais, artistas, intelectuais etc. —, e elas tinham horror àquele nome: Doca Street.

Que bom que eu tinha o apoio da minha família e da Marilena. Elas seguraram a minha barra. Marilena e eu passamos o Natal e o réveillon em Jaboticabal, na chácara de May e Luiz Carlos.
No começo de janeiro, anotei: "Hoje pus em ordem toda a minha papelada, onde está escrito tudo por que passei, e que comecei a escrever no Ary Franco — Água Santa, no Rio de Janeiro. Muitos fatos ou a maior parte deles estão incompletos. Tenho de achar um tempo para continuar o que comecei. Não sei se valerá a pena publicar isso quando for possível. Outro dia, falando com Jean Louis, ele me dizia que me ajudaria na hora certa, pois tinha amigos editores. Até que seria engraçado, esse pessoal é ligado ao Grupo Folha, do Otávio Frias. Deve ser alguma piada do Jean Louis, o La Tulip. Nesses primeiros dias do ano já aconteceram algumas coisas: o gerente de vendas da MF foi despedido, e com ele foram mais alguns".
A vida continuava, Marilena e eu também. As vendas não iam de vento em popa, mas iam. Marilena e eu voltamos a Jaboticabal para passar o Carnaval. Foram dias alegres, nos desligamos de tudo. Estavam lá convidados de May e Luiz Carlos, familiares da minha cunhada com seus filhos, que, junto com Churchill e Cecília, meus sobrinhos, formavam um grupo alegre, que gostava de esportes. Jogamos tênis, vôlei, nadamos. Fora os almoços e jantares, que eram muito divertidos. Foi a primeira vez que relaxei, ri e brinquei naqueles anos. Não tive tempo de ficar pensando na vida. Quando acabou a festa e todos foram para São Paulo, Marilena e eu ficamos mais alguns dias.
Na época já estávamos muito unidos. No ano e pouco que estávamos juntos, conversamos muito. Muitas vezes abri o coração para contar a minha história e pôr para fora toda a dor e sofrimento. Ela ouvia com paciência, nunca deu um palpite. Graças a seu amor, seu carinho e ao ambiente da sua casa, estava conseguindo caminhar, embora não soubesse onde ia parar. Já tinha passado por um julgamento, e tudo indicava que haveria outro. Aqueles poucos dias juntos, só para nós, valeram

muito. Não mexi no passado e não me queixei... Foram dias de amor e passeios de mãos dadas. A situação requeria senso de realidade. Fazer planos era impossível, poderia aparecer uma encruzilhada num estalar de dedos. Acho que o futuro era tão incerto que nem queríamos pensar a respeito.
Logo depois, entrei com tudo no trabalho. Comecei a visitar novas firmas, mesmo sabendo que não devia, pois minha carteira de clientes [er]a grande e já dava muito trabalho. Mas precisava encher o meu tempo.
175
Não queria ouvir ou ler os noticiários, que sempre reservavam alguma coisa para mim. As feministas estavam cada vez mais agressivas e, quando eu falava com o dr. Evandro, não percebia entusiasmo na voz dele. Meu irmão insistia para eu ir a um pai-de-santo famoso. Assim eu enfrentava aquela imensa pressão. Ia escrevendo os acontecimentos devagar. Escrevia algumas linhas por semana quando acordava de madrugada, uma página ou pouco mais. Fazia isso apenas na casa da minha mãe, onde eu dormia de segunda a quinta, mas só chegava depois da meia-noite, quando voltava da casa de Marilena. De quinta a domingo eu ficava com ela.
Na época, escrevi: "Já é março de 80, até agora tudo calmo, apesar dos dois recursos que estão em andamento no Supremo Tribunal do Rio de Janeiro. Um para anular o julgamento e outro para mantê-lo".
". Me vejo num mundo que não entendo e considero apenas suportável. Não sei se é a sociedade em que vivemos ou é o conjunto de tudo que me deixa completamente desorientado. De tudo, o que me deprime sempre é o fato de ter matado Ângela. Não há retorno, não posso fazer com que ela viva novamente. E agora? Estou num beco sem saída. Talvez até tenha várias saídas... quais então? O ideal seria, em primeiro lugar, não ter pena de mim mesmo; em segundo, ter bastante dinheiro para não ter que me preocupar com ele.
"Os desembargadores deverão julgar se valerá ou não o julgamento. Quer dizer, é o julgamento do julgamento. Espero e toco a vida. Está tudo razoavelmente bem. Evidentemente se for analisar o dia-a-dia e a falta de perspectiva não dá para ficar às gargalhadas. Eis a razão do desespero (é claro que isso não é o principal).
". Não posso escrever que estou desanimado. Deus tem me ajudado, mas as coisas andam bem esquisitas: greve dos metalúrgicos, reféns americanos no Irã, grandes broncas em San Salvador, fuzilaram o bispo que no ano passado estava indicado para o prêmio Nobel da Paz. Custo de vida no Brasil subindo, subindo... parece um balão. Chega, estou com o saco na Lua."
ÀS VEZES FICAVA NA FOSSA E ESCREVIA SÓ POR ESCREVER, IA PONDO no papel tudo o que passava pela minha cabeça. A noite, quando voltava da casa de Marilena e ficava sozinho no meu quarto, o sono fugia e as
176
recordações, mágoas e problemas cresciam. Era hora de ler e escrever. Não era raro fazer os dois ao mesmo tempo, pois às vezes lia coisas que [m]e lembravam fatos recentes ou passagens da minha vida. Ler era uma maneira de escapar da minha realidade. Pressentia que teria de enfrentar um segundo julgamento. Ao mesmo tempo, os dias não passavam. Precisava saber o que seria decidido sobre o julgamento para nortear minha vida. O dr. Evandro, por sua vez, trabalhava para atrasar essa decisão, por razões que eu- não entendia. Acho que tinha o mesmo pressentimento que eu e queria me dar mais algum tempo. Talvez fosse algo puramente técnico, algo burocrático que estivesse emperrando tudo. A aflição martelava minha cabeça nas madrugadas. Quando o dia amanhecia e chegava a hora de trabalhar, estava exausto. Todos tinham de bater ponto, até os vendedores externos, às oito da manhã. Muitas vezes batia o ponto e voltava para casa. Achava aquilo uma boa estratégia. Punha o meu sono em dia e não ficava com aquela cara na sala de vendas. Se precisasse telefonar, tinha dois telefones na cabeceira.
Em julho de 1980, escrevia sobre o que acontecia pelo mundo. Havia tomado posse o presidente

João Figueiredo, substituindo o general Geisel. Tinha simpatia pelo Figueiredo, que assinou a Lei da Anistia, que permitia o retorno dos exilados políticos.
O papa também tinha visitado o Brasil e falado de amor entre os homens. A respeito disso escrevi: "Mas que amor podem sentir os que passam fome? Não conheço política e não sei quais os meios para que o abismo entre o muito rico e o muito pobre diminua. O que entendo e tenho lido sobre a história do homem é que esse problema existe há milênios".
Quando terminava de ler o que escrevia, me imaginava em praça pública, falando essas coisas para defender meu ponto de vista, para lutar por alguma causa. Como seria a reação das pessoas? Afinal, era um gigolô e traficante" que tinha descarregado a arma na amante. Ficava Pensando se algum dia poderia emitir alguma opinião sobre política ou qualquer outra coisa. Dez dias depois voltei a escrever, mas parecia que ᵉra o mesmo assunto e a mesma página: "Apesar de tudo sei que ainda ˢou capaz de sonhar, acho que estou apenas assustado, com medo, triste ᵉm olhar para trás e rever minha vida. Tenho que olhar é para a frente, Marilena, Rá, Luis Felipe... saudades, que estarão fazendo a essa hora? Hoje li de um só golpe o livro do dr. Evandro, A defesa tem a palavra.
177
As recordações me deixaram meio assim. Sei que vencerei este estado de espírito. Seja lá o que for... é passado".
O dr. Evandro me pediu que falasse com Samuel Wainer, para ele escrever algumas palavras sobre seu livro. Algum tempo depois saiu um texto do Samuel na Folha de S.Paulo, com o título "O último artigo". Samuel faleceu dias depois de conversarmos por telefone. Nesse texto, ele dizia: "O telefonema foi curto e educado: Aqui é Doca Street, como vai? Lembra de mim? Encontramo-nos um dia na casa do Jean Louis. Claro que eu me lembrava. A voz de Doca era a de alguém que envelheceu muito nesses poucos anos. E soava triste, deprimida, mas com um toque ainda razoável de autoconfiança. Falo-lhe em nome do professor Evandro Lins e Silva. Ele foi meu defensor. É grande amigo seu, não é? Desculpe incomodá-lo, é que Evandro acaba de publicar mais um livro. O seu título é A defesa tem a palavra, e o subtítulo é O caso Doca Street e algumas lembranças. Ele lhe pede algumas palavras sobre o livro. É claro que a introdução de Doca seria dispensável. Tudo que Evandro conta e escreve é sempre atraente. Mas, no caso Doca, é especialmente emocionante. Pelo trecho da carta que transcrevo a seguir, embora resumida, espero sintetizar o depoimento do dr. Evandro — que recomendo aos que sabem que a vida se renova a cada dia. A carta é assinada por uma mulher de Recife, Maria do Carmo Barreto Lins. Não tem parentesco com Evandro e parece resumir a média do pensamento feminino sobre o doloroso caso passional de Doca: na realidade a vítima começara a morrer desde que se tornara Pantera. O resultado do júri foi bom. Para Raul não haverá prisão maior do que a que tem no pensamento. Ele não se libertará nunca de si mesmo. Se o tempo retrocedesse com a forma de sofrer agora adquirida pelo gesto que não pôde deter, creio que não faria o mesmo. Ele não se julga herói: é antes um anti-herói, curtido por sofrimento de sonho destruído".
Pantera, eu a amei muito, havia sido muito mais que uma paixão louca. Não há defensor que me redima perante mim. Se não fossem meus filhos, poderiam me malhar em praça pública como Judas, me chamar de gigolô, traficante e muito mais. E daí? Só que tenho filhos, e luto para não transformarem mentiras em verdades.
Curtia minha fossa na solidão do meu quarto. Pegava o que eu havia escrito no Água Santa e no Edgard Costa e ficava horas olhando aquilo tudo. Às vezes virava as páginas e tentava organizar por época o que iria escrever. Uma espécie de minha cronologia.
178
Em setembro, escrevi: "Há um ano atrás, nessa mesma noite e nessa mesma hora — duas da manhã —, eu também estava acordado, pois faltavam oito dias para o julgamento. A casa onde eu estava tinha sido sitiada por jornalistas. Agora faltam seis dias para os desembargadores decidirem se o

julgamento valeu ou se passarei por tudo de novo. É uma sensação estranha, não sei exatamente o que sinto. Talvez medo, não sei. Se tiver que passar por outro julgamento, e algo me diz que vou, terei que ter muita força e coragem. Há uma pressão muito grande por parte das feministas por outro julgamento e, se houver, pressionarão para eu ser condenado. No primeiro havia uma expectativa muito grande, porque na arena se enfrentariam Evandro e Evaristo de Moraes, mestre e discípulo. Se houver mais um, acho que vou entrar pelo cano, não tenho dinheiro para contratar advogados, e há as feministas".

A resposta veio uma semana depois: "Não me surpreendeu a decisão de três desembargadores de anularem o julgamento, não sei por quê, mas eu pressentia. Vai começar tudo de novo. Estou calmo, afinal, como diria meu avô Raul: Do chão não passa. Mas a família está em estado de choque, sem saber o que fazer. Estão achando um pé no saco, com toda a razão. Papai não, ele é um santo e está sempre do meu lado. Raulzinho está meio perdido, me preocupo com ele, mas é forte e deve superar essa barra tão pesada. Depois da decisão dos desembargadores, a palavra mais usada por aqui é machista. A impressão que se dá é que se algum homem cometer um crime passional neste país, seja agora ou daqui a vinte anos, a culpa será minha ou do júri de Cabo Frio. Concordo com o movimento feminista, não tem sentido a mulher apanhar ou ser assassinada e seus algozes não serem castigados à altura dos seus crimes. Mas eu não sou culpado, a legislação que é. Está certo, me peguem para bode expiatório, concordo. Mas por que não cobram da Câmara e do Senado leis mais apropriadas?".

ERA UMA SENSAÇÃO NOVA E, APESAR DE TER ME PREPARADO PARA ela, me surpreendi. Afinal, a esperança é a última que morre. A minha tinha morrido: um novo julgamento estava a caminho. O dr. Evandro iria entrar com um novo recurso para tentar derrubar a decisão dos desembargadores, mas acho que nem ele acreditava nessa tentativa. Havia

pedido que eu fosse visitá-lo, queria conversar sobre o novo julgamento De antemão, me avisou que não poderia me defender novamente, já que tinha prometido à sua família que o julgamento de 1979 havia sido o último da sua carreira. Confesso que, para mim, aquilo era a mesma coisa que ser condenado antecipadamente.

Naquela madrugada, desanimado, imaginando passar por tudo de novo, escrevi: "Dia 3, sexta-feira, vou ao Rio encontrar dr. Evandro. Meu irmão mais velho estará comigo. Não há pavios a queimar nem sorte a ser lançada. Não vou ficar pensando nisso, alguma solução há de aparecer. O pior é que mesmo que outro advogado apareça, não tenho como pagá-lo". Um grande poço se abria e tudo indicava que eu cairia dentro. E depois? Conseguiria sair? Graças a Deus, a noite acabou. Não queria pensar em mais nada, também não queria mais escrever.

Fui para a Marcas Famosas e comecei a trabalhar. Fiquei telefonando para clientes até tarde, e só saí de lá quando o pessoal da limpeza avisou que precisava limpar a sala onde eu estava. Foi aí que me dei conta do horário. A notícia do novo julgamento tinha me abalado de tal forma que saí da empresa pensando em ir direto para a casa de Marilena, mas, quando dei por mim, estava na porta da minha casa. Resolvi entrar, sei lá para fazer o quê. Desci e, quando estava me aproximando da porta da entrada, apareceram não sei de onde três camaradas. Um com uma câmara, outro com um gravador e o terceiro com uma espécie de cruz com três lâmpadas que, ao acenderem, me assustaram. Tinham uma lista de perguntas, mas só conseguiram me filmar, pois não abri a boca. Quando desligaram tudo eu me aproximei e disse educadamente que só daria entrevistas na TV ao vivo, e assim mesmo se estivesse me vendo na tela. É, havia começado tudo de novo.

No dia seguinte, às dez em ponto, Luiz Carlos e eu estávamos na sala de espera do escritório do dr. Evandro. Após alguns minutos de espera, fomos recebidos por ele e toda sua equipe: dr. Arthur Lavigne, dr. Ilídio Moura e dr. Técio Lins e Silva. Veio um cafezinho e depois de um breve papo entramos no assunto que era o motivo da visita.

Dr. Evandro começou contando que já estava pronto o recurso extraordinário que impetraria dentro de alguns dias no Supremo Tribunal Federal, solicitando que fosse anulada a decisão da 2ª Câmara Criminal do Tribunal que tinha anulado o júri de Cabo Frio. Explicou, em seguida, que na maioria das vezes o Supremo acompanha as decisões

180

das câmaras criminais e que deveríamos estar preparados para outro julgamento. Continuou olhando para nós dois.

Como já disse, Doca, não poderei atuar em outro júri popular. Mas os meninos estão aí... estão atolados de compromissos, mas quem sabe vocês chegam a um acordo?

Ficamos conversando por umas duas horas para ver se dava para os "meninos" me defenderem, mas eu não tinha condições de contratá-los. Era um trabalho caro, envolvia muita despesa com investigações, olheiros etc, e um deles teria de se mudar para Cabo Frio trinta dias antes, como fizera dr. Evandro. Era muito importante estar atento às tramas da acusação. Tudo isso, somado, era mais do que eu podia gastar. Aliás, naquela altura eu não podia gastar nada. Ganhava bem, tinha sucesso no meu trabalho, e isso era tudo. Perguntei como deveria proceder para ter um defensor público. Dr. Evandro, que só ouvia, entrou na conversa:

— Não, isso é loucura. Dê alguns dias, vou conversar com um advogado amigo meu. Ele é muito competente e vem acompanhando o seu caso com grande interesse, é uma pessoa da minha confiança.

Na volta, durante o vôo, meu irmão e eu ríamos ao pensar nas manchetes se eu tivesse um defensor público: "ex-playboy... etc". Mas o risco de isso acontecer era mínimo. Pelo menos dois criminalistas de São Paulo haviam se oferecido para me defender, quase de graça. Mas eu confiava no dr. Evandro, se ele tinha carta na manga, era essa que eu ia usar.

Quanto ao segundo julgamento, não havia nada que eu pudesse fazer, não adiantava me debater ou ficar angustiado, nem coisa nenhuma. Só tinha de ficar calmo e esperar os acontecimentos. Para isso, o melhor era meter a cara no trabalho. Levava o meu dia sem prestar atenção nos noticiários e sem olhar para trás. Pelo menos durante o [d]ia, no trabalho, e depois, na casa de Marilena. Às vezes me preocupava com a promotoria. E se a descobrissem? Não era difícil, a gente não se [escon]dia. íamos ao teatro, ao cinema, jantávamos na casa de amigos e o que desse na telha. Conseguia ir vivendo, aguardava os acontecimentos, [be]bia... quer dizer, até entrar no meu quarto de madrugada, depois de [Sai]r da casa de Marilena. Já no caminho, a realidade ia me atacando. Quando chegava em casa já era outro, era aquele que estava esperando [Se]gundo julgamento e não tinha dinheiro para contratar um defensor. S[e]mpre me lembro que escovava os dentes sem olhar no espelho. Acho q[u]e era para não me perguntar: "Por quê? Como?".

181

Já nem pegava meu caderno para escrever coisas a esmo, não adiantava mais, era sempre a mesma fossa. Quando ficava muito desesperado, para não escrever lamúrias, escrevia sobre os acontecimentos do país, que passava por um momento político ruim. Achava que o presidente Figueiredo e seus ministros não falavam a mesma língua Pelo menos era o que os jornais comentavam. Abandonava rápido esses comentários. Afinal, se o Brasil tinha problemas, o que eu podia dizer? Se abrisse a boca... "Ex-playboy duro matou a amante e agora quer salvar o Brasil." E assim voltava à fossa.

Na véspera de Natal escrevi: "Enfim, 81 está aí. Novo julgamento à vista. Jornalistas querendo faturar. Feministas de pedras nas mãos. Um novo advogado para ajudar na promotoria. Os jornais não estão dando o mesmo destaque que dão para mim aos crimes cometidos este ano. Maridos mineiros que mataram suas mulheres, pintor famoso que, passeando na rua a pé, levou um encontrão, puxou o revólver e matou o distraído — tudo isso para os jornais são coisas da vida. Preciso organizar o que quero escrever".

O fim de ano mexia muito comigo. Que fazer? Ora, escrever, pôr para fora. Desejo-paixão-amor, é verdade, eu sentia tudo isso e muito mais. "Onde estão os sonhos de ver o mundo juntos? Não... não viajando, isso também, é claro. Me refiro aos nossos passeios nas areias de Gravataí para ver o sol nascer, olhar as ondas estourando e chegando de mansinho aos nossos pés. Linda, rindo, dando pulinhos para trás. Onde estão as estrelas que olhávamos entrelaçados, com os cantos dos olhos para não parar de beijar? Onde foi tudo isso? Viraram ménages, ciúmes... brigas, por quê? Não era isso que queríamos. Drogas... será que foi isso? Não gosto de pôr a culpa em suposições. Querendo ou não, drogados tivemos momentos felizes até quando ela fazia cenas de ciúmes. Em sua loucura começava... — Está com saudades dela? De seus filhos? Quer voltar para ela? Vá... vá, burguesinho. —-Até assim era bom, acabávamos na cama abraçados como uma só pessoa."
ERA FIM DE ANO, MAS AS FESTAS NÃO TINHAM SENTIDO. ALIÁS, A BEM da verdade, sempre achei o Natal uma festa do comércio, uma ótima data para vender. A passagem do ano, que sempre encarei como um dia igual a outro qualquer, agora me deixava esquisito.
182
Nos primeiros dias de 1981, começaram a sair algumas notícias sobre o novo julgamento. Do jeito que escreviam, davam o fato como certo. Já havia lido algumas declarações do novo auxiliar da promotoria. Pelas fotos dos jornais, vi que era aquele senhor que durante o julgamento me olhara feio. No Jornal do Brasil ele declarava que ajudaria a acusação como profissional. Não era o que eu achava, pois me lembrava de seu olhar de ódio. O tempo ia passando, o novo julgamento não tinha data marcada, eu ia tocando a vida e as vendas, apesar dos problemas por que passava a empresa e a indústria automobilística, que segundo os jornais dispensaria operários.
Crise é o que não faltava nos noticiários, que se ocupavam também da posse do presidente Reagan, nos Estados Unidos. Fora isso, alardeavam o golpe dado por um corretor de dinheiro, o famoso "caso Tieppo". Os prejuízos foram de milhões, e muitos amigos meus entraram nessa.
Marilena e eu continuávamos firmes e o resto da família também, apesar de o Raul ter sido reprovado e de o Lipe estar no exterior. Não reclamei nem dei bronca no Rá. Afinal, me sentia culpado por isso e por muito mais. Como estariam os filhos da Ângela? E a mãe dela? Quando meus pensamentos tomavam esse rumo, era uma barra tão violenta que o jeito era encher a cara. Largava tudo e ia para meu quarto com uma garrafa de vodca e algumas de coca-cola.
O Carnaval chegou, e Marilena e eu fomos para Jaboticabal, como no ano anterior. Mais ou menos uma semana depois, o dr. Evandro me avisou que o recurso não tinha surtido efeito e eu precisava ir ao Rio conhecer o dr. Humberto Telles, meu novo defensor.
A reunião com os dois me deixou tranqüilo. Tinha simpatizado com o jeito do dr. Humberto, senti que faria tudo ao seu alcance para minha defesa. No mesmo dia, ele, o dr. Evandro e o dr. Waldemar Machado, um advogado de Cabo Frio, entraram com um agravo contra a decisão da Suprema Corte. Isso atrasaria um pouco mais o julgamento. Não era o que eu queria, mas eles achavam importante ganhar tempo.
O dr. Waldemar Nogueira Machado era um ícone de honradez, um dos mais ilustres cidadãos de Cabo Frio. Quando aceitou cooperar com a minha defesa, em 1979, senti um alívio na consciência. Se ele aceitara convite do dr. Evandro, era porque eu merecia ser defendido.
Estava tudo certo, só não tínhamos falado em dinheiro. Na verdade eu não precisava me preocupar com isso. Se não tivesse dinheiro
183
para a defesa e não conseguisse um advogado, já tinha decidido: iria entrar com uma petição no tribunal de Cabo Frio para obter um defensor público. Além do mais, tinha o Paulinho Badhu, que na certa teria alguma idéia.
Depois de algum tempo fui novamente ao Rio, só que desta vez ao escritório do dr. Humberto. Conversamos muito, fizemos as contas e acertamos tudo por uma quantia que dava para pagar, mas

não à vista é claro. Assinei várias notas promissórias e voltei para São Paulo. Ficou combinado que nos falaríamos por telefone, para diminuir os custos com a ponte aérea.
O tempo ia passando, as vendas estavam devagar, o Brasil também. Não me acertei com os novos diretores de vendas. Eles não entendiam nada daquilo. Minha produção não caiu, mas meu relacionamento com eles era difícil.
Em 6 de outubro, finalmente, a data do julgamento foi confirmada para 5 de novembro. Queria tanto que marcassem logo a data para acabar com a expectativa, e quando isso aconteceu fiquei angustiado e com medo. O dr. Humberto dizia que tínhamos cinqüenta por cento de chance de repetir o resultado do primeiro julgamento. Eu me sentia culpado, mas não queria nem pensar o contrário. Entendia a luta da família da Ângela e a revolta das feministas. Achava justo pagar por meu crime, mas tinha muito medo.
Fazia planos para o futuro. Se continuasse em liberdade gostaria de ir trabalhar em alguma fazenda em Goiás ou em Mato Grosso. Tinha amigos e parentes com propriedades nesses estados, não seria difícil arranjar isso. O problema seria a Marilena, que não ia querer se separar dos filhos. Eu também tinha esse problema, e também não ia abrir mão dela. Mas isso eram planos para depois da batalha. De uma coisa eu tinha certeza: se fosse condenado, teria direito a recurso e esperaria o resultado em liberdade. Eu não iria fugir. Se fosse preso, paciência. Pelo menos teria a certeza de que um dia tudo estaria acabado. O que eu não sabia era que não é fácil sair com vida de uma penitenciária.
Aqueles últimos meses tinham sido difíceis. A espera era penosa e me deixava nervoso. Os negócios não iam tão bem quanto eu esperava, e mamãe estava pagando as notas promissórias praticamente sozinha. Ela, com dinheiro, era incrível, só não fazia milagre. Algumas vezes atrasamos o pagamento das promissórias, mas o dr. Humbertoera

cavalheiro, sou be esperar. Tinha características diferentes do dr. Evandro. Gostava de agitar a imprensa, e isso me deixava apreensivo. Minha mãe achava que eu não devia me intrometer, ele devia saber o que estava fazendo. Tinha de concordar. Além do mais, que se danasse, iria ser julgado pela segunda vez. Querem fazer reportagem, que façam, é tudo por dinheiro mesmo. O que não é por dinheiro é pela carreira. Respeitava as feministas e a família Diniz, o resto era resto. Tinha perdido o respeito pela maior parte dos seres-humanos. Sou pecador... e os outros? Calúnia não é algo errado?
A uma certa altura achei que devia me afastar por uns tempos da empresa. Tinha receio de fazer alguma grosseria com os dirigentes ou colegas. Não me afastei, é claro. Trabalhei até o último instante, pois precisava desesperadamente de dinheiro. Andava nervoso, mas acho que eles compreenderam e tiveram paciência comigo. Marilena também foi paciente. Entendeu a situação, sabia quanto eu precisava dela. Mulher corajosa, tinha de amá-la. Não fazia a menor idéia de qual seria seu futuro comigo.
A minha angústia era um verdadeiro sinal de alerta. Uma manhã me senti estranho e não sei por que telefonei para o Paulo Badhu, em Cabo Frio. Depois de ligar para vários lugares encontrei-o no fórum. Ele estava lá porque soube que o novo ajudante da acusação tinha conversado com o juiz e estava reunido com o promotor. Até aí tudo bem, era normal, mas uma coisa o incomodava.
— Doca, estou preocupado porque o corpo de jurados é muito estranho. Quase todos moram na cidade há menos de três anos.
Preocupado, liguei para o dr. Humberto. Percebi que, como o Paulo ele tinha achado estranho. Isso aconteceu no dia 8 de outubro e o julgamento seria em 5 de novembro. Como aquilo não saía da minha cab e ça, telefonei para o dr. Evandro. Ele já estava a par e disse que não havia o que fazer. O corpo de jurados só mudaria em meados do ano seguinte.
Para não ficar pensando em coisas que eu não podia mudar, decidi qu e o jeito era trabalhar. Não consegui. Não tinha ânimo de ligar para os cli entes e participar de concorrências.
Alguns dias depois, comecei a me preparar para voltar a Cabo Frio par a mais um julgamento. Meu

amigo Ludovico, mais uma vez, emprestara sua casa na praia do Peró. Ia para lá de carro, com papai e Glória, cozinheira de Marilena.
185
Um dia antes da minha partida, após me despedir de todos na Marcas Famosas, fui para a casa de Marilena. Queria passar o dia com ela e as crianças. Apesar de toda a tensão, aquela foi uma tarde feliz. Marilena, seus filhos, Rá e eu. Depois fiz uma sesta e dormi por algumas horas. Como continuei no quarto, todos foram para lá e se aboletaram na cama, que virou sala de visitas. Foram instantes de extrema felicidade para mim. Senti todo o carinho, amor e amizade deles. Só nos separamos lá pela meia-noite, quando resolvi descansar um pouco para depois seguir viagem.
PARAMOS PARA COMER QUALQUER COISA E ACABAMOS BEBENDO MUITO.
Como o lugar também oferecia quartos para alugar, passamos a noite lá. Pedimos bebida no quarto e continuamos nossa festa. Não falamos no futuro nem fizemos planos para os dias seguintes. Tínhamos combinado que só pensaríamos nessas coisas depois de passar algum tempo juntos.
Naquela noite ela bebeu muito e ficou completamente embriagada. Seu rosto parecia uma uva-passa, todo deformado. Eu também tinha bebido muito, e fui até o espelho me olhar. Mal conseguia ficar de pé. Quando dei com meu rosto me senti mal. Tive um momento de arrependimento que me deixou perturbado. Lavei o rosto e voltei para o quarto. Ângela estava furiosa, porque àquela hora não havia serviço de quarto.
- Tinha vontade de arrancar esse telefone da parede.
Com muito jeito consegui acalmá-la, rindo, brincando e fingindo arrancar e jogar o aparelho contra a parede. Como estávamos, arrumar confusão seria um péssimo negócio. Principalmente se a polícia aparecesse.
Dormimos até tarde, comemos no quarto, pagamos a conta e entramos na estrada novamente, só parando em seu apartamento em Copacabana.
Quando chegamos, estávamos animados e alegres. Tive que arrumar lugar para pôr as minhas coisas. Ela ria muito e dizia que teria de alugar outro apartamento só para guardar meu enxoval, tal era a quantidade de roupa que eu tinha conseguido trazer.
Ficamos mais ou menos uma semana sem sair de casa. Não procuramos ninguém. Amigas de Ângela telefonaram e elas festejaram, mas só por telefone-Tomávamos Veuve Clicquot (a "viúva") com laranja pela manhã e, depois
186
ela bebia vodca e eu, uísque. Foi uma lua-de-mel regadíssima. Perdemos completamente a noção do tempo. Ela falou com a mãe uma ou duas vezes. Eu não procurei ninguém, nem o Chiquito. Aquele não era o momento de olhar para trás. Estava satisfeito por estar vivendo com a mulher que amava e por não sofrer a angústia de estar longe dela. Mas não podia pensar ou falar em nada que me fizesse lembrar da minha ex-mulher e dos meus filhos.
Numa madrugada, com fome e sem nada no apartamento para comer, fomos a uma choperia na avenida Atlântica, acho que ficava no Posto 5. O lugar estava quase vazio, mas assim mesmo pegamos uma mesa no fundo. Fizemos o pedido e pela primeira vez falamos no nosso futuro. Ela ia telefonar para Belo para saber de uma casa que tinha mandado reformar e, se não estivesse alugada, ela sempre estaria lá como refúgio. Também queria ir até Búzios, procurar uma casa para passarmos algum tempo e ver se nos ajeitávamos. Eu, por minha vez, precisava de apenas um dia na cidade, para checar se o banco tinha depositado a primeira parcela da minha comissão.
Estávamos assim, divagando e esperando, quando começou uma movimentação atrás de mim. Vozes e gargalhadas. Eram quatro moças que falavam ao mesmo tempo entre si e com o garçom, que aparentemente era conhecido delas. Até mudei de cadeira, porque a mesa era redonda e, como não estava sentado colado à Angela, não entendia mais o que ela dizia. Era divertido vê-las conversando, alegres e despreocupadas. Usavam roupas extravagantes, mas não inadequadas. Afinal, era verão, e o lugar dava de frente para o mar, em plena Copacabana. Estava claro que eram meninas de programa em fim de noite, apenas se divertindo. Depois que começaram a falar mais baixo, Angela e eu retomamos nossa conversa.
Fazia muito tempo que eu tinha planos de morar em Búzios e explorar uma pousada. Se a gente gostasse de lá e encontrasse uma boa oportunidade, seria um bom começo. Ângela pensava diferente. Achava que deveríamos curtir bastante e, se um dia aparecesse um negócio muito bom, poderíamos pensar no assunto. Não deveríamos correr atrás de negócios, deixaríamos isso para o destino. Estávamos abraçados, falando baixinho sobre essas coisas, quando percebemos que uma das moças estava em pé na nossa frente. Ela queria um cigarro, e apontei para um

maço que estava na mesa. Ela pegou, agradeceu e disse:
— Você está muito bem acompanhado.
Sorri para ela e convidei-a para sentar com a gente. Era alta, muito branca, olhos pretos, cabelos curtos da mesma cor. Sua roupa também era
187
preta. Fiquei preocupado com o convite que fiz, não pelo fato em si, mas porque ali era a avenida Atlântica, Posto 5, caminho para a casa do Ibrahim. Aliás, caminho para a casa de muitos conhecidos. Mas, enfim, estávamos dentro do restaurante e não na calçada.
Nosso jantar chegou, a moça ficou sentada tomando um drinque e conversando. Algum tempo depois, as amigas se levantaram para sair, e uma se aproximou para saber se ela ia ficar mais um pouco. Ela respondeu que dependia de nós; se quiséssemos, poderia ficar. Dissemos que sim. No primeiro momento houve certo constrangimento, porque ela queria saber se estávamos dispostos a pagar o que ela pretendia e para onde iríamos depois. A pergunta era pertinente, afinal, era o negócio dela. Acertamos tudo com a condição de que não tivesse pressa. Queríamos acabar o jantar e o vinho que tomávamos.
De lá fomos para casa, para pegar dinheiro e reforçar a "animação". Só eu subi. Em seguida fomos para um motel e passamos a noite. A moça gostou tanto da gente que nem aumentou a taxa. Na verdade, Ângela não tinha interesse nela. Ficou o tempo todo nos atiçando, queria assistir mais que qualquer outra coisa. Em compensação, a moça ficou louca por ela. Ficamos o dia todo lá, só saímos às sete da noite. A suíte que alugamos ficava em cima do mar, com uma piscina no terraço e outra no quarto. O dia estava lindo, o sol batia em nossos corpos, nos excitando e deixando o ambiente muito sensual. Num momento qualquer, a moça fez um comentário que nunca esqueci:
— Você só está fazendo esse programa porque gosta muito da sua mulher e faz tudo o que ela quer.
Ângela, que estava na piscina e escutou, veio ao meu encontro, me abraçou e beijou muito.
— Eu também adoro ele, e essas coisas não passam de brincadeira. Aquele programa nos animou, e no dia seguinte bem cedo fomos para Cabo Frio e nos hospedamos no Hotel Malibu. Ficamos dois ou três dias praticamente sem sair, pois choveu o tempo todo. Sem ter muito o que fazer, bebemos bastante. Fiquei muito impressionado com a aparência do rosto de Ângela na madrugada, quando estávamos completamente embriagados. Seu comportamento também mudara, e uma hora ela quis sair pelada do hotel, rumo à praia. Estava tão alto quanto ela, mas não tinha a menor intenção de tomar chuva na praia, de madrugada. Percebi que não conseguiria convencê-la, e comecei a abraçá-la e beijá-la. Consegui trazê-la de volta para a cama. Ela ria e se divertia. Perguntou:
188
— Você acreditou mesmo que eu ia sair?
No dia seguinte tentamos ir até Búzios, mas encontramos tanta lama que desistimos. A noite, continuou a chover, então resolvemos voltar para o Rio. Quando parei para abastecer, na hora de pagar, dei por falta da minha pasta. Na mesma hora lembrei que a havia esquecido embaixo da $_{cam}$a. Era uma pasta pequena, menor que uma bolsa, e estava sempre comigo. Guardava documentos, algum dinheiro e meu revólver. Essa pasta estava sempre ao meu alcance, ou na mesa-de-cabeceira ou debaixo da cama. Comecei a usá-la e a carregar uma arma no final dos anos 60, quando trabalhava no Banco Finasa de Investimentos. Naquela época, quem fechava os negócios também liqüidava a operação. Estava sempre com dinheiro. Voltamos para pegar a pasta e retornamos para o Rio.
Na estrada, Ângela começou a falar de uma viagem de navio que tinha feito com um camarada que eu conhecia. Disse que, além de rico, bonito e influente, ele era bom de cama. Mas, quando chegaram à Europa, ela se encheu dele e voltou. Ouvi aquilo sem abrir a boca. Já conhecia a história, contada pela outra parte. Não entrei no mérito da questão, se era verdade ou não. Mas fiquei muito bravo. Parei o carro, tirei-a lá de dentro, arrastei-a até a frente do farol e então pedi que me poupasse, que não me contasse seus casos anteriores. Antes de retornar para dentro do carro, segurei os ombros dela com firmeza e perguntei se ela havia entendido. Ela me abraçou e sussurrou que me

amava. Entrou no carro, abriu a bolsa, pegou o papel-manteiga com o que restava de pó e ameaçou jogar fora.
— Não quero mais isso, só serve para atrapalhar.
Segurei sua mão e a impedi. O prejuízo seria grande, já que no dia seguinte teria de comprar tudo de novo. Continuamos a viagem só de mãos dadas, sem nos falar. Houve um momento em que começou a rir e me beijou.
— Já imaginou amanhã, quando percebesse que tinha jogado tudo fora? Quando entramos na avenida Rio Branco o carro quebrou. Chegamos ao apartamento de táxi, e o carro, de guincho.
No dia seguinte, com a ajuda da telefonista, falei com um corretor de Cabo Frio. Pedi que procurasse algumas casas em Búzios. Estaríamos lá mais ou menos em uma semana.
O dia estava ensolarado. O carro tinha tido uma pane boba e já estava na garagem. Tudo nos convidava para ir à praia, depois do café-da-manhã, andar um pouco. Acho que essa foi a primeira vez que saímos durante o dia. Chegamos à uma da tarde e resolvemos estender nossas toalhas

em frente ao Country Club. Nossa chegada foi uma festa. Ângela conhecia muitos dos que estavam ali, e todos se levantaram para nos cumprimentar. Foi uma tarde agradável, típica do verão carioca. Depois, almoçamos num restaurante ali perto.
Chegamos em casa quando o sol estava se pondo. Precisei deitar. Não me sentia bem, estava com arrepios. Ficamos em casa aquela noite. Tratei de descansar para ficar logo em forma. Na manhã seguinte já estava bem, e o dia continuava lindo. Fomos almoçar com um amigo de Ângela no Marimbas, um clube no final da avenida Atlântica, no Posto 6. Ficamos com alguns amigos dela, conversando e bebendo, olhando a piscina e a praia. A localização do clube é privilegiada, de frente para a praia de Copacabana. De lá se vêem toda a praia e toda a avenida Atlântica.
Eu tinha parentes na cidade, mas não os procurei, porque não havia tido tempo nem vontade. Mas ali, olhando a piscina, vi um rapaz que só poderia ser filho de minha prima Maria Zélia. Eu o reconheci porque era a cara do pai. Fui falar com ele, e realmente era o filho da minha prima. Apresentei-o para Ângela e para os outros, e aproveitei para mandar abraços para toda a família. Sabia que deviam estar querendo saber de mim e que dariam notícias minhas para os familiares de São Paulo.
A noite, senti arrepios novamente. Não dei bola, e fizemos nosso programa preferido: ficamos no quarto bebendo e namorando. Pela manhã, Chiquito telefonou e contou os últimos bochichos: meu sogro tinha mandado queimar tudo o que o lembrava de mim e tinha proibido que mencionassem o meu nome. Conversamos um pouco sobre meus negócios, e pedi a Chiquito que preparasse uma procuração para que ele pudesse assinar por mim.
Acho que era fim de semana, porque depois da conversa séria e chata convidei-o para passar alguns dias conosco. A resposta dele foi ótima:
- Puxa, até que enfim. Daqui a cinco horas estou aí.
Arranjamos tudo para a chegada dele, até uma amiga de Ângela para fazer companhia. Combinamos um jantar na noite seguinte com algumas das pessoas que estiveram na praia conosco. Seria em um restaurante da moda, em Ipanema.
Chiquito se atrasou e chegaria só no dia seguinte. Assim, fomos novamente à praia e estendemos nossas toalhas no Posto 12, onde não havia ninguém da nossa turma. Depois fomos almoçar num restaurante na rua Bartolomeu Mitre e encontramos montes de conhecidos. Inclusive uma amiga de infância minha, a Xinha, que acabara de casar. Senti arrepios

novamente e, apesar de o almoço estar divertido, voltamos para casa. Além disso, o Chiquito devia estar chegando.
Quando entramos no apartamento, Chiquito já estava sentado na sala com um copo de uísque na

mão. Ainda que se conhecessem havia pouco tempo, Ângela e ele se davam bem. Ela abriu a mala dele e procurou u$_{m}$ shorts, uma camiseta e o obrigou a "acariocar-se". Estava alegre por estar com meu irmão e amigo. Mas tive de deixar os dois conversando. Não $_{me}$ sentia bem e fui descansar um pouco.

Não sei quanto tempo dormi, mas, quando acordei, Ângela, uma amiga $_{e}$ Chiquito estavam prontos. Só esperavam por mim. Continuava com arrepios, e falei para a Ângela que gostaria que ficássemos em casa. Chiquito e sua amiga iriam sozinhos, afinal, a amiga fazia parte do grupo que nos esperava. A reação dela me surpreendeu. Não foi nada de mais, mas me desapontou. Sugeriu que eu descansasse mais um pouco e, se não melhorasse, ela os acompanharia, pois não estava com vontade de ficar em casa. Nem descansei. Tomei um banho bem quente, duas aspirinas e acompanhei o ritual com uma "carreirinha". Fiquei ligadão. Se eles estavam embalados, eu os tinha alcançado. O jantar foi ótimo, alegre, uma tremenda bagunça. Estavam algumas pessoas da praia e um casal que era amigo do Ibrahim e que estivera duas vezes na fazenda comigo, Leopoldo e Mari. Os arrepios ameaçaram me incomodar, mas bebi mais, comi bem e fui cheirar no banheiro algumas vezes.

O jantar continuou noite adentro. A certa altura, ninguém mais estava em seus lugares, e os amigos do Ibrahim vieram sentar ao meu lado. Queriam saber tudo da minha nova vida. Quando dei por mim, só restava nossa mesa, e todos resolveram ir embora. Mas ficou combinado que, se o dia continuasse bonito, nos encontraríamos na praia.

Assim que chegamos ao apartamento, Chiquito se trancou com a nova namorada no quarto de hóspedes. Ângela trouxe um uísque para mim e uma ^{v}odca para ela. Ela riu muito da pressa do Chiquito em enfiar-se no quarto ^{c}om a moça.

A noite tinha sido divertida, e eu tinha agüentado bem a madrugada. Mas tinha ficado chateado porque Ângela não havia dado importância ao meu mal-estar. Devo ter apagado. Quando acordei, estava com uma bandeja enorme do meu lado, com um baita café-da-manhã, acompanhado de um scquot geladinho, para reanimar. Talvez eu estivesse muito sensível naquele momento da minha vida e esperasse demais de Ângela, porque reparei que

ela nem lembrou do meu mal-estar. Em compensação, tinha preparado ela mesma aquela bandeja e me encheu de beijinhos. Mais tarde, nós quatro fomos para a praia. O dia estava lindo e alegre. Para ficar à vontade $_{e}$ combater os arrepios, que continuavam, tinha usado o mesmo método da noite anterior: um bom banho, duas aspirinas e um pouco de "alegria".

Boa parte do pessoal do jantar apareceu e, depois de algum tempo tomando sol, alguém sugeriu que fôssemos ao Country Club. Assim que chegamos à piscina do clube, Chiquito viu um pessoal jogando gamão. Pediu um tabuleiro e disse que ia me ensinar a jogar.

Não mexemos as pedras nem os dados, só ficamos conversando sobre nós. Ele disse que não tinha tido um minuto sequer para batermos um papo.

— Pô! Esse pessoal não pára. Que gente agitada. A menina é um tesão, mas não parou de falar um minuto.

Na verdade, ele queria saber como eu estava e tudo o que tinha acontecido desde a minha saída de casa, da empresa e de São Paulo. Percebi que Ângela se aproximava e fiz um sinal para Chiquito esperar. Ela chegou, sentou-se na minha cadeira e, me abraçando, perguntou se eu gostaria de ir a Petrópolis mais tarde. Se topasse, iríamos lá pela meia-noite, com o Leopoldo e a mulher dele. Convidamos Chiquito e insistimos para que ele fosse com a gente, mas ele já tinha se programado para voltar naquela tarde.

Quando Ângela se afastou, retomamos a nossa conversa e perguntei sobre meu cunhado e meu outro sócio, o Caio.

— Parece que seu cunhado andou procurando o Caio, para saber a respeito de umas notas promissórias. Quanto ao resto, depois que você veio para cá, ficou tudo como estava. Se você não

voltar as duas empresas vão fechar as portas.
Conversamos sobre coisas sem importância, e ele quis saber se eu estava feliz, como era a vida no Rio e quais os planos para o futuro. Falei a verdade: estávamos só curtindo. Ele me olhou nos olhos por um longo tempo.
— Você está meio travado. Se precisar, vai passar uns dias comigo em São Paulo.
Depois do almoço passamos em casa para pegar as coisas do Chiquito e fomos com ele até o aeroporto. Na volta, parei numa farmácia para comprar aspirina e um termômetro. Quando Ângela me abraçava no elevador, achou que eu estava muito quente e, assim que entramos no apartamento, pôs o termômetro na minha boca. Enquanto ela abria o chuveiro para um de nossos programas preferidos, tomarmos banho juntos, vi
192
Que estava com 39 graus de febre. Não me preocupei, nos dois últimos dias tinha tomado muito sol e, com esse negócio de ar-condicionado no carro e o quarto, achei que era apenas um resfriado. Tomei aspirinas e, durante o banho, combinamos ir para Petrópolis só na noite seguinte. Depois, entrei na cama sozinho e fiquei esperando a febre baixar. Ângela foi para o quarto onde Chiquito tinha ficado e telefonou para a empregada do Ibrahim.
Depois de meia hora, fui surpreendido pela campainha. Era a empregada do Ibrahim. Trazia um gravador. Eu quis saber do que se tratava e o que aquele gravador estava fazendo ali. Ângela ria, ao mesmo tempo que dava uma gorjeta enorme para a moça. Continuou olhando para mim, rindo e pondo a fita no gravador.
— Eu sempre soube tudo o que ele falava. Já dei um dinheirão para essa empregada. Pensa que não sei da loira? Muito esperto, ele só falava com ela do jornal, pois desconfiava que a empregada me passava informações.
Já sabíamos que ele tinha telefonado para a mãe de Ângela e agora íamos ouvir a conversa. A gravação era mais ou menos assim: "Esse homem só se dá com mulher rica. Sua filha vai ficar sem um centavo, ele se uniu a ela de olho no dinheiro".
Confesso que não fazia idéia de que Ângela tivesse tanto dinheiro, e por isso não levei a sério a fita. O Ibrahim, a mãe e quem mais quisesse podiam acreditar naquilo, não fazia a menor diferença. Mas Ângela ficou muito brava, ligou para a mãe e pediu que não atendesse mais seu ex-companheiro. Depois ligou para alguns amigos jornalistas, para dizer que o Ibrahim era mau-caráter e estava tentando desmoralizar a gente. Pediu para publicarem que estávamos felizes e íamos viver em Búzios. Ela estava tão brava que nem ouviu meus argumentos. Era melhor deixar quieto e não dar notícias. Na verdade, eu estava preocupado com os arrepios. Apesar de a febre ter baixado com a aspirina, tinha a impressão de que os arrepios haviam aumentado. Depois da praia não tinha bebido nem usado nada. Tinha de me alimentar bem. Ângela estava com a mania de usar um serviço de entregas que tinha aparecido na época. Liguei para lá, escolhi o restaurante e pedi um jantar para dois, que mandei trazerem para casa.
FINALMENTE, A POUCO MAIS DE DUAS SEMANAS DO JULGAMENTO, cheguei a Cabo Frio. Fui de carro, com papai e Glória, e durante a viagem
193
, para relaxar, enchi a cara de uísque. Não pude ir direto para lá, tive de passar no escritório do dr. Humberto, no Rio, pois ele tinha reunido a imprensa para uma coletiva. Foi tudo bem, respondi a tudo o que perguntaram e saí correndo. Ainda tinha de buscar Maria Zélia, estava muito cansado e não queria guiar à noite.
Chegamos todos bem no Peró. Antes de tirar as coisas do carro, fomos ao hotel do outro lado da rua para jantar. Lá era também nosso centro telefônico, porque telefone era a única coisa que a casa do meu amigo não tinha — ainda bem! Só falava com quem eu queria e quando eu ligava. Se bem que mamãe, que chegaria dez dias depois, e Marilena sabiam o número do hotel. Desde a época do

primeiro julgamento tínhamos um bom relacionamento com Hebe e Eduardo, os proprietários do hotel.
Depois de mais ou menos setecentos quilômetros de estrada e uma entrevista com um monte de jornalistas no centro do Rio, estava exausto. Não queria pensar no dia seguinte. Estava irritado e com raiva do dr. Humberto, que contra a minha vontade tinha marcado uma entrevista com a Rede de Televisão. Seria no fim da tarde e, segundo ele, era para me ajudar. Que merda... quando o pesadelo ia acabar?
Como o dia amanheceu feio, fui com a Glória fazer compras na cidade. Queria aproveitar que os habitantes ainda não sabiam da minha presença. Depois procurei o dr. Waldemar Machado, que me recebeu cerimonioso como sempre. Alertou-me sobre dois fatos que o preocupavam: o corpo de jurados e as feministas.
Em seguida, fui à casa do psiquiatra Ivo, meu amigo. Não o encontrei, o que foi uma pena. Queria que ele estivesse presente na entrevista com a Rede de Televisão.
O pessoal da TV apareceu no fim da tarde. Eram tantos aparelhos e técnicos que nos assustaram. A entrevista foi uma barra. Fizeram perguntas incríveis, mas respondi a todas. Quando assisti ao programa alguns dias depois, percebi que pegaram frases daqui e respostas dali, de maneira que mudava o sentido do que eu havia dito. Quer dizer, uma montagem.
Uma das perguntas que respondi com raiva foi:
— O que você achou do carnaval montado no seu primeiro julgamento?
A resposta saiu de bate-pronto:
— Ué, foram vocês que promoveram.
194
A pergunta e a resposta não foram para o ar. Só apareceram perguntas que me complicariam, montadas com cenas da mãe da Ângela chorando e dizendo que queria justiça. É claro que ela tinha razão. Eu no lugar dela faria o mesmo. O que mais uma vez eu não entendia era que montaram um tremendo aparato para a gravação e a apresentaram toda cortada, algo que deveriam ter vergonha de fazer. Não era mais fácil pegar antigas entrevistas e montá-las no estúdio? Após a entrevista, o dr. Humberto apareceu,«acompanhado de sua esposa. Eu estava de mau humor e sem a menor paciência de conversar com eles, depois de tudo que ele tinha me arranjado.
Não tive tempo de reclamar, porque em seguida chegou o dr. Evandro, trazendo uma montanha de livros. Ele tomou a palavra, dirigindo-se principalmente a papai e Maria Zélia:
— Desta vez, em vez do memorial descritivo, vocês entregarão aos jurados o último livro que escrevi, que contém o primeiro julgamento inteiro.
Depois de explicar como deveriam proceder, o dr. Evandro aceitou mais alguns drinques e foi embora. O dr. Humberto continuou em casa, tomamos muitos drinques a mais. Ele contou algumas histórias de júris dos quais tinha participado. Foi muito espirituoso e rimos muito. Foram momentos agradáveis, e uma ótima oportunidade para conhecê-lo melhor.
Eu estava completamente exausto. Precisava de um dia de sol, andar na praia, muitas vodcas, banhos de piscina e muitos telefonemas para Marilena. Fiz tudo isso no meu terceiro dia na cidade, e comecei a me sentir melhor. Afinal, em dezoito dias seria julgado novamente e precisava estar descansado. É... mas nem tudo é perfeito. No começo da noite, Paulinho Badhu veio me visitar. Estivera com o juiz e o promotor, e a conversa tinha caminhado para uma tentativa de acordo. Se conseguíssemos isso, eu seria condenado apenas a seis anos, e ele achava bom negócio. Não gostei da idéia, a palavra condenado era proibida. Não que eu quisesse sair impune, nada disso. Eu tinha medo. No dia seguinte, telefonei para os advogados e expus os planos do Paulinho. Ambos acharam que era bobagem — o tempo provaria o contrário.
A espera continuava, mas agora era o contrário: a data se aproximava rapidamente. Papai e minha prima estavam entregando os livros e eu fazia o que podia para não pensar em nada. Não era fácil. O

Ivo chegou com equipes da Bandeirantes e da Record. Que fazer... dei as entrevistas.
195
Como é que poderia negar algo para um amigo como o Ivo? Devo muitos favores a ele e ao Paulinho. Mas que foi um pé no saco, foi.
Quanto mais perto estávamos do julgamento, mais espaço eu ocupava nos jornais e mais repórteres havia em frente da casa e em cima do muro. Os jornais anunciavam que um grupo de mulheres de Cabo Frio iria se juntar a um movimento do Rio e de Belo Horizonte, e todos se concentrariam na porta do tribunal, no dia do julgamento. O jornal O Globo informava também que eu estava na mesma casa na praia do Peró com minha família e com uma nova mulher, cujo nome eu escondia. Puro veneno. Por que será que mentiam? Estavam fartos de conhecer todos os que faziam parte da minha comitiva. Era a mesma do julgamento anterior, e sabiam muito bem que a mulher que estava lá e que visitava os jurados com meu pai era Maria Zélia — minha prima.
Os periódicos informavam também que um novo advogado, ajudante da promotoria, iria visitar os jurados para distribuir um memorial. Engraçado... esse mesmo advogado, na véspera do primeiro julgamento, criticou esse tipo de procedimento. Argumentara que estava em "desuso". Outra notícia estranha trazia declarações que, segundo diziam, eu havia dado a uma rede de TV alemã e que não correspondiam à verdade. Segundo o jornal, eu declarara aos alemães que o "que vai ser julgado amanhã será minha honra". Onde será que o Jornal do Brasil foi buscar isso? Gostaria de ver a gravação. Por que mentiam tanto? Na mesma página, outra notícia fora de propósito: "Condenação o levará direto para a prisão". E essa informação, quem deu? No mínimo, um ignorante na matéria. Eu tinha direito, se condenado, a entrar com recurso para anular o julgamento. Até que o recurso fosse julgado, eu estaria em liberdade.
Nos dias anteriores ao julgamento, fui tão assediado, dei tantas entrevistas, que andava meio zonzo. Um ou dois dias antes de ir para o tribunal, estava descansando no meu quarto quando escrevi meia dúzia de linhas: "Estou a poucas horas do segundo julgamento. Não consigo fechar os olhos e descansar. Vejo holofotes eflashes, sinto como se continuassem a me entrevistar. Daqui a dois dias e uma hora, começa o julgamento. Que Deus me perdoe e me ajude".
Depois disso, fui para o bar. Precisava de algo forte. Estava muito nervoso, não conseguiria dormir. Servi uma boa dose de uísque e sentei-me numa poltrona, ao lado de um monte de jornais e revistas. Já tinha lido o que estava em cima. Remexi um pouco e achei uma revista antiga.
196
Comecei a folhear e dei com uma notícia que já tinha me chamado a atenção. Um crime de rua, no qual um cidadão matou o outro, praticamente sem motivo. Foi resolvido em 56 dias, com absolvição. Segundo a notícia, o réu — um pintor cuja obra admiro, por sinal — teve o apoio de um figurão das forças armadas. Preparei mais uma dose.
3 DE NOVEMBRO DE 1981 — HAVIA CHEGADO O DIA. APÓS UMA NOITE agitada, em que mal consegui dormir, fui o primeiro a levantar. A casa estava cheia. Minha mãe, tia Rosaura e minha cunhada May tinham vindo de São Paulo, e aparentemente todos dormiam. Fui pedir para o motorista comprar os jornais, mas não foi necessário. Quando cheguei à copa ele já estava lendo um e havia outros em cima da mesa. Peguei o primeiro, me servi de café e comecei a ler: "De trás dos muros altos da casa em que se encontra, na rua dos Badejos, um homem sairá hoje rumo ao fórum de Cabo Frio. Seu nome: Raul Fernando do Amaral Street, o Doca. A partir das treze horas, ele começará a ser julgado pela segunda vez, pelo assassinato de Ângela Diniz, há cinco anos, na praia dos Ossos, em Búzios. Às vésperas do seu 36º aniversário, a cidade não parou como no julgamento anterior. Num clima de aparente indiferença, a calma é quebrada apenas pela chegada dos grupos feministas e de carros de reportagem. O duelo entre acusação e defesa já não é tão badalado como foi em 1979, motivado pela presença do mestre Evandro Lins e Silva, na defesa de Doca, e de seu discípulo, Evaristo de Moraes Filho, na acusação". Trazia uma foto da Ângela e outra minha. Eram

fotos pequenas, a da casa era maior. Ver nossas fotos me fez rezar. Já não acreditava em nada e, depois de anos rezando sem nada sentir, rezei com fé, como se estivesse falando com ela. Pedi perdão e chorei. Senti uma dor profunda e triste. Um sentimento de perda, de culpa, um desespero insuportável.

Fui para o banheiro, tomar banho e fazer a barba. Chorei baixinho o tempo todo. Não queria que meus pais ouvissem, aumentaria ainda mais o sofrimento deles. Se os meus estavam sofrendo, como estariam a mãe e os filhos dela? Enfiei minha cara na água morna do chuveiro até sentir que meus olhos não denunciariam que tinha chorado. Depois fiz uma refeição leve, entrei no carro com meu pai e fui para o tribunal. O resto da família iria depois.

197

A uma quadra do fórum, os grupos feministas estavam em plena ação. Sacudiam faixas e estandartes, dava para ouvir o alarido. Dei a volta para entrar pelos fundos, como da outra vez. A excitação daquela multidão de jornalistas era tanta que quase desisti e dei outra volta. Só não fiz isso porque, se arrancasse novamente, atropelaria pelo menos uns dez. Esperei que se acalmassem um pouco para destravar as portas e descer. Não havia seguranças, apesar de o delegado ter declarado o contrário aos jornais. Quando achei que todos estavam mais calmos, desci e fui ajudar meu pai. Não consegui. Fui cercado e agarrado. O tumulto era tão grande que eles também não conseguiam fazer seu trabalho. Depois de muitas cotoveladas e empurrões, cheguei à porta dos fundos do tribunal. Ali havia seguranças, que até aquele momento tinham sido simples espectadores. Só me ajudaram quando cheguei e entrei. Olhei para trás, procurando papai. Ele estava a uns dez metros de distância, eu o vi por cima das cabeças dos jornalistas. Não sei como ele conseguiu, mas logo estava em frente à entrada, junto de mim.

Fui encaminhado pelos seguranças até a sala do júri, onde me mostraram a minha cadeira. Da primeira vez tinha ficado à direita do juiz, agora estava à esquerda. No resto, a visão era a mesma: a sala do tribunal, como da outra vez, estava cheia, abarrotada. Alguns investigadores conhecidos se aproximaram e me apresentaram o delegado, o dr. Eduardo Laranjeira.

Cumprimentamo-nos e eles se afastaram. Em seguida, o dr. Humberto chegou, nervoso, e assoprou no meu ouvido:

— Está tudo arrumado contra nós.

Imediatamente lembrei do Paulinho, que, sabiamente, queria um acordo. Olhei para o Paulinho para analisar sua fisionomia e achei que estava tranqüilo. Tentei me aproximar para lhe perguntar sobre o que o dr. Humberto me dissera, mas o juiz entrou e voltei para o meu lugar.

Depois de dar algumas ordens, começou o julgamento. O sorteio dos jurados foi complicado. Houve muito bate-boca entre acusação e defesa. Não tenho certeza, mas acho que o dr. Humberto chegou a sugerir uma nova data para o julgamento, por achar estranhos os 21 jurados. Se fez isso, foi só para criar um clima, chamar atenção e mostrar seu inconformismo com aquele grupo.

Concluída essa etapa, o juiz me chamou e mandou que eu contasse o que tinha acontecido. Como da outra vez, narrei os acontecimentos.

198

Quando terminei, ao contrário do outro juiz, ele me inquiriu por mais trinta minutos. Depois ordenou que voltasse para o meu lugar. A leitura do processo durou oito horas. Como não havia dormido quase nada, e a voz do meirinho tinha sempre o mesmo tom, para não cair no sono interrompi várias vezes, alegando que precisava ir ao banheiro. Além do mais, os holofotes das câmaras de TV estavam incomodando muito. Batiam bem no meu rosto e me deixaram completamente ensopado de suor. O dr. Humberto fez que parassem a leitura e exigiu que as lâmpadas mudassem de posição. Houve algum tipo de conversa com os operadores de TV, e o juiz ordenou meia hora de recesso.

Terminada a leitura, a acusação teve a palavra. Parecia que eu estava assistindo à reprise de uma

novela. Foi tudo igual, até as acusações sem prova, as calúnias. Para não dizer que não houve nada diferente, aconteceu um bate-boca entre o promotor e o advogado contratado para ajudá-lo. O promotor negou-lhe a vez, e o assistente só falou na última meia hora. Na defesa, o dr. Humberto e Paulinho argumentaram com maestria, derrubando as mentiras e chamando a atenção dos jurados para o fato de que cadeia não redime, só avilta e degrada.

Após as réplicas e tréplicas, os jurados se reuniram na sala secreta. Quando voltaram, algumas horas depois, a decisão era: culpado, cinco votos a dois. O juiz leu a sentença: quinze anos de prisão. Doeu olhar para meu pai e vê-lo chorar, enxugando o rosto com o lenço aberto, fingindo que limpava o suor da testa. De resto, encarei com naturalidade, sabia o crime que tinha cometido, só não me conformava com as calúnias. Por que não usaram só a verdade? Também achava que deveríamos ter seguido o conselho do Paulinho e ter feito o acordo. Dr. Técio Lins, que estava ao meu lado na hora da sentença, me avisou que caberia um recurso e que eu ia esperá-lo em liberdade. Todos começaram a sair do tribunal. Me preparava para me aproximar do meu pai, quando apareceu o delegado:

— O senhor me acompanhe.

Tinha uma escolta de mais de vinte policiais militares, e no princípio pensei que ele queria me proteger para que não passasse por tudo o que tinha passado vinte horas antes. Mas estranhei quando me enfiaram na parte de trás do camburão e informaram que o meu destino era a delegacia.

Eu estava preso, não tinha sido como Técio imaginara. Agora só me restava resignar-me e enfrentar a dura realidade. Quando chegamos à delegacia,

os repórteres que nos acompanharam durante todo o trajeto já estavam lá, e comentavam que minha prisão era irregular. Vi que era um prédio recém-inaugurado, apesar de não ter permanecido mais que trinta segundos na calçada. Fui empurrado para os fundos da delegacia, onde ficava a carceragem. O carcereiro, pelo visto, já me esperava e não perdeu tempo:

— Tire a roupa e ponha seus pertences em cima desta mesa. Fiquei só de cueca enquanto ele revistava os bolsos da minha calça e relacionava meus pertences. Em seguida, devolveu minha calça, e fomos para um corredor que dava para as celas. Eram cinco, todas cheias. A última estava ocupada por duas moças, uma delas loira, quase uma criança. O carcereiro fez o trabalho dele sem me constranger. Conversou comigo o tempo todo e, quando nos dirigíamos para as celas, explicou que a delegacia estava hiperlotada. Se permitissem, ele me colocaria com as moças. Quando chegamos à cela delas, paramos e ficamos conversando. A loirinha pegou a minha mão, pôs em seus seios e disse, rindo:

— Já estou ficando louca aqui. O carcereiro balançou a cabeça.

— Essa aí não tem jeito.

E foi me levando de volta para o seu escritório. Deixou-me lá e foi ao cartório, ver se eu já podia ser fichado. Fiquei esperando mais de uma hora. Um dos presos me chamou para pedir um cigarro e dizer que achava que eu ia ficar naquela cela. A cela era menor que a da antiga delegacia. Tinha seis beliches de alvenaria, três de cada lado. Dei o cigarro, conversei um pouco e voltei. Fiquei no corredor, não queria ficar sozinho. Ali pelo menos ouvia a algazarra dos detentos. Quando o carcereiro voltou, pediu que o acompanhasse e devolveu meus pertences:

— Você é sortudo. O juiz mandou soltá-lo e teve a maior discussão com o delegado.

Peguei minhas coisas, vesti a camisa, que me devolveram naquela hora, e fiquei esperando o delegado me chamar. Como ele demorava, fui até a cela das moças. A loirinha tirou a blusa e me abraçou através das grades:

— Não estou agüentando, me abraça um pouco. Vou ficar bem encostada em você.

Apesar da situação, fiquei tão excitado que quase topei. Mas o delegado ou o carcereiro poderiam chegar, então saí rápido dali. Deixei com ela e com os presos o maço de cigarros e todo o dinheiro que tinha comigo. Ao voltar para o corredor, dei com o carcereiro, que entrava

Com minha cunhada e com papai. Estavam indignados por eu ainda star lá, mesmo depois da ordem de soltura. Mas nada acontecia, e eles foram embora, deixando dinheiro, um maço de cigarros e o carro com motorista à minha espera.
Enquanto eu aguardava, pedi que me comprassem refrigerantes e sanduíches, que dividi com os presos. No final do dia, o delegado mandou me soltar. Os policiais me acompanhavam até a saída, mas quis me despedir do delegado. Fiquei pelo menos cinco minutos esperando que ele me atendesse. Demorou para levantar a cabeça e me olhar. A sala estava cheia, e eu disse:
— Fiz questão de me despedir do senhor, porque quero que saiba que saio sem ressentimentos. Sei que estava cumprindo seu dever, como sei também que enganos acontecem.
Estendi a mão e ele a apertou. Avisou que eu deveria ir para o fórum, porque o juiz queria ver se estava tudo bem comigo.
No fórum, quando me viu, a secretária do juiz sorriu e imediatamente me introduziu na sala do juiz. Ele estava sem a toga, e parecia amistoso.
— Queria saber se o senhor foi maltratado ou se houve algum tipo de violência nessas horas que passou na delegacia.
Respondi que achava que o delegado tinha entendido mal e cometera um engano, mas nem ele nem ninguém havia me maltratado. Saí e me despedi dele e da secretária, que me acompanhou até a porta. Ela fez um comentário mais ou menos assim:
— Achei a sentença muito pesada.
Aquela etapa estava terminada. Queria ir para a casa no Peró, encontrar minha família e tomar um banho acompanhado por um uísque duplo. Ao chegar em casa encontrei minha família em pé de guerra. Estavam superestressados, exaustos, e discutiam por bobagens. Fiz meu drinque e fugi para a casa de hóspedes. Abri o chuveiro quente e sentei no chão, como um buda que pensasse sei lá no quê. Só estendia a mão Para pegar o copo e dar mais um gole, que descia queimando. Saí dali quando o aquecedor da casa não deu conta e a água esfriou. Fui direto Para a cama. No dia seguinte, como da outra vez, enfiei minhas coisas no ᶜarro e fui com minha prima para o Rio, deixando minha família e seu ᵉˢtresse para trás. No final da viagem, o motor fundiu, mas consegui um guincho e assim cheguei à rua Sá Ferreira, em Copacabana.
Resolvi passar dois dias lá e pedi à Maria Zélia que convidasse

l VIAGEM DE VOLTA TINHA SIDO COMPLICADA, MAS ACABOU BEM. Eu
estava em Copacabana, na cobertura da minha prima, tomando chuveiradas no terraço e me deitando na espreguiçadeira, esperando o sol secar meu corpo, para depois começar tudo de novo. Aguardava Mari-lena, me sentia seguro naquele lugar, já que a imprensa não o conhecia. Descansaria dois dias e voltaria de avião para São Paulo, onde pretendia recomeçar a trabalhar imediatamente. Não acreditava que o recurso impetrado me livraria da cadeia. Além do mais, outro julgamento enlouqueceria todo mundo. Precisava trabalhar muito para aumentar minha conta bancária. A prisão já é um inferno, sem grana, então, era melhor morrer.
Jornais e revistas só leria algumas horas antes de ir para o aeroporto, não atenderia telefonemas, nem dos familiares. A única coisa que me interessava era não pensar em nada sério. Marilena chegou, e passamos três dias naquele apartamento. Foram três dias de chuveirão, espreguiçadeira, cerveja geladíssima e amor.
No terceiro dia, três horas antes de mim, Marilena foi para o aeroporto. Fiquei lendo jornais e revistas. Atendi o telefonema do dr. Evandro, que me informava estar voltando para o caso e que ele e Humberto já tinham pedido a anulação do julgamento, baseados em irregularidades no corpo de jurados.
As notícias nos jornais e revistas eram as mais variadas. Tinha para todos os gostos. Ao ler, eu ficava

triste e descrente de uma grande parte dos jornalistas nacionais. Usavam da calúnia com um descaramento incrível. A verdade não tinha a menor importância. O que era aquilo? Preguiça? É mais fácil digitar uma mentira que perder tempo investigando para saber a verdade? Lendo uma reportagem na revista Veja de 11 11 1981, assinada por Marcos Sá Corrêa e Artur Xexéo, encontrei um comentário sobre a diferença de atitude das pessoas do primeiro para o segundo julgamento: "É irônico que Doca tenha conquistado tanta antipatia precisamente nos únicos dois anos da vida em que foi um cidadão com emprego, salário, hábitos moderados e até um certo cuidado com a própria imagem".

202

Se quisessem escrever a verdade, teriam procurado o Ministério do Trabalho para verificar se existia uma carteira de trabalho com meu nome. Se isso desse muito trabalho, poderiam ter telefonado para um dos empresários que escreveram cartas em minha defesa e perguntado em que se baseavam, se tinham feito negócios e trabalhado comigo. Já que não fizeram isso, vou enumerar empresas nas quais trabalhei com carteira assinada: Metalúrgica Matarazzo, Real Transportes Aéreos, no aeroporto de Congonhas", e Diário Popular. Em 1960, de volta dos Estados Unidos, onde estive vivendo completamente dentro da lei (tinha green cará), e só voltei antes do que pretendia porque convocaram todos os imigrantes até 26 anos de idade para o Exército. Voltei, já que, se tivesse de vestir uma farda, seria pelo Brasil. Ao chegar, trabalhei por alguns meses na Concessionária Marcas Famosas e depois, com um amigo, montei a Docars — uma revendendora de carros usados. Em 1964, a convite do dr. Gastão Eduardo de Bueno Vidigal, fui para o Banco Mercantil de São Paulo e só saí de lá em 1972. Depois dessa época, já casado novamente, montei com um ex-diretor da Finasa, Caio Figueiredo, uma imobiliária na rua Mário Ferraz, onde funcionou também a Brasilos, empresa de construção de pilastras de apoio a pontes, viadutos e prédios.

Se havia reportagens comentando o julgamento, era para torná-lo mais excitante e vender mais, usando de calúnias. Alguns juristas e jornalistas escreveram artigos, mostrando inconformismo com as situações criadas naquele segundo julgamento. Fritz Utzeri, no Jornal do Brasil do dia 7 11 1981, escreveu um artigo intitulado "Quem perdeu foi a Justiça", no qual comenta que eu tinha sido condenado a quinze anos e quase fui linchado, em um ambiente completamente diferente do primeiro julgamento, em que quase fui carregado em triunfo: "Quinta-feira à tarde, em Cabo Frio, bastava conversar com qualquer morador da cidade que conhecesse os membros do júri para saber, imediatamente) que Doca seria condenado. Vários jurados — entre os quais, o mais notório era o pastor protestante Isaac Costa Moreira — já haviam manifestado, em conversas na cidade, uma série de opiniões sobre Doca, a maioria desfavoráveis. Uma afirmativa do advogado assistente do mistério Público antes do início do julgamento dá o que pensar: ele atribuiu à imprensa um papel importante na criação de clima favorável à condenação de Doca. Ora, o papel da imprensa é informar e não criar clima".

203

O jornalista Paulo Francis também escreveu num artigo: "Acho que Doca Street foi linchado neste segundo julgamento. Feministas não têm que fazer passeata pedindo condenação de ninguém. A Justiça tem que ser baseada nas leis e não em rancores. O senhor Doca Street tem direito a um julgamento baseado na evidência e não prejulgado pela imprensa e opinião pública, manipuladas pelas feministas".

Nunca me manifestei contra as feministas, não existe uma notícia a esse respeito. É preciso esclarecer que, no primeiro julgamento houve aplauso e cartazes a meu favor, porque o tiro da imprensa saiu pela culatra.

Escreveram, fotografaram e falaram tanto que saí do ostracismo.

EU NUNCA MANIPULEI NINGUÉM. NUNCA ME REVOLTEI CONTRA A VERDADE.

Bom, tinha de voltar a São Paulo, meu carro estava com o motor fundido, vendi-o a um mecânico e

fui para o aeroporto. Consegui um vôo que já estava na pista; um funcionário da companhia me levou até o avião. Enquanto a aeromoça fechava a porta e outros funcionários tiravam a escada, virei para procurar um lugar. Ouvi uma gritaria e muitos gestos:
— Doca, vem sentar com a gente.
Houve silêncio e eu tinha certeza que todos me olhavam.
— Vem pra cá, estou com saudades. — Tudo isso aos berros. Eram três amigos: Aparício Basílio da Silva, Ana Cecília Americano e Miriam Gallotti. Que bom que os encontrei, a viagem passou rápido, falamos e rimos muito por quarenta minutos. Nem tive tempo de ficar preocupado com a opinião das pessoas.
VCHEGANDO A SÃO PAULO FUI DIRETO PARA A CASA DA MARILENA.
Queria mais um dia longe de tudo, inclusive da família. Precisava pensar no meu emprego. E foi o que fiz. No dia seguinte, cedo, comecei a procurar a clientela. Só que fazia isso sem consultar o gerente. Passei a vender, contatar as companhias de leasing e levar eu mesmo os pedidos para a fábrica. Tudo com a anuência do diretor de vendas, que, em uma reunião para discutir minha nova maneira de agir (que desagradava à gerência), resolveu tudo em poucas palavras:
— Doca, faça como achar melhor, eu só quero que você venda.
204
Com aquela resolução, a Marcas Famosas só tinha de fazer a revido de entrega e entregar os veículos. Quanto a isso eu estava tranqüilo, oficina funcionava como um relógio. Ali só tinha bons profissionais.
O Globo anunciava minha volta às vendas de carros. Contava que tinham tentado me entrevistar e eu os maltratara, chamando o gerente para botá-los para fora. Pior é que foi verdade. Andava irritado, sentia que não escaparia da prisão. Trabalhava muito e ia para casa da Mari-lena. Minha mãe tinha vendido a casa do Morumbi e alugado uma, no jardim Europa. Isso facilitou muito a minha vida, fiquei mais próximo da Marilena e do meu trabalho.
Agora só tinha uma coisa a fazer: continuar a tocar a vida e esperar. Às vezes, na angústia e na insônia da madrugada, tentando escrever alguma coisa, me lembrava do presídio Edgard Costa, do que pensava e da esperança que tinha: "Se ficar um ano solto, vou ficar bem feliz". Já tinham se passado cinco anos e agora a espera era outra: ou teria outro julgamento ou iria para a penitenciária por quinze anos.
Que sufoco... que espera infernal, as coisas que eu escrevia não faziam o menor sentido, irritado, uma noite pus fogo em tudo.
Dias depois, almoçando com meu pai e minhas tias, contei que tinha feito uma grande fogueira com tudo o que tinha escrito depois do último julgamento e tinha me assustado com a quantidade de papel que usara em tão pouco tempo. Minhas tias me censuraram:
— Se você pretende um dia escrever alguma coisa, jogar fora o que escreve de madrugada não ajudará.
Depois disso guardei quase tudo.
Não conseguia mais trabalhar com o novo gerente da Marcas Famosas. Tinha recebido o convite de um pessoal de Porto Alegre para organizar uma equipe de vendedores frotistas. Quem fez o contato foi o diretor de vendas do grupo, que já me conhecia. Não dei resposta na hora, fiquei de pensar, afinal estava esperando o resultado de um recurso que poderia me tirar do ar a qualquer momento.
Não pensei muito. Na manhã seguinte, pedi demissão padronizar e fui vender frotas para a Igapó Veículos. Os clientes não queriam saber qual a empresa que eu representava, já que as vendas aos frotistas só Podiam ser faturadas diretamente pela Volkswagen. Vendi tanto naquele início que nem tive tempo de organizar uma equipe.
205
Veio o Carnaval e, como sempre, passei com a Marilena em Jaboticabal, na chácara com a May e o

Luiz Carlos. Precisava descansar, não era só a espera do julgamento que me angustiava. Raul tinha repetido de ano e parado de estudar. Eu me sentia culpado por sua desatenção e insegurança. Na volta do Carnaval, procurei meu amigo Gastão e arranjei um emprego para o Raul no Banco Mercantil, mas, para mantê-lo, ele teria de voltar aos estudos. Eu o surpreendi exigindo que pagasse sua matrícula. Se mantivesse o emprego e estudasse, no fim do primeiro ano teria seu dinheiro de volta. Ficou bravo, esperneou, mas cumpriu o trato.
Em 22 de maio de 1982, no aniversário dele, eu lhe dei um Passat velho, mas em bom estado.
Em 28 de junho escrevi: "Três da tarde. Há tempos não escrevo, não tenho vontade e não há novidades. Meus negócios vão bem, apesar de muitas revendas estarem desesperadas e fazendo loucuras para vender. Estamos em plena Copa do Mundo. Alguns jogos assisto com a Marilena, outros, como são realizados no horário comercial, na empresa. Quanto ao recurso... sem novidades. Se não há novidades na Justiça, há novidades no meu coração. Amo Marilena, amo muito. É algo que guardo só para mim, como se fosse proibido, no meu caso, amar de novo. Não esqueci Ângela, nunca a esquecerei, como poderia? Quando penso nela (e isso é constante) tudo dói.
1 7 1982. Amanhã o Brasil joga com a Argentina.
5 7 1982. Brasil desclassificado. O melhor futebol do mundo deixou o povão com o grito de alegria entalado no peito. Não foi desta vez... O tri... isso ficou para outra ocasião.
Por que será que não acredito num resultado favorável se as razões do recurso são verdadeiras? Está provado que três membros daquele júri não deveriam estar lá. Um deles, o pastor Isaac, não tem domicílio em Cabo Frio. Duas outras moças não poderiam fazer parte porque estavam envolvidas com os fatos. Mesmo assim, não sentia firmeza. Será que é porque alguns amigos me aconselharam a esperar a decisão do Supremo fora do Brasil? Eu não faria isso nunca. Precisava ficar perto da minha família e de Marilena.
A Igapó Veículos (a empresa dos gaúchos) ficava no bairro do Pari, era fora de mão para mim. Um amigo me apresentou o dono de uma concessionária ao lado da minha casa, em Pinheiros. Além do mais, quando fui conhecer o proprietário, percebemos que já nos conhecíamos havia muito tempo.

Agradeci aos gaúchos por ter passado aquela temporada com eles e me mudei para a Iguatemy S. A. Veículos e Peças, pequena e bem estruturada. Plínio Calil e seu sócio Ernesto Colombo sabiam tudo de auto$_{m}$óveis. No pouco tempo que fiquei lá, vendemos muito. Sucesso total.
Uma tarde, no começo de outubro de 1982, eu estava na minha sala conversando com o Pérsio, filho de Plínio. Estávamos apenas jogando conversa fora. A secretária me passou um telefonema do Rio, era Humberto Telles. Eu deveria ir para lá. O recurso seria julgado em 48 horas. Sugeriu que eu ficasse hospedado na casa da Maria Zélia (era um endereço que ninguém conhecia), deveria esperar o resultado lá. Gelei, ele me pegou completamente desprevenido. Eu andava envolvido com meu trabalho naqueles dois últimos meses, não tive tempo de pensar em mais nada.
Demorei um pouco para pôr minha cabeça em ordem. A primeira coisa era sair logo dali, antes que o pessoal da imprensa aparecesse. Despedi-me de todos, pedindo que ninguém informasse meu paradeiro. Para todos os efeitos, estava visitando clientes. Foi triste sair de lá sem aquela certeza de estar de volta em alguns dias. Telefonei para Marilena contando as notícias. Perguntei se queria ir para o Rio comigo esperar o resultado. Tinha de ser na mesma hora, não queria dar tempo de me acharem. Ela topou e já começou a se arrumar, porque avisei que em duas horas passaria lá de carro. Depois, liguei para meu pai e tivemos a maior discussão. Foi difícil convencê-lo a não ir também. Dei esses telefonemas de casa, com minha mãe e meu padrasto sentados na minha cama acompanhando tudo. Eles entendiam a pressa, mas também foram pegos de surpresa e permaneciam quietos. Por mais que eu dissesse que dentro de alguns dias estaria de volta, eles tinham o mesmo pressentimento que eu.
Ainda faltava tomar uma providência: ligar para Maria Zélia no Rio, pedir para ela avisar ao zelador

que eu iria chegar e ninguém poderia saber da minha presença lá.
Estava tudo pronto para que, se necessário..., quer dizer, se o resultado fosse adverso. Estaria no Rio, onde era pouco provável me procurarem, isso me daria alguns dias para estudar a situação e encontrar a maneira menos traumática de me entregar. Não queria ser preso e ter a imagem explorada. Mais uma vez.
Tinha acabado de fazer as malas, os dois continuavam sentados na miinha cama, lado a lado, de mãos dadas. Olhavam para os pés, meu padrasto
207
fazia desenhos no carpete com o bico do sapato. Eu precisava ficar sozinho, na última hora tinha tomado muitas decisões. Agora precisava agir, entrar no carro e partir. Mas antes precisava de um tempo só para mim, meia hora pelo menos. A casa da minha mãe tinha dois andares. Nós estávamos na parte de cima. Deixei os dois ali e fui para o banheiro. Enchi a banheira com água bem quente, depois desci, fui ao bar, tomei um caubói e subi com outro. Queria pensar, como naqueles últimos anos tinha feito tantas vezes. Pensar... tentar entender tudo o que tinha acontecido. Como tinha sido possível? Eu era louco por ela. Nós só queríamos aproveitar a vida juntos, enlouquecer juntos. Às vezes procurava na minha cabeça os nossos planos. Não os achava. A longo prazo não tínhamos. Se nos amávamos tanto por que brigávamos? Eu não estava preparado para ela? Eu tinha lido em algum lugar — vidas vazias.
Não sei quanto tempo durou aquele banho ao uísque, mas não foi muito. Não lavou minha alma, nem o meu passado. Ao sair da banheira me enxuguei e penteei o cabelo sem olhar no espelho. Não queria ver minha imagem, não naquele instante. Fui para o quarto e encontrei os dois sentados na mesma posição. Quando acabei de me vestir, minha mãe me deu um beijo e correu para o seu quarto. Luiz me deu um abraço e eu desci. A emoção era forte, apesar de termos brigado muito a vida toda, éramos bons amigos. Nunca mais o vi, ele faleceu pouco tempo depois. Tenho dele a última imagem: quando cheguei no último degrau da escada e olhei, acenou chorando. Fui novamente até o bar e tomei mais uma. Eu precisava.
Parei na garagem da Marilena e subi. Dessa vez não houve despedidas, ninguém estava em casa. Não quis perder tempo, ajudei com a mala, entramos no carro e seguimos para o Rio. Fomos devagar, conversando. Como se nada extraordinário estivesse acontecendo.
NO DIA SEGUINTE, ELA LIGOU PARA UM CASAL QUE VIVIA EMPetrópolis„ avisando que íamos chegar e nos hospedar com eles.
Às nove da noite estávamos embaixo do apartamento dos nossos amigos e em seguida... Petrópolis, cidade de onde viera a família de meu pai, o único que nasceu em São Paulo. A estrada estava um breu, o casal, assustado com a velocidade que eu dirigia, recomendava o tempo todo que tomasse cuidado.
208
Chegando lá, fomos direto para o mesmo restaurante em que tínhamos estado meses atrás. Desta vez não pude curtir tanto aquele lugar agradável, com um ambiente que parecia nos transportar a Paris. Os arrepios não me largavam. Comportei-me heroicamente, não deixando que ninguém percebesse.
Depois do jantar nos despedimos de nossos amigos e fomos para casa do casal que nos hospedaria. Não me lembro do nome deles, mas eram pessoas finas, educadas, nos receberam superbem, em uma casa normem. Tinham aparência de intelectuais, eram um pouco mais velhos e demonstravam alegria em nos receber. Era tarde e não me recordo de ter subido a imensa escada que levava à parte superior da casa, para levar nossa bagagem. Estava começando a me sentir muito mal. Não deixei que percebessem, apesar de não fazer cerimônia com eles, pois eram tão educados que era impossível não ficar à vontade. Fomos para uma sala com lareira beber alguma coisa e conversar. Apesar da hora, estavam acesos. Ela era alta e magra, se movia com muita classe, apesar de estar de pilequinho. Ele também era alto e magro, tinha pinta de intelectual rico. Se estava de pileque não demonstrava.

Estava tudo pronto para uma noite gostosa, mas de repente fiquei tão mal que eles perceberam. Sentia frio, muito frio. Foram buscar cobertores, chá e chamaram o pronto-socorro. Fomos os quatro para o quarto que tinham reservado para a gente. Deitei numa cama enorme, de roupa e tudo. Ângela achou meu pijama e começou a tirar minha camisa e calça para me deixar mais à vontade. O dono da casa retirou-se, mas sua mulher ficou e começou a ajudar. Fiquei meio constrangido e olhei para Ângela; como ela sorriu, eu relaxei. Depois de me trocarem e agasalharem com cobertores, me senti melhor e pedi um uísque com aspirinas. Quando essa mistura começou a fazer efeito e eu quis me livrar dos cobertores, o pessoal do pronto-socorro chegou. Dois médicos e um estudante. Fui examinado demoradamente, e disseram que eu estava com um resfriado tão forte que afetara um pulmão. Receitaram antibiótico e mais um monte de remédios e recomendaram uma massagem nas minhas costas. Não era bem [u]ma massagem, eram uns tapinhas com as mãos um pouco fechadas. O dono da casa deve ter ido buscar os remédios, pois ficamos só nós três no quarto, [a]liás, na cama. Ângela na beira e a amiga, encostada na cabeceira com as Pernas esticadas. Eu me sentia melhor e continuava bebendo. Olhei para Ângela, ela deu uma risadinha e se aproximou como uma gata me dando beijinhos, fazendo cafuné e perguntando baixinho se eu estava melhor.

209

A amiga, que olhava aquela cena a pouquíssima distância, pediu que eu virasse de bruços, tirou os cobertores e montou em minhas costas começando a massageá-las. Ângela começou a rir sem parar, porque ela se esfrega[va] muito mais que massageava. Eu me divertia com a situação, que não podia ser mais cômica. Pouco tempo depois o marido chegou com os remédios, mas ela só parou porque tive de virar e me sentar, para poder segurar o copo e tomar aquela batelada de cápsulas de todas as cores.

Com os uísques, as aspirinas e aquele monte de remédios, adormeci Acordei horas depois, enjoado, com Ângela dormindo abraçada comigo. Quase não tive tempo de me desvencilhar dela e chegar ao banheiro para pôr para fora tudo o que tinha ingerido. Ângela veio me ajudar, depois abriu o chuveiro, que por sinal era ótimo, e me enfiou na água bem quente. Poucos minutos depois estava na cama novamente, limpo e me sentindo melhor. Dormimos até tarde e, como acordei bem, saímos para passear. Fomos até o Hotel das Flores, onde já tínhamos estado, passamos pelo Palácio Imperial e pela casa que foi de meu avô, que hoje em dia é uma escola. Entramos em algumas lojas e depois fomos a um bar famoso esperar Leopoldo e Mari. O lugar era enorme e estava repleto de gente tomando caipirinha e comendo acepipes. O prédio era antigo e enorme, muito bonito. Tomei algumas caipirinhas e comi os aperitivos que puseram na mesa. Estava me sentindo bem, sem arrepios ou enjôos. Ângela cumprimentou um casal e cochichou em meu ouvido que tinha sido amante do rapaz. Começou a falar que ele era riquíssimo, mas foi interrompida por mim, que segurei forte em seu pulso e pedi que parasse. Antes que começássemos uma discussão, o casal levantou e veio falar conosco; só disseram alô e partiram. Para esquecermos de vez aquele incidente, dei-lhe um beijo e comprei a rosa que um menino oferecia. Mari e Leopoldo chegaram, tomamos mais algumas caipirinhas e fomos almoçar com nossos anfitriões.

Nós já estávamos vivendo juntos há quase um mês. De uma certa forma eu não tinha nada de que reclamar, estávamos sempre juntos e eu adorava sua companhia, seu corpo, suas loucuras. Mas não me sentia completamente feliz, não sentia uma entrega total da nossa parte. Não sentia firmeza. Tinha a impressão de que podia acontecer algo de uma hora para outra. Não era pelas discussões que tínhamos, quem vivia grudado como nós quebrava o pau de vez em quando. Alguma coisa me incomodava. E o que me deixava mais apreensivo é que eu achava que ela sentia a mesma coisa.

210

De Petrópolis fomos quase que direto para Búzios. Só passamos em casa para pegar algumas roupas e o nome e endereço de uma pousada que [a]lguém tinha indicado, a Pousada dos Gravatás. Chegamos, dormimos, e [n]o dia seguinte fomos para a praia dos Ossos, que eu conhecia bem; já tiv[e]

uma casa lá perto, em um condomínio e nunca a usei, porque vendi quando ficou pronta.
Na praia dos Ossos fui procurar meus amigos, Zé Hugo e sua mulher Maria Alice Celidonio. Provavelmente saberiam de alguma casa boa que estivesse à venda, para visitarmos. Encontrei-os e eles nos convidaram para almoçar um peixe que estavam preparando. No fim da tarde, voltamos para nossa pousada e, como estávamos bem dispostos, abrimos uma garrafa de vodca que trouxemos de nosso estoque e pedimos gelo e água tônica. A partir daí, fizemos o que mais gostávamos: beber, "mandar" e namorar. Lá pelas dez horas resolvemos jantar em um lugar qualquer e, quando estávamos saindo da pousada, demos de cara com o casal Celidonio, que teve a mesma idéia e veio nos buscar. Estavam com uma mulher que eu conhecia de vista, mas era amiga de Ângela. Como fazia tempo que eu não ia a Búzios, pedi ao Zé que nos levasse a um restaurante na praia da Armação; estava com saudades de ir lá à noite. Se bem que estava completamente diferente do tempo em que freqüentávamos aquelas praias, lá pelos anos 1960.
A mudança, na minha opinião, tinha sido para pior, eu tinha conhecido o lugar só com casas de pescadores e de algumas poucas pessoas que tinham descoberto aquele paraíso. Um deles, meu irmão Luiz Carlos, alugou uma casa na Armação por muitos anos e era a casa em que eu ficava. Agora, em 1976, havia um boom imobiliário e era exatamente por isso que eu pensava em ter uma pousada lá. O lugar só ia crescer, e se um dia nos cansássemos de lá, seguramente teria sido um bom investimento.
Nós procurávamos uma casa e tínhamos batido na porta certa, Porque, durante o jantar, o dono da casa, Celidonio ofereceu a casa deles, já estavam lá havia muitos anos e gostariam de vendê-la. Eles não tinham idéia de que queríamos fazer uma pousada e eu tinha certeza de que Ângela naquele instante nem pensava no assunto. Ela se entusiasmou, pois aquele local, naquela época, era o melhor da cidade. Na mesma noite voltamos para casa, e nos dias que se seguiram passamos grande parte do tempo lá. Gostamos da casa, na minha visão dava perfeitamente para fazer uma Pequena pousada no terreno, pois ele era comprido e se estendia até o alto do morro que ficava na parte de trás. Chegamos numa segunda-feira e

voltamos na sexta, com o negócio praticamente fechado. Ângela compraria a casa e iríamos morar lá. Ela iria providenciar dinheiro vindo de Belo para dar o sinal, e se toda documentação estivesse em ordem em pouco tempo ela seria proprietária daquela casa.
Chegamos ao Rio e no dia seguinte viemos para São Paulo porque assim que entramos em casa, recebemos um telefonema de Chiquito avisando que meu desquite estava pronto e eu deveria assiná-lo em dois dias. Telefonei para Francisco, queria saber se ele me hospedaria por dois ou três dias. Era A primeira vez que Ângela e eu ficaríamos separados. Quando acabei de falar com Francisco, Ângela, que estava ouvindo, me olhava com uma cara marota: — Já imaginou com que cara eu vou ficar se você tiver uma recaída e ficar por lá com sua ex? Eu vou junto. Não vou ficar aqui pensando nessas coisas.
Coincidentemente, o meu advogado e o de minha ex-mulher eram sócios, o que facilitou muito as coisas. Foram duas reuniões com os advogados e nas duas vezes minha ex-mulher esteve presente. Tive de ser durão, já que ela estava muito magoada e queria umas tantas coisas que não cabiam. Tive ímpetos de colocá-la no colo e abraçá-la. Naquele dia senti saudades da correria em que vivia antes de sair de casa. Eu era feliz e não sabia.
Na segunda reunião a separação foi assinada. Quis falar com Adelita, mas, assim que ela assinou os papéis, deu as costas para todos e partiu. Quando saí do escritório dos advogados, na avenida São Luiz, fui a pé até uma loja na avenida São João comprar material de limpeza para minha arma. Fui com Chiquito, que veio encontrar-se comigo para contar as novidades. Fora ele e os envolvidos no desquite, ninguém sabia de minha presença em São Paulo.
De lá, voltei para a casa de Francisco. Encontrei Ângela no corredor da parte de cima da casa, de

baby-doll transparente. Quando me viu deu um sorriso e fez sinal para acompanhá-la. Entrou no quarto de Francisco, que estava sentado na cama, olhando uma porção de papéis. Havia também uma bandeja com bebidas e gelo. Fiquei louco da vida. A casa tinha muitos empregados e ela com aqueles trajes tão impróprios, zanzando de um quarto para o outro. Chamei-a de volta ao corredor, acompanhei-a até o quarto em que estávamos e pedi que se vestisse. Ela me olhou com ódio, disse um monte de palavrões e desaforos. Não tive dúvidas, tranquei a porta do quarto, arrastei-a até o armário e exigi que se trocasse e pedisse desculpas. O rosto dela estava desfigurado pelo ódio. Olhou em volta para ver se tinha algo que pudesse usar para me atacar, mas desistiu. Dizia que eu não era dono dela, que se vestia como achasse melhor, que eu era um chato
212
queria mandar nela. Achei que ela ia se descontrolar de vez. Segurei-a, ordenei que se deitasse e pedi que se acalmasse, pois não estávamos em nossa casa. Pedi que não continuasse brigando comigo porque a amava. Ela parou de esbravejar, mas seu olhar continuava furioso. Fui soltando-a aos poucos e, quando tive certeza de que ela não ia continuar se debatendo, deixei-a deitada e me afastei, saindo do quarto em seguida. Francisco não estava mais em seu quarto, então desci para procurá-lo. Encontrei-o na sala falando com o garçom.

Ficamos tomando drinques e conversando por muito tempo. Um pouco antes do jantar, quando eu estava sozinho na sala, porque ele se retirou para ir até o quarto, Ângela apareceu, sentou-se ao meu lado e me surpreendeu ao dizer que, como até aquela data só tínhamos rodado de um lado para o outro e não tínhamos tido uma lua-de-mel, enquanto eu batia papo, ela tinha feito reservas no Hotel Tropical, em Manaus. Não podíamos perder tempo, pois as reservas com avião e tudo eram para dali a dois dias, com embarque no Galeão. Tinha escolhido um vôo mais longo, que parava algum tempo em Brasília. Eu continuei durão, ia responder que mais tarde conversaríamos a respeito, mas ela fez sinal avisando que nosso anfitrião retornava. Mudei de assunto e avisei que no dia seguinte iria ao médico, que me conhecia desde minha adolescência. Queria saber por que tinha tido febre e arrepios alguns dias atrás, no Rio e depois em Petrópolis. Jantamos em paz, ela estava alegre e linda. Mais tarde, no quarto, depois de já estarmos na cama, tivemos uma conversa séria. Abraçado com ela e olhando bem de perto seus olhos, podia enxergar sua alma, falei do amor que sentia por ela, do ciúme e do sofrimento que me causava andando quase nua pela casa de nosso amigo. Queria muito viver aquele amor, formar uma família, ter um filho. Sei lá... não queria acabar nosso amor louco, nada disso. Queria viver o amor dos sonhos, a entrega total. Sabia que o ciúme era horrível, mas pedia, por nosso amor, que mudasse de atitude.

Ângela me olhou com tanto carinho e ternura, que eu não tive certeza se era só amor ou se era amor e pena. Seu olhar tão profundo e seu abraço com seu corpo fervendo me fazia viajar. Contive o ímpeto de invadi-la e me Perder. Continuei olhando-a seriamente. Ela sabia o que estava acontecendo, também enlouquecia, mas falou pausadamente que me amava, que queria [as] mesmas coisas. Que há muito tinha uma vida sem amarras, sem sentido [e] queria ser feliz. Se eu quisesse, ela pararia de beber. (Não era o que eu queria, não beber não tinha nada a ver com andar quase nua na frente dos outros. Mas não disse isso a ela para não interrompê-la.) Terminou falando
213
mais ou menos assim: — Você é diferente de todos que conheci, é puro, sei que me ama, adoro você. — Depois disso mergulhamos um no outro sabendo que a felicidade era aquele instante, e não podíamos perdê-lo. Dormimos juntos na mesma cama, apesar de o quarto ter duas.

No dia seguinte fui ao consultório do professor Edmundo Vasconcelos que, além de ser meu amigo e de minha mãe, era um dos melhores amigos do meu ex-sogro. Contei sobre os calafrios, os remédios que eu tinha tomado. Contei dos uísques, aspirinas e tóxicos. Examinou-me demoradamente e o resultado era uma pneumonia no pulmão esquerdo, curada.

— Você teve tudo isso de pé e farreando, mas está em ótima forma. Depois da consulta,

conversamos por algum tempo, contei sobre estar apaixonado de maneira descontrolada, meus ataques de remorso por ter abandonado minha família e os ciúmes que sentia. Ele escutou atentamente e quando me levantei para partir foi comigo até a porta.
— Não posso dizer que tenho saudades das vezes em que me apaixonei; tive sorte, tinha outra paixão: a medicina.
Enquanto estive no consultório médico, Ângela, por telefone, preparou nossa viagem. Quando chegamos ao Rio, as malas estavam feitas, e o vôo e o hotel, confirmados. Dormimos e fomos para o Galeão. Estávamos lá esperando nosso vôo, tomando um cafezinho, quando um amigo do Ibrahim se aproximou. Um escritor que eu tinha conhecido em um dos almoços que o Ibrahim deu. Chegou rindo e disse mais ou menos isto:
— Fizeram muito bem de aprontar com o Ibrahim. Assim ele aprende que não é o tal. — Fiquei muito puto com aquele camarada, eu gostava do Ibrahim. Tive vontade de dizer umas boas para aquele panaca. Mas respeitei o escritor que ele era, disse apenas que Ibrahim era um bom sujeito e o que aconteceu tinha sido uma fatalidade, coisas do destino. Felizmente chamaram nosso vôo, e ele não fazia parte dele.
Ficamos em Manaus cinco ou seis dias. Passeamos de iate no rio Negro, visitamos o Teatro Municipal, nos hospedamos em um hotel lindo e moderno na beira do rio. Mas, na verdade, não foi uma estadia legal. Bebemos muito, uma noite tivemos uma briga feia e tudo escapou de controle. Chegamos a pedir outro quarto para não nos olharmos. Alguma coisa aborreceu Ângela. Talvez o fato de ter ficado decepcionada por não ter encontrado uma amiga de quem gostava muito e da qual viera falando o tempo inteiro, durante a viagem, a tenha estressado. Eu conhecia a moça, se a tivéssemos encontrado, provavelmente teríamos nos divertido muito,
214
ela era boa gente e mandava no lugar. Mas isso não aconteceu porque bobeamos, devíamos ter telefonado antes para nos certificar de que ela estaria na cidade.
Em uma tarde estávamos nadando nus, bem à vontade, na piscina enorme do hotel, que estava praticamente vazio. O calor sufocante nos levara a beber muita vodca com laranjada e bastante gelo. Abraçados, como nos encontrávamos, me surpreendeu vê-la sair da piscina dizendo que ia fazer pipi. Andou até o biquíni, vestiu-o e entrou no toalete. Quando voltou para água, rindo e brincando, veio me abraçar. Eu não tinha achado graça no passeio nu e perguntei porque tinha ido nua andando se podia ter nadado até o traje de banho.
- Pára de implicar comigo, não tem ninguém aqui.
Ela sabia que havia algumas pessoas e o garçom estava chegando com mais bebidas. Não levei a discussão adiante, e passamos o resto da tarde e da noite bem. Essa viagem foi esquisita. O ambiente ficou pesado quase o tempo todo.
Retornamos de Manaus e, no mesmo dia, começamos a nos preparar para voltar a Búzios. Ângela estava com preguiça de ir ao cabeleireiro, que ficava no térreo do prédio vizinho. Enquanto eu fazia as reservas e tomava outras providências, chamou a moça que costumava atendê-la e ficou no banheiro, arrumando o cabelo. Como eu já tinha resolvido tudo, inclusive conversado com Chiquito, resolvi limpar minha arma.
Havia tempo que não fazia isso e, apesar de ela estar protegida na pequena pasta, me preocupava por causa da maresia. Comecei a limpar, tirando o pente e as balas que se encontravam nela. Quando puxei a parte de cima, para olhar o cano, levei um susto, havia uma bala na agulha. Não havia a menor possibilidade de ela estar lá, eu era meticuloso demais, quando colocava o pente na arma, não puxava a parte de cima para armá-la. Fiquei muito preocupado, tinha certeza de que alguém mexera nela. Até aquele momento eu estava relaxado, tinha posto uma toalha na cama para não sujá-la e estava ali, distraído com a limpeza.
Fui chamar Ângela, queria falar com ela em particular. Ela estava no telefone e, quando pedi que viesse falar comigo, levei uma bronca.
- Não vê que estou falando com um amigo? Pensa que estou sempre a sua disposição?
Arranquei o telefone de sua mão, mas não desliguei.
- Preciso falar com você, é importante.
215
Devolvi o telefone e fui para a sala esperá-la, Se estava assustado com a arma, fiquei mais ainda com a atitude de Ângela. Aquela era uma postura de quem estava de saco cheio. Tomei um caubói e depois me sentei e fiquei esperando e divagando. O que tinha acontecido, algo tinha mudado depois que saí de São Paulo. Retornei de meus devaneios, Ângela continuava firme em sua conversa ao

telefone. Eu sentia o ambiente, ela estava brava e não iria desligar tão cedo. Esperei uns quinze minutos para esfriarmos a cabeça e voltei ao banheiro.
Quando apareci na porta, a cabeleireira começou a gritar, seus olhos pareciam que iam saltar das órbitas. Largou a escova e o secador e, encostada na parede, cobria o rosto com as mãos. Não parou de gritar apavorada até eu sair da porta. Não entendi o que estava acontecendo, eu não estava fazendo nada, apenas apareci novamente. Ângela também não entendeu e tentou acalmar a moça, mas ela parecia tomada por um espírito. Demorou para voltar ao normal. Como saí de lá, e voltei para o quarto, não lembro se ela acabou o que estava fazendo ou foi embora e mandou alguém acabar o trabalho.
Estava tudo calmo novamente, só faltava acertarmos nossos ponteiros. Antes de falar da arma, perguntei a razão de seu mau humor. Ela disse que estava pedindo a um ex-namorado que comprasse pó e fumo e trouxesse para a gente, que acertaríamos nossa parte na entrega. Achou que eu tinha interrompido por ciúmes. Preocupado, perguntei quanto ia custar, porque não queria pagar em cheque, mesmo sendo a uma pessoa conhecida.
Em seguida, continuei reclamando de que ela tinha demorado para desligar só de pirraça. Ela ria, também se achava pirracenta.
- Francisco ligou exatamente na hora em que pus o telefone no gancho. Ele tem de vir ao Rio amanhã e queria saber se poderia almoçar conosco. Depois ainda liguei para uma amiga jornalista, a Marisa Raja Gabaglia, e a convidei para jantar, depois de amanhã.
Ela continuava rindo e dizia que, se tinha sido pirraça, tinha sido só um pouquinho.
Em seguida mostrei-lhe a arma e a bala na agulha. Expliquei como eu procedia com armas e perguntei como era possível a bala ter ido parar na agulha.
— E como é que vou saber, nunca cheguei perto daquela pasta.

3

CHEGAMOS BEM, A VIAGEM FOI TRANQÜILA E SEM INCIDENTES. Maria Zélia nos cedeu um quarto que tinha uma característica diferente: a varanda dava para dois morros, Pavão e Pavãozinho. Uma das subidas para esses morros ficava exatamente na rua Sá Ferreira. Ficamos lá por cinco dias. Apesar de nada termos combinado, não tocamos em assuntos ligados ao processo, mesmo depois do resultado adverso.
5 10 1982. jornal do Brasil-, por Mariléia Miranda: "Tribunal rejeita recurso e Doca vai para a prisão. A decisão foi unânime: Raul Fernando do Amaral Street, o Doca Street, cumprirá quinze anos de cadeia pelo assassínio. Doca Street se apresentará ainda esta semana. A justiça provou que matadores de mulher e grã-finos de São Paulo também vão para cadeia. — afirmou o assistente de acusação".
O que é que os grã-finos de São Paulo tinham a ver com isso? Que mágoa... ódio de grã-fino? Eu pensei... bom, é melhor isso que traficante, ou será que todo traficante é grã-fino e gigolô? O que o pessoal de São Paulo tem a ver com o crime que cometi? Não dava para apenas noticiar o fato? O restante da reportagem foi normal. Comentava os argumentos da defesa e da acusação e os ataques que o assistente da promotoria fez a meu respeito, que, aliás, acabavam comigo, mas ele os tinha feito e era justo que publicassem.
6 10 1982. O Estado de S. Paulo: "Condenado não se apresenta à Prisão..." Tinha me preparado para aquilo, de ter de me apresentar, mas é claro que não estava pronto; estava, sim, morrendo de medo. Quem não estaria?
Marilena e eu procurávamos manter a calma, enquanto Humberto acertava as coisas com o juiz da Vara de Execuções Criminais do Rio de Janeiro. Discutíamos as reportagens, assistíamos a televisão e escondíamos um do outro nossas aflições. A Polícia de São Paulo tinha cercado o

221
apartamento dela, e agora de uma hora para a outra estaria me despedindo para me apresentar.
Estava difícil controlar minha angústia, não tinha conseguido dormir à noite. Estávamos tomando café-da-manhã quando Marilena me mostrou uma reportagem feita pelo Jornal do Brasil um dia antes com Plínio Calil, dono da empresa em que trabalhava. Entre outras coisas, Plínio afirmava: "Ele vai se apresentar. Conheço Doca desde 1957. " e, no final da entrevista: "Calil está satisfeito com o desempenho de seu funcionário, responsável, segundo garantiu, por cinqüenta por cento do faturamento da revendedora".
Lá pelas cinco da tarde, Humberto telefonou:
— Assim que escurecer, irei buscá-lo de táxi. Você vai se apresentar à penitenciária Lemos de Brito, na rua Frei Caneca, no centro do Rio. — Maria Zélia e Marilena não sabiam o que fazer, ficavam andando de um lado para o outro. Por incrível que pareça, consegui aparentar calma. Pus uma camisa limpa, jeans e um blazer azul-marinho. Já vestido, arrumei, em uma mala de mão, meia dúzia de camisas brancas e mais um jeans, dois sabonetes, escova de dentes e uma toalha de rosto. Meu coração estava completamente disparado, mas me segurei, Maria Zélia e Marilena falavam sem parar, mas eu só via as bocas se mexendo, não ouvia um som. Eu sorria e balançava a cabeça para cima e para baixo, aparentando concordância, mas até o chão me faltava.
Tinha a nítida impressão de que tudo crescia e diminuía ao meu redor. Mala de mão, portas, cama, tudo se mexia. Não sei como pude agüentar. Não me lembro de me despedir de Marilena e da minha prima. Só lembro de estar no táxi com Humberto e chegar ao portão da penitenciária. O que me trouxe de volta à realidade foi a atitude dos guardas quando desci do carro, já dentro da penitenciária, logo após a portaria. Quando dei por mim, estava cercado por pessoas que empunhavam revólveres e escopetas. Enquanto Humberto, que provavelmente não entendeu a razão daquela atitude, se explicava, eu enfrentava aquela duríssima realidade. Fiz um esforço tremendo para me concentrar, manter a calma e ficar com a mente atenta. As explicações não duraram muito tempo, logo apareceu um funcionário que nos levou até a sala do diretor.
O caminho era escuro, cheio de grades e portas de ferro. Até hoje sonho com o barulho das chaves e das portas se fechando às minhas costas.
222
Depois de caminhar um pouco e subir uma escada, chegamos à sala do diretor. Ele estava de pé, ao lado de sua mesa, que tomava um pedaço da sala, que por sua vez era grande também. Ele sorriu para Humberto e o tratou como um velho amigo. Depois se dirigiu a mim, também com um sorriso, mas diferente. Tinha qualquer coisa de compaixão em sua atitude. Estendeu a mão:
Meu nome é Patrício Gomes de Sá. Puxa! Que coisa, uma pessoa como você, aqui.
Conversamos um pouco e ele me convidou a ir até sua mesa. Pegou uns papéis, que, logo reconheci, eram do Água Santa e do Edgard Costa.
— É... tirando aquela cabeçada que você deu num interno do Água Santa, sua ficha é perfeita. Aqui é diferente, não tente resolver as coisas da sua maneira, é muito perigoso.
Fez uma preleção sobre a sociedade carcerária e depois, pondo a mão em meu ombro, me olhou nos olhos e disse:
— Qualquer coisa que você precise, me procure. Lendo sua ficha, verifiquei que seu pai ia visitá-lo no Água Santa sem dia nem horário específicos. Darei ordem para que ele possa fazer o mesmo aqui.
Depois pediu que eu me despedisse do Humberto e me entregou a dois funcionários, que me levaram até o almoxarifado. Deviam ser oito e pouco da noite. De novo corredores escuros e portas de ferro foram abertas e fechadas às minhas costas. Num certo momento, comecei a ouvir a algazarra dos pavilhões. Tínhamos chegado a um portão de ferro, com mais ou menos três metros de altura por cinco de largura. No meio tinha uma porta que dava passagem para uma pessoa só. Ao ultrapassá-la, comecei a ouvir todo tipo de barulho: vozes, risadas, rádios, TVs etc. Andamos mais

um pouco e paramos em frente a uma porta de madeira trancada com chave comum, com a placa ALMOXARIFADO. Era uma sala grande, com muitas prateleiras cheias de pacotes beges amarrados com barbante da mesma cor. O funcionário, atrás do balcão, pediu minha maleta. Entreguei e, poucos minutos depois, recebi de volta camisas, jeans, material de limpeza, dois lençóis e um cobertor, tudo do próprio presídio. Pediram, então, para que eu tirasse a roupa [e] examinaram tudo minuciosamente, me devolvendo em seguida. Um dos guardas, que estava com a minha carteira, perguntou se eu tinha mais alguma coisa. Após responder negativamente, a recebi de volta, [ac]ompanhada da recomendação:

223

— Cuidado, esse pouco que tem aí, aqui é muito. Meu nome é Jair. Para suas coisas não ficarem aqui, sábado, após a visita, venha falar comigo e entrego tudo para sua família.

Confesso que não estava entendendo nada do que ele falava, eu estava tão preocupado por parar numa daquelas galerias, que aquilo seria meu mundo, que ele podia falar o que quisesse. Meu nervosismo só não extrapolava porque segurava tudo na cabeça. Não tinha outro jeito de agüentar tamanho medo.

O funcionário me entregou um cartão com meu nome, um número e meu novo endereço: Pavilhão 2, sexta galeria, cubículo 21. Explicou que cada galeria tinha cem cubículos, cinqüenta de cada lado. Em seguida, trancou tudo e pediu que o acompanhasse. Fomos até o escritório onde ficavam os guardas que estariam de serviço naquela noite. Fui apresentado e eles me olharam com risinhos. Olhei para o chão e esperei, fazendo um tremendo esforço para aparentar tranqüilidade. O senhor Jair mandou que um deles me acompanhasse até o cubículo.

O Pavilhão 2 ficava nos fundos e a segunda galeria, no terceiro andar (na verdade, como estava a dois lances de escada do segundo, representava um quarto andar). A cada lance, a escada ficava mais escura e suja. Quando chegamos e entramos na galeria, ela estava com o portão de grades aberto, tive a impressão de que muitos dos internos já dormiam, porque a algazarra já não era tão grande. Os internos que nos viram pararam de falar e olhavam com curiosidade. Fomos caminhando até o cubículo 21, e percebi que alguns deles me saudavam:

— Oi, Doca!

O guarda apontou para um lugar:

— Aí, este é o seu cubículo.

Não entrou; do parapeito passou a mão por dentro procurando um plugue. Como não encontrou, mandou o cara que estava mais próximo chamar o xerife.

— Sou eu mesmo, pode falar.

O guarda pediu que ele me ajudasse e arrumasse uma lâmpada. A resposta veio rápida:

— Esse e a maior parte dos cubículos dessa galeria não tem luz. Mas deixa, tenho velas, arranjei um colchonete emprestado. Pelo jeito vocês não forneceram.

224

O guarda nem tomou conhecimento do que ele falou e foi embora. As velas chegaram e o colchonete também. Em poucos minutos o lugar estava sendo iluminado e varrido. Segundo os internos, que se aproximaram e puxaram conversa, todos os cubículos estavam em péssimo estado. O xerife interrompeu o papo e me pediu para entrar (ele queria me mostrar o lugar).

Eu estava abobalhado, se ele não me chamasse ficaria ali, na porta, olhando sem ver e escutando histórias sem entender. Três por três, um buraco no chão para as necessidades — o boi —, um cano que, tendo água, era o chuveiro, e uma janela de dois palmos por dois. Ele levantou a vela para eu olhar melhor. As paredes, que provavelmente deveriam ser amareladas, estavam de várias cores. Havia pequenos buracos de pregos nas paredes; no teto havia dois fios ligados a um bocal sem lâmpada. Pequenas tiras de tinta penduradas eram o que tinha restado da última pintura, que, por conta da pouca claridade e do balanço da luz da vela, fazia sombras que, olhando de relance,

pareciam pequenos morcegos.
Estava tudo destruído, era melhor não continuar olhando. O Baiano me instruiu sobre o horário da água e aconselhou a ter uma lata de bom tamanho sempre cheia. Baiano estendeu o colchonete para mim e disse:
— Descanse um pouco. Se quiser, feche a porta, passe o ferrolho por dentro (era uma porta pesada com uma pequena janela com por-tinhola no meio), mas se preferir vou buscar café e sentar no degrau da sua porta, para conversar um pouco e fumar um dos seus cigarros.
Estendi um lençol, enrolei o jeans que eles tinham me dado para servir de travesseiro e deitei. Ele voltou logo com o café e com o caixote, que serviu de mesa. Pôs um cinzeiro em cima e pegou um cigarro. Começamos a conversar, ele disse que o chamavam de Baiano e estava preso por assalto à mão armada. Já tinha estado na Ilha Grande... percebi que repentinamente interrompeu o que falava. Quando recomeçou, falou olhando para o corredor:
— Acho que o Pira quer falar com você.
Levantei um pouco o corpo e me apoiei nos cotovelos. Um interno se aproximou e falou para o Baiano que eu devia acompanhá-lo. Eu não entendia por que alguém da administração queria falar comigo naquela hora. Perguntei para meu companheiro, que já estava de pé, quem era o senhor Pira e qual era o setor dele.
225
— Ele é interno, não discuta e vai ver o que ele quer. — Pela atitude preocupada do Baiano, me levantei e fui ver quem estava na porta. — Esse aí é o Cuca, ele vai acompanhar você.
O camarada olhou para mim e sorriu. Era moreno, magro, 1m 76 e tinha cabelos lisos. Usava uma camisa e um calção desbotados e sandálias de dedo.
— Vâmo, moço, daqui a pouco eles tranca a galeria.
Passei novamente por escadas escuras e entrei na quarta galeria. Era completamente iluminada, toda pintada de branco, o chão encerado, não tinha um cisco. Caminhamos até a metade da galeria. Ninguém prestou atenção nem me saudou. Quando chegamos ao cubículo do Pira, alguns internos que estavam lá conversando se retiraram. Fiquei impressionado, o cubículo era todo branco, tinha uma cama do lado esquerdo da porta, duas cadeiras em frente e uma cortina branca de banheiro, que separava a privada e o chuveiro elétrico do resto do ambiente. Havia também prateleiras brancas a mais ou menos dois metros do chão. Ele estava sentado na cama, assistindo à TV. Do meio do teto, caía um mosquiteiro branco que tomava toda a extensão da cama. Eu estava absolutamente surpreso com tudo aquilo, nem conseguia enxergá-lo direito.
Assim que me viu, abriu o cortinado. Ficou de pé e mandou que me sentasse. Uma figura impressionante, negro da minha altura — 1m 86 —, com um olhar profundo, como se estivesse o tempo todo lendo meus pensamentos. Eu estava me dirigindo para uma das cadeiras quando ele apontou para a cama. Sentei de costas para a porta, com ele na outra ponta.
— Quer um café? — Como aceitei, mandou o Cuca ir buscar no cubículo de alguém. — Então, é muito ruim a sua galeria? Estive lá hoje vendo se dá para ajeitar pelo menos uma privada. Se você quiser, eu mando o Português, que é pedreiro, procurá-lo. Ele sempre tem uma privada para vender. Aqui a lei é a Falange Vermelha, nos dois últimos anos não houve mortes nesta penitenciária. Nossos inimigos não vêm pra cá, vão para outros presídios. Fique tranqüilo e fora de encrenca, que vai cumprir sua pena sossegado. Não vai atrás da conversa do Patrício (diretor), aquilo tudo é falsidade.
Eu só ouvia, não abria a boca, mesmo porque estava preocupado tentando compreender a situação. Em seguida, explicou que aquela era uma cadeia "aberta", quer dizer, os cubículos nunca eram trancados.
226
— Só tranca quem tem medo, e essa é uma demonstração que não aconselho. Eu só me tranco para dormir. Vão lhe oferecer uma "faxina", aceite e, se outro funcionário oferecer um outro lugar que

você goste mais, não troque, não é bonito isso.
Eu continuava mudo e ele continuou:
— A que horas quer acordar amanhã? — Como não respondi, porque achei que tinha entendido mal, ele perguntou de novo, meio irritado. — Às oito está bom?
Concordei e...
— Vou mandar levar café no seu cubículo, aproveite e combine o preço para ter isso todo dia. Se preferir, pode tomar café na cantina. Daqui a cinco minutos vão trancar as galerias. — Apontou para o Cuca. Leva ele de volta.
Quando cheguei à minha galeria, um guarda estava na "porta de grades", esperando tocar a sirene para trancar. Pelo movimento das escadas, percebi que andar pelas outras galerias era permitido. Voltar para aquela galeria era um alívio, apesar da escuridão e da pobreza do lugar. Eu estava preocupado, quem era aquele camarada?
Que coisa mais estranha, aquilo tudo tinha me intimidado. Quando cheguei ao meu cubículo, Baiano continuava sentado à minha porta. Tinha arranjado uma lata de vinte litros cheia de água e me avisou que no dia seguinte ia tentar desentupir o cano, apontando para um ponto na altura da janela. Se eu andasse rápido, podia tomar banho no chuveiro dele, que era elétrico.
— Anda logo, em dez minutos fecham a água.
Aceitei o convite e fui para o cubículo dele. Fiquei no chuveiro até que a água começou a diminuir. Foi um bom banho, mas não tirei o olho dele e fiquei de ouvidos bem abertos. Na verdade, eu estava muito assustado e me sentia completamente indefeso. Depois do banho, de volta ao meu cubículo, fui até a janela dar uma olhada. Não consegui, uma barata voadora enorme bateu na minha testa. Só compreendi o que tinha acontecido depois que Baiano a matou e disse rindo:
— Não liga, é uma voadora, tem muitas por aqui.
Deitei no colchonete e ele sentou no degrau da minha porta. Eu estava irritado, não tinha entendido a minha visita ao Pira. Perguntei para o Baiano quem era e o que ele poderia querer comigo.

— É um dos chefes da Falange Vermelha, veio da Ilha Grande há uns dois anos, após uma rebelião entre facções que tinha causado inúmeras mortes. É temido e respeitado até pela administração. — Depois pegando mais um cigarro, continuou. — Ele não gosta de mim, sempre agi sozinho e isso não é bem-visto. Mas não nego, depois que ele chegou acabaram as brigas e as confusões.
Ao terminar a explicação, levantou-se e se despediu espreguiçan-do. Pela primeira vez, reparei que ele tinha uma perna dura e caminhava mancando.
Levantei-me, fechei a porta e passei o ferrolho. Deitei e deixei duas velas acesas achando que elas pudessem me proteger de ratos e baratas. Dormi profundamente, só acordei com as batidas na minha porta. Abri e dei de cara com um camarada que trazia uma caneca de café, um pão com manteiga e o jornal O Globo.
— Meu nome é Baiana, o senhor Pira falou que tem notícia do senhor aí. Ele já leu, pode ficar com o jornal. O senhor tem roupa para lavar? Se quiser, eu lavo para o senhor.
Entreguei minhas roupas do dia anterior e "ela" foi embora requebrando. Mulato, altura mediana, cabelo de índio até os ombros, trinta anos, meio gordo e sempre sorridente. Tomei café lendo o jornal, depois tentei abrir a torneira do cano e, para meu espanto, saiu um fio de água. Como não parou de escorrer, e estava limpa, molhei o rosto, os cabelos e escovei os dentes. Depois, já vestido, peguei o jornal para ler novamente a notícia. "Doca apresenta-se na Frei Caneca para cumprir seus quinze anos de prisão." E continuava contando que às 19h 10 cheguei com meu advogado, Humberto Telles. Informaram também o pavilhão e a galeria em que eu estava.
Depois de ler tudo, resolvi andar pela penitenciária, seguindo o conselho do Pira. Desci as escadas e no segundo lance fui abordado por quatro internos. Só um falou:
— Doca, empresta dinheiro para tomar um refrigerante? — Respondi que não tinha. — Não leva a

mal, mas a gente estamos com sede.
Falei que estava tudo bem, que eu entendia. Algumas pessoas passavam por nós e eu percebi que eles desistiram de continuar conversando comigo, então segui meu caminho. A escada era longa e escura, mas cheguei ao térreo. Saí atrás do escritório da inspetoria. Caminhei um pouco, alguns metros apenas, e dei com duas filas. Eram internos esperando
228
sua vez nos telefones públicos. Dois orelhões estavam ali, bem na minha frente. Imediatamente entrei na fila. Os presos, assim que me viram começaram a me cumprimentar, alguns até me cederam seus lugares. Quando chegou minha vez, fiz duas ligações: uma a cobrar para Marilena (que devia estar trabalhando, porque ninguém atendeu) e ou$_{tra}$ para Maria Zélia.
. Ué! De onde você está falando?
Depois de contar sobre os orelhões e de matar algumas de suas curiosidades, pedi que mandasse um colchão, dois travesseiros, lençóis, rádio e TV.
— Não quer mais nada, não? — Ela perguntou rindo.
— Não preciso de mais nada. Diga para Marilena pegar o dinheiro na minha conta e comprar tudo.
Conversamos mais um pouco e desliguei.
Eram três pátios, num prédio construído como se fosse uma ferradura, com dois pátios externos e um interno. O primeiro, logo à direita de quem vinha da administração e ao lado da sala de teatro e cinema, era grande e ladeava os pavilhões da frente. Tinha um campo de futebol de salão. Depois do campo, num dos cantos, havia um lugar reservado ao pessoal que gostava de malhar, com duas barras para ginástica e alguns pesos. Esse pátio era todo ladeado por bancos de concreto. Sentei-me ali e olhei o prédio. A arquitetura era boa, o prédio estava em péssimo estado.
Nunca tinha visto mato e parasita crescer em paredes. Aquelas estavam tão sujas, ao relento e sem pintura havia tanto tempo, que tinham nascido os dois. Das janelas, de vez em quando, caía alguma coisa, que só não acertava na cabeça de alguém porque em volta do prédio, como uma saia, havia um telhado de zinco. Este primeiro pátio dava num muro de mais ou menos cinco metros. Do lado de lá era o hospital penitenciário
Depois do prédio do outro lado, estava o segundo pátio, bem me^{n}or e com outro campo de futebol de salão. O terceiro e último pátio era onde ficava a cantina. Era um pátio com um galpão de alvenaria, com ^{u}mas vinte mesas e bancos de concreto. Depois desse pátio, que também tinha um muro de cinco metros, tinha outra penitenciária.
Esse último pátio ficava entre a administração e o refeitório, bem ^{n}o meio da ferradura. Como aí estava a cantina e já tinha tocado a sirene ^{d}a hora do almoço, fiz um lanche conversando com o cantineiro. Comp^{re}i chocolates, biscoitos e cigarros e tentei voltar para o meu cubículo.
229
Mas me perdi e fui dar em outra galeria. Foi ótimo ter me enganado, porque fui parar numa galeria onde um interno transformou um cubículo em cantina. De lá, saía um cheiro delicioso de filé. Vi que tinha alguns internos esperando com talheres e pratos na mão. Aproximei-me curioso. Tinha um baixinho, gordinho, fritando alguns bifes e falando sem parar. Quando cheguei, aqueles que esperavam me acenaram e abriram espaço. O cozinheiro baixinho ao me ver pegou um prato, pôs um bife pequeno com salada de tomate, arroz e feijão e disse:
— Doca, hoje é por conta da casa, experimenta, vê se lá fora tem melhor.
Me pegou pelo braço, me fez entrar e sentar num banquinho. Realmente estava bom. Dava até para repetir e depois ainda fui contemplado com goiabada e queijo catupiri.
— Meu nome é Antônio, não adianta procurar outra cantina, a minha comida é a melhor.
Na saída, pedi para me ajudarem a chegar ao meu cubículo e fui naquela direção fumando um cigarro e carregando os biscoitos e chocolates que havia comprado.
Quando entrei na galeria, vi o Cuca me esperando sentado na minha porta. Entregou um cadeado

com duas chaves.
— O Pira mandou isso emprestado, não deixa mais seu cubículo aberto. — Ofereci um cigarro e convidei-o a entrar, mas ele balançou a cabeça e continuou: — O dr. Patrício está chamando, é melhor você ir logo.
Pra não me perder, ele foi comigo até a administração e apontou a escada que dava na sala do diretor. Bati à porta e uma moça do serviço social, que estava saindo, me fez entrar e aproveitou para me convidar a ir no dia seguinte até sua seção. Agradeci o convite e entrei. Dei de cara com Humberto, que tinha vindo ver se estava tudo bem comigo. Batemos um papo de dez minutos e ele foi embora. Eu ia saindo junto, mas o dr. Patrício pediu que eu permanecesse.
— Então, esteve na cantina do Antônio? — Fiquei espantado, afinal eu calculava que tinha mais de 650 internos lá. — Sabe que esse tipo de atividade é proibida aqui? A gente fecha os olhos, afinal esse pessoal tem de ganhar alguma coisa. Muitos deles têm família.
Depois me mostrou minha ficha, com os dados do Água Santa e do Edgard Costa. A minha permanência nas duas instituições dava quase
230
seis meses. Eu não estava entendendo nada. E daí, qual seria a importância de tudo aquilo? Fiquei quieto esperando. Ele continuou:
.— Você tem namorada, não é verdade? Todo interno com mais DE seis meses de prisão e que tenha companheira há mais de seis meses também, tem direito à visita íntima.
Aí fiquei interessadíssimo. Ele explicou que precisava de um documento da delegacia de Cabo Frio comprovando os quase três meses que estive preso lá e duas declarações que atestavam que Marilena e eu estávamos juntos havia mais de seis meses. Imediatamente, comecei a pensar em telefonar para Paulinho Badhu em Cabo Frio.
Dr. Patrício tocou uma campainha e apareceu um interno, loiro alto, com uma cara meio abobalhada.
— Zé, manda o Pira entrar. Esse aí, o Zé do Lago, cometeu um crime pavoroso, um dia destes eu conto.
Pira entrou e foi logo sentando. Já estava a par do assunto, e o diretor o orientou a procurar um cubículo em uma das galerias que tinha visita íntima ou parlatório, para que eu pudesse me mudar o quanto antes. Pira sugeriu a quarta galeria, que era a dele. Dr. Patrício não gostou da idéia, disse que ia pegar mal, que deveria esperar alguns meses para eu ir para aquela galeria. Em seguida, Pira me acompanhou até o serviço social. Ele queria ir comigo,porque achava que a encarregada do setor ia encrencar com a rapidez com que o Patrício e ele estavam querendo fazer as coisas para me beneficiar com o parlatório.
-DESCEMOS PARA O TÉRREO, FOMOS DIRETO AO SERVIÇO SOCIAL, QUE é um apêndice do prédio principal, ao lado da enfermaria e do gabinete dentário. Lá, além dos internos, recém-formadas em psicologia prestavam serviços voluntários. Havia também uma sala de atendimento jurídico com universitárias e advogados do estado, estes últimos funcionários públicos. Com Pira era fácil andar pela administração, todos o conheciam e de uma certa maneira o reverenciavam. Fomos direto para ª sala da chefe. Quando entramos:
—Ha! Você veio... não precisava vir escoltado — e olhou para Pira. Aqui tratamos todos com muito apreço e sem distinção.
Pira retrucou rindo:
231
— Não liga, não, isso aí é caô (papo furado). A mulher nem olhou para ele e continuou:
— Sou psicóloga, chefe da seção e funcionária de carreira do De-sipe (Departamento Estadual do Serviço Penitenciário), que é um órgão ligado à Vara de Execuções Criminais. — Com isso ela queria dizer que a presença do Pira não a intimidava. — Aqui ninguém dá palpite, nem o diretor.
Eu falei que estava lá porque ela me convidou.

— Tudo bem? — e me estendeu umas fichas para serem preenchidas. Falou-me sobre o parlatório e pediu o nome da minha namorada e das pessoas que viriam me visitar. Elas deveriam trazer fotos para ter carteira de visitante. Dei os nomes e falei de minha estada em delegacias e outros presídios, contei que tinha passado mais de seis meses nessas instituições e já estava providenciando as certidões. Em seguida, mandou que Pira saísse. Sorriu para mim e começou a me instruir sobre a sociedade carcerária. Dizia que não entendia por que um passional estava lá. Havia outras penitenciárias.

— Aqui é só para criminosos muito perigosos. Se bem que outros como você já andaram por aqui. Ande com cuidado, aqui é o verdadeiro inferno, qualquer dúvida venha me procurar.

Confesso que saí de lá pior do que quando entrei. Procurei por Pira, mas não o encontrei. Na saída encontrei um guarda e, quando estava passando por ele...

— Ei! O que você está fazendo aqui? Deixa eu ver sua autorização. — Era um camarada de óculos.

— Que autorização? Fui chamado pelo diretor e pelo Serviço Social.

Ele resmungou que o pessoal não sabia trabalhar.

— Sou Manuel, chefe da segurança, você não devia estar aqui sem uma autorização. E cadê seu crachá?

Como eu não tinha, ele pediu para acompanhá-lo. Andamos mais um pouco e, antes de sair da administração, entramos na seção de vigilância. Passamos por várias mesas ocupadas por internos e chegamos ao funcionário. Sr. Manoel olhou para mim e para o funcionário

— Waldique, este interno está por aqui sem autorização.

Sr. Waldique fez sinal para me sentar e o outro foi embora. Abriu uma gaveta e me entregou um crachá em branco.

— Com isso você poderá andar por tudo sem autorização. Quer trabalhar comigo? — Ele era gordinho como o outro, mas usava farda igual à dos guardas. Estava sentado e sorria para mim. — Tenho u$_m$a vaga de arquivista. Se você quiser, quando se sentir adaptado, daqui alguns dias, poderá começar. Aqui é o coração da penitenciária. Nesses arquivos estão as fichas de todos os internos, contendo seu histórico e sua localização atual. Quer dizer: pavilhão, galeria e número do cubículo.

Respondi que gostaria de tentar. Imediatamente tirou o crachá da minha mão e entregou para o interno ao seu lado

— Chaves, preencha este crachá e entregue para ele. — Depois, olhando para mim: — Vamos à cantina tomar um café? — No caminho para a cantina e durante o café falou sobre o chefe de segurança, o sr. Manuel. — O apelido dele é Manuel Caneta, com ele o jeito é andar na linha, senão vai para o "caderninho".

Voltamos à vigilância para pegar o crachá e o senhor Waldique, ao se despedir, comentou:

— O período da adaptação é muito difícil, fique uma semana andando por aí, preste muita atenção em tudo. Aqui, até um sorriso mal interpretado causa morte.

Voltei para minha galeria sozinho, aquele caminho eu já conhecia. Da entrada, vi no chão, em frente ao meu cubículo, um vaso sanitário, meio saco de cimento e uma colher de pedreiro. Conversando com Baiano estava um cara branco, quase um e oitenta de altura.

— Vim ver se você quer esse vaso, se servir, coloco agora mesmo. Todos me chamam de Português.

Deu o preço do vaso, do serviço e começou imediatamente. A sirene tocou, e todos menos o Português e o Baiano começaram a descer com prato e talher. Uma galeria é um corredor com cem cubículos, cinqüenta de cada lado. No final desse corredor, em vez de uma parede, tem grades de ferro quadriculadas. Naquela hora, cinco e pouco, começava a escurecer. Fiquei preocupado que o pedreiro não conseguisse completar o serviço e fui olhar. Quando perguntei se havia luz suficiente, começou a rir.

— Faço isso tantas vezes que sou capaz de fazer até no escuro. Aqui, quando um interno é posto em

liberdade, os vasos são arrancados Para serem vendidos novamente, e geralmente sou eu que faço isso a Pedido dos xerifes.
O Baiano que estava ali escutando se defendeu.
233
— Esse aí não fui eu.
O pedreiro explicou que aquele era novo, que o senhor Pira tinha pedido para um guarda comprar. O Baiano estava ali fiscalizando a obra. Fiquei curioso para saber por que ele não foi ao refeitório junto com os outros e perguntei a razão.
— O cozinheiro dos funcionários mora nesta galeria e vem lá pelas oito. Ele traz comida para mim. Você quer também? Se quiser, eu vou lá falar com ele.
Se o preço fosse igual ao almoço do seu Antônio era bom negócio. Então resolvi experimentar. Ele saiu para procurar o cozinheiro. O almoço do Antônio custava dois cruzeiros se a pessoa comesse lá; se mandasse entregar, um pouco mais caro. Essas coisas eram muito baratas e a razão para isso era simples; segundo me informaram tempos depois, era tudo da cozinha da penitenciária.
Eu estava ali assistindo à colocação do vaso, e um interno que morava em frente a mim entrou na galeria. Vinha com um prato na mão e uma expressão preocupada, também mancava um pouco. Veio até mim e disse:
— Me chamo Lambreta, o Baiano ficou retido na inspetoria — falava baixo para o outro não ouvir.
— Ele é malvisto por muita gente. Toda hora estão querendo transferi-lo, mas o Baiano tem uma protetora com muita influência.
Mais tarde, depois do "confere" (a chamada antes de trancarem as galerias; é feita olho no olho entre guarda e interno), Lambreta e Baiano vieram me visitar. Não perguntei, mas Baiano se abriu comigo e com Lambreta:
— Se me mandarem para Ilha, vão me "passar o cerol" (matar), tenho muitos inimigos lá.
Deu essa explicação e foi para seu cubículo. Lambreta e eu conversamos por mais algum tempo e depois me tranquei, queria ficar sozinho para pensar um pouco no meu dia. Tinha andado bastante — diretoria, serviço social e vigilância. Caminhar pelos pátios e corredores era assustador. O número de pessoas andando e falando alto, muitos deles com rádios a todo o volume e em estações diferentes transformava aquele ambiente, que já era carregado, em uma Torre de Babel. Fora que a cada momento alguém se aproximava para pedir um cigarro ou algum dinheiro emprestado. Cada vez que isso acontecia eu tinha de fazer um esforço tremendo para não demonstrar todo o medo que sentia.
234
Aquilo para mim era o maior sofrimento. "O medo." Tinha de fazer muita força para parecer que estava encarando tudo com naturalidade. Mas logo que passava por um momento desses precisava de mais auto-controle ainda para não demonstrar como realmente me sentia: com vontade de me atirar ao chão chorando e implorando para me tirarem dali. No pátio da cantina tinha a "reunião de Bíblias" — como são chamados os grupos religiosos —, eu tinha prestado atenção em tudo aquilo, estava angustiado e cansado. Fui até a pequena janela e olhei; segundo informaram, ali era o morro de São Carlos, eu via as pessoas caminhando em um platô que estava bem em frente. Naquele instante, havia umas moças olhando na direção da penitenciária. Eu tinha impressão de ouvir risadas. Naquela hora, depois do "confere" e de trancarem as galerias, tocava a sirene, que a princípio significava "silêncio". Mas na verdade não era proibido conversar, nem ouvir rádio ou assistir à TV. Tudo era permitido, só que bem baixinho. Se o interno tivesse uma lâmpada direcionada para ler, tudo bem, podia fazê-lo. Eu estava ali, no escuro, olhando aquele morro e vendo aquelas moças. Era estranho, já tinha olhado para lá naquelas três primeiras noites de prisão, mas nunca durante o dia. Fiquei ali, olhando e gozando aquele momento de tranqüilidade. O dia seguinte era sábado e eu estava apreensivo. Tinha feito uma lista grande de pessoas que poderiam me visitar, será que viria alguém?
Acordei lá pelas oito horas e fui à cantina tomar café e comprar jornal. Reparei que os internos estavam se

esmerando em deixar os pátios limpos. No pátio da cantina, na área coberta, as mesas estavam sendo decoradas com toalhas e com o nome de seus donos. Esses lugares eram todos do pessoal da Falange Vermelha. O dono da cantina, o senhor Hugo, me avisou que o Pira tinha reservado a penúltima mesa para mim e a toalha que estava lá era emprestada pela cantina. Agradeci e fui até lá. As mesas eram todas iguais, cabiam oito pessoas confortavel-mente. Em cima da minha havia um papel de cartolina com meu nome. Olhei o nome da mesa vizinha, que era a última, era do Pira. Voltei para a cantina e comecei a perguntar ao senhor Hugo o porquê de tantas atenções da parte do Pira.

— Provavelmente ele tem planos para você e, além do mais, o diretor pediu para ele ficar de olho. Você é o interno mais famoso do sistema.

235

Aquilo me incomodava. Que planos ele poderia ter para mim? Peguei meu jornal e me afastei. Era melhor não continuar fazendo perguntas.

Como havia muito barulho vindo do pátio 1, fiquei curioso e fui até lá. Estava tendo um jogo de futebol. Assisti um pouco e fui para o final do pátio, onde estavam os aparelhos de ginástica. Um ou dois prisioneiros se exercitavam, o resto estava de calção deitado em toalhas, tomando sol. Eu também estava de *shorts* e sentei num canto, sem camisa. Depois de uns dez minutos já estava molhado de suor. Apesar de ninguém ter se aproximado, ali não era um lugar tranqüilo. Uma dupla jogava raquetinha (frescobol) bem, mas às vezes a bolinha escapava e passava por perto. A bola de futebol também estava toda hora por ali. Fora uns cinco rádios a toda, em estações diferentes, que pareciam competir para ver qual era o mais potente. Já estava pensando em sair dali, quando um cara, que estava sentado a alguns metros, levantou-se e me convidou para ir à cantina.

— Meu nome é Bóris, convido para um refrigerante.

Era um camarada educado, do tipo muito branco de olho azul. Depois do refrigerante na cantina, ele sugeriu que andássemos em um espaço que ficava entre o galpão com as mesas e o muro que dava para a outra penitenciária. Era uma passagem que eu não tinha percebido, retangular, de mais ou menos oitenta metros por vinte. Começava num portão atrás da administração e ia até a cozinha. Assim que começamos a caminhada, uns guardas apareceram e mandaram a gente se afastar, porque ia entrar um caminhão. Ele entrou, o portão fechou imediatamente após sua passagem e começamos a caminhar novamente. Bóris dizia que era da região das serras, contou que estava preso acusado de ter matado um empresário e era malvisto pela Falange porque achavam que tinha ajudado a Polícia a caçar assaltantes.

— Eu até gostaria de acabar com essa "raça" — dizia ele —, mas não fiz isso. Tenho amigos policiais, mas nunca me meti a vingador. Seu amigo Pira não gosta de mim, a gente se fala, mas ele me olha esquisito.

— Quem falou que ele é meu amigo?

— Todo mundo sabe. Os caras que abordaram você na escada para pedir dinheiro foram levados para a galeria dele e avisados que da próxima vez iam se dar mal.

Eu não acreditava no que estava ouvindo.

— Mas eu o conheci no dia que cheguei.

236

— É, mas dentro do sistema e para a imprensa você é muito imp$_{or}$tante. Dizem que saiu briga entre os diretores para ter você em $_{s}$uas cadeias.

Fiquei boquiaberto e assustadíssimo. Andamos por mais uns quinze minutos e fui para o cubículo ler e tentar tomar banho no fio d'água que saía do cano. Li o jornal, tinha uma reportagem com o motorista de táxi que tinha me conduzido até a penitenciária e outros comentários que àquela altura já eram velhos. Depois comecei a me preparar para as visitas que começariam às treze horas. A água que caía do cano era tão pouca que demorei mais de uma hora para ficar como eu queria. De barba feita, banho tomado e uma camisa branca passada pela Baiana, considerei-me pronto. Abri a porta do cubículo e dei de cara com o Cuca:

— Sua visita está esperando, o Pira está com eles.
Desci correndo as escadas e fui pegar o cartão de autorização de entrada nos pátios. Nos dias de visita era proibido ir aos pátios sem que sua visita já estivesse lá. Os alto-falantes chamavam os internos assim que seus visitantes entrassem nos pátios. Era grande o número de internos antes da inspetoria esperando por suas famílias. Os alto-falantes não paravam de chamá-los. Quando cheguei à mesa encontrei papai, Maria Zélia e Raul, conversando com Pira e sua esposa Renata. Foi um encontro emocionante, meu pai e meu filho me abraçaram durante muito tempo. Eram abraços sentidos com os dois procurando lenços para enxugar as lágrimas que insistiam em cair. Passado o primeiro momento, cumprimentei minha prima, que estava mais controlada, Pira me apresentou sua esposa e passou para sua mesa, que estava lotada de amigos e familiares. Na mesa ao lado se encontrava uma pessoa que estava sempre colado com Pira, mas ainda não tínhamos nos falado. Ele veio até nós com sua esposa nos cumprimentar:
— Meu nome é Jarra, não se preocupem com Doca, a gente está sempre perto dele.
Afastou-se em seguida e finalmente ficamos a sós, eu e minha família. Os três olhavam o prédio com caras assustadas. Ficaram muito impressionados com o estado da galeria que ficava em cima da cozinha. Imagine se eles vissem por dentro. Tinham trazido uma porção d^{e} coisas. Frutas, doces, um rádio, cigarros e outras coisas que davam P^{ar}a carregar. Fui até a cantina buscar refrigerantes, e Raul foi comigo.
237
Quando voltamos para a mesa, os três quiseram dar uma volta e conhe cer os pátios. Fomos caminhando devagar, eles olhavam tudo: as era des, os outros pavilhões e galerias, que, como o que tínhamos acabad de deixar, também estavam em petição de miséria. Impressionaram-s também com a quantidade de pessoas aglomeradas em torno de toalha espalhadas pelo chão, em verdadeiros piqueniques, com os odores qu$_{e}$ vinham das comidas, com as crianças brincando e correndo alegres, não percebendo a tristeza do ambiente. Havia de tudo; gente jovem, mulheres com cestas enormes e, para variar, rádios, muitos rádios, todos corno sempre tocando alto e em estações diferentes. Por onde passávamos chamávamos atenção.
Voltamos para o pátio da cantina e para a mesa. Papai comentava que ali era bem mais tranqüilo. Se bem que o número de curiosos que passavam perto de nossa mesa era impressionante. Um verdadeiro footing. Principalmente moças. Passavam olhando e sorrindo, uma ou outra mais ousada dava adeus.
Tanto papai como Raul agüentaram firme, mas sei que o estado deplorável do prédio e a pobreza da maior parte das famílias ali presentes os assustou. Tive de fazer força para manter uma postura normal. A impressão que eles tinham era igual à minha; de horror e tristeza. O horário de visitas nos fins de semana era das treze às dezessete horas. No final desse período os três já estavam exaustos. Pira tinha me avisado que era melhor os visitantes saírem vinte minutos antes, para não se submeterem à fila. Ou fazer como a família dele, que era a última a sair. Na última opção, tinham de agüentar a guarda reclamando que o horário estava esgotado. Se bem que os guardas só se tornavam mais agressivos em caso de abuso. Apesar do cansaço, pois depois das quatro horas não tínhamos mais o que conversar nem agüentávamos continuar sentados nos bancos, fiquei muito angustiado ao vê-los partir, quinze minutos antes do fim da visita. Fiquei assistindo à saída deles enquanto caminhavam em direção à saída, pois só podíamos acompanhá-los até o enorme portão de ferro, que separava a carceragem da administração e até aquele momento ainda estava aberto. No final do corredor, Raul olhou para trás e acenou para mim. Não consegui me conter e subi para a galeria chorando e engolindo os soluços.
O pessoal das galerias de visita íntima subia com suas esposas e namoradas. Normalmente essas visitas eram feitas só no domingo. As
238

amantes chegavam às nove da manhã e saíam dos cubículos vinte minu$_{to}$s antes de terminar a visita. Mas, uma vez por mês, se tudo tivesse corrido bem, sem incidentes sérios, o diretor concedia uma "dormida" (u$_{ma}$ noite com a companheira).
Escrevi em 11 10 1982: "Ontem recebi minhas primeiras visitas: $_{papa}$i Maria Zélia e Raul. Passei os dois dias anteriores muito angustiado. Algo terrível me corroeu o tempo todo, mas hoje, quando os vi, me se$_{n}$ti bem. Hoje, um dia depois, ainda sinto a grande mágoa de fazê-los passar por tudo isso. Assistir a meu pai e meu filho olharem as galerias da prisão e as janelas das celas não foi mole. Mas hoje (domingo), à uma da tarde, apareceram Marilena e papai. Senti-me confortado com a presença dela. Realmente eu a quero muito. Conversamos, discutimos assuntos seríssimos, namoramos e por alguns instantes, talvez tenha esquecido minha realidade: vida de preso'. Quanto ao resto, é a carceragem, nada fácil de acostumar com ela. Tenho de ter muito tato com todos, pois, como eles dizem, ninguém está aqui por ter sido pego rezando missa', já conheci os mais variados tipos: o pessoal que veio da Ilha Grande, outros do Água Santa etc. Todos com várias passagens por delegacias, presídios e penitenciárias. Os papos são os mais variados, incríveis mesmo. As abordagens para pedir algo são incríveis também; vão de sorrisos e caras angelicais até a intimidação. Os crimes são de todos os tipos, assaltos a mão armada a simples transeuntes ou a bancos e joalherias, tráfico e seqüestro".
A visita de Marilena me reanimou, a alegria de ter seu apoio e sua presença me dava esperança, e, mais que isso, me fazia querer viver. Sentia que, mais que todo o resto, o que mais precisava era de seu amor. Aqueles últimos anos de convivência não tinham só representado amor, loucura e diversão, além disso havia um elo muito forte entre nós. Era o Prazer de estarmos juntos. Enquanto eu tivesse seu amor, apoio e compreensão, estaria apto a lutar, a querer sair dali para continuar minha vida. Não, não tinha esquecido Ângela, como poderia? Os momentos que vivi a seu lado estarão sempre em meu coração e minha mente. T^{er} acabado com sua vida e causado tanto sofrimento a seus familiares ^{e} ^{a}migos é uma dor muito maior do que estar preso. A prisão... só me causa medo.
A visita da família me reanimara, é verdade. Além da visita, Marilena me informou que durante a semana chegariam a TV, um colchão de

viúvo e a bola de futebol que eu tinha prometido para a LEP (Liga Esportiva Penitenciária). Fora isso, no fim de semana seguinte, mamãe, Luiz Carlos e May também viriam e trariam boas novidades. Nem perguntei do que se tratava, pois achava que se houvesse novidades que realmente interessavam, o Humberto já teria me avisado.
Estava em plena segunda-feira de manhã, antes do café. Se pudesse, fecharia os olhos e dormiria novamente. Encarar a realidade era tão traumático, que era melhor morrer. Quinze anos. Era muita cadeia. Como 24 horas antes pude pensar em reconstruir minha vida? Acho que naqueles poucos dias que se tinham passado o impacto foi tão grande, que não tinha dado para avaliar minha situação real. Fui atacado por um desespero tão grande naquela primeira segunda-feira de presidiário, que não sabia o que fazer. Estava sentindo algo muito maior do que medo, estava em pânico.
Resolvi levantar na marra e ir até a janela, olhar o morro. Precisava urgentemente me distrair e, além do mais, não tinha visto o morro ainda, a não ser à noite. Olhei e abri a torneira para ver se saía um pouco de água. Correu um fio tênue, entrei embaixo e fiquei olhando para o morro. Naquele platô estavam novamente duas moças. A impressão que tivera uma ou duas noites atrás, de que as duas estavam se comunicando com alguém das galerias, era verdadeira. Elas punham as mãos em concha na boca e berravam alguma coisa, mas não dava para entender. Estava nu, debaixo do fio de água, o calor era tanto que endireitei o corpo para molhar a cabeça e o rosto. Estava fazendo isso quando a água parou de cair. Imediatamente puxei a lata de vinte litros que estava cheia e, com um copo comecei a molhar o resto do meu corpo. Ensaboei e comecei novamente com o copo a me enxaguar. Enquanto fazia esse ritual, raciocinava sobre os conselhos que tinha recebido de Pira, sobre não

demonstrar medo.
Resolvi passar na seção da vigilância e pedir para começar a trabalhar imediatamente. Estava pensando nessas coisas, quando o Cuca chegou com o jornal e o café. Trouxe duas novidades. A primeira, o Baiano tinha se desentendido com um interno, um guarda interferiu, ele se desentendeu com o funcionário também e agora estava na solitária. A segunda era que havia um boato de que os guardas penitenciários estavam preparando uma greve e, se isso acontecesse, a Polícia Militar assumiria. Em seguida pegou meu isqueiro, foi até a janela e acendeu
240
um baseado. Percebendo o meu pavor, pois fui até a porta com um olhar preocupado, começou a rir:
. Está preocupado com o quê? A essa hora o funcionário está lá embaixo. — Apagou o baseado com uma gotinha de água. — Quer ficar comabagana?
Rejeitei, explicando que tinha receio. Tomei café, lendo o jornal e pensando no pobre Baiano. Eu estava sentado num colchão emprestado, encostado numa parede suja, num cubículo destruído, com uma caneca de café na mão e o jornal aberto. Folheava sem ler, não conseguia me concentrar, parecia que algo pressionava meu peito. De repente, olhei com mais atenção e vi no canto da página de O Globo minha foto com o seguinte cabeçalho: "Doca, um preso comum, é atração no presídio". "Doca Street, o assassino de Ângela Diniz, é mantido como preso comum na penitenciária Lemos de Brito, uma das unidades do complexo da rua Frei Caneca. Ele trabalha como estafeta, não recebe tratamento privilegiado da direção do presídio, mas os próprios companheiros de cárcere lhe dão status, tratam-no com um respeito só dispensado aos presos especiais, como era o ex-policial Mariel Mariscot. Ele é a nova coqueluche da prisão', diz uma funcionária do serviço social da penitenciária. Nos dias de visita aos presos é ele quem atrai as atenções gerais, principalmente das mulheres. As companheiras de outros detentos, as advogadas e as estagiárias de advocacia tentam sempre, mesmo de longe, ver Doca, vestido geralmente de calça jeans e camiseta branca, a fisionomia abatida. Ele está num cubículo comum, o n 21, da galeria 6, primeiro pavilhão, onde falta água e não há luz, a não ser velas que à noite iluminam debilmente a solidão de alguns presos."
A reportagem seguia por mais duas colunas. Deixei o jornal em cima do colchão, joguei o café fora e desci até a cantina para fazer uma refeição decente. Em seguida fui à vigilância conversar com o senhor Waldique sobre começar a "faxina" imediatamente.
— É a coisa mais sensata, assim não fica por aí sem fazer nada. E disse rindo: — O jornal já deu notícia de que você é estafeta. — Pegou o jornal e me entregou. — Senta na mesa junto à porta, vai lendo que depois o Chaves começa a explicar o serviço.
Olhou para o Chaves e disse:
— Assim que você acabar de bater a transferência do Santana para ª Una, comece a ensinar o Doca a mexer no arquivo.
241
Não resisti e perguntei:
— Quem é esse Santana?
Foi Chaves que respondeu:
— É o xerife de sua galeria. Armaram pra ele.
Senhor Waldique levantou a cabeça mas não fez comentário (Santana era o nome do Baiano).
Meu PRIMEIRO DIA NA SEÇÃO DA VIGILÂNCIA SÓ SERVIU PARA EU PERceber que ali era mais tranqüilo e seguro que os pátios. Havia cinco mesas: quatro para os "faxinas" e a do senhor Waldique. Passando pelo portão que separava os pátios da administração, era a primeira sala à direita. Esse portão só ficava aberto totalmente em dias de visitas, caso contrário usava-se a porta instalada no meio dele, que só dava passagem para uma pessoa. Ali sempre havia dois guardas penitenciários; por isso, sem crachá, só era possível passar por ali com autorização da inspeto-ria. Quando o Chaves começou a abrir os arquivos para mostrar como funcionavam, apareceu um interno que mais parecia

um funcionário. Alto, loiro, muito bem vestido e com dois chaveiros repletos de chaves. Cumprimentou todos e se dirigiu a mim:
— Meu nome é Flávio, trabalho na enfermaria, o médico está esperando você. — Falou isso e entregou ao senhor Waldique um papel da administração que tinha meu nome e número.
Após passar um visto, disse olhando para mim:
— O médico me pediu para você ir trabalhar lá. Por mim tudo bem, mas você que decide.
A enfermaria e o serviço social ficavam do lado de fora da administração, para ir até lá só o crachá não adiantava, tinha de ter uma autorização da vigilância. Era atraente o convite para trabalhar na enfermaria. Dava para o pátio da entrada da penitenciária, que por sinal era muito bem tratado, com um jardim sempre cuidado por dois internos da confiança da administração. A fachada do prédio e o jardim eram impecáveis, olhando da rua era impossível imaginar seu interior.
Preenchi fichas e fui examinado superficialmente. Depois disso o médico mandou que me sentasse. Ele mesmo me serviu um café e em seguida me convidou para ser seu "faxina". Precisava de uma pessoa
242
para trabalhar diretamente com ele, para cuidar de sua agenda, dos arquivos e ajudar o Flávio. Poderia usar seu telefone quando necessário.
Ele só atendia três vezes por semana. Se um interno aparecesse muito doente nesse intervalo, era só encaminhá-lo ao hospital penitenciário.
Aquela era a melhor faxina do sistema. Fiquei muito tentado a aceitaro convite, mas lembrei do conselho que Pira me dera na primeira noite em seu cubículo: "Se aceitar uma faxina e aparecer outra mais atraente, não troque, ficará malvisto ". Fui sincero ao recusar o convite, contei do conselho que havia recebido. Percebi que ele entendeu e não se ofendeu.
Assinou meu retorno e falou:
— Talvez com o tempo apareça uma oportunidade de trazê-lo sem traumas.
Esse começo de frase derrubou de vez meu moral. Fez pensar no tamanho da minha pena. Saí de lá arrasado, disposto a ir direto para o cubículo, mas dei de cara com as moças do serviço social, inclusive a chefe. Acho que minha postura denunciava meu desespero, porque elas me convidaram para um café e perguntaram como eu estava. Não chorei minhas mágoas, nem era necessário. Era só olhar para mim. A chefe da seção não amoleceu.
— Vocês cometem crimes e depois ficam com essas caras de coitados. Isso aqui, como já falei no nosso primeiro encontro, é um inferno. Ainda não recebi sua ficha, assim que recebê-la, farei os cálculos para você ficar sabendo quando começarão seus benefícios (visitar a família no Natal, sair um fim de semana por mês e depois mudar de sistema, ficar num albergue, saindo para trabalhar e voltando para dormir, e, por último, a condicional). Se tudo correr bem, em quatro ou cinco anos começará a usufruir de tudo isso. Trate de encarar a realidade e fortalecer seu moral. Esses recursos impetrados, depois de ter entrado no sistema, nunca vingam, é tudo conversa de advogado. Fique fora de encrenca, que tudo passa. Se precisar de mim venha conversar, mas não vou ficar Passando a mão na sua cabeça.
Que paulada... mas por incrível que pareça uma conversa dessas, Por mais dura que seja, é a mais indicada, não lhe dá falsas esperanças.
Com o tempo que fiquei na enfermaria e depois no serviço social, tinha perdido o horário da água, agora só à noite. Passei pela seção e Pedi ao senhor Waldique para me dispensar, eu estava aborrecido e cansado, ia comer na cantina e ir para o cubículo. Fiquei na vigilância
243
bastante tempo, cerca de dois anos; esse senhor sempre foi legal comigo. Naquele dia, após pedir para me dispensar, ele falou:
— Não se preocupe com o horário, fique algum tempo aqui todo dia e depois faça o que quiser. Só

precisarei de você se o Chaves faltar ou em ocasiões de grande número de internos entrando ou sendo transferidos. O médico já me avisou que você preferiu ficar aqui. Gostei da sua atitude, sinal de que soube dar valor a quem estendeu a mão primeiro.
Fui para a cantina e depois de um pequeno lanche fui para o cubículo. Estava começando o segundo lance de escada — um lugar mal iluminado, que virava mais ou menos noventa graus à direita, quando fui abordado por dois internos. (O sistema de comunicação dentro das cadeias é incrível, eles já estavam ali me esperando.) Usavam um gorro de meia que cobria a cabeça até as sobrancelhas, estavam bem encostados na parede, onde a luz escondia mais ainda seus rostos. Disseram que algumas pessoas queriam falar comigo na galeria tal, número tal, e era para acompanhá-los. Falavam tão rápido que não deu para entender qual a galeria. Conduziram-me ao local do encontro. Era o último cubículo de uma galeria, mandaram eu entrar e ficaram na porta do cubículo da frente. Duas pessoas estavam lá, sentados em um colchonete. Os dois usavam gorros, a iluminação era só a que vinha do corredor. Pediram para eu sentar de costas para o corredor, no degrau da porta. Começaram perguntando como eu estava, mas depois foram direto ao assunto sem rodeios:
— Estamos esperando uma grande quantidade de fumo, uns dez quilos. Só que falta uma parte do dinheiro, precisamos de... (disseram a cifra, não me lembro, mas, naquela época, a moeda era cruzeiros). Você dobrará seu capital em uma semana.
Eu estava muito amedrontado, não conseguia e não queria ver suas fisionomias. Eles estavam completamente à vontade, esparramados no colchonete me olhando e esperando minha resposta. Demorei um pouco, tive de me acalmar e pensar o que responder. Quando me recuperei e comecei a falar, fui sincero mas dramatizei um pouco:
— Passei por dois julgamentos que me deixaram completamente duro, tomaram tudo o que eu tinha. Se eu tivesse um pouco de dinheiro não estaria aqui.
Eu estava disposto a não ceder nem um milímetro na minha posição, não emprestaria nem dinheiro para um cafezinho, se quisessem

acabar comigo, tudo bem, acabava também aquele inferno. Não olhava para eles para que percebessem que não tinha intenção de reconhecê-los P[ara] dedurá-los. Ainda insistiram argumentando que poderiam [começar] com uma [urna] encomenda menor, mas eu, com cuidado, respondi:
O dinheiro que o jornal anunciava que eu tenho é pura invenção. Estou completamente sem grampo.
Aí, um deles, o que tinha falado o tempo todo, disse:
Que pena, nós também não temos o dinheiro, vamos perder essa. E não fala pro Pira sobre nossa conversa, ele acha que tudo aqui é dele.
Saí de lá sem escolta, estava tão nervoso que me perdi e acabei [n]o pátio, ao lado da inspetoria. Mesmo que quisesse não encontraria a galeria e o cubículo onde estive. Só vi direito o rosto de um dos que me escoltaram, não nos tornamos amigos, mas me relacionei com ele. Era faxina da vigilância como eu e provavelmente o mentor daquela trama. Seu nome era Luiz, muito magro, um e setenta de altura, cabelos pretos, bigodinho e olhar assustado. Sua mesa ficava em frente à minha.
Depois daquela experiência, resolvi ficar um pouco no pátio da cantina. Precisava me acalmar. Fui lá para o fundo, onde tem o portão de entrada dos mantimentos. Ali é mais tranqüilo para caminhar por causa dos guardas, que estão sempre por lá, de olho nos caminhões que entram e saem. Fiquei andando por muito tempo, só parei porque percebi que Hugo, arrendatário da cantina estava começando a fechá-la. Fui até lá para ver se me vendia um sanduíche e uma Coca-Cola. Ele mandou eu esperar, acabou de abaixar as portas que vinham do teto ao balcão, abriu a porta ao lado e me convidou para entrar. Fez dois mistos quentes que comemos junto com os refrigerantes, sentados em caixotes. Lembro bem dele e da conversa que tivemos. Era um sujeito de 1m 68 de altura, com propensão a engordar. Eu estava curioso, queria saber da cantina, pois só poderia ser um bom negócio com toda aquela gente. No sábado e domingo então, pelo que eu tinha percebido, ele

precisava de dois ajudantes. A resposta dele foi a que eu esperava:
— Vendo bem, mas é muito perigoso, muitos querem comprar fiado. Prometem pagar na visita. Se a família não trouxer dinheiro no fim de semana, ele não aparece mais. Às vezes as quantias são pequenas, [eu] dou o crédito só para não voltarem. Bandido de responsabilidade não da problema, quem vacila são os que não são de nada, assaltantes de pul[Se]irinhas, relógios, essas coisas simples que transeuntes usam. Esta porta
245
já foi arrombada algumas vezes. Depois que o Pira veio para cá, melhorou muito. Porque, se a cadeia estiver bem, ele consegue uma porção de regalias. No Natal passado, as esposas que quiseram dormiram aqui, e no Carnaval ficaram os três dias. Ele mantém a ordem, quando alguém pi[sa] na bola tem de acertar as contas com ele. O pessoal se caga de medo.
Acabamos o lanche e eu, então mais calmo, fui para o meu cubículo
Ainda não tinha falado com Marilena a respeito das visitas íntimas, estava receoso de que ela se assustasse. Era difícil para uma mulher como ela encarar uma situação dessas. Ela teria de trazer uma série de documentos, por exemplo, atestado de saúde, três cartas testemunhando que estava comigo havia mais de seis meses, fotos etc, e seria entrevistada pela chefe do serviço social. No dia seguinte ia pedir todos esses documentos, mas não ia dar detalhes.
Tomei um banho naquele fio de água e depois me sentei no colchonete. Um pouco antes de fecharem a galeria o cozinheiro traria o jantar. Ainda não o conhecia, quem trazia a comida era o Lambreta. Tinha acabado de me esticar, ele apareceu:
— Baiano mandou pedir sabonete, escova de dentes, pasta e cigarros. Se você me arranjar o dinheiro, amanhã eu levo tudo para ele.
Entreguei o dinheiro e achei melhor não falar nada sobre a transferência, que naquela altura já estava pronta.
No dia seguinte às oito da manhã, eu já estava no orelhão, telefonando para Marilena. Contei a conversa com a assistente social, a respeito dos benefícios. Acho que minha voz não estava boa e denunciava meu desespero, porque ela ficou bastante tempo me consolando e pedindo para eu não desanimar. Depois passei a lista de documentos que deveria trazer. Antes de desligar, ela me contou que ela e papai foram os últimos a sair depois da visita. Porque na entrada não receberam o cartão de visitante e a guarda achava que poderiam ter sido roubados e dois internos tentariam fugir, disfarçados de visitas. Ficaram quase duas horas presos na portaria esperando até a última visita sair, depois esperaram novamente os guardas conferirem todos os cartões. Em seguida fui para a vigilância, ainda com a impressão de ter estado no quarto com Marilena, pois enquanto falei com ela me senti ali, ao seu lado, sabia até a posição em que ela deveria estar. Meu Deus, como era difícil olhar em volta e não acordar daquele pesadelo. E, mais ainda, ser um número, não mandar em si mesmo e não ter vontade própria.
246
Passei o dia lá, me distraindo com os arquivos. Havia um ao lado da mesa do chefe, estava trancado, mas a chave estava lá. Abri e comecei olhar as fichas. Encontrei a ficha do Pira, era impressionante o número de assaltos à mão armada seguidos de mortes, artigo 157, assaltos a bancos e tráfico, fora os processos durante a fase em que ele esteve na Ilha. Ele me contaria essa história (da guerra na Ilha) um ano depois, em um fim de tarde, em cima do telhado olhando a cidade. Quando estava com a ficha dele na mão, o senhor Waldique, que estava entrando, chamou minha atenção.
— Cuidado, essas fichas são confidenciais. Se algum interno pedir para você olhar e dar informação, diga sempre que não tem acesso, que só mexe com fichas de histórico familiar e localização no prédio. Só mexa nesse fichário se estivermos sozinhos, nem o Chaves está autorizado a usar este arquivo.

Pedi desculpas e ia me afastando, mas ele segurou meu braço e falou abaixando a voz:
— Pode continuar, estão todos distraídos. Perguntei pela ficha do Baiano.
— Está na mesa do diretor, ele será transferido para a Ilha em poucas horas.
No fim do dia fiquei sabendo que ele tinha implorado de joelhos ao diretor para não ir e, além do mais, nem deixaram ele telefonar para sua "protetora".
À noite, em meu cubículo enquanto jantava, logo depois do "confere" e com o Lambreta sentado à minha porta, perguntei o que o Baiano tinha feito.
— Há muita política nas cadeias, você acabou de chegar, não entenderia se eu explicasse. Ele é traficante e tem muitos inimigos. — Em seguida me aconselhou: — O melhor é não falar desse assunto com ninguém.
Um dia depois (creio que era 13 ou 14/10/1982), escrevi: "Acabou de tocar a sirene, são nove da noite, é hora do 'confere'. Os guardas vão às galerias e fazem a chamada, o preso tem de estar de pé na porta. Após conferirem, trancam as galerias e cada um volta a fazer o que quiser. Ontem, duas horas após o 'confere', quatro guardas voltaram e deram uma geral' em todos os cubículos. Parece que estavam desconfiados de que estava havendo jogo de cartas. O cheiro de maconha era forte, mas não deram importância a isso. Depois de revistarem do primeiro ao último cubículo e todos os seus ocupantes, foram embora".
247
Nos presídios Água Santa e Edgard Costa, com um cheiro desses o diretor mandava trancar todo mundo até aparecer o responsável pel$_{a}$ maconha; me interessei em saber por que não acontecia o mesmo ali O Lambreta respondeu, rindo, que só aconteceria alguma coisa se na "geral" achassem os tóxicos.
— Por causa do cheiro, eles revistaram com mais atenção, como não acharam nada, ficou por isso mesmo.
Hoje é quarta-feira e às 18h 30 percebi que muitos desciam. Em vez de perguntar o que acontecia, desci também e descobri que toda semana, nas quartas, tem cinema. Não tive astral para aquilo e voltei imediatamente para a galeria. Apesar do estado do cubículo, era onde eu me sentia melhor, principalmente se não aparecesse ninguém para conversar, o que nunca acontecia. Só tinha um jeito de me livrar dos papos fora de hora; era fechar a porta. Foi o que fiz naquele dia. Deixei a porta encostada para que ficasse bem claro que eu não estava trancado (até agora segui cem por cento os conselhos do Pira). O pessoal começou a chegar do cinema e uns quinze minutos depois houve o "confere", assim que os guardas trancaram as galerias, também me tranquei.
A semana passou tranqüila, fiquei pouco tempo na vigilância, só o necessário. Andei muito, li jornais e falei com Marilena pelo menos mais uma vez.
No sábado, já pela manhã, me preparei para a visita daquela tarde, pois, fora Marilena e papai, viriam mamãe, May e Luiz Carlos. Pressentia que seria uma visita difícil. E no começo foi, mas depois todos foram se controlando e tudo ficou bem. Mamãe, Marilena e papai estavam no pátio sentados à mesa quando cheguei. Luiz Carlos se atrasara por causa da entrega da televisão e de outras encomendas que eu tinha feito. Assim que chegou, mamãe e ele, que estavam muito emocionados ou chocados com aquilo tudo, começaram a chorar. A força que fiz levantando cedo para tomar sol, ido à barbearia cortar cabelo, pedido à Baiana capricho na camisa e ficado um tempão debaixo do cano, que hoje tinha um pouco mais de água, surtiu efeito. Vendo que eu estava todo arrumado, limpo e até perfumado, mamãe olhou para mim enxugando as lágrimas e disse sorrindo:
— Até parece que você está no Copacabana Palace conosco. —- acrescentou: — Quando pegamos o táxi na porta do Copa e eu dei o endereço daqui, ele nos olhou assustado e quando chegamos disse: Já sei, vão visitar o Doca Street".
248
Dali para a frente a visita transcorreu bem. Começamos a falar de alguns negócios que eu tinha deixado pendentes. Tive de assinar alguns $_{pap}$éis e depois todos ficaram muito sérios porque mamãe

trazia um recado do Silverinha. Joaquim Guilherme da Silveira Filho, um grande amigo da família, desses que era amigo de toda a vida. Era dono da Fábrica de Tecidos Bangu e um homem muito benquisto no Rio de Janeiro. Foi criado dentro da fábrica e lá fez um grande amigo que cresceu com ele, porque tinham sido irmãos de leite. Esse amigo era banqueiro do jogo do bicho, presidente de um clube de futebol e patrono de uma escola de samba. Pois bem, ele mandaria um emissário visitar o diretor e conversar com alguns internos. Silverinha me mandou um recado: "Fique tranqüilo, vai estar tudo bem". Naquela altura, todas as promessas que faziam eu não levava a sério, fingia que acreditava para não ser desagradável. Fora isso, eu estava contente de ter minha família comigo, além do mais, todos se davam bem com Marilena que era, havia muitos anos, amiga de todos nós, desde a adolescência. A mesa estava cheia de frutas, doces e coisas que eu tinha pedido. Um pouco antes do final da visita, Pira apareceu com Renata, sua esposa. Eles queriam conhecer o resto da família. Mamãe, que já tinha ouvido falar nele, pediu para ele sentar ao seu lado e agradeceu a ajuda que vinha me dando. Ele olhou bem para ela e sorriu:

— O Doca merece, ele é uma pessoa simples, e conhecido como ele é, poderá ajudar muito.

Vi que ela ficou preocupada com o comentário e pisquei para ela, quebrando o mal-estar. Como no domingo anterior, apareceu o Jarra, cumprimentou a todos e entregou as fichas do serviço social à minha mãe e ao meu irmão, pois na próxima visita já teriam de possuir cartão de visitante. Em seguida, Pira sugeriu que começassem a se despedir para não terem de fazer fila na saída. Coitada da minha mãe, os enormes óculos escuros que usava para esconder sua tristeza não ajudavam, estava a todo instante passando um lenço no rosto. Além do mais, devia estar envergonhada. Era uma pessoa conhecida, orgulhosa de sua tradição familiar. Fui abraçado com ela até o corredor e, para não aumentar a emoção, ela apenas continuou andando. Papai se atrasou um pouco com Marilena e Luiz Carlos, e prometeram que no dia seguinte estariam todos de volta. Aproveitei que tinha muita coisa para transportar para o cubículo e não fiquei ali esperando eles desaparecerem. Era muito duro assistir à partida, dava uma sensação de solidão horrível.

Caminhando cheio de pacotes em direção ao cubículo, passei em frente à inspetoria (escritório onde ficam os guardas) e, como senti que um dos pacotes ia cair, coloquei alguns num banco de madeira em frente à porta, só para pegá-los de volta de maneira mais equilibrada, por que tinha de subir alguns lances de escadas. O inspetor do dia chamou minha atenção:

— Aí não é lugar de vagabundo colocar pacotes.

Pedi desculpas e segui meu caminho. "Vagabundo." Assim é chamado qualquer um que esteja preso no sistema carcerário carioca. Em uma das vezes que meu irmão esteve me visitando, fez a viagem de carro e, ao chegar à penitenciária, tentou estacionar no pátio. O agente penitenciário, além de não permitir, disse:

— Aqui não é lugar de família de vagabundo estacionar.

Os agentes penitenciários trabalham 24 horas por 48 de descanso, agora não lembro se eram seis ou oito por turno. Eles eram encarregados de fiscalizar a carceragem. Cada turno tinha um inspetor e todos obedeciam ao chefe de segurança, um funcionário que estava lá todos os dias. Naquela época era o senhor Manoel Caneta. Não preciso contar o quanto ele era odiado pelos internos.

Uma coisa que nunca vi na Lemos de Brito foi um agente penitenciário sozinho nas galerias.

No dia seguinte, todos voltaram e, depois de umas duas horas, mamãe e Luiz Carlos foram embora para o aeroporto. Assim que eles saíram, chegou o Grande, que foi me visitar várias vezes nos anos em que estive preso. Tinha se mudado para o Rio porque conseguira um bom emprego numa companhia de seguros. Ficou pouco tempo e, quando foi embora, o eterno companheiro, papai, foi junto, para que Marilena e eu tivéssemos alguns momentos a sós. Apreciamos a atitude dele, principalmente por que sabíamos o quanto isso custava para ele, pois, se pudesse, ficaria lá, preso comigo. Ficamos ali, abraçados, aproveitando aquele tempo que nos restava. Aproveitei para falar

sobre a visita íntima ou parlatório. No começo ela achou que não tinha entendido direito, mas depois riu, pois só então entendeu por que só ela tivera de trazer o exame médico.
Um pouco antes de tocar a sirene terminando a visita, Pira e Renata vieram sentar-se com a gente, parece até que ele sabia o que estávamos falando, porque, assim que se sentou, avisou que eu ia mudar para um cubículo numa galeria de parlatório. Ia vagar um, o seu ocupante seria
250
posto em liberdade. Não era na galeria dele, mas era bem melhor do que aquela em q$_{ue\ eu}$ estava. A sirene tocou e Marilena foi embora, ia andando e parando para olhar para trás e dar mais um adeus. É uma sensação estranha que o detento sente ao ver sua namorada partir após a visita. "Será que $_{e}$la voltará?" Setenta por cento dos internos são abandonados pela esposa, amante ou namorada, e vinte por cento, pela família. Os últimos se sujeitam a lavar, passar roupa e cuidar dos cubículos dos outros. Se quiser correr riscos para sustentar a família e fazê-la voltar, poderá ser apontador de jogo do bicho ou traficante, isso dá um dinheiro, mas... sempre tem o mas, o risco é grande. Se for pego e não conseguir se acertar com o agente penitenciário, vai ter de ir à delegacia para responder por mais um processo e ter a pena aumentada. Quando isso acontece, sair... só em fuga. Aí já estará fazendo parte de uma quadrilha e seguirá esses caminhos.
Segunda-feira, até certo ponto, foi um dia calmo. Assim que cheguei à seção, vi minha televisão e um ventilador, que o Grande me presenteou. Fiquei trabalhando um pouco para esperar o chefe chegar. Enquanto isso, bati a ordem (uma espécie de certificado de propriedade) para eu possuir os dois aparelhos. É importante esse documento, porque ele traz as características dos aparelhos e isso vai para sua ficha, É uma espécie de proteção, caso seu cubículo seja assaltado. Se bem que todos compram e vendem TV, relógios, rádios etc, e nunca ninguém confere coisa alguma. Assim que seu Waldique chegou, levei o documento para ele assinar a liberação. Um interno que estava retirando um isopor profissional, desses que vendedores de refrigerante usam na praia, me perguntou se poderia ajudá-lo comprando o isopor, estava precisando de dinheiro urgente. Olhei para o chefe e perguntei se podia comprar e... qual a utilidade?
— Serve como geladeira e, na cantina, vendem gelo em pedras grandes e moído também. Pode comprar, esse interno está indo para uma prisão-albergue e lá isso não tem utilidade.
Fui com aquilo tudo para o cubículo, estava louco para ligar a TV. Fui ajudado pelo Careca, que era o eletricista oficial da cadeia. Era um sujeito enorme, cabeludo e barbudo e tinha esse apelido porque, numa tentativa de fuga da Ilha, raspou a barba e o cabelo para não ser reconhecido. Era uma criatura muito amável, quando não estava assaltando bancos. Lá, como não havia bancos, era um prazer ter sua companhia. Estivemos juntos o tempo todo em que estive preso. Tanto nas penitenciárias como nos albergues. Parece que morreu num tiroteio com a Polícia,
251
pouco tempo depois de conseguir sua condicional. Não tive a confirmação desse fato, mas se isso aconteceu foi uma pena, pois ele era um ótimo profissional e poderia ter refeito sua vida em qualquer grande construtora. Ajudou-me a levar as coisas e instalou a televisão. Como antena me vendeu uma geringonça com um fio que passava pela minha janela ia para o teto e enroscava numa das antenas ali instaladas, pertencente a outro interno. Só estive no teto uma vez com Pira. Quando vi as antenas e os fios "chupins", achei que pareciam teias de aranhas. Depois de tudo instalado, a experiência foi perfeita, parecia um cinema, só o controle remoto não funcionou. Era uma TV de catorze polegadas, e era a única colorida naquela galeria. Não podia me queixar de falta de companhia... depois disso, à minha porta, no horário do jornal e das novelas, sempre havia quatro ou cinco internos em caixotes, banquinhos e cadeiras. O Lambreta sentava-se no degrau da porta e não deixava ninguém passar, eu tinha medo de que os guardas aparecessem e o pessoal, para livrar a cara, jogasse as baganas no meu cubículo. Eu nunca teria pensado numa coisa dessas, mas tinha o Lambreta para ensinar as manhas. Aprendi muito com ele no pouco tempo em que fiquei naquela galeria. Depois que me mudei, quase

não o encontrava, ele, como o Baiano, não eram bem-vistos pelos companheiros e, com medo de serem mortos, quase não saíam de suas galerias. Nos anos que passei lá, tive na mão fichas de internos que nunca encontrei. Muitos não saíam das galerias.
Pira não era o único chefão, mas só ele andava por todas as dependências, só com o Cuca e o Jarra. Era discreto, misterioso, aparecia de repente, se pudesse passar despercebido, tenho certeza de que seria sua opção. Os outros andavam em número bem maior, sempre rindo muito e falando alto. Bom, eu já tinha rádio, TV, toalhas, roupas de cama e um isopor que, depois de adquirido, sempre esteve com gelo, água e refrigerantes.
Depois da TV instalada e testada, fui acertar o serviço com o Careca, que não queria em hipótese alguma receber por seus serviços. Resolvemos então que tomaríamos refrigerantes na cantina e compraríamos alguma coisa de que ele gostasse. E assim foi, tomamos Coca-Cola e ele comprou pacotes de bolacha, biscoitos e uma caixa de Bis. Depois, voltei ao cubículo. Queria ficar um pouco quieto e escrever para Marilena-Mas não consegui. Tinha acabado de me esticar no colchonete, quando o ajudante do Hugo chegou com as encomendas. Mais tarde, quando estava
252
começando a descansar novamente, fui chamado para ir à sala das visitas, meu advogado estava esperando.
Durante a semana era permitido receber visitas programadas, e às quartas-feiras também, neste caso, para qualquer interno. Tanto as visitas programadas como as das quartas-feiras eram em uma sala enorme, fora do prédio da administração, entre a enfermaria e o serviço social. essa sala tinha quarenta metros quadrados, era revestida com cacos de ladrilho e, como os pátios, rodeada por bancos de cimento armado recoberto do mesmo material, acompanhando o chão. Aquele espaço eu freqüentava duas ou três vezes por semana, porque meu pai vinha sempre me ver. Estava sempre vazia, mesmo nas quartas-feiras era raro algum interno estar lá recebendo visitas.
O advogado que estava me esperando me surpreendeu, era o Paulo Badhu, que tinha vindo ao fórum do Rio e aproveitou para me visitar. Acho que foi a última vez que estive com ele, meu querido e bom amigo que, junto com Ivo, me tirou da delegacia de Cabo Frio, como num passe de mágica, e me levou para o hospital. Grande Paulinho. Fico emocionado ao me lembrar dele e do Ivo, pessoal de coragem e raciocínio rápido. A visita foi curta, era fim da tarde, e um agente penitenciário veio avisar que ia tocar a sirene encerrando o expediente. Finalmente fui para a galeria e para o cubículo. Escrevi uma carta e vi TV até tarde.
-EU ANDAVA AFLITO POR VÁRIAS RAZÕES: PRIMEIRO PORQUE DESDE cedo o ambiente estava esquisito, as rádios e as TVS anunciavam duas fugas em Bangu. Aí começou o boato de que ficaríamos na tranca. Outro boato mal começava e se tornava realidade: greve dos agentes Penitenciários.
Com isso tudo acontecendo, a guarda, que já estava trabalhando havia 24 horas, teve de dobrar, ninguém apareceu para substituí-los. Encontrei com Pira no corredor entre os dois pátios. Alertou-me que o chef[e] de segurança tinha interditado os pátios para esportes e, se tinha feito isso, o próximo passo seria trancar todos, até a Polícia Militar assumir.
E[le] estava a caminho do escritório do diretor, para pedir que não tran[casse] e liberasse os pátios para os internos continuarem calmos. Ficamos[na] tranca até três horas. Antes disso, o pessoal que foi ao refeitório teve
253
de sair em fila, uma galeria de cada vez, acompanhado de perto pela P[o]lícia Militar, que tinha assumido e andava por todas as dependências da penitenciária. Era impressionante o silêncio. A Lemos de Brito parecia um túmulo. Sinal de perigo. Até eu, que era novato, percebi.
Às três horas da tarde, quando liberaram todos e os pátios também, aos poucos tudo voltou ao normal... Digamos, quase tudo. A Polícia Militar estava em número bem maior que a dos guardas

penitenciários. Não estavam armados, mas tinham uma postura diferente. Por mais que os internos detestassem os agentes penitenciários, eram só três turmas que se revezavam. Depois de algum tempo todos se conheciam, nos chamavam pelo nome e vice-versa. Então, aquele pessoal fardado militarmente e em maior número "deixava vagabundo bolado".
Fui para o pátio da cantina, fiz um lanche e subi, queria escrever para Marilena e contar da greve dos guardas e os últimos acontecimentos. Era escrevendo para ela que me sentia melhor. Parecia que ficava mais perto de todos, até de nossa cachorrinha, a Manon, uma poodle preta. Sempre pedia para passar a mão na cabeça dela por mim. (Hoje, 24 5 2004, sentado em frente ao computador, tentando me concentrar, leio o começo daquela carta e acho engraçado.)
"Marilena amor,
Para variar, não tenho nada para escrever, pois a vida aqui é monótona e, quando fica excitante, o melhor a fazer é rezar para voltar à monotonia."
Continuei escrevendo e narrando os últimos acontecimentos. Aproveitei para pedir que guardasse todas as cartas com histórias do dia-a-dia. Esse tipo de carta era entregue a Marilena durante as visitas, pois tanto as missivas que iam como as que chegavam eram censuradas. As que só falavam de amor e pedidos (os mais variáveis) eram remetidas pelo correio. (Todas essas cartas e tudo o que escrevi, desde 1977, estão em meu poder.)
Depois de escrever, fiquei muito tempo conversando com Lambreta, que já era o dono do degrau do meu cubículo. Ele não incomodava, era mais educado que a maioria e, como expliquei antes, sabia tudo do sistema e seus conselhos eram preciosos. Naquele fim de tarde conversamos sobre os presídios Água Santa e Edgard Costa e como era diferente o comportamento dos internos. O primeiro tinha dois objetivos: castigo para os que tinham cometido faltas graves no sistema prisional e ser um local para os internos aguardarem o julgamento.
254
No presídio Edgard Costa, onde tranca nem existia, o interno que pisava na bola ia para a solitária. A maioria estava lá cumprindo penas curtas de no máximo cinco anos. Havia exceções, eu por exemplo esperava a Justiça decidir se aguardava o julgamento preso ou em liberdade e o Nilo, que estava ali no "seguro". Nos dois presídios, todos tomavam cuidado para não arranjar encrenca.
Já onde estávamos, havia internos com 120 anos de cadeia. Um crime a mais ou a menos não fazia a menor diferença. Alguns, quando uviam as novas sentenças, riam na cara do juiz. O próprio Lambreta, estava preso havia muito tempo, ainda tinha processos a responder, porque tinha fugido duas vezes e cometido novos crimes.
Agora eu estava ali, olhando o Lambreta e me perguntando como tinha conseguido aquela façanha. Toda vez que me sentia assim, lembrava de Ângela e ficava tão acabrunhado que precisava ficar só. Aproveitei que a água estava chegando e pedi licença, ia me refrescar um pouco.
Fui BUSCAR O PACOTE E PERGUNTEI AO PORTEIRO SE O PORTADOR "TINHA deixado alguma mensagem.
— Deixou sim, senhor, vai telefonar mais tarde.
Voltei para o apartamento e o abri imediatamente. Depois daquela cabeleireira, eu queria relaxar. Até hoje penso nela. O que será que ela viu? Para mim, ela teve uma premonição.
Chamei Ângela para me fazer companhia e experimentar aquelas mercadorias". Lembro tão bem daquele momento, estava muito quente e ela apareceu nua. Sentou-se no chão, perto de uma mesa baixa que ficava em frente ao sofá. Sentei ao seu lado e, de farra, resolvemos que experimentaríamos as duas mercadorias. Brincando e rindo, fizemos isso, começamos a nos beijar e a brincar de pôr pó um no outro e depois cheirar. Estávamos nessa quando o telefone tocou. Era Marisa, que queria saber se o jantar podia ser naquela noite, pois na seguinte o namorado já tinha compromisso. Como o objetivo das duas era apresentar os novos companheiros, concordamos em recebê-los. Ângela ria a riso solto por causa da interrupção de nosso idílio. Mas não tinha outro jeito, a "onda" já tinha sido

cortada. De todo jeito, estávamos à vontade e fomos tomar banho juntos. Tínhamos de ir logo, pois sua amiga estava chegando.
255
Marisa chegou rindo, brincando, puxando o namorado pela mão como se fosse um troféu. Eles estavam juntos havia pouco tempo e ela tinha orgulho dele. Era um homem do Norte, tímido, discreto e achava engraçado o jeito que Marisa conduzia as coisas. Não sei se era uma timidez calculada porque ele era muito irônico e dizia coisas incríveis.
Acredito que já eram os últimos dias de novembro de 1976, em plena ditadura militar. Marisa queria saber tudo de nossas vidas, achava incrível que, amiga de Ângela como era, só tinha sabido de nós havia alguns dias pelos jornais. Ficamos conversando e tomando aperitivos por um bom tempo e nos divertimos muito com as tiradas do convidado. Lá pela meia-noite ele sentiu sono e só então pensamos em jantar. Fomos a uma pizzaria e, no final, quando pedimos a conta, ele estava dormindo. Até nisso ele era simpático, a posição em que estava era muito engraçada. O cotovelo apoiado na pizza que estava em sua frente e a mão segurando o queixo.
Depois daquele dia, só estive com Marisa novamente no presídio Ary Franco, em Água Santa, quando foi me entrevistar. Não me agrediu, foi gentil e fez seu trabalho de maneira limpa, embora tenha perdido a amiga.
No dia seguinte, cedo, Francisco telefonou avisando que não viria e transferiu a visita para a próxima semana. Ângela tinha convidado uma amiga de infância, a Núria, para lhe fazer companhia e, como gostava muito da moça, telefonou confirmando o almoço e avisando que viesse com uma maleta para irmos a Búzios, pois queria que ela conhecesse a casa. Enquanto ela falava com a amiga, fui até o banco confirmar o recebimento da primeira remessa da minha comissão. Quando voltei, Ângela estava de biquíni, pronta para irmos almoçar e tomar banho de piscina na casa do ex-namorado que tinha deixado a encomenda na véspera. Não gostei de ela ter aceitado o convite sem me consultar. Eu achava chato, por ele ser "ex". Ângela não me deixou falar.
— Aceitei porque é muito meu amigo e é um amor, você vai gostar dele. E esse negócio de "ex", eu e você temos aos montes. Se for assim, não saímos mais de casa.
Eu não quis discutir, para mim estava tudo bem, tinha me convencido, mas queria que soubesse o que eu estava sentindo.
— Cuidado, você anda abusando de falar nos seus "ex", eu não vivo falando do meu passado.
Ela pôs o rosto bem perto do meu.
— Fala sim, outro dia até me chamou pelo apelido de sua ex-mulher. Percebi que aquele bate-boca não ia acabar bem e mudei de assunto.
256
— E sua prima, não vamos esperá-la?
Respondeu que não fazia cerimônia com a moça, que ela almoçaria $_{e}$ esperaria a gente.
Muitas vezes discutíamos e ficávamos zangados, nessas ocasiões se$_{mpr}$e prestava atenção em seus olhos e, por mais alterada que ela tivesse, nunca percebi ódio. Via sarcasmo, deboche, mas nunca rancor, me tranqüilizava, pois depois de algum tempo esquecíamos tudo. A casa ficava na Barra, um bairro muito lindo, de frente para o canal, com píer para as lanchas da casa e dos amigos. Fomos recebidos com grande alegria por todos, o que demonstrava que eram muito amigos de Ângela. Ela nunca tinha me falado deles, aquele grupo era surpresa total para mim. Não havia cariocas lá. Eram paulistas do interior, gente do Norte e de outros lugares, todos vivendo no Rio. Uma casa belíssima, enorme, com empregados uniformizados, servindo comida e bebida o tempo todo. Da piscina se via o canal, a avenida, os prédios de frente para o mar e a praia. Ângela esteve enturmadíssima o tempo todo, eu fiquei meio de escanteio. Fiz cerimônia com aquele pessoal, ela era íntima, mas eu não conhecia ninguém. Comi, bebi e nadei bastante, durante umas duas horas, depois procurei Ângela para irmos embora, ainda teríamos de ir até Búzios. Não sei quantas pessoas tinha ali, mas eram

muitas, e a maioria foi nos acompanhar até o carro. Nunca vi gente tão educada e alegre, estavam todos de bem com a vida. Na volta, vínhamos cantando e brincando de contar o que mais tínhamos vontade de fazer ainda naquele dia. Cada um tinha de falar sua vontade. Eu fui o primeiro e disse que queria tomar banho de chuveiro com ela assim que chegássemos, dentro de alguns minutos. Ela estava linda e eu a desejava. O carro tinha bancos separados, mas mesmo assim ela chegou bem perto:

— Pára o carro, eu quero você agora.

Ela estava "voando", eu adorava quando ficava louquíssima assim e ªcompanhava sua loucura, era impossível não fazer isso. Só que não dava Para satisfazê-la, ainda estava muito claro e o trânsito estava pesado. Fomos ªté o apartamento com ela grudada em mim. De repente disse:

— Já sei! Esta noite vamos fazer amor com minha amiga, ela é uma gracinha.

Eu não tinha restrições a esse tipo de programa, e muito menos com a moça que eu ainda nem conhecia. Muito pelo contrário, achava aquilo excitante, gosstoso. Preocupava-me que outras pessoas de nosso círculo ficassem sabendo.

Eu ªmava Ângela com toda a força do meu coração, e, se queríamos construir

alguma coisa, isso na certa seria um complicador. Ângela era transparente i fazia o que tinha vontade e quem não gostasse que se danasse. Muitas vezes, discuti esse assunto com ela, invejava sua coragem. Ela ria.

— O que você acha, que temos boa fama?

Aquela proposta não me surpreendeu, quando ela convidou a prima, eu já tinha percebido. Tirei os olhos do trânsito por um segundo e comentei que estava tudo bem.

— Quem você pensa que estava enganando quando a convidou? Chegamos ao apartamento e a moça estava a nossa espera, não reclamou de ter almoçado sozinha. Era uma gracinha de pessoa e tinha um bom corpo, mas estava longe de ser bonita. Quando chegamos e viu Ângela, seu rosto se iluminou. Que fascínio as amigas tinham por ela.

Nós tínhamos acabado de sair da piscina e não perdemos tempo, fomos tomar banho para em seguida viajar. Além do mais, ainda tinha o desejo que manifestei no carro. Entramos no banheiro e deixamos a porta aberta. Enquanto eu fazia a barba, olhava Ângela pelo espelho enrolando um fumo. Assim que acendemos, abrimos o chuveiro e ela chamou a moça. Ela respondeu que já viria, mas não veio. Só entrou no banheiro bem depois de sairmos, para se arrumar, pois quando chegamos estava cochilando.

Descansei um pouco e pegamos a estrada. Estava vazia, do jeito que eu gostava. Viajar assim era agradável, um passeio.

Ninguém nos esperava quando chegamos. Fizemos de propósito, não avisamos a moça que trabalhava lá. A casa estava em ordem. Lambiscamos algumas coisas que trouxemos e depois preparei drinques. A prima ficou na Coca-Cola, estava tomando um remédio e não quis álcool. Enquanto elas arrumavam as camas, as roupas nos armários e colocavam a casa em ordem, eu fui instalar o som. Apanhei um pouco, mas, depois de algum tempo, consegui colocar uma música. Contente, peguei meu copo e saí dançando com ele pelo corredor. A música estava alta para aquela hora, porém não me preocupava, era segunda ou terça-feira e não havia ninguém na vizinhança. Encontrei Ângela e tirei-a para dançar. Saímos dançando e brincando, a Núria ouviu a música e veio para o corredor. Foi puxada para dançar conosco e acabou no meio de nós dois, de costas para mim. Estávamos loucos de excitação. Ângela fez ela se virar e me beijar, fomos para o quarto e transamos.

Mais uma vez Ângela ficou quase o tempo todo olhando. Depois continuamos deitados, aconchegados, conversando. A música parou e

ficamos discutindo quem ia colocar outra fita, quando ouvi baterem na janela. Ficamos preocupados e

quietos. Bateram novamente.
- Doca, você está aí?
Reconheci na hora a voz do Zé Hugo. Respondi que ia abrir a porta, estava acabando de me enxugar. É claro que demoramos um pouco, $^{por}_{que}$ estávamos nus.
Finalmente abri a porta. Zé estava com sua mulher, tinham vindo buscar o $_{que}$ lhes pertenciam e ver se tínhamos chegado. Viram luz e ouviram música e por isso bateram à porta. Como ninguém respondeu, bateram na janela. Entraram, olharam a sala que estava um pouco modificada, quando Ângela chegou com a Núria. Fizemos as apresentações e Zé, rindo, disse:
- Quietinhos no quarto, eu quase derrubei a porta e ninguém ouviu... estavam fazendo suruba, é?
Rimos daquela idéia maluca, e comecei a servir bebidas aos recém-chegados. Embalamos num papo bem ao estilo de Búzios de antigamente, sem hora para terminar. Zé Hugo era muito jeitoso e, como falei em reforma, começou a fazer um desenho de como ele achava que a casa deveria ficar. Nós gostamos tanto de suas idéias, que resolvemos começar imediatamente. Eram pequenas modificações no banheiro e nos quartos, se começássemos logo tudo estaria pronto no réveilon, e era nossa intenção passar a data lá. Nem falei do projeto de fazer uma pousada. Já tinha imaginado como seria a transformação, e, provavelmente, o próprio Zé Hugo faria o esboço. Eles ficaram com a gente até de madrugada. Depois que saíram fomos dormir os três juntos.
No dia seguinte, fui procurar um velho amigo que tinha uma pizzaria na Armação. Talvez ele pudesse me indicar as pessoas certas para fazer a primeira reforma. Seu restaurante ficava de frente para o mar, num lugar privilegiado. Demorei lá, pois tínhamos sido grandes amigos e ficamos conversando. Quando voltei, Maria Alice e Zé já estavam em casa. Ele preparava panelas, molhos e todos os apetrechos para fazer o almoço. Mais tarde chegaram pedreiros, pintores e um empreiteiro, indicados pelo próprio Zé Hugo.
Aí quase que a tarde foi estragada. Ângela resolveu zanzar quase ^{nu}a pela casa para dar ordens às empregadas, enquanto eu mostrava o banheiro e os quartos aos peões. Tive de parar tudo e pedir que pusesse um biquíni, pois ela estava apenas com a parte de cima do baby-doí Fiquei tão P^{u}to, que ela obedeceu sem criar problemas.
Fomos para o Rio dois dias depois, para deixar a casa livre para as reformas. Ficou combinado que tudo seria entregue em quinze dias. Esses
259
Os dois dias foram ótimos. A Núria voltou antes de ônibus, pois tinha afazeres. Foram dias tranqüilos, visitamos várias praias e andamos a pé doidões p$_{elas}$ areias, de madrugada.
Já no Rio as coisas não andaram bem, foi uma semana tensa e desagradável. No primeiro dia tratamos de pôr nossa vida burocrática em ordem. Abrimos uma conta conjunta e fomos a uma joalheria transformar um cordão de ouro que Chiquinho Scarpa tinha me presenteado em quatro pulseiras para Ângela. Mais tarde, depois do almoço, mandei a empregada depositar dinheiro na nossa nova conta. Não pude fazer na hora, pois tinha esquecido o talão de cheques.
A tarde ficamos em casa, ela no quarto de hóspedes fazendo ligações para Belo Horizonte, uma delas para falar com seu advogado. Como a maior parte das ligações era para amigas e eu estava sozinho em nosso quarto, pedi que viesse me fazer companhia. Ela não quis, estava na cama, com os pés embaixo do bumbum, conferindo uma porção de papéis. Abaixei para beijá-la e ela rejeitou virando o rosto.
— Estou pondo estes papéis em ordem e vou entregar tudo para você tomar conta.
Eu não queria tomar conta de nada e disse isso à ela. Olhou-me de maneira estranha e jogou todos os papéis no chão.
— Então também não quero mais olhar, pago a outro para tomar conta. Achei que aquela conversa estava tomando um rumo estranho e voltei para o quarto tentando entender o que tinha acontecido.
Tenho a impressão de que houve dois momentos em nosso relacionamento: antes e depois desse

incidente. Naquele momento alguma coisa mudou. De repente parecia que estávamos juntos havia muito tempo. Como a pousada ainda era só um projeto, o nosso dia-a-dia era para ser em ritmo de lua-de-mel, e essa mudança fez a diferença. Não estava preparado para ter uma vida de rotina de uma hora para outra. Passar o dia trabalhando e voltar para casa à noite. Naquele momento acho que um alarme tocou dentro de mim. Foi tênue, quase imperceptível esse sentimento. Percebi sem perceber e acho que algo mudou em mim também. Bom... isso são conjecturas atuais de quem tenta entender o que aconteceu.

Antes de voltar para o quarto, passei pela geladeira da copa, peguei uma garrafa pequena de "Viúva", misturei com laranjada e fui arranjar alguma coisa para me distrair. Abri a gaveta do criado-mudo e vi minha pequena pasta guardada de maneira diferente. Eu sempre a deixava de modo que,

260

Ao abrir a gaveta, pudesse abri-la em seguida. Do jeito que estava era impossível, eu teria de tirá-la para abri-la. Como achei esquisito, peguei a pasta e, antes de colocar de volta da maneira correta, resolvi olhar a arma, afinal já a tinha encontrado com bala na agulha uma vez

Puxei a parte de cima e novamente levei um susto. Tinha bala na agulha. Numa pistola automática, quando se puxa a parte de cima para arrumá-la, a bala que vem do pente expulsa a bala que es^{tá} na agulha, a não ^{s}er que se faça o movimento bem devagar, só para olhar o cano. Mas não foi o que fiz. Eu puxei normalmente, a bala pulou fora e entrou outra no lugar. Quer dizer... TINHA BALA NA AGULHA. Fiquei tão assustado, que não sabia o que fazer e muito menos o que pensar.

As portas dos quartos estavam abertas. ChameiÂngela, ela disse que não podia. Insisti, dizendo que precisava dela. Minutos depois ela apareceu, sua postura era outra, ela estava bem. Ia começar a dizer qualquer coisa, mas quando viu a arma sentou-se ao meu lado. Contei o que tinha constatado e ela se mostrou espantada. Queria saber a mesma coisa que eu.

- Como é que essa bala foi parar aí?

Ela entendia de armas, já me contara que tinha uma em sua casa "em Belo. Tirei o pente da arma, coloquei as balas de volta nele, recoloquei o pente e acionei a trava, tudo na frente dela. Por alguns minutos ficamos conjecturando como aquilo podia ter acontecido. Não acreditávamos que uma das empregadas pudesse ter mexido em minha pasta e depois na arma. O zelador também não podia ser, apesar de ter a chave do apartamento, ele era de total confiança. Depois de mais alguns minutos desistimos de descobrir o que tinha acontecido e pusemos a pasta de um jeito que ficaríamos sabendo se fosse aberta novamente.

O telefone tocou, era uma amiga convidando para irmos almoçar no dia seguinte. Aceitamos o convite, que, na verdade, era para passar o dia. Deveríamos chegar cedo para tomar banho de piscina e almoçar na cobertura. A amiga era casada com um ex-namorado de Ângela. Moravam numa cobertura, em um prédio de propriedade dele, de frente para o mar, na esquina do Country Club. Baita prédio, com um número enorme de andares. O camarada era um mineiro super boa gente, tinha sido colega de meu irmão, e fizemos amizade imediatamente. O apartamento era espaçoso, muito confortável e decorado sem afetação. A mulher era muito bonita e íntima de Ângela. Apesar de tudo isso e muito mais, o dia foi chato. Ângela bebeu e resolveu implicar comigo. Depois ficou muito tempo

261

trancada com a amiga em um dos quartos. O amigo tinha coisas para fazer pelo prédio, e eu fiquei sozinho na piscina. Um pouco antes do almoço, ele apareceu e elas também. Aí foi agradável, mas durou pouco. Todos bebemos e comemos bastante.

Foi um almoço demorado e, como o dono da casa descansava depois do almoço, nos ofereceu um quarto para que pudéssemos descansar também, assim mais tarde estaríamos juntos um pouco mais. Eu quis ir embora mas Ângela e os dois insistiram e eu fui para o quarto. Minha intenção nã$_{o}$ era dormir, iria esperar um pouco e sair à francesa. Se Ângela quisesse fi$_{car}$ descansando, tudo bem.

Como não me deitei e sentei numa poltrona, ela me chamou para ficar perto dela. Caminhei para a cama, mas, antes de deitar, perguntei se não achava que tinha me deixado muito tempo sozinho enquanto ficava trancada com a amiga. A reação de Ângela foi violenta.
- Você é um chato, chama minha atenção o tempo todo. Fico trancada com quem quiser. O que você queria, se enfiar na cama com a gente? Só estávamos conversando.
Respondi que não, que só não queria ficar mais de duas horas sozinho na piscina. Eu tinha me sentado na cama, pois, apesar de brava, falava baixo. Comecei a me levantar para sair, mas ela me agarrou.
- Fica aqui comigo.
Desvencilhei-me dela e voltei para a piscina. Aí dei sorte. O "ex" estava lá sentado olhando para cima, com o olhar perdido não sei onde. Me sentei ali com ele e vi que tomava alguma coisa, então comecei a procurar o garçom para pedir algo forte, mas o que meus olhos encontraram foi Ângela vindo dos quartos. Quando viu que eu estava com ele, desapareceu novamente. Uma hora depois, me sentindo melhor, embalado por uns bloody-marys e pelo papo alegre do meu companheiro, resolvi ir um minuto até o quarto pegar um pouco de pó na sacola de Ângela. Fui pensando que provavelmente não tinha sobrado nada, pois as duas tinham ficado trancadas muito tempo. Estava enganado, o pequeno papelote estava intacto e Ângela dormia. Se ela estivesse acordada, na certa teria lhe dado um beijo para ficar tudo bem novamente.
Voltei para a piscina e só saí de lá quase na hora do jantar. Conversamos muito, sobre vários assuntos, inclusive sobre nossas mulheres. Ele disse que Ângela era uma mulher muito atraente, mas muito difícil, e ª dele (tinham o mesmo nome), era mais complicada ainda. Ele gostava muito dela, porém tinha de ter muita paciência.

Voltamos para casa e cada um foi para seu lado, ela para o quarto de hóspedes e eu para o nosso quarto. Telefonei para o Chiquito e contei tudo o que estava acontecendo, me queixei da vida para valer. Ele ouviu tudo.
- Que pena que não estejam se dando bem, vocês se gostam tanto. Largue tudo e venha morar uns tempos comigo.
Fiquei pensando naquela conversa por algum tempo. Sentia-me derrotado, amava Ângela e não estava conseguindo me relacionar bem com ela. Achava que acabar tudo era a pior solução, estávamos vivendo juntos há pouco tempo e, afinal, a fase de adaptação era sempre difícil. Pensar em ficar sem ela me deixava muito angustiado. Fui procurá-la e, quando me viu na porta, levantou e veio me abraçar. Estávamos do jeito que tínhamos chegado, de shorts e biquíni. Levei-a para nosso quarto e fizemos as pazes. Só muito tempo depois, debaixo do chuveiro, conversamos sobre nossas dificuldades. A água escorria em seu rosto e ela sorria enquanto falava:
- Desde quando viver junto foi fácil? Ainda mais duas pessoas como nós...
Hoje em dia sei que ela tinha razão.
Saiu do banho antes de mim, e quando cheguei no quarto o papel manteiga estava aberto em cima da cama e uma garrafa de "Viúva" estava enfiada numa caçamba de gelo. Ficamos da cama para o chuveiro e do chuveiro para cama até acabar o estoque de bebida e de pó, quando então fizemos uma refeição e dormimos durante muito tempo. Cortinas bem fechadas e telefone desligado. A empregada já estava acostumada, não vinha e não deixava nos perturbarem. Acredito que esse nosso embalo tenha durado umas 36 horas.
Acordamos de vez um pouco antes do telefonema da mãe de Ângela, querendo confirmar se íamos passar o Natal lá.
Depois de falar com sua mãe, insistiu para que eu ligasse para ª minha. Não atendi sua sugestão. Não o fiz porque, quando estive em São Paulo, para assinar o desquite, procurei por ela, que disse que só me receberia sozinho, não queria conhecer nenhuma mulher ou namorada minha, nunca mais. Diante

disso, não fui visitá-la e nunca mais a procurei. Quando retonava para São Paulo era para falar com papai ou Chiquito. Aliás, os dois viviam telefonando.
Antes do Natal estivemos mais uma vez em Búzios, chegamos no fim dª tarde e voltamos na noite seguinte. Queríamos ver se tinham começado a ʳeforma, estávamos preocupados com nosso quarto e com o banheiro.
263
No dia seguinte, de manhã, fomos à praia das Focas, que tinha uma lind$_a$ piscina natural. A praia tem pouca areia, é quase tudo pedra, mas é muito pitoresca. Poderíamos ficar à vontade, durante a semana não aparecia ninguém por ali. Ângela não gostou, achou desconfortável, então voltamos para a praia dos Ossos, em frente de nossa casa, que era próxima de um$_a$ ótima pousada. A praia era só nossa e de um ou outro caiçara que passa$_{va}$ em seu barco de pesca. Entramos várias vezes no mar, tomamos banho nus e, para variar, depois de várias vodcas, Ângela ia saindo do mar com o biquíni na mão. Tive que interferir, pois íamos viver lá e, por mais vazia que a praia estivesse, não dava para dar bandeira, pois havia os habitantes. Ela ria de minha preocupação.
- Você acha que vão me achar feia, é por isso que não quer que me vejam?
Continuamos ali curtindo o sol, tomando vodca com laranjada e comendo um queijinho. Uma moça que vendia bolsas apareceu, não sei de onde. Perguntou se podia mostrá-las. Eram de tecido e, se as abrisse de vez, viravam um tabuleiro de gamão. A moça era estrangeira, provavelmente alemã, não era linda, mas tinha um corpo que chamava a atenção em seu minúsculo biquíni. Com seu sotaque e sua simpatia vendeu-nos uma bolsa. Como nós não sabíamos jogar, pedimos que fizesse uma demonstração enquanto nos acompanhava numa bebida. Ficou conversando algum tempo, nada além de quinze minutos. Contou que estava passando uma grande temporada em Búzios e para se sustentar vendia bolsas e bijuterias pelas praias. Quando se despediu, apontamos para nossa casa e a convidamos para aparecer quando estivesse por perto. Ela se afastou e Ângela perguntou:
- Você acha ela gostosa?
Depois esquecemos o assunto, pusemos a bolsa aberta no gamão numa mesinha de canto, mais como enfeite do que para jogar. Almoçamos tarde na pizzaria de meu amigo e, em seguida, fomos conversar com os pedreiros, que nos esperavam para receber o dinheiro do material que ja tinham comprado e atravancava o corredor. Na noite anterior tínhamos praticamente acampado, pois, além do material espalhado, já tinham mexido nos quartos e no banheiro. O papo foi curto e ficou acertado que a casa estaria pronta logo após o Natal, no dia 27, para ser exato.
Durante a viagem de volta, falamos o tempo todo na continuação da reforma, ou melhor, na transformação da casa em pousada. Achamos que inicialmente, dava para manter o corredor, que ficaria com cinco quartos
264
Onde desse para ver o mar por cima de nosso telhado, construiríamos nosso canto. Angela estava ótima; quando não bebia ou bebia $_e$ cheirava, que era o caso naquele dia, ela ficava firme, mas quando só bebia, que era o que mais gostava de fazer, perdia completamente o prumo e seu rosto parecia se desmanchar. Enfim... naquele dia ela estava magnífica, objetiva em nossos planos. Naquela viagem, além dos planos que estavam brotando e do carinho que sentíamos por aquele projeto, estávamos felizes. Fiz a viagem toda dirigindo com uma só mão, pois ela estava grudada em mim, apesar dos bancos separados.
Faltavam alguns dias para o Natal e nossa casa na praia estava em reforma. Tínhamos tempo para telefonar para os amigos, a família, ir a bancos e até andar a pé e olhar vitrinas. Em uma tarde ela foi ao dentista e, como eu quis ir junto, ela, sarcástica, comentou:
— Ele é bonito, mas não se preocupe, é apenas meu dentista. Não me incomodei e fui também. Queria fazer uma limpeza nos dentes, que estavam com um pouco de tártaro pelo excesso de cigarros que fumava na época. Para provar que não era ciúme, fiquei aguardando na sala de espera enquanto ela era atendida. Podia até estar provando isso, mas a verdade é que sentia ciúme mesmo. Aliás, esse era um sentimento mútuo.
Nessa ocasião saímos duas vezes, uma para visitar uma amiga, que tinha feito cinema e no momento estava casada com um nobre europeu que morava no Rio; noutra, fomos a um jantar de um pessoal mais velho, que nós dois conhecíamos, em que encontrei até amigos de meus pais.
Quando ela marcou o primeiro encontro, eu sugeri que fosse sozinha, pois era à tarde e eu não tinha vontade

nenhuma de conhecer um nobre europeu, mas ela insistiu tanto, que cedi.
- Imagine, ela é uma gracinha e vai ficar louca por você.
Moravam num apartamento em Ipanema de frente para o mar, a decoração era bonita, mas era mais apropriada à Europa. A amiga era realmente atraente, bem branca, cabelos pretos iguais aos olhos, sorriso largo, uma simpatia. Ele era um senhor sisudo de 1m 80 de altura, careca e usava monóculo.
Logo que chegamos, percorremos todas as dependências do apartamento e paramos um pouco no escritório dela, que tinha pôsteres e fotos de filmes de que tinha participado. Depois fomos para a sala olhar

a vista magnífica e tomar alguma coisa. Havia chá com torradas, sucos e bebidas a escolher.
Ficamos os quatro batendo papo por alguns minutos, até a amiga convidar Ângela para ir ao quarto de vestir, ver um vestido recém-comprad$_{o.}$ Ficamos os dois fazendo cerimônia um com o outro, pois não tínhamos nada em comum. Falamos do Rio, da Europa, da decoração. Eles tinham boa$_{s}$ peças, e ele, pacientemente, explicou o histórico de cada uma. Tive temp$_{o}$ de tomar alguns uísques. Depois de umas duas horas pedi a ele que foss$_{e}$ chamá-las e comentei que estávamos ali abandonados fazia tempo. Ele foi meio a contragosto e voltou dizendo que estavam trancadas experimentando roupas e viriam em seguida. Eu fiquei muito puto, não fiz nenhuma cena nem má-criação, porque aquele senhor era um cavalheiro. Mas minha postura mudou, não conseguia mais conversar. Enfiei a cara na revista que estava numa cesta de metal e esperei. Apareceram exatamente na hora em que eu tinha decidido ir embora. Chegaram ótimas, alegres, foram ao bar e fizeram uma bebida, depois sentaram-se conosco. Não manifestei alegria ou desagrado, mas não abri a boca, fiquei só ouvindo. Com o tempo meu silêncio chamou atenção, e Ângela, que estava do meu lado e já me conhecia, alegou que era tarde e íamos embora. A amiga veio sentar-se ao meu lado e insistiu para comermos uma pizza. Concordei e fomos a pé até a pizzaria. Comi uma de mussarela, tomei um bom vinho e não tomei conhecimento dos três nem do que diziam. O ambiente ficou constrangedor e, logo após o senhor pagar a conta, estendi a mão aos dois me despedindo e entrei no carro. Ângela ainda ficou por alguns minutos dando beijinhos e agradecendo. Mas, ao entrar no carro, mesmo antes de a porta bater, ela descarregou toda sua raiva. Disse que eu era um desmancha-prazeres, que tinha estragado tudo e não sabia por que estava comigo. Seguramente não era por causa de cama, ela tinha tido namorados muito melhores, que não desfaziam dos amigos dela. Estacionei o carro a menos de dez metros do prédio onde vivíamos, segurei-a com força, obrigando-a a me olhar...
— Deixei minha família, meus negócios e meus amigos, e daqui a alguns dias vou conhecer sua família. Não estou no meu ambiente, estou no seu. Você está começando a me maltratar, não entendo por quê, pois espero muito de nossa relação.
Talvez tenha falado mais, acho que sim. Na verdade estava arrasado, triste, sem saber o que fazer. Finalmente a soltei, mas antes, olhando seus olhos, disse que a amava. Ela ficou por alguns minutos de cabeça baixa e,

sem mudar de posição, contou que quiseram me chamar para ficar com elas, mas acharam que o marido da amiga ia estranhar. Continuei dizendo que a amava e sentia ciúme, e não suportava saber que ela preferia as amigas. Ela riu, disse que eu era bobo, que não tinha nada disso, que gostava de mim, que naquela tarde as coisas não tinham saído como ela tinha imaginado. Lembro perfeitamente o que respondi.
- Amo você, não podemos passar a vida assim.
Subimos sem nos olhar. Tinha a impressão de que tudo o que tinha dito não fazia muito sentido para ela.
Hoje em dia chego à conclusão de que me apaixonei por uma pessoa anos-luz à minha frente, ela era uma mulher do mundo, e eu, um provinciano. Acho que era sincera, só que me avaliou mal. Naquela noite aconteceu o que vinha acontecendo sempre, fomos para o chuveiro, e lá sempre fazíamos as pazes.
No dia seguinte, na primeira hora, a mãe da Núria que tinha sido nossa convidada em Búzios telefonou aflita. Queria saber se tinha acontecido alguma coisa durante o tempo em que ela esteve conosco.
- Ela voltou tão esquisita que tivemos de interná-la no Instituto Pineu. Era estranho que isso tenha acontecido, não me lembro dela entrando no ônibus ou coisa parecida, mas, enquanto esteve conosco, estava feliz da vida. À tarde fomos visitá-la, depois de uma grande polêmica na entrada, pois não era dia de visita. Finalmente conseguimos vê-la em um momento em que todos os internos foram para o pátio, e ela, como ainda estava sob efeito de remédios, permanecia no dormitório. O local era enorme e tinha mais de cem camas, mas só ela estava lá. Usava roupas normais, nos recebeu sentada e conversou normalmente; notamos que sua voz estava estranha e deduzimos que

eram os remédios. Ficou nos olhando e segurando nossas mãos, enquanto dizia que sairia logo e não sabia como tinha chegado lá. Na saída entregamos uma roupa que Ângela levara e deixamos algum dinheiro para ela dar gorjetas e ter um atendimento melhor. Olhando aquele prédio de fora fiquei impressionado com seu tamanho e arquitetura. Era uma construção antiga, singela, muito bonita. Pena que estava maltratado, mas isso no Brasil é normal em prédios públicos. Acho que o bairro é a Urca, um dos lugares mais bonitos da cidade. Ângela saiu de lá muito angustiada, queria bem àquela moça.
A manhã passou e à tarde ela foi ao cabeleireiro, já que à noite iríamos a uma festa onde encontraríamos os conhecidos de sempre. Provavelmente até o Ibrahim estaria lá.

Ele não estava, causamos um pouco de zunzum, porque tinha

Ele não estava, causamos um pouco de zunzum, porque tinha um pessoal mais velho, amigos de minha mãe. Um deles, Joaquim Guilherme da Silveira Filho, o Silverinha, como era conhecido, infelizmente já falecido, me chamou para um papo, me deu uma bronca e conselhos.
— Falo com sua mãe quase todo dia e ela está preocupada com você.
Não fiquei chateado porque era um amigo de toda a vida e gostava dele. Depois de uma certa hora, o pessoal começou a se retirar, e fomos convidados por uma senhora, também conhecida de minha mãe, para uma última taça em seu apartamento. Eu estava embalado e sem sono; o apartamento era antigo, situado no morro da Viúva e tinha uma das vistas mais bonitas do Rio.
Assim que chegamos, ela abriu um champanhe e depois de uma taça foi com Ângela apartamento adentro alegando ir retocar a pintura. Olhei para Ângela e ela fez sinal para eu esperar um minuto. Só apareceu duas horas depois, lá pelas quatro. Eu já tinha tomado a segunda garrafa de champanhe e tinha esgotado o estoque de pó, tendo apenas a vista como companhia. Estava louco, e louco de raiva também. Quando elas apareceram, como se nada tivesse acontecido, me comportei bem, mas quando entramos no elevador empurrei Ângela, que caiu de joelhos. Só aí percebi seu estado, apesar da pouca luz do antigo elevador. Ela estava embriagada, com aquela cara toda desmanchada que me horrorizava. O elevador estava parado, estava tão descontrolado que esqueci de apertar o botão do térreo. Seu cabelo estava em ordem e sua roupa também. Lançou-me um olhar de escárnio e um sorriso desafiador. Tentou se levantar, mas empurrei-a de volta ao chão. No térreo arrastei-a para fora do elevador até a enorme porta de ferro. O porteiro abriu e olhou assustado, levantei-a pelas axilas e a carreguei até o carro. Ela ficou quieta, não reagiu rindo nem nada. Abri a porta e a enfiei lá dentro, ela me olhava não sei se com rancor ou assustada. Quando entrei, esmurrei o pára-brisa de raiva, chorava, pois queria tê-la esmurrado. Todo o controle que mantive, enquanto estive no apartamento, sumiu. Nem sei como consegui chegar em casa, com os pensamentos embaralhados como estavam.
A paixão por ela, minha ex-mulher, meus filhos, Chiquito dizendo "vem morar aqui", minha mãe, tudo rodava. Percebi que minha mão sangrava e Angela a beijava e dizia qualquer coisa como "tenho uma explicação". Levei-a para nosso quarto, coloquei-a na cama e fiquei quieto no meu canto. Como não conseguia pôr a cabeça no lugar, levantei-me, enchi um copo

com uísque e tomei. Tinha de pôr meus nervos em ordem para dormir e ver como seria a vida. Em princípio iríamos a Belo encontrar a família de Ângela. Deitei-me, virei de lado, tudo girou e se apagou.
Não sei quantas horas dormi, mas quando acordei estava sozinho. Procurei minha agenda e liguei para o Chiquito, precisava falar com alguém da minha tribo. Acho que a extensão da sala ou do quarto de hóspedes denunciou que eu estava fazendo uma ligação, porque Angela entrou imediatamente. Era incrível, ela estava ótima e nova em folha, só com a parte de cima do *baby-doí* A única lembrança da madrugada eram seus joelhos, que estavam ralados. Sentou-se ao meu lado e me deu um beijo. Depois olhou minhas mãos e perguntou para quem eu estava ligando, porque com sua entrada repentina fiquei com o telefone na mão sem fazer nada com ele. Apesar de ter olhado minhas mãos e não ter perguntado o que tinha acontecido, a impressão que dava é que ela que não se lembrava de tudo o que tinha acontecido de madrugada. Disse-me que estava arrumando a mala e levaria pouquíssimas roupas, pois não ficaríamos em Belo Horizonte mais que 48 horas, e me aconselhou a fazer o mesmo. Não dei muita bola para todo aquele papo, estava cansado e de saco cheio. Para não dizer que não tive reação, a única coisa que providenciei foi uma refeição reforçada. Ela mesma trouxe a bandeja para mim, com uma garrafinha de "Viúva" e uma pequena jarra de laranjada. Demorei para terminar a refeição, Ângela andava pelo apartamento excitada, tinha escondido o pó tão bem que não lembrava onde o tinha posto. Não era para levar que ela estava procurando. Ela sabia que eu não a deixaria entrar no avião com aquilo. Avisei que estava no meio dos biquínis, eu estava junto quando ela colocou ali. Achou que o lugar era bom e deixou lá mesmo.
Eu precisava falar com ela, estava só esperando o momento certo. Ela estava bem, não queria estragar tudo e começar a brigar. Mas precisava falar o que sentia. Em uma das vezes em que entrou no quarto, para ver se eu estava me aprontando, pedi que se sentasse *ao* meu lado. E comecei:
— Se eu estivesse com nossa Polaroid na madrugada passada e a fotografasse no elevador, você ficaria triste de ver seu estado lamentável. Quando exagera na bebida, me deixa horas sozinho em lugares estranhos para mim. Sei que não combinamos levar uma vida careta nem ficar grudados um no outro. Se quer ficar sozinha com suas amigas pelo menos me avisa. Estou assustado com o rumo que as coisas estão tomando.

Ela ficou parada me olhando muito séria e me disse que tinha em relação a nós os mesmos planos que eu: morar em Búzios, ficarmos grudados um no outro, sim, e que eu procurasse compreendê-la e tivesse mais paciência com ela. Falou novamente de sua casa em Belo Horizonte, dizendo que se eu quis_esse ficaríamos lá por uns tempos, longe do burburinho do Rio e São Paulo. Aquilo me desagradou de vez, não queria me esconder em Belo, queria viver em paz _curtindo a mulher que amava. Resolvi encerrar o assunto e ver como ficariam as coisas

Mais tarde telefonei a papai e Chiquito para desejar feliz Natal antecipadamente. Pedi para os dois ligarem para o Raul e dizer que logo viria passar uma temporada comigo em Búzios. Bati um papo maior com Chiquito, queria saber dos amigos, dos negócios e de tudo o que estava acontecendo em São Paulo. Ele riu...

— Você está mesmo é com saudades. Olha... algumas pessoas estão comentando que seu caso aí está acabando. Você já sabe, em minha casa tem um quarto para você.

Falei que não era nada disso, que estávamos em fase de adaptação.

No dia seguinte chegamos a Belo Horizonte, lá pelo meio-dia, ficamos no Hotel Del Rey. Resolvemos procurar os familiares e amigos dela só depois de curtimos o hotel como fazíamos anteriormente. Aquele banho e amor, muito amor. Só não tínhamos a Polaroid.

Essas primeiras horas foram ótimas, quase deixamos para o dia seguinte nossa aparição. O resto da estada foi quase agradável. Apesar de a família e os amigos de Ângela estarem perfeitos em todos os sentidos, houve momentos de estresse.

A primeira pessoa que visitamos foi sua mãe, estivemos em sua butique no fim da tarde. Seus filhos também estavam lá e, depois de um papo e de visitar a loja, levamos as crianças para tomar chá em uma confeitaria.

A noite fomos à casa de sua irmã, onde se encontravam todos os familiares e alguns amigos. Esteve o tempo todo perto da gente um grande amigo de Ângela, um cronista social de quem ela gostava muito. Depois das apresentações e dos aperitivos, saímos para jantar. Aliás, é bem provável qu^e tenhamos jantado e saído. Fomos a um lugar com música, repleto de gente. Tudo correu bem, apesar de Ângela ter bebido um pouco além da conta. Não sei se eles perceberam, acho que não, pois todos bebemos e comemos bastante. Mas eu, que detestava ver seu rosto quando se excedia na vodca, ao chegarmos ao hotel provoquei uma discussão, pois sugeri que se olhasse no espelho para ver como ficava deformada quando alcoolizada.

Eu estava chateado, não queria estar ali. Não por causa da família dela, eles eram legais. Mas os últimos dias tinham me cansado. Percebi isso quando pedi para que ela se olhasse no espelho, fiz de propósito, queria que percebesse meu desagrado. Na verdade não me aborrecia que bebesse, eu também bebia; mas quem ama não desrespeita o parceiro sumindo e falando coisas que machucam. Batemos boca e ela deve ter notado que alguma coisa mudara em mim, porque me abraçou muito e disse que estávamos cansados.

— Estamos tão ansiosos para curtir, desde que saímos de São Paulo, que ainda não tivemos tempo de fato para nós.

Acho que foi mais ou menos isso o que falou, naquele início de madrugada. Depois prometemos um ao outro que só discutiríamos coisas sérias sóbrios, porque, segundo ela, quando eu bebia, cheirava e discutia parecia um "diabinho".

No dia seguinte houve almoço de Natal com distribuição de presentes. Estivemos tão confraternizados, que sua mãe me parabenizou pela alegria e felicidade que Ângela demonstrava. Ela estava realmente linda, elegantíssima, embora, como sempre, vestida com simplicidade. Era uma família bonita aquela, sua irmã, seus filhos, sua mãe e seu cunhado. E me chamou a atenção o mais importante, Ângela era querida por eles. O almoço acabou tarde, me sentei cansado numa poltrona, encostei a cabeça e dormi. Acordei meio sem graça na hora das despedidas.

Voltamos para o hotel e no dia seguinte retornamos cedo. Durante a última noite no hotel e na viagem de volta, só falávamos em Búzios, na reforma e em como ficaria a segunda etapa. Era importante essa parte para mim, que em pouco mais de dois anos ficaria sem renda. A situação era confortável, a renda era muito boa e provavelmente até o final do prazo eu teria economizado uma boa parte.

Chegamos e começamos a nos organizar para a viagem que faríamos à praia. Desta vez iríamos levar tudo o que precisávamos para permanecer lá. Roupas de cama e mesa, mantimentos, faqueiro etc. Para transportar essas coisas aluguei uma Kombi com motorista. Estávamos nessa de organizar, quando Francisco telefonou, disse que viria no dia seguinte e gostaria de almoçar com a gente. Depois disso, Ângela telefonou para uma amiga para vir

também.
O dia seguinte chegou e o almoço foi trágico.
Ficamos na cama até tarde, pois fomos dormir tarde, excitados que estávamos com a ida a Búzios. Depois de um café-da-manhã reforçado com
271
"Viúva", laranjada e tudo o mais, continuamos tomando uns drinques na cama, até a hora de nos prepararmos para esperar as visitas. Quando saído banho, Ângela estava com um vestido superprovocante, com uma abertura até à cintura. Além do mais, estava com uma calcinha minúscula e transparente. Quando se mexia ou andava ficava muito exposta. Pedi que mudasse de roupa, aquela me incomodava. Levei uma bronca tão violenta, que comecei a revidar. Só paramos porque as visitas chegaram. Acho que ao chegarem, ela trocou de roupa, já que mais tarde, numa discussão que tivemos no quarto, reparei que estava com outro vestido.
Bom... eles chegaram e o ambiente entre nós estava péssimo. Francisco e eu ficamos na sala e as duas foram para o quarto. Acho que foi a hora em que trocou de vestido.
Conversamos por muito tempo, até acharmos que elas estavam demorando muito. Pedi licença ao meu amigo e fui até o quarto. Ângela e a amiga conversavam, ela tinha um copo de vodca na mão e seu rosto começava a se transformar. Pelo menos eu vi assim. Falei alguma coisa como: — Vocês vão ficar aí? - Recebi de volta uma enxurrada de desaforos. Revidei e falamos coisas horrorosas um para o outro. Não sei em que tom foi isso, talvez o pessoal da sala tenha ouvido, se é que a amiga foi para lá. Acho que saiu quando começamos a discutir. As acusações continuavam de ambas as partes. Inesperadamente ela falou: "Pára com isso" e tentou me dar um tapa, que passou rente e arranhou meu pescoço. Em seguida me deu outro, que pegou em cheio. Devolvi com um tapa perto da fronte. Ela ficou meio zonza e saiu. Foi para o quarto em frente e se trancou. Mas antes abriu minha gaveta e pegou qualquer coisa.
Peguei uma pequena mala, pus algumas coisas dentro. Estava tão fora de mim, que fazia tudo automaticamente, nem sabia o que enfiava na maleta. Depois fui para o quarto onde ela estava para pegar minha pasta., que tinha a chave do carro e meus documentos. Ela a levara quando abriu a gaveta e só percebi naquele instante.
A essa altura não estava preocupado com as visitas, mas assim mesmo fechei a porta que dava para a sala. Bati à porta e pedi que me desse os documentos e a chave do carro. Ela falou com voz calma:
— Vai para a sala, já vou levar... Assim eles vêem o papelão que está fazendo.
Eu não ia para a sala coisa nenhuma e àquela altura, com a cabeça um pouco mais no lugar e já não agindo no impulso, falei:
272
— Me dá a chave do carro, só quero ir embora. Ela berrou:
— Pode descer, entrego lá embaixo, chegarei antes, vou pela janela, até já abri.
Meti o pé na porta uma vez, e na segunda, quando estava quase arrombada, ela destrancou. Entrei, peguei minha pasta e quando ia saindo ela provocou:
— Vai sair por trás, não tem coragem de se mostrar como é?
Não dei ouvidos, abri a porta da copa e ia saindo, mas ela me segurou pelo cinto.
— Que loucura é essa, a gente se ama!
Palavras mágicas, ainda dei um passo para a frente para continuar, mas era só encenação. No segundo puxão, já estávamos nos abraçando. Foi me puxando assim até o quarto. Me deu um beijo carinhoso, passou a mão na fronte e abriu a porta do armário que tinha espelho. Olhou, passou a mão no local e mostrou que sua fronte estava um pouco roxa. Beijei ali e pedi desculpas, ia mostrar o arranhão em meu pescoço, mas só passei a mão. Ela me olhou e riu:
— Machucadura de amor é gostoso.
E saiu, foi até a sala procurar as visitas. Voltou em seguida dizendo que tinham ido embora. Do jeito que estávamos, deitamos e ficamos abraçados. Falamos um pouco na situação constrangedora que tínhamos criado e nos calamos novamente.
Não demorou muito e o telefone tocou, era Francisco preocupado, querendo saber se estávamos bem. Ela riu e disse: "Não podemos estar melhor". E ele respondeu qualquer coisa que a fez rir. Continuou rindo e me olhando. "Estão juntos e vão voltar." O almoço terminou tarde e em paz. Depois que eles saíram, continuamos os preparativos para a pequena mudança. Pequena, mas lotou meu carro, um Maverick quatro portas enorme, e uma Kombi.

No dia seguinte saímos em comboio, mas, como a Kombi estava muito carregada, chegamos muito antes.
Já nos aborrecemos na chegada. Nem metade da reforma estava pronta, fora a bagunça e o abandono. Para nossa sorte a empregada estava lá, e pedimos que fosse buscar o empreiteiro. Enquanto isso, aproveitamos para trocar de roupa, pois fazia muito calor. Eu estava no quarto já de shorfs, pondo algumas coisas no armário, e ouvi Angela

exaltada reclamar com o pedreiro das janelas, que não estavam colocadas corretamente, e com o eletricista do chuveiro elétrico, que não estava funcionando, pois tinha acabado de tomar banho frio.
Fui até lá e vi que estava só com a parte de baixo do biquíni e uma blusa completamente transparente e aberta por estar mal abotoada. Interrompi a discussão:
- Vá colocar a parte de cima do biquíni que trato disso.
Ela parou o que estava falando, me olhou brava e saiu em direção ao quarto. Se ela saiu brava, eu estava puto com aquele espetáculo.
Perguntei ao empreiteiro se ele achava certo não cumprir o prometido, ele respondeu que tivera problemas com outras obras. Fiquei muito irritado com a resposta. Chamei os outros peões, que tinham aparecido, e comecei a esculhambar com todos eles: desonestos, irresponsáveis, por que estavam ali, até aquela hora, sem fazer nada? Queria que começassem imediatamente. Os caras foram legais, não deram continuidade à discussão.
Educadamente pediram que me acalmasse, que tudo estaria bem até o dia seguinte, e o banheiro estaria pronto em poucas horas. Confesso que me surpreenderam com sua educação. Fiquei até meio sem jeito, pois começaram a trabalhar como se nada tivesse acontecido.
Ângela apareceu dizendo que queria ir à pousada, pois estava com fome. Eu já estava mais calmo, deixei os homens trabalhando e saí. Estava chateado, tinha me excedido na bronca. Na verdade, o que tinha me tirado do sério, era a quase nudez de Ângela.
A casa ficava praticamente na areia, olhando para o mar, ficava à direita, quase no fim da praia. Começamos a andar em direção à pousada, que ficava na outra ponta. Ia de cabeça baixa, detestava humilhar as pessoas. Resolvi voltar, reuni-los e pedir desculpas, tinha me excedido. (Não tinha, eles é que não tinham feito a parte deles.) Ângela continuou e eu voltei. Pedi que não se ofendessem comigo e cooperassem, porque logo iríamos construir uma pousada ali.
Ficou tudo bem, voltei para a praia e Ângela estava esperando na areia. Entramos juntos na pousada, passamos pela piscina e chegamos a um lugar com mesas. Nesse trajeto cumprimentamos o dono e depois umas pessoas que estavam por ali. Quando passamos por elas, um rapaz foi muito efusivo ao cumprimentar Ângela. Sentamos longe deles, em outro ambiente. Eles estavam na entrada, perto da praia, e nós no fundo, depois da piscina. Pedimos vodca, uísque e comida. Ficamos falando sobre a reforma e sobre

A pousada. Na segunda fase, já sabíamos que para a construção caminhar a nosso gosto teríamos de estar presentes. Aproveitei para alertar que andar quase nua no meio dos peões era procurar encrenca. Ela ficou quieta por um momento e quando voltou a falar foi a respeito do camarada que a cumprimentou com tanto entusiasmo.
— Ele foi meu amante, é uma gracinha e na cama é muito melhor que vocês. Esse sim me punha louca.
Ela queria me atingir e conseguiu, mas agüentei firme. Já tínhamos bebido e eu tinha falado de sua quase nudez no meio dos operários, em má hora. Sugeri que fôssemos embora. fui pagar a conta. Levantei-me chateado, naqueles últimos dez dias não tínhamos feito outra coisa senão brigar. Saí procurando alguém que cobrasse a conta em vez de pedi-la ao garçom, já que me levantando evitaria um bate-boca... mais um. Achei o gerente e pedi que recebesse.
Percebi que Ângela entrou na piscina. Demorou um pouco até acharem a conta e quando fui à piscina ela não estava mais lá. Me dirigi à saída e encontrei-a conversando de longe com o rapaz e as pessoas que estavam com ele. Escrevo de longe, porque havia algumas mesas entre eles e nós. Como estava de saída, peguei-a pela mão e fomos andando em direção à areia. Ela estava a toda...
— Vai fazer ceninha porque ele é melhor que você? Acho que vou voltar para o Ibrahim, ele não enchia o meu saco. Sabe quem é aquele homem lindo?
Eu não sabia e ela me contou. Pelo nome eu o localizei, era conhecido em Minas e no Rio. Resolvi ficar quieto porque, se falasse o que sabia, o mundo iria cair. Ela continuou, falando no Ibrahim e dizendo que não agüentava mais.
Quem não agüentou mais fui eu. Assim que chegamos em casa, avisei que ia para o Rio, pôr a cabeça em ordem e descansar, ficar um pouco sozinho.
— Eu não sei você, mas eu estou a seu lado por amor, só que cansei muito de tudo isso.
Peguei a chave e a pasta e entrei no carro do jeito que estava. Ela entrou pelo outro lado e sentou-se.
— Você não vai para Rio coisa nenhuma. Vai ficar aqui comigo, que é o seu lugar. Que história é essa de qualquer briguinha "vou embora"?
Comecei a rir. Ela me olhava e perguntava:
— Do que você está rindo?
Para esfriar os ânimos, contei: um amigo que alugava a casa com meu irmão a uma quadra dali, o Carlinhos, fez nos anos 60 uma viagem

enorme de São Paulo até Búzios. Naquela época, não existia a ponte Rio-Niterói, e as filas para travessia eram imensas. Quando chegou brigou com a mulher, entrou no carro e voltou para São Paulo. Ela riu e eu continuei.

— Só que eles eram casados havia muito tempo, e nós estamos só começando.
Ela pôs o rosto bem perto do meu...
— Eu quero tomar banho de mar.
Abraçados, caminhamos até a água, já estava escuro e ficamos lá um bom tempo, apesar de a água em Búzios ser fria para o meu gosto. Nadamos, andamos, de vez em quando entrávamos em casa para olhar o mundo de coisas que saía daquela Kombi. Uma das vezes em que entramos, fui ao quarto, queria pó. Não achei e perguntei se ela tinha tirado do lugar.
— Tirei e joguei na privada.
Diminuía luz da sala, pus música e nos sentamos na calçada de pedra em frente à porta. O barulho do mar e a noite escura, iluminada pela luz fraca do poste na esquina, nos embalaram num papo sem conseqüência, só interrompido quando me levantava para servir mais vodca e uísque. Quando mais tarde o movimento aumentou, com a chegada de vizinhos, que também vinham para o *réveillon,* entramos e trancamos a porta. Já tínhamos dispensado as empregadas e a casa era só nossa. Jantamos uma enorme salada, à luz de velas, e ficamos até tarde deitados no sofá de alvenaria, abraçados sem nos importar com o barulho das outras casas e da rua, a essa altura já em ritmo de festa. Quando fomos para o quarto estávamos bêbados e caindo de sono.
Apesar da noite idílica, pouco depois das nove horas eu já estava de pé. Tomei uma chuveirada e abri a casa. Na cozinha já havia café. Eu estava sozinho na sala lendo o jornal e esperando a empregada acabar de pôr a mesa. Uma mulher que eu nunca tinha visto entrou sala adentro...
— Esta é a casa do Francisco, ele já chegou?
Foi assim, sem dizer bom-dia nem nada. Quase entrou pelo corredor, examinando tudo, curiosa. Era olhar para ela e perceber que queria agredir. Quem seria aquela louca, já perturbada logo de manhã? Como continuei sentado com o jornal na mão, ela fez a pergunta novamente.
— Foi esta a casa que o Francisco comprou?

Apenas respondi não, e ela insistiu:
- Me disseram que ele comprou esta casa.
Respondi não, ela virou as costas e foi embora. Já sentado lendo e tomando café, perguntei à empregada, que tinha assistido àquela invasão *de* privacidade, quem era a pessoa. Ela deu o nome e sacudiu a cabeça. Mais tarde, quando Ângela apareceu espreguiçando-se e pedindo café, contei o acontecido e perguntei se ela conhecia a "figura".
- Conheço sim, é recalque, não liga, não é má pessoa.
Tomou um cafezinho e voltou para o quarto. Continuei ali sentado lambiscando e folheando os jornais.
Bateram à porta, que estava aberta, e quando olhei vi a cabeça de um amigo sorrindo.
- Doquinha, que saudades.
Era Geraldinho Dutra, um amigo de quem eu e todos gostavam. Ficou ali um pouco, tomou café e foi andar.
Fui até a porta olhar o tempo, e vi um ônibus enorme e bacanérrimo chegando, estacionou quase em frente de casa. Mais tarde fui olhá-lo, era um verdadeiro apartamento.
Pedi para a empregada deixar pronta uma bandeja com gelo, vodca, laranjada e refrigerantes, e fui até o mar molhar os pés. Encontrei meu vizinho da direita, um paulistano como eu, Luiz Bocalato, armando sua barraca. Voltei para casa e Ângela estava preparando uma vodca com suco de laranja. Pedi que fizesse uma para mim também, e fomos para a praia carregando duas esteiras. Nos estiramos na beira do mar e ficamos tomando sol. A bandeja chegou em seguida. Entramos no mar e quando voltamos Bocalato estava na beira da água. Ao passar por ele, o chamamos para beber conosco. Depois de mais algum tempo chegaram alguns conhecidos, que se uniram a nós. Todos bebemos, e a vodca acabou rapidamente. Ângela levantou-se e foi até em casa mandar vir mais de tudo. Ficamos ali entrando no mar e bebendo. A uma certa altura, todos falavam ao mesmo tempo, contando casos e rindo. Até parecia a praia dos Ossos de outras épocas, sem pousada e com menos casas, mas muito sofisticada e com muitas histórias de pileques homéricos.
Apareceram duas lanchas, uma puxando esquis e outra se preparando para sair para pescar. Bocalato tinha voltado para sua barraca, um dos que estavam ali se despediu porque ia sair na lancha da Pesca. Já tínhamos bebido bastante, e Ângela me puxou para ir com ela

até o mar. Estávamos entrando e ela tropeçou e caiu. Ri e fui ajudá-la. Ela puxou o braço.
— Posso me levantar sozinha.
Olhei para ela para entender por que não podia ajudar. Percebi que estava de pileque e queria provar que estava no controle da situação. Preocupado, a primeira coisa que fiz foi observar SE SEU ROSTO. Estava normal e isso me deixou tranqüilo. Esperei que se levantasse e entramos no mar. Ficamos pouco tempo na água e logo voltamos para nosso lugar. Reparei que a Polaroid estava na bandeja e resolvi brincar um pouco. Só ameaçava, não batia as fotos. Fingi que estava tirando f$_o$tos do Bocalato e sua família. Divertia-me com essa brincadeira, quando vi Ângela chamando a alemã vendedora de bolsas que viravam tabuleiro de gamão. Acho que me aproximei delas com o Bocalato e pedi à alemã que tirasse fotos de nós três. Logo após a sessão de fotos, chegaram alguns amigos de Ângela.

Sol, praia e mar, estavam todos animados. Uma moça que tinha acabado de chegar procurava o marido, que tinha estado conosco, mas saiu com a lancha de pescadores. Estava muito quente e Ângela foi andando sozinha para o mar. Fui atrás e, quando a abracei, olhou rindo e falou:
— Convidei a alemã para ir em casa, vamos nos divertir.
Pedi que não fizesse isso, não naquela hora, estava cheio de gente conhecida e eu ia morrer de vergonha. A resposta, veio quando ela já ia saindo do mar:
— Então fica aí, que vou sozinha. Continuei andando a seu lado e pedi:
— Não faça isso, vai ficar esquisito.
Ela não me deu mais atenção, continuou andando em direção a moça e, quando se abaixou para lhe falar mais de perto, se desequilibrou e caiu por cima dela. Fui em seu socorro e a moça saiu apressada. Ajudei Ângela a se levantar e reparei que sangrava na altura do tornozelo. Fiquei muito nervoso, além do mais de repente ela começou a cambalear. Tive de ampará-la até a casa. Ia me xingando, mas não dei importância. Entramos e até chegarmos ao banheiro estava tudo bem. Queria que tomasse banho e fizesse um curativo no tornozelo. Ela foi muito rápida e se desvencilhou de mim, indo até a pia, que era de madeira e enorme, toma[va] toda a parede. Passou a mão na pia, que àquela altura parecia mais uma
278
bancada de tão cheia, e jogou tudo no chão. Pegou um cinzeiro enorme com as duas mãos e o atirou na janela basculante, que tinha acabado de ser colocada, espatifando o cinzeiro e a maior parte dos vidros da janela. Depois avançou contra mim e me deu um tapa no rosto. Não revidei, em vez disso apanhei meu Water Pik, que tinha ido para o chão junto com todo o resto, e o coloquei de volta na pia. Liguei-o na rede elétrica e ele funcionou. Olhei rindo para ela e disse:
- Esse é dos bons, inquebrável.
Abracei-a para ela parar, porque percebi que procurava coisas para atirar em mim. Fiz isso falando para ela se acalmar, que ficaria tudo bem. Com todo o cuidado fui levando-a para o quarto e fiz que se deitasse. Ela se debateu um pouco, queria ir para a praia, mas de repente adormeceu. Naquela posição, ela ficou por duas ou três horas. Sentei-me no chão em frente à porta, que era larga, em duas lâminas, tipo veneziana. Não estava disposto a deixá-la sair naquele estado, para começar tudo novamente. Durante aqueles longos momentos ali sentado, apoiando a cabeça nos braços e olhando o chão, passei em revista toda nossa trajetória juntos. Não porque tentasse entender o que acontecia... os pensamentos é que me vinham. Que destino... por que tínhamos nos encontrado? Foi tudo como pólvora, um rastilho de emoções incontroláveis que acabou nos unindo, mas continuava queimando num caminho sem volta e sem parada. Se vivia atormentado por não estarmos sempre juntos, agora acontecia o contrário. Tirando os momentos em que estávamos a sós nos curtindo, a vida estava insuportável. Me sentia derrotado. Como iríamos consertar aquilo tudo? Em um certo momento percebi que ela estava de pé na minha frente. Demorei a me levantar, tinha ficado naquela posição por muito tempo. Impaciente, saiu para o corredor chamando pela empregada, queria uma refeição. Fui para o banheiro e tomei um banho. Quando voltei para o quarto, ela estava sentada na cama. Enquanto pegava uma camiseta e um *shorts,* disse que ela tinha dado muito trabalho e quebrado todo o banheiro. Me olhou e falou sem emoção:
- Arrume suas coisas e vá embora, não agüento mais ver sua cara, não sou sua propriedade.
Falei que não queria ir embora, que tinha deixado muita coisa para trás e feito muitos planos.
— Tomar uma decisão assim de cabeça quente é bobagem. Ia continuar, mas ela interrompeu.
279
— Vá embora, um dia a gente se encontra e conversa. Não se pr[eocupe] com seu dinheiro, é só sacar de nossa conta.
Então, sem saber o que fazer ou para onde ir, avisei que ia [para o] apartamento no Rio e só no dia seguinte ia para São Paulo. Peguei as poucas coisas que havia trazido, enfiei numa mala e, enquanto eu fazia isso ela [se] exaltou e passou a me insultar. Tinha demorado de propósito, achei que não me deixaria partir, como no dia anterior. Com tudo pronto, fui para o carro. Ela veio junto, tentei abraçá-la, ela não deixou. Entrei no carro e, como ela continuava na porta, abaixei o vidro e disse:
— Não me deixe ir, eu amo você, não vai ser bom nem para mim nem para você!
Ela não teve reação e eu engatei a marcha a ré e fui em direção à esquina. Parei o carro e fui para a frente da casa novamente, ia tentar convencê-la de que devíamos continuar juntos.
Entrei, passei pela empregada e fui encontrá-la sentada em frente ao banheiro, num banco de alvenaria que cobria toda a extensão do corredor. Olhou-me e não disse nada, eu me encaminhei em

sua direção e pedi: "Vamos fazer as pazes". Ela se levantou e foi para o banheiro. Entrei com ela e tentei abraçá-la, mas me rejeitou e voltou a se sentar no mesmo lugar. Fui para junto dela, pus minha pasta ao lado e me ajoelhei em sua frente. Segurei suas mãos e pedi que reconsiderasse, nos amávamos, tínhamos que ficar juntos. "Me abrace, pelo amor de Deus, eu amo você!" Ela me olhou, mas seus olhos não diziam nada.
- Se quiser me dividir com homens e mulheres... - e aí ficou exaltada: - Pode ficar, seu corno! — E bateu a pasta com toda a força em meu rosto.
Apesar da surpresa, por puro reflexo, virei um pouco o rosto. Fui atingido, mas a pasta escapou de sua mão e foi parar na porta do banheiro.
Levantei-me e fui apanhá-la, a pasta estava aberta e minha arma estava no chão. Segurei-a firme e puxei a parte de cima, assustei-me ao ver a cápsula ser remetida para fora, sinal de que esteve sempre pronta para ser acionada. Quando me virei, xingando-a, já estava atirando. Disparei várias vezes de maneira mecânica. Não lembro de ouvir os tiros, estava louco, transtornado.
Olhei assustado para a arma e deixei-a cair aos meus pés, olhando pela última vez Ângela, que desabara ao receber os tiros.
280
ASSUMO MINHA CULPA E, ENVERGONHADO, PEÇO A TODOS DE DIREITO que me perdoem.
ÂNGELA.
Bagunceira, guerrilheira nata, não que quisesse combater a hipocresia. não era isso. Jogava limpo, era o que era e fazia o que queria. AChava a sociedade em que vivia horrível, preconceituosa e falsa, por isso, não a respeitava. De uma certa maneira era pura, não se escondia por trás de nada. Nunca a vi querer prejudicar ninguém. Se o fez, foi a si mesma. Por querer se libertar, perdeu seus entes mais queridos. Não a mereci, porque não soube compreendê-la, não estava à altura dela. Ela deve ser lembrada com respeito. Perdoe-me, Ângela.
POR MUITO TEMPO, DEPOIS QUE SAÍ DA PRISÃO, COMENTEI COM AMIGOS, colegas de trabalho e até gente que nunca tinha me visto tudo por que passei e vivi. Muitos chamaram minha atenção. "Puxa! Nunca vi você antes e está me contando todas essas coisas." Também não sei por que fazia isso. Espero que agora eu descanse, me livre e não fale mais nisso.
HOJE EM DIA, QUANDO PENSO EM ÂNGELA E FICO ANGUSTIADO, discuto o assunto com Marilena, mas naquela época, fechado naquele cubículo, com o fio de água caindo e olhando o morro de São Carlos, sentia vontade de morrer. Nesses momentos de profunda solidão, compreendia exatamente o que estava fazendo ali. Aí, tudo voltava à minha cabeça; o dia em que saí de casa, deixando para trás uma mulher que amava, dois filhos, um deles de apenas três anos. Alucinado, virei as costas sem olhar para trás. Meu Deus, como pude? Me perdoe. Era sempre
281
com muita dor que me lembrava disso. Ficava muito tempo pensando em Ângela, a paixão que tive por ela, a necessidade que tinha de estar a seu lado. Cometemos tantas loucuras, desobedecemos a tantas regras e tudo acabou de maneira tão trágica.
Foi um banho demorado, acompanhado daquelas lembranças que pareciam não querer me abandonar mais. Então, abri a porta e fui até o cubículo do Lambreta, queria um baseado... ele riu e fomos até o fim DO do corredor onde alguns internos estavam queimando fumo. Acendeu um que estava em sua orelha como o lápis de dono de boteco, eu nem tinha reparado.
"19,20 ou 21 10 1982, do jeito que estou não interessa a exatidão da data. A TV está ligada, na novela Dancing Days, programa que assistia na época do primeiro julgamento. A greve dos agentes penitenciários começou. Só os burocratas e a Polícia Militar estão aqui. Os presos estão tranqüilos, aliás nós estamos. No presídio de Bangu foi diferente, houve tentativa de fuga e tiros, muitos tiros. Mas não refletiu aqui, conforme a administração temia. Aqui o pessoal estava consciente de que o

negócio é não ter bronca. Esta conscientização é imposta por Pira e seu grupo (Falange Vermelha)."
No dia seguinte fui cedo para a vigilância, queria saber como estava o ambiente. Passei o dia lá, atento aos movimentos do senhor Waldi-que e do Manoel Caneta. Se eles estivessem calmos o dia todo, era sinal de que não havia crise. Aproveitei para escrever para o Jucá, diretor da Fontoura, Valdemar, comprador da Rhodia, Fábio, comprador da empreiteira Tenenge, Fernando Ferreira, um dos sócios da Bombril, e Gas-tão Augusto de Bueno Vidigal, vice-presidente do Banco Mercantil de São Paulo. Com todos eu mantinha negócios e escrevia para não perder contato e agradecer o apoio que me deram nos últimos cinco anos.
Lá pelas seis horas, fui à cantina no cubículo do Antônio. Enquanto eu comia, ele contou que estava preso pela morte da atriz Luz d[el] Fuego (a primeira mulher que se apresentou nua no teatro brasileiro. Segundo ele, quem a matou foi o irmão, pescador como ele, que mantinha um relacionamento com ela. Ele tinha assumido a culpa para p[ro]teger o caçula da família. Esteve preso na Ilha Grande, bastante tempo. Um dia, um interno o ameaçou de morte, por motivos que ele não explicou. Com medo, Antônio armou uma tocaia e o matou, aumentando em muito sua pena. Já estava preso havia dezenove anos. Tinha tentado
282
Duas fugas da Ilha, as duas sem sucesso. Contou também que nos últimos dois anos vinha namorando uma moça que arrumou por correspondência (pelo menos vinte por cento das namoradas dos internos eram arrumadas desse jeito), e se davam tão bem, que já tinha pedido ao diretor autorização para se casarem.
[OU]TRO que falava muito sobre a Ilha era o Lambreta, dizia que fugir de lá era praticamente impossível. O presídio ficava bem no centro da ilha, q[ue era] enorme. [Para] chegar ao pequeno vilarejo e arranjar um barco ou uma lancha, era preciso atravessar matas e pântanos, cheios de insetos e cobras. Machucavam-se muito nessas travessias e eram facilmente alcançados pelos cachorros rastreadores dos caçadores de fugitivos. Se conseguissem chegar a uma pequena comunidade, qualquer pescador entregava um barco, porque tinham muito medo. Na vez que tentou fugir se deu mal, apanhou muito enquanto voltava acorrentado.
O mais estranho era que todos que falaram comigo sobre a Ilha, achavam-na linda e falavam dela com uma certa nostalgia.
Uns dias depois, o emissário do meu amigo "banqueiro" (do jogo do bicho) esteve lá. Só estive com ele depois de ele já ter se comunicado com Pira e com outros internos, eu ainda não o conhecia. Era agente penitenciário, lotado na penitenciária vizinha. Estava lá só para me visitar e falar com algumas pessoas. Aproveitei para saber se a greve estava dando resultado, me preocupava com o fim de semana, havia boatos de que, se a greve continuasse, as visitas poderiam ser suspensas. Como resposta obtive uma risadinha e...
— Fique sossegado vai estar tudo bem. São só boatos, coisas que alguns internos espalham para tumultuar. — Antes de sair deixou o telefone do escritório e da casa do "banqueiro". — Se precisar, pode ligar, [a] você ele atenderá.
Encontrei com Pira quando ele ia subindo para sua galeria. A es[c]ada para a quarta galeria era a primeira, a uns quarenta metros do po[r]tão que separava os pátios da administração, pouco antes da inspetoria, e era clara e sem cantos escuros. Ele tinha recebido comida do refei[tór]io do diretor e quis dividir comigo. Então subi também. Aquele lugar era mesmo diferenciado. Limpo, tranqüilo, até os rádios e TVS não estavam a toda e em alguns cubículos havia vasos com flores. Assim que chegamos na galeria paramos no cubículo 1, que pertencia ao General. A conv[ersa] estava animada, queimavam fumo tranqüilamente. É verdade
283
que o Cuca estava sentado no primeiro degrau da escada um lance ab[a]ixo e um lance antes estava o Mãozão, que só fiquei conhecendo algum tempo depois. Se agentes penitenciários começassem a

subir, o p$_{essoal}$ da galeria saberia na hora. Ali, além do General, fiquei conhecendo o Marinheiro (acho que só o vi uma vez fora da galeria) e Magro, q$_{ue}$ não morava na galeria, estava ali só tratando de algum assunto. Havia algumas pessoas com ele, mas estavam esperando no corredor. Falamos com todos e fomos para o cubículo do Pira.

Enquanto comíamos, ele ia me falando sobre a LEP, q$_{ue}$ presidia:

— Em janeiro vence meu mandato e você será o próximo presidente, mas não se assuste, não terá que administrar nada, isso eu faç$_{o.}$ Gostaria que você se comunicasse com alguns amigos para pedir donativos. Bolas, redes para as traves, jogos de camisas, para fazermos seis times e montarmos um campeonato. Daqui a alguns dias, no Natal, tente arranjar brinquedos para a festa dos filhos dos internos.

Depois dessa saraivada que me deixou sem fome, mas com que concordei, falei pela primeira vez. Disse que eu não saberia por onde começar. Ele não se perturbou com isso e me passou uma pasta, que, tenho certeza, já estava lá me esperando.

— Dê uma olhada nisso.

Na pasta havia cartas muito bem escritas, verdadeiras obras-primas, com espaços vazios a serem preenchidos com os nomes das entidades contatadas e com o material ou materiais que iríamos pedir. Encantado e aliviado, brinquei:

— Quem foi o 171 que fez essas cartas?

Dizendo que no sistema havia muitos com capacidade de fazer cartas para várias utilidades, Pira emendou:

— Podíamos mandar uma dessas para o "banqueiro". Tenho certeza de que ele mandará material esportivo para nosso campeonato de futebol. Pode ser material usado, camisas, calções, bolas de futebol de salão e de campo, que o time dele não esteja mais usando.

Topei na hora, apesar de não acreditar que viesse alguma coisa. Depois, o máximo que poderia acontecer era não ser atendido. Apó^{s} o almoço, Pira me acompanhou até o orelhão para evitar que eu ficasse n^{a} fila. Liguei para o escritório do "banqueiro", me identifiquei com a s^{e}cretária e pedi o endereço. No dia seguinte, mandamos uma carta muito

Bem escrita com timbre da LEP e assinada por mim. A única coisa diferente foi a mensagem que escrevi no final da página, de próprio punho, pedindo de desculpas por incomodá-lo e agradecendo antecipadamente.

Assim que cheguei à vigilância, para expedir a carta que deveria s$_{er}$ lida pelo Waldique, ele me informou que na Ilha tinham matado o Baiano e me mostrou o Jornal do Brasil com a reportagem, que man^{t}enho em meu arquivo até hoje: "PM mata preso na Ilha Grande. Prevista $_{e}$ até comunicada a parentes e autoridades, a morte do presidiárioManoel Santana, de 31 anos, quinta-feira, na Ilha Grande, foi o estopim de uma tentativa de fuga em massa do presídio, ontem à tarde. A revolta foi contornada por soldados da 4ª Companhia da Polícia Militar, que mataram um interno e balearam outros dois. Manoel foi morto com 42 estocadas, desferidas por seu cúmplice no assassinato de um industrial, em 1976. Na semana passada, ao saber que seria transferido da penitenciária Lemos de Brito para a Ilha Grande, ele telefonou para sua madrinha e disse: Eles me apanharam e vão me matar na ilha. Por favor, madrinha, cuide da minha filha ". A reportagem continuava contando que ele tinha apanhado muito e no telefonema advertia a madrinha de que tinha chegado a hora "do ajuste final". Mais adiante: "Manoel chegou a se arrastar aos pés do diretor da Lemos de Brito implorando que não o transferisse ". E: "A morte de Manoel causou revolta no presídio Cândido Mendes Ilha Grande Ontem, por volta de meio-dia, armados de estoques, os presos tentaram uma fuga em massa, sendo necessária a intervenção da Polícia Militar. Os dois internos que galgaram o muro em primeiro lugar foram encontrados no mato, feridos os dois e foram transferidos para o hospital Santa Lúcia, em Angra dos Reis. Outro interno foi encontrado morto. Até a noite de ontem,

a polícia procurava nos matagais e proximidades do presídio muitos internos foragidos. A 83ª DP, em Angra dos Reis, negou que no presídio houvesse qualquer Problema, a não ser a morte de um interno com 42 estocadas".
Após ler a carta para o "banqueiro" e esperar que eu lesse a reportagem, Waldique me aconselhou a ficar no cubículo:
— Com esses PMS por aí, os internos ficam inquietos e essa notíci[a]— é capaz de haver alguma reação diferente. — E depois, comentando a [Ca]rta pedindo material esportivo: — Que bom, a LEP está sempre precisando de ajuda e esses torneios são muito úteis, enquanto disputam [Ca]m$_p$eonatos, não pensam em besteiras.
285
Atendendo ao conselho do chefe saí rumo à minha galeria. Quando passei pela primeira escada, a que levava à galeria de Pira, reparei que toda vez que passava por ali havia um camarada sentado no último degrau do primeiro lance. Estava sempre com quatro ou cinco internos parados a sua volta. Era um sujeito baixo, parecido com Mao Tse Tung, os olhos pequenos sempre atentos a qualquer movimento. Qualquer pessoa vinda da administração ou que estivesse transitando entre os pátios e os pavilhões, estaria sendo observada. Passei por ali todos aqueles dias e não o vi, ele era quase invisível. Chamavam-no de Xane.
Depois de passar pela primeira escada e pela inspetoria, cheguei ao segundo pavilhão e subi para o meu cubículo. Em todo o trajeto vi grupinhos comentando a morte do Baiano e a tentativa de fuga da Ilha. Aquela notícia deixara o ambiente pesado novamente.
Por motivos de segurança, naquela noite a Polícia Militar deu uma batida em todos os cubículos. Depois trancaram todo mundo. No dia seguinte, quando acordei, as portas já estavam destrancadas, mas as galerias permaneciam fechadas. Só os faxinas encarregados da limpeza dos pátios tinham descido. Os internos comentavam que só abririam as galerias depois de limparem os pátios, pois quando começaram a "geral" (revista em todos os cubículos) no dia anterior, os internos atiraram pela janela estoques, maconha e tudo o que podia comprometê-los. Segundo boatos, até uma garrucha estava no meio de um dos pátios.
Quando liberaram as galerias, já era tarde, dez horas, mais ou menos. Depois do café na cantina e de receber do Hugo os jornais que me trazia todos os dias, fui para a vigilância. Na mesa do Chaves havia umas dez fichas de internos que seriam transferidos para várias unidades do sistema. Dei uma olhada nas fichas e não achei ninguém que eu já tivesse conhecido. Ajudei a fazer a documentação de transferência e quando ficou tudo pronto, reparei que Waldique as trancou na gaveta. Olhando muito sério nos avisou:
— Não comentem essas transferências com ninguém, porque, apesar de terem destino certo, a data não está prevista.
Depois do almoço, quando estava no cubículo me preparando para descer e assistir a uma pelada (anunciada no dia anterior e muito esperada, porque seria entre duas galerias), o Cuca apareceu com uma revista *Manchete.*
286
—- O Pira mandou para você, tem uma reportagem do seu pai. Está esperando você na LEP, para uma reunião antes do jogo. É para você vir comigo.
Eu tinha de ir com ele mesmo, não tinha idéia de onde era a LEP. Encontramos o Pira saindo de uma porta, embaixo da escada que ia dar em sua galeria. Era incrível, eu já estava na penitenciária havia mais ou menos vinte dias e nunca tinha reparado naquela porta. Era grande tinha duas lâminas. Por ali se entrava numa marcenaria e estofaria. Entramos e fomos falar com o interno que era o chefe daquela seção. O Alfredo era um sujeito baixinho, estava sentado em uma banqueta em frente a uma prancha com vários projeta? de sofás, poltronas e cadeiras. Trabalhando com ele naquela sala, que devia ter uns quarenta metros quadrados ou mais, pois ocupava quase todo o térreo do primeiro pavilhão, estavam uns vinte internos ocupados em fabricar os desenhos que estavam sobre a prancha. Eram sofás e poltronas enormes. Não perguntei, mas deveriam ir para algumas repartições públicas. Pira me apresentou o mestre

Alfredo. Baixinho, moreno, bigodinho, olhar inteligente e sério, vestindo um jaleco cinza. Fiquei olhando um interno encaixar partes do esqueleto de um sofá de dimensões enormes, enquanto os dois foram para um canto conversar. A conversa demorou uns dez minutos e, para não atrapalhar os marceneiros e estofadores, fiquei olhando pela janela que dava para o pátio 1. O pessoal estava batendo bola. Deduzi que esperavam por Pira, porque ouvi um dos jogadores reclamando que as camisas não chegavam. Olhei para os dois, que continuavam a conversar, e vi que Alfredo gesticulava, abrindo os braços. Finalmente a conversa terminou e os dois se despediram.

Antes de ir para o pátio, entramos numa porta que eu também não tinha percebido, era um quarto que pertencia à LEP, pegamos dois jogos de camisas em péssimo estado e entramos no campo de futebol de salão. Fomos direto para o centro e, antes de distribuir as camisas, fui apresentado ao Xane (o observador da escada, aquele parecido com Mao Tse Tung), que estava acompanhado do Jarra e do Magro. Para meu espanto, Pira e Xane pediram aos jogadores que se aproximassem e depois de um rápido intróito me apresentaram como futuro presidente da LEP. Alguns protestaram alegando que eu tinha acabado de chegar à Penitenciária, e outros me deram tapinhas nas costas. Em seguida, distribuíram as camisas e o jogo começou. Pira, Xane e eu fomos para uma

sala ao lado do almoxarifado, o Jarra ficou assistindo ao jogo, o Magro que não parecia estar interessado em nada daquilo, foi para sua galeria

A sala era grande e cheia de mesas (ao contrário da estofaria, essa sala dava para o pátio da cantina). Além de servir para reuniões da LEP também era usada pelas turmas religiosas, que eram várias. Sentamo-nos em volta de uma das mesas, e começamos a planejar um campeonato de futebol de salão e a falar sobre o Natal dos filhos dos internos, que era festejado sempre um domingo antes do dia 24 de dezembro.

Pira tinha arranjado um show com Elba Ramalho e com Elke Maravilha, ambas já tinham confirmado. Xane olhou para mim, como quem indaga: "E você vai fazer o quê?". Era impressionante a força de seu olhar. Não era agressivo, mas impunha respeito. Como eu não estava preparado para aquilo e até duas horas atrás não tinha idéia de que eles tinham todos aqueles planos, achei melhor falar a verdade:

— Não sei, vou pensar e depois falo com vocês.

Na verdade, enquanto eles falavam a respeito dos shows, estive pensando nas cartas que Pira me mostrara. Podia modificar um pouco e mandar para uma amiga que tinha herdado uma das maiores lojas de departamentos de São Paulo. Pensaria em mais alguns nomes. Tinha esperança de que não me deixariam na mão. A reunião estava encerrada, Xane levantou-se, me olhou de um jeito que não dava para perceber se ele sorria ou se estava apenas me estudando.

— Quando estiver sabendo o que vai providenciar para a festa de nossas crianças, me procure. Estou no terceiro pavilhão, peça para o Cuca levar você lá.

Levantou-se e saiu andando devagarzinho, batendo com as palmas das mãos nas mesas. Tinha no máximo 1m e 62 de altura, usava jeans, camiseta e uma jaqueta também jeans. Aquilo tudo na mesma tarde era muito para mim. Estava louco para ir para a galeria ler a reportagem do papai e desligar tudo. Mas ainda não chegara a hora. Pira levantou a cabeça.

— Vamos até seu cubículo, quero ver sua TV. Careca me disse que o controle remoto não funcionou.

Fomos caminhando devagar, ele ia olhando tudo e todos. Quando chegamos à sexta galeria e liguei a TV, estranhamente ninguém apareceu, nem o Lambreta. Pira ficou encantado com ela e disse que nunca vira uma daquelas. Eu também não conhecia aquele modelo, o controle remoto

era com fio. Careca e eu tínhamos ligado o fio de maneira errada. pira, então, tirou o fio de um lugar,

pôs noutro e começou a funcionar.
Trocou um pouco os canais e desligou. Tirou o controle, enrolou no fio e colocou no colchonete. Como estávamos sozinhos, aproveitei e comentei a morte do Baiano. Ele me olhou demoradamente...
Ele não valia nada e esse tal de Lambreta é outro. Vê se não fica andando com ele por aí... é malvisto. Avisei o dr. Patrício para não pôr você aqui, mas não tinha outro lugar. Daqui a uns dias você sai dessa galeria.
A sirene tocou, ele se levantou e foi embora. Mas antes recomendou:
— Não use o controle, o pessoal dessa galeria é muito caído, vai pôr "olho grande".
Assim que saiu, escondi o controle.
Só li a reportagem do papai umas cinco ou seis horas depois, quando me tranquei, exausto. Transcrevo uma frase da entrevista do meu pai, de 22 10 1982, cujo título era: "Luiz Gustavo Street diz que não está sozinho em seu sofrimento. E faz um desabafo comovente: Eu queria estar na prisão com meu filho".
AQUELE FIM DE SEMANA, NO SÁBADO, RECEBI PAPAI, MARILENA E minha cunhada May. Transcorreu tudo bem. Uma hora antes de começar a visita estendi a toalha, superlimpa, lavada e passada pela Baiana, que da cantina me observava. Quando passei pela cantina, para voltar ao cubículo, ela me abordou:
— Eu já lavo e passo essa toalha; se você quiser, nos dias de visitas, Posso estendê-la também.
Daquele dia em diante, não me preocupei mais com a toalha. Com a surpresa da visita da May, a tarde ficou quase alegre, ela e Marilena eram e são grandes amigas, e a minha amizade com ela vinha de longa data, muito antes de ela se tornar minha cunhada. No domingo ela saiu às quinze horas porque ia almoçar com amigos. Papai saiu com ela para Marilena e eu termos alguns momentos só para nós. Assim que eles saíram, começamos a conversar animadamente, porque ela já tinha entregado os documentos para começar com as visitas íntimas. Ela quis ver do pátio onde ficava o cubículo em que eu estava morando e onde

ficava o próximo que eu ia ocupar. Mostrei apenas a janela do atual, do próximo eu não tinha idéia. Fomos caminhando até o pátio 3, que era praticamente embaixo do morro de São Carlos; olhamos para cima e mostrei minha janela. Se dos outros pátios se via que o prédio estava depauperado, dali se percebia que era a parte mais abandonada.
Quando parei de apontar a janela e voltei-me para ela, percebi sua tristeza, algumas lágrimas escorriam pelo seu rosto. Não nos importando com as pessoas que se encontravam lá, nos abraçamos longamente. Um abraço sentido e profundo, que nos tirou de lá por uma fração de segundos. Mas as vozes e os rádios nos trouxeram de volta. Retornamos para a mesa de mãos dadas e ficamos abraçados falando baixo até o término da visita.
Mais tarde no cubículo jantei a comida que a família do Lambreta trouxe: carne, polenta, arroz, repolho e pimentão. Quem fez aquela comida tão simples entendia da coisa, que comida gostosa. Como sobremesa, comemos metade de um melão que papai e Marilena trouxeram. Depois tentei ver TV, queria assistir a Dallas, mas fiquei com sono, me tranquei e tentei dormir. Demorei muito para conseguir. Lembrava de Marilena naquela tarde, seus olhos cheios de lágrimas, sua enorme coragem por me namorar e viver tudo aquilo, mais a visita íntima, a que pelos meus cálculos eu teria direito em trinta dias. Bem... Marilena, por minha causa, já vinha enfrentando problemas seríssimos com a sua família. Até deserdada ela foi.
Finalmente adormeci. Acordei algumas horas depois, assustado, em pé, no meio do cubículo. Custei a achar o interruptor de luz, alguma coisa se mexia na janela. Quando encontrei o interruptor, a luz não acendeu. Como já estava bem acordado, lembrei das velas e acendi uma. De fato algo se mexia na janela. Achei que era um papel que tinha caído ali e fazia barulho por causa do vento. Aproximei-

me e levantei a vela para iluminar mais e levei o maior susto quando dei com os olhos da ratazana. Ela também se assustou e saiu. Não posso imaginar como ela conseguiu chegar lá, afinal era o terceiro andar. Só ouvi o barulho do seu movimento. Fui até a porta, puxei a tranca e abri, olhei no corredor e não enxerguei nada, o prédio estava sem luz. Mas o barulho da tranca e a luz da vela chamou a atenção de um camarada que morava no começo da galeria que também estava com uma vela na mão, só que a dele tinha castiçal.
— Que foi, Doca, está assustado?
290
Expliquei o que tinha visto, ele se aproximou rindo.
. Ela deve ter sentido cheiro de comida, essas ratazanas são perigosíssimas, vamos até lá ver se foi embora mesmo.
Pediu licença para entrar em meu cubículo e foi direto ao vaso sanitário, depois iluminamos a janela e vasculhamos todo o local.
Fique tranqüilo, aqui não tem nada. Meu nome é Tonho, cubículo 5- Já destruí um cubículo para me defender de uma dessas.
Um metro e setenta de altura, cinqüenta anos, branco, com aspecto de uma pessoa bem cuidada. Estava de pijama e chinelo.
Quer tomar um café em meu cubículo? Minha garrafa térmica está cheia. Eu estava lendo quando ouvi barulho na galeria. Aceitei e disse que ia pegar cigarros.
— Não se preocupe, eu tenho tudo lá.
O cubículo era limpo, tinha uma cama original do tempo da construção. De ferro, grudada na parede como num trem noturno. Podia levantá-la e deixá-la na paralela, aumentando o espaço. Havia ainda duas cadeiras, uma delas com uma pequena pilha de livros e revistas, vaso sanitário e chuveiro elétrico. De um canto, em cima de livros, ele retirou a garrafa térmica com café, servindo-me num copo. Conversamos enquanto fumávamos. Ele me apontou um rádio:
— Acompanhei seus dois julgamentos. Curioso, perguntei o que fazia antes de ser preso.
— Sou contador, mas nunca exerci. Era muito bom em copiar assinaturas e documentos.
Mantive contato com ele até sair da galeria, pois ele raramente saía de lá. Encontrei-o novamente, dois anos e meio depois, quando fui transferido para uma penitenciária em Niterói, após uma rebelião, na quarta galeria, com algumas mortes.
A segunda-feira foi normal, às onze horas recebi o advogado, dr. João, que trabalhava com dr. Humberto. Queria saber como eu estava e avisar que dr. Evandro e dr. Humberto viriam me visitar. À tarde, começou um boato que deixou o ambiente carregado: rebelião na Ilha Grande, com muitas mortes.
De noite assisti a todos os jornais das redes de TVS e não houve comentários. Assistindo ao noticiário em minha porta: Lambreta, sentado, e Pincel (assaltante e ótimo eletricista), acompanhado de Capoeira. Os três, com penas pesadas, eram ex-prisioneiros da Ilha e estavam interessados
291
nos noticiários. Nenhum deles, se posto em liberdade, tinha condições de largar essa vida. Nós quatro, enquanto estive na galeria estivemos muito próximos e eles me ajudaram muito. Gostava deles. Uma tarde eu estava matando baratas com um desses sprays inseticidas e Pincel chamou minha atenção:
— Não mata todas, elas comem os percevejos.
À tarde, quando estive na vigilância, chegou outro colchão que papai me mandou. Para recebê-lo tive de ir ao serviço social assinar a nota, já que tinha vindo direto da loja.
Quando cheguei ao cubículo com o colchão de "viúvo", que tomava boa parte daquele espaço e tinha dado um trabalhão para ir até lá, encontrei uma carta da Adriana (filha de Marilena). Que carta carinhosa, me deixou tão emocionado, que custei a me recuperar das saudades que sentia de Marilena

e seus filhos.
Depois de arrumar o colchão em cima de dois colchonetes, com embalagem e tudo para não sujá-lo, deitei e estava começando a relaxar, quando ouvi a voz de Pira:
— Que colchão bonito.
Levantei para falar com ele e reparei que estava com um olhar estranho, parecia muito preocupado. Perguntei se estava tudo bem. Quando começou a explicar que as coisas no sistema estavam complicando, a sirene tocou e ele se despediu.
— Amanhã a gente se fala.
No dia seguinte tomei café e fui para o cubículo dele. Mas naquela altura eu já sabia das mortes de quatro detentos em Bangu. O Hugo da cantina me contara. Pira estava calmo, disse apenas que as coisas estavam melhorando. Perguntei se podia fazer alguma coisa e obtive como resposta:
— Pode sim, fique quieto em seu canto.
Não perdi a pose e falei sobre futebol, sobre o tempo e, quando vi Xane aparecer na entrada da galeria, me despedi e fui para a vigilância. Lá ninguém falava de fugas, mortes em Bangu etc, estavam todos preenchendo requerimento para ir passar o Natal com a família. Chaves me estendeu um requerimento e perguntou se ia tentar, afinal não custava nada. Eu sabia que não tinha direito, o serviço social já tinha me avisado que só podia reivindicar visita à família depois de ter cumprido um sexto da pena. Pedi para ficar com aquela cópia para mostrar ao Humberto.
292
Estava estudando o requerimento, quando entraram dois internos e um agente carcerário para retirar trinta saídas "extramuros". Por algumas horas, iriam cantar para o governador Chagas Freitas. Parece que era aniversário dele.
Acabaram de sair e entrou uma figura incrível. Era um senhor muito simpático e alegre. A entrada dele no recinto deu um clima diferente, todos o cumprimentaram com muita consideração e alegria.
— Oi! Como vão todos? E o senhor, seu Doca, está gostando do nosso hotel, alguma reclamação?
Eu costumava encontrar com ele em seus passeios pelo pátio, como ele costumava dizer. Estava sempre de shorts, camiseta e tamancos, barba muito bem escanhoada, com aparência de quem acabara de sair do banho. Depois de falar com o senhor Waldique e pegar um requerimento de saída natalina, se despediu de todos e saiu. Ele era conhecido como Chico Tonelada e morava no cubículo 50, na quarta galeria. Tinha esse apelido por ter sido preso em seu apartamento no Leblon com uma tonelada de cocaína.
Saí da vigilância às onze horas e só retornei um pouco antes de acabar o expediente. Todos lá pareciam estar se divertindo muito, até o senhor Waldique tinha um risinho sarcástico. Como havia umas fichas em cima do arquivo, comecei a arquivá-las. O Chaves se aproximou com mais algumas na mão, pôs em cima do arquivo e assoprou em voz baixa:
— Um dos que foram cantar para o governador não retornou. Chaves era do Piauí, branco, 1m 65 de altura, muito boa gente. Eu andava desconfiado de que ele era homossexual e naquele momento tive certeza. Sua risada e os trejeitos o denunciaram.
Com o tempo constatei que, na cadeia, quase todos os homossexuais do sistema eram amigados. E o Chaves não era exceção. Quando saía da vigilância, ia para sua galeria e não saía mais. Tomava conta de seu cubículo como se fosse uma dona de casa. Lavava, passava, deixava arrumado e ia buscar comida para seu companheiro. A administração não tomava conhecimento desse comportamento, afinal essa gente geralmente não perturbava. O grande problema era quando um dos parceiros obtinha liberdade. O que ficava geralmente enlouquecia. Houve casos de o diretor autorizar a visita, o que é irregular, pois a Lei de Execução Penal não permite que ex-detentos retornem para visitar quem quer que seja. Mas nesses casos abria exceção.
293
Bom... o caso do interno que não retornou depois da apresentação para o governador não teve muita

repercussão nos jornais. Só os internos se divertiram com a história.
O dia seguinte foi ponto facultativo, a vigilância não abriu e eu fiquei parte da manhã pensando e registrando uma história que Lambreta me contara na noite anterior. Era sobre sua volta ao presídio da Ilha Grande depois da tentativa de fuga.
"Nesta madrugada, conversando com Lambreta mais uma vez sobre a Ilha, tive o testemunho da brutalidade da vida naquela prisão. As fugas, as caçadas aos fugitivos, os castigos e a sobrevivência, deixariam Papillon com inveja.
"Ao tentar fugir, Lambreta foi preso e arrastado de volta acorrentado e apanhando. Foi direto para a solitária, que era cavada na areia, a três metros de profundidade. A entrada era por cima, como num poço. Havia três portas, sendo que a segunda era de ferro. As paredes e o chão eram cimentados, com cimento misturado com areia. Com aquela mistura salgada, não dava para o camarada deitar ou sentar por muito tempo. Para guardar os cigarros que os companheiros mandavam, enrolava-os um a um em jornal, que só os conservava secos por uns dez minutos. A comida era o fim do rancho do dia, portanto uma única refeição. Segundo o Lambreta, era servida por uma bicha recalcada que, antes de entregá-la, escarrava no prato e ria. Também, segundo ele, saiu tão doente da solitária, que foi transferido para o hospital penitenciário; depois veio para Lemos de Brito, onde permanecia."
No fim do dia, fui avisado que meus advogados me aguardavam. Desci e o inspetor me acompanhou até eles, não era seu serviço, mas como era ponto facultativo me fez essa gentileza.
Humberto e João me esperavam. Antes de entrarmos em qualquer assunto, mostrei a eles o requerimento natalino. Humberto balançou a cabeça e me devolveu, dizendo que aquilo para mim não valia nada, que só o recurso podia me ajudar. Eu já estava farto de saber aquilo, mas, quando se está lá, o desespero é tanto que se faz perguntas absurdas. Os meus visitantes sabiam disso e foram pacientes. Voltamos a falar do recurso e aí fiquei mais frustrado ainda, pois seria julgado só em março, depois das férias forenses. E assim mesmo tinha de passar pelo desembargador, relator, para ver se tinha direito de ir a Brasília. Fiquei

tão desanimado e de mau humor que larguei os dois ali e voltei para o meu cubículo. Eu sabia que não adiantava nada ser mal-educado, eles não tinham culpa. No dia seguinte, envergonhado, telefonei para Humberto e pedi desculpas. Começo de pena é o pior momento de todos os piores momentos, tudo está muito longe, a tudo falta muito. Uma tarde, conversei com o padre Bruno Trombeta da pastoral, que era uma pessoa que procurava ajudar a todos, e me aconselhou:
— Não se iluda, isso o fará sofrer muito. Faça as contas e espere para reivindicar seus direitos na hora certa.
Num desses dias que estava com o saco muito cheio, desci para caminhar um pouco, lá no fundo do pátio da cantina, perto do portão de entrada de mercadoria. Mas não tive sorte, um crente se aproximou para tentar me convencer a participar das reuniões de sua igreja, uma das várias que existiam lá. Por mais que eu explicasse que não tinha interesse, ele continuava com sua ladainha. Para me livrar dele tive que lhe dar um esporro e sair avisando para que não tentasse me acompanhar. Quando cheguei na cantina puto da vida, o Hugo, que acompanhava tudo de lá, ria:
— Essa turma é fogo, não liga, afinal amanhã é sábado. Seu pai e sua esposa estarão aqui.
Um pouco antes da visita estava tenso, em pé, perto da inspetoria, esperando Marilena e papai aparecerem. Foi assim naquele dia e seria sempre até o fim, uma sensação de que ninguém iria aparecer.
Os visitantes tinham de fazer duas filas, uma para os marmanjos e outra para as damas, por causa da revista nas mulheres, que eram feitas pela Polícia feminina.
Marilena apareceu e fiquei aliviado. Ela ainda teria de trazer seu cartão até a inspetoria. Vinha carregada de pacotes com frutas e outras coisas que não tinha na cantina. Chamaram meu nome pelo alto-falante e só aí pude ir ao seu encontro. Estava tirando os pacotes de sua mão e papai apareceu,

também trazia alguns pacotes. Fomos para a mesa e só então pude abraçá-los. No começo a visita estava meio tensa, também pudera, eu aqui esperando ansioso e eles cheios de pacotes numa fila quilométrica. Mas, depois de alguns minutos, com as emoções estabilizadas, ficamos bem. Papai ficou muito triste olhando aquele prédio em péssimas condições. Marilena e eu, que não fazíamos a menor cerimônia com ele, começamos a falar sobre o parlatório. Depois fomos até a
295
cantina comprar uma Coca-Cola e mostrei a Marilena um interno, com seios e cabelos compridos, que só não usava saia, mas estava de sapato de saltinho. Ela não acreditava no que via. Realmente ele era uma moça bonita. Tive de chamar a atenção de Marilena porque ela não tirava os olhos dele. Durante a semana ele não aparecia nos pátios. Já o conhecia. Ele esteve na vigilância à procura de informação sobre visita à família no Natal. Aliás, as outras bichas que conhecia, a Baiana, que lavava e passava minha roupa, e a Bianca, também não andavam pelos pátios. Mas era fácil encontrá-las pelas galerias.
Ao voltarmos para a mesa encontramos papai conversando com Pira e sua mulher. A visita deles à minha mesa seria uma constância, pelo menos uma vez durante o sábado ou no domingo, eles apareciam.
Já estou aqui há um mês, o tempo passou devagar e lendo o que escrevi acho que muita coisa aconteceu. Bom, eu não vou mandar fazer bolo nem acender uma velinha.
O que constato mesmo é a dureza de encarar a realidade de estar aqui, a insegurança que este túmulo de vivos me dá, pois o pessoal está sempre armando alguma, e a esperança é que não estejam fazendo isso com a gente. Na verdade, quem está aqui nunca está sossegado, tem de andar o tempo todo vigiando tudo, desconfiando de tudo, é de enlouquecer qualquer um. Principalmente eles, os profissionais do crime, já que aqui tem de tudo (pó, jogos, jogo de bicho, fumo etc.) e só um ou dois se beneficiam do lucro desses negócios.
O dia em que fui procurar Xane, por exemplo: tinha ficado combinado que o procuraria quando já tivesse idéias sobre quem procurar para angariar presentes para a festa de Natal das crianças. Pois bem, o Cuca e eu estivemos em mais de cinco cubículos para achá-lo. Ninguém sabia exatamente onde ele se encontrava e em todos os cubículos que estivemos havia dois ou três internos na porta. Quando perguntávamos por ele, um dos que estava de guarda entrava no cubículo e saía dizendo:
— Ele estava aqui cochilando, agorinha mesmo, e foi para o cubículo número tal. — Finalmente o encontramos deitado num colchonete, que era a única coisa que tinha lá. Na porta, é claro, havia três internos conversando. A conversa foi rápida, eu já tinha conversado com Pira, que achava mais fácil falar com as pessoas por telefone, mas as filas iam atrapalhar. Ele foi claro comigo:
296
— Se o Xane mandar, toda vez que você quiser o Cuca vai junto e não terá fila.
Outra coisa que chamou minha atenção foi a postura do Xane. Entrei sozinho no cubículo, ele continuou deitado de lado com o cotovelo dobrado e a mão segurando a cabeça. Ouviu o que eu tinha a dizer e falou:
— Os orelhões estão liberados para você, mas só quando o assunto for de interesse dos internos.
Só trinta dias haviam se passado e eu já tinha visto tudo isso.
SEGUNDA-FEIRA: AO ACORDAR, OLHO O CUBÍCULO, QUE AGORA Tinha um colchão de viúvo, um isopor profissional, que servia também de criado-mudo, e um ventilador. E, claro, não posso esquecer do vaso sanitário. Para me lembrar que era o primeiro dia da semana, empilhados em cima do isopor estavam alguns livros, revistas, uma lata de bolachas e, um pouco mais acima, na parede em frente, dependurada num prego, uma sacola que comprara no pátio, feita de rede, com mexericas e maçãs. Fiquei olhando aquelas coisas que me faziam lembrar de Marilena, abraçada comigo, andando pelo pátio e depois sentados na mesa tão grudados que parecíamos um só. O calor de seu corpo, seus beijos envergonhados pela presença do papai. Bom... agora não passavam de lembranças.

Sabia que, além de estar olhando para aquela moradia destruída, ia abrir a porta e enfrentar mais um dia de penitenciária, seu alvoroço, seu humor inquieto e perigoso. Tudo em branco e preto como num filme antigo. É verdade, sempre que lembro da Lemos de Brito, é em branco e preto, despedaçada, com pedaços de paredes querendo cair e escadas escuras (que iam para aquele pavilhão), com degraus incompletos.
Levantei, vesti camiseta, calça jeans e desci. Passei pela vigilância, bati uma autorização para ir à enfermaria e fiquei esperando o chefe chegar para assiná-la. Às dez horas já estava com outra autorização, a do médico, para ir ao hospital penitenciário, que ficava ao lado, fazer exame de sangue e tirar raio X dos pulmões. Isso daria continuidade ao pedido de visita íntima que estava fazendo. Éramos quatro para fazer esses exames, esperamos meia hora por uma escolta e seguimos em frente. Infelizmente não era preciso ir até a rua para entrar no prédio ao
297
lado. Acho que passamos por um portão que dava direto no hospital. Lembro-me da escolta, mas não de mudarmos de prédio passando pela rua (não esqueceria isso).
Depois de passar pela inspetoria do hospital, para identificação, e de pegar uma senha (em uma fila em que havia presos de outras unidades, como do Esmeraldino Bandeira e do Água Santa, todos muito excitados, porque ali estavam também umas vinte presas que vinham de Bangu, do presídio Talavera Bruce), fomos levados para um pátio, para esperarmos ser atendidos. As presas foram para um cubículo no segundo andar, em que as janelas com grades davam para o pátio onde estávamos. Enquanto esperavam ficaram conversando com a rapaziada. Uma delas me chamou e jogou um papel dobrado.
— Meu endereço para você escrever.
Um agente penitenciário viu e mandou escondê-lo, senão teria de tirá-lo de mim.
O mais incrível foi ver o pessoal do Presídio Esmeraldino Bandeira, que tinha conseguido entrar com papelotes de cocaína (conhecidos como "balinhas"), vendendo-os para os internos do Água Santa. E mais louco ainda era ver as presas também comprando. Pagavam e recebiam por uma teresa de náilon, muito fina, quase imperceptível.
Finalmente chegou minha vez e fiz os dois exames. Na saída tínhamos de passar novamente pela inspetoria para carimbarem nossa volta, com horário etc. Quando estava passando pela catraca, o mesmo agente que tinha mandado esconder o bilhete me entregou mais um. Ele ria.
— Essa morena tem uma falha nos dentes da frente.
Eu sabia de quem ele estava falando, ela sorrira para mim na fila. Não era feia, provavelmente só muito pobre e maltratada. Estava guardando o bilhete no bolso, quando alguém segurou meu punho. Fazia isso e dizia em voz alta...
— Revistem ele e fechem tudo, ninguém entra nem sai.
Olhei assustado e vi o inspetor. Um minuto depois, cercados por alguns guardas, fomos encaminhados de volta para o pátio, onde estivemos anteriormente. Ouvíamos o berreiro das mulheres no segundo andar, e tudo ficou muito confuso. Puseram a gente encostado na parede e nos revistaram minuciosamente. Tivemos de tirar os sapatos e abaixar as calças e as cuecas. Os internos que estavam em pleno exame foram revistados lá mesmo. Uma hora depois, os que foram pegos com balinhas
298
foram encaminhados para a delegacia. Nós quatro, da Lemos de Brito, voltamos sem problemas.
Na hora em que o inspetor me segurou e começou berrar "revista ele", eu quase morri de medo. Já tinha ouvido histórias de internos que, na hora do aperto, tinham enfiado a cocaína no bolso de outro.
Voltei e fui direto para a cantina do Antônio, estava morrendo de fome, não tinha nada no estômago por causa dos exames, fora o susto, que me deixou tremendo até aquela hora. Comia arroz, feijão,

bife e salada de tomate, pensando no Humberto, que deveria providenciar os documentos que provavam minha permanência na delegacia de Cabo Frio e nos outros dois presídios. De posse dos exames e desses documentos, eu só teria de mudar de galeria. Aí, estaria pronto para o parlatório.
Depois do almoço subi e me deitei um pouco, respirei fundo e procurei ficar bem relaxado, para pôr em prática o que aprendi no Mind Control. Ainda não tinha me recuperado do susto no pátio do hospital. Respirei fundo várias vezes até me sentir bem relaxado. Procurei pensar no apartamento de Marilena e lembrei de cada canto. Depois, fiz o mesmo na casa de minha mãe, pensei na minha cama e imaginei mamãe entrando no quarto para me ver. Adormeci mas não profundamente, porque lá onde eu estava de verdade era meio complicado. Acordei com Lambreta batendo em minha porta, era hora dos noticiários, ele curtia sentar e ficar assistindo.
Mais ou menos dois dias depois: "5/11/1982, são seis horas da manhã, sem sono começo a escrever sobre o dia de ontem. Foi diferente por vários motivos, um deles foi o calor que, segundo os noticiários, passou de 39 graus. Aqui acho que chegou aos 42 graus".
Depois, lá pelas três horas, quando eu estava na vigilância, completamente molhado de suor, o telefone do Waldique tocou. Ele falava me olhando, escreveu algumas coisas num pedaço de papel e desligou. Em seguida me mandou à sala do diretor, dizendo:
— Dr. Humberto está lá com ele.
Assim que entrei na sala, vi que meu advogado tinha um envelope amarelo na mão, adivinhei que eram os documentos que estava esperando.
O diretor era sempre muito gentil, tomei café, fumei, batemos papo. A uma certa altura ele comentou:
— É incrível o seu poder de adaptação.

Depois mandou chamar a chefe do serviço social para entregar-lhe os documentos que tinham acabado de chegar. Ela demorou um pouco e quando apareceu e recebeu todos aqueles papéis, comentou com cara fechada:
— Esse interno se mexe com muita desenvoltura dentro do sistema. Dr. Patrício me olhou, fez sinal para não me manifestar e pediu a ela que se empenhasse para tudo estar em ordem em quinze dias. Depois de conferir os documentos, constatou que, realmente, com os dias que estava lá, mais o tempo que eu tinha passado nas duas outras unidades do sistema em 1977, estava apto à visita íntima. Pôs tudo de volta no envelope e saiu. O diretor comentou:
— Ela não está acostumada que eu me meta nesses assuntos. Você já mudou de cubículo?
Como isso não tinha acontecido... pedi a colaboração dele. Fez que sim com a cabeça, levantou-se e estendeu-me a mão. Tinha encerrado a entrevista. Despedi-me dele e de Humberto e saí.
Fui direto para a mesa do Waldique, queria saber o que ele escrevia enquanto falava no telefone com o diretor. Quando ele me viu vasculhando sua mesa com o olhar, perguntou:
— Está procurando isso?
Ele tinha anotado apenas "procurar cubículo em galeria de parlatório". Contente com o resultado daquele dia, fui para minha mesa escrever algumas cartas.
Para o Raul eu escrevia sempre. Apesar de sua pouca idade, me abria com ele. Mas Cláudia, Adriana e Zé eram diferentes, não queria enchê-los com meus problemas. Mas aproveitaria que o dia tinha caminhado razoavelmente, meu moral estava bom, eu saberia achar as palavras certas. Afinal, Claudia e Adriana já tinham me escrito cartas muito carinhosas. Comecei a escrever e parei. Algo me incomodava e logo descobri o que era. Tinha achado a chefe do serviço social esquisita, talvez não tenha gostado de ter recebido os documentos da mão do diretor.
Consegui um passe com o chefe e fui até o serviço social fazer política de boa vizinhança. Como eu estava certo! Se não tivesse ido, os documentos teriam sido engavetados. Segundo Waldique, que conhecia todos os trâmites, a única coisa que as moças tinham de fazer era encaminhar aqueles

documentos para a seção de disciplina, que, por sua vez, daria a autorização para a vigilância providenciar minha mudança de galeria.
300
Tive sorte, quando cheguei ao serviço social encontrei o Pira, que, discretamente, me apontou para uma caixa cheia de papéis. Reconheci entre eles o envelope amarelo. Não tinha a menor idéia de como fazer para pedir que me ajudassem, então fiz o mais simples: expliquei que meu cubículo estava inabitável e sugeri que me deixassem ser o portador dos documentos até a disciplina. Afinal era só uma mudança de galeria. Ela balançou a cabeça e...
— Antes que o diretor me cobre... toma, leva isso de uma vez. Pira aproveitou e saiu também. Assim que ultrapassamos a portaria, comentei aliviado que a primeira fase fora vencida e Pira respondeu:
— É, essa mulher não vai muito com sua cara e com a minha então... ela prefere ver o diabo.
A noite, depois do jornal, desci para comer alguma coisa numa das cantinas. Já estava terminando quando um interno sentou-se ao meu lado. Abriu o jogo de cara:
— Vão tentar atrapalhar sua mudança, seus documentos estão junto com outros que só vão andar na semana que vem.
Agradeci e não falei que já tinha providenciado tudo. Voltei para o cubículo e comecei novamente a escrever as cartas que tinha interrompido.
Confesso que, apesar de ter entregue a documentação pessoalmente, a conversa daquele interno tinha me assustado. No pouco tempo de convivência naquele ambiente, já tinha assistido a tanta sacanagem que não dava para ter certeza de nada. Se os funcionários fossem unidos, podiam muito bem me sacanear.
No dia seguinte fui cedo para a vigilância, fui o primeiro a chegar, tive de ficar esperando o Chaves, era ele que abria a seção todo dia. Apareceu rindo e...
— Ai! Passei uma noite maravilhosa.
Adorava dar essas desbundadas de vez em quando. Ajudei a limpar a sala e a pôr as fichas usadas no dia anterior de volta aos arquivos. Os outros três chegaram e ficamos batendo papo até o chefe chegar. Dos outros três só conhecia melhor o Luiz. Contou-me várias vezes que conhecia a Lemos de Brito desde menino, quando ia visitar o pai. Foi criado na vagabundagem e acredito que tinha mais tempo de cadeia que de liberdade. Era completamente louco, traficava o tempo todo e, apesar do medo que sentia, corria riscos enormes. Às vezes, o pessoal ia buscarbalinhas" na seção. Segundo ele, lá era o lugar mais seguro.
301
Waldique chegou, foi direto para sua mesa como de costume, sem falar com ninguém (não era mau humor ou falta de educação, ele já conversara com o chefe de segurança e com o inspetor do dia), abriu a gaveta e me entregou a transferência de cubículo.
— Vá tratar disso, acho que este cubículo está melhor que o atual.
Já tinha falado com Marilena de manhã, quis ligar novamente mas a fila era muito grande. Fui à inspetoria para saber se eles sabiam do paradeiro do Português, como ninguém sabia de nada, deixei recado no seu cubículo para me procurar, porque tinha uma reforma para ele fazer. Eu nem tinha visto a nova moradia, mas imaginava o estado em que deveria estar. Tinha de andar rápido, a qualquer momento poderia aparecer outro para ocupar o meu lugar. É verdade que era pouco provável, já que o Waldique era o encarregado dessas coisas.
Meu novo endereço: Terceiro Pavilhão, primeira galeria, cubículo 7.
Quando cheguei à galeria, ela estava quase vazia. Fui procurar o xerife para mostrar a transferência e saber se estava tudo bem. Já estivera com ele na vigilância, que era a seção onde todo interno tinha de fazer contato se precisasse se movimentar pelas dependências não carcerárias, tais como: enfermaria, gabinete dentário (que só tinha dentista uma vez por semana, porque a aparelhagem, ou não existia ou tinha sumido num passe de mágica), hospital, disciplina, etc.

Ele estava fazendo café e me ofereceu. Aceitei por curiosidade, pois achei interessante seu fogareiro. Um tijolo, um fio ligado à rede elétrica (que naquela galeria funcionava) com uma resistência na ponta, que, posta numa lata com água, a fervia em poucos segundos. Tomamos o café, fumamos batendo papo e fomos olhar o cubículo 7. À primeira vista, estava tão ruim como o outro, mas, olhando melhor, vi que tinha uma pia no canto, embaixo da janela. Fui até lá e abri a bica. Correu água do cano onde instalaria um chuveiro; a mesma coisa, não em abundância, mas saía. A cama (original), estava em bom estado. Eu pensava... é só pintar, colocar um chuveiro elétrico e uma cortina de banheiro... quando ouvi a voz do Português atrás de mim. Ele falava para o xerife que em duas horas pintaria tudo. Diante disso, pedi um orçamento em que constasse a colocação de chuveiro e vaso sanitário. Tudo branco, menos o cano do chuveiro e as barras das janelas. Isso, queria pintado de azul. Tinta não era problema, um funcionário compraria, e chuveiro, a mesma coisa... então, era só começar. Ele estava

acabando de pintar dois cubículos e só começaria em dois dias. Na segunda-feira.

Agora, eu iria começar o mais difícil, a mudança. Tinha de começar imediatamente. À noite, na hora do "confere", tinha de estar lá, de pé, respondendo "presente".

Foi complicado, apesar de contar com a ajuda do Lambreta. O colchão era enorme e a privada deu tanto trabalho para tirar que quase desisti dela. Depositamos tudo no corredor da galeria e eu mesmo lavei o cubículo.

Pedi emprestado para o xerife uma escova de bom tamanho, um balde e uma vassoura de piaçava. Depois de uma hora de muita esfregação, o lugar estava quase limpo. Pus todos os meus pertences para dentro, inclusive o colchão, que era um palmo mais largo que a cama. Adaptei uma tábua, que Alfredo, chefe da estofaria, me arranjara depois de ir comigo até o cubículo e estudar o problema. A tábua só foi parar lá porque o inspetor, que devia alguns favores ao Alfredo, fechou os olhos quando ela passou. A privada ficou num canto e o isopor como antes, servindo de criado-mudo. O Careca apareceu e ligou a antena da minha TV na antena do vizinho e me prometeu uma lâmpada de cabeceira já instalada. Olhando de fora, não estava muito diferente do outro cubículo.

Depois de comer alguma coisa numa das cantinas, voltei para descansar e ver TV. Adormeci e acordei com o vizinho da frente me chamando, ia começar o "confere". Parado na porta depois de responder o "confere", fiquei olhando e estudando meus novos companheiros. Todos, pelo menos à primeira vista, me pareciam bem, e ninguém ficou me olhando com curiosidade. Para manter o lugar numa das duas galerias do parlatório, o interno tinha que conservar o cubículo sempre limpo e ajudar a manter a higiene. Isso era fiscalizado pelos próprios companheiros. Enquanto o "confere" continuava, o vizinho da frente comentava que a direção estava pensando em acabar com as cantinas, que eram quatro ou cinco. E o pessoal estava achando que o responsável era o senhor Hugo, que não queria concorrência.

O "confere" acabou e o senhor que falava isso se aproximou:

— Meu nome é Antônio, sou o cozinheiro do refeitório dos funcionários, já mandei comida para o senhor algumas vezes. Vou jantar daqui a pouco, quer me fazer companhia?

Já tinha comido, mas aceitei, queria combinar com ele minhas refeições dali para frente. Além disso, não ia fazer uma desfeita, o homem estava sendo gentil. Era um roceiro da região de Campos, moreno, forte com uma postura muito séria. Descobri com o tempo que era temido por todos. Era desses camaradas que todos tratam com respeito. Tinha matado um vizinho por disputa de terras. Comi um pouco da sua comida, assisti à TV, conversamos sobre mandar pintar a galeria. Depois combinamos que me traria jantar todas as tardes. A cozinha e o refeitório dos funcionários ficava no primeiro andar, perto do escritório do diretor. Depois desse dia, muitas vezes na hora do almoço, ia lá visitá-lo e comer alguma coisa; ele fazia doces e bolos muito gostosos. A cozinha era muito bem

montada e ele a conservava brilhando. Era muito exigente com seus ajudantes. Mas, apesar disso, o ambiente ali era alegre e eu gostava de ir lá.
Domingo à noite, estou há algum tempo trancado no meu cubículo, não acostumo com a partida da família. Quando toca a sirene terminando as visitas, todos já estão cansados, pois foram cinco horas de pátio em bancos de concreto, fora a fila para entrar. Repleta de gente reclamando, cheia de pacotes, com odores de todos os tipos de comida. Eu também fico cansado, mas quando os vejo de costas sempre sinto falta de ar.
Ontem de manhã fui andar e tomar sol, depois fui assistir à Baiana estender a toalha, queria pedir para pôr alguns pesos nas pontas porque ventava muito. Mas não foi necessário recomendar, ela já tinha prendido a toalha. Convidei-a para uma Coca-Cola e depois fui para o cubículo. Ainda não tinha água quente porque a reforma começaria na segunda-feira, às 7 da manhã. Antes de começar a me arrumar, juntei as duas páginas que tinha escrito e dobrei-as para entregar a Marilena.
Olhando aquelas folhas dobradas, comecei a pensar nela, na sua ternura e em todo o esforço que fazia vindo de São Paulo toda sexta-feira, para passar aquelas horas comigo. Peguei meu bloco e escrevi...
"Amor,
que bom que você está chegando, como preciso de você, do seu amor e do carinho que me dá. Você é minha força e a razão de eu querer lutar. Quero que saiba que a amo e que só agora compreendo o que é amor. Você

me fez ver a vida de uma maneira diferente. Hoje sei o que é verdadeiramente amar e o quanto tudo isso é profundo. Estou passando um mau bocado, mas você reduz muito meu sofrimento.
Um beijo, bem beijão, beijão mesmo, com aquele carinho. D."
Dobrei mais aquela página com as outras e entrei debaixo do cano com a água aberta no máximo. Apesar disso, a água não era muita. O Português já tinha me avisado que o cano estava meio entupido, mas ele daria um jeito. Quando fiquei pronto e desci, papai e Raul já estavam me esperando. Meu filho estava ótimo, tinha engordado um pouco. Quando me viu me abraçou muito, demonstrando toda a amizade e amor que nos unia. Em seguida chegou Marilena e fomos para a mesa. Estava de mãos dadas com minha mulher e meu filho, com papai na minha frente, quando senti alguém fazer cócegas na minha nuca, olhei e vi o Caco (Luiz Carlos), com mamãe logo atrás, escondida para me surpreender. As horas passaram rápidas, mamãe e Caco voltariam para São Paulo pelas praias, pela rodovia Rio—Santos. Um pouco antes de terminar a visita, Pira veio conversar a respeito da festa de Natal dos filhos dos presos. Contou dos shows e da campanha para angariar brinquedos que estávamos promovendo.
— O Doca já contou que ele será o próximo presidente da LEP?
Como não tinha contado... expliquei do que se tratava. Em seguida tocou a sirene para horror do meu irmão, que desde criança detestava esse tipo de som. Despediu-se e saiu apressado para não ouvir a segunda, que tocaria novamente em cinco minutos. Saí da mesa abraçado com minha mãe, que desta vez agüentou e não chorou. Depois de me despedir de todos, esperei que eles desaparecessem. Amanhã teria mais, só que seriam apenas Marilena, papai e Raul.
Agora estou aqui, depois da visita de hoje (domingo), que foi ótima com Raul contando o esforço que estava fazendo, trabalhando e estudando. Tive meus momentos com Marilena, enquanto ele e papai foram à cantina e demoraram um pouco.
Agora, trancado, sem querer olhar a galeria e enfrentar minha realidade, fico imaginando os dois (Marilena e Raul) no ônibus. Depois, entendendo que não adianta ficar sofrendo, acendi a luz e comecei a Pensar na reforma que ia começar no dia seguinte. Comecei a rir ao lembrar da sexta-feira passada, quando no fim da tarde o diretor mandou

me chamar para entregar um estudo sobre visita íntima que estava em inglês. Era para eu traduzir (o mesmo estudo que o capitão Astério tinha me dado para traduzir no Água Santa). Mas eu ria por causa do susto que ele levou quando contei que era o Português que ia reformar minha nova moradia. Ele disse:
— Não deixe ele sozinho nem um minuto, ele vai roubar tudo, é cleptomaníaco.
Como sempre, ele era educado e me levou até a porta. Era fim de tarde e um dos internos que trabalhava ali cumprimentou-o. Era chamado de João do Lago. Patrício já tinha falado dele e, ao vê-lo, fechou a porta e me puxou de volta.
— Esse aí, com cara de bonzinho, seduziu um menino de oito anos com balas e chocolates. Levou-o a um lago, estuprou-o e matou-o. Agora virou "Bíblia", reza e fala em Deus o dia todo.
Estava divagando sobre essas coisas quando bateram à porta, o "confere" ia começar. Ao abri-la, dei de cara com seu Antônio, que estendeu meu prato, só que naquela noite era com comida vinda da casa dele, feita por sua mulher. Ele tinha esquentado e estava pronta para comer.
Fiz alguns amigos na prisão, muitos deles como seu Antônio, completamente desinteressados, apenas queriam ser amigos. O "confere" acabou e fui ao seu cubículo agradecer e levar um pedaço de bolo. Tinha acabado a semana, no dia seguinte só pensaria na reforma. E claro... ficaria de olho no Português.
Às duas da tarde a reforma estava pronta, só o chuveiro não fora colocado, porque o entupimento vinha do vizinho, que já estava avisado; no dia seguinte seria visitado pelo Português. Sua chave ficaria com o xerife. De resto estava pintado, vaso sanitário instalado, pia funcionando e o cano com mais água. Que era pouca para o chuveiro elétrico, que só foi colocado dois dias depois, após ser sanado o problema do vizinho. Novamente eu mesmo fiz a faxina. Comecei ajudando o Português com o entulho, depois lavei e esfreguei até ficar exausto.
MEU CUBÍCULO ESTAVA PRONTO, ATÉ CORTINA PARA SEPARAR LAVAtório, chuveiro e vaso sanitário tinha. Continuava preso e sem nada, mas agora tinha quarto para dormir e água para tomar banho.
306
Fui para a seção só para dar uma olhada, já que era fim do expediente. Além do mais, queria comprar gelo e alguns refrigerantes. Passei antes na cantina e encontrei Hugo chateado. Ele me confidenciou:
— Os donos de cantina acham que eu armei para eles. Isso é um absurdo, eles são meus maiores clientes.
Contei que estava tudo na mesma, e as cantinas estavam funcionando. Ele continuou:
— É, mas está sumindo muita carne e, se continuar assim, vão ter de tomar alguma providência.
Eu ri e ele também. Quando cheguei à seção eles já estavam fechando, e o senhor Waldique indo embora. Foi só o tempo de eu agradecer pela colaboração.
Pira apareceu, vinha da sala do diretor, trazia um pacote na mão, dava para perceber que era um prato.
— Vamos experimentar esse frango lá na galeria, que eu preciso falar com você.
A tarde estava muito clara e com a galeria encerada, tudo brilhava. Comemos o frango e conversamos sobre muitas coisas, inclusive sobre o meu amigo "banqueiro". Fui eu que toquei no assunto, estava achando que já tinha passado um bom tempo e, se o material esportivo tivesse de vir, deveria estar chegando. Estávamos no fundo da galeria onde tinha um sofá de bom tamanho.
Atrás, terminando a galeria, havia grades grossas do chão ao teto. Nas outras galerias, onde o fundo também tinha grades, os internos sentavam-se com as pernas para fora, porque podiam olhar parte da cidade ou do morro, dependendo do pavilhão.
Pira tranqüilizou-me:
—Você não entende essas coisas... se ele mandou uma pessoa aqui, para falar comigo e com algumas outras pessoas, inclusive da administração e prometeu a sua família que ia ajudar, é porque vai. Além disso, ele costuma ajudar as ligas esportivas de outras unidades. Mas chamei você por outra razão...

vou pedir uma "dormida" ao diretor para esse fim de semana e pedirei, em caráter excepcional, "dormida" para cinco internos que estão com a documentação quase pronta. E o primeiro nome da lista é o seu. Vou pôr você nessa parada.
Aconselhou a pedir para o médico um atestado de saúde extra, Para substituir os exames que ainda não estavam prontos.
307
— Faça isso rápido.
Fiquei muito excitado com as novidades e fui para minha galeria com aquilo na cabeça. Será que o médico daria o exame? E Marilena... se assustará, sentirá medo? Ficaria horrorizada com as galerias e com o cubículo? E o chuveiro, estará instalado? Era uma enxurrada de questionamentos angustiantes que eu só conseguiria resolver no dia seguinte.
Para me distrair, liguei a televisão. Não adiantou muito, não conseguia prestar atenção. Seu Antônio chegou com o jantar depois do "confere". Como sempre, ele chegava mais tarde. Eu até preferia, não gostava de jantar cedo. Entregou o mesmo frango que eu tinha comido com Pira. Guardei um pedaço para comer mais tarde e fui visitar o xerife, provavelmente ele ainda não tinha jantado. Passei pelo Português, que era vizinho dele, e entrei sem cerimônia no cubículo ao lado.
Ele enrolava um baseado e não se surpreendeu com minha presença. Com a cabeça mostrou a ponta da cama para eu sentar. Quando acabou de passar a língua na seda e terminou o que estava fazendo perguntou:
— O que você tem aí?
— Frango, que seu Antônio acabou de trazer, quer para você? — respondi.
— Deixa aí, depois devolvo o prato.
Acendeu o baseado e me passou imediatamente, fazendo força para segurar a fumaça que tinha puxado. Expliquei que não tinha ido lá para isso, mas estendi a mão e aceitei, talvez me sentisse menos ansioso. Todos o chamavam de Bigode, era branco, sempre com barba por fazer, com um bigode enorme. Cabelo liso, caído para a frente e olhar debochado. Não gostavam dele, era matador profissional e diziam que tinha exterminado uma família na região dos lagos. Eu não tinha nada a ver com aquilo, ele me tratava bem e era só o que interessava.
Depois de dar algumas tragadas, agradeci e voltei para o meu cubículo. Tranquei-me e comecei a assistir Odorico Paraguaçu, que naquele momento queria trazer a ONU para Sucupira. Acho que fiquei tão relaxado que adormeci e acordei à uma e 45 da manhã. O filme que estava passando eu já tinha visto. Desliguei a TV e comecei a pensar no Raul, na última carta que me escreveu, tão carinhosa. Foi engraçado porque eu recebi a carta de manhã e ele esteve comigo à tarde. Aí, meu pensamento retornou àquela tarde com Pira me comunicando sua decisão de tentar incluir meu nome e o de Marilena na próxima "dormida". Foi o mesmo
308

que ligar uma pilha em mim. Evidentemente, dormi pouco aquela noite, além do mais, lá pelas quatro horas, agentes penitenciários estiveram na galeria. Transferiram um interno para outra unidade. Isso acontecia às vezes. Geralmente, quando a administração desconfiava que o interno corria risco de vida.
Novamente fui o primeiro a chegar à seção. Assim que o senhor Wal-dique chegou, pude ir à enfermaria. Consegui do médico a liberação dos atestados de saúde. Por escrito, é claro. Era um documento encaminhado ao serviço social, atestando minha saúde perfeita e me autorizando a freqüentar o parlatório, enquanto os exames não chegassem. À tarde, eu mesmo levei, protocolado, o atestado para as moças do serviço social.
Agora era só esperar e ver se daria tudo certo. Não poderiam alegar que eu estava sendo privilegiado, já que havia mais quatro na mesma situação.

Telefonei para Marilena para contar todas essas novidades e, mais tarde, como fazia todo dia, anotei: "Acho que conseguirei essa dormida tão surpreendente, mas fica no acho, vamos ver como me saio. De resto tudo é rotina, rotina de prisão".
Alguns dias depois: "Nesses dois últimos dias, passei bastante tempo no cubículo, quero deixá-lo com jeito de quarto. Enquanto arrumo, limpo e me certifico de que está tudo em ordem, ouço pelo corredor da galeria corretores (assim são chamados os vendedores) oferecendo coisas para vender. Relógios, camisas, toalhas de rendas feitas por internos, rádios e outras coisas que eles conseguem em consignação. É incrível, sai um corretor, entra outro oferecendo mais ou menos a mesma coisa. Na outra galeria isso não aconteceu, acho que lá o pessoal é muito pobre. Agora há pouco, como quase todas as portas estavam fechadas, um passou berrando suas ofertas".
Era verdade, eu também achava a mesma coisa que o diretor, eu tinha um grande poder de adaptação. Também... eu não tinha opção, ou encarava e vivia aquela vida ou enlouquecia. Mas meus momentos de desespero eram constantes. A cada minuto de adaptação e luta para vencer e fazer o tempo passar, tinha três de revolta e dor. Revolta, porque aquele Doca de cinco anos atrás tinha mudado muito. Os valores eram outros. O que sobrou foi a dor. Dor de lembrar o sofrimento que causei a minha ex-mulher, dor por Ângela, que era uma mulher linda, livre e inteligente. E o pior de tudo, o inexplicável, o inconcebível... matar. Eu tinha

muito tempo para pensar em tudo isso. Não adiantava tentar esquecer. Não dava para passar uma borracha e apagar tudo. Muitas vezes, quando pensava em Marilena, em reconstruir minha vida, me sentia estranho envergonhado. Será que tinha direito de pensar nessas coisas? Então, encarava a prisão como uma etapa. Não sei explicar; não me revoltava estar preso, disso eu tinha vergonha. A revolta era comigo mesmo, por não ter sido adulto o bastante. Afinal, aos 42 anos de idade, já devia ter vivido o suficiente para ter evitado aquele acúmulo de desatinos.
Assim, me adaptar era tudo o que eu podia fazer. Estava preso. Estava pagando por querer mais da vida e das emoções. Agora... como se define um preso? Um número dentro da sociedade carcerária, um nada. Uma pessoa que perdeu a cidadania. No meu caso, por um longo período.
Depois de muita luta e aflições, consegui que Marilena viesse passar o sábado e o domingo comigo. O tão esperado parlatório. Houve momentos difíceis, quase que deu zebra. Tinham me informado que a chefe do serviço social estava furiosa. Na visão dela, eu só teria direito a visita íntima depois de cumprir seis meses da pena. Nada a fazia compreender que isso já tinha acontecido.
Sábado, à uma hora da tarde, eu estava pronto. Banho tomado, barbeado e tudo o mais. Como Marilena e papai se atrasaram, a minha expectativa era muito grande. Mil coisas se passavam em meus pensamentos. Será que ela perdeu o avião? E se na hora H ela sentir medo e for embora?
Mas ela e papai chegaram e passamos uma tarde normal. Às vezes Marilena cochichava...
— Estou morrendo de vergonha de seu pai.
Às quatro e meia, os alto-falantes anunciaram a decisão do diretor de conceder a "dormida" naquele sábado. Os casais que tivessem autorização poderiam ir se dirigindo para suas galerias. Teriam de voltar ao pátio no dia seguinte até quatro e meia. Despedimo-nos de papai e subimos com nossos pacotes.
Marilena subiu as escadas prestando atenção em tudo, nas paredes imundas e nos degraus de que faltavam pedaços. Quando chegamos à galeria, é claro que ela sofreu o impacto de encontrar um corredor enorme, com cem cubículos, cinqüenta de cada lado. Não eram todos que estavam sendo ocupados naquela tarde. Alguns casais subiram mais tarde, quando a visita terminou. Os internos que não recebiam suas

companheiras, tinham de chegar, entrar em seus cubículos e não ficar pelo corredor, se saíssem era para ir ao pátio. Alguns casais levavam os filhos pequenos ou recém-nascidos, ficavam com a porta

aberta e deixavam as crianças no corredor. Eu sabia de tudo isso porque já tinham me instruído a como me comportar no parlatório. Ali a lei era respeito absoluto. Os casais com crianças se ajudavam e se revezavam estrategicamente para que o outro tivesse alguns momentos de tranqüilidade. Muitas vezes se visitavam, porque as esposas eram amigas e se reuniam para fazer as refeições juntas. Naquele sábado, poucos foram os moradores da primeira galeria, no terceiro pavilhão, que subiram, porque a maior parte não sabia da "dormida" ou não teve tempo de avisar. Deixa eu explicar: os que tinham direito a visita íntima recebiam sua companheira todo domingo, das onze da manhã às quatro e meia da tarde. As dormidas eram exceção.

Assim que entramos no cubículo, Marilena esperou eu passar a tranca (um ferrolho igual ao de uma carabina, só que enorme), e começou a examinar o lugar, olhou tudo e depois veio me abraçar e dizer que me amava e não interessava onde estávamos, que para ela estava tudo bem. Eu estive apreensivo, esperando uma reação de medo da parte dela, mas com aquela atitude relaxei. É claro que ela não conseguiu esconder sua tristeza por ver minha moradia, mas foi um minuto. Daquele minuto em diante esquecemos do mundo; rimos, brincamos, nos amamos e assistimos à TV. Aquele minúsculo cubículo de penitenciária virou para mim "um mundinho de carinho e amor".

Meu isopor estava cheio de gelo e refrigerantes, e Marilena trouxera sanduíches. No domingo de manhã, fui à cantina e voltei com uma garrafa térmica cheia de café. Como o pão estava quentinho (tinha acabado de chegar), levei um pouco também.

Namoramos, conversamos e fizemos planos até às quatro horas, quando a sirene tocou a primeira vez, avisando que dentro de meia hora todos deveriam estar no pátio. Aquele foi o momento triste daquelas 24 horas. Marilena chorou, me abraçou com muito carinho, me olhou e sorriu com tristeza.

Como papai chegaria às quatro, abandonamos o cubículo imediatamente e fomos para o pátio ao seu encontro. Ele estava sentado à mesa com dois pacotes da Confeitaria Colombo, um de empadinhas e outro de coxinhas. Devoramos aquilo em poucos minutos. O dia estava muito

claro e quente. As telhas daquele galpão eram de amianto, o que aumentava muito o calor. Para piorar, o volume de visitantes era enorme e não dava para sairmos dali. Lembro-me de papai dizer que, no verão, o clima do Rio era obsceno.

Duro mesmo foi assistir à partida. Marilena e eu ficamos abraçados até o último instante. Cinco minutos depois estávamos (nós, os internos) em nosso túmulo novamente. Era exatamente assim que me sentia. Enterrado vivo.

No dia seguinte, um pouco antes do almoço, fui chamado ao serviço social. Queriam me informar que tinham recebido meus exames e estava tudo bem. Oportunamente, quando Marilena estivesse na cidade durante a semana, devia vir visitá-las. Elas foram tão legais, que parecia mentira que tinham feito oposição à "dormida". Perguntaram tanto se esteve tudo bem, que contei que me sentia enterrado vivo toda vez que as visitas iam embora. A chefe, que era mais experiente e estava no sistema havia bastante tempo, "cascuda" (mais velha) como diriam os internos, aconselhou-me:

— Você tem de encarar isso como se estivesse doente e internado em um hospital. Um dia, quando perceber, estará curado.

Com toda a documentação em ordem, Marilena começaria a visita aos domingos, a partir das onze horas.

Agora era lutar pelos outros direitos. Eu já tinha percebido que, com a Vara de Execuções Criminais, o apenado tinha de estar sempre atento, reivindicando seus direitos, com requerimentos e pedidos ao juiz. As leis de Execuções Penais eram mais conhecidas por alguns internos do que pelos próprios advogados. Telefonei para Marilena e pedi que me trouxesse um Código Penal. Ela estranhou...

— O que você vai fazer com isso?

— Estudá-lo, meu amor.

Telefonei para meu pai que sempre queria saber tudo, mas ele tinha vindo me trazer um rádio novo,

o outro tinha quebrado na mudança. Eu estava muito excitado. Isso aconteceu várias vezes comigo, sempre que conseguia marcar um ponto no sistema. (É incrível estar preso. Não dá para descrever exatamente a angústia que sentia e a alegria de cada conquista.)
Fui para a seção esperar papai chegar. Atravessei a porta e dei com ele sentado conversando com Waldique. Os dois se encontraram na entrada e o chefe o convidou para tomar café. A dedicação de meu pai era
312
tamanha, que conquistava todo mundo. Ele não podia ficar muito tempo porque tinha hora marcada com Evandro, me entregou o rádio, me abraçou, agradeceu muito ao Waldique e foi embora.
O calor daquela semana foi terrível. Se novembro estava assim, não queria pensar no resto do verão. Todos se arrastavam pelos pátios e galerias, internos e guardas; ligar o ventilador ajudava pouco, o vento que produzia era morno. Assim mesmo, os pátios estavam cheios e havia futebol nas duas quadras. Como o material esportivo que pedi ao "banqueiro" ainda não tinha chegado, as bolas que usavam tinham sido doadas por mim. Quando eu chegava aos orelhões pela manhã, não precisava mais do Cuca, passava na frente de todos. Alguns faziam piadinhas do tipo "esse cara banca a prisão inteira". Disfarçadamente procurava localizar de onde vinha, não que eu quisesse revidar, isso nunca. Mas, se eu o descobrisse, poderia tomar cuidado quando aquele indivíduo estivesse por perto.
22/11/1982. Anotações: "O fim de semana chegou e no domingo (ontem), Marilena esteve aqui a partir das onze horas, com a documentação em ordem. Foi das primeiras a entrar, porque Renata, a esposa do Pira, que chegava em cima da hora e ia para o primeiro lugar da fila, tirou Marilena de onde estava e a carregou com ela. Nenhuma das mulheres da fila reclamou, dona Renata fez e pronto.
"O esforço que Marilena fez para não faltar neste fim de semana foi espantoso. Saiu de São Paulo na sexta-feira, cedo, de ônibus, e para chegar à rodoviária foi de metrô. Que bom, pudemos curtir nossa intimidade, esquecer do mundo e de tudo em volta.
"Marilena e eu já sabíamos que, se ela pudesse, teríamos um tempo só para nós, pelo menos uma vez por semana. Era um pontinho de nada, um meio degrau, para diante de uma condenação de quinze anos. De novo, quando tocou a sirene, Marilena se emocionou, mas eu, mais uma vez, agüentei firme, não derramei uma lágrima. Apenas abracei-a muito e lhe entreguei uma carta para sua filha Cláudia que aniversariava.
"Descemos e lá estava papai novamente com um piquenique."
No sábado, um dia antes, depois de revistada pelas agentes penitenciárias, ela recebera a credencial de visitante companheira, com fotografia e tudo.
Conforme eu tinha pedido, recebi o Código Penal. Papai achou esquisito o meu interesse. Mas, depois de eu explicar que queria estudar
313
com profundidade o artigo 121 (crime de morte) e a minha sentença, ele entendeu e ficou preocupado. Eu continuei expondo meu ponto de vista para que ele e Marilena pudessem me ajudar.
— Em conversas que tive com Pira, com Waldique e com a chefe do serviço social, verifiquei que os presos têm alguns direitos. Exemplo: se o interno tiver família, residência fixa, trabalhar na prisão, tiver bom comportamento e for primário, depois de cumprir um sexto da pena, começa a ter direito de visitar a família no Natal. Com um terço, a trabalhar fora, voltando à noite para dormir. O próprio sistema encaminha ao juiz essas informações e, segundo consta, o interno só tem de fazer uma petição. E se nessa época, o pai, a mãe e a esposa forem visitar o juiz para pedir que atenda à petição, em noventa e nove por cento das vezes, ele concede os benefícios.
Bom... depois dessa explanação, os dois começaram a fazer contas. Era meio desanimador, só começaria a reivindicar esses benefícios depois de dois anos e meio.
Naquele domingo, depois do "confere", deitei para ver TV. Como queria ficar sozinho, fechei a porta

e passei a tranca. Acabei de fazer isso, bateram com força na porta. Antes de abrir, olhei pela portinhola, para ver do que se tratava. Eram seis guardas mandando eu abrir a porta, sair e esperar do lado de fora. Reviraram tudo, fizeram uma desordem danada e passaram para outro cubículo. Revistaram a galeria inteira e foram embora sem encontrar nada.

Os dias que se seguiram foram terríveis, o calor era tanto que as paredes suavam, à noite não acendia a luz para não esquentar o ambiente. O ideal era deitar, só com o ventilador ligado e mais nada, inclusive televisão, ficar bem quieto e não se mexer em hipótese alguma. Passado algum tempo assim, o corpo esfriava e a gente se sentia melhor. Infelizmente, nos primeiros dias de calor intenso, eu, inexperiente, fiquei entrando no chuveiro e indo para a frente do ventilador. Refrescava, é verdade. Mas me valeu uma sinusite fortíssima, que me maltratou muito.

Já estávamos no último domingo de novembro, o calor não dava sossego e a sinusite também não. Marilena e eu fomos para o pátio às quatro horas e papai ainda não tinha chegado. Apareceu cinco minutos depois com seu irmão mais velho e sua sobrinha Maria Zélia, que hospedava os dois, papai e Marilena. Uma santa, essa minha prima.

314

O pátio já tinha avisos sobre a festa de Natal, que seria realizada no domingo anterior ao dia 24 de dezembro. Os nomes de Elba Ramalho e Elke Maravilha estavam em destaque, para alegria dos marmanjos.

Quanto ao que se referia às crianças, eu estava sossegado, tinha informações de que minha amiga, dona da loja de departamentos, estava providenciando alguns presentes para serem distribuídos durante a festa.

Meu tio estava impressionado com o estado do prédio. Olhava para aquilo tudo com tristeza. Tinha trabalhado a vida toda no governo, era um burocrata competente, ligado à indústria e comércio do país no exterior. Ele falou pouco, mas fez um comentário que era bem o seu estilo:

— Que bagunça extraordinária.

Segunda-feira, 291182. Fui chamado ao serviço social para receber as coisas que minha amiga mandou da sua loja em São Paulo. Três bicicletas, duas televisões e outros brinquedos a que na época não dei importância e não anotei. A chegada desses presentes causou certo rebuliço e preocupação. O serviço social pôs tudo numa sala e ficou como depositário. Mas, como os internos que trabalhavam lá contaram que havia doações de bicicletas e televisões para serem sorteadas na festa, em pouco tempo todos ficaram sabendo e comentando. Os comentários eram incríveis, mas não eram fora de propósito, como pude constatar depois, quando conheci melhor o sistema. Eles diziam que ia sumir tudo. Quando Pira foi olhar os presentes, encontrou alguns agentes penitenciários tentando abrir uma das caixas para ver um dos aparelhos de TV. Ele achou que eles não podiam estar mexendo em presentes que tinham sido doados para a LEP. Aquilo causou a maior discussão porque os guardas retrucaram que tudo ali era meu e estavam só olhando. Para encurtar a novela: fiz uma doação por escrito para a LEP e os presentes saíram do serviço social e ficaram expostos no auditório para que todos pudessem ver.

Para completar o dia, o material esportivo que pedi para meu amigo "banqueiro" também chegou. Dava para fazer seis times de futebol de salão. Vieram seis jogos de camisa, redes para as traves, alguns pares de tênis e duas bolas de futebol. Tudo novo. O meu cartaz com os líderes estava alto.

Tenho de escrever líderes, porque naqueles últimos dias tinham vindo da Ilha alguns dos internos mais conhecidos da massa carcerária e, pelo que eu entendi, todos eram chefões. Andam todos juntos,

315

inclusive Pira, que conseguiu fazer uma movimentação de cubículos e colocar parte deles na quarta galeria. É verdade que ele se destaca, mas o ambiente estava diferente.

Algum tempo atrás, escrevi que encontrei Pira preocupado. Na época, eu ainda não tinha mudado de

galeria. Ele só tinha me dito que as coisas estavam complicadas e que às vezes ficavam muito difíceis. Eu não podia avaliar a razão de suas preocupações, tinha pouco tempo de sistema. Percebia que ele tinha muita força com o diretor. Na última semana, segundo comentários, conseguiu a transferência de um agente penitenciário para outro instituto. Tudo isso era comentado à boca pequena, aos sussurros.

Numa tarde em que Pira esteve no meu cubículo e estivemos conversando sobre a festa e sobre o torneio de futebol que ele estava pensando promover, comentei sobre o pessoal que tinha acabado de chegar da Ilha. Percebi que, embora fossem seus companheiros de longa data e pertencessem à Falange Vermelha, ele estava preocupado com a presença deles. Ele desviou o assunto, mas falou sobre a Ilha, do quanto ela era linda e que tinha sido feliz lá, na época em que foi preso de confiança e morava extramuros. Bom... essa é uma outra história.

Naquela tarde durante o papo me contou estes fatos: havia algum tempo, um dirigente quis fechar a Lemos de Brito. Parece que foi o dr. Patrício, na época em que assumiu a casa. (Estou escrevendo o que ouvi e anotei naquela tarde.)

Segundo Pira, o dirigente achava que o lugar era um caldeirão prestes a explodir, pois não tinha a menor segurança. Havia muitas brigas de quadrilha, muita gente jurada de morte etc; além do mais, o prédio estava em péssimo estado. Foi nessa época que Pira se comprometeu a acabar com as brigas de quadrilhas e com as mortes, e assumiu o compromisso de, junto com os internos, reformar o prédio. Em contrapartida, ele obteve parlatório de no mínimo quatro horas e "dormidas" se tudo andasse bem. Também, segundo Pira, havia dois anos não ocorriam problemas sérios na Lemos de Brito, tais como mortes e rebeliões.

Mas agora dois fatos o preocupavam, a mudança de governo que ocorreria em poucos dias (e com toda a certeza o dr. Patrício seria substituído), e a chegada do pessoal da Ilha, que de certa maneira o enfraquecia, porque acabava com seu poder absoluto.

(Obs.: Numa das revisões que fiz em meus relatos, em 1661987, escrevi: Pira era o dono da cadeia. O diretor inteligentemente não fazia nada sem consultá-lo. Enquanto dr. Patrício esteve na direção daquela penitenciária e Pira de olho nos internos, esteve tudo razoavelmente bem, o prédio tinha passado por algumas reformas e não tinha havido mortes. Mas, com a chegada do pessoal da Ilha, e com a mudança de administração do Desipe (Departamento do Sistema Penitenciário), logo após a troca de governo, as coisas começaram a mudar. Uma delas foi a troca do diretor daquela casa.
(Não vai aqui nenhuma crítica.)

Os dias iam passando e quanto mais eu compreendia o quanto era complexa a sociedade a que agora eu pertencia, mais desesperado ficava. No fim da primeira quinzena de dezembro, lá pelo dia 11, eu escrevia estas coisas: "Ando por aí feito um zumbi. Não consigo entender nada, pareço um pintassilgo novo de gaiola. Não há absolutamente nada, dentro da lei, que eu possa fazer para sair daqui. Há momentos em que chego a pensar que o mundo desabou na minha cabeça... aliás, desabou mesmo. O pior é que estou infernizando a vida de todo mundo, de Marilena, papai, Raul, mamãe, May, Luiz Carlos e de quem mais aparecer para me visitar. Não estou conseguindo me controlar, pois todo meu controle eu gasto aqui dentro. É tudo estranho e, além do mais, perigosíssimo. Sei lá, não acredito mais em recurso nenhum, esses tribunais superiores não vão me deixar sair daqui. Por que deixariam? Eu não cometi um crime? Não fui idiota o bastante para fazer isso? Minha luta nem começou. Vai ser aqui, dentro do sistema, desse jeito moroso que desanima qualquer um".

"Amanhã (sábado), não terei Marilena. Sua filha mais velha, Adriana, está chegando dos Estados Unidos."

Era um momento terrível para mim. Depois do impacto da chegada, o impacto de começar a entender o emaranhado daquilo tudo. A delegacia, Água Santa, Edgard Costa e os cinco anos de espera por dois julgamentos não tinham posto meus pés no chão. Todo este tempo eu estive, sei lá...

voando perdido. Só agora eu enxergava, e tudo estava claro. Tinha caído num grande poço, com paredes que eram puro limo.
Em poucos dias fiquei conhecendo e fiz camaradagem com alguns dos que tinham acabado de chegar: Jesus, Lâmpada, Mimo (educado, inteligente, gostava de conversar com o padre e... muito perigoso), Paulo e outros.
317
Quando esse pessoal chegou, eu já tinha adquirido o costume de bater paredão no pátio 3, que dava para o morro de São Carlos. Era um dos dois campos de futebol e eu ia para lá na hora do almoço, porque podia jogar sozinho.
A extensão que eu podia percorrer era enorme, ia batendo e rebatendo a bola com toda a força, andando para a direita e depois voltando, o que dava na ida e na volta mais de 130 metros. Jogava até a exaustão, só parava quando, já sem controle nos pulsos, começava a mandar muitas bolinhas de tênis por cima do muro. As raquetes de madeira que Marilena me trouxera eram as melhores e muito vistosas. Alguns internos ficaram tão encantados com aquele esporte, que tive de doar as raquetes para a LEP e pedir à Marilena que trouxesse outras.
Jesus, que fez amizade comigo, também adorou bater paredão, então começamos a fazer isso em dupla.
Todos os internos que já se achavam com direito de visitar a família no Natal, fizeram requerimento. Muitos já tinham recebido a informação de que estava tudo o.k. E a grande parte teve o pedido negado. Nos dias seguintes viria visitar a vigilância uma promotora da Vara de Execuções, para atender e entrevistar internos que estavam em dúvida se já tinham esse direito. Quem quisesse falar com ela teria de pôr seu nome em uma lista. O encarregado da lista era eu. Uma das pessoas que foram se inscrever foi Chico Tonelada, que também mantinha ótimo relacionamento comigo. Se inscreveu e saímos para andar um pouco. Como já escrevi antes, ele era educado e agradável.
Segundo ele, nunca tinha usado tóxicos, seu interesse era estritamente comercial. Fazia grandes transações e, até ser preso, nunca tinha tido contato com a Polícia. Era muito engraçado ouvi-lo contar esta história: ele estava em seu apartamento (não tenho certeza se era na Viera Souto), um por andar, luxuosíssimo. Começou a ouvir sirenes de tudo que era lado e, curioso, foi à janela ver o que se passava. Verificou que o quarteirão estava cercado pela Polícia. A campainha tocou e ele foi atender. Nunca esperou que aquele barulho todo fosse por sua causa. Abriu a porta e foi empurrado para o meio da sala por vários policiais de metralhadora em punho.
— Imagine o susto que levei... logo eu, que nunca segurei uma arma em toda minha vida.
Ele achava que tinha sido dedurado, porque trabalhava sozinho.
318
Houve muito estardalhaço pelos jornais, a pena dele era grande e já tinham confiscado vários bens que possuía, inclusive o apartamento. Segundo comentavam, ele pagava pedágio em "mercadoria" para a Falange deixá-lo em paz.
Eu nunca sofri esse tipo de pressão. Uma vez emprestei dinheiro para Pira comprar uma televisão igual à minha. Uma semana depois, quando me disse que me pagaria dentro de alguns dias, eu dispensei o pagamento, alegando que era em agradecimento pela sua ajuda. Uns tempos depois, Jesus fez exatamente a mesma coisa: pediu dinheiro para comprar aparelho de televisão, e também recebeu o mesmo tratamento. É verdade que pouco tempo depois, quando me mudei para a quarta galeria, esse pessoal que estava todo lá entrava em meu cubículo e se servia do meu isopor, que sempre estava cheio de refrigerantes, comiam meus doces e frutas, sem fazer a menor cerimônia. Também era verdade que ninguém chegava perto de mim, e tudo o que eles recebiam, como comida caseira, bolos, pó e fumo, me ofereciam. Esses últimos, eu aceitava mais por respeito a eles do que por vontade de usar. Não tenho vergonha de dizer que tinha medo de ofendê-los. Como também não me envergonho de dizer que tinha amizade por Pira e Jesus, apesar dos crimes muitas vezes hediondos

que cometeram e contaram sem remorsos, porque fazia parte de suas vidas. Quando morreram tempos depois, senti suas mortes. Os dois morreram pela vida que escolheram levar. Outro que me dava com ele e mataram foi o Gordo, mas foi em outra penitenciária e dois anos depois.
Com esse negócio de bater paredão, tentar jogar futebol e andar muito, melhorei um pouco meu ânimo e muito meu estado físico. Escrevo tentar jogar, porque já estava com 48 anos e mal via a bola. Quarenta e oito anos... eu tinha acabado de completá-los.
121282. Os jornais de hoje noticiam que a Polícia descobriu um túnel na Ilha e que tentaram uma fuga em massa, comandada por Jesus. Como é possível? Ele bate paredão comigo todo dia.
Hoje, o cardeal Dom Eugênio Salles esteve aqui e rezou uma missa no auditório. Fez um sermão bonito e desejou feliz Natal a todos os internos e a suas famílias. Falou de paz, de amor e de devoção. Todos ficaram muito atentos a suas palavras.
Domingo será a festa, distribuirão presentes. As bicicletas e TVS serão sorteadas. Fizeram rifa, venderam números, um rolo de que eu nem quis saber e muito menos averiguar. As galerias foram liberadas aos
319
visitantes e familiares. Bom... Marilena já conhece. Será que mamãe e Raul virão? Se vierem e quiserem visitar a minha galeria e cubículo, tudo bem... não há nada mais de que eu possa me envergonhar.
Essa semana foi incrível, consertaram e pintaram toda a fachada do prédio. Inclusive a portaria da rua. Reformaram a quarta galeria, enfeitaram-na toda, arranjaram até uma árvore de Natal de bom tamanho. Pintaram as escadas, HA! Os muros e guaritas também foram pintados. Batendo o olho de repente, o prédio estava no capricho.
Fui caminhar no pátio 3 e acompanhar o pessoal pintando o muro. Tinha descido para bater paredão, mas, como o muro estava impedido, fiquei andando. Vi Pira no canto da quadra, gesticulando bravo com um dos pintores, que amarrava na ponta de uma corda uma lata de tinta vazia. Como estava caminhando naquela direção, me aproximei. Ele gesticulava dando ordens, mas no duro estava se divertindo. A lata subia, ia até a rua e voltava com tinta a ser misturada do lado de cá. Eram duas turmas de pintores, os mais velhos e de confiança pintavam lá fora. De cada quatro ou cinco vezes que a lata ia e voltava, uma vinha com uma garrafa de cachaça. Isso deixava Pira preocupado. Não que o cara da guarita percebesse, acho até que ele não estava querendo olhar para aquele lado, entretido com as meninas do morro (aquele que eu via, do meu primeiro cubículo na sexta galeria). O que preocupava era se dois ou três de porre fizessem arruaça, puxando briga de faca na mão e... essas coisas. Enquanto eu conversava com ele, chegaram Xane, Jesus e Paulo. Que ficaram ali e tomaram conta de tudo até o fim. É bem provável que a bebida fosse deles, afinal, lá dentro, tudo se negociava.
Fora esse trabalho todo, a semana passou bem. Alguns internos angustiados esperando sair no Natal. Outros, angustiados porque bandido que é bandido sai e não volta. Voltando se dará mal, poderá até morrer. Havia angústia para todos os gostos.
Sexta-feira, no fim da tarde, Humberto veio me visitar; trazia notícias, segundo ele, boas. Um dos desembargadores tinha reconhecido irregularidades no corpo de jurados. Eu já estava tão cheio de conversa que nem me entusiasmei. Ainda por cima me irritei porque ele trazia uma revista Manchete com a entrevista do papai. Eu tinha gostado do papai na entrevista, mas não da entrevista. Achei fora de hora, queria que deixassem minha família e aquele assunto quietos. Além disso, na época tive a impressão de que a entrevista foi feita só para faturarem
320
mais algum. (Talvez eu estivesse enganado.) O fim do ano me deixava triste e tenso, eram datas que não festejava, acho que aquela visita não foi em boa hora.
O sábado e domingo sem Marilena foi esquisito, fiquei o tempo todo com a impressão de que ela ia

chegar a qualquer momento. No domingo, Maria Zélia veio com papai e lá pelas quatro horas apareceu o Grande.
A semana estava agitada. O prédio, pelo menos de fachada, estava com boa aparência. Como faltavam alguns detalhes, havia gente se movimentando para todos os lados. O Careca tratando da parte elétrica do auditório, porque durante a missa a voz do cardeal sumiu. Os pintores dando mais um retoque aqui e ali.
No meio da semana, a promotora da Vara de Execuções apareceu para ouvir e tentar ajudar alguns internos que não tinham conseguido autorização para visitar a família, injustamente ou por falta de algum documento, porque talvez não tivessem feito o requerimento corretamente. Em princípio ela estava lá para esclarecer e ajudar. Eu sabia que ela estaria lá e não fui à seção de propósito. Logo depois do almoço mandou me chamar. Eu não entendia por quê, já que não tinha direito a nada. Fui até lá e fiquei quieto na minha mesa. O último nome da lista era o do Chico Tonelada. Ele ficou sentado comigo esperando a vez. Num certo momento, só nós três ficamos na sala. Até o Waldique já tinha ido embora. Ela olhou para mim...
— E o senhor, não quer visitar a família?
Respondi que ainda não tinha direito. Aí, olhando para o Chico:
— E o senhor, qual é o problema?
Chico explicou que já tinha cumprido tempo necessário e seu requerimento tinha sido negado. Ela perguntou pelo nome completo (já estava com a ficha dele na mão).
— O senhor é aquele Tonelada, traficante, não é mesmo? Não posso ajudá-lo, o senhor causa muitos danos à sociedade, aos menores de idade e até às crianças. Se depender de mim, vai cumprir a pena inteira sem privilégios.
Ele se levantou, se despediu dela e saiu sem olhar para trás. Depois de fechar a seção fui deixar a chave na inspetoria, e o Chico estava lá me esperando.
— Você viu? Aquela mulher me odeia... fiquei tão desnorteado, tive que sair de lá correndo.
321
21121982. Domingo, hoje foi a festa de Natal dos filhos dos internos. Foi um dia ótimo, estiveram aqui, além de Marilena e papai, Cláudia, Adriana e Raul. Apesar de ter muita gente, estávamos tranqüilos, porque todos foram ao auditório assistir aos shows e aos sorteios. Só mais tarde, quando acabou a distribuição de brinquedos, bagunçou tudo. Como sempre, o momento crítico foi a despedida, principalmente quando Raul me abraçou e chorou. Doía pensar nos meus filhos. Luis Felipe mal me conhecia, e o mais velho, para estar comigo, tinha de ir à penitenciária.
Eu tinha decidido não assistir ao show nem acompanhar os sorteios e distribuição de brinquedos. Os internos queriam me homenagear por causa das doações, então preferi não participar.
Descobri mais tarde que o pessoal da Falange tinha tido muita sorte nos sorteios. Das três bicicletas, eles ganharam duas, e das duas televisões, uma também saiu para um da turma.
No dia seguinte, quando fui bater paredão, eles estavam lá no pátio 3 tomando sol. Mãozão, Jesus, Cuca, Paulo, Peróska, que acabara de chegar do Água Santa, e Admílson, também recém-chegado, mas esse veio da Ilha. Falavam a respeito do pessoal que iria sair no Natal. Alguns eram assaltantes de responsabilidade e não poderiam voltar, mas, como suas penas estavam se extinguindo, deveriam se apresentar numa prisão aberta, para esperar lá o complemento de suas penas. Ao se apresentarem em outras unidades teriam de argumentar que era impossível voltar, porque correriam grandes riscos. O juiz já estava acostumado com esse tipo de coisa. Ouvi aquela conversa, mas não acreditei muito, que estavam falando só sobre aquilo. Estavam todos com cara de santo e, quando acontecia isso, geralmente era alguma armação.
24121982. Até às onze horas, os que foram aprovados pela Vara de Execuções poderiam sair, acompanhados de um parente. Mas, uma hora antes de começarem a sair, deu o maior rebuliço. A Vara de Execuções tinha autorizado só vinte saídas, mas não sei que jeito os internos deram, porque

o diretor recebeu 106 nomes. Tudo direitinho, com timbre do Desipe, assinatura do juiz etc.
O diretor só descobriu o que acontecia porque cagüetaram.
Tudo começou com a lista do diretor, que tem direito a autorizar a saída natalina para alguns internos de sua confiança. O juiz, naquele ano, vetou a maioria dos nomes indicados pelos diretores. Aí ouve a
322
confusão, e o pessoal armou outra lista. Era tão perfeita, que no primeiro momento não conseguiam saber qual era a original. Conseguiram contornar os problemas e os que realmente tinham autorização saíram com um pouco de atraso. O pessoal que estava na lista do diretor ficou desapontado, mas obteve dele a promessa de que iria pessoalmente falar com o juiz, para que todos saíssem no Ano-Novo, na próxima semana. 25121982. Duas horas da manhã. Termino de escrever os fatos daquela semana e como sempre termino com um recado para Marilena.
"Amor, eu amo muito você, demais mesmo, você é o sol de minha existência. Veio para iluminar os meus dias e tranqüilizar minhas noites. Você, meu amor, é a bênção que Deus me mandou.
"Em tempo: desculpe se estou piegas, mas é assim que me sinto."
O primeiro Natal enjaulado. Era exatamente assim que me sentia naquela madrugada do dia 25. Andava pelo cubículo e repetia: "Eu não estou sozinho, tenho minha família e um dia sairei deste inferno". Andava dois passos, do chuveiro até a porta e voltava novamente, repetindo a mesma manobra e a mesma frase uma centena de vezes.
Ao meio-dia, já estava pronto para receber as visitas que só começariam a chegar uma hora depois. O dia estava horrível, não ouvia um motor de avião passando. Mamãe e Marilena estavam vindo pela ponte aérea e o tempo fechado daquele jeito me afligia.
29121982. Nestes dias, logo após o Natal, que antecediam o próximo ano, eu estava achando os internos muito quietos. Talvez fosse apenas impressão. Tudo me preocupava, não queria que nada acontecesse naquele fim de ano que pudesse atrapalhar os dois dias e as duas noites que Marilena passaria comigo. Apesar da lista falsa, Pira conseguiu do diretor a "dormida" de fim de ano.
O ano tinha acabado, e 1983 só poderia ser melhor. Logo nos primeiros dias, papai iria fazer uma visita ao juiz na Vara de Execuções Criminais. Tinha sido orientado por dr. Evandro, porque o juiz que tinha assumido recentemente era o mesmo do primeiro julgamento. Papai não iria pedir nada, era apenas uma visita.
323
1983 ESTAVA COMEÇANDO E, FORA A TURMA QUE TINHA SAÍDO PARA visitar a família no fim do ano e não tinha retornado, naquele final de 1982 e começo de 1983 nada de anormal se passara. Pelo menos, que eu tivesse percebido. Escrevo dessa forma porque aquele pessoal não parava de tramar, e eu procurava me manter distante dessas conversas, queria ficar longe das tramas. Isso estava ficando cada vez mais difícil, estavam começando a ter confiança em mim e a me contar algumas coisas.
No Natal Marilena não pôde ficar comigo. Ficou com os filhos e familiares, mas a virada de ano passamos juntos. Houve festejos nas galerias. Nunca assisti a nada parecido. À meia-noite, deu a louca nos presos, começaram a atirar garrafas e tudo o mais que não lhes servia nos pátios. Ficaram meia hora ou mais jogando coisas pelas grades das janelas. O barulho que as garrafas cheias de água faziam quando explodiam no solo era incrível. Nós não acreditávamos no que ouvíamos e assistíamos. O cheiro de fumo era tanto, que brinquei com Marilena que o bairro (Estácio) iria ficar doidão. No dia seguinte cedo, quando fui à cantina buscar café e pão, o espanto foi maior: três pátios forrados de garrafas estilhaçadas.
Perguntei para o Hugo:
— E agora? As visitas começarão a chegar à uma hora. Ele riu.
— Todo ano é assim, daqui a pouco eles descem e limpam tudo. 311983. Olho meu cubículo em

desordem, está do mesmo jeito que deixamos ontem, depois da "dormida" de fim de ano. Marilena entrou dia 31 às dezessete horas e sairia dia primeiro junto com os visitantes. Mas, quando já estávamos no pátio com papai, esperando a sirene tocar para começar as despedidas, os alto-falantes anunciaram que o diretor tinha concedido mais uma noite e os casais que tinham direito, se quisessem, poderiam retornar aos cubículos. Marilena foi a primeira a perceber o que estava acontecendo e me cutucou.
— Você ouviu?
Só na segunda chamada é que tive certeza de que ela estava certa. Olhei-a para saber se ela podia e como sua resposta foi "é claro, meu amor", comecei a aplaudir como todos os que tinham esse benefício. Procurei Pira, queria cumprimentá-lo, ele sabia usar sua liderança. Depois de alguns minutos ele apareceu, sério, não querendo que ninguém o festejasse para não parecer mais importante que o diretor.
324
Ainda não pus ordem no cubículo, porque assim dá para sentir a presença de Marilena. Nunca pensei que pudesse existir alguém que me desse tamanho apoio. Fico constrangido em pedir a ela que venha passar essas datas comigo, mas a solidão aqui é tão grande que esmolamos apoio e carinho.
Comecei a arrumar o lugar e a instalar a cortina que Marilena trouxe para a porta. Era importante uma cortina ali, assim não precisávamos fechar a porta, tendo um pouco mais de ventilação, já que o calor era de quarenta graus, e ao mesmo tempo não perdíamos totalmente a privacidade. (Ficar com a porta trancada ou simplesmente fechada o tempo todo não pegava bem.)
411983. Fui um dos primeiros a chegar ao orelhão, falei com mamãe e com Marilena, faço isso todos os dias, preciso desses papos familiares para não pirar.
Por aqui tudo calmo e espero que continue assim.
Na vigilância estamos tendo bastante trabalho, arrumando a documentação de internos que saíram e se apresentaram em outro instituto. Eram muitos, e alguns não tinham sido aceitos pelos diretores. Os que voltaram tinham de ser transferidos. Seriam chamados de "vacilões", maltratados e provavelmente corriam risco de se machucar.
511983. Antes de terminar o expediente, Waldique me deu um documento para ler. Era o primeiro boletim do ano na parte de elogios a internos, e havia um para mim. Já tomei nota da data e do número, na época certa irá me ajudar a sair.
Um pouco antes do fim do ano, num fim de tarde, fui à cantina do Antônio comer um filé. Tinha batido bola com Jesus e precisava repor forças. Riscamos uma quadra de tênis no pátio 3 e jogamos como se faz na praia, só que a rede era uma faixa no chão com quatro tijolos empilhados para termos uma noção de altura.
Enquanto Antônio fazia o filé eu ia explicando como era o jogo, ele escutava cozinhando e preparando uma salada de tomate e cebola. Ouviu tudo e comentou que ficava contente em ver que eu tinha arranjado um esporte para descarregar os "nervos". Eu estava sentado em sua cama, ele pôs um banquinho na minha frente e colocou a comida em cima.
— Hoje é no capricho e por conta da casa. — Não concordei, é claro, mas ele continuou... — Não posso cobrar do meu padrinho de casamento.
325
Em seguida, sentando ao meu lado com uma cara muito compenetrada, me mostrou um papel da Vara de Execuções. Era uma autorização para ele se casar. O casamento seria dentro de dois dias. Os padrinhos escolhidos eram a chefe do serviço social e eu. Como não sabia o que dizer, continuei comendo olhando para ele. Depois de um certo tempo, recuperado do susto...
— Que honra, é muita consideração me convidar.
711983. Hoje foi o casamento do Antônio, com noiva de véu, grinalda e tudo. Na última hora, em vez da chefe do serviço social, que não pôde aparecer, entrou em seu lugar a mulher do Cara de

Gato, que era seu amigo desde os tempos da Ilha. Antônio já está preso há dezenove anos e pelo que diz deverá sair de uma hora para outra. Assim que for posto em liberdade, levará a mulher para viver com ele na região onde nasceu e cometeu o crime que o levou à prisão.
O casamento foi às onze horas, agora é meio-dia e pouco, acabo de sair do banho, pois o calor está infernal. Voltei logo para o cubículo porque quero ler novamente os jornais de hoje e com muita atenção. Há uma reportagem sobre a reforma penitenciária que o ministro da Justiça, Abiáckel, está tentando fazer. Segundo ele, os presos que cumprem muita pena não devem ficar junto de condenados primários, e os presos que trabalham terão salários, e cada dia de trabalho valerá por dois.
Li os jornais com toda a atenção e fui para a vigilância ajudar a preparar os documentos do pessoal que saiu no fim do ano e iria ser transferido hoje para Bangu. Naquele conjunto penitenciário, uma das prisões é albergue e é para lá que eles vão.
Como tem gente saindo, tem gente entrando. Exatamente quando eu chegava à seção, entrou um camarada que matou um diplomata numa festinha a dois e, depois, escreveu com sangue várias mensagens nas paredes do apartamento. (Estou apenas relatando o fato, longe de mim julgar seu procedimento.)
Os internos estão comentando que a direção vai começar a endurecer. Dizem que, depois da chegada do pessoal da Ilha, todos com penas enormes, tem havido abusos e alguns deles desacataram um agente penitenciário. Bem que Pira tinha razão quando começou a se preocupar.
Também tinha ouvido falar a respeito de estarem preparando uma fuga e fora isso havia boatos de transferências em massa para acabar com esse negócio de liderança da Falange Vermelha. Aquele começo

de ano estava agitado, na última semana deram batidas nos cubículos de manhã e à tarde. Procuravam armas, revólveres, segundo os boatos.
Uma manhã, quando cheguei à vigilância, havia montes de fichas a serem arquivadas. Todas já tinham sido preenchidas durante a noite, quando fizeram na surdina as transferências que achavam necessárias. Segundo fiquei sabendo, no meio do pessoal que tinha vindo da Ilha, com Jesus, Lâmpada etc, havia gente de outras facções. Estes é que retornaram na calada da noite. Isso devia ser verdade porque Jesus e os outros que eu conhecia permaneceram na casa.
Depois das últimas transferências, o clima ficou quase calmo. Se bem que foram dezoito e chegaram vinte, uma semana depois.
Os boatos de fuga continuavam. Pira, Jesus, Lâmpada e Xane, este último como sempre sentado na escada da primeira galeria olhando tudo, e os outros impondo o bom andamento das coisas.
Eu pelo menos estava achando o ambiente calmo. Precisava ficar sempre atento para não estar no lugar errado na hora errada.
O Mimo, o Filho do Polícia e o Paulistão não andavam com ninguém, estavam sempre sozinhos. Este último caminhava pela penitenciária inteira sempre com a mesma roupa, uma calça de agasalho marrom, tênis sem meia e camiseta. Eu sabia que eles se reuniam com os outros, porque os três estavam tramando uma fuga e o plano de cada um era discutido por todo o grupo, apesar de a palavra final ser do Xane, o estrategista. Eu não conseguia ficar sem algum tipo de informação porque Jesus e Pira, que estavam sempre comigo, deixavam escapar alguma coisa. Principalmente depois que arrumaram para eu me mudar para o primeiro pavilhão, da quarta galeria. Um cubículo que reformei no capricho, ele reluzia de limpo e era como a galeria, todo branco. Ganhei de Jesus um espelho que media um metro quadrado, com moldura de madeira. Lá tinha água o dia inteiro. Tomando banho e olhando pela janela, avistava ao longe o relógio da Central do Brasil e baixando a vista enxergava o hospital penitenciário. Ficava a seis cubículos do Pira e a quatro do Chico

Tonelada.
Quando Waldique me avisou que o diretor tinha autorizado a transferência de cubículos, chamou minha atenção preocupado:
— É a melhor galeria, mas é a mais perigosa. Se a Polícia Militar invadir, é lá que eles vão em primeiro lugar.
Um ou dois dias antes da mudança de cubículo tive uma surpresa desagradável da qual não pude escapar. Depois do "confere" trancaram
327
a galeria como de costume. Eu estava assistindo à TV e bateram à porta; com preguiça de olhar, mandei entrar. Era o Cara de Gato (a mulher dele tinha sido madrinha de casamento do Antônio junto comigo). Um rapaz negro de boa aparência e sempre sorridente. Ele dizia:
— Estou tão chateado, estão querendo me transferir e se isso acontecer vou morrer.
Igual... cópia perfeita da história do Baiano, aquele que foi transferido para a Ilha e lá o mataram. Contou a história sentado em uma cadeira que comprara de um corretor. Ele trazia três latas de guaraná na mão.
— Vamos tomá-las geladas — e perguntou se podia usar o isopor para conservar a temperatura enquanto conversávamos. — Eu sou traficante, traficava lá fora e agora faço isso aqui. É por isso que estou encrencado. Não precisa se preocupar, não vim vender nada.
Enfiou a mão no bolso, tirou um envelope de pó e o colocou em cima do joelho. De outro bolso, tirou um espelho e com uma colher pequena de plástico começou a servir uma "carreirinha". Eu não sabia o que pensar nem o que fazer. Só pensava que, se dessem um flagra na gente, não sairia da cadeia tão cedo. O certo era relaxar e gozar, mas não consegui. Aquele pó não vinha em boa hora, mas agüentei firme e o acompanhei. Não sei a que horas acabou a visita. Ele só saiu uma ou duas horas depois, porque o Bigode foi buscá-lo e de braços abertos dizia olhando para ele:
— Ô negão, você me abandonou? Bendito Bigode, que levou o cara embora.
Tive várias situações semelhantes a essa, em que não tinha condições de recusar um presente considerado tão precioso. Para mim, cocaína na prisão era a pior das coisas, não sei como eles conseguiam usá-la sem poder fazer o que desse na cabeça.
Depois que eles se foram não consegui dormir. Fiquei elétrico e não tinha para onde ir. Com a graça de Deus, naquela noite, quando abri o chuveiro elétrico, a água desceu forte.
Obs.: Cara de Gato foi transferido pouco tempo depois para a penitenciária Milton Dias Moreira, que ficava do outro lado do muro. Foi executado com 45 estocadas, dez dias depois de sua chegada.
Nessa época, pela primeira vez ouvia falar em Segundo Comando ou Falange Jacaré. Foi exatamente quando comecei a arquivar as fichas dos que tinham sido transferidos que Chaves, que estava a meu lado, examinando as fotos ali pregadas, comentou:
328
— Deus queira que esse pessoal do Segundo Comando não volte mais, senão vai haver encrenca.
Já estou instalado na quarta galeria. Vim para cá pela manhã trazendo a última coisa que ainda não tinha vindo, meu colchão de viúvo. Na noite anterior jantei no cubículo do seu Antônio e combinamos que ele continuaria a trazer meu jantar. Ele estava furioso, seu cubículo tinha sido arrombado. Tinham roubado um relógio de estimação e um cordão folheado a ouro. Contou-me que outro preso tinha sido assaltado por dois encapuzados na escada. Deixaram-no de cueca, tiraram-lhe os sapatos e a calça jeans. Antônio ficou tão chateado que ia pedir para o diretor transferi-lo para uma penitenciária em Niterói. Ele me dizia:
— Nós não temos nada a ver com esses assaltantes e traficantes. Eu matei por rixa e o senhor é passional.
Achava que ele tinha toda a razão e daquele dia em diante comecei a me informar sobre a penitenciária Ferreira Neto, em Niterói.

Na quarta galeria não havia problemas desse tipo. Quem não era de lá só ia convidado, primeiro porque todos tinham medo e, segundo, se fossem apanhados lá sem uma razão específica teriam de conversar com Pira.
Meu cubículo era muito popular, sempre tinha refrigerante e água gelada, e nunca neguei nada a ninguém, apesar dos abusos. Quando acabava... acabou. Tinha outro isopor menor para não me faltar líquido, pois o calor era bravo. Eu só parei de dar cigarros quando andava pelos pátios, porque seria impossível caminhar se eles percebessem que atenderia a todos, haveria gente que pediria para vender depois. Na galeria era diferente. Todos lá tinham mais dinheiro que eu, só que eram folgados, esqueciam de comprar refrigerante ou então ficavam doidões e tomavam todo o estoque rapidamente.
Houve um ladrão de automóveis que não conheci, mas ficou famoso pela fortuna que tinha conseguido acumular e, segundo contavam, andava pelos pátios o tempo todo enfiando as mãos nos bolsos, tirando cigarros e entregando a quem pedisse.
Mas, enfim, estava no primeiro pavilhão, quarta galeria, cubículo 46. Não tinha pedido para ir, também não acreditava que simpatizavam tanto comigo que me queriam por perto. O que será que eles queriam de mim? Pira sabia que eu estava duro. Tinha me aberto com ele, o dinheiro que eu tinha dava para não me faltar nada enquanto preso. Ao sair

provavelmente teria de trabalhar no dia seguinte. Agora... arranjar doações, falar com o meu amigo "banqueiro" etc, isso eu tirava de letra.
19/1/1983. Humberto esteve aqui hoje no começo da tarde, amável como sempre, perguntando se eu precisava de alguma coisa e se eu queria ser transferido para Niterói. Ele tinha consultado o Desipe e conseguiria a transferência de imediato. Apesar de achar que a penitenciária de Niterói era bem mais calma e adequada, abdiquei da oferta. Quanto ao recurso, provavelmente teríamos notícia depois de 15 de março. Ele sempre foi uma pessoa tão legal e humana, que não queria desagradá-lo dizendo que eu não acreditava que iriam anular o segundo julgamento. Depois, não agüentaria tudo de novo. No fundo, achava que se eu agüentasse pagar essa dívida me sentiria um pouco melhor.
Ao escrever meus relatos, procurava não comentar o desespero e a tristeza que sentia ao lembrar de Ângela, sua beleza, sua inteligência e seu desrespeito a regras hipócritas.
Aquela era a tarde... saiu dr. Humberto, chegou o ministro Evandro Lins. Com a simplicidade de sempre, disse que tinha vindo apenas fazer uma visita. A presença dele me fez bem, ficou uns trinta minutos comigo, falamos de tudo, ele me contou casos que me fizeram rir. Falamos muito para aquele pouco espaço de tempo e não tocamos no assunto de advocacia criminal. Para não escrever que não tocamos em nada que lembrasse alguma coisa, me contou que papai costumava ir uma ou duas tardes por semana conversar com ele.
As visitas dos advogados me fizeram bem, me distraíram. Eu estava mal desde aquela manhã, quando li o Jornal do Brasil, na p. 12 do Caderno B: "E Búzios saiu às ruas. Turistas e moradores foram para as ruas no último fim de semana em Búzios comemorar a abertura da temporada de verão...", e assim por diante.
Fiquei horas nessa manhã olhando essa manchete. Não que me do-esse não estar gozando a beleza do lugar e de suas praias. Não era isso que me entristecia. Não tentarei explicar um sentimento desses. Para quê? Vai morrer comigo mesmo. E depois eu tinha que tocar para frente.
O mais estranho, é que na tarde anterior eu tinha entrado em alfa, em um instante de prazerosa solidão em meu cubículo. Pensava em todos que de uma maneira ou de outra participavam de minha vida. Tudo começou com o telegrama de Cláudia (filha de Marilena), contando que tinha entrado na USP. Fui tão longe, Luis Felipe, meu filho caçula, correndo

pela grama, que coisa, já tinha nove anos, a outra filha de Marilena, Adriana casada, Raul, o filho

amigão, Zé Maria, na Votorantim. De repente, quando dei por mim, percebi que estive viajando, que tinha estado com os que amo. Estive tão próximo deles, que fiquei triste, aquilo poderia ter durado mais um pouco.
Meu devaneio foi interrompido pelo começo do jogo da seleção gaúcha contra a seleção do povo. Mas não consegui prestar atenção.
Acredito que todo preso ou hospitalizado tenha uma sensação de medo. Medo de um dia sumir todo mundo, porque todos se cansaram e porque a vida lá fora não parou e tudo continuou sem você.
Hoje foi feriado, dia de são Sebastião, Marilena e papai vieram me ver, com a graça de Deus.
Paulistão fugiu, ninguém imaginava como, mas ele tinha ido embora. Aparentemente a administração não se mostrou preocupada. A fuga é um direito do preso. Se ele não depredar o prédio e não agredir ninguém, não aumentará sua pena. Se bem que, no caso do Paulistão, isso não tinha a menor importância, a pena dele era de 520 anos. Assim mesmo ele saiu numa boa.
Depois dessa fuga, que tinha virado tabu, pois a massa comentava sobre ela, mas o pessoal da Falange e da administração não tocava no assunto, havia revista geral pelo menos uma vez por dia. Muitas vezes faziam isso ao abrir a galeria às seis horas da manhã e voltavam à noite logo após o "confere". Trancavam a galeria, davam um tempo e voltavam.
Pela manhã era para tentar pegar restos de alguém ou alguns que tinham se "embalado" e, descuidados, tivessem deixado resquícios de droga pelo chão ou em cima da cama. Baralho também dava um rolo danado.
Eles abriam a galeria antes do toque da sirene, batiam com os cassetetes nas portas, para acordar os internos e faziam uma revista minuciosa. Geralmente revistavam três ou quatro cubículos, pois os outros, se tinham algumas coisas, se livravam delas, atirando-as pelas janelas ou escondendo tudo em cafofos (buracos, fundos falsos).
A noite, quando voltavam depois do "confere" e tentavam abrir a galeria de mansinho, era para pegar o pessoal jogando ou usando tóxico. Homossexualismo também não era permitido e, se pegassem, os dois iam para a solitária. Normalmente não eram tão rigorosos e deixavam todo mundo em paz. Mas, depois daquela fuga...
331
Paulistão saiu por um túnel, a partir do auditório. Jesus me contou que ele saiu durante a seção de cinema. Contou também que, debaixo daquele conjunto penitenciário, o solo era um verdadeiro queijo suíço, de tantos buracos. Eles abriam, a direção tapava, mas onde tinha sido cavado um buraco, era sempre fácil abri-lo novamente.
O ambiente estava ficando cada vez mais carregado, havia qualquer coisa estranha se passando. Evitava o cubículo do Pira quando o pessoal estava reunido. Um dia, ia passando por lá com Chico Tonelada, em direção ao meu cubículo, e Lâmpada me chamou, Tonelada me olhou...
— Chi! Cara, eles te chamaram.
Estavam enrolando um fumo que era um verdadeiro "Havana", e não pude sair fora, tive de ficar por ali. Além do Lâmpada e do Pira, estavam: Marinheiro, Nézão, Jarra, Jesus e General. Não precisava me preocupar com os agentes, já tinha visto Cuca e Mãozão sentados em lances diferentes da escada. Me deram um banquinho e sentei encostado à porta, do lado de fora. Estavam só jogando conversa fora. Eu detestava ficar assim num grupo daquela qualidade, tinha medo. Lâmpada, por exemplo, era matador temido, frio, ruim, em qualquer conflito sério era ele o encarregado da matança. Diziam que a família dele era dona de um ponto no morro onde viviam. Se esse ponto estivesse muito ameaçado, faziam de tudo para ele fugir da prisão, mas, depois que ele limpava a área, ficavam tão desesperados, que davam um jeito de ele voltar para a cadeia. Jesus, que se dava tanto comigo, era uma moça para se tratar, mas perigosíssimo, assaltava bancos e, segundo ele mesmo, na hora do trabalho, quem cruzasse a frente dele levava chumbo. Os companheiros contavam rindo essa história e ele confirmava que, se cercado pela polícia, tremia de medo, é verdade, tremia literalmente de medo e

para se conter puxava o gatilho aos berros.
Daquele grupo todos se davam muito comigo, me chamavam de príncipe e tudo mais. Mas um deles me olhava de maneira estranha, o Marinheiro. Acho que ele me achava arrogante. Uns tempos depois, quando tomava café com ele, me olhou de frente e perguntou se eu já tinha apanhado de verdade:
— Nunca ninguém quis te sentar a mão na cara de verdade?
Era um pernambucano, magérrimo, 1m 80 de altura, com um bigodinho sempre muito bem aparado, raramente o vi fora de seu cubículo. Aquela pergunta respondi sorrindo:
332
— Não, meu amigo, com a graça de Deus nunca quiseram me bater. Com Nézão não me preocupava, sua família estava envolvida com jogo do bicho, cumpria pena pesada, foi quem o enviado do meu amigo "banqueiro" procurou em primeiro lugar. Pira, Jarra e General eram meus vizinhos na visita, não me fariam mal a não ser que fosse necessário. Felizmente aquela reunião terminou logo, Cuca chegou e falou qualquer coisa no ouvido de Pira, e todos se levantaram e foram para outra galeria encontrar Xane.
29/1/1983. Marilena e May me visitaram quinta-feira na parte da tarde, ficamos bastante tempo juntos. Adorei, fazia tempo que não estávamos assim, só nós. Hoje virão também Luiz Carlos e mamãe. Depois de amanhã terei Marilena a partir de onze horas. O que seria de mim se não fosse minha família?
Uma ocasião, um senhor me abordou quando estava saindo da cozinha dos funcionários, eu tinha ido visitar o Antônio, meu ex-vizinho de frente. O senhor me dizia que era de São Paulo e precisava de dinheiro para mandar a mulher vir de ônibus visitá-lo. Convidei-o a ir até a cantina e pedi ao Hugo que lhe desse o dinheiro. Assim que o senhor se afastou, o cantineiro comentou:
— Deixa de ser otário, ele vai pagar o traficante. Esse cara deve para todo mundo.
Em seguida contou que ele era de Campos, estado do Rio, tinha algum dinheiro quando foi preso, mas ficou duro porque tinha muitos processos de estelionato, sua pena era grande e com tempo a família o abandonou. Para viver ele dava pequenos golpes nos otários recém-chegados. Em vez de ficar chateado fiquei com pena do camarada. A porcentagem de abandonados no sistema penitenciário é enorme. Depois disso sempre que me encontrava me pedia alguma coisa, um cigarro, um pacote de bolacha da cantina, coisas pequenas, eu sempre atendi, mas nunca conversamos sobre alguma coisa.
22/1/1983. Hoje perdi meus óculos de ler. Fiquei quase louco, sem eles eu não sou nada, pois o que mais faço é ler. Leio tudo que é best-seller, não me ajuda na pouca instrução que tenho, mas me distrai e me tira daqui enquanto leio.
Fiquei tão desesperado que fui pedir ao inspetor que anunciasse a perda pelo alto-falante. Como ninguém apareceu, voltei para o meu cubículo. Quando passei por Nézão...
333
— Você esqueceu sua bicicleta (óculos) em cima do tanque do meu cubículo.
Pela manhã eu tinha ido ver um tanque de lavar roupa que tinha instalado. Achei a coisa tão extraordinária que fui lá olhar e esqueci a "bicicleta". Apesar de estar sempre com Nézão, nunca falamos sobre nossos crimes. Ele estava constantemente enrolando um fumo. Fumava-os como se fossem cigarros. Acho que corria sérios riscos lá dentro, pois nunca saía da galeria. Era o único que não descia para esperar a mulher no domingo às onze horas, para visita íntima. Ela subia sozinha três lances de escadas cheia de pacotes.
Naqueles dias os jornais falavam muito no novo governo (Leonel Brizola), em seus planos de modificar o sistema penitenciário, seguindo mais ou menos a linha do ministro da Justiça. Escreviam muito sobre Darcy Ribeiro, um intelectual muito querido no Rio e vice-governador. Nézão era um ardente brizolista, fumava seus charutaços e fazia discursos inflamados. Geralmente seus ouvintes

eram o Chico Tonelada, o Cuca e eu. Os planos do governo eram ótimos, tinha saído nos jornais fotografia do dr. Darcy contando das Fábricas de Escolas e etc. O discurso de Nézão foi tão inflamado, e o "fumacê" tão forte, que até escrevi uma carta ao governador, que evidentemente não mandei mas guardei.

"Prezado governador,

"Em entrevista ao Jornal do Brasil de 3/01 o senhor vice-governador Darcy Ribeiro fez uma explanação sobre as Fábricas de Escolas. É um excelente plano, principalmente se for executado, não vai aí nenhum desafio ou dúvida de minha parte. Será isso sim um prazer saber que finalmente alguém se interessa realmente pelo povo, etc. etc. etc."

Depois de receber a visita de Antônio, que veio me trazer o jantar, comecei a assistir ao programa São Paulo Canta. Sinto saudades de minha terra apesar de reclamar tanto dela. Do seu governo, de sua explosão demográfica e da poluição.

Dos catorze aos 22 anos conheci São Paulo de dia e de noite, a cidade não parava nunca, nem eu. Já aos dezesseis anos, com a altura que tenho hoje (1m 86) conhecia e freqüentava cabarés como: Maravilhoso, O Lido, Dancing Avenida. Adorava a vida noturna, os cabarés mencionados tinham orquestras estupendas com crooners fantásticos, Isaura Garcia, Ângela Maria, Orlando Silva e Silvio Caldas. É... faz tempo.

334

Hoje pela primeira vez fui eu quem preparou a visita de dois internos ao fórum. Isso acontece pelo menos duas vezes por semana, mas é o Chaves quem prepara esse expediente. Como ele não apareceu, tive de ajudar o sr. Waldique.

Na vigilância, querendo ou não, a gente fica sabendo de tudo o que se passa na cadeia. Toda a vida do interno tem de ir para a ficha, e quem registra isso somos nós. Moradia, visita íntima, castigo, solitária (surda), comportamento, elogio, ida ao juiz, consultório médico, visitas etc. Tudo na vida do preso, do começo ao fim, tem de estar arquivado na vigilância. Os problemas são os mais incríveis. Outro dia um interno pediu para mudar de cubículo e de pavilhão. O "garoto" dele estava enchendo o saco, e ele não agüentava mais...

— Não quero mais ver a cara dele — disse isso de pé, no meio da seção, indignado.

Nas penitenciárias do Rio, a administração é tolerante com esse tipo de relacionamento, principalmente quando ele já vem há algum tempo. Separar um casal desses sem apurar bem os fatos pode causar um problema sério.

À tarde, quando voltei para a galeria, vendo que Pira estava sozinho, parei em sua porta e comentei que tinha sido eu o encarregado de preparar a saída para o fórum de dois internos. Para fazer isso tinha mexido no arquivo e olhado sua ficha. Conferindo as datas, vi que ele tinha começado cedo no tráfico. Batemos um papo a respeito daquela época. Contou que nunca se conformou com a pobreza em que vivia, que a falta de perspectiva o desanimava e, quando começou, também era o início da repressão e a Polícia Civil, Militar e o Exército trabalhavam em conjunto, o que tornava tudo muito perigoso, principalmente nas fronteiras. Naquele momento estava relaxado, tranqüilo, era raro encontrá-lo assim. Continuando a conversa, me contou o estratagema que dois traficantes usaram para embarcar o pó que tinham comprado na Bolívia em um avião.

— Os rapazes mandaram antes uma moça com um bebê de dois anos, que segundo eles era doente terminal. Foram para lá dois dias mais tarde. Depois de uma semana, quando o bebê morreu, abriram-no pelas costas, limpando seu interior e o enchendo com muitos quilos de cocaína. A mãe e o bebê regressaram de avião, só que ele veio num caixão no compartimento de carga.

335

Pira foi o encarregado de completar a negociação com o pessoal do morro. Tinha sido apenas o intermediário, quando recebeu a mercadoria, ela estava embalada e pronta para comercialização.

7/2/1983. Estou assistindo a Dallas, Marilena esteve aqui hoje, como aliás vem acontecendo todo

domingo. Ela acompanha todos os acontecimentos da penitenciária, pois, como já escrevi anteriormente, entrego a ela tudo o que anoto. A semana passada foi difícil, houve muitas transferências e é claro entrou outro tanto, e os que entraram, vieram da Ilha. O ambiente ficou carregadíssimo, há muita tensão no ar. O pessoal que não é bem-visto pela massa, como o Bóris, está apavorado. Os que se sentem assim têm uma saída, pedir seguro de vida. Nesse caso a pessoa vai para um pavilhão especial. Ficará junto com presos como ex-policiais, informantes etc. A pessoa que apela para isso está assinando uma confissão de culpa perante a massa. Ou dedurou, ou prestou algum serviço indecente para a administração. Se algum dia a administração cismar e mandá-lo de volta para o convívio, mesmo em outro instituto, estará marcado.
Sentindo todo esse clima escrevi: "Estou ilhado, completamente ilhado. É um mundo que dificilmente poderá ser explicado. Tenho de conviver com ele. É um sistema com leis muito especiais e rígidas. Aqui tudo é estranho, muito estranho. Preciso ficar sempre atento, é horrível. O mundo será diferente depois disto. Espero não carregar mais cicatrizes em meu coração".
É verdade que, fora a fuga de Paulistão, nada tinha acontecido. O que realmente me deixava apreensivo era o clima. Pira tinha mudado de postura, não queria saber de muito papo. Até estranhei quando mamãe esteve aqui com Luiz Carlos e ele sentou-se ao lado dela, chamando-a de segunda mãe. Ficou abraçado com ela muito tempo, dizendo que eu era um homem de sorte por ter uma mãe como ela. Aliás, naquele domingo aconteceu de tudo. O Luiz Carlos me pregou um baita susto, mas tornou aquele fim de domingo menos triste. Na saída enfiou no meu bolso quatro minigarrafas de uísque JB. Perguntei imediatamente como ele tinha feito para passar pela guarda e a resposta foi surpreendente:
— Depois da primeira vez nunca mais me revistaram.
Fiz ele jurar que nunca mais faria isso, pois eu podia ir parar na "surda". Ele continuou:
— Quer que eu leve embora? — Morri de rir, é claro.

Depois do "confere", como Pira fazia muitas vezes, apareceu para me dar um pedaço de bolo de chocolate que Renata trazia toda semana. Quando lhe mostrei as quatro garrafas, a reação dele foi a mesma que a minha...
— Como é que isso entrou? — Mas continuou sorrindo. — Logo depois que bebermos isso, vou moer as garrafmhas e jogar no ralo.
Foi até o cubículo do General e voltou com dois "papelotes" e presenteou-me um. Em vinte minutos acabamos com as bebidas e os papelotes, e encorajado com os incentivos perguntei se não achava que o ambiente andava tenso. Ele respondeu meio a contragosto, mais ou menos assim:
— O Patrício tem deixado qualquer um entrar aqui.
Dias depois, ouvindo conversas aqui e ali, tive certeza de que os últimos que chegaram da Ilha eram de outras facções.
9/2/1983. Acaba de cair uma tempestade linda, raios, trovoadas, vento e chuva para valer, fiquei olhando pela janela até o tempo melhorar. Sempre achei bonitas as tempestades. Voltei-me porque percebi mexerem na cortina da porta, era o Cuca. Então comentei com ele a beleza das tempestades. Ele sorriu e:
— Neguinho dos morro não acha, as encosta cai tudo. — E sorrindo continuou: — Se prepara, fugiram mais uns, Mimo e o Filho do Polícia estava com eles, o alarme vai tocá...
Não teve tempo de acabar a frase e a sirene já estava disparando.
Ficamos trancados até o dia seguinte, só nos liberaram depois de revistarem todos os cubículos.
Comentava-se que o Manoel Caneta tinha posto guardas nos pátios para ficar olhando o que caía das janelas. Acho que caiu tanto estoque, fumo, pó, baralho etc. de tantas janelas ao mesmo tempo, que nada puderam fazer a não ser recolher tudo e jogar fora.
Ao sermos liberados começamos a descer e deparamos com inscrições feitas nas paredes, durante

aquela madrugada. ABAIXO A MORDOMIA. FUJA, COVARDE.
Só os guardas podiam ter feito aquilo, pois todos os internos estavam trancados. Aquilo caiu como uma bomba, o pessoal da Falange ficou muito revoltado. A cadeia ficou quieta, parecia um túmulo.
Segundo comentários, Pira tinha organizado várias fugas, mas ele mesmo nunca fugiu. Parece que essa era a razão das inscrições nas paredes.
337
Como era véspera de Carnaval e Pira tinha arranjado com o diretor para as companheiras, esposas e namoradas passarem aqueles dias com a gente, a coisa ficou por isso mesmo. Assisti a Pira pondo panos quentes ao conversar com Jesus. Achava que só deveriam conversar a respeito depois do Carnaval e de cabeça fria.
10/2/1983. Ontem no fim da tarde papai esteve aqui, me trouxe um colchão novo, porque na última vez que revistaram meu cubículo rasgaram o antigo. Cecília, minha sobrinha, veio com ele. Trouxe montes de recortes de jornais com notícias sobre ela. Estava linda e radiante com seu sucesso, sua beleza e todos os seus sonhos. Levantou o meu astral, me diverti com ela. Depois que eles foram embora, fui avisado de que a "dormida" do Carnaval tinha sido confirmada e as mulheres poderiam entrar a partir das 14h 30 do dia seguinte. Fui imediatamente para o orelhão telefonar para Marilena para confirmar. Depois disso, como não podia deixar de ser, fiquei apreensivo. Será que daria tudo certo? Teria teto no aeroporto? Os aviões sairiam no horário?
Quando cheguei à galeria estavam encerando o chão, o meu cupincha que lavava meu cubículo toda semana estava me esperando, mas, antes de começar a limpeza, foi comigo buscar o colchão. Tivemos muito trabalho para adaptá-lo porque era um pouco maior que o outro. Foi uma porta velha que o Alfredo (estofador) me arranjou e adaptou para mim, que quebrou o galho. Diminuiu um pouco o espaço, mas ficou ótimo.
14/2/1983. Marilena estava dormindo tranqüila, seu rosto estava sereno. Já estávamos juntos havia mais de 56 horas. Depois de uma ducha, deitei a seu lado e comecei a pensar naqueles dias. Ficamos quase o tempo todo isolados. Marilena não quis sair do cubículo para andar na galeria. A única vez que tivemos companhia, foi quando Pira e Renata foram nos visitar. Levaram frutas, bolos e ficaram lá com a gente no máximo trinta minutos. Sem ter o que fazer, peguei lápis e papel e comecei a anotar minhas impressões, como fazia sempre. Quando terminei, escrevi mais umas linhas só para ela: "Mar, sei lá o que aconteceria comigo se você não existisse. O relacionamento que temos é tudo de que preciso, o resto não interessa. Neste instante você descansa a meu lado e eu sinto que com você sempre por perto vencerei as etapas que virão. Um beijão."
Era para ela ver só em São Paulo, quando fosse ler e guardar meus garranchos. Mas, depois que nos despedimos e voltei para arrumar o cubículo, encontrei uma carta debaixo do travesseiro.
338
18/2/1983. Tumulto, fuga e baita confusão. A Polícia Militar invadiu a penitenciária armada até os dentes. Tudo porque uma fuga foi detectada enquanto ainda havia vinte presos no buraco. Estes, quando foram tirados, apanharam muito antes de ir para a "surda". Muitos assistiram aos companheiros sendo surrados, e aí houve começo de tumulto. Foi quando a PM invadiu. Na verdade, a única coisa que fizeram foi nos trancar e revirar nossos cubículos. Revirar mesmo. Não sei como não rasgaram meu colchão de novo. Estavam nervosos, imagino que tivessem medo e qualquer movimento mal entendido feito de uma das partes podia virar tragédia.
Depois de revistarem toda a penitenciária, abriram as galerias e os cubículos para que tudo voltasse à normalidade. Mas, infelizmente, as notícias que chegaram da Ilha davam conta de duas mortes de internos, e o ambiente ficou pesado de novo.
De uma coisa tenho certeza, não vou morrer de infarto do coração, me conservei calmo o tempo inteiro. É verdade que não fui pego de surpresa, Pira na noite anterior me prevenira, e na hora que o tempo começou a querer esquentar eu estava na galeria. Se a fuga tivesse dado certo e ninguém fosse

surpreendido no buraco, não teria tido a invasão da PM. Ia tocar o alarme, a revista geral seria feita pelos próprios agentes penitenciários e a vida ia continuar, com mal-estar entre agentes e internos. Agora com esses boatos da Ilha, a prisão ficou silenciosa novamente.
Mercedão e Zé Cigano tinham chegado da Ilha já havia algum tempo, mas só vim conhecê-los melhor nos últimos dias, porque Zé Cigano se mudou para nossa galeria. Naquela manhã estavam agitados. Faziam uma reunião em frente à porta de Pira. Vendo aquele movimento resolvi ir para a vigilância.
Mas quando passei pelo grupo Zé Cigano me abraçou...
— Vem tomar café comigo. — Tinha um fumo na mão e os olhos muito vermelhos. Parei ali com ele abraçado ao meu pescoço, como se estivesse me dando uma gravata. —Vejo você sempre calmo e tranqüilo, admiro seu estilo, viver aqui não é fácil. Toma o café e fuma esse comigo, que já estou cheio de falar com esses cabeças-duras.
Ele era mais ou menos do meu tamanho, muito claro, de olho azul. Sempre doidão. Não tirava a jaqueta curta de couro de cobra, aberta no peito e direto sobre a pele. Usava bota também do mesmo material
339
até o tornozelo. Era famoso porque assaltou um acampamento cigano e levou uma fortuna em ouro. Perdi uns cinco minutos para sair daquela situação, e finalmente fui em direção à vigilância. Sabia por que discutiam e não queria que ninguém soubesse disso.
A situação era a seguinte: eram duas opiniões na Falange Vermelha, a do grupo do Pira, que queria paz, e a dos que tinham acabado de chegar, que queriam eliminar o pessoal da outra facção, que veio da Ilha e de outros lugares.
Aqueles dias estavam agitados, em qualquer lugar que eu fosse estava acontecendo algo. Encontrei a seção no maior rebuliço, os internos estavam quase festejando os últimos acontecimentos na seção de segurança, até o Waldique estava com uma cara marota.
O chefe de segurança, Manoel Caneta, mandou buscar na surda dois internos para ele interrogar, o Pará e o Pele, justamente os dois que mais apanharam.
Ninguém soube a razão que fez Pele perder a cabeça, só ficamos sabendo que ele jogou a máquina de escrever na janela e deu um soco na cara do Caneta.
Por incrível que pareça, aquele acontecimento aliviou a tensão.
Enfim, amanhã é dia de visitas, e domingo Marilena estará aqui novamente. Vou me concentrar nisso, não há nada que eu possa fazer... o destino que decida. Eu estava em um lugar de doidos e não adiantava nada eu ficar preocupado.
1/3/1983. ANIVERSÁRIO DE MARILENA. LOGO QUE AS GALERIAS Foram abertas, desci correndo as escadas. Queria ser um dos primeiros a ligar, geralmente as filas eram enormes nos orelhões. Achei estranho, olhei da escada e não havia ninguém nos orelhões. Aproximei-me e constatei que estavam todos quebrados. Não era defeito, tinham sido atacados por vândalos. Estavam arrebentados. Os orelhões ficavam bem em frente à inspetoria. O inspetor do dia estava parado na entrada, olhando. Passei por ele em direção à cantina. Como ele sorriu, perguntei se tinha idéia do que tinha acontecido.
— Não sei, entrei agora, mas já chamei a companhia telefônica. Daqui a pouco chegam outros aparelhos.
340
Não era a primeira vez que isso acontecia, e toda vez os internos ficavam revoltados. Se estávamos trancados nas galerias, os únicos que poderiam ter feito aquilo eram os guardas. Era engraçado: havia turmas de guardas que, em seus turnos, sempre estavam bem (as turmas eram de oito ou seis agentes), mas havia turmas que eram odiadas e era sempre no turno delas que apareciam as encrencas.

Continuei meu caminho rumo à cantina para tomar café e pedir a Hugo que passasse um telegrama para Marilena. Normalmente, ele saía lá pelas dez horas para ir a bancos e fazer compras. Como eu telefonava toda manhã e exatamente naquela, em especial, tinha falhado, ela ia ficar preocupada. Então pedi para passar um telegrama e telefonar.

3/3/1983. Logo cedo um amigo do Pira veio me procurar. Ia ser posto em liberdade em poucas horas. Duas coisas o preocupavam: a primeira é que estava preso havia dezessete anos e não sabia para onde ir. A segunda era grave: se fosse para o morro de origem, onde tinha sido chefe, iria correr sérios riscos, pois tinha estuprado um menino que era bonitinho na época e, naquele momento, era o todo-poderoso do local. Precisava de um lugar seguro para se organizar e depois tentar tomar o morro de volta.

— Será que o seu amigo "banqueiro" pode me arranjar um emprego?

Não pude mentir numa situação dessas e prometer fazer algo que não faria. Para variar, usei a verdade, que conhecia pouco o "banqueiro", só por telefone e correspondências.

E ele foi para a rua completamente despreparado. Depois de dezessete anos, acho que o camarada não sabe nem andar fora daqui. Muitos saíam assim: término de pena e rua. Com Zezinho, que era um cabra macho, 1m 70 de altura, provavelmente descendente de índios, o resultado de ser jogado na rua foi trágico. Por falta de opção foi para o morro procurar seus familiares, que por sinal tinham deixado de visitá-lo e nem se lembravam mais dele. Estava bem na penitenciária, porque Pira gostava dele pelos velhos tempos de Ilha e permitia que traficasse ou anotasse o jogo do bicho, para que tivesse um mínimo de coisas, como sabonete, pasta e escova de dentes, um tênis, essas coisas. Bom... chegou ao morro e quando se apresentou à família foi recebido com alegria. A notícia da sua chegada se espalhou rapidamente e ele e seus familiares receberam a visita dos atuais chefes. Fizeram

festa... depois de tanto tempo ele tinha aparecido, isso precisava ser comemorado com "um bom retorno". A um certo momento da festa, levou vários tiros e facadas, e terminou encontrado dias depois num matagal. Ninguém reclamou seu corpo. Pira, quando me deu essa notícia, comentou que o ex-chefe que volta geralmente é morto pelos que estão no poder.

4/3/1983. Apesar de ser dia de semana papai esteve aqui, trazendo notícias do dr. Evandro e de Fernando Ferreira, naquele tempo um dos sócios e presidente da Bombril. Fernando conhecia bem uma pessoa da Suprema Corte, e os dois, dr. Evandro e ele, iriam tentar fazer contato, pois os tribunais estavam saindo do recesso e provavelmente o meu recurso seria finalmente julgado. Amigos como Fernando são raros. Seu esforço naquela época não deu resultado, mas, quando cheguei a São Paulo, anos depois, o procurei. Se me dei bem logo nos primeiros dias em alguns negócios, foi porque sua mão esteve estendida.

9/3/1983. Estava lendo sobre a posse do novo governador, Leonel Brizola, nos próximos dias, dia 15 de março para ser exato. Havia grande expectativa com relação ao novo governo. Falava-se em mudanças e na melhoria do sistema penitenciário. Mas, na verdade, o que mais preocupava as falanges (que dominavam as penitenciárias e presídios) eram as mudanças no Desipe. Provavelmente, todos os diretores de instituições seriam substituídos.

Estava lendo uma reportagem sobre o novo secretariado, quando fui chamado à sala do diretor. Ele não tinha boas notícias, meu amigo e padrasto, Luiz da Cunha Bueno, tinha acabado de falecer. Dr. Patrício empurrou o telefone para mim e pude falar com minha família. Tentaria com o juiz da Vara de Execução minha ida até São Paulo, sob escolta. O senhor Waldique se ofereceu para me acompanhar, Mas tudo deu em nada, porque Luiz não era meu pai. Fiquei muito triste com sua morte, sempre me lembrarei dele, eu tinha onze anos quando ele e mamãe começaram a viver juntos. Foi quando conheci Chiquito, seu filho e meu melhor amigo.

11/3/1983. Hoje o dia começou "bem"... Não posso negar que esse pessoal às vezes, além de me surpreender, me diverte.

Dois sofás enormes do Desipe, que estiveram sendo reformados na estofaria, ficaram prontos ontem e deveriam sair hoje pela manhã. Quatro internos carregavam o primeiro sofá. A dificuldade para colocá-lo
342
no caminhão foi tão grande para aqueles quatro homens, que o guarda desconfiou e resolveu olhar com mais atenção. Esperto, mandou que o depositassem no chão e fossem buscar o outro. Enquanto faziam isso, o agente sentou com toda a força no sofá e, para seu espanto, ouviu um gemido. Quando os quatro internos chegaram com o outro sofá, os outros agentes já estavam no pátio esperando e o alarme disparou. Para encurtar a história: havia um interno em cada sofá. Os quatro que carregavam eram os mesmos que fizeram as reformas. Eles e Alfredo foram parar na surda. A seção de estofaria ficou parada daí em diante, pois só o mestre Alfredo sabia tocá-la.
15/3/1983. O alarme tocou, um toque longo e intermitente: quer dizer fuga. Eu estava no chuveiro, tinha acabado de me levantar. Olhei através das grades da janela e vi internos no telhado do hospital. Era de lá o alarme. Mas depois de algum tempo percebemos que, apesar de a confusão ser ao lado, no hospital penitenciário, o alarme de cá tinha tocado também. Continuei acompanhando da minha janela os internos no teto do hospital, tentando se esconder. Pelo que ficamos sabendo, a tentativa não teve sucesso. Era dia da posse dos novos governadores. Como foi ponto facultativo, eles acharam que a guarda estaria desatenta.
Passei o dia praticamente sem sair do cubículo. Resolvi ficar por ali porque o clima estava esquisito desde o dia anterior. Um interno estava desaparecido. Um guarda da portaria resolveu limpar sua arma e, descuidado, deixou a arma disparar e morreu. Quanto ao interno, ninguém sabia se tinha fugido ou se estava morto, com o corpo escondido em algum canto. Pira, por conta própria, tinha fiscalizado as caixas d'água. Era estranho o desaparecimento, porque esse preso era um senhor que todos respeitavam, estava preso havia muito tempo, era de confiança e trabalhava na portaria.
Com esse clima preferi ficar assistindo pela TV à posse do Brizola. A população tinha grandes esperanças em seu governo. O país, segundo os jornais, estava mal, se não exportássemos não sairíamos da crise. As únicas empresas que estavam tendo lucro eram as multinacionais, e Brizola prometera que traria algumas para o estado. Outro assunto que merecia a atenção dos jornais era a CPI do Serviço Nacional de Informações (SNI), que não ia nem para a frente nem para trás.
Eu tinha interesse em tudo o que se passava no país, tinha medo de me sentir por fora. Mas, naquela manhã, minha preocupação era com
343
meu estado de espírito. Nada me animava, a não ser, é claro, a presença de Marilena e da família. Ela e papai faziam tudo o que era possível para amenizar meu sofrimento. Mas tinha dias que eu sentia tanto remorso e tanta dor, que não conseguia fechar os olhos. Via as fotos de Ângela sem vida, no chão, fotos que vi nos jornais na época em que estava fugido. Não discutia isso com ninguém, quando Marilena perguntava o que estava me perturbando, punha a culpa na Justiça, tão demorada. Só muito tempo depois falei sobre isso com Marilena. Quando digo assuntos não discutidos, são os do momento em que atirei na Ângela, porque do resto falei até demais, a ponto de amigos, conhecidos e até gente que nunca tinha visto me aconselhar a esquecer os tempos de cadeia. Outra coisa que me preocupava naquele momento era o ambiente entre internos e agentes penitenciários.
23/3/1983. Hoje assumiu o novo diretor do Desipe, indicado pelo secretário da Justiça. Depois da posse, convidou alguns jornalistas para visitar a penitenciária aqui do lado, a Milton Dias Moreira. Ficaram horrorizados com as "surdas", com a pobreza da população carcerária, com o estado do prédio e, por conseguinte, dos cubículos.
Acredito que a prisão, apesar de necessária, não recupera. A não ser que mude a visão dos administradores. Não sou ninguém para estar dando palpite, mas vivi lá e acho que vale a pena obrigar os internos a aprenderem uma profissão. Deveriam investir nisso, tinha de ser prioridade, em

benefício da própria sociedade. Não adianta nada apenas prender, principalmente nos casos das penas longas. O cara sai, não tem mais família e as únicas pessoas que restaram são as que conheceu no cárcere. A Vara de Execuções do Rio até que faz sua parte, dentro do possível, pois nunca tem verbas. Tive oportunidade de ver, na época de albergado e depois na condicional, que o pessoal que atendia os apenados eram dedicados, mas as condições eram muito precárias. O discurso tem de sair do palanque para a população ter um pouco mais de tranqüilidade. Estou escrevendo em 2004 e, daquela época para cá, percebo que as coisas pioraram e muito.

24/3/1983. "Mar, amor, acabei de falar com você, quando falamos minha cabeça muda, as minhas disritmias ficam um pouco mais rítmicas e, nas quintas-feiras, quando você vem, como esta tarde, é melhor ainda, pois sei que sábado estaremos juntos novamente. Ando tão apaixonado por você... Beijos."

344

Carinho entre nós não faltava. Escrevi as linhas acima depois de receber, praticamente ao mesmo tempo, sua visita e este carinhoso bilhete pelo correio, que, como sempre, foi censurado por algum funcionário. (Recebíamos as correspondências abertas).

São Paulo, 22/3/1983

Amor muito querido,

Este é só um bilhetinho para dizer que estou morrendo de saudades (lugar-comum) epara estar presente com você pelo menos na hora em que você estiver lendo o mesmo. É meia- noite, não saí desde as seis e meia, estou na cama. Está umfriozinho bom para isso. Zé e Cláudia chegaram há pouco e mandam beijos. Boa noite, amorzinho, eu amo você. Streetinha.

Com a mudança de governo e a certeza de mudança na administração, havia muita desconfiança entre os internos e os administradores que estavam de saída. Segundo os líderes, estavam tentando misturar todas as facções para complicar a vida do próximo diretor. Mas era a opinião da liderança de internos, isso não queria dizer que tenha sido verdade. Agora... que houve transferências e entradas em grande número, é verdade. Que Pira andava esquisito e tinha um monte de gente falando em armar arapucas para os guardas, também era verdade.

Acho até que era coisa antiga, guardas que estiveram na Ilha e naquele momento estavam ali. A coisa era muito complicada, rancores antigos, coisas da rua, de outros presídios, que a administração atual conhecia e evitava. Se estavam tentando embaralhar tudo ia dar problema. Já tinha assistido a Jesus e Lâmpada falarem que dois presos que tinham acabado chegar da Ilha teriam de morrer. Até pedi que não comentassem essas coisas na minha frente.

— Depois dá alguma coisa errada e o único que sabe sem ser vocês, sou eu. —Isso era motivo de risada, eles se divertiam com meu medo.

Hoje acordei com uma tremenda confusão perto da minha porta, que estava trancada, como sempre que eu dormia.

— Vai tomar no cu, qual é, tu tá cheio de caô... Eu conheço tua vida na Ilha, tu era "garoto".

Resposta:

— Vai à tua luta, vagabundo, que tô bolado (de saco cheio), tu fica me pondo pilha (irritando), tu é vacilão (que só faz bobagens) como

345

todo mundo nessa galeria. Eu também conheço tua vida, na Ilha tu era "alemão" (olheiro da administração), sempre com o capitão Theobaldo querendo dar "carrinho" (transferência) em quem não formava (pensava da mesma maneira) com tu. Só tu queria vender bagulho (fumo).

Aí ouvi a voz de Pira.

— Deixa comigo, vou resolver essa parada.

Era uma discussão com um pessoal de outra galeria de visita íntima. Diziam que a liderança, por falta de interesse, não estava tentando arranjar "dormida" no próximo feriado, que era na Semana Santa.

A princípio, isso não era verdade. As mulheres dos líderes estavam sempre lá, nas visitas de domingo e nas "dormidas". Mas, em se tratando de cadeia... tudo é possível.
O ambiente estava cheio de novidades, eu passava pouco tempo na vigilância. O Desipe autorizou outras visitas de jornalistas, e eu os evitava. Promotores e advogados do Estado entrevistavam internos que reclamavam estar com pena vencida. Muitas reclamações eram pertinentes e alvarás de soltura estavam para chegar há muito tempo.
Eu ia até a vigilância e encontrava promotores examinando os arquivos. Cumprimentava o senhor Waldique e saía de fininho. Ia bater paredão, geralmente procurava Jesus para ir comigo. Agora já não era tão fácil usar o muro do pátio 3. Eu tinha doado quatro pares de raquetes e o pessoal jogava frescobol, aliás, jogavam paca. Mas atrapalhavam a batida de paredão. Só que eu tinha meu parceiro Jesus, que, educado, pedia para darem um tempo.
Aquele interno desaparecido apareceu depois de uma semana. Esteve escondido dentro da caixa de água. Bem que Pira estava desconfiado e esteve procurando lá, mas o "velho" percebeu sua presença e mudou de lugar.
O "velho" ficou sabendo que seu alvará de soltura estava na mão do diretor. Como ele não tinha para onde ir, pois estava lá havia vinte anos e não tinha família, se apavorou. Mas tudo acabou bem, arranjaram para ele trabalhar num dos albergues do Desipe.
29/3/1983. Os feriados se aproximavam, e só se falava em sair para visitar a família e na "dormida". Isso e mais jornalistas visitando e querendo entrevistas, os promotores e advogados do Estado procurando gente para soltar. Essa situação causava um certo frisson na massa e

tumultuava minha cabeça. Já estava havia dois dias sem bater paredão, pois, se me fotografassem, sairia matérias nos jornais e eu até adivinhava qual seria o texto.
A intranqüilidade de Pira com "entradas e carrinhos" me deixava assustado. Será que era tão séria assim a situação? Outra coisa: será que teríamos "dormida"?
Fui até a vigilância marcar presença. Estava tudo em paz, as fichas que tinham sido remexidas estavam arquivadas. Waldique não estava, e um dos internos que trabalhava na mesa ao lado da minha estava de porre. Tinha arranjado uma garrafa de álcool e não achou nada melhor que jogar metade fora e completar novamente com laranjada. Mal começou a beber, ficou num porre que deixou todos ali preocupados. Se alguém da administração visse aquilo, iria sobrar para todo mundo. Decidimos levá-lo para sua galeria. Eu tomaria conta da seção enquanto Chaves e Luiz o levavam. Foi difícil, já que o álcool o pegou de tal jeito que saiu arrastado. Demoraram a voltar pois tiveram de fazer muito ziguezague para evitar os agentes penitenciários.
Finalmente retornaram e eu pude sair dali. Ia em direção à cantina, mas não sei o que me deu, decidi fazer uma visita ao diretor. Afinal, ele me deixou claro no primeiro dia que poderia procurá-lo sem aviso prévio.
Subi e pedi para João do Lago ver se o diretor podia me atender. Olhou uma lista que estava na gaveta, constatou que meu nome não estava lá. Fez caras, mas levantou-se, bateu à porta e entrou. Um minuto depois eu estava ouvindo...
— Até que enfim... você apareceu sem eu intimá-lo. — Mandou que eu me sentasse e ficou me olhando por algum tempo. Depois, sorrindo: — Onde você acha toda essa força e resignação?
Me lembro bem da resposta, porque mais tarde fiquei me perguntando aonde tinha ido buscar aquilo:
— Resignação é a primeira coisa que se aprende na cadeia.
Batemos um longo papo. Ele demonstrou claramente seu desagrado com a invasão de jornalistas, promotores, advogados e até estudantes de direito.
— Isso tumultua muito, vocês estão aqui para cumprir pena e não para servir de pano de fundo a políticos. — E continuou: — Já tenho problemas de sobra. O juiz só vai liberar para sair na Páscoa quem saiu no fim do ano, e esses eu transferi, e você sabe o porquê. Hoje em dia já

347
compreende, não podiam mais ficar aqui. Os internos que estão achando que têm direito à visita à família nem resposta vão ter.
Aproveitei que houve uma pausa porque alguns guardas entraram sem se anunciar e ele teve de atender. Pareciam exaltados. Ele fez sinal que esperassem, já ia atendê-los. Quando olhou para mim novamente, perguntei pela "dormida".
— Já consenti. Não sei porque Pira está fazendo esse mistério, foi autorizado por escrito, tem de entrar no diário do inspetor. — O telefone tocou, ele atendeu e me olhou depois de ouvir o que diziam. — Seu pai esta aí, vá encontrá-lo, tenho que atender aos guardas.
Falou isso, olhando e fazendo cara de quem estava de saco cheio. Levantou-se e foi até a porta comigo.
— Não fale nada sobre a "dormida", deixa o Pira pôr o aviso na LEP.
2/4/1983. Marilena me surpreendeu, não avisou que vinha na quinta-feira. Nós dois estávamos no salão, ao lado do serviço social, e eu explicava para ela todo aquele movimento de advogados, promotores e jornalistas por ali. Animado, contava da "dormida" no sábado, quando tocou o alarme, longo e intermitente (fuga). Não sabendo o que fazer, optei por sentarmos em um lugar que qualquer administrador ou agente que aparecesse não tivesse dúvida de que eu estava apenas recebendo uma visita. Esta sala e o serviço social eram um pouco além da administração e da carceragem. Pouco tempo depois, apareceu um agente, mas só olhou e saiu novamente. Voltou quinze minutos mais tarde dando a visita por encerrada. Acompanhou Marilena até a portaria e eu voltei para a vigilância, passando por um bando de promotores e advogados que estavam sendo encaminhados para a saída.
Assim que entrei na seção, perguntei quem fugira. Estranhei a atitude de todos, era uma mistura de tranqüilidade e revolta. Olhei para o Chaves, e ele, que estava sempre calmo e tirando sarro de tudo, comentou:
— Até agora ninguém sabe quem disparou o alarme, já estão dizendo que foi armação dos guardas.
3/4/1983. São 23 horas de domingo, Marilena ficou 29 horas aqui comigo. Foi ótimo, deu para esquecer um pouco esse inferno e o complô dos guardas.
Não acredito que alguém possa entender a sociedade carcerária. Há uma guerra velada entre guardas e internos. Ainda não entendi a razão. Talvez, com a mudança de governo, os guardas estejam realmente
348
tentando misturar todos os internos para acabar com as lideranças das falanges.
Marilena e eu curtimos a "dormida", como sempre, com sua presença, meu humor melhora.
Era sábado à noite, na hora do "confere", nós (os internos) ficamos sempre de pé, à porta, e depois de responder à chamada voltamos para nossas mulheres. Durante todo o tempo em que ficamos juntos, Marilena e eu só falamos uma vez sobre o clima que havia entre agentes e internos, depois nos desligamos do mundo. Namoramos, assistimos à TV, conversamos sobre o futuro, acredito que em algum daqueles momentos me senti gente, esquecendo que estava naquele lugar horrível e degradante, naquele clima quase de guerra entre guardas e internos. Aliás, quase de guerra uma ova, era guerra mesmo. Enfim, aquilo era um "tempo". Sabe, quando você pede para "dar um tempo". Era o pique. Lembro-me tão bem, quando era criança e brincava de pique. É certo que temos de pagar por nossos crimes, mas tem de ter um "tempo" para não enlouquecer.
É duro voltar... abrir a porta, dar com a galeria e com tudo aquilo. É um choque muito forte e o sofrimento é terrível. Parece o ralo de uma banheira, aquele pingo de alegria vai saindo e você fica.
Marilena, quando estava lá, usava uma das minhas camisetas. Era o que me sobrava, dormir com elas.
6/4/1983. Retrospecto: Marilena esteve aqui na quinta-feira, quando o alarme tocou e era tudo armação daquela turma de guardas. Se quiseram chamar a atenção dos promotores e advogados do Estado que aqui estavam, o tiro saiu pela culatra. Pois foi apenas um alarme falso, demonstrou

incompetência. Essa guarda não perdia por esperar.
Sexta-feira, visita normal, era Semana Santa. No sábado, Marilena entrou aqui e ficou 29 horas comigo, sua presença foi um bálsamo.
Hoje deve estar fazendo seis meses que estou aqui, o alarme acabou de tocar e o alto-falante convoca todos os internos a ir para o auditório. O diretor vai apresentar seu substituto.
— Muito caô e depois trocamos de diretor. — Foi assim que Cuca definiu aquela convocação.
7/4/1983. O dia foi calmo, apesar dos comentários sobre revoltas nos presídios de São Paulo. Em qualquer grupinho só se falava nisso.

Mas o que estava deixando o pessoal mais curioso era a reunião de todas as turmas de guardas com o novo diretor, dr. Pedro Brito.
No fim do dia, fui informado que a Suprema Corte de Brasília tinha confirmado minha sentença. No momento em que recebi a notícia não fiquei muito abalado, mas com o passar das horas aquilo foi tomando conta de mim.
Só aí percebi que aquela era minha última esperança. Afinal, se Brasília anulasse o segundo julgamento, eu iria para a rua na hora.
8/4/1983. O clima esquentou, o novo diretor quer acabar com as lideranças. Sugeriu que cada galeria tenha dois representantes e que esses dois façam relatórios a ele.
Esse papo foi em uma reunião com todos os internos no fim da tarde, no auditório. Não fui à reunião, preferi ficar lendo, estava com o saco cheio por causa do resultado de Brasília. E ainda quase trombei com o novo diretor de manhã, quando saía da cantina. Achei que tinha me olhado esquisito.
Mas o terremoto que essa reunião causou, eu assisti quando todos voltaram para as galerias. Os comentários a respeito da sugestão eram todos iguais:
— O homem está louco, quer dois dedos-duros em cada galeria. Segundo Chico Tonelada, que foi comentar os acontecimentos em meu cubículo, os internos se rebelaram na hora e deixaram claro que "as lideranças iam continuar e que isso era religião".
Acredito sinceramente que a intenção do diretor era boa, mas ele não soube se explicar. Era promotor público, não tinha a menor experiência de sistema penitenciário, acho até que nunca tinha entrado em uma penitenciária até poucos dias atrás.
De todo jeito, os internos achavam que os guardas tinham feito a cabeça dele e manifestaram isso na reunião. O ambiente ficou carregado. O que salvou foi que, no final da reunião, ele anunciou que ia dar uma festa no dia primeiro de maio, Dia do Trabalho, e ela deveria ser organizada em conjunto pela administração e pelos internos. Os internos também não concordaram e, segundo Chico Tonelada, o Cuca se levantou e falou:
— É melhô o senhô fazê o nosso jogo, dotô, senão o senhô vai caí daí. A gargalhada foi geral e ele então concordou e deixou tudo na mão dos internos. Também, segundo Chico Tonelada, o diretor ia saindo, mas voltou e fez mais um anúncio:

— No dia da festa, as galerias, todas elas, poderão receber os visitantes. Não é visita íntima, é para todos os familiares e amigos, vamos chamar esse fato de "Jupirão".
Aí, alguns aplaudiram.
Outra coisa que demonstrava a inexperiência desse diretor foi a pergunta que fez ao encontrar Pira e Jesus, na saída do auditório.
— Como vocês conseguiram a liderança? Foi aterrorizando os companheiros?
Resposta dos dois:
— Chi! É uma história muito antiga. Começou na Ilha, mas ninguém é líder, só estamos nessa vida há mais tempo.
Mais tarde, depois do "confere", Pira apareceu no meu cubículo.

— Por que você não foi ao auditório? Se você forma com a gente, tem que estar junto. — Expliquei que tinha ficado abalado com as notícias de Brasília e tinha preferido ficar só. Ele continuou: — Esse doutorzinho vai causar problema com essa história de dois representantes por galeria. Ele mudou de assunto, falou de "Jupirão", mas não me enganou, isso é orientação do Desipe.
Nos dias que se seguiram, o novo diretor, dr. Pedro, andou por todo o prédio e conversou com alguns internos. Dizia que de uma certa maneira ia continuar tudo igual, a "dormida" mensal, por exemplo, estava garantida.
11/4/1983. Segunda-feira, acordei com ressaca moral e com muito medo. Sábado, na visita, Marilena estava ótima, mas no domingo ela chegou chateada. Choveu, e os guardas, de sacanagem, ficaram conversando, tomando café e deixaram as moças na chuva por uma hora. Eu também não estava bem, tinha ocorrido um incidente na galeria enquanto esperávamos por nossas companheiras. Uma discussão boba, mas violenta. O bate-boca entre General e Lâmpada me deixou assustado. Ontem à noite, fiquei sabendo o motivo da discussão e me apavorei mais ainda.
Pira me explicou:
— Na quinta-feira, dois "alemão" (inimigos) vão morrer, isso já está decidido, vai ser logo de manhã, uma hora depois da troca da guarda. Os guardas que estarão no plantão são os que estão causando problemas e essas mortes vão prejudicá-los. Tocaram alarme falso, deixaram nossas esposas na chuva etc. O General e o Lâmpada discutiram

, porque um acha que não vale a pena provocar. Vai arrumar mais confusão com eles, era uma questão de política, vamos ser mais visados ainda. Aí a discussão, Lâmpada e os outros querem ir à forra com os guardas já. — Depois me avisou: — Nesse dia saia tarde do cubículo. Vamos pegar os "alemão" em lugares diferentes, um na cantina e outro em seu cubículo. Quando tudo acabar, vá para a sua seção e fique lá, de olhos bem abertos. Não se preocupe com a gente, o Preá vai assinar os crimes.
É claro que acordei mal. Como eu tinha bolo, frutas e refrigerantes, não fui à cantina tomar café. Quando desci, já levei as raquetes e bati paredão até não agüentar mais. Ao voltar para o cubículo estava exausto. Sentei-me embaixo do chuveiro e fiquei algum tempo, depois larguei o corpo na cama e dormi pesado. Quando acordei e abri os olhos percebi que tinha um camarada sentado à minha porta. Estava de costas e conversava com Nézão. Falava baixo para não me acordar. O que não adiantava nada, pois havia pelo menos cinqüenta rádios ou aparelhos de TV ligados a toda. Sentei-me e ele olhou para mim. Tinha a cabeça grande para seu corpo. Era escuro, cabelo carrapicho, havia tempos sem cortar, e uma barbicha. Olhou e sorriu, um sorriso sem um ou dois dentes.
— Oi! Sou o Adilson, seu Waldique mandou te chamar. Nézão encostou na porta.
— Você conhece o Capeta (Adilson)?
Daquele dia em diante, o Capetinha passou a fazer parte do meu dia-a-dia. Além disso, ele adorava o Chico Tonelada, que era praticamente meu vizinho.
Então era Capeta para tudo: ir à cantina buscar coisas, procurar a Baiana que estava atrasada com minha roupa e limpar meu cubículo. Era esperto, arranjou uma faxina muito boa na cozinha dos funcionários. Então, toda tarde, trazia meu jantar e o do Chico.
Vesti-me rápido e fui para a vigilância atender o chefe. Tinha um bando de internos saindo e um outro entrando. Bianca estava no meio dos que estavam levando "carrinho". Depois de umas duas horas de um certo tumulto, pelo volume de entradas e saídas, subi até a galeria, nem sabia bem por que estava fazendo isso, acho que era para sair um pouco da seção. Passei pelo cubículo do Pira e parei um minuto. Comentei que estava entrando e saindo muita gente, naquele exato momento. Quando falei isso ele se sentou preocupado e quando contei que a Bianca estava

no meio... ele catou uma calça e saiu a toda, em direção à vigilância. Como não entendi nada, fui perguntar ao Chico Tonelada o que podia significar aquilo. Ele ficou olhando para o teto pensando...
— É... o ambiente está esquisito, quem sabe o que Pira e Bianca tramam. Ela pode estar guardando armas para ele. É pouco provável, mas não é impossível. Ela estava aflita?
Respondi negativamente:
— Pelo contrário, saiu dando adeusinho, rindo e rebolando, dizendo que, se eu fosse dela, me trataria como príncipe.
Ele riu.
— Essa Bianca... ela sabe muito, sabe para onde ela foi? — Respondi:
— Foi para a Ferreira Neto em Niterói.
— Lá não tem problema. Aliás, você deveria ir para lá, não sei por que está aqui. Isso aqui é um perigo, é para nós, bandidos.
Mais tarde estive com Pira. Ele estava calmo e não tocou no assunto.
15/4/1983. Não consegui dormir a noite passada, ainda mais porque Lâmpada esteve me visitando. Fez um "charuto" enorme e só foi embora depois de acabar com meus refrigerantes e meu pão de forma. Eu sabia que ele e Jesus eram os chefes do "bonde" (grupo de internos encarregados da "limpeza"), mas não tocamos no assunto. A princípio eu não sabia de nada. Nunca vi camarada tão tranqüilo, nem parecia que tinha missão tão macabra. Sei que eles não tinham outra coisa a fazer, se não tomassem aquela atitude, em breve seriam eles. O que chamava a minha atenção era a tranqüilidade com que eles encaravam a situação. Tinham de tomar uma atitude e tomariam. Aquilo deveria chamar a atenção da administração, de que misturar facções começaria uma guerra. Ficamos conversando até tarde e teve um momento em que eu já estava doidão e resolvi dar uma opinião sobre alguma coisa, e usei uma frase mais ou menos assim:
— Você que é meio dono da cadeia, por que...
Não tenho a menor idéia do que sugeri, mas nunca esqueci sua reação. Estava sentado na beirada da minha cama, enrolando outro charuto e, ao ouvir o que eu disse, parou e ficou me olhando.
—Você é meu irmãozinho, nosso príncipe e não vou ficar bravo, mas não chama ninguém aqui dentro de dono de cadeia, isso é uma ofensa.
Passou a língua na seda para dar acabamento ao "charuto". Feito isso me entregou e...

— Acende aí! Eu estava fazendo isso e o General apareceu à porta. Abriu a mão e jogou um "papelote" na cama.
— Essa aí tá brilhando... vem Lâmpada, o Paulo tá chamando. Resposta surpreendente:
— Mais tarde eu vou. Mas olha... não vou comer cu, não. Acordei muito mal, com ressaca moral, daqui a pouco dois iriam morrer. Isso se não estivessem prevenidos e não revidassem, o que pioraria a situação, principalmente se olhar pelo aspecto de que haverá mais mortes, mais danos e até uma revolta.
Faria exatamente como Pira tinha me instruído. Mas o melhor no momento era tomar um banho, olhando o relógio da Central do Brasil. Assim não ficaria tão ansioso esperando o alarme tocar. Eu nunca tinha sentido algo assim, o silêncio era total, pesado. Tive a impressão de que o tempo tinha parado, o mundo não girava... só o silêncio sepulcral era percebido. De repente levei um susto e quase caí. O alarme tocou e não parou mais. Durou uns cinco minutos, com seu gemido agudo. Quando parou, eu já estava vestido e pronto para destravar a tranca da minha porta e sair em direção à vigilância. Ao sair para a galeria, vi Chico Tonelada. Estava sentado à sua porta, só de shorts com as mãos na cabeça. Assim que me viu e percebeu que eu ia descer, me chamou:
— Aonde você vai?
Fui até ele e contei da minha conversa com Pira. Segurou-me:
— Fica aí, espera mais um pouco.

Ele estava muito assustado. Enquanto estive com ele, me contou que na cadeia todos, ou quase todos, sabiam que aqueles dois iriam morrer, só os próprios não conheciam seu destino. Esperei quase uma hora e desci.
O movimento de internos era menor, mas o som de rádios e o barulho estavam de volta. Não perdi tempo, nem olhei para o lado da cantina, onde tinham planejado pegar uma das vítimas, fui direto para a seção. Os internos que encontrei no caminho falavam alto e riam. Encontrei Wal-dique sentado em frente à mesa do Chaves, conversando. Falavam baixo e, quando me viram, fizeram sinal para me aproximar. O chefe disse para eu sentar e ficar calmo, que dois internos tinham morrido.
— Coisas de cadeia.
354
A Polícia Militar já tinha entrado e prendido o Preá, que se apresentara à inspetoria e se declarara o autor dos crimes. Alegou que as vítimas o perseguiam e o ameaçaram de morte. Que, apavorado e sem saída, resolveu matá-los. Waldique disse:
— Não acredito nessa história.
Quando ia continuar, o telefone tocou e ele foi para a sala do diretor.
Todos os "faxinas" da vigilância estavam ali. O movimento de policiais militares tinha acabado, esperávamos a sirene chamando para o almoço. Jesus apareceu à porta, sorriu para mim, pôs a mão na altura do coração.
— Está tudo bem.
Convidou para comermos qualquer coisa na cantina. Eu não tinha a menor vontade de acompanhá-lo, mas não titubeei, saí imediatamente e acompanhei-o até lá. No começo não tinha idéia sobre o que falávamos, mas lembro perfeitamente da tranqüilidade e da disposição dele comendo o hambúrguer e tomando Coca-Cola. Nem parecia que ele tinha comandado o "bonde" (grupo que participou do crime) que fizera o serviço ali um pouco antes e que, provavelmente, tinha dado a primeira estocada.
Foi ele quem me contou, tudo, logo após o lanche. Parecia com pena da vítima e aliviado por tudo já ter acabado. Quando abordou o assunto, suas primeiras palavras foram:
— Já passei o diabo no sistema e não pensei que aqui tivéssemos que continuar as "limpezas".
O primeiro a morrer foi apanhado de surpresa em seu cubículo, que ficava na mesma galeria que o do Chaves (ele me confirmou tudo mais tarde).
O "bonde" fez um amigo de confiança da vítima bater em sua porta. Quando ela abriu, foi atacada por uns dez internos e levou mais de oitenta estocadas. Até um interno que não tinha nada a ver com o "bonde" entrou no cubículo da vítima depois de ela já estar deitada, e provavelmente sem vida, e deu-lhe mais algumas estocadas.
O outro foi pego na escada. O número de internos desse "bonde era maior. Convidaram-no a tomar café na cantina e, lá ou a caminho, o mataram com mais de cem estocadas.
Segundo o que o Hugo me contou, depois que Jesus terminou o lanche e saiu, o que aconteceu foi o seguinte: mais ou menos vinte
355
internos passaram pela cantina falando alto e rindo. Não pararam apenas passaram por lá. Como ele não percebera nada estranho, a não ser que ninguém mais tinha aparecido, só se deu conta porque um desavisado que ia chegando saiu rápido e apontou para o chão. Só então olhou o outro lado do balcão e encontrou o coitado lá deitado, cheio de sangue.
Não consegui lanchar nem almoçar, aquela manhã me tirou do ar, fiquei completamente desnorteado. Fui para o meu cubículo, queria ficar sozinho. Isso tudo me incomodava. Depois dos crimes, do movimento de policiais militares entrando e saindo, de recolherem os corpos e de todos os chefes de seção se reunirem com o diretor, tudo voltou ao normal, como se nada tivesse acontecido.

Naquela mesma tarde, mamãe e Marilena estiveram me visitando. Quando apareci no salão, elas estavam bem. Só acharam estranho, na hora em que estavam entrando, verem dois cadáveres sendo postos num rabecão. Estranharam também porque, de uma janela que dava para o jardim da entrada, viram Jesus e Lâmpada dando adeusinho. Quando elas se aproximaram, eles disseram:
— Não se preocupem, está tudo bem com o príncipe.
18/4/1983. Revistaram todos e tudo. Muitos colchões foram cortados, armários desmontados. Com um bastão de ferro batiam no solo e nas paredes dos cubículos à procura de "cafofos" com drogas ou armas escondidas. Nunca tinham me revistado, o meu cubículo sim, mas a mim era a primeira vez. Quando há uma "geral", pedem para a gente sair e esperar na galeria em frente à porta. Revistam tudo e você volta para colocar tudo em ordem. Desta vez, após virarem o cubículo de ponta-cabeça, mandaram que eu entrasse e tirasse a roupa e examinaram a bainha do jeans. Podiam perfeitamente fazer isso sem me deixar nu, mas acho que estavam a fim de me humilhar. Não acharam nada, nem comigo nem no cubículo. Não acharam nada na quarta galeria (que foi a única naquela noite a receber a visita dos guardas).
Aquela história de o Pira começar a chamar mamãe de segunda mãe era estranha, ele chegou até a escrever bilhetes para ela, que iam com minhas cartas. Na quinta-feira, quando ela esteve aqui com Marilena e viu os "presuntos" saindo, ele deu um jeito de ir até o salão onde estávamos, para abraçá-la e tranqüilizá-la. Seus esclarecimentos eram a pura verdade. Ele dizia:

— Ele se dá bem com a massa, não se envolve com nada, gosta de andar sozinho e o esporte que gosta, que é bater aquela bola no muro, ele também faz só.
Também achei estranho ele aparecer em meu cubículo para ter uma conversa séria (que tinha sido interrompida pela "geral"). Fiquei preocupado, custei a dormir naquela noite pensando nisso. Como a vida ali era complicada, tudo tinha de ser analisado. Um sorriso, uma atitude... não dava para deixar passar nada, que coisa mais exaustiva.
No dia seguinte só cheguei à seção um pouco antes das dezessete horas. Bati paredão das sete às oito, com Capetinha assistindo e apanhando as bolas. Mas estava exausto, não tinha dormido direito e, nesse estado de ânimo, acabei por jogar todas as bolas por cima do muro. Depois de telefonar para Marilena, voltei ao cubículo e só saí para ir à seção no fim do expediente. Tinha acabado de sentar-me em meu lugar quando Pira apareceu. Ficou por ali, olhou um mapa que mostrava todos os cubículos e depois me convidou para comer um sanduíche.
Logo que saímos da seção, disse:
— Vamos pegar sanduíches e Coca-Cola, que vou levar você pro telhado; a tarde está fresca e de lá se vê a cidade. — Perguntei se não havia problemas com os guardas. — Ninguém vai ver a gente, os guardas vão estar tomando conta do refeitório, e o guarda da guarita eu conheço.
O telhado era tão velho quanto o prédio, mas estava bem conservado. O que estava mal era o forro, as caixas d'água, os fios soltos ou os que saíam, emendados em antenas. Isso era tudo sujeira e abandono. Agora, lá em cima era bonito, para mim principalmente, que não vi mais nada desde que entrei ali. Só não vimos o sambódromo porque não existia nem o projeto. Sentamo-nos num lugar alto e ficamos olhando e assistindo ao pôr do sol, que parecia todo riscado por causa dos prédios. Fiquei emocionado ao ver a cidade que eu sempre amei. Pira dizia:
— Esta cidade é minha. Eu preciso sair daqui, apesar de que, se eu agüentar mais dois anos, saio dentro da lei. Já estou preso há muitos anos, passei por muita coisa dentro do sistema, a maior parte na Ilha Grande. É um lugar lindo, tenho saudades de lá. Quando a gente chega lá é muito sacrificado para a família. A viagem é longa e a barca desconfortável. Mas, na época em que fui preso de confiança, morava fora do presídio com a minha mulher. Acredite, foi a época mais feliz

de minha vida. O mar, a horta, nossa casinha de pescador... Eram tempos de linha-dura e todos

éramos condenados pela Lei de Segurança Nacional. Foi nessa época que formamos a Falange Vermelha. Com a Falange as rebeliões e as mortes diminuíram, e conseguimos muitas regalias para os internos. Fora que, quando os presos saíam de lá tinham gente para procurar e planos para executar. Isso nos rendia uma porcentagem e auxílios. Mas sempre tem os que não concordavam e começavam a querer organizar outros grupos. Nós tínhamos conversado muito com os políticos que estavam lá, presos como a gente, porque eram contra o atual regime. Assistíamos a suas conversas, seus planos e aprendemos a nos organizar. Os internos que não concordavam conosco se agruparam e quiseram tirar nosso poder. As mortes começaram novamente. Fui para um dormitório repleto e dormia na sexta cama de um beliche. Tínhamos que dormir escoltados por companheiros, com medo de sermos mortos. Por isso escolhi o último andar do beliche. Se bem que o pessoal de lá fabricava lanças, e furar alguém no sexto andar não era difícil. Precisávamos dormir com gente tomando conta, não por causa dos companheiros de dormitório, ali havia uma certa união, era por causa dos "alemão". Tínhamos receio de ter o dormitório invadido. Então decidimos atacar o dormitório dos inimigos. Numa noite escura, achamos que era o momento e atacamos com estoques e lanças. Apesar da vantagem da surpresa, houve muita resistência e muitas mortes. Me acertaram muitas estocadas e acabei num hospital, aqui no Rio de Janeiro. Quando me recuperei vim parar aqui. Até pouco tempo atrás, a Falange Vermelha comandava a Ilha Grande. Depois começaram com as transferências malucas e está tudo desse jeito. Hoje em dia já existe a Falange Jacaré e o Terceiro Comando. Aqui mesmo tem uma porção deles. Acho que alguma coisa muito séria está para acontecer.

Fiquei o tempo todo quieto, ouvindo aquele homem contar uma parte da sua vida. Não abri a boca, não interrompi nem uma vez. Acho que durou um bom tempo essa narrativa, uns quarenta minutos, mais ou menos. Sabia que tudo o que tinha acontecido ultimamente tinha o dedo dele, e sabia também que ele estava certo numa coisa: não se devem misturar quadrilhas.

Começamos a voltar e, antes de entrar no forro do telhado, perguntei o que ele queria falar comigo desde a noite anterior.

— Preciso pensar mais um pouco, amanhã a gente se fala.

Descemos e fomos em direção à nossa galeria. Para fazer isso, tínhamos de passar em frente à inspetoria, e como aparecemos vindos do pátio 3, o inspetor ficou olhando desconfiado. Provavelmente ele tinha inspecionado aquele pátio e não tinha encontrado ninguém, e agora não entendia bem o que estava acontecendo. A inspetoria dava para os orelhões e para uma das portas do refeitório. Para demonstrar despreocupação, Pira parou nos orelhões, pegou um telefone e ligou para a mulher dele. Eu segui em frente e subi a escada que ficava a uns quinze metros de lá.

19/4/1983. Preocupado com a conversa que iria ter com Pira, saí cedo da galeria e fui para a vigilância. Cheguei tão cedo que tive de ficar sentado à porta esperando o Chaves chegar. Tinha dormido bem, apesar do pressentimento de que Pira iria me pedir alguma coisa muito séria, pois ele estava me cercando há dias. Seria dinheiro? Era pouco provável, ele conhecia a minha situação.

O Chaves chegou rindo e brincando, como sempre, e abriu a porta. Eu já estava entrando, mas parei porque ouvi vozes no corredor. Olhei naquela direção e vi uns cinqüenta policiais militares, mais uns quinze agentes penitenciários entrando no auditório. Não falavam alto, eu ouvia mais o barulho de seus passos.

Peguei umas fichas que estavam em cima do arquivo e, conversando com Chaves, fui arquivando. Estávamos intrigados com aquele monte de policiais e guardas no auditório. O Chaves era engraçadíssimo:

— Nossa, quanto homem fardado, será que vieram fazer visita íntima com a gente?

Não sei se o diretor ouviu, mas, quando percebemos, ele estava na porta. Éramos quatro na seção naquele momento, seu Waldique devia estar no auditório junto com os outros. Magro, antipático,

barba clara e óculos, o diretor nos ordenou impaciente:
— Saiam daqui, vão fazer outra coisa.
Os pátios estavam cheios. A não ser os "faxinas" que estavam nas seções, ninguém sabia da reunião que estava acontecendo no auditório. Os pátios 1 e 3 estavam ocupados com jogos de futebol, o primeiro com futebol de salão e o terceiro com futebol de campo. Naquela época do ano o clima era mais agradável e dava perfeitamente para ficar no cubículo sem o ventilador.
Resolvi ir para o cubículo e ler uma revista que Marilena trouxera, a Time, que tinha um artigo que me interessava: "Cocaine folly". Eu já tinha
359
passado os olhos, mas, como tinha preguiça de ler em inglês (pois tinha de me concentrar muito e assim mesmo perdia uns trinta por cento), fui deixando para depois. O artigo era sobre a liberação dos tóxicos. Eu sempre fui a favor da liberação, pois no mínimo acabariam as quadrilhas ligadas às drogas. Morreria gente por isso, mas só, não de tiros por dívidas com o tráfico nem de balas perdidas pela guerra por pontos nos morros e favelas.
Tinha acabado de ler o artigo e folheava a revista, quando Pira chegou. Sentou-se na cadeira, ficou olhando para os pés, até começar a falar. Dizia que a situação estava incontrolável. Que haveria fugas e mortes. Que, talvez, tivesse de fugir, apesar de seu plano de sair em dois anos por término da pena. Mas, se fosse necessário...
— Será que sua mãe me esconderia por uns tempos? Ela não correria risco. Eu garanto. Além do mais, lá ninguém me conhece.
Pira realmente me pegou de surpresa e demorei um pouco para me recuperar. Expliquei que a única pessoa que poderia convencer mamãe a escondê-lo era o meu amigo "banqueiro". Ela não faria nada sem falar com ele.
Pira ficou pensando um pouco e disse se levantando:
— É melhor eu pensar um pouco mais, ele é capaz de se aborrecer por eu pedir isso à sua mãe. (Nunca mais tocamos naquele assunto.)
Depois da sua visita, resolvi ir à cantina do Antônio. Queria comer um bife acebolado com arroz e feijão. As cantinas estavam proibidas, mas nunca pararam de funcionar. O Capeta apareceu e eu pedi que fosse em meu lugar encomendar e trazer a comida. Ele achou melhor eu pedir sanduíches da cantina do Hugo.
— O ambiente está sinistro, está cheio de polícia conversando com o diretor.
Desci com Capeta, convidei-o para um lanche, mas ele não aceitou, tinha de voltar para a cozinha dos funcionários. Tinha ido me procurar porque precisava de alguns cruzeiros para resolver uma "parada" que o estava preocupando (uma pequena dívida de jogo).
Fiz um lanche rápido e fui me arrumar para voltar à seção, papai talvez aparecesse. Já estava na escada, quando notei que o pessoal estava subindo e avisando que ninguém podia sair das galerias porque ia começar uma "geral". Voltei, pus um shorts e fiquei esperando.
Depois de alguns minutos o diretor apareceu com o chefe de segurança e uns quinze policiais militares. Quando chegaram ao meu cubículo, eu saí e entrou um policial alto e gordo. Antes de entrar, disse:
360
— Com licença.
Não agia como os outros que tiravam as coisas e jogavam no chão. Levantou meu colchão com cuidado, passou a mão em volta, examinou tudo o que eu tinha e pôs tudo no lugar. Tirou o espelho enorme que Jesus tinha me dado e me chamou para ajudar a colocá-lo de volta. Examinou minha Tv e o rádio, e puxou a cortina, olhou e passou a mão atrás do vaso sanitário, depois chegou no meu armarinho com espelho, que Lâmpada me arranjara. O espelho ficava na pequena porta e lá ficavam o copo, escova de dentes etc. Ele bateu com o dedo indicador no fundo e fez um barulho oco.

Olhou para mim e disse:
— Vem aqui. — Me aproximei e... — Aqui tem um "cafofo", vou ter de tirar a parte de trás.
Tirando tudo de dentro, empurrou o fundo com o dedo e depois puxou. Realmente tinha um fundo falso, só que felizmente estava vazio. Soltei um suspiro demonstrando toda minha tensão. Ele riu e perguntou onde eu tinha arranjado aquilo.
— Comprei de um corretor, nem me lembro mais. — E acrescentei: — Nossa! Que susto.
O guarda riu e me aconselhou a examinar bem o que comprava na cadeia. Continuando a rir do meu susto, se retirou desejando boa tarde. É difícil esquecer um camarada educado, que tem de fazer um trabalho desses.
Naquela tarde o pátio ficou cheio de tudo, novamente. Estoques, fumo, baralhos e até papelotes, pois, na hora que fizeram aquela "geral", cortaram a água; não adiantava jogar o pó na privada ou no boi e tentar puxar a água. Na nossa galeria não encontraram nada, mas nas outras pegaram uns caras de bobeira com fumo e pó. Ouvi dizer que apanharam bastante para contar como tinham arranjado aquilo. Não tive provas disso, só comprovei que catorze internos foram parar nas "surdas" e, dias depois, alguns deles foram transferidos, pois tudo ficou registrado na vigilância. Mas, naquela mesma noite, na quarta galeria, depois que a "geral" acabou e a Polícia Militar foi embora, havia de tudo, como sempre, fumo e pó à vontade, e ninguém parecia preocupado.
20/4/1983. A vida estava difícil, pois havia muita desconfiança por parte dos internos com a nova administração e com o pessoal que o ex-diretor tinha deixado vir da Ilha. A intranqüilidade era constante. Não conseguia me concentrar para analisar os novos acontecimentos dessa situação.

24/4/1983. Depois de uma semana tumultuada, com várias "gerais" e boatos de fuga em massa, todos andavam prestando muita atenção em tudo para não entrar em uma gelada, estando no lugar errado na hora errada.
Alguns internos que tinham chegado da Ilha, há mais ou menos um mês, exerciam uma liderança muito forte entre o pessoal jovem. Andavam sempre em grupo e o líder tinha aparência de adolescente. Pelo que pude reparar, impunha respeito e tinha idéias próprias. Apesar de termos trocado algumas palavras, ainda não sabia seu nome.
Na mesma época chegou o Professor, um grande amigo do Pira. Mulato, 1m 80 de altura, pouco cabelo, óculos e uma postura diferente de todos. Era calmo, educado, falava baixo, um verdadeiro cavalheiro. Foi morar em frente ao meu cubículo. Era cuidadoso com sua aparência, mas descuidado com o cubículo. Não tomava conhecimento das baratas e insetos que incomodavam tanto a gente. Dizia brincando que em último caso serviam até de alimento. Tirando a cama e alguns livros, não tinha mais nada.
No pouco tempo que esteve lá fizemos boa amizade. Ele gostava de recitar poesia para as moças durante a visita, então me pedia para traduzir algumas músicas dos Beatles, dos Rollings Stones e de outros sucessos. Não era casado e não tinha namorada, era o único morador da galeria naquela situação. Pira dizia que ele era muito exigente. Sua pena era grande e sua ficha criminal maior ainda. Tinha assaltado muitos bancos e, nesses "trabalhos", algumas pessoas tinham morrido. Esteve muitos anos na Ilha. A impressão que dava é que era o contrapeso, pois, sendo mais velho, olhava a jovem liderança com certo ar de superioridade e os desprezava. Postura diferente da do Pira, que era de preocupação.
26/4/1983. No domingo, às quatro da tarde, descemos para encontrar papai, como sempre. No final da visita, Marilena chamou minha atenção:
— Não acha que está tudo muito quieto e o pátio quase vazio?
Expliquei que no auditório tinha apresentação de teatro dos internos e outras coisas como declamações e preparação para o Dia do Trabalho, que estava próximo, e algumas famílias já estavam se retirando para evitar filas na portaria.

É... Marilena tinha razão, algo estranho se passava. Depois do "confere" naquela noite, o alarme tocou, longo e intermitente. Alguns internos
362
estavam faltando, só na nossa galeria faltavam três, inclusive o Professor. Todos os internos estavam com cara de santo, ninguém sabia de nada.
No momento que Marilena achou que estava tudo muito quieto, houve um apagão e o auditório ficou às escuras. Em seguida, tudo voltou ao normal. (Marilena, papai e eu não percebemos porque estávamos no pátio e lá ainda havia sol.) Aquilo foi apenas para confundir os guardas, para eles pensarem que era algum defeito.
Após a visita, fomos todos para o auditório, onde estavam passando um filme. O que sei é que em um certo momento apagou tudo, a penitenciária inteira. Houve assovios, gargalhadas, piadinhas e muita movimentação da guarda e da administração. Quando tudo voltou ao normal e as luzes se acenderam, procurei por Pira, olhei por todos os cantos e não o encontrei. Os guardas estavam agitados, interromperam a programação e todos nós fomos para as galerias. Encontrei Pira vendo TV. Nem parei, pois estava ansioso para pôr meu cubículo em ordem; tinha descido às pressas com Marilena. Não tive tempo de arrumar nada quando o alarme tocou. Toque de fuga.
A fuga ocorrera durante o apagão na penitenciária, quando todos estávamos no auditório, depois que as visitas foram embora. Enquanto tomavam providências para trazer a luz de volta e a atenção dos guardas estava voltada para isso, alguns internos escaparam por baixo do palco. Quando a luz voltou e tudo parecia sob controle, fizeram a gente subir para as galerias.
Eu tive uma sensação estranha e, até certo ponto, espantosa. Estava muito envolvido com aquilo tudo e principalmente com alguns daqueles fugitivos. Senti-me exultante, como todos os internos, com o sucesso da fuga. Mimo, Jesus, Professor, Eduardinho e o Marinheiro estavam entre os vários que tinham partido.
Os jornais dos dias seguintes noticiaram a fuga e comentavam sobre o apagão e sobre o espanto das autoridades, que tinham acabado de tapar todos os buracos embaixo da penitenciária e lacrado com cimento todos os bueiros da região. Segundo o Jornal do Brasil, os fugitivos usaram um bueiro que ficava ao lado da portaria daquele complexo penitenciário, que desde a tarde esteve encoberto por uma Kombi. Também, segundo o jornal, a fuga começou por um buraco feito na parede do auditório. O jornal trazia também a foto de Mimo com o título "Uma vocação de bon vivanf, escreveram que tinha tido sucesso como jogador
363
de futebol, tinha atuado em clubes mineiros, cariocas, franceses e americanos. Tinha fugido três vezes do Instituto Penal Cândido Mendes (Ilha Grande) e sempre negara pertencer à Falange Vermelha.
Realmente eu nunca o vi com Xane, Pira, Jarra, Jesus, Lâmpada e os outros. Era mais fácil encontrá-lo na capela conversando com o padre.
O jornal também deu destaque à Lemos de Brito: "É considerado como o presídio de população carcerária mais perigosa, depois da Ilha Grande. Ele concentra o maior volume de presos de alta periculosidade, mas, apesar disso, cerca de quarenta detentos vivem em cubículos individuais, sem tranca nas portas, e, durante o dia, andam em completa liberdade entre os guardas". Acrescentaram ainda que: "Ontem.. 564 internos eram vigiados por apenas nove guardas". (Essa reportagem saiu em 25/4/1983.) O jornal se enganou ao informar que só quarenta presos tinham cubículos individuais. Nas penitenciárias, todos os cubículos são individuais; se não fossem, a instituição não poderia ser definida como tal.
Obs.: Mimo foi morto pouco tempo depois. Segundo comentavam, na porta da sua casa. Tocaram a campainha, ele atendeu e foi fuzilado pela Polícia. Eduardinho perdeu uma perna por causa de um tiro que levou em um assalto na Bahia. Em 1985, quando eu já estava albergado, encontrei o

Professor em um posto de gasolina. Parei para abastecer e ele, que morava em uma pensão ao lado do posto, ao me ver de sua janela, veio me abraçar. Batemos um papo curto, pois era dia e ele não podia ficar se expondo. Depois disso nunca mais ouvi falar nele. Segundo me informaram, na mesma época (1985), Jesus tinha morrido em um assalto a banco, trocando tiros com a Polícia. Nunca tive confirmação desse fato.

Daquele momento em diante, o relacionamento entre internos e guardas ficou traumático. O ambiente ficou carregadíssimo. As mulheres dos internos começaram a reclamar de abuso ao serem revistadas nos dias de visita íntima. É claro que houve reação imediata. Os guardas encontraram na inspetoria um aviso: se continuassem com aquilo, um deles ia acordar com a "boca cheia de formiga". Ninguém tinha espaço, nem nós, nem os guardas. Todos andávamos em grupos, sendo que os guardas cumpriam seus turnos, sempre preparados para sair rapidamente da carceragem, caso fosse necessário. Eles eram minoria, não teriam a menor chance.

Apesar do ambiente, houve uma "dormida" e a festa de primeiro de maio com "Jupirão" e tudo, conforme a promessa do diretor.

2/5/1983. Nesta madrugada sumiu o Lâmpada, ninguém notou, ele pegou sua lâmpada maravilhosa, esfregou e pediu:

— Guardas sejam bons comigo, abram o portão para eu sair.

Quem resiste ao poder de uma lâmpada maravilhosa?

3/5/1983. Como sempre, a primeira coisa que fiz hoje foi telefonar para Marilena. Também, como sempre, falei com ela de olhos fechados, me transportando por instantes para nosso quarto. Esses telefonemas eram cedo, antes das sete. Eu conseguia sentir exatamente o ambiente e quando Manon (uma poodle miniatura) latia, eu captava sua alegria e seus pulos, tinha certeza de que ela sabia que Marilena falava comigo. Aqueles eram momentos sagrados, não começava meu dia sem aquilo.

Terminado o telefonema, fui para a vigilância e arquivei a ficha do Lâmpada, que estava em cima do arquivo e continha informações sobre sua fuga. Anotaram: um telefonema anônimo alertara que o interno conhecido como Lâmpada tinha se evadido, que tinham visto ele descer de uma Kombi do Desipe de madrugada. Eu arquivei essa ficha, apesar de achar que se alguma autoridade lesse ia dar um rolo danado. Eu não tinha nada a ver com isso, meu trabalho era pôr a ficha no lugar e foi o que eu fiz. Só que não foi exatamente daquele jeito que descobriram.

Como descobriram: na troca da guarda pela manhã, nada havia de anormal no relatório deixado pela guarda que acabara de sair. Só à tarde, quando o advogado do Lâmpada veio visitá-lo, é que deram pela sua falta, pois ele não foi encontrado. O seu advogado não entendeu nada. O alarme tocou, houve o "confere" e só então constataram seu desaparecimento.

Para surpresa geral, o alarme também tocou na penitenciária vizinha, na Milton Dias Moreira; lá também tinha desaparecido um interno.

Os jornais só ficaram sabendo desses fatos dez dias depois. Pelo menos eu só encontrei notícia dos desaparecimentos no dia 13 de maio, numa reportagem do Jornal do Brasil. Narrava os fatos e contava que Lâmpada, para festejar seu retorno ao morro da Cachoeirinha, tinha comprado 50 mil cruzeiros em balas e doces para distribuir entre a criançada.

5/5/1983. Não entendendo a razão de um desaparecimento tão espetacular não ter saído nos jornais, resolvi dar mais uma olhada na

ficha. Não a encontrei e fiquei tão preocupado que nem perguntei nada ao Chaves, pois no dia anterior, na hora em que arquivei, não havia ninguém na sala. Preferi então ficar quieto, era melhor ninguém saber que eu tinha lido a ficha. Aquela história estava cheirando a encrenca. Era voz corrente na galeria que o Lâmpada tinha saído vestido de guarda e tinha gastado 600 mil cruzeiros.

O mais estranho é que, aparentemente, tudo estava normal. Eu tinha batido paredão logo cedo,

depois telefonei para Marilena e agora de tarde recebi a visita de dr. Humberto. Ele tinha algumas notícias sobre o meu recurso e parecia entusiasmado. Puxa! Se acontecesse de eu ir para a rua e sair daquele inferno... É, mas eu nunca acreditei e não queria ter falsas esperanças.

6/5/1983. Acordei cedo e, em vez de ir bater paredão, fiquei acompanhando a limpeza do meu cubículo. Já faz dois dias que o alarme não toca e não há "geral". Um grupo está reivindicando visita à família no Dia das Mães. Sei lá... oitenta por cento da penitenciária acha que tem direito. O serviço social está repleto de pedidos para encaminhar ao juiz da Vara de Execuções Criminais. A luta para sair é sempre incansável, muitos tentam, pouquíssimos conseguem. Com isso na cabeça, de bloco e caneta na mão, sem escrever nada, ia assistindo ao Capeta limpar o cubículo. No final, após ficar sozinho, escrevi estas poucas linhas: "Peço que Deus me conserve tranqüilo, que os sonhos não me abandonem, que eu possa olhar o mundo novamente. Não quero sentir de novo que eu não participo mais dele".

MAIO COMEÇOU COM OS ÂNIMOS AGITADOS, O NOVO DIRETOR Tinha pegado uma batata pelando na mão. Mal tomou posse e mataram dois internos. Para aumentar a tensão, o pessoal da Falange Vermelha estava indo embora sem alvará (fugindo).

Próximo domingo é Dia das Mães e 52 internos irão visitar suas famílias. Quantos voltarão? Por mais que o novo chefe de segurança seja um homem de experiência, não poderá prever quantos estariam dispostos a retornar. A lei entre os internos é clara: bandido que é bandido não volta. Parece que o novo diretor não pensa assim:

— Tem de voltar e pronto.

No meio de toda essa confusão, uma coisa boa: o diretor concedeu uma "dormida" no próximo sábado.

Alguns dias atrás, com tudo contribuindo para deixar a administração preocupada, houve um fato que quebrou a tensão, apesar da violência. Aconteceu uma briga incrível: a Bianca (há sessenta dias transferida para o Instituto Ferreira Neto) passou uns dias aqui, voltou porque tinha de fazer um tratamento no hospital. Como era apenas uma estadia de dois ou três dias, ocupou o cubículo que lhe pertencia antes de ser transferida. Ela e minha lavadeira (a Baiana) se desentenderam, ninguém soube por quê... e quebraram um pau que, segundo me contaram, foi coisa de cinema. Durou mais de quinze minutos, ninguém tinha coragem de apartar. As duas quase se mataram no meio de griti-nhos, xingamentos, mão na cintura e rebolados, davam pernadas, socos, e golpes de capoeira. Ambas são perigosas e acabaram se machucando muito, tiveram de baixar no hospital. Uma delas com a marca do ferro de passar nas costas.

Bianca tinha muitas especialidades como criminosa. Era assaltante para qualquer ocasião, como ela mesma dizia, mas o que gostava mesmo era de arrastar os "bofes" para um "boa noite, Cinderela". Estivemos juntos na penitenciária Lemos de Brito, no Rio de Janeiro, e na Ferreira Neto, em Niterói. Em 1987, um pouco antes de eu vir para São Paulo na condicional, me contaram que tinha sido solta e morta em seguida. Seu amante, um rapaz bem-apessoado, assaltante de bancos, que tinha dispensado a visita da namorada por causa dela, também morreu na saída de um forró na periferia.

9/5/1983. A "dormida" que o diretor concedeu transcorreu normal, foram 29 horas de namoro e companheirismo. Apesar de o clima continuar pesado, e de eu pressentir que algo iria acontecer, Marilena e eu nos conservamos tranqüilos. (Mesmo com dois incidentes que mexeram muito com minha cabeça.)

Nos dias que se seguiram houve problemas, mas foi só na administração. O diretor não se conformava que a maior parte dos internos que saiu no Dia das Mães tinha se apresentado no Desipe em vez de no presídio. E os que não se apresentaram lá, no Desipe, caíram no mundo. O diretor tentou castigar os que se apresentaram ao Desipe, mas não conseguiu, porque, como não foi caracterizada a fuga, o juiz acabou mandando todos para a penitenciária Ferreira Neto, em Niterói.

367
Acho que foi nessa época que Pira conseguiu com o diretor a ordem para construir uma piscina.
Os internos das galerias de visita íntima estavam reunidos para achar um jeito de as crianças ficarem no pátio, enquanto eles ficavam com as esposas nos cubículos. Precisavam ter algum tempo de tranqüilidade. Eu, que assistia a essa reunião, falei brincando:
— Podemos construir uma piscina, arranjo o material.
Pira imediatamente achou que era possível, se fosse uma piscina do chão para cima. É claro que não iam deixar a gente fazer um buraco. Bom, Pira conseguiu a autorização, e eu, o material. Telefonei para o meu amigo "bicheiro" e pedi que me fizesse mais esse favor. Ele gargalhava ao ouvir o meu pedido. Dois dias depois, recebemos o material para uma piscina de quatro metros quadrados por mais ou menos oitenta centímetros de altura. Eram tijolos, sacos de cimento, ladrilhos, areia e material impermeabilizante. Esse tanque ficou pronto em tempo recorde. O número de pessoas trabalhando era incrível, só paravam para ir dormir (mão-de-obra tinha à vontade). Foi construído no pátio 1, atrás da quadra de futebol de salão. E lá tive um momento de descontração que só o Cuca seria capaz de proporcionar.
Numa tarde ensolarada e com a "piscina" já na fase de acabamento, Pira, Cuca, Capetinha e eu assistíamos aos arremates. O Cuca, muito moleque, acendeu um baseado. O pátio 1 estava cheio e ninguém deu atenção para aquele fato. Mas um guarda mais atento percebeu e veio em direção ao Cuca, que, avisado, se distanciou um pouco. Para acender o baseado, ele tinha usado um cigarro, que continuava em sua mão. Abordado pelo guarda, que já não estava mais sozinho, pois tinha chamado um companheiro, Cuca mostrou o cigarro. Para que ele não tivesse tempo de nada os guardas o levaram para a inspetoria, queriam revistá-lo. Capetinha e eu ficamos preocupados, Pira continuou fiscalizando a obra; aparentemente estava tudo normal, o futebol não parou, nem o trabalho do pessoal na piscina. Depois de uns vinte minutos o Cuca apareceu no fundo da quadra caminhando em nossa direção. Vinha andando devagar, prestando atenção no jogo de futebol. Quando chegou perto abriu um sorriso e enfiou a mão na boca, tirando a dentadura e o baseado, que estava escondido entre o céu da boca e o "aparelho de mastigá", como ele costumava dizer.
12/5/1983. Não era só no conjunto penitenciário de Frei Caneca que as coisas não andavam bem. O ambiente estava pesado em todo
368
o sistema. No presídio Esmeraldino Bandeira, em Bangu, tinha acontecido uma rebelião com conseqüências seríssimas. As administrações conseguiram esconder os fatos por uns dias, mas nós ficamos sabendo durante os acontecimentos. A impressão que dava é que era tudo muito bem orquestrado. Eu estava lá havia quase oito meses, a diferença de ambiente, entre a época que cheguei e a que estava vivendo, era enorme. Eu achava e acho que as transferências feitas a esmo, misturando as falanges, tinham posto fogo no paiol.
Além disso, os guardas estavam se dando mal com os novos administradores, não falavam a mesma língua. Coisas fora do comum aconteciam: o diretor de Bangu foi agredido por um guarda e, mais estranho ainda, é que ele pertencia ao efetivo da Lemos de Brito. O que será que o guarda foi fazer lá? Não acredito que tenha ido até Bangu só para agredir um administrador.
Para descontrair, continuava batendo paredão até a exaustão. Era um jeito de descarregar a tensão e de ficar em forma. Era necessário saúde e muita atenção em todos os acontecimentos.
Lia muito e estava sempre com um livro na mão. Toda semana Marilena me trazia um ou dois livros, é bem verdade que grande parte eram best-sellers, mas assim mesmo era ótimo, me transportava para outros lugares.
14/5/1983. Nesta madrugada a administração foi ativa, deu vários "carrinhos". Um deles no Marinheiro, que tinha sido capturado e estava na "surda". (Eu não sabia que ele estava lá, como também não sabia que tinha sido capturado no túnel.) Com ele, foram mais dez de outras galerias, foi

também um da nossa.
Lá pelas três da manhã, ouvi barulho e saí para a galeria. Queria saber o que estava acontecendo. Levaram o morador do cubículo 6. Só o conhecia de vista, era um dos conselheiros de Pira. Camarada quieto, sempre na retranca. Segundo Tonelada, que também assistia a sua saída, se ele fosse para a Ilha, correria risco de morte.
Como não conseguia dormir e ainda era alta madrugada depois que os guardas levaram o morador do cubículo 6, resolvi escrever para Marilena, que, ao sair no domingo, tinha ido para Campos do Jordão, para a casa de Ana Maria e Bené, nossos amigos do coração. Marilena merecia aquela semana de descanso, pois havia tempos não fazia outra coisa senão trabalhar e vir me ver. Toda sexta-feira saía de São Paulo no
369
fim do trabalho e vinha para o Rio. Nem sempre vinha de avião (por razões óbvias) e aí o sacrifício era ainda maior. Uma vez foi furtada no metrô, a caminho da rodoviária. Foi engraçado. Ao perceber que tinham lhe batido a carteira, voltou e procurou no balcão de achados e perdidos da estação, pois tinha ficado sem os documentos, inclusive a credencial de visita da penitenciária. Achou sua carteira e, para seu espanto, com mais dinheiro do que quando fora surrupiada.
Ao chegar à vigilância na manhã seguinte, percebi que Marinheiro e todos os que foram transferidos de madrugada tiveram o mesmo destino, Ilha Grande.
Era preocupante... pelo menos um, o que tinha saído da minha galeria, corria risco de morte. E se ele morresse lá, alguém morreria aqui. Será que a nova administração não percebia que pelo menos inicialmente era melhor voltar atrás e deixar cada facção em um instituto? A não ser que isso fosse um plano de extermínio. Deixá-los todos misturados para que eles se liquidassem. Tive vontade de falar com Pira sobre essa hipótese, era melhor todos se aliarem por uns tempos, do que fazer o jogo da nova administração. Como isso era hipótese e eu nunca tinha me metido nos rolos deles, fiquei bem quieto no meu canto.
Tinha outra coisa que agora tinha piorado: a mendicância. Os caras que estavam chegando não tinham nada, os cubículos estavam destruídos, e era voz corrente que o governo que tinha saído deixara dívidas e, por conseguinte, verba... "nem pensar". Parece que a situação era caótica, os jornais já tinham farejado falta de comida nos presídios e algumas notícias já tinham aparecido.
Analisar tudo aquilo, pensar a respeito, me deixa assustado. Tinha vivido muita coisa em minha vida, mas aquilo que eu assistia agora era outra coisa. A partir do momento em que começaram as transferências e mesclavam as falanges, eu estava vivendo numa fábrica de transformar seres humanos em animais. Ali, a coisa era mais embaixo. A meu ver manipulavam para a desordem. Nunca entendi quem eram os beneficiários.
Ficava preocupado quando lia o que eu escrevia em momentos de desespero. Achava que estava me tornando uma pessoa pior. Havia muito já não tinha boa opinião a meu respeito e agora, vivendo ali... Em meados de maio escrevi: "Quanto pode agüentar um ser humano? O clima aqui está quente, as facções não se entendem. Procuro ficar por fora de tudo, nem ouvir os boatos. Prefiro estar sempre sozinho e não me
370
interessar por nada, pois não há nada aqui que desperte meu interesse. A administração não me incomoda, pois procuro ficar invisível. Não ligo se há mortes, fugas e sei lá o quê. Quero sair desse humor horrível. Sabe de uma coisa? Que se foda o mundo que não estou nem aí".
Quando lia isso novamente ficava mal, pois achava que só estava preocupado comigo mesmo. Apesar de saber que aquela situação requereria uma centena de Madres Teresas de Calcutá.
Tinha de tomar mais conta de mim, andava muito irritado. O ambiente carregado tinha me atingido e eu estava perdendo o controle. Uma reação que tive me assustou e me deixou de ressaca.
Na última visita íntima, Marilena entrou chorando. Ela me trazia uma mala de roupas de cama e

algumas frutas. Na revista, o guarda virou a mala e jogou tudo no chão e ela teve de catar tudo. Além disso, ele ficou falando para ela andar logo. Quando ela apareceu fui ao seu encontro e, vendo seu estado, perguntei o que havia. Ela acabou de contar, quando ele apareceu no começo da carceragem. Ela o apontou. Minha sorte foi que eu o conhecia e era meu camarada. Já tinha saído para fazer compras para mim e, às vezes, ia até a vigilância só para bater papo comigo. Quando ela o apontou, parti para cima dele. Não com insultos, mas falando sério e com meu rosto muito perto do dele.
— Você está procurando encrenca tratando minha mulher de qualquer jeito? Acha que por eu estar aqui não vou tomar providências?
Quando ele percebeu que Marilena era minha mulher...
— Desculpe, eu não olhei o nome no documento, não sabia que era sua esposa. — E, olhando para mim: — Não fica chateado. Amanhã conversamos.
Eu parei e fiquei olhando para ele, Marilena me puxou e tomamos o rumo da escada que levava à galeria. Esse guarda só conhecia os internos que trabalhavam na vigilância, era o motorista do camburão que levava e trazia os internos que iam ao fórum. Ele tinha de recolher e devolvê-los na seção, daí nosso relacionamento. Naquele dia ele estava na revista substituindo um colega.
Fora isso, no dia seguinte, quando descemos para o pátio para encontrar meu pai, havia três grandalhões sentados à minha mesa, zoando e incomodando papai. O sangue subiu e eu os tirei de lá segurando os dois pelos cotovelos (também tive sorte), o terceiro personagem levantou-se e sentou-se na mesa ao lado (que era do Pira).

— Ei! Você não está me reconhecendo? Sou cunhado do Pira.
Ainda reclamei que eles deviam ter bagunçado a mesa do cunhado e não a minha, que estava ocupada pelo meu pai. Os outros dois, que já tinham se desvencilhado das minhas mãos, me olhavam feio. Um guarda se aproximou, olhou e continuou seu caminho. Quando Pira chegou, veio sentar ao lado do papai, que estava chateado com a minha reação. Abraçou-me e explicou que estávamos vivendo momentos difíceis.
Pois é... fiquei péssimo ao ler as anotações desses dois acontecimentos que tinham ocorrido na última "dormida". Não podia agir assim, era burrice e loucura. Confesso que tive medo, muito medo. Dali em diante me policiei o tempo todo. Não podia relaxar, tinha de ficar de olho nos outros, em mim e em tudo, até no barulho e nos sons. Eles diziam muita coisa... silêncio total, por exemplo, era tragédia na certa.
18/5/1983. A vida dessa turma vale pouco e eles não tomam o menor cuidado. Muitos dos que não voltaram da visita à família no Dia das Mães já morreram. Só do Complexo Penitenciário Frei Caneca, o Desipe autorizou uma centena de internos a visitar suas mães. Dos que não voltaram, onze presos, os jornais já informaram e as famílias identificaram seus corpos. Desses, nove morreram trocando tiros com a Polícia em assaltos a bancos e carros-fortes. Eu não conhecia nenhum. Mas outros dois que saíram um pouco antes por término de pena, eu conhecia e bem. Um foi posto em liberdade no começo do mês, foi baleado em sua casa e morreu na hora. Mas o mais incrível é que atiraram também em sua mãe, que faleceu hoje. O outro, o Tonho Maluco, voltou para o morro de origem e nem teve tempo de reivindicar seu antigo comando, foi emboscado na chegada.
21/5/1983. Hoje, Pira me contou como morreu o Roso, aquele de quem mataram a mãe também. Ele era visitado normalmente pela mulher, que tocava seus negócios no morro onde viviam. O que ele não sabia é de seu amante, que, agora, era dono de sua mulher e de seus negócios. Depois de três dias de sua chegada, a mulher e o amante o esperaram sentados num sofá e, quando ele entrou em casa, levou seis tiros. Os outros membros da quadrilha resolveram festejar e, durante essa farra, deram-lhe mais sessenta tiros, sendo que alguns atingiram sua mãe, que faleceu alguns dias depois.
Como já contei, essas anotações eram entregues a Marilena em forma de carta. Nesse dia anotei mais um fato e, depois, escrevi o que estava sentindo.

372
O fato: o Lâmpada "dançou" (foi preso), foi a Polícia ou a família armou? Já escrevi anteriormente sobre a família do Lâmpada. Eles pagavam para ele sair e, quando ele "limpava" o morro, armavam para ele ser preso. Achavam ele muito louco e perigoso e, antes que tivesse idéias, davam um jeito de ele voltar para o cárcere.
Continuando: estou preocupado, não estou agüentando a barra.
Escrevi para Marilena: "Amor, me ajuda, onde é que vim me meter, esses caras aprontam paca. Marilena querida, seja sempre a minha Mar, para eu poder mergulhar em sua vida. Agora sei o que é viver no limo, vivendo e olhando a vida por seu intermédio. Não fique triste com esse humor, já fazia tempo que não desabafava... nem comigo mesmo. Amor, liga para o Raul, quero saber dele, e peça para mamãe ligar para o Luis Felipe, preciso de notícias. Minha cabeça está a mil, não consigo pensar. Escrevendo me sinto perto de você. Sabe o que é, amor? Estou com medo. Medo de ficar aqui muito tempo.
"SOCORRO! Sabe o que mais me apavora? É pensar que, quando sair daqui, não existirá mais nada para mim. Deixa eu ser piegas, amor. Eu adoro você. Ainda teremos um colchão com um lençol do tamanho do céu para deitar e rolar e nunca deixar de brincar. Brincar, é disso que preciso. Um beijo".
.24/5/1983. INADIMPLÊNCIA... ESSA É A PALAVRA MAIS LIDA EM JORNAIS e revistas, e a mais ouvida em qualquer noticiário de rádio e TV. Aqui no Rio, Leonel Brizola encontrou o estado em situação de falência. Isso se refletiu diretamente no sistema penitenciário. Falta dinheiro para tudo, inclusive para comida. Segundo ouço pelos corredores da administração, temos comida para mais dez dias. Bom... não quero nem pensar no que pode acontecer se faltar comida nas prisões.
Quanto ao resto... nem sei como analisar. De uns tempos para cá diariamente acontecem mortes e fugas em todos os setores do sistema.
Hoje, aqui do lado, na Milton Dias Moreira, logo nas primeiras horas encontraram um interno morto com uma centena de estocadas. Não houve "robôs". Ninguém se apresentou como autor do crime. Na Ilha houve fuga em massa. A Polícia e os caçadores de fugitivos estão nos pântanos, matas e praias tentando recapturá-los. É uma situação complicada,
373
a mata fechada, os fugitivos acuados por policiais, caçadores de presos e cachorros, que viram verdadeiras feras.
Segundo os jornais, cerca de dez presos tiveram sucesso na fuga e conseguiram chegar à cidade, que ficou em pânico. No Jornal do Brasil há uma foto grande de uma passeata em Angra dos Reis protestando contra a falta de segurança, a constante fuga de presos e a concessão de passes livres a presos de alta periculosidade.
26/5/1983. Há dois boatos, o primeiro é que fugiram 32 do Água Santa. (Os jornais matutinos não comentaram nada.) O segundo é que virão de lá vinte internos. Segundo o mapa da vigilância, aqui só dois cubículos estão vagos, o que quer dizer que "carrinhos" vão ocorrer.
28/5/1983 (sábado). Marilena esteve aqui ontem, fora de horário e de dia de visita (dr. Pedro não me tirou a regalia de receber visitas da família, a qualquer dia da semana). Se estava ótima ontem, hoje chegou diferente, tensa e irritada com papai. Problemas paralelos aos da prisão não eram novidades para mim. Meu pai era um aposentado, morando de favor na casa de minha prima e amiga do coração Maria Zélia. Ele queria ficar perto de mim, e com isso não voltava para seu apartamento em São Paulo. Minha mulher, uma corretora de imóveis, enfrentava a crise que se abatia no país. Papai e mamãe, separados há quarenta anos e agora se encontrando constantemente por minha causa, viviam às turras. Um achava que o outro não tinha feito o bastante por mim. Isso tudo mexia com a cabeça de todos, e não era raro as posições se inverterem nos dias de visita. Ao invés de ser consolado, tinha de consolar e, às vezes, até interferir e resolver problemas. Ainda tinha a fila, que deixava Marilena cansada e a maior parte das vezes irritada com a demora e com os papos inacreditáveis que era

obrigada a ouvir.
Nessas horas baixava em mim uma calma espantosa. Marilena dizia que era porque, vivendo recluso, eu estava protegido de problemas como concorrência no trabalho, contas para pagar etc.
— Para cada correspondência que recebo de você, todos os dias, vem outro tanto que são contas e compromissos de tudo que é tipo.
Aquele sábado, especialmente, ela não estava bem, e quando ela e papai partiram, bicudos um com o outro, fiquei preocupado. Mas, no dia seguinte, teria cinco horas sozinho com ela e provavelmente descobriria o que estava por trás daquela zanga.
374

29/5/1983. O domingo esteve ótimo, dentro das devidas proporções, é claro. Nem tocamos em assunto de família, só namoramos. Quando ela partiu, no fim da tarde, estava de braço dado com papai e os dois nem se lembravam do dia anterior.
Tudo tinha sido postergado em minha vida, é o que eu pensava enquanto olhava através da tempestade que caía, empurrada pelo vento, molhando meu rosto e respingando em meu corpo nu. A tarde estava muito quente, passei a tranca interna na pesada porta, tirei a roupa e fui apreciar o aguaceiro que caía. Na vista constante de meu observatório ficava o relógio da Central do Brasil. Eram seis da tarde e a tempestade continuava cada vez mais forte. Adorava aquilo, sempre gostei das tempestades. Mas, naquele exato momento, olhava sem perceber. O tempo tinha parado, o mundo girava, mas não para mim. Quando eu começaria a viver novamente? Quando iria subir numa encosta para apreciar o Sol, o mar, a Lua e as estrelas?
Saí da janela, me enxuguei, peguei meu bloco e anotei aquele momento. Fiz isso com o pouco de claridade que ainda restava. Não quis acender a luz, preferi deitar e ficar quieto. Sempre que sentia essa vontade de viver e de olhar a natureza, a vida, os filhos e a família era assaltado por pensamentos que me tiravam esse direito. Búzios, Ângela, seus filhos... como eu ia enfrentar minha consciência quando retornasse à vida novamente?
"Fiquei louco por ela. E senti nitidamente que ambos tínhamos atingido o desamparo total. Perdi o sono, o apetite e me senti tão só, que até minha família (mulher e filhos) viraram estorvos para mim. Elaborei um intrincado nó de compromissos falsos, para desorientar minha mulher. Perdi de vista os amigos e passei por cima dos convencionalismos para encontrar-me com ela" (Mis putas tristes, Gabriel Garcia Márquez).
3/6/1983. Os boatos de fuga de Água Santa e Ilha Grande se tornaram realidade. Segundo os jornais, um detento do Água Santa comandou uma fuga com 29 presos que tinham vindo da Ilha. Informava ainda que estes últimos eram de facções contrárias à Falange Vermelha. Cavaram um buraco no cubículo A-25, que ficava em cima da manilha do esgoto e saíram junto ao muro na rua Violeta, no bairro de Engenho de Dentro. Essa fuga ocorreu no dia 26 de maio. Anteontem, um novo plano de fuga foi descoberto, agora o buraco era no cubículo A-2. Os presos do A-4 e A-6 iriam junto. Esse grupo também faz parte dos oponentes
375
da Falange Vermelha. Parece que embaixo do Instituto Penal Ary Franco só existem tubulações. O jornal noticiava também uma tentativa de fuga no presídio Esmeraldino Bandeira, em Bangu.
Na mesma folha, em letras garrafais: FUGITIVOS INVADEM CASAS NA ILHA GRANDE E UM MORRE. "Os moradores da Ilha Grande voltaram a viver em clima de tensão e medo. Um tiroteio entre quatro dos onze presos — que desde o dia 26 estão foragidos do Instituto Penal Cândido Mendes Ilha Grande — e empregados de um casarão colonial.., na praia de Iguaçu, resultou na morte de um detento e no ferimento grave em um dos caseiros. Uma comissão de moradores etc. etc." Segundo a mesma reportagem, os fugitivos estavam procurando a lancha do proprietário da casa.
4/6/1983. Jornal do Brasil, p. 12, primeiro caderno: "Condenação de Doca Street pode ser anulada

pelo STF". Isso foi um sonho de uma noite de verão. Quando mostrei isso ao Pira ele riu.
— E você acredita nisso?
Obs.: Tudo o que foi tentado em Brasília me foi negado. Só consegui sentir que tinha chances de algum sucesso depois da reforma do sistema penitenciário. Enquanto isso, o negócio era se conformar e puxar uma cadeia (tentando ficar vivo).
Mas, como a esperança é a última que morre, telefonei para dr. Evandro e perguntei quais eram as minhas chances. Resposta:
— Ah, meu filho, isso depende do humor dos ministros.
9/6/1983. O ambiente está tão carregado que não consigo me concentrar para escrever. Sinto medo, pois até para andar por aqui está difícil. Eu mantenho a pose de despreocupado, bato paredão, só ponho camisa e jeans para ir à seção, e a porta do meu cubículo está sempre aberta. É difícil andar de calção e peito nu pelos pátios como todos fazemos. Não me acostumo, apesar do calor carioca. Mas essa é a melhor postura, pois o pessoal que anda vestido é constantemente abordado pelos guardas, que os leva à inspetoria para serem revistados.
Hoje o agito começou cedo aí do lado na Milton Dias Moreira, mais dois sumiram. O lado de cá de nossa parte está tudo bem, mas os guardas estão agitados. Há pouco, no fim da tarde, a Polícia Militar ajudou os guardas do instituto vizinho a dar uma "geral", e se assustaram com o que acharam: três revólveres e uma granada. Provavelmente vão usar o mesmo método aqui uma hora dessas. Entram de repente e revistam tudo.
376
O Dia dos Namorados está próximo, vai ter "dormida". Já percebi que toda vez que temos uma regalia dessas acontece alguma coisa, para me deixar aflito. Houve uma catástrofe em São Paulo: inundações fora de época e neblina estão transtornando a vida de meus conterrâneos. Aflige a eles e a mim, que fico achando que Marilena não vai conseguir chegar.
Para não ficar pensando nisso, li os dois jornais que Hugo me traz todos os dias, de cabo a rabo. Aí, fiquei preocupado com as minhas economias. Os jornais só falam em inflação, desindexação, indexação, pacote e aumento dos combustíveis.
"Amor, que bom sentir aflição e ficar torcendo para que não falte no nosso dia. Não esperava mais sentir essas emoções. Se Deus existe, eu agradeço por me mandar você. Por eu ter o privilégio de passar pela vida e encontrá-la tão intimamente. De abraçar, beijar e amar você com tudo. É ótimo estar a seu lado e perceber a vida. Só de imaginar que você vem, minha estrutura é abalada. Estará aqui e eu não vou perder um segundo. Vamos ficar completamente à vontade, para que juntos possamos tirar tudo um do outro e da vida. Sugar juntos esse elixir às vezes tão amargo. Beijão."
Marilena veio antes de São Paulo e, lá pelas duas horas da tarde, chegou para me visitar. Depois de algum tempo de papo e de olho no olho, para investigar como estávamos realmente, começamos a perceber uma movimentação esquisita, vozes vindas do jardim, da portaria e da rua. Havia também ronco de motores e freadas. Em seguida, apareceu o chefe de segurança acompanhado do da vigilância. Havia outros internos ali recebendo visitas, mandaram todos embora, só Marilena e eu fomos contemplados e pudemos ficar no gabinete dentário, porque o Waldique deu um pouco mais de tempo para a gente se despedir. Estava agitado, me avisou que o quarteirão estava todo cercado por tropas de choque da Polícia Militar. Marilena continuou calma, porque expliquei que os internos que tinham vindo do Água Santa (vinte) não queriam ficar e provavelmente isso estava causando alguma apreensão. Ia continuar a falar alguma coisa para que ela se distraísse e se conservasse calma, quando o diretor entrou e mandou que eu me despedisse rapidamente e fosse para meu cubículo. Marilena foi embora e eu subi. Houve um "confere" e em seguida foram até o cubículo do Pira. Mandaram ele arrumar suas coisas, pois estava sendo transferido. Ele e o Peróska.
377
Ninguém sabia para onde eles iam, nem os agentes. Um pouco antes de partir Pira pediu para falar

comigo. Levaram-me até ele, que me olhou nos olhos por um longo tempo, depois me estendeu a mão e falou em tom normal, sem medo que ouvissem o que dizia:
— Até logo, amigo, não espere nada dessa administração, só fazem traição.
Mais tarde, lá pelas vinte horas, os guardas voltaram e levaram o Jarra. Só então destrancaram a galeria. Diziam muitas coisas do Jarra, que ele era perverso e que por trás de sua enorme simpatia existia um homem cruel e perigoso. Acho que não, nunca vi ele se meter em nada. Todas as vezes que se aproximou de mim e dos meus (e foram muitas), foi para ajudar. Ele vivia indo à minha mesa durante as visitas conversar com papai, sempre esteve por perto nas galerias, nos pátios e em meu cubículo. Era o olheiro, confidente e amigo inseparável de Pira. É claro que ele não era santo, senão ele não estaria ali nem pertenceria à Falange Vermelha.
Quanto ao Pira e sua advertência contra a administração, ele tinha toda razão, o diretor, em sua primeira reunião com os internos (à qual, aliás, eu não fui), prometera que não transferiria ninguém de surpresa e sem avisar à família.
15/6/1983. Nos dias que se seguiram, procurei me inteirar de quantos da Falange Vermelha tinham restado. Cheguei à conclusão de que eram poucos, mas ainda impunham respeito. Xane, quieto como sempre, tinha ficado; Zé Cigano também, era um dos que tinham restado e tentava pôr ordem na casa. Com suas roupas de couro, cordões e pulseiras de ouro, andava desafiadoramente, cercado por um pessoal que eu não conhecia bem. Ele tinha uma reação engraçada quando me via: começava a rir e balançar a cabeça e vinha me abraçar. Isso já tinha acontecido comigo antes, muito tempo atrás, quando fui trabalhar com Gastão Eduardo de Bueno Vidigal, dono do Banco Mercantil de São Paulo. Ele costumava andar pelo banco inteiro sempre atento a tudo e, quando coincidia de me encontrar, ria e dava palmadas nas minhas costas.
Voltando à Falange Vermelha, o estrago tinha sido grande, porque a maior parte do pessoal já tinha fugido, alguns até morrido e agora, com essa transferência... eu pelo menos estava me sentindo perdido. Nessas horas o melhor era me tornar invisível. Aparentemente tudo tinha virado de pernas para o ar. A piscina estava vazia, a LEP (liga esportiva da

qual eu era presidente) teve seus armários arrombados e os materiais esportivos, como uniformes, raquetes, bolas de futebol etc, estavam pelos pátios. Eu, na verdade, nem me dei conta disso, pois nunca me interessei em saber onde ficavam esses armários e nem tinha participado da organização dos torneios. Na verdade, eu só tinha uma função: arranjar o material para a liga se manter ativa.
A cadeia estava perigosa para todos, o ambiente era de desconfiança, o ar estava pesado e havia cheiro de morte. E agora?
O Jornal do Brasil de uns quinze dias atrás (15 de maio), tinha feito uma reportagem de uma página com o título: NA CADEIA, GRUPOS BRIGAM POR PODER E DINHEIRO. Trazia a foto de dois oponentes da Falange Vermelha, vestindo camiseta do Água Santa (esses caras agora estão aqui e são meus vizinhos, entraram no lugar de Pira e Jarra). Contavam como os tóxicos entravam nas cadeias (duas maneiras: sem custo, com pedágios pagos por traficantes como Chico e Nézão, e com custo, quando era trazido por um "avião"). Outras modalidades de entrada de dinheiro apareciam na reportagem. Tais como jogo do bicho e cun-ca, que consiste em formar trincas e seqüências na mão, quem formar primeiro bate. Segundo o jornal, um preso pode perder até 100 mil cruzeiros numa tarde. Nove jogam e, para sentarem-se à mesa, pagam como nos cassinos. Outro jogo era o bolo dos quatro pontos, que consiste em jogar nos quatro últimos páreos do Jockey Clube; para ganhar é preciso acertar nos quatro vencedores. Na Lemos de Brito, havia vários cubículos cassinos. Eu procurava não passar perto deles. Algumas vezes, quando tive que procurar Pira, porque precisava dele, entrei num deles e a convite ficava por ali "cafungando" (cheirando pó) e puxando fumo. Detestava essas ocasiões, porém, se eu estava na chuva tinha de me molhar. Mas nunca me sentei para jogar, embora insistissem. A reportagem informava que esses "negócios" geravam 30 milhões de

cruzeiros por mês. Citavam meu nome como um dos que pagavam pedágio, o que não era verdade, pelo menos não com aqueles custos. Como já contei, meu isopor estava sempre cheio de refrigerantes e, na galeria, se serviam sem cerimônia, emprestei dinheiro para o Pira e Jesus comprarem televisões iguais a minha e não aceitei o retorno. Mas não tinha nada a ver com fornecer tóxico de graça para as falanges venderem e se sustentarem. A reportagem comentava sobre a Falange Jacaré, mas a informação estava tão por fora que nem vou comentar.
379
Bom, até aquele momento, tirando o dia seguinte à minha chegada, quando fui escoltado a um cubículo, para ser convidado a me associar na compra de alguns quilos de maconha para triplicar meu capital, ninguém mais tinha me abordado. O negócio era ficar calmo e entregar o destino a Deus. Naquela época eu vivia procurando saber onde ele se encontrava.
16/6/1983. Se a Polícia Militar cercou o conjunto penitenciário da Frei Caneca a pedido do diretor porque ele estava com medo de uma reação do Pira, na hora que soubesse que estava levando um "carrinho", é porque não conhecia nada a respeito dele e dos poucos que o cercavam, como o Jarra e o Xane. Não sabia e não procurou saber. Pira não fazia nada sem pensar muito e sem planejar os mínimos detalhes. Sabia muito bem que não iriam buscá-lo sozinhos. Ele não reagiria nunca, como de fato não o fez. Saiu carregando algumas poucas coisas. Na hora de sair, foi de novo falar comigo e deixou em meu poder as coisas de valor que possuía: televisão, rádio e outras coisas que agora não lembro. Junto, me entregou os registros de posse da TV e do rádio. Saiu andando devagar e se despedindo com a cabeça dos companheiros. Agora, na quarta galeria, depois de fugas e "carrinhos", só dois estavam lá há mais tempo que eu: o Chico Tonelada e Nézão. Quando registrei esses fatos, naquela noite o Jarra já tinha saído. Nézão, Tonelada e eu ficamos conversando sobre tudo o que estava acontecendo e achávamos que tinham cercado o prédio porque a ordem era invadir se houvesse reação, e matar Pira e Jarra.
Fiquei muito chateado, Pira podia ser o que fosse, do jeito dele, mas tinha me ajudado e eu o estimava. Estará sempre na lista dos amigos que tive.
18/6/1983. Domingo, durante o parlatório, eu estava muito tenso com os últimos acontecimentos. Ontem, durante a visita, contei tudo o que tinha acontecido. Marilena e papai tinham estranhado a falta de Pira e sua mulher na mesa ao lado. Depois, pedi que procurassem Humberto para ver se conseguia me transferir para a penitenciária Ferreira Neto, em Niterói. Afinal, ele já tinha me oferecido essa opção há algum tempo.
Agora estava em meu cubículo, deitado ao lado de Marilena, conversando e conjeturando sobre o futuro próximo naquele instituto penal. Outros grupos comandavam, gente mais nova e barulhenta. Eram simpáticos comigo, eu não entendia por quê, mas era melhor que ser
380
olhado com antipatia e rancor. Se bem que um sorriso e um abraço lá, como já escrevi antes, podiam vir acompanhados de cem estocadas.
Estávamos ali deitados falando sobre essas coisas e bateram de leve na porta. Paramos de falar e ficamos prestando atenção, pois a batida foi tão leve que não tínhamos certeza se realmente havia alguém. Depois de alguns instantes bateram novamente. Desconfiado, abri um pouco a portinhola, que se encontra à altura de um homem de pé, nas portas do cubículo. Vi uma das visitantes que conhecia de vista e perguntei se precisava de alguma coisa. Não falou nada, estendeu a mão e me entregou um papel, como se fosse um anel com uma folha dobrada no seu interior. Agradeci e fechei a portinhola, encostando o ouvido na porta para perceber se ela estava só. Então olhei o pequeno embrulho com atenção. Estava escrito: Doca Estrite — 4 do primeiro 36 (queria dizer primeiro pavilhão, quarta galeria, no cubículo 36). Marilena já estava de pé ao meu lado, aflita, queria saber o que era aquilo. Tirei com cuidado o papel envolto ali, abri e vi que era uma carta do Pira. Tudo em letra de forma. Esta carta encontra-se comigo.

AMIGO E COMPANHEIRO DOCA:
COMIGO TUDO BEM E FAMÍLHIA TAMBÉM.
ESSES ACONTECIMENTOS SÃO ROTINA:
PORÉM EU, PIRA, FUI OU SAÍ DAÍ INJUSTAMENTE.
AMIGO, GOSTO DE VOCÊ, TE CONSIDERO.
UM CONSELHO DE AMIGO IRMÃO: ACEITE UMA PROPOSTA QUE VOCÊ ME FALOU DE IR PARA NITERÓI.
AS COISAS AÍ VÃO TOMAR RUMOS MUITO DIFERENTES, MUITAS COISAS RUINS VIRAM PELA FRENTE.
SÃO COISAS QUE NÃO POSSO FALAR.
AMIGO, PARA SUA TRANQÜILIDADE PROCURE SUAS CONVINIÊNCIAS E MELHOR CONDIÇÃO DE PAGAR SUA PENA TRANQÜILO.
AGUARDO UMA RESPOSTA.
TEM UMA LINHA DIRETA DAÍ DA QUARTA PARA CA ONDE ESTOU D. 9.
LEMBRANÇA A ESPOSA:
ABRAÇO, PIRA
DOMINGO
381

4

ESCREVI UM BILHETE AGRADECENDO O CONSELHO E INFORMANDO que ia tomar providências de sair rumo a Niterói o quanto antes. As suas coisas estavam em meu poder, bem guardadas e em segurança. Procurei o cubículo do companheiro da moça que me entregara o bilhete, entreguei a resposta e agradeci a gentileza.

Quando voltei para o cubículo, Marilena estava preocupadíssima. Iria procurar dr. Humberto pessoalmente, o que queria dizer que passaria mais um dia no Rio, e isso atrapalhava seus negócios. Depois de muita conversa consegui convencê-la de que papai daria conta disso, principalmente depois de ler o bilhete do Pira.

Domingo, depois que Marilena e papai saíram, o ambiente ficou sinistro. Aquele silêncio inquietante reinava. Os internos não saíam das galerias para nada, os pátios estavam vazios. Os que não tinham recebido visita foram ao refeitório, fizeram a refeição e retornaram para as galerias de origem, muitos se trancaram em seus cubículos. Não demorou muito e o alarme tocou. Em seguida, os guardas trancaram todos em seus cubículos. Só voltaram duas horas depois, para fazerem o "confere" e dar uma "geral". Quando saíram, como sempre, só trancaram a galeria. Com liberdade de sair dos cubículos para andar pela galeria, fui até o cubículo do Tonelada. Ele devia saber o que estava acontecendo. Serviu um café e me pôs a par dos acontecimentos.

— Antes do término das visitas, cinco internos convidaram um companheiro para puxar fumo em um cubículo, outros cinco convidaram outro companheiro para fazer a mesma coisa. Os dois convidados morreram, com mais de cem estocadas cada. Até aquele momento ninguém tinha se apresentado para assumir os crimes.

19/6/1983. Sarará, Juninho e Belizário foram hoje para a Ilha. Com a saída deles, sobraram seis cubículos vazios na nossa galeria.

385

Na semana passada, uns dias antes da transferência do Pira, Nenê Cara de Cachorro (que era quem passava os filmes no auditório), de uma hora para outra foi transferido, acusado de ter ajudado na fuga ocorrida na noite do apagão. Pediu, implorou e explicou que, para onde ia, na Milton Dias Moreira, morreria na certa. Não teve jeito, foi para lá e quinze dias depois foi chacinado. Encontrei com ele na porta da vigilância quando estava de saída. Olhou com tristeza e reclamou.

— Estão fazendo o que sempre fazem: transferem a gente para morrer.

Com tudo isso acontecendo aqui, na Ilha, em Bangu e no Água Santa, o governador ficou

preocupado. Reuniu seus secretários e exigiu providências. Parte dessa reunião saiu numa reportagem do Jornal do Brasil, com o seguinte título: "Brizola teme tragédia nos presídios". Transcrevo partes da reportagem: "O tema dominante na reunião com o secretariado foi o sistema carcerário e, mais especificamente, a morte de mais dois presos, domingo à noite, no Instituto Penal Lemos Brito, e o encontro de três mulheres no Instituto Penal Esmeraldino Bandeira — em Bangu, só para homens". Em um outro trecho, o diretor do Desipe informou que, para evitar outras mortes nos presídios, o primeiro passo é desarmar todos os que se encontram nas celas. "Essas vistorias, explicou,são difíceis porque os presos não escondem armas debaixo do travesseiro e, sim, dentro das paredes, o que requer quebrar tudo para poder encontrar as armas de fogo e os estoques".
Aquilo que aconteceu em Esmeraldino Bandeira acontece aqui, às vezes. É arriscado, mas elas não ligam a mínima. Entram na visita e conseguem ficar escondidas, escapando ao controle. Passam a semana aqui, faturando para o homem delas ou para elas mesmo. Geralmente roubam no domingo seguinte o bilhete que todas recebem para entrar e devolvem na saída, causando problemas para a visitante distraída.
As transferências e as fugas do pessoal da Falange Vermelha tinham deixado a cadeia quase sem liderança, e muito mais perigosa. Pira tentava continuar comandando, mas estava do lado de lá do muro. Dos companheiros que tinham restado, o mais feroz era o Monstro, que aparentemente continuava sob seu comando. Impunha respeito seguindo os conselhos de Xane, mas tinha de usar bastante terrorismo para impor ordem e controlar as lideranças mais jovens, que, embora aliadas (pelo menos se diziam), tinham idéias próprias. Eram recém-chegados de outros

institutos, eram unidos e destemidos. Monstro e Xane podiam contar com Zé Cigano, que, graças a sua rebeldia, vivia levando "carrinhos", rodando por muitas cadeias, e por isso conhecia melhor e se dava com o pessoal mais jovem.
Em contrapartida, Polaco, Pele e seu irmão Ratazana, que pertenciam à Falange Jacaré e agora contavam com aliados chegados de outras instituições, também faziam terrorismo para liderarem toda a penitenciária.
É... era complicado. Para entender a situação só estando lá, vivendo aquele momento.
A administração tinha trazido um chefe de segurança que era muito parecido com os membros das falanges. Não usava uniforme, estava sempre com um jeans surrado. Cabelos brancos, barba mal aparada, mas falava a mesma língua. Andava pela penitenciária inteira, desconfiava de tudo, falava manso e impunha respeito. Era, como todos da administração, odiado pela massa. Por sua experiência e perspicácia, evitou muito derramamento de sangue. Ele era danado, devia ter ótimos informantes, descobria as coisas e transferia os que iam morrer, ou os matadores, horas antes dos acontecimentos.
O pessoal comentava que alguém interessado em acabar com as lideranças, ou em liderar, estava delatando as tramas. Quer dizer... desconfiança geral.
Às VEZES FICO TÃO ASSUSTADO QUE GOSTARIA DE SER UMA SOMBRA vivendo na floresta, só observando. Não dando alimentação à vida, sendo alimentado por ela.
Fui condenado à reclusão, isso não quer dizer que preciso viver com um bando de malucos.
24/6/1983. Um interno aí do lado, da Milton Dias Moreira, tentou atear fogo no diretor. Não conseguiu por pouco. Comentaram que ele estava para sair e, não tendo para onde ir nem família a procurar, resolveu cometer um crime para continuar preso.
Chico Tonelada e eu estivemos conversando. Falávamos do boato da morte do Jesus. É a segunda vez que espalham que ele foi morto trocando tiros com a polícia. Se sua morte for confirmada, todos os que

fugiram, morreram ou voltaram para a prisão, como é o caso do Lâmpada. Para não escrever todos,

tem um que levou um tiro na perna e ficou sem ela e o Professor, que, diziam, estava na Bahia, organizando uma quadrilha. Por que será que isso acontece com tanta freqüência? Falta de costume? O cara fica muito tempo na cadeia e perde a mão? Apesar de tudo, eu gostava do Jesus.
Ontem apareceu aqui uma bicha, da penitenciária aí do lado. Veio buscar as coisas do Pira. Ela é mágica, conseguiu pôr Pira para falar comigo de orelhão para orelhão. Fez isso porque eu não queria entregar nada sem confirmação do proprietário. Ela não ficou brava, era muito engraçada. Quando já estava de posse de tudo...
— Eh! Você é uma gracinha, não fica preocupado, eu sou de confiança. — E saiu rebolando.
Estes últimos três meses abalaram minha estrutura de tal forma que não estou entendendo mais nada. Só Freud daria um jeito na minha cabeça. Ele na cabeça, e Dostoiévski na minha história.
Coisas estranhas aconteceram: parece que o diretor do Desipe esteve aí do lado, conversando com o Pira. Não tenho confirmação disso, mas se quiserem alguma coisa do Pira têm de trazer ele de volta e isso eu duvido que aconteça. Seria uma demonstração de fraqueza da parte do Desipe.
25/6/1983. Hoje aconteceram mais transferências, apesar de ser sábado. Havia boatos de que mortes ocorreriam. Pelo menos a meu ver, essa movimentação de internos salvou algumas vidas. Este novo chefe de segurança tem faro e é claro que tem informações na hora certa. Houve uma atitude nova da parte dos guardas quando havia fugas ou transferências: assim que os internos abandonavam os cubículos, arrebentaram todas as melhorias encontradas nos cubículos (feitas pelos internos), vasos sanitários, espelhos, armários etc. para evitar que fossem saqueadas e, depois, vendidas para o próximo ocupante.
Não consigo entender... acho que ao fazer isso a administração se iguala aos presos. Pois é vandalismo arrebentar melhorias. A impressão que dá é que querem que haja reação. Será que é isso? Querem invadir com a Polícia Militar e matar os líderes?
28/6/1983. Estou no meu cubículo, deitado de barriga para cima e, para não olhar a janela e as grades, fecho os olhos. Tenho flashes da Ângela. Procuro evitá-los, me fazem sofrer. Não é de saudades nem por estar aqui. Quando isso acontece fico desesperado, pois não consigo fechar

os olhos, que suas imagens surgem. Não tenho outra coisa a fazer, senão enfrentá-las. Relaxo, respiro fundo e deixo minha mente à vontade, "para reproduzir o que quiser". Quando eu era adolescente, adorava futebol. Lembro tão bem de um filme a que assisti, chamava-se O homem que chutou a consciência. Bom é o Kafka, que escreveu sobre o cara que virou barata. Talvez eu possa virar um lagarto. Quando eu ficava assim com esses flashes e pensamentos estranhos, já sabia que acabaria reproduzindo imagens que me abalariam. Talvez fosse melhor não enfrentar minha consciência e abrir os olhos, levantar e sair do cubículo, para enfrentar a realidade de minha situação. Pelo menos poderia perceber que estava em um lugar pagando PENITÊNCIA. Em vez disso, ligo a televisão. Não foi numa boa hora, a primeira coisa que aparece é a notícia de que mataram três na Ilha Grande. Dão o nome dos mortos e, se entendi bem, um deles saiu daqui na semana passada. Segundo o comentarista, o secretário de Justiça disse que essas mortes não têm nada a ver com a guerra dos presídios. Quem será que ele está tentando enganar?
29/6/1983. Hoje sumiu um interno que saiu escoltado para ir a um hospital. Ia fazer um exame que aqui ao lado não tinham como realizar. A escolta se distraiu na sala de espera e, quando olharam mais atentamente, ele não estava mais lá. Segundo a escolta, ele evaporou.
À tarde, o diretor convocou todos para comparecerem ao auditório. Voltou a falar que queria um representante de cada galeria, para conversar com a administração. Pediu que cada galeria se reunisse e elegesse o representante nas próximas 24 horas. Se isso não fosse feito, ele ia reunir todos no auditório e promover uma espécie de eleição. Só sairiam do auditório as galerias que tivessem eleito seus representantes.
Depois, dando a entender que as verbas andavam curtas e não dava para reformar o prédio

imediatamente, proibia o uso de chuveiro elétrico. Tinha informações de que os fios elétricos estavam em péssimas condições e não lhe restava outra alternativa que a proibição. Em compensação, estava concedendo uma "dormida" no começo do mês, da noite de 9 para 10 de julho. (Nunca ele conseguiu que deixassem de usar os chuveiros elétricos. Eram poucos os que tinham esse conforto.)

4/7/1983. Ontem, policiais militares estiveram aqui para uma "geral". Depois, mandaram quatro arrumarem suas coisas, pois iam ser transferidos. Desses, o único que eu conhecia bem era o Cuca. Também foi o único que saiu reclamando:

389

— Esse diretor falou que não transferiria sem avisar, mentira dele. — E saiu sacudindo a cabeça.

5/7/1983. Dezessete presos fugiram da Ilha nesta madrugada. A Polícia e os caçadores de fugitivos estavam nas matas tentando recapturá-los. Apesar de ajudados por um helicóptero, até o fim da tarde não tinham localizado ninguém.

6/7/1983. Tudo calmo, apesar de haver muita trama no ar e de todos se olharem com desconfiança.

9/7/1983. Marilena esteve aqui. Entrou no sábado às treze horas e saiu no domingo. Estive com uma gripe tão forte que tremia como vara verde, de tão alta que era a febre. Ela me fez chá, que tomei com aspirina, e, algumas horas depois, já me sentia bem melhor. Ficar doente num lugar como este é complicado. Não há recursos e o médico só vem duas vezes por semana. Ele é dedicado e traz muitos remédios que recebe como amostra grátis. Há problemas sérios, como doentes com tuberculose, e eles têm prioridade. O número de internos com essa doença é enorme. (Naquela época ninguém tinha ouvido falar em HIV.)

11/7/1983. Estou sendo atacado por uma crise de inspiração. Não tenho vontade de escrever. Acho que é por causa do ambiente sinistro e da visita que o Humberto me fez. Veio me avisar que não conseguia me transferir para Niterói, porque não conhecia ninguém da nova administração.

Era muito difícil encarar os novos companheiros e o clima constante de perigo. Sabia que todos estavam armados e a qualquer momento aconteceria uma guerra.

Medo... é difícil dominá-lo, não sei como consegui fingir que andava tranqüilo e despreocupado.

Nos últimos tempos, além de não anotar nada em meu bloco, não tinha ânimo nem de bater paredão.

18/7/1983. Mais uma vez, o diretor convocou todos para irem encontrá-lo no auditório, desta vez às quinze horas. Não mandou tocar a sirene, apenas pediu aos guardas que fossem avisando os internos nos pátios e nas galerias. Eu estava me dirigindo para a reunião e o encontrei no corredor. Chamou-me e mandou que fosse procurá-lo após a conversa no auditório. Fez questão de me explicar como eu devia proceder para ir encontrá-lo. Pegar uma autorização com duas vias na inspetoria, para que ele vistoriasse uma... ia continuar quando viu o meu crachá.

390

— Bom... você é "faxina"... Então, depois que sair do auditório, passe lá no meu escritório.

A conversa no auditório foi curta; ele queria saber se todos concordavam em doar um dia de refeição para os estados do Sul. Tinham passado por chuvas fortíssimas e estavam com grandes dificuldades. Todos que concordassem deveriam levantar as mãos. A aprovação foi unânime.

Terminado o papo no auditório, ele subiu para seu escritório e eu o segui de perto. Não era mais Zé do Lago que atendia na recepção, mas o substituto era conhecido e em pouco tempo eu estava sentado à frente do diretor.

Ele tinha um bloco na sua frente e pela sua postura ia fazer anotações.

Perguntou meu nome e endereço e nome de algum familiar para entrar em contato em caso de emergência. Em seguida, perguntou se eu era português. Como estranhei a pergunta, perguntei a razão.

— É por causa de seu sotaque.

Respondi que tinha ascendência inglesa, meu sobrenome, Street, queria dizer "rua" e eu era paulistano.
— Tenho aqui uma carta da NBC, de uma rádio e televisão americana. Querem saber se você concorda em fazer uma reportagem sobre machismo.
Respondi que não queria saber de jornalistas naquele momento da minha vida. Que entendia o interesse da imprensa brasileira e de outros países, mas não estava interessado.
— Para facilitar, peço por gentileza que rejeite qualquer tentativa de entrevistas.
Olhou-me com estranheza e pediu que eu escrevesse e assinasse aquilo. De saco cheio respondi que consultaria meu advogado antes de assinar qualquer coisa. Em seguida, quis saber sobre a minha situação jurídica. Informei que estava com um recurso impetrado no Supremo Tribunal Federal, para anular o último julgamento e, se tivesse sucesso, esperaria o próximo em liberdade, mas o recurso ainda não tinha chegado em Brasília. Ele continuava curioso; queria saber como me sentia no cárcere.
— Às vezes fico muito preocupado com a violência e quando o senhor tomou posse fiquei muito apreensivo, pois tinha conhecimento pelos jornais que o sistema carcerário estava sem verba. Além disso, tinham acontecido aquelas mortes e algumas fugas. Desejo que seja feliz em sua administração.
391
Com minha ficha na mão, ele respondeu:
— Acho que sua pena é muito alta e não devia estar preso aqui, com esse tipo de delinqüentes. Se precisar falar comigo, avise o inspetor do dia, darei um jeito de atendê-lo.
Naquela noite apareceram na TV os estragos que as chuvas causaram no Sul. Eram impressionantes. Abordava também a situação de penúria por que estavam passando alguns setores do comércio e da indústria no Brasil. Citava a concordata das indústrias da família de um ex-amigo. Era uma concordata grande, o grupo em sua fase áurea reunia cerca de 30 mil operários.
Que pena que o país esteja tão mal. Os militares não conseguem pôr ordem na casa.
24/7/1983. Domingo, como sempre, Marilena e papai se foram. Eu fiquei. Assisti à saída deles até fazerem a curva no corredor e se virarem para me acenar adeus. Hoje, no nosso encontro tão esperado de todos os domingos, Marilena não estava bem, chorou muito, sua tristeza era enorme. Tinha perdido o pai e uma tia na mesma semana. Eu ia pensando nisso e subindo a escada para a minha galeria. Descendo, vinham alguns internos indignados porque um companheiro tinha levado uma surra de alguns guardas. Isso tinha acontecido no dia anterior e o camarada estava todo estropiado na "surda". Ele estava desaparecido, seus companheiros não o achavam. Mas hoje, com a chegada da família para visitá-lo, os guardas tiveram de contar que ele estava de castigo por desacatar um funcionário. Imediatamente, alguém da família avisou o pessoal dos Direitos Humanos, que veio mas foi barrado pela guarda do dia. Agora, aqueles internos iriam até a inspetoria reclamar dessa atitude. E avisar que no dia seguinte ia ter a imprensa na porta para entrar junto e fotografar o companheiro. Quando um grupo de internos resolvia enfrentar os guardas, geralmente dava coisa séria. Os guardas se apavoravam, com medo que virasse tumulto e não tivessem tempo de sair correndo, para fora da carceragem e do prédio. A providência era tocar o alarme e chamar a Polícia Militar.
Uma noite, uns dois meses atrás, antes de trancarem a galeria, Pira e eu descemos até a inspetoria para pedir alguma coisa (agora não lembro o que era). Talvez falar ao telefone... alguma coisa assim. Quando o inspetor nos viu, correu para a inspetoria e tirou, não sei de onde, uma espingarda calibre doze. (É proibido agente penitenciário ou funcionário
392
entrar armado no interior das prisões.) Só depois que teve certeza de que queríamos apenas falar com ele é que relaxou.
Mas voltando ao fato do espancamento: os guardas estão abusando e querendo descarregar seus

recalques nos internos. Na semana passada, no refeitório, encheram de socos e pontapés um interno que é um coitado e está meio louco. Anda por aí maltrapilho, falando sozinho. Jogou feijão num dos "faxinas" que servia a comida. Os guardas agiram rápido e com covardia, pois não bateram nele na hora. Arrastaram-no até o pátio 3, que estava vazio, pois quase todos se encontravam almoçando e lá fizeram o serviço. Ninguém tomou muito conhecimento do fato, porque há muitos doentes mentais mendigando abandonados pelas cadeias e eles são desprezados. Às vezes são removidos para o Manicômio Judiciário e, quando voltam limpos e bem tratados, dependendo da idade, abusam sexualmente deles.

25/7/1983. Hoje recebi carta do Raulzinho, que alegria. Ele já está um homem, teve de se apresentar para servir no Exército e foi convocado. Que bom. Tenho certeza de que isso fará bem a ele. Já sei que se virou e é motorista. Bom sinal.

O diretor desistiu de esperar que os internos elegessem os representantes das galerias. Hoje reuniu todos novamente e começou a eleição na marra. Conseguiu que cada galeria elegesse dois representantes. Mas antes disso fez uma preleção, explicando que não queria dois dedos-duros, na verdade queria representantes, pois a seu ver isso facilitaria o diálogo entre a administração e os internos. Ele dizia que aquela era uma atitude democrática e queria candidatos. Olhou para mim, que estava completamente distraído e perguntou:

— Não é verdade, Raul, você não acha tudo isso democrático? Respondi de bate-pronto a primeira coisa que me veio à cabeça.

— Acho que sim, e, já que é democrático, me reservo o direito de não ser candidato.

Mais tarde, pensando no assunto, achei que mesmo distraído tinha me saído bem. A minha resposta tinha causado algumas risadas, mas eu tinha me livrado de ser candidato. Tinha certeza de que ele ia me propor isso. Como tinha certeza também de que ele era sincero e estava querendo fazer uma administração justa.

Pelo menos que eu me lembre, só dois foram eleitos para representar todas as galerias. Não tenho muitas anotações daquela quinzena.

Andava muito deprimido e não tinha vontade de nada, nem de escrever. Os dois eleitos — Americano e Ary — aparentemente eram da confiança da massa, só os conhecia de vista, não estavam lá há muito tempo.

26/7/1983. A nova política carcerária adotada pelo novo governo, de deixar as cadeias praticamente abertas à visitação pública, era perigosa, pois de uma hora para a outra podia acontecer algo e os visitantes poderiam se tornar presas fáceis. Além disso, era constrangedor para o interno, que ficava muito exposto, principalmente quando o visitante era insensível e fazia perguntas idiotas.

A quarta galeria recebeu a visita de um grupo que se dizia do Tribunal de Alçada. Eu não sabia dessa visita e desavisadamente entrei na galeria. Tinha umas quinze pessoas. Quando as vi, parei e já ia saindo, mas o funcionário que as acompanhava me chamou. Veio ao meu encontro e pediu que eu abrisse meu cubículo. Dizia que deveria abrir para que vissem que eu não tinha privilégios. Eu conhecia o funcionário e, para não desagradá-lo, atendi. Abri a pesada porta e os deixei à vontade. Um senhor me olhou e disse:

— Sabe, sou do Tribunal de Alçada. Respondi apenas:

— Não me diga. E ele continuou.

— Ouvi dizer que você recebe mulheres aqui todas as noites, dizem que são orgias fantásticas. Você não tem religião? Gosta de ler?

O homem não esperava resposta.

— Quais seus planos para o futuro? Uma moça que estava junto interrompeu.

— Nossa, ele tem até geléia. Não me contive...

— Se abrirem aquele isopor encontrarão um resto de champanhe da orgia de ontem. Está bem

gelada. Querem experimentar?
Senti que o funcionário já estava arrependido, pois deu a visita por encerrada. O cavalheiro ia saindo e falando ao cicerone:
— Mas é incrível, será que tem alguém do nível dele para conversar? Evidentemente, não eram só imbecis que nos visitavam. Tinha gente interessada, a OAB, por exemplo. Eles tentavam fazer um levantamento de todos os internos com penas vencidas. Isso já tinha sido tentado pelos promotores e advogados do Estado no começo do governo e já
394
tinha rendido alguns resultados. Tinha também um pessoal da Pastoral, que quando nos visitava era orientado pelo padre Bruno Trombeta, que prestava serviços extraordinários aos internos e ao sistema.
Hoje, por exemplo, estive numa reunião promovida pela Pastoral. Conheci uma advogada que se dava com o irmão do meu pai, tio Tito. Disse que tinha condições de pedir minha transferência para Niterói. Não sei por que não acreditei na moça. Talvez pelos boatos que corriam pelos presídios, de que as mulheres sozinhas é que se envolviam nessas coisas. Enfim, não tinha nada a perder e a autorizei a tentar a transferência. Não continuei a freqüentar essas reuniões, apesar de acreditar no trabalho do padre.
27/7/1983. A minha situação está feia, mas a do Brasil não fica atrás. Segundo o professor Roberto Campos, dentro de pouco tempo o país fica insolvente, aqui e lá fora.
29/7/1983. Que pena... morreu David Niven.
Esse era o humor, naquele momento, que eu estava atravessando. Não escrevia, se pudesse não saía do cubículo, não tomava banho e não fazia mais nada. Eu estava que era uma fossa só. Não porque não acontecia nada na cadeia. Acontecia e muito, tinha muitos disputando o poder, e eu tinha certeza de que algo muito sério estava para acontecer. A covardia, a traição e a sordidez reinavam. Eu não via porque não queria ver, tinha medo. A corda bamba estava muito esticada e o palhaço estava tremendo. Como não tinha nada a ver com isso, assistia e ouvia, pois era bem informado por Capetinha. Ficava na minha, mas na fossa.
2/8/1983. Como toda manhã, levantei cedo e fui para o orelhão falar com Marilena. Naqueles dias de fossa, descia me preparando para falar com ela alegre e brincalhão. Ela já tinha problemas, não ia preocupá-la mais ainda.
Depois de conversarmos como todos os dias, subi para a galeria. Ia subindo as escadas e prestando atenção nos presos, nas suas feições tristes e aparvalhadas, de caneca na mão, a caminho do refeitório para o café-da-manhã.
Aquilo acontecia todos os dias, era como gado indo para o cocho. Depois do café eles iam para os pátios, à espera de alguma movimentação. Como a LEP estava arrombada, saqueada e desativada, não tinham nada para fazer. Eu assistia àquilo deprimido. Nesse dia peguei o bloco decidido a escrever, nem que fosse tudo a esmo e sem sentido. Havia um
395
cheiro gostoso de café que Capeta tinha acabado de trazer da cantina. Resolvi escrever para Marilena.
"Assim, sem mais nem menos, quero dizer que te amo. E um dia, ao sol forte, deitado em teu corpo, ficarei tão quente, que derretido te invadirei para aquecer teu coração, beijando-o com a força de todo o universo num orgasmo de felicidade. E então, ao voltar, caminharemos até o mar, para que eu te beije, Marilena, e juntos sorriremos com alegria."
Acabei de escrever isso e olhei para as grades de minha janela. Levantei-me e fui até lá olhar o relógio da Central do Brasil. Depois, ficando na ponta dos pés e olhando para baixo, encontrei como sempre o telhado do hospital penitenciário. Fiquei mais deprimido ainda. Eu tinha de dar um jeito de sair desse humor. Tinha de sair e andar por tudo. De calção e peito nu, para sentir a vibração, mesmo que fosse a do inferno. Mas, em vez disso, vesti camiseta ejeans e fui para a vigilância.

5/8/1983. Hoje apartei uma briga ridícula entre dois "vacilões". Estava me preparando para bater paredão quando percebi uma discussão entre dois internos que estavam remexendo areia e cimento para um pequeno conserto no muro. Um carregava uma lata de vinte litros, e o outro remexia o cimento com uma enxada. Como eram dois coitados, me aproximei para assistir ao bate-boca. O que estava com a enxada aparentava calma, xingando o outro de "vacilão do caralho". Avançou sem muito apetite, com a ferramenta levantada em direção ao desafeto. Eu estava perto, me aproximei calmamente, estiquei o braço e tirei a enxada de suas mãos. O vigia da guarita olhava tudo sacudindo a cabeça e rindo. Outros internos se aproximaram dando bronca nos dois, e eu me afastei rumo à cantina, largando a enxada no monte de areia. "Que bom se todos os problemas daqui fossem entre bundões", pensei me sentindo o próprio machão.
7/8/1983. Domingo. Adivinha se a água chegou depois que a visita íntima terminou. Que recalque. Nós pagamos com falta de água no parlatório pelo que os internos, aí do lado, fizeram às seis e meia da manhã.
Com um refém, oito internos armados com dois revólveres e estoques, renderam duas portarias e ainda roubaram as armas da última. Zoaram, arrombaram o cofre de armas e foram passear. Houve tiroteio, o alarme soou. Pelo que ficamos sabendo ninguém se feriu. Esses caras são corajosos, saíram para o tudo ou nada, que se danasse a vida, que se danasse o mundo. Saíram saindo.
396
Do lado de cá, apesar de termos ouvido os tiros e o alarme de fuga, tudo permaneceu calmo. É claro que não demonstrávamos "tristeza" pelo sucesso da fuga. Às onze horas nossas mulheres chegaram, e cinco minutos depois a água foi cortada. É... o Pira faz uma falta danada.
Marilena chegou brava, tinha discutido com papai antes de sair da casa de Maria Zélia e, quando a água acabou, ela começou a rir. Percebeu que não adiantava continuar com aquele clima e descontraiu. Sabia que aos domingos eu triplicava o estoque de água mineral. Afinal, alguma coisa eu já tinha aprendido. Quando descemos, às dezesseis horas, fui surpreendido com a presença do Chiquito e do Grandão. Que alegria. O astral daqueles dois sempre me fazia bem. Grandão tinha novidades. Tinha se casado com a amiga da Ângela que andava flertando com ele desde os fins de semana na fazenda. Segundo ele, ela não está com raiva de mim.
8/8/1983. Os boatos de que Pira estava se preparando para pular o muro e atacar algumas lideranças e os guardas eram constantes. Eu sei, de fonte limpa, que há dois ônibus "coração de mãe" esperando para levar o pessoal daqui e dali do lado até a barcaça que vai para a Ilha. Os diretores estão espertos, será que estão desconfiados? O diretor daqui fez uma ameaça muito séria: se houver fugas com violência, autorizará a entrada da Polícia Militar.
É estranha essa ameaça, porque até o momento as fugas daqui foram sem nenhuma violência. Ao contrário, os presos têm desaparecido no ar. Aparentemente o diretor está contente, pois nunca tivemos tantas "dormidas". No próximo sábado tem mais uma.
15/8/1983. Esperei tanto essa "dormida", que duas horas antes de Marilena chegar peguei a maior gripe da história. Tremia tanto que parecia que estava com maleita. Novamente Marilena tratou de mim. Na outra gripe eu estive péssimo, nesta, pensei que ia morrer. Doía tudo, até os fios do cabelo. O remédio foi o mesmo: chá e aspirina. Molhei a cama, o colchão e a Marilena.
19/8/1983. A semana foi movimentada, pelo menos para a administração. Na terça-feira, descobriram um buraco que chegaria à rua. Na hora em que foi descoberto havia quatro internos lá, trabalhando. Esse fato deixou a cadeia muito mais eriçada. Ninguém tinha dúvida de que alguém tinha cagüetado. Logo depois que acharam o buraco, trancaram a gente por mais de três horas. Depois, fizeram um "confere" e, em seguida, uma "geral" minuciosa.
397
22/8/1983. Desconfiança é o que se respira aqui, desde a tentativa frustrada de fazer um buraco até a rua. Os líderes desconfiam de todo mundo. O pior é que desconfiam de um interno que está

ocupando um cubículo perto do meu. É um falsário famoso. Tem várias fugas do sistema e tem uma peculiaridade: nem os guardas nem os internos gostam dele. Seu nome é Jeffrey: altura mediana, 1m 70 de altura, tez clara e olhos azuis. Muito educado. Fico preocupado porque ele me procura muito e gosta de conversar comigo. Já me avisaram que ele é a bola da vez e eu também já o avisei. Não acredito que tenha sido ele o delator.

Para agradar alguns líderes, ele falsificou seis atestados de saúde e ordens de freqüentar a galeria de parlatório. Como houve muitas entradas e saídas de internos ultimamente, havia vários documentos iguais a esses na mesa da moça do serviço social. Os internos conseguiram colocar os falsos no meio dos originais. Os atestados e autorizações eram tão perfeitos que passaram batido, e ele ganhou mais um tempo de vida... não muito. Avisou-me que iria fugir com um documento de transferência para uma prisão-albergue. Essas transferências eram feitas no fim da tarde, depois do expediente. Eram ordens de transferência assinadas pelo juiz da Vara de Execuções. Segundo ele, o documento estava perfeito, papel, assinatura, carimbos e tudo o mais. Só precisava dar um jeito de colocá-lo junto com os documentos que vinham da Vara de Execuções e iam direto para a mesa do inspetor, que conferia e cumpria as ordens. Ao se despedir me contou que, uma semana depois, conseguiu com o agente penitenciário que ia todas as tardes ao fórum buscar documentos, que colocasse a transferência falsa no meio das outras. No final da tarde, em um dia de grande expectativa e torcida, inclusive minha, ele foi ao meu cubículo se despedir. O guarda que foi buscá-lo ainda ficou atropelando:

— Vamos, não tenho tempo a perder.

Foi para uma prisão-albergue em Niterói, onde eu estive três anos depois. Lá, ninguém toma conta da portaria, os guardas ficam na inspetoria e só controlam horários de entrada e saída. Nunca mais o vi, mas falei com ele por telefone numa noite, quando eu já estava "albergado". Já estava lá havia alguns meses e tinha passado o dia fora. Eu estava assinando o retorno, quando o telefone da inspetoria tocou e o inspetor me passou o telefone, sorrindo e chamando minha atenção:

— Não dê mais o telefone daqui para as moças.

Atendi e uma voz de mulher disse:

— Oi.

Depois, já era ele se identificando e dizendo que entenderia se eu, ao desligar, dissesse "até qualquer dia", o que queria dizer que preferia tocar minha vida para a frente sem me relacionar com o passado carcerário. Batemos um papo cuidadoso, porque me encontrava na inspetoria, nos desejamos boa sorte e, ao me despedir, usei a "senha".

Nos tempos em que ele vivia aflito porque tinha de fugir para não morrer, e tinha seu cubículo perto do meu, ia à noite assistir à televisão comigo. Conversamos muito, era um cara divertido. Contou muitos casos de golpes que dera por esse Brasil afora. Inclusive um no Rio de Janeiro. Um apartamento em Copacabana que conseguira alugar. Depois de morar lá por algum tempo, anunciou-o: "Vende-se urgente, motivo de viagem e doença". Vendeu-o montando certidões negativas e livro de escrituras falso. Simulou estar doente e ter de viver na Itália, perto dos filhos. Um suposto escrivão passou a escritura no próprio local. É claro que o preço era tão bom que o comprador estava aflito para fechar o negócio. Aquele era um momento muito perigoso nas prisões do Rio de Janeiro. Com o grande número de transferências e misturas de falanges, as prisões se tornaram um ninho de inimigos. Houve tentativa de acordos. Uma falange explorava os jogos, a outra o tráfico. Mas a Falange Jacaré estava mais forte. Polaco, Pele e seu irmão Ratazana dominavam tudo e não dividiam nada. Assistiam ao Cavalo (esse apelido vinha de Cavalo Mecânico, pelo seu tamanho), Zé Cigano e outros que sobraram da Falange Vermelha se movimentarem acesos, espertos e, ao mesmo tempo, cuidadosos, pois tinha gente nova na galeria. Uma tarde, conversando com Chico Tonelada em seu cubículo, perguntei se ele sabia como andavam as coisas. Me olhou com aquele jeito calmo dele...

— Sinceramente, tenho até medo de saber, eles que se entendam, quero estar em paz com todo mundo.
Estar preso, ser um peixe fora d'água, assistir àquilo tudo e ainda olhar para o futuro... era difícil... desesperador. Tinha me metido numa armadilha sem saída. Pelo menos a curto prazo. Precisava superar o medo, ter paciência e resignação. Resignação... nunca pensei que isso passasse pela minha mente. Quantas vezes, sentado na minha cama, com as mãos segurando a cabeça, os cotovelos no joelho, olhava as lágrimas se esborrifarem no chão e me xingava: burro, babaca, filhinho de papai, idiota, otário.
399
Hoje, chegaram de volta os presos que, algum tempo atrás, tinham vindo do Água Santa e não quiseram ficar.
Não sei, não... mais um grupinho e mais uma liderança. Dois foram para a quarta galeria, um deles para o cubículo que era do Jeffrey (que anteriormente foi do Professor). Pelo que fiquei sabendo, a presença deles em nossa galeria é loucura total. Porra, será que não vou ter sossego? Antes era o Jeffrey, que cismavam que era alcagüete, agora é mistura de falanges na mesma galeria. O que será isso? Um complô para que haja conflito?
25/8/1983. A esperança de anular o último julgamento está cada vez mais longe. Descobri que o recurso ainda não tinha ido para Brasília. Estava em algum lugar do fórum, aqui no Rio, esperando não sei o quê... eu morrer provavelmente. Já estou aqui há onze meses e, quando vim para cá, essa porra desse recurso, pelo menos segundo os advogados, estava pronto e a caminho.
31/8/1983. No sábado, a família inteira esteve aqui. Mamãe, papai, Caco, Raul e, claro, Marilena. Foi bom estar com eles. Fiquei orgulhoso de ver meu filho, bonito, forte e confiante. O Exército tem feito bem a ele. Quanto ao resto...
A Polônia não paga ao Brasil; segundo o jornal, houve treta nos negócios das polonetas. Irã e Iraque não se agüentam mais, mas continuam em guerra. A América Latina está falida, a Rússia derrubou um avião de passageiros que invadiu sem querer seu espaço aéreo. Eu não tenho nada com isso, porra... preciso sair daqui.
É... não adianta espernear, vou passar o verão aqui. E quantos mais passarei?
4/9/1983. Vejo o Gangorra empurrar a cortina da porta, é o ajudante do Hugo (da cantina). Entra e começa a reabastecer o isopor. Enquanto faz isso comentamos os acontecimentos de ontem, as três mortes e os quatro feridos no PP daí do lado. Depois de ajeitar gelo, garrafas e latas, sai dizendo...
— Cadeia é isso mesmo, é só maldade.
Continuei sentado, pensando nos últimos dias. A escapada inteligente de Jeffrey e esses acontecimentos aí do vizinho refletiram direto em todo o conjunto penitenciário Frei Caneca, principalmente na animosidade entre presos e guardas.
Ontem, pouco antes de as visitas entrarem, tocaram o alarme de fuga com violência. Deram tiros de vários calibres. Empurraram as visitas
400
que estavam esperando na fila, que ficaram superassustadas. Foram muito esquisitos o alarme e os tiros, porque pouco depois o guarda que tocou o alarme declarou que foi engano, que não havia fuga. Essa declaração causou indignação geral, o inspetor ficou louco da vida e encaminhou ao diretor um relatório. Segundo se comenta entre os internos, a Polícia Militar está forçando a barra para entrar e pegar o pessoal das falanges.
Apesar de tudo, depois do tumulto a visita transcorreu em paz. Mas, assim que as famílias se retiraram, o ambiente ficou carregado novamente.
Com esse tipo de alarme e as mortes aí do lado, a cadeia ficou em polvorosa. Há muitos pedidos de transferência, estamos todos querendo sair daqui. Alguns preferem sair com a adrenalina no máximo, como os três que saíram hoje de manhã, evaporando no ar. Graças a isso estamos sofrendo uma

"revista geral" minuciosa, que já dura mais de duas horas. Além de procurar cafofos no chão e nas paredes, com os bastões de ferro, batem também nas grades das janelas para ver se estão serradas. É... vagabundo é esperto, serra as grades e as coloca de volta direitinho. Os guardas estão desconfiados de que os três que fugiram saíram pela janela em uma teresa. Há que tirar o chapéu para esses camaradas.

8/9/1983. Nossa, a coisa está brava, estão se preparando para a guerra. Aparentemente está tudo em ordem, até bolas de futebol apareceram e, nos dois pátios, as peladas recomeçaram. Mas todos sabemos que de uma hora para a outra vai explodir tudo, estamos todos com os olhos bem abertos. Já mandei para a Vara de Execuções três requerimentos pedindo transferência para o Instituto Penitenciário Ferreira Neto, em Niterói. Agora há pouco, antes de começarem o "confere", ficou tudo escuro. Os guardas se assustaram, houve um silêncio pavoroso. Olhei pela janela e as luzes da vizinhança também estavam apagadas, o que me deixou mais tranqüilo. Aos poucos, os sons peculiares da Lemos de Brito foram voltando ao normal e depois de algum tempo a luz também voltou.

12/9/1983. Nesta madrugada, os guardas e a Polícia Militar começaram a bater em nossas portas com cassetetes. Todos tivemos de sair para a galeria. Ficamos escoltados por uns quarenta policiais militares, enquanto os guardas reviravam tudo. Acho que estão achando a mesma coisa que eu, que algo sério está para acontecer.

A "geral" foi demorada e por causa disso eu tinha decidido dormir até mais tarde. Não sei o que deu em mim, que não conseguia parar na cama. Tomei um banho e me vesti, iria ligar para Marilena e ir para a

vigilância. Capetinha apareceu, tinha na mão a Última Hora, que trazia a foto do Nézão e do Monstro. Andava com o saco tão cheio que nem me interessei em ler a reportagem, não agüentava mais tudo aquilo... Vivia lá e ainda ia ler a respeito? Saturado daquilo tudo, engoli um café da noite anterior e desci, acompanhado do Capeta. Ele ia comentando que eu vivia nos jornais, que o pessoal da pesada também aparecia de vez em quando.

— Eu já entrei em cana várias vezes e nunca tiraram uma foto minha. Só ele para me fazer rir naquele dia. Quando chegamos embaixo, ele foi para o refeitório dos funcionários, e eu, para os orelhões. Estranhei que não havia muita gente e em pouco tempo consegui falar.

Desliguei logo e me virei para ir até a seção. Um companheiro que também trabalhava lá — o Luiz — apareceu (aquele que no primeiro dia me escoltou até um cubículo com dois caras que queriam que eu me associasse numa compra grande de maconha). Ele estava branco, me pediu um cigarro. Tremia tanto, que perguntei se ele estava passando mal. Respondeu tentando acender o cigarro, seu olhar era de quem estava muito assustado.

— Está havendo um tiroteio na quarta galeria.

Assustei-me e olhei em volta. Dois guardas apareceram e mandaram a gente ir para a seção e não sair de lá. Ouvi os primeiros tiros. Meu companheiro apavorado estava pregado no chão. Peguei-o pelo braço e arrastei-o para a vigilância. O chefe, que estava saindo apressado, mandou a gente ficar com a porta fechada, mas sem trancá-la. Fora os "faxinas" de lá, estavam ali refugiados mais uns cinco internos de outras seções. Ouvi mais alguns tiros e a correria da Polícia Militar invadindo. A porta foi aberta e mais dois internos entraram. Nesse momento pude ver um companheiro da quarta galeria passar cercado de policiais militares. Tive a impressão de que ele estava se arrastando. Não o conhecia bem, era um dos que tinham acabado de chegar. (Mais tarde, quando o encontrei duas semanas depois, ele estava todo machucado de tanto apanhar.) Ficamos ali fechados, ouvindo tiros, correrias e berros por um bom tempo. Meu companheiro continuava tremendo, parecia rezar. Aproximei-me dele para ouvir o que balbuciava...

— Eles vão me matar... vão entrar e matar a gente.

De repente, a porta foi aberta por um funcionário de outra seção, ele chamou um dos comandantes da PM e explicou que éramos "faxinas", que não se preocupassem com a gente.
402
Depois disso, quietos e muito atentos, começamos a ouvir tiros de escopetas. Parte do pessoal entrou em pânico; apavorados, queriam fazer uma barricada. Todos estávamos com muito medo, e meus companheiros, desorientados a meu ver, iam fazer uma grande bobagem. Resolvi que precisava intervir e explicar a besteira que estavam por fazer. Fiquei na frente da porta, levantei os braços e em voz alta pedi que me ouvissem. Precisavam compreender que, até aquele momento, eles (os policiais e funcionários) não tinham nada contra nós e se fizéssemos uma barricada poderíamos ser mal interpretados. Os companheiros tinham medo e com razão. Em uma invasão há alguns anos, policiais mataram inocentes que eram parecidos com um dos chefes de quadrilha. Quer dizer, por via das dúvidas, os que eram parecidos também morreram. Antes que tomassem uma decisão (se fariam ou não uma barricada), a porta foi aberta completamente e o chefe de segurança apareceu. Atrás dele se via uma quantidade enorme de PMS. Era de se supor que eles aguardavam ordens, pois eu sabia que os pátios, pavilhões e galerias já estavam ocupados por policiais militares havia algum tempo.
Mandaram que saíssemos em fila indiana e nos encaminhássemos para o refeitório. O corredor por onde passávamos era parede de um lado e PMS portando metralhadoras e escopetas do outro. Quando deixamos para trás os escritórios e entramos nas dependências da carceragem, atingimos o pátio 1. Daí em diante, o corredor era de PMS dos dois lados, até a entrada do refeitório. O dia estava escuro e chovia fino. Enquanto passava por eles, olhei algumas vezes para o pátio à minha direita e vi os internos que estavam nas galerias e nos pátios na hora do tiroteio, deitados, nus, com policiais armados tomando conta. Um helicóptero voava a cinco ou dez metros acima dos telhados, fazendo um ruído e um vento pavorosos. Vi Chico Tonelada nu, tomando chuva. Tirei minha camisa e joguei para ele. Para não dizer que o PM da minha frente não teve a menor reação... quando viu os cabelos brancos do Chico e o seu corpo frágil, balançou a cabeça positivamente. O último dos PMS do corredor em que estávamos passando era um sargento enorme, com um megafone na mão. Não o usou uma vez sequer.
Assim que entramos no refeitório, nos revistaram. Para fazer isso, mandaram que tirássemos as calças e as cuecas e levantássemos os braços. Como eu tinha dado minha camisa para o Chico, fiquei por algum momento pelado. Depois de revistados, ficamos ali juntos com
403
os "faxinas" das outras seções, por uma hora mais ou menos (já vestidos, é claro).
Fecharam a porta e nos deixaram sozinhos, sem ninguém tomando conta. Só então fiquei sabendo das mortes. Segundo os comentários, onze tinham morrido, três só na minha galeria.
(Naquele instante, raciocinando a respeito, acreditava que os policiais não tinham tido muito trabalho para acabar com aquela guerra. Quando eles entraram, já estava tudo terminado. Quem tinha de morrer, já estava morto. Era bem provável que os tiros tenham sido para cima. Será que se aproveitaram da situação e mataram alguns internos?)
O refeitório tinha janelas que davam para o pátio da cantina. Na parede em frente, do outro lado, havia uma abertura como se fosse uma janela, de dois por dois metros que dava para a cozinha. Era fechada com portas de correr. Capetinha, que conversava comigo, me avisou:
— Conseguiram abrir um vão para a cozinha e estão distribuindo pão.
No início eu achei aquilo loucura, mas Capeta dizia, rindo:
— Hoje não teve "rancho" pra ninguém, vou buscar pão pra gente, essa comida é nossa mesmo.
Com a fome que eu estava, aquele pão vinha em boa hora.
Ficamos ali até aparecer o chefe de segurança. Ele entrou e mandou que fizéssemos fila novamente. Era para subirmos para as galerias e abrir as portas de nossos cubículos. Avisou que alguns cadeados tinham sido arrombados e saiu, fechando a porta. Poucos minutos depois, policiais abriram a porta e

começamos a subir para as galerias. Passávamos o tempo todo por corredores de policiais. Na escada para a quarta galeria subiram poucos e chegamos inteiros a nossos cubículos. Na porta do meu havia um rio de sangue. Para entrar tive de caminhar pisando naquilo. Era do morador do cubículo 33, que tinha acabado de chegar e, pelo jeito, pertencia à Falange Jacaré.
Meu cadeado estava arrombado, a porta escancarada, o chão todo carimbado de botas que tinham passado pelo sangue. O espelho que Jesus tinha me dado estava arrebentado. O chefe de segurança me pediu para entrar e conferir se faltava alguma coisa. Entrei carimbando mais ainda o chão, agora com o sangue da sola dos meus sapatos.
— Não falta nada, só quebraram o espelho.

Eu conhecia bem o Norberto (chefe da segurança), estava lá desde minha chegada. Só que naquela época era chefe da disciplina. Olhando-me, disse:
— Não arrebentaram sua TV porque cheguei a tempo.
Era um sujeito educado, alto e bem afeiçoado. Dava-me bem com ele. Só por isso perguntei indignado.
— Por que arrombaram algumas portas, quebraram nossas coisas e, muito pior, mataram alguns internos?
Ele balançou a cabeça.
— A Polícia não matou ninguém. Quanto ao resto, são coisas do momento, e vocês pediram isso.
Depois, mandou que eu descesse e me juntasse aos demais no auditório. Desci passando novamente pelo corredor polonês, de novo sem ninguém encostar em mim. Fui direto para o auditório, que já estava quase lotado. Um PM mandou que eu me sentasse perto da porta de saída, ali tinha alguns espaços em branco que eram preenchidos por quem ia chegando. Fora os "faxinas", todos ainda estavam nus. O companheiro ao meu lado me contou que tinham ficado no pátio nus, embaixo de chuva e do vento do helicóptero, durante todo o tempo que a polícia revistou as galerias e cubículos. Não conseguiu me passar mais informações, porque um policial à paisana, com um megafone na mão, mandou que entrássemos em fila e nos encaminhássemos para o rancho 1 (refeitório), onde seria servido um lanche.
Entrei na fila e fui ao refeitório só para cumprir a ordem, nem sentei, fui direto para porta da saída. Não queria comer, só pensava em voltar para o cubículo, passar a tranca na porta e ficar sozinho. Mas isso não aconteceu, me encaminharam novamente para o auditório. Um pouco antes da entrada, comecei a ouvir um bate-boca de grandes proporções. Os PMS que estavam nos pátios também ouviam a discussão e se mostravam inquietos. Parei para tentar não entrar, mas mandaram que eu continuasse. Lá dentro o tumulto era grande. Oitenta por cento do pessoal que continuava nu se negava a ir para o rancho 1. Eles berravam para o diretor e para os PMS:
— Vocês que estão vestidos, vão comer.
Os que ainda estavam nus no pátio 1, também não saíam do lugar. A impressão que dava era que estávamos num campo de concentração. E pior, a coisa estava escapando do controle. (A corda tinha esticado

demais, o risco de arrebentar tinha de ser levado em conta.) Aqueles homens nus não estavam mais com medo dos PMS e suas metralhadoras, e não havia uma autoridade maior para pôr fim naquela situação.
Eu estava revoltado. As autoridades do governo recém-empossado estavam fartas de saber que algo muito sério estava para acontecer. Para mim, incrementaram a guerra entre facções, misturando-as. Tinham de ter estudado melhor a situação. O que será que elas pretendiam, mexendo as pedras do tabuleiro? Que tudo explodisse?
Finalmente, depois de muito bate-boca, fomos separados por pavilhões e galerias e ficamos

esperando divididos, entre os dois ranchos e o auditório, enquanto revistaram todos os cubículos novamente.
Depois de muito tempo, mandaram que fizéssemos fila por galerias. Quando estávamos todos enfileirados, por pavilhões e galerias, como se estivéssemos em "ordem unida", deram ordem para começarmos a subir. Aquilo era a coisa mais surrealista que tinha visto em minha vida. Um batalhão de homens nus e vestidos, tendo de subir escadas em corredores poloneses constituídos de PMS com raiva, pois estavam ali desde cedo.
Eram 22 horas quando começamos a subir. O pessoal subiu levando chutes, pontapés e tapas. Isso estava acontecendo antes de o diretor aparecer. Sei lá onde ele estava, provavelmente tinha ido ao toalete. Mas, assim que viu aquilo, correu em direção ao comandante e disse:
— Os senhores não podem fazer isso...
E levou um tapa na altura da orelha. Louco da vida, mostrou seus documentos...
— Sou o diretor, o senhor sabe muito bem, além do mais, sou promotor de Justiça. Isso não vai ficar assim.
O comandante não ficou muito preocupado, olhou para ele e pediu desculpas alegando:
— Apreensivo como estava, e o senhor em mangas de camisa, PENSEI QUE ERA UM DELES.
Eu não assisti a esse fato, mas era voz corrente, na penitenciária. Disseram até que isso aconteceu quando eu estava subindo, que ele tinha iniciado sua revolta em minha defesa.
Eu subi com muito medo. Quando estava no meio do primeiro lance de escadas, ouvi vindo de baixo...
— Esse aí é o Raul Doca Street.

E levei um pontapé na altura da coxa. Só me pegaram de novo quando entrei na galeria, levei um tapa nas costas.
O sangue de Reginaldo Donato do 33 tinha sido enxugado, mas o cheiro continuava forte. As paredes e portas de cubículos estavam pipocadas de tiros. A minha porta foi a única, naquele canto direito, que escapou. Estava intacta.
Apesar de muito cansado, passei uma toalha molhada no chão para tirar as marcas de botas e sapatos, feitas de sangue. Ia passando a toalha úmida enrolada em um rodo, mas tive de parar duas ou três vezes para vomitar. Meu estômago doía, provavelmente porque estava praticamente vazio. Felizmente eu tinha água e pude tomar um banho. Pensei que estava pronto para deitar, mas tive de tomar mais uma providência, pois minha cama estava repleta de cacos do espelho. Juntei as quatro pontas do lençol, dei um nó e joguei em um canto. Depois jogaria tudo fora. Antes de me deitar, vi minha figura toda torta e cheia de vazios no que tinha sobrado daquele enorme espelho presenteado por Jesus. As lágrimas desceram com força e eu fiquei me olhando chorar, o rosto parecia um quebra-cabeça retorcido. Nunca mais esqueci o que refletia ali.
Comecei a escrever esses fatos no dia 12, mais ou menos, pois nos dias que antecederam ao tiroteio e à invasão não tive cabeça para nada. Pressentia que algo muito sério estava para acontecer.
14/9/1983. Por ocasião das primeiras mortes, quando Pira, Jesus, Jarra, Lâmpada e outros da Falange Vermelha ainda estavam aqui, também houve uma invasão de PMS (em pequeno número) e, em seguida, de repórteres. Não foi nada comparado com os últimos acontecimentos, mas causou um grande impacto na imprensa, apesar de o número de mortes cometidas por internos ter sido o mesmo (duas). Infelizmente esses relatos se perderam. Faz tanto tempo que tudo aconteceu, que não sei se o que contarei agora se passou na época das primeiras mortes ou agora, no tiroteio acompanhado de mortes. Vale a pena registrar que naquela madrugada, após os acontecimentos do dia, bateram à minha porta insistentemente. Era o chefe de segurança com uma repórter de uma rede de televisão. Apesar do cansaço, não estava dormindo, e quando se aproximaram reconheci a voz da repórter. A luz estava apagada e assim ficou. Estive quieto e mudo durante o tempo todo em que

estiveram à minha porta. Bateram, pediram, o chefe de segurança se identificou,
407
pois, como já escrevi, me dava com ele. Nada adiantou. Ficaram ali tentando por uns vinte minutos. A repórter insistia que a reportagem seria para o meu bem. Eu não ia deixar filmarem meu cubículo, logo após a invasão de PMs, por causa de mortes, por passagem de "bondes" ou tiroteios na galeria.
Era um outro dia, mas estava longe de ser uma nova vida. Tínhamos de lavar a galeria, os cubículos, a nós mesmos; pois aquilo já era passado e, dentro de dois dias, estaríamos recebendo ali nossas mulheres. E novos fatos já estavam acontecendo.
Eu estava acabando de ajeitar meu cubículo, que já tinha sido lavado e escovado com água, sabão e água sanitária. Chico Tonelada, que foi me devolver a camisa, limpa e passada, contou os acontecimentos do dia anterior à invasão. Ele estava na galeria, ouviu tudo e viu uma boa parte.
Nézão, Zé Cigano e Monstro ficaram de tocaia, junto com mais alguns, esperando o Reginaldo Donato sair do cubículo com um companheiro que o visitava. Quando apareceram na galeria e iam fechar a porta, levaram os primeiros tiros. Donato, percebendo a situação em que se encontrava, avançou mesmo de mãos limpas, aos berros:
— Venham, covardes filhos-da-puta, que vou levar pelo menos um.
O que levou foram muitos tiros e estocadas, morreu na hora. Seu companheiro, cheio de estocadas e um tiro, ficou ferido, parece que chegou a ser socorrido, mas não agüentou e faleceu mais tarde. Segundo me contaram depois, Zé Cigano sapateou no rio de sangue de Donato e depois, ensopando as mãos, fez riscos de sangue no próprio rosto e no peito, com um grito de guerra. Enquanto fazia isso fez um discurso, que nenhum dos que confirmaram esta história conseguiu reproduzir.
Ontem, papai esteve aqui com dr. Evandro. Queriam ver como eu estava e contar que finalmente o recurso tinha chegado a Brasília. Papai estava assustado com tudo o que andava acontecendo na Lemos de Brito. Fiquei abraçado com ele bastante tempo, pois era dia de seu aniversário. Na verdade, eu sabia que ele estava pouco se importando com o Supremo em Brasília. Ele, mamãe, Marilena e Luiz Carlos estavam se virando na surdina para me tirarem dali.
Bom... o alarme tocou e a visita teve de terminar. Dois funcionários vieram me buscar. Despedi-me de papai e do dr. Evandro, que saíram mais preocupados do que quando entraram.
408
No caminho de volta à carceragem, fiquei sabendo do que se tratava. Haviam encontrado um buraco que vinha da Milton Dias Moreira e acabava do lado de cá do muro. Quer dizer, na Lemos de Brito. Puseram-me a par dos acontecimentos e me mandaram subir para a galeria. Iam trancar a gente.
Desde o dia anterior, durante a visita íntima, havia começado o boato: Pira e seus companheiros do setor B (Milton Dias Moreira) iriam invadir o setor A (Lemos de Brito), e quem não tivesse pedido "seguro" para ficar com ele na "Especial", corria perigo.
Obs.: Eu não estava entendendo como Pira andava me telefonando, querendo saber de mim. Tinha feito isso duas vezes, a primeira quando a bicha amiga dele veio buscar seus pertences que estavam comigo, e a segunda, quando estava na visita com papai e não tinha conseguido atendê-lo. Agora com esses boatos de invasão é que entendi... ele e o Jarra, mais os outros que tinham levado "carrinho" no mesmo dia, estavam na "Especial". Lá tinha tudo, telefone, mesa de sinuca, podia receber visita todos os dias etc. Uma das razões de ele estar tão revoltado era essa. Ali era prisão de quem pedia "seguro": ex-policiais, dedos-duros e pessoas que não podiam permanecer no convívio.
O buraco tinha sido tapado e havia sentinelas (guardas penitenciários) ali tomando conta (acho que estavam morrendo de medo).
Nós estávamos trancados. Eu pensava em Marilena, no susto que tinha levado ao encontrar a galeria toda furada de balas. Ela ficou horrorizada com meu espelho arrebentado daquele jeito, queria que eu o tirasse dali. Eu não conseguia tirá-lo de lá, não sei por quê, mas não conseguia. Estava preocupado, achava que tinha feito mal em recebê-la ali, devia tê-la poupado. Agora era tarde, eu

deveria ter pensado nisso antes.
Eu estava olhando a TV e nada via, imerso nos meus pensamentos. Mas, de repente, uma notícia chamou minha atenção. Era sobre a Ilha Grande: dez internos tinham sido mortos naquela tarde. O noticiário continuava falando sobre os últimos acontecimentos no sistema penitenciário, e apareceu o Cavalo declarando que, se não mandassem os líderes da Falange Vermelha que estão na "Especial" de volta para o setor A, as mortes iam continuar.
Acabei de ouvir as notícias e comecei a escutar a bagunça na galeria. (Estávamos trancados literalmente, cada um em seu cubículo.) Os internos começaram a abrir as portinholas das portas e berrar para os outros.
409
— Ouviram as notícias?
Coloquei o braço esquerdo para fora, levando na mão um pequeno espelho, procurei à minha direita a porta do Chico e chamei por ele. Vi que ele punha sua mão para fora, também segurando um espelho, e ouvi sua voz, que não era forte...
— Vai continuar fedendo.
É... aquilo não ia terminar nunca. Depois de algum tempo do noticiário sobre a Ilha, o alarme da Milton Dias Moreira tocou, e o nosso também, mas acho que foi apenas um toque de alerta. Conclusão final: dois apareceram mortos lá do outro lado.
No dia 14, o Jornal do Brasil começava com um título em negrito: TERROR NOS CÁRCERES. "O assassinato de oito detentos na Ilha Grande, há menos de uma semana de um conflito de graves proporções aqui perto, no Instituto Penal Lemos de Brito, vem demonstrar que a lei da selva está em pleno vigor no universo penitenciário do Rio de Janeiro. De março até agora, rebeliões de presos e fugas em massa transformaram-se numa assustadora rotina. E os assassinatos cometidos com assustadora regularidade, vieram contribuir para demonstrar que a situação carcerária do Rio — das delegacias dos subúrbios aos institutos penais — está longe de controle." O artigo prossegue, mencionando a "desorganização do sistema penitenciário, a falta de recursos para resolver o problema e o caos reinante nessas penitenciárias". Continuando: "Cabe ao Estado fiscalizar e gerir a segurança dos presos. É atribuição do governo estadual zelar pelos detentos, do começo ao final da pena. Logo, é inconcebível que o governador Leonel Brizola venha a público proclamar, pela TV, que espera novas mortes, novas rebeliões. É igualmente inconcebível que ainda existam grupos armados e organizações criminosas operando no interior dos presídios sob os olhares complacentes de guardas pagos pelo Estado. E com a proteção do diretor do Departamento do Sistema Penitenciário,.. que se recusa categoricamente a admitir a existência de facções e organizações em luta nos presídios".
Em artigo de outro jornal, o título era: "Deputados querem ouvir os líderes das facções". "Os principais líderes das falanges Vermelha e Jacaré, facções que se digladiam há dois anos pelo controle dos presídios do Rio, prestarão depoimento na próxima semana na CPI da Assembléia Legislativa."
410
(É claro que posso estar enganado, mas eu duvido que algum líder vá depor.) Mais adiante a reportagem comenta: "Esse sistema, que hoje conta com 12 mil presos, está apodrecendo a olhos vistos", e mais adiante, Liset Vieira, líder do PT, que participava da reportagem, comenta: "Existem lideranças entre operários, negros, prostitutas e homossexuais. Por que não poderia haver lideranças entre os presos?". Na mesma reportagem, mais adiante, um líder do PDE disparava: "A única coisa que está errada é que nós demos tudo ao preso, e o preso só está dando em retorno a discórdia, atribulações, brigas, violências, atritos entre eles. Essas lideranças nós, absolutamente, não podemos reconhecer e estimular".
Sinceramente não vi nada, pelo menos até aquele momento, que o novo governo tenha dado aos internos. Também acho que estão "viajando", discursando que 12 mil internos vão trabalhar.

Gostaria de saber onde.
Acho que o Desipe faz até demais com as verbas que recebe, o resto é conversa fiada. Se tivessem estudado a situação carcerária antes de começar a mexer atabalhoadamente com a massa, provavelmente teriam evitado todos esses seríssimos acontecimentos.
15/9/1983. Eu estava muito apreensivo, não tinha o menor preparo para viver aquilo tudo. Não tinha problemas com as novas lideranças, muito pelo contrário, era muito saudado entre esses grupos. Tomava muito cuidado com tudo o que dizia e fazia.
Logo cedo telefonei para Marilena, precisava ouvir sua voz e ter outro tipo de papo além daquele carcerário. Tive sorte, foram ótimas as notícias que recebi. Seria transferido para Niterói de uma hora para a outra, já estava tudo resolvido. Não tinham como recuar, era ordem do governador. Mais animado, fui para meu cubículo tomar banho e fazer a barba. Enquanto fazia isso, pensava nas informações que tinha a respeito da penitenciária de Niterói, a Ferreira Neto. Era ampla, tinha um campo de futebol, hortas, pocilgas, enfim, parecia mais uma chácara.
Ia sair para ir à vigilância, quando bateram à porta. Abri e dei de cara com um guarda. Ia começar um "confere" e, em seguida, trancariam todo mundo, inclusive os "faxinas". Saí do cubículo, parei na porta para responder ao "confere". Que susto, estava acontecendo tudo de novo. Na entrada da galeria, um bando de PMS esperava acabar o "confere" para dar outra "geral". Foi tudo calmo, com a graça de Deus, não acharam nada e, depois de duas horas, liberaram todos os pavilhões e galerias. Fui
411
direto para a seção, já tinha aprendido que lá, em caso de invasão, estaria mais protegido.
Almocei na cantina do pátio e subi. Queria ficar quieto, aproveitar para relaxar de fato, pois o ambiente não denunciava nenhuma tragédia. Consegui dormir por muito tempo. Acordei com Capeta, que trazia meu jantar do refeitório dos funcionários. A primeira coisa que fiz foi perguntar se estava tudo bem. Como estava, comecei a comer. Já estava quase terminando quando o Capeta, que me fazia companhia, me cutucou e fez sinal para que prestasse atenção. Atento, comecei a ouvir meu nome ser chamado insistentemente na "boca-de-ferro" (alto-falante), pedia que comparecesse à inspetoria. Dei um pulo da cama, entreguei meu prato pro Capeta e saí pedindo que ficasse ali me esperando. Pressentindo que era minha transferência, desci correndo as escadas e me apresentei ao inspetor. Ele sorriu para mim e me entregou os documentos de transferência.
— Dentro de trinta minutos, esteja aqui. O camburão que vai levá-los a Niterói já está esperando.
Tirando meu colchão, a TV, minhas roupas e coisa de higiene pessoal, deixei tudo para os internos: cortinas, armário, chuveiro, um isopor tamanho gigante, cheio de gelo, água e refrigerantes. O colchão causou problemas, pois era grande e sua passagem pelas escadas do primeiro pavilhão, carregado por Capetinha e mais dois outros internos que resolveram me ajudar chamava atenção e não era só pelo tamanho, pois, enquanto arrumávamos minhas coisas, queimávamos um fumo. Descemos bagunçando e rindo. Mas, antes de sair, me despedi de todos que estavam na galeria naquele momento, e fui dar um abraço em Chico Tonelada. Deixava para trás gente de que jamais esqueceria, alguns que até já tinham morrido, como Jesus, ou fugido, como o Lâmpada e o General. Tinham convivido comigo ali, dia a dia, Capeta, Chaves, Careca, Antônio (cozinheiro dos funcionários), Luiz, Cuca, Peróska, Bigode, Bóris, Monstro e os que foram transferidos com o quarteirão todo cercado por policiais militares, porque a administração teve medo de que reagissem. Pira, meu amigo, que muitas vezes me chamava de irmão e a quem provavelmente devo minha vida, e os outros que com ele foram para a "Especial" naquela tarde alguns meses atrás. Talvez, e eu repito, talvez, se não tivessem transferido esse pessoal, as coisas não tivessem ficado tão feias.
412
Convivi com eles, me respeitaram, confiaram em mim, estivemos juntos no mesmo barco, não me interessa o que fizeram ou por que fizeram, nunca negarei a amizade que tive com eles. Talvez, e

novamente repito, talvez, o engenheiro e governador do Rio na época, dr. Leonel Brizola, tivesse razão de chamá-los de guerrilheiros, por causa de suas condições de pobreza e desamparo social. Quem sabe...
Bom... descemos com minhas coisas e me apresentei à inspetoria. Havia mais dois internos que iriam comigo para a mesma penitenciária. Dois guardas deveriam escoltar-nos até a viatura, mas o inspetor achou melhor nos acompanhar, porque o pessoal do camburão era capaz de encrencar por causa de nossa bagagem. Ele tinha razão, o motorista chiou. Disse que o camburão era para transportar presos e não fazer a mudança para eles. Ele estava furioso, pois, além do meu colchão e TV, um dos que também fariam aquela viagem tinha um aparelho de TV que era quase uma tela de cinema, fora a profundidade.
Depois de alguma discussão, o inspetor conseguiu convencer o motorista e a escolta de que, se coubéssemos com todos os pertences, seguiríamos viagem. O camburão atrás é apertado e dividido em duas partes. Fui sozinho, do lado direito, num aperto danado por causa do colchão. Para poder respirar, fui com a cara encostada nos furos da janelinha. Depois que fomos instalados, fecharam a porta e trancaram com cadeado.
Apesar do imenso desconforto e das ameaças de cãimbras, pois estava torcido e encolhido, apreciei a viagem. Fazia quase um ano que não via a rua, e pelos buraquinhos da pequena janela ia acompanhando nas calçadas as pernas das pessoas caminhando. Paramos num farol, pude ver um bar e ouvir seus ruídos de vozes e gargalhadas. Depois, passamos pela ponte e finalmente chegamos. O trajeto deve ter durado uns 25 minutos. Depois da chegada, ficamos no camburão por mais uns trinta minutos, até que conferissem os documentos e dessem a operação por terminada.
16/9/1983. AQUELES MINUTOS DE ESPERA FORAM TERRÍVEIS, O CAlor fez meu corpo e minhas roupas ensoparem de suor, não tinha mais como permanecer naquela posição. Não tinha mais nada para olhar, a

única coisa que se via por aqueles minúsculos buracos era um pedaço de portão de ferro.
Comecei a pensar na Marilena e na minha família. Eles tinham agido rápido, falaram com o dono de um jornal, amigo da família, e parece que ele telefonou para o governador. Agora estava ali, olhando aquele portão e imaginando o que me esperava do lado de lá.
Finalmente os guardas apareceram e nos ajudaram a descer. Havia muita claridade, demorei um pouco para abrir os olhos de vez. Dava a impressão de que todas as luzes estavam em cima da gente. Reparei que tinha árvores e, para além da rua, um parque. Não pude continuar a olhar, porque começaram a me revistar. O portão, que vi da viatura, tinha mais ou menos seis metros de comprimento por três de altura; no meio, a um palmo do chão, havia uma porta de tamanho normal para passagem de uma pessoa por vez. Depois de revistados, fomos encaminhados para a inspetoria, já dentro do instituto. Encaminharam os outros dois para as galerias e eu fui para a "surda". O inspetor, um senhor idoso com sotaque português e muito educado, pediu desculpas:
— São ordens — disse ele.
Caminhamos uns vinte metros e entramos numa carceragem incrível. Por dentro parecia a nave de uma igreja. Por fora, pela escuridão da noite, não pude ver direito, mas a frente era de grades de uma espessura nunca vista. Para entrar, passamos por uma porta grande e imperceptível naquela escuridão, por ser continuação das grades. Fomos até o último cubículo. Acho que a porta era pesada e de ferro. O interior foi iluminado pela lanterna do inspetor, era uma masmorra grande, imunda e fedida. Dizendo que ia buscar uma vassoura, saiu fechando e trancando a porta, com aquele barulho característico das cadeias. Meu colchão estava de pé, encostado na parede. Eu também permaneci de pé no escuro, quase imóvel, com os ouvidos bem abertos, pronto para me defender de ratazanas e voadoras (baratas grandes).
Depois de uns vinte minutos, ele voltou, trouxe um fio elétrico com uma lâmpada na ponta, uma

vassoura e dois colchonetes para pôr meu colchão em cima. Não esperava essa delicadeza dele e agradeci muito. Com seu sotaque carregado...
— A gente faz o que pode.
Ajeitei-me ali como pude, pois a lâmpada além de fraca tinha o fio em péssimo estado, que a fazia piscar o tempo todo. O lugar era sinistro,
414
tinha o formato de uma capela, com o teto alto e oval. A janela era pequena e, para atingi-la, só subindo uma rampa. Depois de varrer um pouco, estendi o colchão em cima dos colchonetes, me deitei e apaguei por muitas horas. Estava exausto por ter passado dias tão tensos e angustiantes. A partir das seis da manhã, percebi que me olhavam por uma abertura na porta, que em vez de portinhola como as outras, tinha uma cobertura móvel por fora, que era levantada toda vez que alguém quisesse. Era só levantar a proteção, olhar, que, ao sair, a proteção caía de volta. Muitos olharam, acho que oitenta por cento dos internos fizeram isso, por cinco dias.
Até acordar de vez, fiquei de costas para aquela porta, sem me importar com nada. Só acordei quando um guarda veio trazer café e pão. Pedi que me comprasse água, bolachas, chocolates, balas e cigarros. Ele me olhou curioso, mas atendeu ao meu pedido. Assim que ele saiu, encostou um interno que trazia uma garrafa térmica com café; esperou o guarda voltar com minhas encomendas e me entregou a garrafa.
— Lembra de mim? Estivemos juntos em 1977, em Edgard Costa. Era um mulato enorme, da minha altura, só que com 120 quilos mais ou menos. Tranqüilo, com um sorriso largo e resignado.
— Já sei que vai para a minha galeria, qualquer coisa mande me chamar.
Era incrível, mais uma vez encontrava solidariedade onde menos esperava. Eu não me lembrava daquele camarada; segundo ele me confirmou dias depois, quando estivemos juntos seis anos antes, ele era bem menor. Mais ou menos dois anos depois, na época em que saí albergado, ele continuava lá, pois seu crime era grave, tinha matado um juiz num assalto. Sujeito quieto, não fazia política, mas quando dava opinião era atendido por todos. Orlandão, assim o chamavam. Não sei como se virava, pois tinha mulher e muitos filhos. Família que conseguiu na cadeia. Lá trabalhava na alfaiataria.
Continuei exposto à curiosidade dos internos por cinco dias. Que coisa mais desagradável, podia estar tomando banho ou sentado no vaso sanitário; e eles vinham olhar. Não estava na "surda" de castigo, e sim para ser olhado. Era uma maneira que a administração tinha de saber se o preso tinha inimigos. Se o interno olhasse e tivesse medo de quem estivesse ali, ou precisasse matá-lo para continuar vivo, iria à direção e contava. Nesses casos, um dos dois era transferido.
415
como só eu fui para a "surda", pois os outros dois, apesar de estarem fora do convívio, estavam trancados em cubículos normais, alguns internos, inconformados com isso, foram reclamar com o diretor. Voltaram com uma explicação quase razoável. Primeiro, eu não tinha direito a regalias; segundo, iria direto para a galeria de parlatório; e terceiro na Lemos de Brito eu andava com os membros da Falange Vermelha e podia muito bem ter arranjado inimigos. Aquele pessoal sabia muito sobre mim, percebi isso pelos comentários indignados com o argumento do diretor.
— Imagine, o Doca nunca se meteu em nada.
Fiquei preocupado... por que será que sabiam tanto a meu respeito? Qual o interesse? Ali no "Sítio", como era chamado o lugar, eu não ia pedir nada para o meu amigo "banqueiro", ia deixá-lo em paz definitivamente.
No fim da tarde apareceu um camarada, bem barbeado, camisa e bermuda de grife.
— Meu nome é Milton, passei só dois dias na Lemos de Brito há uns dois meses. Estivemos conversando por alguns minutos, lembra? Tive de sair de lá para não ser morto pelo seu amigo Pira. Aqui, a Falange não tem vez, eu dedo para o diretor, não deixo entrar. Você vai se dar bem aqui no Sítio do Pica-Pau Amarelo. Não é tão tranqüilo quanto dizem, mas dá para "tirar" (cumprir) a pena.

Os dias ali, naquela masmorra centenária, eram longos, e o lugar malcheiroso. Às vezes subia a rampa para chegar à janela, via do lado direito parte de um campo de futebol, o muro alto atrás das traves. Em frente a esse observatório, havia um prédio pequeno, construção moderna, devia contrastar com o prédio onde eu estava (que seguramente era muito antigo). As paredes da "surda" eram tão grossas, que o vozerio e os rádios dos duzentos e poucos homens que estavam naquele prédio mal chegavam aos meus ouvidos. De lá eu via também algumas árvores e bastante mato rasteiro.
No segundo dia, um dos internos que era "faxina" do serviço social apareceu e perguntou se eu queria mandar algum recado para meu pai, que estava no portão. Explicou que o diretor era um promotor linha-dura e não tinha recebido o "velho". Mas os guardas, com pena, mandaram ele me procurar. Escrevi uma cartinha contando que estava bem, que ele e Marilena não se preocupassem e só viessem me visitar no
416
sábado da segunda semana, pois só então eu teria direito à visita. Eram as regras daquele instituto.
Fiquei preocupado, estava sendo tratado como um bandido perigoso, tendo de ficar na "surda" para ser olhado e depois ainda tinha aquela explicação, que eu não teria privilégios. Será que tinham feito minha caveira? Pelo que eu sabia, na minha ficha tinha um elogio por comportamento.
No terceiro dia recebi um telegrama de Marilena, dizia que estava feliz por eu ter saído do inferno e estava com saudades.
No quarto dia, já ninguém vinha me olhar. De vez em quando alguém aparecia. Mas era para saber se estava tudo bem.
21/9/1983. No último dia, lá pelas catorze horas, tiveram de me deixar sair. Dr. Humberto e seu sócio, dr. João, vieram me visitar e papai veio junto. Esse era um direito que eu tinha, receber meus advogados. Estavam surpresos, ficaram sabendo da minha transferência pelos jornais. Papai era fogo, enquanto não me viu não sossegou.
Depois que foram embora voltei para a "surda" e fiquei lá por mais umas duas horas. Quando o inspetor foi me tirar, para me trazer para o cubículo, alguns internos vieram junto e ajudaram a transportar minhas coisas. Ao passarmos pelo pátio, alguns internos cumprimentavam e outros gozavam com a cara do Milton...
— Olha! Bandidão carregando mudança pro Doca.
A galeria era limpa e o meu cubículo — o número 239 no térreo (de um prédio de dois andares exatamente iguais) — ficava do lado esquerdo de quem entra. Não estava completamente destruído. Tinha uma mureta que escondia o boi; do outro lado, a dois metros do chão, um cano onde eu iria instalar um chuveiro. Entre os dois, uma janela com grades que dava para um campo de futebol de salão. No meio desse campo havia dois postes finos, que denunciavam que ali também se praticava voleibol. Depois do campo se via outro prédio no mesmo formato, comprido, retangular, dois andares com cinqüenta celas de cada lado. Estava tentando ver mais alguma coisa, mas parei porque ouvi uma voz conhecida às minhas costas.
— Bem-vindo ao Sítio do Pica-Pau Amarelo.
Virei rápido mas pela portinhola eu só via o bigode e um sorriso com algumas falhas nos dentes. Enquanto me aproximava ele dizia:
— Aqui também sou o xerife.
417
Só então reconheci o Bigode. Moramos na mesma galeria na Lemos de Brito, quando me mudei pela primeira vez para uma galeria de parlatório, no terceiro pavilhão, primeira galeria, no cubículo 7. Não posso dizer que foi uma festa. Ali, naquele lugar, era impossível, mas ficamos bem contentes de nos encontrarmos. Ele, como sempre, estava queimando um fumo e passou a mão para dentro da portinhola para que eu desse um "tapa" em suas próprias mãos, assim, se aparecesse alguém ele iria embora, eu não teria nada a temer. Aliás, esse cuidado eu sempre tive, nunca carreguei ou guardei

nada.
Ficaria trancado mais três dias. Tinha comigo o colchão, roupas e produto de limpeza. Minha TV e rádio só viriam quando eu fosse para o convívio. Nos quatro dias que passei ali sem sair, conservei a portinhola aberta para pelo menos poder olhar o movimento, com um espelho de mão emprestado pelo Orlandão.
Durante aqueles dias de tranca, recebi muitas visitas dos companheiros. Bianca apareceu e levou minha roupa para lavar.
— É só dessa vez que vou fazer isso, sua roupa deve estar encardida. Depois arranjo uma "caída" para ajudar com essas coisas.
Pelo menos uma vez por dia Milton vinha bater papo comigo. Tinha pertencido a uma das quadrilhas mais famosas do Rio, tão famosa que fizeram até um filme a respeito de seu líder. Milton também tinha ficado famoso por resgatar sozinho o líder em um camburão que ia levá-lo a uma audiência no fórum. Rendeu os guardas, liberou seu companheiro e chefe e, ainda por cima, virou a viatura de rodas para o ar.
Numa das visitas que me fez, num fim de tarde, me contou que morava no último cubículo do corredor, do mesmo lado que o meu, e vivia com uma "criatura" que o visitava ali. Ele gostava muito dela, embora tivesse sido homem. Era muito rica e tinha feito uma cirurgia de transformação na Suíça. Marilena e eu tivemos oportunidade de vê-la, durante todo o tempo em que estive lá. Era bonita, educada e se vestia com elegância.
O domingo tinha chegado e a visita íntima iniciava às dez horas. Um pouco antes me tiraram da galeria e me levaram para o pavilhão que eu via de minha janela, do outro lado do campo de futebol de salão. Puseram-me em um cubículo, no segundo andar, que dava para uma parte do "Sítio" desconhecido para mim. Arranjaram uma cadeira, um

colchonete e uma vassoura. Pedi a um interno que me arranjasse na cantina água mineral, uma garrafa térmica com café, jornais, um pacote de bolacha e spray para matar as formigas e baratas. Antes de olhar pela janela, para fazer um reconhecimento do lado do fundo do "Sítio", tive de tratar da higiene do local. O camarada que foi à cantina buscar essas coisas era homossexual, tinha uma aparência simpática, de altura mediana, bem preto, com olhos muito espertos e sorriso maroto. Chamavam-no de Sargento. Daquele dia em diante ele estava sempre por perto, lavando meu cubículo, conservando meu isopor cheio e me prestando pequenos serviços. Adorava música e, para secar meu cubículo, punha o rádio ao máximo e dançava em rodopios, com um pano em cada pé até ficar tudo seco e os ladrilhos brilhando.
Bom... voltando ao cubículo onde me encontrava. Depois de limpar tudo, fui para a janela. Do lado esquerdo eu via a cantina, naquele dia bastante movimentada. Bem em frente tinha árvores, com visitantes e internos caminhando por ali. À direita, uma enorme horta. Havia pessoas trabalhando, ajeitavam aqueles regadores de solo, com três canos finos que giram e atiram água nas hortaliças. Havia também um córrego ali, porque dois meninos pescavam e um tirou um peixe minúsculo, bem na hora em que eu pensava que não pegariam nada. Se fosse no interior de São Paulo eu diria que era um lambari, mas lá... Aquilo me fez rir e pensar com saudades na fazenda de meu avô, e no apelido carinhoso que os presos tinham posto naquela penitenciária: "Sítio do Pica-Pau Amarelo". Fiquei bastante tempo olhando para algum ponto, sem nada ver, apenas recordando com saudades meus avós e a felicidade em que vivi até os doze anos.
No fim da tarde, já de volta ao meu cubículo, tomei um banho de cano. Depois deitei para ler os jornais, mas dormi profundamente. Acordei tarde com o Bigode me chamando porque estavam fazendo o "confere". Aqui era diferente da Lemos de Brito, depois de contarem os presos às 21 horas, trancavam todo mundo e, mais tarde, às 23 horas, apagavam as luzes. Podia ficar ouvindo música ou vendo televisão, mas tinha de ser bem baixo. As portas e chaves eram comuns, como em

qualquer quarto, o que propiciava ao preso sair se quisesse. Se fosse pego ia para a "surda". No meu caso, eu ainda não tinha recebido minha chave e, em caso de ficar na "tranca" (de castigo no próprio cubículo), tomavam a chave do camarada.
419
O "confere" tinha acabado, eu estava na janela olhando o jogo de futebol, que ia começar (a quadra era iluminada). Era o time dos guardas contra um dos times dos internos. Virei rápido porque percebi que abriam minha porta. Era o inspetor que tinha me recebido na chegada — o senhor Manoel. Tinha sessenta e muitos anos, sem um fio de cabelo, 1m 64, usava óculos. Sorriu para mim...
— Amanhã vais para o convívio. Porta-te bem, que eu disse ao homem que és educado. Já sei que tem chefe de seção a querer-te para faxina. Agarra-te logo a uma. Boa sorte.
23/9/1983. Saí para o convívio às catorze horas do dia seguinte e fui direto para o serviço social ver se minha documentação e a de Mari-lena estavam em ordem. Estavam e fiquei aliviado, depois fui procurar o Sargento para me ajudar a carregar a TV, o rádio e uma cama que papai tinha providenciado e estava na inspetoria. Feito isso, fiquei assistindo ao Sargento lavar meu cubículo. Fiz lavar tudo, até o teto. Depois colocamos tudo para dentro, cama, ventilador e a TV, que pus em cima de uma mesa que o Sargento me vendeu. Estávamos pensando como íamos fazer com a TV...
— Você não entende nada disso, deixa que eu arrumo tudo.
Conhecia aquela voz, era o Careca, o eletricista que tinha instalado tudo para mim na Lemos de Brito. Falei de bate-pronto enquanto lhe dava um abraço:
— Me falaram que aqui não tinha ninguém da Falange Vermelha. Respondeu olhando em meus olhos.
— Sei até quem te falou essa bobagem, não liga, o Milton está pinel, com mania de perseguição.
Bom, depois disso foi um sucesso, instalou um pedestal em cima da porta para o ventilador, ligou a TV na antena de um vizinho e me emprestou um chuveiro elétrico. O pagamento teve de ser o mesmo da última vez, alguns pacotes de bolacha e refrigerantes. Enquanto arrumava tudo me contou que já estava lá havia dois meses, tinha vindo para consertar a fiação e conseguiu ficar.
Era a minha primeira noite na galeria. A porta ficou aberta como na Lemos de Brito. Eu fiquei tratando de arrumar minhas coisas, vendo TV e anotando os acontecimentos. Já tinha passado pelo meu batismo de fogo e, lá, não ia permitir que ninguém entrasse pelo meu cubículo adentro para pegar água, refrigerantes ou gelo. Não era por egoísmo, é que a coisa
420
funcionava assim. O tempo vai passando e você aprende como é a vida na cadeia. Dependendo do seu histórico, será respeitado ou não. Não ia impor nada, nem me passava pela cabeça me envolver em qualquer tipo de atividade que não fosse a "faxina". Apenas sentia que a situação era outra.
A porta permaneceu aberta e alguns vieram bater papo e saber informações sobre os acontecimentos do setor B. Um camarada, regulando em idade comigo, só que com o cabelo todo branco, 1m 75, noventa quilos, aparência agradável, cara limpa, puxou conversa da porta. Já o tinha visto de longe na horta, na tarde do último domingo. Em um terno bem talhado, passaria por um empresário de sucesso.
Conversamos por uns vinte minutos. Quis saber do Nézão, como estava, o que fazia, se traficava na cadeia. Não dei nenhuma informação importante, mesmo porque nunca tinha conversado com Nézão sobre suas atividades na cadeia ou fora dela. Sabia que era traficante dos grandes, por ouvir falar. Respondi apenas que ele estava vivo, gozando de boa saúde. Aparentemente satisfeito com as informações, passamos a falar sobre onde estávamos, o "Sítio".
— Aqui é diferente — dizia ele. — Não têm acontecido mortes. Os perigos são outros. Tem muita covardia, muito dedo-duro, "garotos", ex-policiais, gente que era do grupo do Mariel Mariscot, todos no "seguro". Onde você estava a massa era de assaltantes e traficantes, aqui é de raptores e chantagistas. Bom... não preciso te dizer, como em qualquer cadeia, não dá para confiar em ninguém.

Em vez de se despedir, convidou-me para um café em seu cubículo, que aceitei não só por educação, como por curiosidade. O cubículo era limpo e confortável, com uma TV enorme de última geração, chuveiro elétrico e cama muito bem arrumada, tudo nos seus lugares, sinalizando uma personalidade organizada e meticulosa. Tomei o café, ouvindo sobre os dissabores que tinha com seus advogados, que não conseguiam tirá-lo de lá. Já estava preso havia muito tempo e já tinha direitos que não conseguia fazer valer.
De volta ao meu lugar, fui colocar um espelho (desses comuns, que se compra em camelôs) debaixo do chuveiro na altura do meu rosto, para poder fazer a barba tomando banho. Olhei-me e vi o quanto as últimas semanas e a "surda" tinham me deixado abatido. Examinava meu rosto, mas com o canto dos olhos percebi na porta a presença do Bigode, com seu jeito debochado. Foi logo se abrindo...
421
— O Celso veio conversar com você em seu cubículo... que honra. Ele não faz isso com ninguém. Matador temido na "Baixada", sua presença em qualquer lugar causava pânico. Aqui, além de ser o encarregado da horta, é agiota, todo mundo tem o rabo preso com ele, até alguns guardas.
23/9/1983. Levantei-me cedo, tomei café na cantina e depois fui andar. Precisava me exercitar e andei por tudo. Aquilo era gigantesco, uns 200 mil metros quadrados com prédios, pocilgas, uma horta enorme e até um campo de futebol. Num dos prédios de fundo, do lado esquerdo, ficava a alfaiataria e a sapataria. (Faziam uniformes, calças jeans e roupas usadas no sistema penitenciário. Fabricavam também bolas de futebol de salão.) Por onde eu ia, era notado e saudado pela maior parte das pessoas, internos ou funcionários. Na pocilga, o interno encarregado me mostrou tudo, porcos, porcas e filhotes. Na horta foi onde me demorei mais, porque Celso fez questão de me mostrar todos os canteiros. Assisti ao futebol de campo e de salão e fui ao refeitório dos guardas agradecer ao Baldaracci (o cozinheiro da cozinha dos funcionários), que tinha me levado comida todos os dias desde minha chegada. Fizemos um acerto e eu continuei recebendo almoço e jantar no meu cubículo. Esse cara era incrível, além de cozinheiro dos guardas, era o encarregado da seção de disciplina. Tinha esse apelido por causa de um personagem de novela.
Pela "boca-de-ferro", fui chamado à inspetoria. Apresentei-me ao inspetor, que me entregou um chuveiro elétrico que papai tinha acabado de deixar com ele. Pediu que avisasse o "velho" que o diretor não ia deixá-lo me visitar fora dos dias e dos horários permitidos.
Quando me liberaram para o convívio, me avisaram que era considerado falta grave estar em pavilhão que não fosse o seu. O meu era o primeiro, ali eu podia circular à vontade, nos outros só com autorização. Ninguém respeitava muito isso, mas, como eu queria visitar o prédio do pavilhão 3, onde ficava a "surda", pedi licença ao inspetor e, autorizado, fui para lá. Os três pavilhões davam para um pátio. Os pavilhões 1 e 2 ficavam do lado direito de quem entra, o que eu ia visitar, à esquerda, logo depois da inspetoria e do auditório, de costas para o campo de futebol.
O prédio era bonito, dava a impressão de que o Corcunda de Notre Dame ia sair de lá a qualquer momento. Foi construído em 1856, se não me engano. Lembrava uma pequena catedral. Não estava maltratado, estava sujo. Sua cor era cinza-escuro. Acho até que, se um dia resolverem
422
limpá-lo, vão estragar sua característica principal, a aparência sinistra. Tem dois andares, a frente é de grades de ferro até o primeiro andar. Ao entrar, se percebe uma enorme nave. No térreo, como se fossem pequenos altares que volteiam as naves das igrejas, estão as celas, cinqüenta de cada lado. Dali para cima tem mais dois andares de celas. Para atingi-las, sobe-se em escadas de ferro e anda-se em corredores de ferro, com corrimãos e proteções igualmente de ferro em toda sua volta. As portas das celas, também de ferro, dão uma impressão mais pesada ainda ao ambiente. É incrível olhar da segunda galeria aquele enorme espaço vazio. Principalmente pela pouca luz existente lá.
24/9/1983. Sábado. Hoje, quando Marilena, mamãe e papai apareceram no portão, dei um pulo de

alegria, parecia que tinha marcado um gol.
Já tinha arrumado mesa debaixo de uma árvore, com toalha, cadeira e tudo. Mas choveu e nós tivemos de ficar em um galpão de alvenaria, com mesas e bancos. Aquele tinha sido um mês atípico, tinha chovido quase todo o tempo. Mas, toda vez que a chuva dava uma parada, passeávamos pelo "Sítio". Tive pena deles, acho que esperavam um lugar melhor. As árvores, a horta e o córrego não tiravam a aparência de penitenciária do lugar, com seus muros altos e guaritas com policiais armados. As horas passaram rápido e eles se foram. Não tinha tempo para tristezas. No dia seguinte, Marilena estaria aqui comigo, e eu precisava dar um jeito de melhorar o espaço. Ainda não tinha tido tempo de pintá-lo e de colocar o vaso sanitário, que já estava comprado, mas que só seria colocado na próxima semana, quando o Português (o mesmo que reformou meus cubículos no setor B) acabasse a reforma de dois outros cubículos.
17/10/1983. Os DIAS NO "SÍTIO" SEGUEM CALMOS, A NÃO SER POR alguns acontecimentos que considero de rotina em uma cadeia, como os de ontem, exatamente na hora em que estava dando minha caminhada. Estava passando pela quadra de futebol de salão, que é a vista que tenho de meu cubículo e percebi que os guardas corriam atrás de um interno, que tinha em uma das mãos um pacote. Quando ele se viu cercado, jogou o pacote em direção de uma das janelas da galeria. Na correria, não conseguiu seu intento. Agarraram-no e o levaram para a

delegacia mais próxima, onde ele confessou que iria traficar no interior da penitenciária. Delatou um parceiro que o ajudava e agora estão cada um numa "surda" e com mais um processo nas costas. Os jornais do dia 20 de outubro noticiaram o fato e confirmaram que os rapazes não entregaram seus fornecedores. O restante da massa procura se comportar, já pensando no Natal e na troca de ano. Aqui, pelo menos quarenta por cento tem direito de ir passar esses festejos com a família.
Paulinho Badhu esteve aqui me visitando e acha que tenho grande chance de ter meu segundo julgamento anulado.
Mais tarde, um pouco antes de terminar o expediente, o diretor esteve na seção examinando as fichas dos internos, à procura de penas vencidas e das fichas dos que têm direito a sair no fim do ano. Anotou também dois nomes que iria indicar para o indulto que o presidente da República dá todo final de ano. Bom sinal, era a primeira vez que eu via um diretor tratar pessoalmente dessas coisas e, ainda por cima, pedir urgência na revisão do restante das fichas, para que ninguém que tivesse direitos deixasse de consegui-los.
23/10/1983. Uns dias depois que saí para o convívio, fui procurado por Tenório, ou o Gordo, como a imprensa o chamava. Veio para o convívio uma semana depois que eu, pois chegamos com poucos dias de diferença. Só não me lembro se ele veio da Ilha ou do Água Santa. Enorme, em torno de 1m 90, 120 quilos, tez clara com o rosto cheio de bexigas. De tanto nos cruzarmos caminhando pelo "Sítio", fizemos amizade, era membro destacado da Falange Vermelha e, embora deixasse transparecer não ter muita simpatia por Pira, era seu parceiro e sabia de nossa amizade. Pertencia à quadrilha de roubo de automóveis da época. O Gordo tinha duas especialidades: assaltar bancos e, a maior delas, roubar automóveis. Segundo comentavam, tinha ganhado muito dinheiro. Era um sujeito alegre, muito inteligente e, apesar do tamanho, era muito ágil, era incrível vê-lo jogar futebol. Enquanto esteve no "Sítio" me procurava muito. Tinha grande interesse em saber como se portar em sociedade, pedia sempre para eu explicar como segurar o garfo e a faca nas refeições. Quais as diferenças dos copos de vinhos tintos e brancos, enfim, sentia uma grande necessidade de saber tudo sobre etiqueta. Eu, por minha vez, também tinha curiosidade e, para ser honesto, comentei que anotava tudo o que se passava na prisão e um dia, se tivesse coragem, escreveria um livro. A primeira vez que lhe falei sobre isso, me fez jurar

que o incluiria em minhas histórias. Como escrevi antes, nos tornamos bons camaradas. Milton, que

tinha ódio de todos da Falange Vermelha, me procurava para dizer que achava que um dia eu ainda ia me dar mal por me dar com aquela gente. Para desespero dele, a direção tinha colocado o Gordo em nossa galeria. Era vizinho do Orlandão. Milton comentava:
— Você já viu os caras que gostam de você? — E enumerava: — Tenório, Orlandão, Cabo Pereira, Celso... Porra, você está louco... A administração presta atenção em tudo.
Eu brincava com ele, perguntando por que não tinha incluído o nome dele. Ele respondia na lata:
— Eu não gosto de você.
Mas Tenório não ficou muito tempo com a gente. Nessa época, quase em frente ao meu cubículo, vivia Selton. Era um rapaz boa-pinta, educado, que também se dava bem comigo. Gostava de me contar suas farras e conquistas. Era assaltante, não pertencia a nenhuma facção e era muito perigoso. Não era bem-visto, era bonito, arrogante e não respeitava ninguém. Estava em constante atrito com a administração e, no momento em que fazia anotações sobre ele, estava na "tranca". Tinham achado duas facas em seu cubículo e, segundo ele alardeava, sabia quem o tinha delatado.
Parecia uma fera ali trancado, berrando a todo pulmão, jurando de morte seu delator. Antes de ser trancado vi várias vezes ele e Tenório conversando. Nos últimos dias, Tenório ficou muito tempo na sua porta confabulando. Uma das vezes que estavam assim nessa trama, passei por eles ao sair do meu cubículo. Quando passei, Tenório me chamou. Estavam queimando fumo e Selton disse rindo:
— Toma aí pra tu chegar doidão na vigilância. — E falava para o Tenório: — Ele morre de medo de tomar um flagra.
Dei um "tapa" para não ser desmancha-prazeres e já fui me virando para ir embora, mas Tenório me segurou.
— Espera, vou com você, vamos tomar um café. E o outro pela portinhola falava:
— Conta pra ele.
A história era a seguinte: fugiriam no domingo lá pelas seis horas, logo depois do café. Tenório me contou tudo. Iriam ter armas que chegariam no sábado. A mula, que era de confiança, fornecia bolachas

e balas para a cantina, e Tenório o conhecia. O sujeito pensava que estaria trazendo três quilos de "bagulho". Para convencê-lo a fazer isso foi necessário ameaçá-lo de ter a filha raptada. Dentro da maconha estaria uma metralhadora Uzi.
Quando ele acabou de contar, disse:
— Venha assistir a nossa saída, ninguém vai se machucar. Logo depois do café, às seis e meia. Você fica encostado no porta-estandarte assistindo a tudo.
Eu, apavorado, dizia que ele era um louco por me contar um negócio desses.
Os fatos: sábado, depois da visita e do "confere" às dezoito horas, os guardas trancaram a galeria como de costume e foram jantar. Dois internos ficaram jogando damas em frente à porta de grades da galeria e outros ficaram nas janelas olhando para dar alarme se acontecesse algo estranho. Um interno foi batendo de porta em porta e avisando:
— Seu Tenório está esperando na galeria.
Assim que fui avisado saí para encontrá-lo. Tenório estava sentado no chão com os três quilos de maconha na sua frente.
—Bom, vagabundos, hoje vai ter pra todo mundo.
E, compenetrado, começou a desmanchar o tijolo. Não sei se era um tijolo, dois ou três. Eu estava tão impressionado com tanta loucura que fiquei à distância olhando aquele bolo de gente em volta dele, pronto para pular para dentro do meu cubículo. Selton tinha aberto sua porta e caminhava de volta com a nove milímetros na mão. Sorriu para mim, entrou no seu cubículo e se trancou novamente. Juro que rezei. Rezei para não cismarem e darem uma "geral". Depois do "confere" das 21 horas, quando todos estavam trancados, e eu estava tentando me concentrar na TV, bateram de

leve na minha porta. Levantei-me e dei com o Selton na portinhola rindo.
— Vim me despedir.
E me estendeu a mão pela portinhola adentro. Que alívio vê-lo voltar ao seu lugar.
No dia seguinte, às seis e meia, um interno, como todos os dias, saiu do refeitório com um grande bule e se dirigiu ao portão, batendo no portãozinho. Como todas as manhãs, o guarda abriu para pegar o bule. Ao fazer isso foi rendido por Tenório, Selton e mais dois que eu não sabia que iriam junto. Segundo os jornais (não fiquei assistindo como tinha
426
sugerido Tenório), o policial não se intimidou e se atracou com um deles. Sei que não foi o Tenório, porque ele ficou ameaçando o policial militar da guarita e caminhou em direção à rua, onde parou um carro obrigando um casal que passava distraído a descer e seguiu seu destino. Também, segundo os jornais, havia um Corcel II à espera dos quatro fugitivos, que por alguma razão preferiram seguir no carro do casal que ia passando.
Uma ou duas semanas depois, num fim de tarde, Baldaracci bateu à minha janela. Mas não foi para entregar o jantar, isso seria mais tarde. Novidadeiro, veio contar que tinham trazido o Tenório de volta. Estava na "surda", a mesma em que eu estive quando cheguei. Segundo Baldaracci, ele chegou todo arrebentado de tanto apanhar. Contou também que o prenderam em Maricá, Rio de Janeiro, no centro da cidade, em uma cabine telefônica.
Depois das fugas do Tenório, Selton e dos outros dois, quase todos os dias havia "geral" em todas as galerias e muita investigação para saber como as armas tinham entrado. Com o Tenório de volta a coisa ia ficar preta para o lado dele.
21/11983. Hoje pela manhã saí mais cedo da seção e fui jogar futebol, era apenas uma pelada. Dois times escolhidos na hora. Optei por jogar no gol. Pela primeira vez tive um contato mais próximo com ex-policiais. Estavam todos na arquibancada assistindo à brincadeira. Era futebol de campo, onze para cada lado. No meu time, jogando na meia-esquerda, havia um interno que acabara de vir para o convívio, Cabo Terêncio (a patente fazia parte do apelido, não era militar). Ocupava o cubículo que tinha sido do Selton. Altura mediana, mas de constituição muito forte e compacta, da largura de uma geladeira. Era falante e alegre, gostava de falar de sua profissão (matador profissional) e de como ele tratava bem sua família até ser preso. Dizia:
— Eles tinham de tudo: casinha toda mobiliada, escola, boas roupas e até uma ajudante para minha mulher ter mais sossego. E o meu serviço era limpo. Eu estudava a vida do "paciente" até achar o momento certo de pegar o bichão, aí era um tiro só. Ele não sofria nadinha. Me prenderam justo quando eu estava comprando um carro.
O jogo ia bem, todos se esforçando, eu até que não fazia feio. Como nunca treinávamos, era uma correria embolada, e eu estava mais assistindo, muito atento, é claro. A uma certa altura comecei a ouvir me
427
chamarem. Como não conseguia localizar de onde vinha a voz, continuei prestando atenção nas jogadas. Mas, pouco tempo depois, ouvi meu nome novamente e a pessoa dizia...
— Olha a sua direita no pavilhão 1. — Só aí localizei, a dois metros e meio do chão, na pequena janela da "surda", Tenório fazendo sinais. Na hora, fiz sinal também, para ele esperar, que depois do jogo estaria lá para atendê-lo.
Para enxergar seu rosto tive de ficar um pouco afastado, porque a janela era mais alta do que parecia. Sua cara enorme e redonda estava bem, não parecia machucada. Ele olhava para os lados para ver se tinha algum funcionário por perto, e eu, percebendo isso, também prestei atenção. Estava "limpo", ninguém tomava conhecimento da gente. Enquanto ele falava em voz normal, pedindo jornais, cigarros e café, deixou cair um papel prateado, no chão do pátio. Recolhi o papel (desses que estão nos maços de cigarro), desamassei e li. Tinha um número de telefone com o nome de um advogado e

o número de um cubículo com o nome de seu habitante. Era para eu entregar o papel à pessoa que, por sua vez, tomaria as providências. Essa pessoa era o Zezão, o técnico de TV, que por sinal tinha deixado meu aparelho novo. Cobrou muito, mas ficou novo. À tarde pedi ao inspetor autorização para levar alguns maços de cigarros e café para Tenório. Autorizou, mas pediu que fizesse isso logo, porque dois delegados de duas delegacias diferentes entrariam a qualquer momento para interrogá-lo.
Um dia depois, à tarde, após o parlatório, pois era dia de Finados, Marilena e eu estávamos sentados num banco atrás da seção de disciplina, lugar que gostávamos de ocupar, pois ficava embaixo de uma mangueira. E vimos quando levaram Tenório para fora, para ser interrogado novamente pelos delegados e pelo diretor. Estava cercado por uns oito funcionários. Duas horas depois, passou por nós novamente indo em direção à "surda". Cercado pelos funcionários, ia levando alguns tapas e pontapés. Sua cara não demonstrava preocupação com aquele tratamento, quando passou por nós, olhou-nos num cumprimento quase imperceptível. Marilena ficou horrorizada.
Aqui no "Sítio", ao contrário do que ocorria na Lemos de Brito, não me dava bem com todo mundo. Havia alguns que estavam sempre comigo, mas, com essa política que adotei de manter distância, mesmo nos casos de gente educada como o Alemão, que era poliglota e tinha
428
um papo inteligente, eu ficava na paralela. O camarada que tinha mais intimidade comigo era o Baldaracci. Outros com quem eu mantinha um relacionamento mais estreito por trabalharmos juntos ou por estarmos na mesma galeria: o Bigode, que era xerife, o Milton, o Tenório, que quando estava no convívio andava sempre comigo. Tinha ainda o Celso e os dois que eram de Vitória, o farmacêutico, Pedrinho e Raul, um camarada tranqüilo e muito educado. A Bianca, Orlandão, Careca, Sargento, o Belmiro, que também trabalhava na vigilância e era o queridinho das moças da social e, ultimamente, o Cabo Terêncio.
25/11/1983. Essa semana não foi ruim, pelo menos jornalistica-mente. Um jornalista, Tarso de Castro, que é amigo de alguns amigos meus e sempre me arrasou, hoje limpou a minha barra ao comentar em sua coluna o julgamento da artista de TV, em artigo intitulado: "Uma assassina e o feminismo".
Alguns trechos: "Pois o fato é que um júri formado por cinco mulheres e dois homens absolveu, exatamente por cinco a dois, a assassina... E condenou, por conseqüência, o movimento feminista — à morte... Seu crime é, no mínimo, dez mil vezes pior do que o que aconteceu com Doca Street e Ângela Diniz. Sabe-se que neste mesmo jornal reivindiquei a condenação de Doca, coisa que me custou rompimento até mesmo com queridos amigos. Mas Doca, a partir do momento em que cometeu o crime — e o fez de forma passional —, comportou-se com decência, não apelou para mentiras de moralismo e coisas afins. Não fez isso. E, para falar claro, já deveria estar solto. Sou insuspeito, o mais insuspeito de todos, para afirmar que ele já pagou demais. Mas ele tem fama de rico e isso o transforma num ser imperdoável, não é verdade?" (O artigo continua por mais duas colunas.)
Uns dias depois, uma jornalista, Irede Cardoso, desgostosa com o artigo acima, escrevia contra o autor e afirmava que eu estava em liberdade. (Por que será que mentem?) Isso obrigou meu irmão fazer uma declaração num jornal que tinha um espaço para esses casos, chamado "A Palavra do Leitor":
"Doca Street está preso. Queira por fineza solicitar à sra... jornalista de sua equipe de reportagem retificação da informação falsa onde declara que meu irmão Raul Fernando Street (Doca) está em liberdade. Encontra-se o mesmo preso no presídio Viana Ferreira Neto, alameda São Boa Ventura, 763, Niterói.
Luiz Carlos Street (São Paulo — SP)."
429
Na mesma coluna desse desabafo, veio um pedido de desculpas da jornalista. (O nome certo da

penitenciária é Vieira Ferreira Neto.)
7/12/1983. HA TANTOS BOATOS A RESPEITO DE PIRA DEPOIS QUE ELE conseguiu sua liberdade, que não dá para ter certeza de nada. O último é que ele está baleado, se restabelecendo depois de uma tentativa frustrada de retomar o comando do seu morro de origem.
11/12/1983. Hoje é domingo, e Marilena, como sempre, esteve aqui no "Sítio" desde as onze horas, e também, como sempre, papai veio às quatro. Estivemos passeando na horta e papai ficou impressionado como era bem tratada.
Se impressionou também com o Celso ("faxina"), por sua boa figura e educação. Quando eles foram embora, e eu voltava para a galeria, encontrei o Celso na porta. Braços cruzados no peito, prestando muita atenção na movimentação dos internos. Como me encontrava com ele ali todo o final de visita, e sempre com a mesma postura, perguntei o que representava aquilo. Na hora ele me olhou desconfiado. Depois, caiu na gargalhada e disse:
— Só você pode me fazer uma pergunta dessas.
E me puxou mais para perto dele para não atrapalhar a visão e poder falar mais baixo. Enquanto olhava ia falando:
— O meu negócio é emprestar dinheiro, e se eu não receber os atrasados, logo após as visitas, mais tarde eles gastam tudo, e eu vou ter de ficar bravo. Lidar com vagabundo não é fácil.
14/12/1983. Hoje mudamos a vigilância de sala, deu um trabalhão. Agora está instalada no mesmo prédio que a inspetoria. O senhor Manoel foi para outro setor, em outra unidade.
16/12/1983. Pela manhã, recebi a visita do filho do ex-presidente da Volkswagen, Axel Shulz Wenk. Além de ser dono de concessionária, é médico, assim conseguiu me ver por alguns minutos. Entregou-me um cheque e um recibo para assinar, referente à venda de uma pequena frota de veículos que fiz para a Fontoura White.
Meu amigo e cliente Dirceu Fontoura tinha comprado alguns carros para a empresa e exigiu que a venda continuasse minha. E esse cavalheiro, proprietário da concessionária que entregaria os veículos no Rio de Janeiro, veio me fazer uma visita e me pagar.

Amanhã é sábado e tem a festa dos filhos dos presos, mais tarde terá o jantar para nossas famílias. Papai e Marilena estarão aqui me fazendo companhia. São meus heróis, como poderei agradecer-lhes? Marilena vem de São Paulo e papai de Copacabana, mas com grande sacrifício, se apoiando em sua bengala, aos 81 anos de idade.
O visitante constante é uma pessoa muito especial, vem cheio de pacotes, enfrenta uma fila, o mau humor dos guardas e às vezes o mau humor do visitado que, desesperançado por várias razões, não consegue naqueles momentos expressar sua gratidão, permanecendo "bicudo" durante o período da visita.
18/12/1983. Domingo, dezoito horas. Nessa hora Marilena já está a caminho de São Paulo. Por economia foi de ônibus, pois neste fim de ano serão muitas idas e vindas, fazer tudo de avião é uma paulada nas finanças de qualquer um.
23/12/1983. Sexta-feira, a lista dos que sairão já chegou da Vara de Execuções e está com o diretor. Amanhã, após uma conversa no auditório, esses presos poderão sair, mas terão de estar acompanhados por um membro da família.
Estou assistindo ao show do Rei. Um pouco antes de começar, dois internos vieram se despedir, Raul e Reinaldo, me abraçaram e disseram:
— Não fique triste. O seu dia vai chegar.
Fiquei contente em ver a felicidade deles. Tenho bom relacionamento com os dois, são tranqüilos e estão a um passo da liberdade. Reinaldo é casado, tem família numerosa, esteve na Marinha. Na época de um conflito no canal de Suez, foi mandado para lá, para patrulhar a região. Era um cara certinho, mas quis comprar uma casa para a família e participou de um assalto a banco. Às vezes me

acompanha nas caminhadas pelo "Sítio". Como hoje à tarde por exemplo. Fiquei o tempo todo olhando o céu, que estava cheio de nuvens. Como sempre, o tempo piora quando a família está para chegar.
Amanhã deverão me visitar Raul e mamãe. Marilena só vem no domingo, tem ceia no dia 24, com seus filhos.
O show foi ótimo, só que as canções românticas me deixaram nostálgico.
26/12/1983. A família esteve aqui conforme o planejado e o tempo cooperou um pouco, não atrapalhando o tráfego de aviões que chegaram e partiram no horário, apesar das chuvas.
431
O Natal já foi, agora só faltam as festas de entrada do ano de 1984. Depois que os familiares saíram, fiquei sentado na minha cama, durante muito tempo, com lápis e papel na mão. Como não tinha nada de novo para registrar, apenas comentei com algumas linhas o ano de 1983: "Para quem gosta de viver perigosamente, 83 foi um ano daqueles. Passei por grandes apuros, acho que nem posso calculá-los, pois não dá para saber o que se passava na cabeça daquele pessoal, o que planejavam e o que poderiam preparar para mim, se fosse necessário. Devo ter passado por mais perigos do que percebi, mas estou aqui, no Sítio, a salvo. É uma penitenciária, mas o ambiente é completamente diferente, os perigos são outros e dá para se conservar fora de encrenca. Resignação e paciência são os conteúdos principais para ir saldando a dívida".
Os internos que saíram tinham até nove horas da manhã de hoje para retornar, olhando os cubículos de minha galeria, não percebi ninguém faltando.
Os dias vão passando, e todos que saíram estão eufóricos com a próxima saída do fim de ano. Menos os dois que não voltaram, porque foram pegos assaltando e estão trancados esperando mais uma condenação.
Milton, que não tinha conseguido sair no Natal, agora sairá. Ficará hospedado em Teresópolis na casa de sua namorada ex-homem. Ele está radiante. Parece que anteriormente já esteve albergado, mas andou aprontando e voltou a ficar em presídios e penitenciárias.
30/12/1983. Como no dia 24, alguns dos internos que estavam saindo vieram me abraçar e desejar feliz Ano-Novo. Milton foi um deles, me abraçava e dizia:
— Estarei com a criatura que amo, em seu palácio em Teresópolis.
Raul, ao se despedir, estava em dúvida se voltaria ou não. Isso era praxe nos fins de ano, o camarada só deixava de voltar na segunda saída, para não começarem a procurá-lo antes.
Eu estava bem, minha mulher ia entrar dentro de alguns minutos para passar o dia comigo e, mais tarde, participar de mais um jantar, oferecido pelo diretor. Para melhorar meu humor, tinha visita dia 31 e dia primeiro.
De todo jeito valeu, Marilena e eu não olhamos para o diretor-geral nem para ninguém. Ficamos quietos num canto namorando. Aliás, acho que ninguém do lado dos internos prestou atenção nos diretores e
432
em seus discursos chatérrimos. Só ficamos chateados com a falta de respeito com os convidados, que chegaram às três e só entraram às cinco, tudo por pura política.
31/12/1983. Normalmente somos cem na galeria, e a esta hora, onze e meia da noite, já estamos trancados. Mas, hoje, somos apenas 48 e só a galeria está trancada. Todos estão tranqüilos com as portas abertas, mas sem nenhuma manifestação de euforia pela mudança de ano. Estou vendo TV e escrevendo estas linhas. Há pouco Gal apareceu em um show. Que maravilha, é um rouxinol.
Pronto, 1984... saio do cubículo e cumprimento de longe o Celso, o Bigode, o Clodoaldo e outros. Vou até o cubículo do Orlandão, queria lhe desejar um bom ano, pois ele era sempre delicado, perguntando se estava tudo bem comigo, se alguém me incomodava. Era um anjo da guarda, só que na surdina. Não realizei meu intento, ele dormia.

J1984 ESTAVA COMEÇANDO. SEGUNDO COMENTÁRIOS, A REFORMA DAS leis de execuções penais ou penitenciárias do ministro Abiáckel estava na reta de chegada. Pelo que eu lera a respeito, começava a achar melhor desistir de tentar anular o segundo julgamento, pois por bom comportamento e um sexto da pena poderia trabalhar fora e passar os fins de semana em família.
1/1/1984. Os internos que saíram tinham de chegar até as 22 horas. Eles vinham chegando devagar, sem o entusiasmo da hora da saída. Quase todos, a partir daquele momento, poderiam ir para uma prisão aberta. Para isso teriam de arranjar um emprego. Se não conseguissem ficariam por aqui e sairiam a cada quinze dias, para visitar os seus e tentar arrumar trabalho.
Já sabia tudo a respeito, porque nos últimos dias do ano andei conversando com alguns internos que viviam nesse regime. Estes, dentro de poucos meses, seriam transferidos de qualquer jeito e teriam algumas horas por dia para procurar uma colocação. Os albergues, pelo que ouvi dizer, estavam cheios de gente assim, já que era difícil um ex-presidiário arranjar algo.
16/1/1984. Já faz mais de um mês que parei de fumar. Resolvi parar e, com isso, pararam também de me pedir cigarros no pátio. Não sei por que resolvi isso. Não estou completamente careta, porque aqui dentro

é impossível, dou trombada com tóxico o tempo todo. Às vezes fico muito tempo sem usá-los, mas há ocasiões em que sinto que ofenderei quem me oferece e tenho de fazer jus à fama que tenho.
Fama... bela fama. De toxicômano e, segundo alguns jornais, traficante. Isso me faz lembrar dr. Evandro indignado durante o primeiro julgamento. Ele perguntava, encarando os jurados:
— Não é estranho que meu cliente seja acusado de traficante e nunca em todos estes anos tenha sido preso?
Ele tinha toda a razão, nunca fui preso nem como usuário. Ah! Fodam-se os que pensam assim, não sei por que ainda me revolto com essas calúnias. Derrubarem-me mais do que eu mesmo me derrubei é impossível. Mas resta uma esperança, que muitas vezes contesto se tenho direito. Meus sonhos. Aqui do fundo do poço voltei a tê-los. Não que eu ache que vencerei todas as batalhas como um espadachim de filme de capa e espada, nada disso. Sei muito bem o que me espera quando estiver livre novamente. Mas, por incrível que pareça, nem o fundo do poço destrói sonhos.
25/1/1984. Hoje veio para o convívio, e está morando no cubículo em frente ao meu, um camarada enorme, parece uma geladeira. Tem uma característica no mínimo desconfortável: é antipatizado pela massa. Pior de tudo foi o apelido que lhe deram, que é para acabar com ele de vez: Dois Cu. Ele vai para o pátio, e de alguns lugares gritam "Dois Cu"; quando entra na galeria, é só o que se ouve.
Há mais uma figura fora de série que também acabou de vir para o convívio, mas este foi para o pavilhão 2. É um português, que logo no primeiro dia já foi ser "faxina" da cantina, por sua larga experiência no setor. Ele tem aspecto de uma anta, seu diâmetro é razoável e sua altura não passa de 1m e 65. Esse, ao contrário do outro, é um cara simpático, mas causou sensação desde a primeira noite na galeria onde se encontra. Segundo me contaram, ele gosta de tomar banho, passar talco e ficar deitado nu em seu cubículo. Quem quiser usá-lo como fêmea, que fique à vontade. O mais extraordinário é que, desde que chegou, tem fila em sua porta. É verdade que aquele é um pavilhão com duas galerias de solteiros.
30/1/1984. Hoje tive uma notícia triste. Mataram o Cuca. Cucão, como era carinhosamente tratado pelos parceiros. Era único, uma criança. Foi bandido da pesada porque nunca conheceu outra vida. Seu

mundo só foi aquele. Adorava o Pira, era seu amigo, seu cão de guarda, seu tudo. Ficava na escada do pavilhão olhando o movimento para que o jogo continuasse tranqüilo. Na construção da piscina passamos por um momento muito engraçado, quando ele enrolou o guarda escondendo o "bagulho" atrás da dentadura. Eu o chamava de Carradine, ele gostava, mas nunca entendeu por quê. Nem ele

nem os outros, pois esse era o nome de um artista americano que fez o papel do bandido que matou Jesse James, em um faroeste memorável. E continuando com a biografia de Carradine, ele é pai do ator que fazia até pouco tempo atrás o seriado Kung Fu. Pois é, o velho artista, que só fez papéis de bandido, era a cara do Cuca.

4/2/1984. Quatro meses e meio no "Sítio" e dois Natais na cadeia. De tanto caminhar em todas as direções, conheço cada palmo deste lugar, até os policiais militares que estão nas guaritas já me cumprimentam.

Conheço também as armadilhas naturais que acontecem nestes passeios. É importante andar para não ficar enferrujado, mas é preciso estar sempre muito atento. Há poucos dias, passando perto da pocilga, um pacote do tamanho de uma caixa de sapatos veio voando por cima do muro. Caiu a um metro de mim, mais um passo e me acertaria em cheio. Fiquei assustado, mas mantive o andar firme e, depois que passei pelo pacote, não olhei para trás embora percebesse a movimentação às minhas costas de pessoas que provavelmente esperavam escondidas na pocilga. Esses fatos, aqui corriqueiros, tornam os dias na sociedade carcerária cansativos, mas a gente se acostuma. É uma selva cercada e perigosa, sem semáforos para avisar-nos quando podemos passar.

6/2/1984. Com o calor, o mau humor dos guardas é mais evidente e causa alguns problemas. Domingo passado, por exemplo, as esposas e companheiras carregadas de pacotes, que já tinham enfrentado ônibus, barca (Rio—Niterói) e o calor arrasador, brigaram com as agentes carcerárias. A meu ver com razão, pois eram onze funcionárias, mas só uma revistava. Uma senhora gorda, suada e cheia de pacotes que estava no fim da fila armou o maior barraco. O chefe de segurança experiente resolveu a situação, pondo mais quatro agentes para ajudar. Com Marilena nunca há problemas, ela sempre traz bombons ou flores para as agentes.

Bigode foi transferido para a prisão semi-aberta em Bangu, Instituto Plácido Sá Carvalho. Saiu daqui com fama de colaborar com a direção, embora no setor A não comentassem sobre isso.

28/2/1984. Com o número muito grande de transferências para prisões semi-abertas, acabou vindo para cá um pessoal jovem e perigoso. A proximidade do Carnaval os deixa mais excitados, tramam fugas, ficam com uma postura que deixa os guardas desconfiados e acho que, a qualquer momento, vão dar uma "geral" daquelas acompanhadas da Polícia Militar. Alguns dos novatos já chegaram tramando a morte de inimigos, começaram a aparecer armados e houve até briga de faca.

Um dos que estava tramando mortes, se colocou numa posição tão perigosa que acabou pedindo seguro de vida. É um sujeito esquisito com o apelido de Esqueleto. Para não ficar mal com a massa, pediu seguro por carta, direcionada ao diretor. Parece que a carta era longa e continha histórias que causaram mais de quinze "carrinhos", inclusive o dele. Esqueleto foi hoje para o presídio Edgard Costa.

1/3/1984. COM AS ÚLTIMAS TRANSFERÊNCIAS, O AMBIENTE FICOU mais tranqüilo. Sempre há algum tipo de perturbação, mas geralmente é causada por Milton, que, com medo do pessoal das falanges, fica dedurando a torto e a direito. Como não dá para peneirar essas informações, todos os acusados são chamados à inspetoria e verificados. Às vezes até ficam trancados alguns dias, para que a administração tenha certeza dos fatos. Com isso, Milton vai se tornando odiado. Ele não toma conhecimento disso, diz que se garante e vai continuar com o dedo engessado.

Um camarada como ele até pode ser assim, quadrilheiro antigo e provavelmente com muitos inimigos. Os internos que ele acusa têm muito trabalho em desmanchar suas futricas com a administração e depois, quando não levam "carrinho", ficam falando que vão se vingar. Até hoje não vi ninguém enfrentá-lo, armar uma armadilha para ele não é fácil. Tem muito tempo de cadeia e é muito sagaz.

Estou muito preocupado com a saúde do papai. No último fim de semana não apareceu e para isso acontecer é porque esteve muito mal. Tenho telefonado para ele todos os dias e percebo mal-estar e

dor em sua voz.
Hoje é aniversário de Marilena, e logo pela manhã nos falamos. Ela estava contente, tinha acabado de receber o presente que mandei e se preparava para almoçar com as amigas. Mais tarde jantará com os filhos e com Raul.
436
É Carnaval, e os cubículos estão abertos o tempo todo, inclusive à noite. Os sons das poucas televisões da galeria estão mais altos que nas avenidas e salões. Os que não têm TV se aglomeram nas portas dos que têm e são os mais animados. Escrevo no escuro por causa do calor, o tema é Marilena, que virá amanhã. Enquanto escrevo ouço a folia na avenida e a dos internos que assistem em meu aparelho de TV, que está virado para a porta.
Uns dias antes do Carnaval tive notícias de Pira. Já estava recuperado dos tiros que levou, parece que foram de raspão. Segundo contaram, fez um acordo de paz no morro onde se encontra e vivia. Será que vão deixá-lo tranqüilo? É incompreensível, todos sabem que voltar ao seu lugar de origem depois de muito tempo de ausência é sentença de morte, mas fazem isso.
14/3/1984. Sábado. May esteve aqui e me ajudou a convencer papai a ir para São Paulo se tratar. Ficaria uns tempos com ela e meu irmão. Naquele dia, durante todo o tempo, ele esteve muito mal, com muitas dores, e acabou concordando. Ficou arrasado e no dia seguinte se despediu de mim chorando. A dor foi mútua, fiquei sem meu pai, meu amigo e protetor.
23/3/1984. Dr. Evandro esteve aqui. Estava assustado, pois nunca tinha visto Marilena e, quando ela apareceu em seu escritório, substituindo papai, não entendeu nada. Atendeu-a muito bem e um dia depois, quando foi me visitar, aproveitou para saber tudo sobre ela. Ao sair, me estendeu uma das mãos e colocou a outra em meu ombro tentando me consolar pelos atrasos do Supremo e a ausência de meu pai.
— Você tem sorte, sua companheira me causou ótima impressão.
26/3/1984. Estiveram aqui, ontem e hoje, artistas e técnicos de uma companhia cinematográfica, usando o pavilhão 1 para filmar cenas de uma rebelião e fuga de um presídio de mulheres. O filme se chamará Feras em fuga. Uma das atrizes, o diretor e sua secretária, quiseram me conhecer. Batemos um papo muito simpático e recebi de presente um livro, O nome da rosa.
30/3/1984. A Frei Caneca sempre é um mar de surpresas para a administração. Houve uma tentativa de fuga que, segundo os boatos, foi liderada pelo Alton, o Filho do Polícia, preso recentemente. Construíram túnel que dava na rua, mas foram surpreendidos. Trocaram tiros com
437
guardas e PMS. Estavam bem armados e parece que Alton portava uma minimetralhadora. Como foi que esse armamento entrou no setor B?
31/3/1984. Domingo às onze horas em ponto as mulheres começaram a entrar. Marilena foi a primeira, levei um grande susto, pois entrou com o braço numa tipóia. No dia anterior, ao descer do ônibus, achou que ia ser assaltada, resolveu sair correndo e caiu. Como foi ajudada por umas pessoas que iam passando, não viu mais os assaltantes.
4/4/1984. As filmagens continuaram durante todo o dia de hoje, mulheres se atiravam de cima do muro em cima de enormes caixas com colchões. Os presos aplaudiram muito. Essa filmagem quebrou a rotina e trouxe um pouco de distração para os internos, que procuraram cooperar para que tudo desse certo. Como depois do primeiro dia de filmagem me mantive afastado e assisti tudo à distância, as moças da equipe me apelidaram de "pavão misterioso".
Março passou e, para variar, sem notícias de Brasília. Mas, em compensação, o Jornal do Brasil de hoje informa que novas leis de execuções penais foram aprovadas ontem, para melhorar a humanização no cumprimento das penas. Infelizmente, a reportagem não entra em detalhes sobre os benefícios. Espero que nos próximos dias apareça tudo.
5/4/1984. Mataram dois na Lemos de Brito e com isso o pessoal da Falange Jacaré foi todo

transferido para a Ilha. Confesso que não entendo a administração, todos sabem que lá é reduto da Falange Vermelha e é difícil o Comando Jacaré se criar ali.
16/4/84. O avião passa, falo com Marilena, ouço o barulho da rua.
Meu coração dói. Não sei mais o que é a vida, como é a liberdade, nem como se vive lá fora.
O avião passa. A vida também, falo com Marilena, quero viver.
A vida passa e eu também.
Pensava nisso enquanto caminhava depois do expediente, como fazia todas as tardes. Em tardes de vôlei, saía um pouco antes da vigilância. "As caminhadas de reflexão", como as chamava. Nesses passeios era raro alguém se aproximar e, quando isso acontecia, eu abortava a caminhada. Mas naquela tarde eu estava especialmente triste e esperava um monomotor, que passava todos os dias na mesma hora. Ele passou como sempre e eu senti todo o peso de não existir, de ser apenas um número, num túmulo de mortos vivos. Parei e fiquei vendo o avião se afastar.

No fundo, o que me entristecia era a Páscoa, não participar da euforia dos que iam passar com a família. Não era inveja, só tinha vontade de ir também.
Os que têm direito acabaram de sair, passarão a Páscoa com suas famílias. Bom... quase todos.
Amanhã é sexta-feira e terá parlatório. Que bom. Melhor ainda é que domingo tem novamente.
Marilena e Raul vieram passar esses dias comigo. Ando tão piegas... escrevo isso e choro por amá-los tanto e perceber o esforço que fazem para estar comigo. Durante o tempo que estiveram aqui fiquei o tempo todo de cara alegre e abraçado a eles.
24/5/1984. Hoje finalmente tive notícias de Brasília. O recurso será julgado em 5 de junho. Como demorou para se decidirem a julgá-lo.
Depois de receber essa notícia, interrompi o que estava fazendo na vigilância e fui caminhar. Saí em direção à horta, era um lugar agradável, bem tratado, e muito gostoso de passear. Sempre que precisava de sossego ia para aquele lado. No caminho encontrei o Macaca Fina, o "Maluco Beleza", como alguns o chamavam. Depois que cheguei no "Sítio", ele esteve no manicômio duas vezes. É um rapaz negro, inofensivo e com olhar triste. Não sei qual é seu artigo, mas acho incrível ele estar aqui. Passa os dias andando e falando sozinho. Contaram que algum tempo atrás o estupraram lá pelos lados da pocilga. Não é o único maluco por aqui. Tem um que é bem mais louco, seu nome é Fubá. Nas crises entope o boi de seu cubículo e fica sentado com uma vara imaginária tentando pegar um peixe.
Mas, enfim, fui andar pela horta e pensar no recurso que estava para ser julgado. Tinha medo de ser posto em liberdade, de ir para um terceiro julgamento e ter de voltar novamente. Não acreditava que pudesse ser absolvido. E, depois, a nova lei de execuções penais estava para sair e esse caminho me parecia o mais seguro. Direitos adquiridos não têm volta, nem recurso ou mais um julgamento. É definitivo.
Se bem que, se o recurso fosse julgado a meu favor, eu seria posto em liberdade no mesmo dia. Eu estava exultante e ao mesmo tempo com medo. Essa mistura de pensamentos me acelerava a tal ponto que, depois de um certo tempo, nem sabia por onde estava caminhando. O preso é assim mesmo. Um leve aceno de liberdade e a adrenalina vai ao máximo. Conhecendo-me como a palma da sua mão, Marilena, quando me deu a notícia sobre Brasília, foi logo dizendo:

— Não vá deixar de comer por causa disso.
26/5/1984. Sábado. Marilena e Raul vieram de São Paulo de ônibus. Chegaram na rodoviária do Rio e pegaram outro ônibus para cá. Chegaram muito cansados. Aquilo me mortificava, mas, com a grana curta daqueles dias, duas passagens de avião, ida e volta... nem pensar, ficar sem a visita deles então... sem comentários.
Durante o fim de semana só falamos do recurso. Dr. Evandro não ia cobrar a defesa que faria junto

aos ministros da Suprema Corte. Mas tínhamos de providenciar sua passagem e talvez a hospedagem. Nossos comentários eram animados, Marilena fazia planos de ir a Brasília, queria assistir à defesa do dr. Evandro ao vivo.
28/5/1984. Esperar o dia do julgamento e ficar supondo como será o resultado tomou conta de todos os meus pensamentos. Por mais que tentasse me concentrar no meu trabalho, num livro ou nos programas da TV, não conseguia. Nunca caminhei tanto, procurava me cansar, com medo de não conseguir dormir.
1/6/1984. Marilena foi a Brasília levar para o dr. Evandro o documento que deverá fazer parte do recurso. Segundo ela, não pôde ver o documento por estar em um envelope fechado. Alguma prova talvez. Adriana, futura advogada, foi com ela.
3/6/1984. Semana tensa, só expectativa. Aliás, para contrariar, não foi só isso. Mataram o Mimo, ou Manhoso, como também era conhecido. Escrevi sobre ele quando de sua fuga da Lemos de Brito. Fugiu com mais alguns, entre eles, Jesus. Quando escrevi contando a fuga, antecipei que morreria em sua casa ao atender à campainha. Isso aconteceu há dois dias. Era um homem educado e atencioso, estava sempre na capela, gostava muito do padre. Provavelmente foi o profissional do crime mais perigoso que conheci. Marilena morria de medo dele. Dizia que tinha olhos gelados.
4/6/1984. Amanhã é o dia. Estou conseguindo controlar meu estado de espírito. Também... o que mais posso fazer? Tento me distrair lendo jornais e vendo TV. Como sempre, a Lemos de Brito é notícia. Dois internos morreram no período de uma semana, por falta de atendimento médico. Há outras acusações: os internos acusam os guardas de roubo de alimentos, de espancamentos de presos para roubo de objetos pessoais e abuso do uso da "surda".
No fim de semana mamãe virá com Marilena, tentará me convencer a pedir minha transferência para São Paulo. Direi que vou pensar, mas não atenderei seu pedido. É por aqui que travarei minha luta.

4/7/1984. Depois que comecei a jogar vôlei duas vezes por semana, ganhei mais peso. Comecei a me sentir bem-disposto e, o principal, quando estou jogando esqueço de tudo, participo da brincadeira com alegria.
Esta semana vou perder meu companheiro Baldaracci. Ele irá à Vara de Execuções e, dentro de alguns dias, terá sua liberdade de volta. Nunca perguntei seu artigo; aliás, não pergunto isso a ninguém. Esse é um que dificilmente voltará para a prisão, só mesmo se não lhe derem a menor oportunidade.
Hoje, Marilena irá à Vara de Execuções. Pedirá ao juiz que me deixe visitar papai no Dia dos Pais. Sabemos que não dará certo, mas, segundo pesquisas que andei fazendo, é importante que o juiz e os promotores comecem a conhecê-la e a acostumar-se com meus requerimentos reivindicativos. Fora isso, estou contente porque amanhã é sábado e estarão com ela suas duas filhas, Cláudia e Adriana, e seu filho Zé Maria.
10/7/1984. O alarme tocou e todos tivemos de voltar para os cubículos, ia começar uma "geral".
Pouco tempo depois, saía arrastado da galeria um interno que cumpria sete anos por tráfico. Foi levado para a 78 DP com cerca de oitenta "trouxinhas" de maconha. Na delegacia não conseguiram que ele contasse como tinha recebido o "bagulho". Agora está na "surda" esperando sua transferência para Água Santa, onde esperará outro julgamento.
11/7/1984. Ontem Fabinho Motta, advogado criminalista paulista, esteve me visitando e contando todo o seu relacionamento com juizes e promotores de São Paulo. Ele acha que lá, além de eu estar mais perto da família, terei mais chances de conseguir a prisão semi-aberta.
Agora há pouco acordei pensando em São Paulo. Tenho saudades da minha cidade. Lembro tão bem do dia que saí de lá com Marilena do meu lado, rumo ao Rio e com a certeza de que passaria muito tempo sem voltar. Apesar de cinza e de seus rios poluídos, Pinheiros e Tietê, as avenidas marginais sempre congestionadas, aquela cidade é muito especial. Seus prédios que parecem até um paliteiro,

com toda a população trabalhando enlouquecida, têm um ritmo diferente, frenético e excitante. A boemia lá é deliciosa, a vida noturna é insuperável, tem de tudo, para todos os gostos.
Como já escrevi antes, não poderei cumprir pena na minha cidade. Irei viver lá, mas quando tudo acabar. Até isso é complicado para decidir, porque amo o Sol e a praia, e sempre sonhei passar uma boa parte
441
da vida entre Ipanema e Leblon, nesses dois bairros vizinhos que, para mim, são os mais bonitos do país. Bom... por ora não preciso decidir nada, é melhor nem pensar num futuro próximo para não ficar mal.
10/8/1984. Andei muito deprimido. Não tinha vontade de nada, muito menos de escrever. Só voltei a fazê-lo porque aconteceram coisas que tinham de ser registradas.
Nestes últimos dias a cadeia mudou. Chegou um pessoal da pesada, além de não serem poucos. Entre eles estava Zé Cigano. Quando nos encontramos na cantina, em seu primeiro dia de convívio, foi uma festa. Mais tarde, quando conversamos, ele, eu e o Careca (eletricista) nos garantiu que ficaria calmo e estava apenas esperando os poucos meses que faltavam para acabar sua pena. Falou isso numa boa, pois não tivemos a menor intenção de lhe dar conselhos, ele nem aceitaria.
Quanto aos outros recém-chegados, os conhecia de vista do setor A e creio que não estiveram lá por muito tempo, provavelmente só de passagem. O que sei é que com a chegada deles a penitenciária ficou mais agitada. A quantidade de maconha a ser comercializada quadruplicou, vários flagrantes de venda de tóxicos aconteceram. Nas últimas 24 horas, dois foram para a delegacia com mais de cem balinhas (pa-cotinhos de pó). O inspetor achou dentro do globo de luz, que sempre esteve com a lâmpada queimada, no fundo da galeria, muita maconha, pronta para ser vendida.
21/8/1984. Hoje pela manhã, quando falei com Marilena, levei um susto que me deixou de pernas bambas. Raul e o filho dela, o Zé Maria, tiveram um acidente na via Dutra, voltando de um churrasco. O meu filho, que dormia no banco ao lado, não teve um arranhão, mas Zé está na UTI. Marilena está desesperada, nem conseguia falar, só chorava.
28/8/1984. São quase dezesseis horas. Estou deitado em meu cubículo, pensando em Marilena, no seu sofrimento, no desespero de ver que seu filho ainda corre grande risco. Sei por Raul que ela não sai do hospital, apesar de não ser permitido acompanhantes em uns.
Ouço alguém festejando o gol que acabou de marcar aí, bem debaixo de minha janela, na quadra de futebol de salão. Acho graça, mas não por ouvir a manifestação de alegria, mas porque o Sol, que bate em minha janela, faz as grades refletirem no chão, parecendo não querer que eu esqueça que estou preso.
442
1/9/1984. Marilena está longe, sofrendo muito, o tempo custa a passar, morro de pena e de saudades. Por causa de seu sofrimento, lembro da mãe de Ângela, para ela não restaram esperanças. Apesar de agnóstico, mais uma vez rezo e peço perdão.
Depois de tantos boatos sobre a morte de Jesus, os jornais trouxeram ontem notícias sobre sua prisão. "Polícia prende fugitivo do Lemos de Brito condenado a 150 anos de reclusão. Policiais da 28 DP, em Madureira, prenderam, ontem à tarde,.. assaltante condenado a penas superiores a 150 anos de reclusão, que fugira do instituto penal Lemos de Brito em 26 de abril de 1983. Mesmo portando uma pistola calibre 45, não reagiu." A reportagem termina com seu histórico como um dos líderes da Falange Vermelha, que fazia parte do grupo de Manhoso, assassinado pela Polícia em Volta Redonda.
Todos o temiam no setor A, chamavam-no de "verdugo". Eu, particularmente, não posso me queixar, batíamos paredão, andávamos pela penitenciária toda e sempre o vi gentil com todos. Houve mortes na época em que ele e Lâmpada estiveram lá, e o boato era que os dois eram os executores. Mas, depois que eles fugiram, as mortes continuaram.

5/9/1984. Depois de duas semanas, Marilena entrou no domingo às onze horas. Estava abatida, com ar cansado de tanto hospital.
Estamos entrando na Semana da Pátria, haverá um show com uma cantora famosa, que às vezes vem aqui visitar seu primo, o Alemão. Outras comemorações farão parte dessa semana: um curto campeonato de futebol e palestras.
24/9/1984. José Maria não andou passando bem e Marilena não pôde vir. Mas hoje, falando com ela, para saber notícias ouvi:
— Nem que chova canivete faltarei no próximo fim de semana.
Isso queria dizer que seu filho estava melhor e que ela estava mais tranqüila.
O astral aqui está em alta, o novo Código de Execuções Penais já está valendo e quase todos tiveram uma melhora na situação, principalmente os primários. Eu fui atingido em cheio, porque já tinha cumprido seis meses em 1977 e desde aquela época sempre tive faxina. A nova lei diz: a cada três dias de trabalho, abate um de pena. Fiz minhas contas e, mesmo sem o código novo, tenho direito de visita à família. Contando com o que cumpri da primeira vez, dá dois anos e seis meses. A lei de execuções diz: primário com bom comportamento pode começar a visitar
443
a família com um sexto da pena cumprida. Eu só preciso saber por onde começar.
28/9/1984. Ontem, em pleno dia, três internos encostaram o carrinho de limpeza (desses grandes com tampa) no muro que fica atrás do pavilhão onde estou. Tiraram, lá de dentro, uma marreta e imediatamente começaram a marretar o muro para tentar fazer um buraco. Não se sabe se foram dedados, ou se é verdade o que o inspetor contou, fazendo força para conter uma gargalhada:
— O vizinho veio reclamar que estavam tentando arrebentar o seu muro, que é grudado no da penitenciária.
Agora os três estão na "tranca" e vão responder a um processo por tentar destruir propriedade pública.
5/10/1984. Hoje, sexta-feira, me dou conta de que passei a semana sem anotar nada. Apesar de ter sido uma semana diferente.
A administração está começando a pensar na festa de Natal dos filhos dos apenados, e os internos com direito a visitar as famílias neste fim de fim de ano já começam a procurar o serviço social para se inteirarem sobre o requerimento a ser encaminhado à Vara de Execuções. Poderá ser um requerimento contendo todos os nomes, com seus históricos, ou cada um faz o seu e o serviço social só encaminha. Percebendo essa movimentação, o diretor reuniu todos no auditório para coordenar os trabalhos. Afinal, não era só a festa das crianças e a visita aos familiares. Ele tem planos de repetir o que fez no ano anterior. Um jantar com um membro da família no Natal e outro no fim da tarde do último dia do ano para os internos que ficarão.
Quando acabou a reunião e todos saímos para o pátio, resolvi abordá-lo, queria uma orientação, pois pelas minhas contas já podia requerer visita à família e até prisão semi-aberta. Humberto tinha prometido se encarregar desse assunto e de cuidar de minha transferência para Magé, mas em sua última visita confessou que não tinha como fazê-lo.
Não era só eu que queria falar com o diretor. Ele parou na saída do auditório, completamente cercado pelos internos. Ia respondendo por alto às perguntas. Como estava muito tumultuado, fiquei de lado esperando uma oportunidade. Depois de uns dez minutos de assédio, ele ia conversando, dando uma ou outra orientação e se encaminhando para a saída, olhou para mim, que acompanhava o grupo a curta distância.
— Você deseja falar comigo?
444
Como respondi positivamente, avisou ao inspetor, que se encontrava a seu lado, para me encaminhar a seu escritório após o almoço. Agradeci e me afastei. Estava contente, pois o mínimo que podia

acontecer era ver a rua. E queria muito isso. Dava-me bem com a secretária do diretor e com uma das advogadas do Estado, ambas iam muito à vigilância conversar com a gente. Já tinham me explicado como era a vizinhança, mas eu nunca tinha ido aos escritórios externos.
Agora, além de ver a rua, iria ter a oportunidade de discutir meus problemas com uma pessoa diretamente ligada à Vara de Execuções. Isso me deixou ansioso, nem almocei direito. Voltei logo para a vigilância e fiquei esperando. Às duas e quarenta e cinco, o inspetor me chamou e abriu o portão.
— É ali, aquele escritório do meio.
E fechou o portão às minhas costas. A minha frente, logo após uma rampa, estava a rua, do lado esquerdo o serviço social, o escritório do diretor e o dormitório dos guardas. Do lado direito, muitas árvores e um pátio de terra batida com uma construção malfeita de madeira, talvez uma pequena casa pré-fabricada encostada no enorme muro. Descobri tempos depois que era ali que as visitas eram revistadas. Dei alguns passos para a frente para poder olhar melhor a rua e parei um instante para ver os carros e os pedestres. Depois voltei para o enorme portão e, olhando à direita, acompanhei o muro com o olhar até encontrar a guarita. Fiz a mesma coisa do lado esquerdo e, quando levantei os olhos, o policial da guarita me saudou, com acenos de mãos. A secretária do diretor, que assistia a tudo da porta do escritório, me chamou para um cafezinho enquanto ele não chegava.
— Não se preocupe, daqui a gente vê quando ele sai de casa.
E me apontou para uma residência de bom tamanho, logo após o muro do lado esquerdo da penitenciária. Não pôde me servir café porque o telefone tocou e ela desapareceu em uma saleta. Quando voltou, quinze minutos depois, o diretor entrou e me pôs em sua sala. Era um homem entre 35 e quarenta anos, 1m 76 de altura, com olhos atentos atrás dos óculos. Sentou-se à sua mesa de trabalho e fez sinal para me sentar bem à sua frente. Ficou um minuto me estudando, depois pegou minha ficha e sem ler seu conteúdo me perguntou...
— Então... conta aí, como foi que você matou a Ângela?

Apesar de me pegar desprevenido, me conservei calmo. Demorei um pouco para me concentrar e começar a falar. Ele não mostrava impaciência, mas falou...
— Vamos... você tem meia hora para contar tudo.
Comecei contando a grande e repentina paixão que tive por Ângela e comentei que só mais tarde tinha compreendido o quanto eu era provinciano e despreparado para viver em sua companhia. Contei também a dor que sentia ao lembrar da maneira que saí de casa, largando a mulher que também amava e meu filho recém-nascido. Voltei ao dia 30 de dezembro de 1976 e narrei toda aquela manhã na praia, todos os fatos que se passaram depois que voltamos para casa, a discussão, a briga, a minha saída, a volta, os tiros e a fuga. Quando terminei chorava muito e me desculpava, explicando que não conseguia me controlar quando imaginava o sofrimento e o desespero da família de Ângela.
Passado algum tempo vi que ele me dava um copo de água. Voltou para o seu lugar dizendo que imaginava meu sofrimento e ficou sentado, esperando eu me recompor. Fiz isso envergonhado, me desculpando novamente. Ele se levantou considerando a reunião terminada, me levou até a porta e, quando se despediu, me falou:
— Eu mesmo vou pedir ao juiz a autorização para seu Natal e fim de ano em família.
Saí de lá e fui para meu cubículo, só parei de chorar muito tempo depois. Remexer no passado daquele jeito, como num confessionário, tinha mexido tanto comigo que novamente eu parecia estar fora do meu corpo, olhando-me assustado. Toda vez que lembrava das últimas palavras do diretor, chorava mais ainda. Era um fio de esperança misturado com emoções e lembranças que estavam escondidas.
10/10/1984. Novamente corriam boatos de que Pira tinha se ferido em um assalto e estava no sertão

da Bahia convalescendo. Já nem prestava atenção nessas histórias, depois de confirmarem tantas vezes a morte de Jesus meses atrás.
As moças do serviço social vieram à vigilância me visitar, pedindo ajuda na garimpagem de doações para a festa de Natal. Precisavam de brinquedos, pois segundo os últimos levantamentos o número de crianças dobrou neste ano.
Logo que elas saíram, telefonei para Gisela Amaral e contei-lhe da festa de Natal dos filhos dos internos e pedi brinquedos. Além de todo o
446
carinho e amizade com que fui atendido, prometeu que ajudaria. Passei a data do evento, o endereço da penitenciária e não pensei mais no assunto.
O diretor resolveu promover um torneio de futebol de salão para inaugurar a quadra que foi reformada e convidou o time dos guardas a participar. São poucos times, quatro com o dos agentes. Deve começar amanhã e acabar nos próximos dois dias.
15/10/1984. Prisão é uma constante caixa de surpresas. Um interno ficou esperando dois dias por dois quilos de maconha, para comercializar e ter um dinheirinho neste fim de ano. Quando finalmente o pacote chegou voando por cima do muro, ele foi assaltado por cinco mascarados. O lugar onde acontecem estas coisas é sempre o mesmo: o fundo da penitenciária, onde se encontram as pocilgas. O camarada ficou sem o "fumo" e todo machucado. Desesperado e com raiva, pois ainda teria de pagar pela mercadoria, foi à inspetoria e deu queixa. Alegou que lhe tiraram um relógio, um cordão e um anel de ouro, e o dinheiro que tinha recebido da família no fim de semana.
Os guardas imediatamente trancaram todo mundo, depois obrigaram o camarada a mostrar onde fora assaltado e contar exatamente como tinha acontecido. Acharam a história esquisita, por ter acontecido nas imediações da pocilga. Queriam saber por que ele tinha ido passear justo ali. O cheiro era desagradável e o lugar feio. Pediram a descrição do cordão, do anel e do relógio e naquela mesma noite deram uma "geral" nos três pavilhões. É evidente que não procuravam o anel, pois a história se espalhou e todos puseram a maior "pilha" (pressão) no assaltado, que ainda por cima tinha dado queixa. Como não acharam nada, liberaram a "tranca" no dia seguinte e ficaram de olhos e ouvidos bem abertos. As máscaras para assalto na prisão são as mesmas que usam em todo lugar, um gorro enrolado, que quase todos os internos vestem o dia inteiro, se puxado cobre todo o rosto. Na "geral", os agentes acharam um desses gorros sujo de terra. Fingiram que não perceberam e ficaram na espreita.
20/10/1984. Os jornais de hoje trazem denúncias feitas à Assembléia Legislativa sobre os espancamentos, tráficos de drogas, de armas e de falta de assistência médica nos presídios do Rio. Segundo uma das reportagens, encontraram três leprosos na Lemos de Brito. Uma das pessoas que participaram das denúncias foi uma professora que tinha sido exonerada da divisão educacional do Desipe por ter desenvolvido um jornal junto com os internos, onde eles podiam criticar a Polícia, a política
447
e contar acontecimentos. Um dos internos escreveu que, todas as vezes em que foi preso, a polícia lhe roubou dinheiro. O artigo continua com outras denúncias feitas nos depoimentos à Assembléia, que, segundo os jornais, duraram mais de quatro horas.
Insisto em reproduzir parte desses artigos porque acho que as penas têm de ser cumpridas num ambiente austero, severo, limpo e seguro. É utopia, eu sei, nem no cinema isso é possível. Muitos poderiam ser recuperados se houvesse interesse real da sociedade. Aliás, é melhor nem enveredar por assuntos que envolvem a sociedade, porque, se pudéssemos ter uma radiografia dela, teríamos de soltar muitos presos para cederem seus lugares a "senhores" bem mais perigosos.
31/10/1984. Dois anos, três Natais com o próximo, mais seis meses preso em 1977. Será que o diretor conseguirá a tão sonhada visita à família neste fim de ano para mim? Só quem está preso

pode avaliar o valor de alguns momentos de liberdade. Por isso, para cortar a ansiedade, resolvi enfiar a cara no livro que estava lendo, Casa-grande senzala, e trabalhar, deixando para o destino a solução dos problemas.
O campeonato de futebol, vencido por um dos times dos internos, tinha terminado quase sem incidentes, e o único que houve foi hilário. Evidente que tinha de acontecer na final e contra o time dos guardas. A situação ficou quente na hora em que o juiz, que era um dos presos, expulsou de campo um guarda. Revoltado, o agente ameaçou o juiz com "tranca". Como não conseguiu mudar a atitude do árbitro, que permaneceu impassível apontando com o dedo indicador uma das laterais do campo, partiu para a agressão. Só não aconteceu o pior porque o inspetor entrou no rolo e mandou o guarda sair. Esse guarda era bom sujeito e jogava um bolão, era dos poucos que os presos não odiavam, eu o conhecia bem, pois era chefe da vigilância. Não guardou rancor e depois que esfriou a cabeça achou a situação ridícula.
6/11/1984. Marilena e eu não pensávamos em outra coisa: saída no fim do ano. Quando saberíamos o resultado da conversa do diretor com o juiz? Toda manhã, no telefone, ela me fazia a mesma pergunta:
— Alguma notícia?
O tempo ia passando, eu o preenchia com caminhadas, leituras, trabalho e escrevendo. Duas vezes por semana jogava vôlei. Quanto ao que escrevia, eu estava mais suave, agora que me encontrava havia algum tempo numa penitenciária sem tantos problemas.
448
Escrevia sobre meu comportamento no passado, com uma autocrítica feroz, achava que não tinha respeitado o sentimento das pessoas, que tinha vivido uma vida boba e vazia. Irritava-me com minha personalidade. Mas, quando pensava mais profundamente no mundo, no egoísmo do ser humano, na concorrência que é a vida, em que uns passam por cima dos outros sem dó nem piedade, me desculpava um pouco; mas só um pouco. Um dia voltaria a viver uma vida normal e teria de ser um homem melhor. Esta faculdade que estava cursando serviria para me orientar, tinha certeza disso. Não poderia usar esse tipo de aprendizado nos negócios nem no cotidiano, mas certamente encararia a vida com mais seriedade. Preocupava-me com meus filhos, adivinhando o quanto a cabecinha deles estava mexida, envergonhada por causa de minha vida inconseqüente e de tudo o que tinha saído nos jornais e noticiários. Quantas mentiras, quantas notícias sem um mínimo de investigação. Escrevi páginas e mais páginas sobre essas coisas. Pus no papel muito sobre Marilena. Sua bondade e dedicação eram aulas de amor. Foram muitas páginas sobre esse assunto e outras tantas planejando nossa vida futura. Muitas vezes, mortificado pela consciência de planejar o futuro enquanto uma família sofria a interrupção brusca de uma vida. Aí rasgava tudo que escrevia.
12/11/1984. A maconha roubada já foi toda vendida e consumida, o assaltado ficou sem o "bagulho" e com dívida. Como ele é um dos que vão sair no fim do ano, terá oportunidade de correr atrás do prejuízo. Se não tiver sorte...
27/11/1984. Esta história de o sistema estar falido rendeu muita diversão para os internos daqui. Da primeira vez, foi quando usaram o "Sítio" para a filmagem de Feras em fuga, e agora, poucos dias atrás, Mick Jagger esteve aqui para olhar o pavilhão 1. Ficou encantado com o desenho do prédio e seu interior. Conforme descrevi na minha chegada: construção do final do século XIX (primeira penitenciária do estado do Rio), sinistra mas muito bonita. Fechou negócio com o Desipe e passou três dias aqui. Instalou dois ônibus-camarins do lado de fora e passa o dia filmando um thriler que deve sair nas TVS do mundo inteiro. Nestes dias a prisão esteve agitada das sete da manhã às sete da noite. O pátio e o pavilhão 1 ficaram com aparência holywoodiana, com máquinas que subiam e desciam carregando as filmadoras, e os técnicos, carregados de medidores de luz e som.
449
Oitenta internos participaram da produção. Ficaram encantados com Mick Jagger, que, ao contrário

do que tem feito com a imprensa, foi carinhoso com todos. Sua equipe era muito engraçada: homens de cabelos compridos requebrando, garotas pisando duro. Duas negras inglesas super-exóticas, técnicos e produtores ingleses e brasileiros. Isso tudo misturado com os internos, que se tornaram seus admiradores e faziam "fiu-fiu" para eles o tempo todo, transformando o ambiente numa descontração total. A vigilância estava sempre com alguns da equipe dependurados no telefone. Atendi o inglês que mandava em tudo, fiz várias ligações para ele. Como conversei com ele no meu péssimo inglês, convidou-me para fazer papel de diretor de prisão. Não aceitei mas indiquei o Alemão, que também declinou do papel, que acabou sendo feito por um dos guardas. Quanto à equipe brasileira, também era muito simpática, às vezes brincavam comigo, dizendo que quem mandava na cadeia era eu.
No último dia, em agradecimento, Mick Jagger fez um show para nós. Instalou caixas de som e luzes de todas as cores que, no interior daquela construção antiga de grades e concreto escurecido pelo tempo, davam uma impressão incrível. Do terceiro andar, na escada de ferro com as portas dos cubículos abertas, ele fez o show. Foi lindo, os internos foram à loucura. Durante duas horas ele e sua banda cantaram, brincaram e puseram todos dançando. Vagabundo pulou, requebrou com os braços levantados, aplaudiu e ficou triste quando eles foram embora.
5/12/1984. No decorrer do dia recebi uma dezena de telefonemas, telegramas e cartas, por estar completando 51 anos. A carta de Raul tão carinhosa me comoveu, o telegrama de Marilena e seus filhos também. Algumas das cartas dos amigos, além dos parabéns, traziam casos, mensagens engraçadas com intuito de me animar. Meu amigo Valdemar Ramos, por exemplo, comprador de uma multinacional e meu maior cliente, contou com detalhes sua operação de hemorróidas. Todos os familiares ligaram no decorrer do dia, Marilena, Raul, meus pais, irmão e cunhada. Como eu era o encarregado do telefone, muitas vezes alguém assustava. Pois, ao ligar para a penitenciária, pensando que teria dificuldade para me achar, era surpreendido com...
— Pode falar, sou eu.
Fora esses fatos, o dia passou tranqüilo e à tarde, depois de minha caminhada diária, joguei vôlei. Num certo momento da partida, chegou

o diretor e se sentou na arquibancada recém-inaugurada. Ficou ali assistindo, sem se manifestar. Foi ponto do meu lado e eu é que ia sacar. O diretor se aproximou e me falou baixinho:
— Tenho boas notícias, você passará o Natal e o fim de ano em família.
Saquei e quando o ponto acabou pedi substituição. Procurei o diretor para agradecer-lhe, mas ele já tinha saído de lá. Fiquei doidão de alegria e saí caminhando sozinho até tocar a sirene para o "confere". Naquela noite a minha porta ficou fechada, os que assistiam à TV comigo tiveram de procurar outro aparelho. Quis ficar só, não queria dividir com ninguém aquela notícia. Os primeiros a saber seriam meus familiares. Fiquei muito tempo no escuro de olho fechado, procurando não pensar. Sabia que, a partir da primeira saída, começaria uma nova etapa dentro do sistema. Aquilo me excitava tanto que tinha de usar todo o meu controle para demonstrar normalidade. Não sei por que achei isso importante, mas foi a reação que tive.
6/12/1984.
— Alô, Marilena... vamos passar o Natal e 31 de dezembro juntos.
— Como assim?
— É isso que estou dizendo, passaremos o Natal e a entrada do ano juntos, na rua passeando a pé no calçadão de mãos dadas.
Um grande silêncio do lado de lá e em seguida:
— Não acredito... tá querendo me deixar louca?
Demorei um pouco para fazê-la entender. Quando finalmente chegamos a um acordo, eu não tinha mais tempo. Tinha de abrir a porta da vigilância para que os internos fossem entrando um a um, para

usar o telefone. Aquilo era a pior parte do meu trabalho, tinha de anotar o nome do interno, da pessoa com quem ele ia falar e do número do telefone. Cada um podia dar um telefonema, e todos, sem exceção, queriam dar mais de um.

15/12/1984. Ler meu nome na lista dos que sairão no fim do ano me deixou tão emocionado que chorei. Não sei por que isso aconteceu, pois nos últimos dias tratei disso o tempo todo. Providenciei a documentação de Marilena, que será a responsável por mim, pela minha retirada no dia 24 às nove horas e pelo meu retorno no dia 26, também às nove. Tudo estava pronto, 99 sairiam, cada um teria a autorização assinada pelo juiz, em caso de ser reconhecido e abordado pelas autoridades. Mamãe, papai, Marilena e Raul virão de São Paulo.

451

Minha cabeça tinha mudado naqueles dias, uma luz tinha aparecido no fim do túnel. Afinal, todos os que saíram no ano passado foram transferidos para prisões semi-abertas.

27/12/1984. Poucos dias antes do Natal chegaram os brinquedos que Gisela Amaral me prometera. As moças do serviço social estavam radiantes e ao mesmo tempo surpresas, nunca tinham visto tantos brinquedos juntos, 380 para ser exato.

A noite de 23 para o dia 24 passei praticamente acordado, estava muito excitado para dormir. Apesar de nem tudo ser como eu queria, pois papai não poderia vir por causa das dores, às seis da manhã já estava pronto, banho tomado, barba feita e vestido com uma camisa nova que Marilena me dera no último domingo. Tudo passava pela minha cabeça... iríamos para casa de Maria Zélia de ônibus? Ou era melhor pegar um táxi? Bom, o ônibus, pelo que eu tinha me informado, nos deixaria nas barcas. Era só atravessar e pegar outro, que pouco tempo depois estaríamos na Sá Ferreira.

Às sete horas o diretor reuniu no auditório todos os que iam sair. Fez uma pequena preleção e desejou feliz Natal. Às nove em ponto começamos a sair, o familiar que chegasse mostrava a autorização do juiz e o interno era chamado. Fui dos primeiros e, quando cheguei lá fora, para completar minha alegria, além de Marilena estava Raul. Abracei-os com todo o amor e emoção que aquele momento me causava. Ainda abraçado, arrastei-os rampa abaixo, queria ver a rua, os carros, os pedestres e um parque, muito verde e bonito do outro lado da rua. Passada a primeira emoção, mostraram-me um Gol prata que estava no estacionamento...

— Sua mãe alugou para você.

Olhei o carro, depois me virei para os dois e Raul sacudia as chaves do veículo.

— Você ainda sabe guiar?

Agarrei as chaves, destranquei, esperei os dois se acomodarem e saí devagar.

Olhar a ponte Rio—Niterói, assistindo àquele imenso tráfego de véspera de Natal e, ainda por cima, acompanhar chegadas e saídas de vôos do aeroporto de Santos Dumont me dava uma sensação estranha. Fazia-me entender que, por mais que não pudesse esquecer o passado, eu tinha de olhar para a frente e encarar o futuro com tranqüilidade. A primeira coisa que fiz foi ir à casa da prima Maria Zélia, minha querida

452

amiga, que tanto me ajudava hospedando papai (enquanto estava por aqui), Marilena e às vezes o Raul. Depois fui encontrar minha mãe num hotel de frente para o mar em Ipanema. Outra vez o encontro foi cheio de emoção. Mas o dia estava lindo e não perdemos tempo, fomos para a praia. Coisa mais linda... Ipanema e Leblon, imbatível. E as meninas... tinha uma que chamou minha atenção, se lambuzava com um bronzeador e fazia uma movimentação tão alucinante que Marilena perguntou se Raul e eu queríamos um babador. À noite, como não conseguimos reserva em nenhum restaurante, ficamos no hotel, estávamos com dois apartamentos lado a lado. Pedimos comida e bebidas e ficamos esperando dar meia-noite.

Dia 25 foi calmo e, apesar de não estar um dia lindo, Marilena e eu fomos passear no calçadão. Aquilo foi uma festa, gente bonita caminhando, andando de bicicleta, jogando vôlei, raquetinha etc.

Tinha um camarada fazendo windsurfe numa velocidade incrível. Marilena continuava querendo me pôr um babador. Não era por ciúmes, era pura gozação. Ela dizia:
— Logo se vê que você esteve preso todo esse tempo.
Almoçamos todos juntos e depois fomos levar mamãe passear. Fomos até o Leme e, na volta, passamos pelo Country Club em Ipanema, paramos um minuto para ela matar saudades dos seus tempos. Depois continuamos pela avenida Vieira Souto e pela avenida Niemeyer, fomos até a Barra, ela queria ver o Golfe Clube. Nos dois dias de liberdade, falei com meu pai todas as vezes em que entrei no hotel, para que ele não sentisse tanto não estarmos juntos na minha primeira saída.
Tive de fazer muita força na noite do dia 25 para não me deixar abater e manter o astral alto, pois no dia seguinte, às nove horas, começaria tudo de novo. Só às duas da manhã, após Marilena pegar no sono e eu ir para a janela e ficar olhando o mar, é que senti como se um anel apertasse meu coração. Fui até o apartamento da minha mãe, peguei uma de suas pílulas para dormir, tomei e pedi à portaria que me acordasse às seis horas. As despedidas foram conforme o combinado: só um abraço e um beijo na minha mãe. Em seguida, Marilena e Raul me acompanharam até a penitenciária em Niterói. De novo, despedidas simples, para em seguida eu desaparecer atrás do grande portão. Foi duro, mas sabia que no dia 31 sairia novamente. Assim mesmo o impacto foi brutal. A massa, os guardas, o pavilhão 3, o cubículo, os papos nada tinham a ver com

minha vida. No momento em que saí, três dias atrás, e encontrei Marilena e Raul, reassumi minha vida como num passe de mágica, nem pensei mais que minha realidade era diferente e estava cumprindo pena. Agora, olhando tudo aquilo, procurava amortecer o choque. Vesti-me e fui para a vigilância. A secretária do diretor estava lá, conversando com os outros dois "faxinas", meus companheiros. Falavam sobre a festa das crianças e do sucesso que tinha sido a distribuição dos brinquedos. Aqueles quatro dias passaram devagar, mas deu para agüentar, apesar das novidades que cada um dos que saíram tinha para contar. A mais extraordinária foi a de um senhor mais ou menos da minha idade, 1m 80 de altura, gordo e de óculos. Encostou um caminhão nos fundos de uma loja de departamentos e ficou durante quatro horas carregando-o com geladeiras, televisões e uma quantidade enorme de outras mercadorias. O mais curioso desta história é que tudo o que foi roubado já está à venda em outra loja, só que num lugar mais sofisticado, na região dos lagos. Interessante mesmo era a atitude desse senhor; encarava aquilo como puro negócio.
Pelo que me lembro, só um dos que saíram não apareceu. No fim do segundo dia, em 28 de dezembro para ser exato, foi descoberto preso em uma delegacia na Baixada, acusado de assalto à mão armada a um posto de gasolina.
Em 30 de dezembro, os que já tinham saído não precisavam mais ser retirados por seus familiares. Era receber a nova autorização do juiz e sair. Às nove horas, conforme o previsto, saímos. Os que iam para o Rio, inclusive eu, encontramo-nos no ponto do ônibus para ir todos juntos para o local de onde saíam as barcas. O ônibus passou vazio e nós éramos mais ou menos quinze, foi engraçado ver aquele bando de presidiários bagunçando como colegiais. Como me dava muito com Careca, sentamos juntos, fizemos a travessia juntos e nos despedimos quando peguei o ônibus que me levaria a Copacabana.
Fui curtindo aquele passeio de ônibus até a rua Sá Ferreira. Quando cheguei ao apartamento de Maria Zélia, onde ficaria hospedado juntamente com Marilena e Raul, os três me esperavam na sala. De novo, depois que me despedi do Careca e dos outros companheiros, retomei minha vida sem pensar mais em penitenciária, guardas, diretor, companheiros e tudo mais. Então, quando cheguei já fui arrastando todos para a praia. Queria tomar um chopinho na avenida Atlântica, olhando o movimento, o mar. Mais tarde, depois do almoço, fomos ao cinema, que é dos

programas que Marilena e eu mais gostamos e, à noite, um pouco antes da meia-noite, caminhamos

até a praia para assistir à queima de fogos. Foi muito bonito. Virei o ano de mãos dadas com Marilena e Raul, meu filho me deu um grande abraço, nunca mais esqueci aquele momento:
— Pai, eu te amo, tenho orgulho de você.
Depois da passagem de ano, caminhando de volta, íamos imaginando como seria o futuro. Os três, naquele momento, tínhamos uma visão bem clara de qual era minha realidade, mas havia uma esperança, e o primeiro passo tinha sido dado. Tive de explicar que, depois de condenado, o apenado não tem nada a ver com a Justiça comum, toda sua vida é regida pela VEC (Vara de Execuções Penais), e o juiz de lá tinha me concedido o primeiro direito meu, o de visita à família. Dali por diante, seguramente, iria encontrá-los na rua mais vezes.
Não tenho registro do horário que eu voltei para a penitenciária naquele primeiro dia do ano de 1985. Acho que tínhamos até as dez horas para nos apresentar. Não quis que me levassem, fiz ao contrário: deixei-os no aeroporto e segui para as barcas rumo a Niterói e à penitenciária.
1/1/1985. NOVAMENTE PAPAI NÃO TINHA PODIDO VIR NO FIM DE ano, mamãe na última hora também desistiu. Falei com eles todos os dias, desde o dia trinta até hoje pela manhã. Estão bem, se fosse caso de emergência até poderiam ter vindo. O velho está animado, planeja vir até aqui no mês que vem.
Dos 97 detentos que saíram no fim do ano, só 91 voltaram. O diretor mandou procurar nas delegacias e necrotérios, como não os encontrou, notificou a VEC.
Zé Antônio, aquele que foi preso com 75 quilos de pó, conseguiu ser transferido para sua terra. Ao se despedir, me deixou seu endereço e pediu que escrevesse sobre ele, se algum dia resolvesse contar minha história. Queria receber um livro autografado. Desde o dia em que uma editora de revistas esteve aqui à minha procura, alguns internos me cobram isso.
16/1/1985. Quinze dias se passaram, e quem saiu no fim do ano teve autorização de passar o fim de semana em casa. A única exigência era ter residência fixa. Eu fui beneficiado, porque meu endereço no sistema

era na rua Sá Ferreira, em Copacabana. Não só saímos como recebemos a promessa de sair a cada quinze dias, até sermos transferidos para uma prisão aberta. Saí ontem, 15 de janeiro e retornei hoje. Como da outra vez, atravessei a ponte Rio-Niterói com o Careca e novamente nos despedimos quando apanhei o ônibus rumo a Copacabana. Meu amigo vinha preocupado, havia boatos de que quem estava visitando a família e tivesse residência fixa e emprego comprovado seria transferido para uma prisão semi-aberta. Eu já tinha arranjado uma carta confirmando um emprego como vendedor de anúncios luminosos, em uma empresa de um parente. Tinha pedido pelo meu amigo também, mas sem nenhum sucesso. Que pena, ele era um eletricista de mão-cheia, poderia trabalhar em qualquer construtora.
No sábado, logo após minha chegada ao apartamento de minha prima, onde ela e Marilena já me esperavam, fomos à praia. Depois do almoço, enquanto Marilena fazia a sesta, liguei para Gisela Amaral para agradecer os brinquedos e contar do sucesso e a alegria que eles causaram. Antevendo que dentro em breve eu precisaria de um emprego de fato, pois o parente que me empregara já estava com oitenta anos e não pretendia conservar a empresa aberta por muito tempo, pedi a Gisela que sondasse seu marido, Ricardo, quanto a um emprego em suas organizações, afinal ele tinha várias casas noturnas no Rio, São Paulo, Nova York e Paris. Para conversarmos melhor convidou-nos para jantar, naquela noite.
Foi um jantar muito agradável a três, pois Ricardo não estava no Brasil. Só voltamos a falar sobre o emprego na sobremesa e chegamos à conclusão de que o juiz não iria autorizar um trabalho noturno. Mas ela iria pensar em alguma outra coisa.
No domingo, como as praias são muito cheias, ficamos com minha prima no apartamento, tomando sol e chuveiradas no terraço. Sentia-me tranqüilo e seguro de mim, pois vários amigos e familiares

ligaram expressando solidariedade. Tive ímpetos de telefonar para dr. Evandro e pô-lo a par das novidades, mas depois de pensar um pouco mudei de idéia, preferindo surpreendê-lo um pouco mais adiante, visitando-o em seu escritório. No fim da tarde, Marilena e eu pegamos um ônibus que passava pelo aeroporto. Após seu embarque, eu segui a pé até a Praça 15, onde se encontram as barcas que fazem a travessia até Niterói. Tive sorte e peguei uma imediatamente. Achei um ótimo lugar perto da janela e quando estávamos
456
no meio do canal e eu olhava uma das pontas da pista do Santos Dumont, um Electra da ponte aérea decolou e eu atirei um beijo para o meu amor, que provavelmente estava naquele vôo. O avião desapareceu atrás da montanha e a barca continuou seu caminho. Apesar de estar voltando para a penitenciária, aquele era um momento sem tristeza: havia esperança. Sentia o peso da solidão e de ter de enfrentar a massa carcerária, os guardas e a penitenciária, mas estava tranqüilo, sabia que o pior já tinha passado. Entrei conforme o previsto — às dezenove horas —, fui direto para o cubículo e comecei a escrever sobre os últimos acontecimentos.

Nunca nos momentos de euforia deixei de pensar em Ângela e de sentir um desconforto enorme. Acho que não preciso descrever o que sentia e sinto. Quando isso acontece meu coração dói e me sinto só, mesmo no meio de uma multidão. Geralmente fico refletindo a respeito de tudo o que aconteceu e sempre sinto a intranqüilidade da próxima hora, do futuro tão inesperado. O que guia nossos destinos? Quando Marilena está por perto converso com ela. Conto tudo, para desabafar.

21/1/1985. Marilena estará me visitando no próximo sábado e domingo, e no outro estarei na rua novamente. Assim espero, o sistema é meio imprevisível e é bom sempre estar preparado para alguma mudança.

Filomeno, o Fio, recebeu o alvará de soltura no fim do ano. Ainda tinha um bom tempo a cumprir, mas estaria na condicional. Tinha sido um assaltante famoso, mas desde sua prisão era outro homem. Tornara-se religioso, não pisava na bola e tinha vários elogios na ficha. Estava sem sair havia mais de oito anos, seu artigo era o 157 (assalto à mão armada acompanhado de morte). Ao se despedir de seus companheiros, alguns o aconselharam...

— Cuidado.

Não soubemos como foi ou qual a razão, o fato é que já está morto.

Bianca terminou sua pena de catorze anos há mais ou menos vinte dias, e no último fim de semana foi presa e está numa delegacia. Parece que telefonou para o diretor pedindo ajuda. Alega que não fez nada, foi só arruaça.

Dois Cu, em sua última saída matou dois, mas, pelas informações que chegaram aqui, durante o tiroteio foi baleado e também faleceu. Seu corpo está no IML e até agora ninguém o reclamou.

25/2/1985. Depois de Marilena me visitar mais uma vez e de passar o domingo no parlatório comigo, tive uma grande surpresa na segunda-feira.
457
Fui avisado de que seria transferido para uma prisão semi-aberta, o Instituto Romeiro Neto, aqui mesmo em Niterói.

30/2/1985. Um ônibus do sistema transportou dezesseis internos para o Romeirão, como era chamado o nosso novo endereço. Nosso comportamento era eufórico, parecíamos colegiais, apesar de todos ali já terem passado o fim de ano na rua e depois disso ter saído pelo menos uma vez. Tudo era novidade. Um novo sistema, uma nova casa, um novo diretor e, provavelmente dentro de uma semana, uma nova vida, pois começaríamos a sair todos os dias pela manhã e retornaríamos à noite. Mas naqueles momentos, antes de chegarmos, tudo era expectativa.

O ônibus parou em frente a um muro alto, o portão estava entre -aberto e não havia guardas tomando conta nem guaritas. O agente que dirigia o ônibus pôs o veículo em movimento novamente e foi dirigindo devagarzinho até chegar ao portão. Do lado esquerdo, bem em frente, tinha um

supermercado de proporções gigantescas, que chamou nossa atenção. Abriu a porta e disse:
— Deixem o supermercado para depois, agora desçam e se apresentem à inspetoria.
Tudo tinha mudado, a atitude dos guardas, a postura do inspetor que nos recebeu e o portão que continuou aberto. Após o inspetor fazer uma chamada e conferir os documentos de cada um, nos encaminhou para um corredor, onde deveríamos permanecer esperando.
Albergados passavam por nós, entravam e saíam sem muita burocracia. Depois de nos conhecer um a um, o inspetor assinou o recibo que dava por encerrada aquela primeira fase: estávamos entregues. Em seguida levou-nos para conhecer a cozinha e os albergados que trabalhavam ali. Para minha surpresa, já conhecia todos.
Muitos albergados que tinham profissão como cozinheiros, marceneiros, pedreiros etc. e não conseguiam emprego, trabalhavam no sistema e moravam ali. Dali por diante todos nós teríamos no "Romeirão" um apoio: cama, comida, banheiro com chuveiro e boi, serviço social e um atendimento advocatício, composto por estagiários.
Depois fomos aos dormitórios, que eram três e do mesmo tamanho. Nunca vi tantos beliches juntos, cada um com três andares. Deixaram que escolhêssemos nossas novas camas e recebemos um armário, parecido com esses de guardar bagagem em aeroporto. Tive sorte, arranjei o último andar de um beliche, bem em frente ao armário que me

coube. Depois fomos conhecer o pátio que servia para recreação, para lavar roupa, para secá-la, para jogar futebol de salão e tomar sol. Ficava atrás da cozinha e ao lado do último dormitório. Tinha dois tanques de lavar roupa e um bom campo de futebol de salão.
Após essa visita ficamos liberados por meia hora, já que eram quatro e meia e o jantar era às cinco. Baiano, que com sua simpatia conseguiu escapar dos castigos e dos maus relatórios sobre seu comportamento por causa de jogo (carteado), sugeriu a mim e a Gilberto, que era goleiro da seleção do "Sítio", irmos até o supermercado. Pedimos permissão ao inspetor, que autorizou com a condição de estarmos de volta às dezessete horas, pois a diretora queria conversar com todos após o jantar.
Chegamos na hora, mas não jantamos no pequeno refeitório. Entusiasmados como estávamos após um passeio pelo supermercado, compramos hambúrgueres e refrigerantes e comemos no pátio.
A reunião com a diretora foi boa, nos deu boas-vindas e nos orientou como deveríamos proceder nos próximos dias. Avisou que só poderíamos sair depois de uma semana, mas que durante essa primeira semana teríamos algumas horas para procurar emprego e o portão estaria aberto, portanto dar umas voltas nas imediações era permitido. Passar o fim de semana com os familiares, só a partir da segunda semana, mas poderíamos receber visitas neste próximo sábado e domingo.
Os que já possuíam colocação tinham de trazer um membro da família e a companheira, se tivesse, para assinar alguns papéis e passar por entrevista com a administração. Fez uma preleção sobre ser pego com drogas ou armado. Para os que permanecessem sem emprego, ela os utilizaria, se concordassem, na construção de duas salas à direita do pátio de entrada. Em seguida nos dispensou, aconselhando a todos que não perdessem a oportunidade de voltar a ser cidadãos livres.
4/3/1984. Nessa primeira semana cumpri todos os procedimentos que a nova casa exigia. A prima Maria Zélia veio e assinou um termo de responsabilidade a meu favor, e Marilena, que esteve me visitando no fim de semana, veio antes de São Paulo, na sexta- feira, e conversou com a diretora. Só uma vez utilizei essas duas horas diárias. Fui sincero com a administração, contei que a colocação que tinha era temporária e almejava algo melhor. Para isso fui procurar um banqueiro amigo, que tinha certeza de que me receberia bem. Como de fato recebeu. Luiz Afonso

Cardoso de Mello Álvares Otero, banqueiro de visão fora do comum, excêntrico e bom amigo, não só me deu o emprego, como também dinheiro para eu comprar um carro.
— Você não está acostumado a andar de ônibus — disse ele sorrindo, entregando-me o dinheiro.

Como eu tinha trabalhado com carros, me ofereceu fundos para começar um novo negócio. Não pude aceitar, não me sentia com capacidade naquele momento. Estive muito inseguro nessa época, achava que as pessoas, ao me reconhecerem, desconfiariam de mim.
De todo jeito só iria trabalhar com ele dentro de sessenta dias, pois não poderia fazer desfeita para o parente e amigo que me estendera a mão. Iria esperar o encerramento da empresa, para depois me registrar no Banco PEB, um banco pequeno que operava muito na Bolsa.
Fora esses trâmites exigidos, que foram cumpridos à risca, a semana passou tranqüila.
Bem em frente ao supermercado, do outro lado da rua do "Romeirão", havia quatro orelhões. Para usá-los era só atravessar a rua, não era necessário pedir permissão, também não era obrigatório fazer as refeições no instituto, apesar de a comida lá ser tão boa, que a maior parte das vezes foi lá que comi. Só duas vezes almocei no restaurante do supermercado.
15/3/1985. Cheguei cedo na casa de Maria Zélia e Jaime, meus primos que me hospedavam até as coisas melhorarem. Entrei pé-ante-pé para não acordá-los. Fui direto para o quarto que ocuparia naqueles primeiros tempos. Tinha um terraço que dava para os morros do Pavão e Pavãozinho e um ótimo banheiro. Em cima da cama encontrei um bilhete que me avisava para não ir à empresa em que ia começar a trabalhar, porque não tinha nada para fazer, estavam só cuidando de encerrá-la e isso seria feito a portas fechadas. Não precisava me preocupar, se aparecesse alguém do sistema para me visitar, diriam que eu estava visitando firmas. Não me preocupei, já tinham me avisado que isso poderia acontecer.
Aproveitei para deitar e dormir mais um pouco. Acordei uma hora depois com o barulho dos meus primos tomando café. Fui juntar-me a eles, pois o cheiro que vinha da copa, além de gostoso, me fez lembrar que estava em jejum.
Depois do café em família fiquei ansioso, afinal aquela não era a situação ideal.
460
Liguei para Marilena e depois para Luiz Afonso para ver se conseguia começar a trabalhar imediatamente. Infelizmente ele tinha viajado para a Itália e só voltaria em vinte dias.
Nos últimos tempos tanta coisa tinha acontecido, e de maneira tão rápida, que nem tive cabeça para avisar meus advogados. Aproveitaria aquele dia para visitá-los. Primeiro fui até o escritório do dr. Evandro na avenida Rio Branco e, quando encontrei dr. Ilídio na entrada, já fui avisando:
— Não se assuste, não fugi, está tudo bem.
Ele mesmo me levou até a sala do ministro, que me recebeu com a majestade de sempre. Durante o cafezinho, contei-lhes tudo o que tinha acontecido, desde a entrevista com o diretor da penitenciária Ferreira Neto, que me abriu o caminho para as saídas de fim de ano, até a transferência para a Romeiro Neto, uma prisão semi-aberta. Depois de ouvir tudo, dr. Evandro achou melhor continuar na mesma linha. O que eu tinha conseguido era dentro do sistema penitenciário, ele estava tentando diminuir minha pena, o que me beneficiaria com a condicional. De lá mesmo telefonei para dr. Humberto, para contar as novidades.
Tudo estava caminhando, só estava preocupado por não estar trabalhando de verdade.
Passados alguns dias, minha prima, percebendo minha angústia, me apresentou a um conhecido que administrava imóveis de aluguel para temporada. Um tipo de empresa muito comum no Rio. Fui conversar com ele e gostei do negócio. A firma dele tinha uma centena de apartamentos para alugar, a maior parte em Copacabana. Alugava por dia, por semana ou por mês, de acordo com a necessidade de cada turista. A comissão era boa e ele precisava de mais um corretor. Fiquei com a vaga e comecei no mesmo dia. Então a situação ficou assim: eu tinha um emprego e trabalhava noutro. Fiquei bastante tempo fazendo isso, quase dois anos, era um bom negócio e continuei nele mesmo depois que Luiz Afonso me registrou em sua firma. Comprei um carro para ter um pouco mais de conforto e fui tocando a vida desse jeito. Todo fim de semana, Marilena vinha e passávamos o sábado e domingo juntos.

20/4/1985. Muita coisa tinha mudado desde minha saída da penitenciária Ferreira Neto. Levava uma vida de meia liberdade, mas me sentia vivendo novamente. Cumpria todos os horários e deveres exigidos pelo sistema. Inicialmente saía às seis horas da manhã e voltava às 21 horas, mas, pouco tempo depois, passei a retornar às 23 horas.
461
A luta pela vida não era fácil, a concorrência enorme tornava as coisas difíceis, um lugar ao sol tinha de ser conseguido com muita persistência. Eu tinha o apoio de Marilena, da minha prima e, se a coisa apertasse muito, sabia que podia recorrer a Luiz Afonso.
Na verdade, eu tinha duas vidas completamente opostas, a familiar, com meu trabalho e os amigos, e a da sociedade carcerária. Só agora lendo o que escrevi na época é que percebo que conseguia levar as duas numa boa, apesar da enorme diferença entre elas.
Nas prisões semi-abertas, presídios e penitenciárias a vida também continuava e toda noite, quando voltava para o "Romeirão", baixava uma cortina e subia outra. Minha vida virava como se vira uma moeda. Outras histórias, outras conversas e outros problemas. Todos os dias havia fatos novos, tais como: fugas, prisões, assaltos, mortes em tiroteios com a Polícia ou entre facções nas penitenciárias. Fora as mortes acontecidas por retorno aos morros de origem.
Pira tinha sido morto por um companheiro que o acompanhava quando juntos iam em direção a sua casa. O matador morreu em seguida, assim que comunicou ao mandante a notícia de que tinha completado o serviço.
Fiquei chocado quando tive certeza do fato. Gostava daquele camarada. Foi meu amigo e me ajudou muito numa hora difícil de minha vida, em que corri sérios riscos por não conhecer o sistema nem saber como me mexer dentro dele. E não foi só a mim que ajudou enquanto comandou a política de entrada e saída de internos na Lemos de Brito. Enquanto o consultaram, ninguém morreu. As mortes só começaram porque trouxeram gente da Ilha e de outras cadeias, misturando as facções. Não estou fazendo a apologia de um bandido que era meu amigo, só estou contando o que aconteceu naquela época.
10/5/1985. Há mais ou menos vinte dias fui a São Paulo por quase duas semanas. Após quase três anos, voei para lá para passar a Semana Santa com a família. Emocionei-me quando vi Raul me esperando no aeroporto, isso aconteceu novamente ao entrar no apartamento de Marilena e dar com ela e os filhos comemorando minha chegada.
O juiz autorizou a viagem por duas razões: primeiro para visitar a família na Semana Santa, e segundo, porque um megaindustrial de São Paulo me ofereceu um emprego. Iria ser encarregado de nomear representantes de sua empresa no Rio de Janeiro. Não deu certo, a indústria
462
era familiar e membros de sua família não concordaram com minha nomeação. Senti pela primeira vez uma barreira por ser quem eu era. Nos cinco anos que fiquei em liberdade, esperando julgamento, tinha feito contatos com empresas nacionais, multinacionais e bancos, sempre fui bem recebido, conseguindo realizar negócios de monta. Mas desta vez não tinha dado certo. Paciência, não ia ficar traumatizado com isso. Pedi a quem me convidara uma carta para me justificar perante à VEC e à diretora do "Romeirão".
Nos cinco dias que fiquei em São Paulo estive com papai todas as tardes, almocei com minha mãe quase todos os dias. Revi meu filho caçula, Luis Felipe, e fiquei muito emocionado ao reencontrá-lo. Apesar de estar com apenas dez anos, encarou nossos poucos momentos juntos com seriedade. Fez um pouco de cerimônia, mas isso considerei normal, pois mal se lembrava de mim.
Revi alguns amigos em um jantar que me ofereceram, e no dia seguinte fui almoçar com Plínio Calil e Ernesto Colombo, proprietários da última empresa na qual havia trabalhado enquanto aguardava julgamento. Depois disso, fui com Marilena e Raul para a chácara da minha cunhada e meu irmão, onde fiquei até terminarem os feriados.

O retorno foi traumático, é claro, depois de quinze dias brincando de homem livre, assinar o livro de entrada no Instituto Romeiro Neto não foi nada fácil, apesar de saber que às seis horas da manhã estaria na rua novamente. É... aquilo era um choque de alta voltagem. Os quinze dias que passei com Marilena e minha família tinham me jogado de volta à normalidade da vida, mas o retorno me trazia à realidade recente, com seus traumas e lembranças, me fazendo pensar em por que estava ali cumprindo pena.
Deitado no terceiro andar de meu beliche, naquela primeira noite após a Semana Santa, pensava no passado, no sonho de viver um amor impossível, de ter consciência disso e de ter continuado rumo ao abismo que estava ali, a poucos passos. O que me fez agir assim? Os tóxicos? Era muito fácil culpá-los. Esses pensamentos não me deprimiam mais. Compreendia que não tinha como voltar o tempo e teria de conviver com isso o resto de meus dias.
Custei a dormir e quando o dia amanheceu fui acordado por Ser-ginho, que tinha chegado enquanto estive fora. Assim que me sentei no beliche para espantar o sono, vi Zé do Lago me dando adeusinho. Se aproximou e contou que tinha acabado de chegar da Lemos de Brito.
463
Cumprimentei-o e desejei boa sorte, mas não tive bom pressentimento, nem o apresentei a Serginho.
Quanto a este último, fiquei feliz em encontrá-lo, ele estava entusiasmado, a mulher e os filhos já tinham estado com a diretora e estava tudo pronto para ele sair a partir da semana seguinte. Quase dei conselhos para ele deixar os homossexuais em paz e arranjar um emprego, mas me segurei e não falei nada.
5/6/1985. Os dias e as semanas iam passando sem novidade. Sair cedo e voltar à noite. Sábados e domingos livres.
Uma manhã, quando saía caminhando em direção ao ponto de ônibus (raramente vinha com meu carro), fui abordado por jornalistas. Fui fotografado por um quarteirão e depois se aproximaram para que eu desse uma entrevista. Expliquei que estava impedido e podia ser prejudicado se os atendesse.
Uma semana depois saiu a publicação: três páginas com fotografias tiradas naquela manhã e outras de arquivo. No canto da primeira página aparecia: "Oh, que delícia de cadeia", e depois em letras enormes: BEM DISPOSTO, ELEGANTE E BRONZEADO, LÁ VAI DOCA STREET PARA MAIS UM DIA DE LIBERDADE.
Daí por diante a reportagem foi normal: escreveram alguns trechos de minha vida com Ângela, o crime, a condenação de quinze anos. Não omitiram que eu já tinha cumprido quatro anos e, pelo meu bom comportamento, a Vara de Execuções Criminais tinha me concedido prisão semi-aberta.
20/8/1986. Morei na casa de minha prima bastante tempo, o necessário para me fortalecer e acostumar com a nova vida. Mas, ultimamente, Marilena e eu alugamos um apartamento quase em frente ao Jóckey num bairro simpático, o Baixo Gávea.
Um ano depois de chegar ao "Romeirão" começaram os boatos de que aquele instituto iria se transformar numa prisão semi-aberta para mulheres.
Em fevereiro de 1986, fui transferido para o Instituto Vicente Piragibe, em Bangu. Também era uma prisão semi-aberta e fiquei lá até conseguir a condicional.
Os dirigentes desse instituto tinham a cabeça mais aberta, os horários não eram rígidos e eles demonstravam que, até provar o contrário, éramos confiáveis. Ao sairmos nas sextas-feiras, estávamos liberados até segunda-feira, às 23 horas. Todos os que moravam fora da cidade
464
e do estado podiam, desde que pedissem autorização ao diretor, viajar para suas casas nos feriados prolongados. Só ficamos literalmente presos durante os carnavais. Passei dois lá. Exprimi-me mal; não ficávamos trancados, ficávamos sem sair, pois podíamos andar no conjunto todo, que era bem maior do que o "Sítio".
Nas vezes que meu pai esteve muito doente, fui a São Paulo visitá-lo. Quando faleceu me liberaram

por quatro dias. Uma semana depois, uma de minhas tias, irmã por parte de pai, também faleceu, e fui liberado novamente. Só que desta vez só por 48 horas. Quase perdi a hora dessa vez, pois dr. Tancredo Neves, nosso primeiro presidente pós-militarismo, faleceu. Eu tinha viajado a São Paulo de avião e, com o excesso de movimento e confusão por causa da morte do presidente, não conseguia marcar a passagem de volta. Só depois de muita luta e explicação é que me deram prioridade e embarquei, quando uma senhora que passou mal desistiu da viagem.
Ontem, para dar andamento ao pedido da condicional, fiz exame de cessação de periculosidade e, dependendo do resultado, estarei apto ao benefício a qualquer momento. Daí para a frente é uma questão burocrática.
Éramos 22 fazendo os testes, quando chegou a minha vez estava ansioso e amedrontado, demorei um pouco para me controlar, mas assim mesmo acho que me saí bem.
Uma das promotoras da Vara de Execuções Criminais pediu vistas ao meu processo. Isso atrasa a liberação, porque o juiz só assinará a condicional após receber o processo de volta.
Aconteceu de tudo com o meu processo naquela época, até boatos de que ele estava perdido. Só consegui o que tinha por direito depois de muita luta e com quatro meses de atraso.
Assim que meus documentos da condicional ficaram prontos, carreguei as poucas coisas que tinha e rumei para São Paulo.
Fui direto para a casa de Marilena, surpreendi a todos porque não tinha contado a ninguém que a condicional finalmente tinha chegado.
Quando cheguei ao apartamento não havia ninguém, telefonei para a imobiliária onde Marilena trabalhava e...
— Venha para casa me ajudar a abrir espaço para minha roupa.
Ficamos vivendo juntos Marilena, e seus filhos Cláudia e Zé Maria. Adriana estava casada e Raul morava com minha mãe no meu antigo

quarto. Só tive um dia de descanso, que aproveitei para ver meu filho caçula e visitar sua mãe.
No segundo dia, comecei a trabalhar. Era 22 de agosto de 1987.
Minha condicional durou dez anos. Nesse tempo trabalhei em firmas de automóveis: Iguatemy, cinco anos, Guarujá Veículos, dois anos. Em 1993 resolvi trabalhar novamente no mercado de capitais e entrei para uma factoring. Fiquei pouco tempo, me aborreci com um negócio feito com um amigo e saí. Depois andei tentando vários negócios, leilão de automóveis, por exemplo. Fiz isso por uns dois anos. Após os leilões, voltei a vender automóveis da Volkswagen na Sabrico, cujo diretor-geral era meu amigo, e já tínhamos trabalhado juntos na Marcas Famosas em 1978, onde ele também era diretor-geral. Um ano depois, a empresa foi vendida, e eu fiquei uns dois meses sem fazer nada, já estava com 65 anos e senti alguma dificuldade em trabalhar, era meados de 1998. Depois de muita luta, fui vender caminhões Mercedes-Benz e fiquei quase dois anos na concessionária Tapajós. Não fui um campeão de vendas, pois 98 e 99 foram anos muito difíceis para o setor. Assim mesmo, quando decidi sair da empresa, o proprietário, dr. Antônio Saad, e o diretor-geral Paulo Lelis insistiram para que eu permanecesse com eles. Daí para a frente fiquei garimpando negócios e acabei voltando para o Banco Mercantil de São Paulo, do meu amigo Gastão Eduardo de Bueno Vidigal. Na ocasião, tinha sido intermediário na venda de uma casa para ele e, ao término do negócio, pedi para ser encarregado das vendas dos veículos inadimplentes do banco, o que fiz até o banco ser vendido, após a sua morte.
Naqueles anos pós-87, tinha de me apresentar à Vara de Execuções Criminais a cada noventa dias. Nessas ocasiões encontrava ex-companheiros na enorme fila de atendimento. Era quando obtinha informações sobre tudo o que estava se passando no sistema carcerário. Quem havia saído na condicional ou então fugira, quem retornou ou faleceu trocando tiros com a Polícia. Sempre me preocupei com o período pós-prisão. É muito difícil para um ex-detento reorganizar sua vida. Se

tiver ajuda e família tem alguma chance, caso contrário, noventa por cento das vezes volta a delinqüir. Para corrigir essa grande falha, o apenado deve aprender uma profissão enquanto está no sistema.
Era um choque de mundos, essas visitas periódicas ao sistema. Não me aborrecia ter de voltar a cada noventa dias, pelo contrário, aquelas eram horas de reflexão e de análise.
466
Em 1997, quando terminou minha pena, estive pensando se uma organização poderia ajudar os ex-condenados; talvez uma ONG, não sei; de repente ainda volto a pensar no assunto.
DEPOIS DE 1987, QUANDO CHEGUEI A SÃO PAULO, NINGUÉM SAbia que eu tinha conseguido a condicional. Graças a isso, a imprensa me deixou sossegado por algum tempo. Seguia minha vida com certa tranqüilidade, vendendo frotas de veículos da linha Volkswagen, como funcionário da empresa Iguatemy Veículos e me apresentando à Vara de Execuções Criminais a cada três meses. Mas em 1991 meu sobrinho, Churchill Street, diabético desde a adolescência, e na época com trinta e poucos anos, precisava fazer um transplante de rim, porque tinha sérias dificuldades com sua saúde. Por ser muito amigo dele e de seus pais (minha cunhada May e meu irmão Luiz Carlos, a quem chamo de Caco), resolvi fazer a doação de um rim para que meu sobrinho pudesse ter melhores condições de vida.
Nessa ocasião, a revista Contigo de 11/4/1991 publicou uma nota. Eis um trecho: "O tempo passou e o ex-playboy não quer saber mais de freqüentar as páginas de jornais. Mas não conseguiu escapar das manchetes depois que descobriram sua última façanha: salvar a vida do sobrinho Churchill, doando um rim ao rapaz de 32 anos e diabético desde os dez". Seguramente o articulista usou o adjetivo "façanha" de maneira irônica, pois não me lembro de ter feito algum ato heróico.
Em novembro desse mesmo ano, a revista Exame, em artigo de Walcyr Carrasco com o subtítulo de SOCIEDADE, e o título: "O DESTINO DE DOCA STREET — Aos 58 anos, o cidadão Raul Fernando Street está casado, refez sua vida mas anda num labirinto de olhares".
O repórter, no início da reportagem, conta que no escritório onde eu trabalhava, quando fui cumprimentá-lo, o telefone tocou, e dei informações a um cliente sobre o mercado de dólares e, em seguida, ao voltar para dar atenção a ele e percebendo que era jornalista, o coloquei para fora com fúria incontrolável. Em seguida, cita um artigo de 1982 da revista Manchete, assinado por Agnaldo Silva, eis o trecho: "Em 1956, Doca foi processado por surrar um homem, em Santos, e em 1971, por ter atropelado o comerciante Jorge Beirute, em São Paulo. A irritabilidade
467
parece ser um aspecto permanente de sua personalidade. Junto com ela, certo sentimento de superioridade, que não é apanágio particular de Doca, mas um traço comum na aristocracia paulistana".
Não consigo entender... será algum complexo? E as mentiras, o que pensar delas? Aquele escritório era uma factoríng, só fazíamos empréstimos em moeda nacional, ninguém mexia com dólares ali. Quanto ao processo por surrar um homem em Santos, nunca existiu. Houve sim um processo em 1956, por causa de uma briga em um bar no fim da praia da Enseada, no Guarujá. Fui apenas envolvido porque estava sentado numa mesa grande no lado de fora e nem vi que alguns membros da mesa se desentendiam no interior do estabelecimento. Seria fácil descobrir a verdade, mas provavelmente ir até o fórum de Santos investigar daria muito trabalho. Quanto a um atropelamento de 1971... pelo que eu sei foi uma trombada que Jorge e eu demos e ele me processou por me achar culpado, mas fui absolvido.
No final de 1996, em 29 de dezembro, o jornal O Globo publicava: "Doca Street às portas da liberdade definitiva". Dessa vez o jornal até me deu uma colher de chá, contando que em 1997 eu estaria completamente livre. Relatou toda a história do crime e dos dois julgamentos. Mas, ao finalizar, enaltecia a minha habilidade em seduzir minha clientela vendendo de cem a 150 carros por

mês.
Em 2002, eu prestava serviços ao Banco Mercantil de São Paulo S.A. na área de inadimplência de veículos. Na tarde de 11 de abril recebi um telefonema do superintendente do banco e amigo, dr. Gastão Eduardo de Bueno Vidigal. Ele me alertava indignado, a respeito de um artigo no jornal Valor Econômico, cheio de calúnias. Ele dizia:
— Você tem que processar o camarada que assina esta reportagem, isso está parecendo chantagem.
Saí correndo, comprei o jornal e, depois de ler o conteúdo da última página, fui direto à vice-presidência do banco mostrar o artigo ao Raul Pereira Barreto, que era e é meu amigo. Ele leu com atenção e disse a mesma coisa que dr. Gastão: chantagem.
Tudo estava acontecendo porque havia umas semanas eu tinha lido que Roberto Farias iria fazer um filme sobre a vida de Ângela. Como o artigo referia-se a mim também, inclusive contando qual artista faria meu papel, telefonei para o Roberto Farias. Disse a ele que desistisse da idéia, pois eu ia fazer de tudo para impedir esse filme. Roberto, muito

educado, me explicou que ele era apenas diretor do filme, que eu deveria falar com José Louzeiro, que era o roteirista. Tentei entrar em contato com este senhor, mas não tive sucesso.
Partes do artigo do jornal Valor Econômico: "Roberto Farias voltará a dirigir filmes comÂngela Diniz". Aí começa: "O projeto mais polêmico é a biografia de Ângela Diniz.Ela era uma garota linda casada com um milionário em Minas Gerais, que largou tudo para vir ao Rio de Janeiro, onde se envolveu com o Doca Street, que a assassinou e alegou crime passional, conta Farias". Aí começam as declarações do roteirista José Louzeiro: "O DOCA ERA UM PÉ-RAPADO, QUE EXPLORAVA A ÂNGELA, ESTAVA ENVOLVIDO COM DROGAS E O CRIME CERTAMENTE TEM RELAÇÃO COM ISSO, MAS ELE SE DEU BEM AO ALEGAR CRIME PASSIONAL".
"Doca é hoje um próspero comerciante de carros em São Paulo e certamente deverá tentar impedir a realização do filme. Louzeiro não se preocupa.Se ele entrar com um processo, entraremos com dois ou três contra ele e vamos vasculhar sua vida... É NO MÍNIMO ESTRANHO QUE ELE SAIA DA PRISÃO SEM NADA E SE TORNE UM PRÓSPERO COMERCIANTE."
Quem me dera! Adoraria ser um próspero comerciante. Na época eu era apenas um cidadão prestando serviço a um banco para ganhar a vida.
Inconformado, fui ao escritório do criminalista dr. Alberto Za-charias Toron mostrar o artigo e pedir que processasse o sr. Louzeiro. Escrevo "pedir" porque eu não tinha dinheiro nem para as custas. Toron me atendeu e me apresentou uma das sócias daquele famoso escritório, a dra. Carla Vanessa T. H. Domenico, e os dois montaram o processo.
A audiência foi em 3 de fevereiro de 2003, às quinze horas. O senhor Louzeiro retratou-se perante o juiz: "Esclarece o querelado que a matéria não corresponde ao teor exato da entrevista e que esses trechos não foram ditos ao jornalista".
Assinou, perante o juiz, um documento comprometendo-se a retratar-se com um artigo no mesmo jornal e na mesma página. O documento está em meu poder, tinha trinta dias para fazer isso e nunca o fez.
Em 5 de junho de 2003, em rede nacional, a rede Globo relatou para o público, por intermédio do programa Linha Direta, trechos da minha vida com Ângela. Tentei impedir que o programa fosse para o ar, mas não consegui.
Fui réu confesso, não era necessário inventar histórias, como fizeram alguns jornalistas.

Estes relatos foram escritos sem a menor intenção literária. São anotações que fiz enquanto estive preso. Eram, segundo imaginei, para pôr para fora a grande dor e tristeza que sentia. Fora a vergonha que fiz minha família passar, era responsável pelo desespero de três crianças que tinham perdido a mãe e de uma mãe que tinha de passar o resto de sua vida lamentando que a filha tivesse me

conhecido. Foi muito duro encarar isso.